EÇA DE QUEIROZ

O PRIMO BAZILIO

LIVRARIA INTERNACIONAL
DE
ERNESTO CHARDRON | EUGENIO CHARDRON
— | —
Porto | Braga

1878

PORTO

TYP. DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA

62, Rua da Cancella Velha, 62

—

1878

O PRIMO BAZILIO

I

Tinham dado onze horas no *cuco* da sala de jantar. Jorge fechou o volume de Luiz Figuier que estava folheando devagar, estirado na velha *voltaire* de marroquim escuro, espreguiçou-se, bocejou e disse:

— Tu não te vaes vestir, Luiza?

— Logo.

Ficára sentada á mesa, a lêr o *Diario de Noticias*. Trazia um roupão de manhã de fazenda preta, bordado a *soutache*, com largos botões de madre-perola: era loura, e o seu cabello um pouco desmanchado conservava o tom secco do calor do travesseiro: tinha a cabeça pequenina, um perfil bonito: estava com o cotovêlo encostado á mesa, e com um geito lento e suave dos dedos acariciava a orelha: usava as unhas muito compridas, e junto á

BIBLIOTECA NACIONAL

OFFERTA
319339

sua *alliança* d'ouro um annel com rubis miudinhos punha scintillações escarlates.

Tinham acabado d'almoçar.

A sala era esteirada, com o tecto de madeira pintado a branco, forrada de papel claro com ramagens verdes. Era em julho, um domingo: fazia um grande calor; as duas janellas estavam cerradas, mas sentia-se fóra o sol faiscar nas vidraças, escaldar a pedra da varanda; havia o silencio recolhido e somnolento de manhã de missa; uma vaga *quebreira* amollentava; vinham desejos de sestas, ou de sombras fôfas debaixo d'arvoredos, no campo, ao pé da agua; nas duas gaiolas, entre as bambinellas de cretone azulado, os canarios dormiam; um zumbido monotono de moscas arrastava-se por cima da mesa, pousava no fundo das chavenas sobre o assucar mal derretido, enchia a sala d'um rumor dormente.

Jorge enrolou um cigarro, e, muito repousado, muito fresco na sua camisa de chita, sem collete, o jaquetão de flanella azul aberto, os olhos no tecto, pôz-se a pensar na sua jornada ao Alemtejo, a ruminar os tedios d'aquelle dever. Era engenheiro de minas, no dia seguinte tinha de partir para Beja, para Evora, mais para o sul até S. Domingos; e aquella jornada, em julho, contrariava-o como uma interrupção, affligia-o como uma injustiça. Não estava má, hein! Por um verão d'aquelles! D'ahi a dias iria sacudido pelo chouto d'um cavallo d'aluguel, por esses descampados do Alemtejo que não acabam nunca, seccos, cobertos d'um restolho escuro,

H 8|6152

abafados n'um sol baço, onde os moscardos zumbem! Ia dormir nos montados, em quartos que cheiram a tijolo cozido, ouvindo em redor, na escuridão da noite torrida, grunhir as varas dos porcos! E a todo o momento sentiria entrar pelas janellas, passar no ar o bafo quente das queimadas!

Tinha estado até então no ministerio, em commissão. Era a primeira vez que se separava de Luiza; e sentia-se cheio de saudades d'aquella salinha, que elle mesmo ajudára a forrar de papel novo nas vesperas do seu casamento, e onde, depois das felicidades da noite, os seus almoços se prolongavam em tão suaves preguiças!

Ah! era duro, era!

E cofiando a barba curta e fina, muito frisada, os seus olhos iam-se demorando, com uma ternura, n'aquelles moveis intimos, que já eram do tempo da mamã: o velho guarda-louça envidraçado, em que estavam as travessas ricas da India, e as pratas, muito tratadas a gesso-cré, resplandecendo decorativamente; o velho painel a oleo, tão querido, que vira desde pequeno, onde apenas se percebiam, n'um fundo lascado, os tons avermelhados de cobre d'um bojo de cassarola, e os rosados desbotados d'um mólho de rabanetes! Defronte, na outra parede, era o retrato de seu pai: estava vestido á moda de 1830, tinha a physionomia redonda, o olho luzidio, o beiço sensual; e sobre a sua casaca abotoada reluzia a commenda de Nossa Senhora da Conceição. Fôra um antigo empregado do ministerio da fazenda, muito san-

guineo, grande tocador de flauta. Nunca o conhecera, mas a mamã affirmava-lhe «que o retrato só lhe faltava fallar.» Vivera sempre n'aquella casa com sua mãi. Chamava-se Isaura: era uma senhora muito alta, de nariz comprido, macerada e apprehensiva; bebia ao jantar agua quente; e ao voltar um dia do lausperenne da Graça, morrera de repente, sem um gemido.

Jorge nunca se parecera com ella. Fôra sempre robusto, são, d'habitos viris. Em solteiro fazia gymnastica. Tinha os dentes admiraveis de seu pai, um grande appetite.

Aos 7 annos era desinquieto como um poltro. Depois tornou-se applicado, *bom mocinho*. Quando era estudante na Polytechnica, ás 8 horas recolhia-se, accendia o seu candieiro de latão, abria os seus compendios. Não frequentava os botequins, nem fazia noitadas. Só duas vezes por semana, regularmente, ia vêr uma rapariguita costureira, a Euphrasia, que vivia ao Borratem, e nos dias em que o Brazileiro, o seu homem, ia jogar o boston ao club, recebia Jorge com grandes cautelas e palavras muito exaltadas; era engeitada, e no seu corpinho fino e magro havia sempre o cheiro relentado d'uma pontinha de febre. Nunca fôra sentimental: os seus condiscipulos, que liam Alfred de Musset suspirando e desejavam ter amado Margarida Gautier, chamavam-lhe *proseirão, burguez*. Elle ria; não lhe faltava um botão nas camisas, era muito escarolado, admirava Luiz Figuier, e sentia-se feliz.

Quando sua mãi morreu, porém, começou a entristecer-se, a achar-se só: era no inverno, havia grandes sudoestes; o seu quarto nas trazeiras da casa era um pouco desamparado, e as rajadas do vento tinham alli uma prolongação uivada e triste; sobre tudo á noite, quando estava debruçado sobre o compendio, os pés no capacho, vinha-lhe uma melancolia languida; estirava os braços, com o peito cheio d'um desejo; quereria enlaçar uma cinta fina e dôce, e ouvir na casa o frou-frou d'um vestido! Decidiu casar. Conheceu Luiza, no verão, á noite, no passeio. Apaixonou-se pelos seus cabellos louros, pela sua maneira d'andar, pelos seus olhos castanhos muito grandes. No inverno seguinte foi despachado, e casou. Sebastião, o seu intimo, o bom Sebastião, o Sebastiarrão, tinha dito, com uma oscillação grave da cabeça, esfregando vagarosamente as mãos:

— Casou no ar! casou um bocado no ar!

Mas Luiza, a Luizinha, «sahiu» uma dona de casa: madrugava; tinha severidades muito sympathicas nos seus arranjos; era aceada, alegre como um passarinho, como um passarinho amiga do ninho e das caricias do macho: e aquelle serzinho louro e alto veio dar á sua casa um encanto bem arranjado e serio.

— É um anjinho cheio de dignidade! — dizia então Sebastião, o bom Sebastião, com a sua voz profunda de *basso*.

Estavam casados havia tres annos! Que bom

que tinha sido! Elle proprio melhorára; achava-se mais intelligente, mais alegre, muito são.

Eram felizes. Dizia-se d'elles, mesmo os que os não conheciam: — São sympathicos, dão frescura! E recordando aquella existencia utilisada, facil, dôce, confortavel, soprava o fumo do charuto, a perna traçada, a alma dilatada, sentindo-se tão bem na vida como no seu jaquetão de flanella!

— Ah! — fez Luiza de repente, toda admirada, sorrindo.

— Que é?

— É o primo Bazilio que chega!

E leu alto, logo:

«Deve chegar por estes dias a Lisboa, vindo de Bordeus, o snr. Bazilio de Brito, bem conhecido da nossa sociedade. S. exc.ª que, como é sabido, tinha partido para o Brazil, onde se diz reconstituira a sua fortuna com um honrado trabalho, anda viajando pela Europa desde o começo do anno passado. A sua volta á capital é um verdadeiro jubilo para os amigos de s. exc.ª que são numerosos.»

— E são! — exclamou Luiza, muito convencida.

— Estimo, coitado! — disse Jorge, fumando, anediando a barba com a palma da mão. — E fez fortuna, hein?

— Parece.

Olhou os annuncios, bebeu um gole de chá, levantou-se direita, alta, foi abrir uma das portadas da janella.

— Oh! Jorge, que calor que lá vai fóra, santo

Deus! — Batia as palpebras sob a radiação da luz crua e branca.

A sala, nas trazeiras da casa, dava para um terreno vago: um taboado baixo cercava-o; cresciam alli hervas altas, uma vegetação d'acaso; aqui, além, n'aquella verdura crestada do verão, largas pedras faiscavam, batidas do sol perpendicular; e uma velha figueira brava, isolada no meio do terreno, estendia a sua grossa folhagem immovel, que, na brancura da luz, tinha os tons escuros do bronze. Para além havia as trazeiras d'outras casas, com varandas, roupas seccando em cannas, muros brancos de quintaes, arvores esguias. Uma vaga poeira embaciava, tornava espesso o ar luminoso.

— Cahem os passaros! — disse ella cerrando a janella. — Olha tu pelo Alemtejo, agora!

Veio encostar-se á *voltaire* de Jorge, passou-lhe lentamente a mão sobre o cabello muito preto, anellado, apartado ao meio por exigencia d'ella. Jorge, enlaçou-lhe a cintura: os dous primeiros botões do seu roupão estavam desapertados; via-se o pescoço forte e cheio, d'um contorno unido e macio, o começo do peito de uma brancura muito tenra, a rendinha da camisa.

— Mandaste-me arranjar os colletes brancos? — disse elle.

— Devem estar promptos. — E endireitando-se: — Juliana! — gritou — Juliana! — Foi á porta, e para fóra, com a mão apoiada á hombreira: — Juliana!

Houve um ruido domingueiro de saias engom-

madas. Juliana entrou. Devia ter quarenta annos, era muitissimo magra. O pescoço esganiçado e secco sahia d'um collarinho orlado de rendinhas, com um broche. As feições, miudas e arrepanhadas, tinham uma amarellidão de tons baços. Os olhos grandes, sahidos, rolavam constantemente n'uma inquietação, n'uma curiosidade, raiados de sangue, entre palpebras sempre debruadas de vermelho. Usava uma cuia grande de retroz imitando tranças, que lhe fazia a cabeça enorme. Tinha um *tic* nas azas do nariz. E o vestido chato sobre o peito, curto da roda, tufado pela gomma das saias — mostrava um pé pequeno, bonito, muito apertado em botinas de duraque com ponteiras de verniz.

Os colletes não estavam promptos, disse, não tivera tempo de os metter em gomma.

Tinha a voz cantada, muito lisboeta. Fallava com a cabeça de lado e os beiços franzidos.

— Tanto lhe recommendei, Juliana! — disse Luiza. — Bem, vá, vá. Veja como se arranja! Os colletes hão-de ficar á noite na mala!

E apenas ella sahiu:

— Estou a tomar odio a esta creatura, Jorge!

Ha dous mezes que a tinha em casa, e não se podera acostumar ao seu aspecto, aos seus tregeitos, á maneira aflautada de dizer *chapieu, tisoiras,* de arrastar um pouco os *rr,* ao ruido dos seus tacões que tinham laminasinhas de metal: e, ao domingo, o pretencioso do pé, as suas luvas de pellica preta arrepiavam-lhe os nervos.

— Que antipathica!

Jorge ria:

— Coitada, é uma pobre de Christo! — Gabava-a. Era uma engommadeira admiravel, no ministerio examinavam com espanto os seus peitilhos! — O Julião diz bem, eu não ando engommado, ando esmaltado! — Não era sympathica, mas era aceada, calada, apropositada...

E levantando-se, com as mãos nos bolsos das suas largas calças de flanella:

— E, emfim, minha filha, a maneira como ella se portou na doença da tia Virginia. Foi um anjo para ella! — Repetiu com solemnidade: — De dia, de noite, foi um anjo para ella! Estamos-lhe em divida, minha filha! — E começou a enrolar um cigarro, com a physionomia muito séria.

Luiza, calada, fazia saltar com a pontinha da chinella a orla do roupão; e examinando fixamente as unhas, a cabeça baixa, a testa um pouco franzida, poz-se a dizer, com a voz arrastada:

— Mas emfim, se eu embirro com ella, não me importa, posso bem mandal-a embora.

Jorge parou, e raspando um phosphoro na sola do sapato:

— Se eu consentir, minha rica. É que é uma questão de gratidão, para mim!

Ficaram calados. O *cuco* cantou meio dia.

— Bem, vou á vida — disse Jorge. Chegou-se ao pé d'ella, tomou-lhe entre as mãos a cabeça loura e pequenina.

— Viborasinha! — murmurou, fitando-a muito meigamente.

Ella riu. Ergueu para elle os seus magnificos olhos castanhos; tinha uma maneira lenta, luminosa de os mover; eram d'uma grande pureza, via-se muito longe na sua profundidade limpida. Jorge inclinou-se, poz-lhe sobre as palpebras dous beijos gordos, chilreados; era uma caricia que a quebrava muito. E torcendo-lhe-o beicinho, com uma meiguice:

— Queres alguma cousa de fóra, *Zizi?*

Que não viesse muito tarde.

Ia deixar uns bilhetes, ia n'uma tipoia, era um pulo...

E sahiu, feliz, cantando com a sua boa voz de barytono:

Dio d'el oro,
D'el mundo signor.
La la ra, lará.

Luiza espreguiçou-se. Ó senhor, que séca ter de se ir vestir! O calor moía-a. Desejava estar n'uma banheira de marmore côr de rosa, em agua tepida, muito clara, perfumada, e adormecer! Ou toda nua n'uma rede de sêda, com as janellas cerradas, embalar-se, ouvindo musica! Sacudiu a chinellinha: esteve a olhar muito amorosamente o seu pé pequeno, estreito, branco como leite, com veiasinhas azues, pensando n'uma infinidade de cousinhas:

— Era uma pena que as meias de sêda custassem tão caras! Senão, era o que ella usava! E depois

as lavadeiras estragavam-n'as tanto, tambem! Mas era lindo. Meia de sêda azul, com sapato de verniz! Que *chic!*

Tornou a espreguiçar-se. E saltando na ponta do pé descalço, foi buscar ao aparador por traz de uma compota um livro um pouco enxovalhado, veio estender-se na *voltaire,* quasi deitada, e, com o gesto acariciador e amoroso dos dedos sobre a orelha, começou a lêr, toda interessada.

Era a *Dama das Camelias*. Lia muitos romances; tinha uma assignatura, na Baixa, ao mez. Em solteira, aos 18 annos, enthusiasmára-se por Walter-Scott e pela Escossia; tinha desejado viver n'um d'aquelles castellos escossezes, que teem sobre as ogivas os brazões da *clan,* mobilados com arcas gothicas e tropheus d'armas, forrados de larga tapeceria onde estão bordadas legendas heroicas, que o vento do lago agita e faz viver: e amára Ervandálo, Morton e Ivanhoé, ternos e graves, e tendo sobre o gorro a penna d'aguia, presa ao lado pelo cardo d'Escossia d'esmeraldas e diamantes. Mas agora era o *moderno* que a captivava, Paris, as suas mobilias, as suas sentimentalidades. Ria-se dos trovadores, exaltára-se por Mr. de Camors; e os homens ideaes appareciam-lhe de gravata branca, nas hombreiras das salas de baile, com um magnetismo no olhar, devorados de paixão, tendo palavras sublimes. Havia dias que se interessava por Margarida Gautier: o seu amor infeliz dava-lhe uma melancolia ennevoada: via-a alta e magra, com o seu longo chale de cache-

mira, os olhos negros cheios da avidez da paixão e dos ardores da tisica; nos nomes mesmo do livro —Julia Duprat, Armando, Prudencia, achava o sabor poetico d'uma vida intensamente amorosa; e todo aquelle destino se agitava, como n'uma musica triste, com ceias, noites delirantes, afflicções de dinheiro, e dias de melancolia no fundo d'um coupé, quando nas avenidas do Bois, sob um céo pardo e elegante, silenciosamente cahem as primeiras neves.

— Até logo, *Zizi* — gritou Jorge do corredor, ao sahir.

— Olha!

Elle veio, apertando as luvas.

— Não appareças muito tarde, hein? Escuta, traze-me uns bolos. Do Baltresqui. Ouve. Vê se passas pela madame François que me mande o chapéo. Escuta.

— Que mais, bom Deus?

E Luiza, com uma voz de mimo:

— E não venhas muito tarde!

Foi com duas lagrimas a tremer-lhe nas palpebras que acabou as paginas da *Dama das Camelias*. Deu um suspiro; e estendida na *voltaire*, com o livro cahido no regaço, fazendo recuar a pellicula das

unhas,. pôz-se a cantar baixinho, com ternura, a aria final da *Traviata:*

Addio del passato
Lgi rosi pallenti...

A morte de Margarida Gautier, as suas cartas, tinham-lhe dado aos nervos uma vibraçãosinha sentimental.

Lembrou-lhe de repente a noticia do jornal, a chegada do primo Bazilio...

Um sorriso vagaroso dilatou-lhe os beicinhos vermelhos e cheios. Fôra o seu primeiro namoro, o primo Bazilio! Tinha ella então 18 annos! Ninguem o sabia, nem Jorge, nem Sebastião. Tambem aquillo durára apenas 8 mezes...

De resto fôra uma criancice: ella mesmo, ás vezes, recordando as pieguices ternas d'então, certas lagrimas exageradas, ria, achava-se uma tontinha! Devia estar mudado o primo Bazilio. Lembrava-se bem d'elle; era alto, delgado, um ar fidalgo, o pequenino bigode preto levantado, o olhar atrevido, e um geito de metter as mãos nos bolsos das calças fazendo tilintar o dinheiro e as chaves! *Aquillo* começára em Cintra, por grandes partidas de bilhar muito alegres, na quinta do tio João de Brito, em Collares. Bazilio tinha chegado então d'Inglaterra: vinha muito *bife,* usava gravatas escarlates passadas n'um annel d'ouro, fatos de flanella branca, espantava Cintra! Era na sala de baixo pintada a oca, que tinha um ar antigo e morgado: uma grande porta envi-

draçada abria para o jardim, sobre tres degraus de pedra. Em roda do repuxo havia romanzeiras, onde elle apanhava flôres escarlates. A folhagem verde-escura e polida dos arbustos de camelias fazia ruasinhas sombrias: pedaços de sol faiscavam, tremiam na agua do tanque: duas rôlas, n'uma gaiola de vime, arrulhavam constantemente: — e, no silencio aldeão da quinta, o ruido secco das bolas de bilhar tinha um tom aristocratico.

Depois, vieram todos os episodios classicos dos amores lisboetas passados em Cintra: os passeios em Sitiaes ao luar, devagar, sobre a relva pallida, com grandes descanços calados no Penedo da Saudade, vendo o valle, as arêas ao longe, cheias d'uma luz saudosa, idealisadora e branca; as sestas quentes, nas sombras da Penha Verde, ouvindo o rumor fresco e gottejante das aguas que vão de pedra em pedra; as tardes na varzea de Collares, remando n'um velho bote, sobre a agua escura da sombra dos freixos, — e que risadas quando iam encalhar nas hervagens altas, e o seu chapéo de palha se prendia aos ramos baixos dos choupos!

Sempre gostára muito de Cintra! Logo ao entrar os arvoredos escuros e murmurosos do Ramalhão lhe davam uma melancolia feliz!

Tinham muita liberdade, ella e o primo Bazilio. A mamã, coitadinha, toda scismatica, com rheumatismo, egoista, deixava-os, sorria, dormitava: Bazilio era rico, então, chamava-lhe tia Jojò, trazia-lhe cartuchos de dôce...

Veio o inverno, e aquelle amor foi-se abrigar na velha sala forrada de papel *sangue-de-boi* da rua da Magdalena. Que bons serões alli! A mamã ressonava baixo, com os pés embrulhados n'uma manta, o volume da Bibliotheca das Damas cahido sobre o regaço. E elles, muito chegados, muito felizes no sophá! O *sophá!* Quantas recordações! Era estreito e baixo, estofado de casimira clara, com uma tira ao centro, bordada por ella, amores perfeitos amarellos e roxos sobre um fundo negro. Um dia veio o *final*. João de Brito, que fazia parte da firma Bastos & Brito, falliu. A casa d'Almada, a quinta de Collares foram vendidas.

Bazilio estava pobre, partiu para o Brazil. Que saudades! Passou os primeiros dias sentada no sophá querido, soluçando baixo, com a photographia d'elle entre as mãos. Vieram então os sobresaltos das cartas esperadas, os recados impacientes ao escriptorio da companhia, quando os paquetes tardavam...

Tinha passado um anno. Uma manhã, depois d'um grande silencio de Bazilio, recebeu da Bahia uma longa carta, que começava: «Tenho pensado muito e entendo que devemos considerar a nossa inclinação como uma criancice...»

Desmaiou logo. Bazilio affectava muita dôr em duas laudas cheias d'explicações: que estava ainda pobre; que teria de luctar muito antes de ter para dous; o clima era horrivel; não a queria sacrificar, pobre anjo; chamava-lhe minha «pomba» e

*

assignava o seu nome todo, com uma firma complicada.

Viveu triste durante mezes. Era no inverno; e sentada á janella, por dentro dos vidros, com o seu bordado de lã, julgava-se desilludida, pensava no convento, seguindo com um olhar melancolico os guarda-chuvas gottejantes que passavam, sob as cordas d'agua; ou sentando-se ao piano, ao anoitecer, cantava Soares de Passos:

Ai! adeus, acabaram-se os dias
Que ditoso passei a teu lado...

ou o final da *Traviata,* ou o fado do Vimioso, muito triste, que elle lhe ensinára.

Mas então o catarrho da mamã aggravou-se; vieram os sustos, as noitadas da doença. Na convalescença foram para Bellas: ligou-se alli muito com as Cardosos, duas irmãs magras, estouvadas e esguias, sempre colladas uma á outra, com um passinho trotado e secco, como um casal de galgos. O que riam, Jesus! O que fallavam dos homens! Um tenente de artilheria tinha-se apaixonado por ella. Era vesgo, mandou-lhe uns versos, *Ao Lyrio de Bellas:*

Sobre a encosta da collina
Cresce o lyrio virginal...

Foi um tempo muito alegre, cheio de consolações.

Quando voltaram no inverno tinha engordado, trazia boas côres, um grande appetite. E um dia, ten-

do achado n'uma gaveta uma photographia que logo ao principio Bazilio lhe mandára da Bahia, de calça branca e chapéo *panamà*, fitou-a, encolhendo os hombros:

—E o que eu me ralei por esta figura! Que tôla!

Tinham passado tres annos quando conheceu Jorge. Ao principio não lhe agradou. Não gostava dos homens barbados: depois percebeu que era a primeira barba, fina, rente, muito macia de certo; começou a admirar os seus olhos, a sua frescura. E sem o amar, sentia ao pé d'elle como uma fraqueza, uma dependencia, uma quebreira, uma vontade d'adormecer encostada ao seu hombro, e de ficar assim muitos annos, confortavel, e sem receio de nada. Que sensação quando elle lhe disse: Vamos casar, hein! Viu de repente o rosto d'elle, com os olhos muito luzidios, sobre o mesmo travesseiro, ao pé do seu! Fez-se escarlate. Jorge tinha-lhe tomado a mão: ella sentia o calor d'aquella palma larga penetral-a, tomar posse d'ella: disse que *sim*, ficou como idiota, e sentia debaixo do vestido de merino uma dôce dilatação do seio. Estava noiva, emfim! Que alegria, que descanço para a mamã!

Casaram ás 8 horas, n'uma manhã de nevoeiro. Foi necessario accender luz para lhe pôr a corôa e o véo de tulle. Todo aquelle dia lhe apparecia como ennevoado, sem contornos, á maneira d'um sonho antigo—onde destacava a cara balofa e amarellada do padre, e a figura medonha d'uma velha, toda tremu-

mula, esguedelhada, que estendia a mão adunca, com uma sofreguidão colerica, empurrando, rogando pragas, quando, á porta da igreja, Jorge commovido distribuia patacos. Os sapatos de setim apertavam-na. Sentira-se enjoada da madrugada, fôra necessario fazer-lhe chá verde muito forte. E tão cançada á noite n'aquella casa nova, depois de desfazer os seus bahus! — Quando Jorge apagou a vela, com um sopro tremulo, SS luminosos faiscavam, corriam-lhe diante dos olhos.

Mas era o seu marido, era novo, era forte, era alegre: pôz-se a adoral-o. Tinha uma curiosidade constante da sua pessoa e das suas cousas, mexia-lhe no cabello, na roupa, nas pistolas, nos papeis. Olhava muito para os maridos das outras, comparava, tinha orgulho n'elle. Jorge envolvia-a em delicadezas d'amante, ajoelhava-se aos seus pés, era muito *dengueiro*. E sempre de bom humor, com muita graça: mas nas cousas da sua profissão ou do seu brio, tinha severidades exageradas e punha então nas suas palavras e nos seus modos uma solemnidade carrancuda. Ás vezes vinham-lhe certos repentes, que a faziam empallidecer. Era muito ciumento. Uma amiga d'ella tinha-lhe dito: é homem para te dar uma punhalada. Ella acreditava-o; e isso mesmo creava uma exaltação no seu amor por elle. Era o seu *tudo*, a sua força, o seu fim, o seu destino, a sua religião, emfim, quê, o seu homem! — Pôz-se a pensar, então, o que teria succedido se tivesse casado com o primo Bazilio. Que desgraça, hein! Onde estaria?

Perdia-se em supposições d'outros destinos, que se desenrolavam, como pannos de theatro: via-se no Brazil, entre coqueiros, emballada n'uma rede, cercada de negrinhos, vendo voar papagaios!

— Está alli a snr.ª D. Leopoldina — veio dizer Juliana baixinho, á porta.

Luiza ergueu-se surprehendida.

— Hein? A snr.ª D. Leopoldina? Para que mandou entrar?

Poz-se a abotoar á pressa o roupão. Jesus! Olha se Jorge soubesse! Elle que lhe tinha dito tantas vezes «que a não queria em casa!» Mas se já estava na sala, agora, coitada!

— Está bom, diga-lhe que já vou.

Era a sua intima amiga. Tinham sido visinhas, em solteiras, na rua da Magdalena: tinham estudado no mesmo collegio, á Patriarchal, na Rita Pessoa, a côxa. Leopoldina era a filha unica do visconde de Quebraes, o devasso, o cachetico, que fôra pagem de D. Miguel. Tinha feito um casamento infeliz com um João Noronha, empregado d'alfandega. Chamavam-lhe a «Quebraes», e chamavam-lhe tambem a «Pão e queijo».

Sabia-se que tinha amantes, dizia-se que tinha vicios. Jorge odiava-a. E tinha dito muitas vezes a Luiza: Tudo, menos a Leopoldina!

Leopoldina tinha então vinte e sete annos. Não

era alta, mas passava por ser a mulher mais bem feita de Lisboa. Usava sempre os vestidos muito collados, com uma justeza que accusava a menor inflexão das curvas, modelando o corpo como uma pellica, sem largueza de roda, apanhados atraz, enfaixando e dando a linha das pernas. Dizia-se d'ella, com os olhos em alvo: é uma estatua, é uma Venus! Tinha a redondeza descahida e cheia dos hombros de modêlo; sentia-se nos seus seios, mesmo através do corpete, o desenho rijo e harmonioso de duas bellas metades de limão; a linha dos quadris era d'uma ondulação firme, e ao andar dava certos quebrados vibrantes de cintura, que faziam voltar os olhares accesos dos homens. A cara não era bonita, um pouco grosseira mesmo; as azas do nariz tinham uma dilatação carnuda; na pelle, muito fina, d'um trigueiro quente e córado, havia signaesinhos desvanecidos d'antigas bexigas. A sua belleza eram os olhos, d'uma negrura intensa, afogados n'um fluido, muito *quebrados,* com grandes pestanas.

Luiza veio para ella, com os braços abertos. Beijaram-se muito. E Leopoldina, sentada no sophá, enrolando de vagarinho a sêda clara do guarda-sol, começou a queixar-se:

«Tinha estado adoentada, muito seccada, com tonturas. O calor matava-a. E que tinha ella feito? Achava-a mais gorda.»

Fitava-a. Como era um pouco curta de vista, para se affirmar piscava ligeiramente os olhos, descerrava os beiços gordinhos, d'uma côr calida.

— A felicidade dá tudo, até boas côres! — disse.

Suspirou. O que a trazia era perguntar-lhe a morada da franceza que lhe fazia os chapéos. E ha tanto tempo que a não via, já tinha saudades, tambem!

E erguendo a mão, muito apertada n'uma luva clara de *peau de suède*:

— Mas não imaginas! Que calor! Venho morta. Deixou-se cahir sobre a almofada do sophá, encalmada, com um sorriso aberto: tinha os dentes brancos, pequeninos e unidos.

Luiza disse-lhe a morada da franceza: gabou-lh'a, era barateira, tinha bom gosto. E como a sala estava escura foi entre-abrir um pouco as portadas da janella. Os estofos das cadeiras e as bambinellas eram de reps verde-escuro; o papel e o tapete com desenhos de ramagens tinham a mesma côr carregada; e n'aquella decoração sombria destacavam muito — as molduras douradas e pesadas de duas gravuras (a *Medea* de Delacroix e a *Martyr* de Delaroche), as encadernações escarlates dos dous vastos volumes do Dante de G. Doré, e entre as janellas o oval d'um espelho onde se reflectia um Napolitano de *biscuit* que, na console, dançava a *tarantella*.

Por cima do sophá pendia o retrato da mãi de Jorge, a oleo. Estava sentada, vestida ricamente de preto, direita no seu corpete espartilhado e secco: uma das mãos, livida, d'um tom morto, pousava nos joelhos sobrecarregada d'anneis; a outra perdia-se entre as rendas muito trabalhadas d'um mantelete

de setim; e aquella figura longa, macilenta, com grandes olhos carregados de negro, destacava sobre uma cortina escarlate, corrida em pregas copiosamente quebradas, deixando vêr para além longes azulados e redondezas d'arvoredos.

— E teu marido? — perguntou Luiza, vindo sentar-se, muito junto de Leopoldina.

— Como sempre. Pouco divertido — respondeu, rindo. E inclinando-se para Luiza, com um ar serio, a testa um pouco franzida.

— Sabes que acabei com o Mendonça?

Luiza fez-se ligeiramente vermelha.

— Sim?

Leopoldina deu logo detalhes.

Era muito indiscreta, fallava muito de si, das suas sensações, da sua alcova, dos seus roes. Nunca tivera segredos para Luiza. Descrevia-lhe os seus amantes, as opiniões d'elles, as maneiras d'amar, os *tics*, a roupa. Aquillo era sempre muito picante, cochichado ao canto d'um sophá, com risinhos. Luiza costumava escutar, toda interessada, com as maçãs do rosto um pouco envergonhadas, pasmada, saboreando, com um arzinho beato. Achava tão curioso!

Leopoldina, toda chegada para ella, poz-se a desabafar longamente sobre o caso do Mendonça. Luiza dizia: Credo! — Palavra! affirmava Leopoldina. E com um suspiro:

— D'esta vez é que bem posso dizer que me enganei, minha filha! — exclamou, erguendo os olhos desoladamente.

Luiza riu.

—Has-de concordar que te enganas quasi sempre!

Era verdade! Era infeliz!

—Que queres tu? De cada vez imagino que é uma paixão, e de cada vez me sahe uma massada!

E com os olhos quasi em alvo, apertando apaixonadamente as mãos:

—Mas se um dia acerto!

—Vê se acertas — disse Luiza. — Já é tempo.

Ás vezes na sua consciencia achava Leopoldina «debochada», «indecente»: mas tinha um fraco por ella: sempre admirára muito a belleza do seu corpo, que quasi lhe inspirava uma attracção physica. Depois desculpava-a: era tão infeliz com o marido! Ia atraz da Paixão, coitada! E aquella grande palavra, faiscante e mysteriosa, d'onde a felicidade escorre como a agua d'uma taça muito cheia, satisfazia Luiza como uma justificação sufficiente: quasi lhe parecia uma heroina, e olhava-a com espanto como se consideram os que chegam d'alguma viagem maravilhosa e difficil com episodios excitantes. Só não gostava de certo cheiro de tabaco misturado de *feno*, que vinha dos seus vestidos. Porque Leopoldina fumava.

—E que fez elle, o Mendonça?

Leopoldina encolheu os hombros, com um grande tedio:

—Escreveu-me uma carta muito tôla, que a final bem considerado era melhor que acabasse tudo,

porque não estava para se metter em camisa d'onze varas! Que imbecil! Até devo ter aqui a carta.

Procurou na algibeira do vestido: tirou o lenço, uma carteirinha, chaves, uma caixinha de pó de arroz; mas encontrou apenas um programma do *Price*.

Estivera no circo — pôz-se a dizer. — Uma sem-saboria. O melhor era um rapaz que trabalha no trapezio. Lindo rapaz, bem feito, uma perfeição!

E de repente:

— Então teu primo Bazilio chega?

— Assim li hoje no *Diario de Noticias*. Fiquei pasmada!

— Ah! uma outra cousa que te queria perguntar antes que me esqueça. Com que guarneceste tu aquelle teu vestido de xadrezinho azul? Vou mandar fazer um assim.

Tinha-o guarnecido d'azul tambem, um azul mais escuro. — Vem vêr. Vem cá dentro.

Entraram no quarto. Luiza foi descerrar a janella, abrir o guarda-vestidos. Era um quarto pequeno, muito fresco, com *cretones* d'um azul pallido. Tinha um tapete barato, de fundo branco, com desenhos azulados. O toucador, alto, estava entre as duas janellas, com um docel de renda grossa, muito ornado de frascos facetados, d'uma larga pregadeira bordada por Luiza. Entre as bambinellas, em mesas redondas de pé de gallo, plantas espessas, Begonias, Macahomas, dobravam decorativamente a sua folhagem rica e forte, em vasos de barro vermelho vidrado.

Aquelles arranjos confortaveis lembraram de

certo a Leopoldina felicidades tranquillas. Pôz-se a dizer devagar, olhando em roda:

— E tu, sempre muito apaixonada por teu marido, hein?

Suspirou muito alto.

— Fazes bem, filha, tu é que fazes bem!

E defronte do toucador, applicando pó d'arroz, no pescoço, nas faces:

— Tu é que fazes bem! Mas vá lá uma mulher prender-se a um homem como o meu!

Sentou-se na *causeuse* com um ar muito abandonado. Vieram as queixas habituaes sobre seu marido: era tão grosseiro! era tão egoista!

— Acreditarás que ha tempos para cá, se não estou em casa ás 4 horas, não espera, põe-se á mesa, janta, deixa-me os restos!

E dizia outros defeitos: era desleixado, cuspia nas esteiras...

— O quarto d'elle — nós temos dous quartos, como tu sabes — é um chiqueiro!

Luiza disse com severidade:

— Que horror! A culpa tambem é tua.

— Minha! — e endireitou-se, luziam-lhe os olhos, mais largos, mais negros. — Não me faltava mais nada senão occupar-me do quarto do homem!

Houve um silencio. «Era muito desgraçada, era a mulher mais desgraçada que havia no mundo.» E pondo-se de pé, com um gesto vivo da mãosinha espalmada:

— Nem ciumes tem, o bruto!

Mas Juliana entrou, tossiu, e pondo os olhos no chão, de lado:

— A senhora sempre quer que engomme os colletes todos?

— Todos, já lhe disse. Hão-de ficar á noite na mala antes de se ir deitar.

— Que mala? Quem parte? — perguntou Leopoldina.

— O Jorge. Vai ás minas, ao Alemtejo.

— Então estás só, posso vir vêr-te! Ainda bem!

E sentou-se logo ao pé d'ella, com um olhar que se fizera dôce, saudoso.

— É que tenho tanto que te contar! Se tu soubesses, filha!

— O quê? Outra paixão?

Leopoldina teve um sorriso, córou, pôz os olhos no tapete.

«Era verdade. Estava de todo! Era por isso até que tinha vindo. Sentira-se tão só em casa, tão nervosa! — Vou até Luiza, vou palrar um bocado!»

E com a voz mais baixa, grave:

— D'esta vez é sério, Luiza! — Deu os detalhes. Era um rapaz fino, rico, alto, louro, lindo! E que talento! É poeta! — Dizia a palavra com cuidado, para a dizer bem, quasi com devoção; prolongava o som das syllabas, punha muita doçura no P. — É Poeta!

Desapertou rapidamente dous botões do corpete, tirou do seio um papel dobrado. Eram versos.

Chegou-se muito para Luiza, e com as narinas

dilatadas pela delicia da sensação, leu baixo, com orgulho, com pompa:

A TI

Pharol da Guia, 5 de junho.

Quando scismo á hora do poente
Sobre os rochedos onde brame o mar...

Era uma elegia. O rapaz contava, em quadras, as longas contemplações em que a via a ella, Leopoldina, *visão radiosa que deslisas leve,* nas aguas dormentes, nas vermelhidões do occaso, na brancura das espumas. Aquillo era delambido, d'um sentimentalismo reles, com um ar tisico, muito lisboeta, cheio de versos errados. E terminando dizia-lhe, que não era «nos esplendores das salas» ou nos «bailes febricitantes» que gostava de a vêr: era alli, n'aquelles rochedos,

Onde todos os dias ao sol posto
Eu vejo adormecer o mar gigante.

— Que bonito, hein?

Ficaram caladas, com uma commoçãosinha.

E Leopoldina, com os olhos perturbados, repetia a data, amorosamente:

— Pharol da Guia, 5 de junho!

Mas o relogio do quarto deu 4 horas. Leopoldina ergueu-se logo, atarantada, metteu o poema no seio.

«Tinha de se ir já! Fazia-se tarde, senão o ou-

tro, punha-se á mesa. Tinha um ruivo assado para o jantar. E peixe frio era a cousa mais estupida!»

— Adeus. Até breve, não? — «E agora que Jorge ia para fóra, havia de vir muito.» — Adeus. Então a franceza rua do Ouro, por cima do estanque?

Luiza foi até ao patamar. E Leopoldina já no fundo da escada, erguendo a voz:

— Sempre te parece que guarneça o vestido d'azul, hein?

Luiza, debruçou-se sobre o corrimão:

— Eu assim fiz, é o melhor...

— Adeus! — E de baixo: — Rua do Ouro por cima do estanque, sim?

— Sim. Rua do Ouro. Adeus. — E com um gritinho: — Porta á direita, Madame François.

Jorge voltou ás 5 horas, e logo da porta do quarto, pondo o guarda-sol a um canto:

— Já sei que tiveste cá uma visita.

Luiza voltou-se, um pouco córada. Estava diante do toucador já penteada, com um vestido de linho branco, cru, guarnecido de renda.

«Era verdade, tinha vindo a Leopoldina. Juliana mandára-a entrar... Ficára mais contrariada! Era por causa da *adresse* da franceza dos chapéos. Tinha-se demorado 10 minutos.» — Quem te disse?

— Foi a Juliana: que a snr.ª D. Leopoldina tinha estado toda a tarde.

— Toda a tarde! que tolice, esteve 10 minutos, se tanto!

Jorge tirava as luvas, calado. Chegou-se á janella, pôz-se a sacudir as duras folhas d'uma Begonia malhada d'um vermelho doente, com uma baba prateada. Assobiava baixo: e parecia todo occupado em conchegar um botão d'Amabilis aninhado entre a sua folhagem luzidia, como um pequenino coração amarellado.

Luiza ia passando o seu medalhão d'ouro, n'uma longa fita de velludo preto: tinha uma certa tremura nas mãos, estava vermelha.

— O calor tem-lhes feito mal — disse ella.

Jorge não respondeu. Assobiou mais alto, foi á outra janella, bateu com os dedos nas folhas elasticas d'uma Makoama de tons verdes e sanguineos, e, alargando impacientemente o collarinho como um homem suffocado:

— Ouve lá, é necessario que deixes por uma vez de receber essa creatura. É necessario acabar por uma vez!

Luiza fez-se escarlate.

— Não posso, não quero!... — continuou elle.

E com uma voz mais rapida, violenta:

— É por causa de ti! é por causa dos visinhos! é por causa da decencia!

— Mas foi a Juliana... — balbuciou Luiza.

A sua voz assustava-se, um suor humedecia-lhe a palma das mãos.

E Jorge com passadas largas, pelo quarto:

— Mandasse-l'a sahir outra vez. Que estavas fóra! que estavas na China! que estavas doente!

Parou, com um tom desconsolado, abrindo os braços:

— Minha rica filha, é que todo o mundo a conhece. É a Quebraes! É a *Pão e queijo!* É uma vergonha!

Citava-lhe os seus amantes, exasperado:

— O Carlos Viegas, o magro, de bigode cahido, que escrevia comedias para o Gymnasio! O Santos Madeira, o picado das bexigas, com uma gaforinha! O Melchior Vadio, um *gingão* desossado, com um olhar de carneiro morto, as mãos no bolso, sempre a fumar n'uma enorme boquilha! O Pedro Camara, o bonito! O Mendonça dos callos! *Tutti quanti!* É nojenta! — exclamava.

E encolhendo os hombros, exasperado:

— Como se eu não percebesse que ella aqui esteve! Só pelo cheiro!

Com a cabeça alta, farejava no ar:

— Este horrivel cheiro de feno!

E depois d'um silencio:

— Vossês foram creadas juntas, etc., tudo isso é muito bom. Has-de desculpar, mas se a encontro na escada, corro-a! Corro-a!

Parou um momento, e com os braços estendidos para ella, as mãos abertas:

— Ora, vamos, confessa. Tenho ou não razão?

Luiza punha os brincos, ao espelho, um pouco tremula, vermelha, atarantada:

— Tens — disse.

— Ah! bem!

E sahiu, furioso.

Luiza ficou immovel. Uma lagrimasinha redonda, clara, rolava-lhe pela aza do nariz: assoou-se muito doloridamente.

«Aquella Juliana! Aquella bisbilhoteira! De má! Para fazer sizania!»

Veio-lhe uma colera. Foi ao quarto dos engommados, rapidamente, batendo com as portas.

E vendo Juliana, atirando-lhe as palavras:

— Para que foi vossê dizer quem esteve ou quem deixou d'estar?

Juliana, muito surprehendida, pousou o ferro, e com a voz cortante:

— Pensei que não era segredo, minha senhora.

— Está claro que não!

Fitou-a, com os punhos cerrados.

— Tola! quem lhe diz que era segredo? Para que mandou entrar? Não lhe tenho dito muitas vezes que não recebo a snr.ª D. Leopoldina?

— A senhora nunca me disse nada — replicou, alteando o peito, cheia de verdade, toda offendida, os olhos dilatados.

— Mente! Cale-se!

Voltou-lhe as costas; veio para o quarto, muito nervosa, foi encostar-se á vidraça.

O sol desapparecera. Na rua havia uma sombra igual, de tarde sem vento: era estreita, mal calçada; as casas, d'uma edificação velha e mesquinha,

escuras, tinham entradas pobres; sentiam-se os pequenos ordenados, o desleixo! Aos cantos de cada varanda, em vasos vermelhos, mirrava-se alguma velha planta miseravel, manjaricão ou cravo; nos postigos das trapeiras, onde se faz a economia da lavadeira, em cordas atravessadas, brancuras de roupa seccavam; ouvia-se perto, no teclado melancolico d'um piano, a *Oração d'uma virgem*, tocada por alguma menina, no sentimentalismo vadio do domingo. E na janella defronte, as quatro filhas do Teixeira Azevedo empilhadas na varanda estreita, magrinhas, com os cabellos muito riçados, as olheiras pisadas, amarelladas, passavam a sua tarde de dia santo, olhando para a rua, para o ar, para as janellas visinhas, cochichando se viam passar um homem — ou caladas, debruçadas, com uma attenção idiota, faziam pingar saliva sobre as pedras da calçada.

Jorge tinha razão, coitado! pensava ella. Mas, tambem, que podia mais fazer? Já não ia a casa de Leopoldina, tinha tirado o seu retrato do album da sala, vira-se obrigada a confessar-lhe a repugnancia de Jorge, tinham chorado ambas, até! Coitada! Só a recebia de longe a longe, uma raridade, um momento! E emfim, depois d'ella estar na sala, não a havia d'ir empurrar pela escada abaixo, pelos hombros!

Mas um homem grosso, muito baixo, de pernas tortas, curvado sob um realejo, appareceu ao alto da rua; as suas barbas pretas tinham um aspecto feroz; parou, poz-se a voltear a manivella, levantando em redor, vagamente, para as janellas, um olhar in-

quieto, um sorriso desconsolado, e a *Casta Diva!* com uma sonoridade metallica e secca, muito tremida, espalhou-se pela rua.

Alguns visinhos começaram a chegar-se por traz das vidraças, entre as pregas tristes das bambinellas de cassa; a Gertrudes, a criada e a concubina do doutor de mathematica, veio encostar aos caixilhos estreitos da janella a sua vasta face trigueira de quarentona farta e estabelecida; adiante, na sacada aberta d'um segundo andar, debruçou-se a figura do Cunha Rosado, magro e chupado, com um bonnet de borla, o aspecto desconsolado do doente d'intestinos, conchegando com as mãos transparentes o robe-de-chambre ao ventre.

O realejo agora tocava o final da *Traviata,* e Luïza, lentamente levada pela musica para as recordações da sua leitura, pensava na pobre Margarida Gautier, morrendo d'amor no quarto já penhorado; levantando-se, cobrindo-se de carmim, expirante e louca, para ir ao Vaudeville vêr o lugar da platéa em que outr'ora vira Armando... Sentia uma indefinida saudade, um odio contra a Juliana, tinha vontade de chorar; e com a cabeça inclinada, ia acompanhando baixo a melodia do realejo.

Na rua alguns visinhos das lojas, attrahidos pela musica, vinham vêr, na ociosidade do domingo: a estanqueira appareceu á porta, vestida de luto, com o seu ar viuvo, os braços cruzados sobre o chale tingido de preto, esguia nas longas saias escoadas; e os seus olhos pisados fitavam com um abatimento lan-

goroso. Da loja, por baixo da casa Azevedo, veio a carvoeira, enorme, com uma gravidez bestial, o cabello esguedelhado em repas seccas, a cara oleosa e enfarruscada, transbordante de gorduras, com tres pequenos meio núS, quasi negros, chorões e hirsutos, que se lhe penduravam da saia de chita. E o Paula, com loja de trastes velhos, adiantou-se até ao meio da rua; a pala de verniz do seu *bonnet* de pano preto nunca se erguia de cima dos olhos; escondia sempre as mãos, como para ser mais reservado, por traz das costas, debaixo das abas do seu casaco de cotim branco; o calcanhar sujo da meia sahia-lhe para fóra da chinella bordada a missanga; tinha um pigarro chronico, um modo despeitado d'engulir em secco e de fazer estalar a lingua; e o seu bigode grisalho, de pêllos longos e raros, cahia-lhe aos cantos da bocca. Detestava os reis e os padres. O estado das cousas publicas desconsolava-o. Assobiava frequentemente a *Maria da Fonte,* e mostrava-se sempre, nas suas palavras, nas suas attitudes, um patriota descontente.

O homem do realejo tirou o seu largo chapéo desabado e, tocando sempre, ia-o estendendo em redor para as janellas, com um olhar necessitado; viam-se os seus cabellos pretos, empastados pelo suor. As Azevedos tinham logo fechado violentamente a vidraça. A carvoeira deu-lhe uma moeda de cobre; mas interrogou-o; quiz de certo saber de que paiz era, por que estradas tinha vindo, e quantas peças tinha o instrumento.

Gente endomingada começava a passar, com um ar derreado do longo passeio, as botas empoeiradas. Familias fecundas, com as filhas vestidas de côres arreliosas, recolhiam devagar, e abatidas; mulheres de chale, vindas das Hortas, traziam ao collo as crianças adormecidas da caminhada e do calor; viam-se os colletes brancos, as calças brancas muito rijas de gomma, de operarios, de braço dado, que fallavam alto, cambaleavam. Pelas janellas, bocejava-se. O céo tomava uma côr azulada e polida, como uma porcelana velha e transparente; um sino repicava a distancia o fim d'alguma festa d'igreja; e o domingo terminava, com uma serenidade cançada e triste.

— Luiza — disse a voz de Jorge.

Ella voltou-se, com um vago — hein?

— Vamos jantar, filha; são sete horas.

E no meio do quarto, tomando-a pela cinta, baixo, muito sentidamente:

— Tu zangaste-te ha bocado?

— Não! Tu tens razão. Conheço que tens razão.

Tinha uma humildade na voz.

— Ah! — fez elle com um tom victorioso, muito satisfeito.

E esfregando as mãos declamou, curvando-se:

> Quem melhor conselheiro e bom amigo
> Que o marido que a alma m'escolheu?

E radioso:

— Vamos á sopa!

II

Aos domingos, á noite, havia, em casa de Jorge, uma pequena reunião, uma *cavaqueira,* na sala, em redor do velho candieiro de porcelana côr de rosa. Vinham apenas os intimos. «O Engenheiro», como se dizia na rua, vivia muito ao seu canto, sem visitas. Tomava-se chá, palrava-se. Era um pouco *á estudante*. Luiza fazia crochet, Jorge cachimbava.

O primeiro a chegar era Julião Zuzarte, um parente muito afastado de Jorge e seu antigo condiscipulo nos primeiros annos da Polytechnica. Era um homem pequeno, secco e nervoso, com lunetas azues, uma cabelleira comprida cahida sobre a gola. Tinha o curso de cirurgião da Escóla. Muito intelligente, estudava desesperadamente, mas, como elle di-

zia, era um *tumba*. Aos trinta annos, pobre, com dividas, sem clientella, começava a estar farto do seu quarto andar na Baixa, dos seus jantares de doze vintens, do seu paletot coçado d'alamares; e entalado na sua vida mesquinha, via os outros, os mediocres, os superficiaes, *furar*, subir, installar-se á larga na prosperidade! «Falta de *chance*, dizia.» Podia ter acéitado um partido da camara n'uma villa da provincia, com pulso livre, ter uma casa *sua*, a *sua* creação no quintal. Mas tinha um orgulho resistente, muita fé nas suas faculdades, na sua sciencia, e não se queria ir enterrar n'uma terriola adormecida e lugubre, com tres ruas onde os porcos fossam. Toda a provincia o aterrava; via-se lá obscuro, jogando a manilha na assembléa, morrendo de cachexia. Por isso não «arredava pé»: e esperava, com a tenacidade do plebeu sofrego, uma clientella rica, uma cadeira na Escóla, um coupé para as visitas, uma mulher loura com dote. Tinha certeza do seu direito a estas felicidades, e como ellas tardavam a chegar ia-se tornando despeitado e hostil; por traz das suas lunetas azues, scintillava quasi sempre agora um olhar avido e invejoso. Estava amuado com a vida: — e cada dia se prolongavam mais os seus silencios amargos, roendo as unhas: ou então eram ditos sêccos, replicas asperas, *tiradas* azedadas — em que sua voz desagradavel cahia como um gume gelado.

Luiza não gostava d'elle; achava-lhe um *ar nordeste*, detestava o seu tom de pedagogo, os reflexos

negros da luneta, as calças curtas que mostravam o elastico roto das botas. Mas disfarçava, sorria-lhe, porque Jorge admirava-o, dizia sempre d'elle: Tem muito espirito! tem muito talento! grande homem!

Como vinha mais cedo ia á sala de jantar, tomava a sua chavena de café; e tinha logo um olhar de lado, amargo, para as pratas do aparador e para as *toilettes* frescas de Luiza. Aquellas felicidades de Jorge desesperavam-no: «era um *mediocre*, não as merecia»; e aquelle parente, que vivia confortavelmente, bem casado, com a carne contente, estimado no ministerio, com alguns contos de reis em inscripções—parecia-lhe uma injustiça e pezava-lhe como uma humilhação. Mas affectava estimal-o; ia sempre ás noites, aos domingos; escondia, então, as suas preoccupações, cavaqueava, dizia pilherias, — mettendo a cada momento os dedos pelos seus cabellos compridos, seccos e cheios de caspa.

Ás nove horas, ordinariamente, entrava D. Felicidade de Noronha. Vinha logo da porta, com os braços estendidos, o seu bom sorriso dilatado. Tinha cincoenta annos, era muito nutrida, e, como soffria de dyspepsia e de gazes, não se podia espartilhar e as suas fórmas transbordavam. Já se viam alguns fios brancos nos seus cabellos levemente annelados, mas a cara era lisa, redonda, cheia, d'uma alvura baça e molle de freira; nos olhos papudos, com a pelle já engelhada em redor, luzia uma pupilla negra, humida, muito mobil; as narinas dilatavam-se, um pouco abertas; e aos cantos da bocca havia uma

sombra de pellos de buço, como traços leves e circumflexos d'uma penna muito fina. Fôra a intima amiga da mãi de Luiza, e tomára aquelle habito de vir vêr a *pequena* aos domingos. Era fidalga, dos Noronhas de Redondella, dizia. Era bastante aparentada em Lisboa, um pouco devota, muito da Encarnação.

Mal entrava, ao pôr um beijo muito cantado na face de Luiza, perguntava-lhe baixo, com inquietação:

— Vem?

— Elle? Vem.

Luiza sabia-o. Porque *Elle,* o conselheiro Accacio, nunca vinha aos *chás de D. Luiza,* como elle dizia, sem ter ido na vespera ao ministerio das obras publicas procurar Jorge, declarar-lhe com gravidade, curvando um pouco a sua alta estatura:

— Jorge, meu amigo, ámanhã lá irei pedir a sua boa esposa a minha chavena de chá.

Ordinariamente acrescentava:

— E os seus valiosos trabalhos progridem? Ainda bem! Se vir o ministro os meus respeitos a s. exc.ª

E sahia, pisando com solemnidade os corredores enxovalhados.

Havia cinco annos que D. Felicidade o amava. Em casa de Jorge riam-se um pouco com aquella *chamma.* Luiza dizia: Ora! é uma caturrice d'ella! Viam-na córada e nutrida, e não suspeitavam, que aquelle sentimento concentrado, irritado semanal-

mente, queimando em silencio, a ia devastando como uma doença e desmoralisando como um vicio. Todos os seus ardores até ahi tinham sido inutilisados. Amára um official de lanceiros que morrêra, e apenas conservava o seu daguerreotypo. Depois apaixonára-se muito occultamente por um rapaz padeiro, da visinhança, e vira-o casar. Dera-se então toda a um cão, o *Bilro;* uma criada despedida deu-lhe por vingança rolha cozida; o *Bilro* rebentou, e tinha-o agora empalhado na sala de jantar. Aos cincoenta annos era virgem! A pessoa do conselheiro viera de repente, um dia, pegar fogo áquelles desejos, sobrepostos como combustiveis antigos. E Accacio tornára-se a sua *mania*. Admirava a sua figura e a sua gravidade, arregalava grandes olhos para a sua eloquencia, achava-o n'uma «linda posição». O conselheiro era a sua ambição, a sua gula, o seu vicio! Havia sobretudo n'elle uma belleza, cuja contemplação demorada a estonteava como um vinho forte: era a calva. Sempre tivera o gosto perverso de certas mulheres pela calva dos homens, e aquelle appetite insatisfeito inflammára-se com a idade. Quando se punha a olhar para a calva do conselheiro, larga, redonda, polida, brilhante ás luzes, uma transpiração anciosa humedecia-lhe as costas, os olhos dardejavam-lhe, tinha uma vontade absurda, avida, frenetica de lhe deitar as mãos, palpal-a, sentir-lhe as fórmas, apertal-a, amassal-a, penetrar-se d'ella! Mas disfarçava, punha-se a fallar alto com um sorriso parvo, abanava-se convulsivamente, e o suor gotte-

java-lhe nas rôscas anafadas do pescoço. Ia para casa rezar estações, impunha-se penitencias de muitas corôas á Virgem; mas apenas as orações findavam, começava o temperamento a latejar. E a boa, a pobre D. Felicidade tinha agora pesadêlos lascivos e as melancolias do hysterismo velho! A indifferença do conselheiro irritava-a mais; nenhum olhar, nenhum suspiro, nenhuma revelação amorosa o commovia! Era para com ella solemne, glacial e polido. Tinham-se ás vezes encontrado a sós, á parte, no vão favoravel d'uma janella, no isolamento mal alumiado d'um canto do sophá — mas apenas ella tinha uma demonstração sentimental, elle erguia-se bruscamente, e afastava-se, severo, hirto, pudico. Um dia ella julgára perceber, que, por traz das suas lunetas escuras, o conselheiro lhe deitára de revés um olhar apreciador para a abundancia do seio; fôra mais clara, mais urgente, fallára em *paixão,* disse-lhe baixo: Accacio!... Mas elle com um gesto gelou-a — e de pé, com gravidade:

— Minha senhora,

As neves que na fronte se accumulam
Terminam por cahir no coração...

É inutil, minha senhora!

O martyrio de D. Felicidade era muito occulto, muito disfarçado; ninguem o sabia; conheciam-lhe as infelicidades do sentimento, ignoravam-lhe as torturas do desejo. E um dia Luiza ficou attonita, sentindo D. Felicidade agarrar-lhe o pulso com a

mão humida, e dizer-lhe baixo, os dentes cerrados, os olhos cravados no conselheiro:

— Que regalo d'homem!

Fallava-se n'essa noite do Alemtejo, d'Evora e das suas riquezas, da Capella dos ossos, quando o conselheiro entrou com o paletot no braço. Foi-o dobrar solicitamente n'uma cadeira a um canto, e, com um passo aprumado e official, veio apertar as mãos ambas de Luiza, dizendo-lhe com uma voz sonora, de *papo:*

— Minha boa snr.ª D. Luiza, de perfeita saude, não? O nosso Jorge tinha-m'o dito. Ainda bem! Ainda bem!

Era muito alto, vestia todo de preto, trazia o pescoço entalado n'um collarinho direito. Era magro. O rosto aguçado no queixo ia-se alargando até á calva, vasta, polida, um pouco achatada no alto; tingia os cabellos que d'uma orelha á outra lhe faziam collar por traz da nuca — e aquelle preto lustroso dava, pelo contraste, mais brilho á calva. Mas não tingia o bigode: tinha-o grisalho, arredondado, cahido aos cantos da bocca. Era pallído, muito barbeado; nunca tirava as lunetas escuras. E as suas orelhas grandes sahiam muito despegadas do craneo.

Fôra um antigo director geral do ministerio do reino, e sempre que dizia — El-rei, erguia-se um pouco na cadeira. Tinha gestos muito medidos, mesmo a tomar rapé. Nunca usava palavras triviaes; não dizia *vomitar,* fazia um gesto indicativo e empregava *res-*

tituir. Dizia sempre «o nosso Garrett, o nosso Herculano.» Citava muito. Era author. E sem familia, n'um terceiro andar da rua do Ferregial, amancebado com a criada, occupava-se d'economia politica. Tinha composto os ELEMENTOS GENERICOS DA SCIENCIA DA RIQUEZA E SUA DISTRIBUIÇÃO, *segundo os melhores authores,* e como sub-titulo: *Leituras do serão!* E havia apenas mezes publicára a RELAÇÃO DE TODOS OS MINISTROS D'ESTADO DESDE O GRANDE MARQUEZ DE POMBAL ATÉ NOSSOS DIAS, COM DATAS CUIDADOSAMENTE AVERIGUADAS DE SEUS NASCIMENTOS E OBITOS.

— Já esteve no Alemtejo, conselheiro? — perguntou-lhe Luiza.

— Nunca, minha senhora — e curvou-se. — Nunca! E tenho bastante pena! sempre desejei lá ir, porque me dizem que as suas curiosidades são de primeira ordem.

Tomou uma pitada d'uma caixa dourada, entre os dedos, delicadamente, e acrescentou com pompa:

— De resto, paiz de grande riqueza suina!

— Ó Jorge, averigua quanto é o partido da camara em Evora — disse Julião do canto do sophá.

O conselheiro acudiu, cheio de informações, com a pitada suspensa:

— Devem ser 600$000 reis, snr. Zuzarte, e pulso livre. Tenho-o nos meus apontamentos.

E fitando-o, com a cabeça erecta:

— Porquê, snr. Zuzarte, quer deixar Lisboa?

Todos desapprovaram.

— Ah! Lisboa sempre é Lisboa! — suspirou D. Felicidade.

— Cidade de marmore e de granito, na phrase sublime do nosso grande historiador! — disse solemnemente o conselheiro.

Sorveu a pitada com os dedos abertos em leque, magros, bem tratados. Na sua mão pallida, reluzia um annel d'armas.

D. Felicidade disse então:

— Quem não era capaz de deixar Lisboa, nem á mão de Deus Padre, era o conselheiro!

Tinha-lhe vindo logo uma vermelhidão á pelle. O conselheiro, voltando-se vagarosamente para ella, um pouco curvado, os olhos baixos, replicou:

— Nasci em Lisboa, D. Felicidade, sou lisboeta d'alma!

— O conselheiro — lembrou Jorge — nasceu na rua de S. José.

— N.º 75, meu Jorge. Na casa pegada áquella em que viveu, até casar, o meu prezado Geraldo, o meu pobre Geraldo!

Geraldo, o seu pobre Geraldo era o pai de Jorge. Accacio fôra o seu intimo. Eram visinhos. Accacio tocava então rebeca, e, como Geraldo tocava flauta, faziam duos, pertenciam mesmo á Philarmonica da rua de S. José. Depois, Accacio, quando entrou nas repartições do Estado, por escrupulo e por dignidade, abandonou a rebeca, os sentimentos ternos, os serões joviaes da Philarmonica. Entregou-se todo á es-

tatistica. Mas conservou-se muito leal a Geraldo; continuou mesmo a Jorge aquella amizade vigilante; fôra padrinho do seu casamento, vinha vêl-o todos os domingos, e, no dia de seus annos, mandava-lhe pontualmente, com uma carta de felicitações, uma lampreia d'ovos.

— Aqui nasci — repetiu, desdobrando o seu bello lenço de sêda da India — e aqui conto morrer.

E assoou-se discretamente.

— Isso ainda vem longe, conselheiro! — disseram.

E elle, com uma melancolia grave:

— Não me arreceio d'*ella*, meu Jorge. Até já fiz construir, sem vacillar, no Alto de S. João, a minha ultima morada. Modesta, mas decente. É ao entrar, no arruamento á direita, n'um lugar abrigado, ao pé da choça dos Verissimos amigos.

— E já compoz o seu epitaphio, snr. conselheiro? — perguntou Julião, do canto, com a sua voz cortante, ironica.

— Não o quero, snr. Zuzarte. Na minha sepultura não quero elogios. Se os meus amigos, os meus patricios entenderem que eu fiz alguns serviços, teem outros meios para os commemorar; lá teem a imprensa, o communicado, o necrologio, a poesia mesmo! Por minha vontade quero apenas sobre a lapide lisa, em letras negras, o meu nome — com a minha designação de conselheiro — a data do meu nascimento e a data do meu obito.

E com um tom demorado, de reflexão:

— Não me opponho todavia a que inscrevam por baixo, em letras menores: *Orai por elle!*

Houve um silencio commovido, e á porta uma voz fria, disse:

— Dão licença?

— Oh Ernestinho! — exclamou Jorge.

Com um passo miudinho e rapido, Ernestinho veio abraçal-o pela cintura:

— Eu soube que tu que partias, primo Jorge... Como está, prima Luiza?

Era primo de Jorge. Baixo, magrinho, os seus membros franzinos, ainda quasi tenros, tinham um aspecto debil de collegial; o buço, delgado, empastado em cêra-mostache, arrebitava-se aos cantos em pontas afiadas como agulhas; e na sua cara chupada, os olhos repolhudos amorteciam-se com um quebrado langoroso. Trazia sapatos de verniz com grandes laços de fita; sobre o collete branco, a cadêa do relogio sustentava um medalhão enorme, d'ouro, com fructos e flôres esmaltadas em relevo. Vivia com uma actrizita do Gymnasio, uma magra, côr de melão, com o cabello muito riçado, o ar tisico, — e escrevia para o theatro. Tinha traducções, dous originaes n'um acto, uma comedia em *calembourgs*. Ultimamente trazia em ensaios nas Variedades uma obra consideravel, um drama em cinco actos, a *Honra e Paixão*. Era a sua estreia séria. E desde então, viam-no sempre muito atarefado, os bolsos inchados de manuscriptos, com localistas, com actores, muito prodigo de cafés e de *cognacs*, o chapéo ao lado, des-

*

córado, e dizendo a todos: Esta vida, mata-me! Escrevia todavia por paixão entranhada pela Arte — porque era empregado na alfandega, com bom vencimento, e tinha 500$000 reis de renda das suas inscripções. A Arte mesmo, dizia, obrigava-o a desembolsos: para o acto do baile da *Honra e Paixão* mandára fazer, á sua custa, botas de verniz para o *galã,* botas de verniz para o *pai-nobre!*

Deram-lhe um lugar, e Luiza notou logo, pousando o bordado, que estava pallido, abatido! Queixou-se então das suas fadigas: os ensaios arrazavam-no, tinha turras com o empresario: na vespera, vira-se forçado a refazer todo o final d'um acto! todo!

— E tudo isto — acrescentou muito exaltado — porque é um pelintra, um parvo, e quer que se passe n'uma sala, o acto que se passava n'um abysmo!

— N'um quê? — perguntou surprehendida D. Fecidade.

O conselheiro, muito cortez, explicou logo:

— N'um abysmo, snr.ª D. Felicidade, n'um despenhadeiro. Tambem se diz, em bom vernaculo, um *vortice.* Citou: *N'um espumoso vortice se arroja...*

— N'um abysmo? — perguntaram. — Porquê? E o conselheiro quiz conhecer o *lance.*

Ernestinho, radioso, esboçou largamente o enredo:

«Era uma mulher casada. Em Cintra tinha-se encontrado com um homem fatal, o conde de Monte-Redondo. O marido tinha-se então arruinado, devia 100 contos de reis ao jogo! Estava deshonrado e

podia ser preso. A mulher, louca, corre a umas ruinas acastelladas, onde habita o conde, deixa cahir o véo, conta-lhe a catastrophe. O conde lança o seu manto aos hombros, parte, chega no momento em que os beleguins vão levar o homem. — É uma scena muito commovente, dizia, é de noite, ao luar! — O conde desembuça-se, atira uma bolsa d'ouro aos pés dos beleguins, gritando-lhes: Saciai-vos, abutres! »

— Bello final! — murmurou o conselheiro.

— Emfim — acrescentou Ernesto, resumindo — aqui ha um enredo complicado: o conde de Monte-Redondo e a mulher amam-se, o marido descobre, arremessa todo o seu ouro aos pés do conde, e mata a esposa.

— Como? — perguntaram.

— Atira-a ao abysmo. É no quinto acto. O conde vê, corre, atira-se tambem. O marido cruza os braços, e dá uma gargalhada infernal. Foi assim que eu imaginei a cousa!

Calou-se, offegante: e, abanando-se com o lenço, rolava em redor os seus olhos langorosos, prateados como os d'um peixe morto.

— É uma obra de cunho, embatem-se grandes paixões — disse o conselheiro, passando as mãos sobre a calva. — Os meus parabens, snr. Ledesma.

— Mas que quer o empresario? — perguntou Julião, que escutára de pé, attonito — que quer elle? Quer o abysmo n'um primeiro andar, mobilado pelo Gardé?

Ernestinho voltou-se para elle, muito affectuosamente:

— Não, snr. Zuzarte, — a sua voz era quasi meiga — quer o desfecho n'uma sala. De modo que eu — e fazia um gesto resignado — a gente tem de condescender, tive d'escrever outro final. Passei a noite em claro. Tomei tres chavenas de café!...

O conselheiro estendeu a mão espalmada:

— Cuidado, snr. Ledesma, cuidado! Prudencia com esses excitantes.

— A mim não me faz mal, snr. conselheiro — disse sorrindo. — Escrevi-o em tres horas. Venho de lh'o mostrar agora. Até o tenho aqui...

— Leia, snr. Ernesto, leia! — exclamou logo D. Felicidade. — Leia!

«Que lêsse! que lêsse! porque não lia?»

«Era uma massada. Era um rascunho.» Estava inchado, viera-lhe á pelle uma côr prospera.

Fez-se um silencio. «Emfim, como queriam...» E Ernestinho desdobrando logo uma grande folha de papel azul pautado:

— Eu peço desculpa. Isto é um borrão. A cousa não está ainda com todos os FF e RR. — E com voz theatral: AGATHA. — É a mulher; isto aqui é a scena com o marido, o marido já sabe tudo...

AGATHA (cahindo de joelhos aos pés de Julio)

«Mas mata-me! Mata-me, por piedade! Antes

«a morte, que vêr, com esses desprezos, o coração «rasgado fibra a fibra!»

JULIO

«E não me rasgaste tu tambem o coração? Ti-«veste tu piedade? Não. Retalhaste-m'o! Meu Deus, «eu que a julgava pura, n'essas horas em que ar-«rebatados...»

O reposteiro franziu-se. Sentiu-se um fino tilintar de chavenas. Era Juliana, d'avental branco, com o chá.

— Que pena! — exclamou Luiza. — Depois do chá se lê. Depois do chá.

Ernesto dobrou o papel, e, com um olhar de lado para Juliana, rancoroso:

— Não vale a pena, prima Luiza!

— Ora essa! É lindo! — affirmou D. Felicidade.

Juliana pousava sobre a mesa o prato das fatias, os biscoutos d'Oeiras, os bolos do Cócó...

— Aqui tem o seu chá fraco, conselheiro — dizia Luiza. — Sirva-se, Julião! As torradas ao snr. Julião.

E com a manga um pouco arregaçada, o começo do braço muito branco a alvejar, a colhér d'assucar suspensa:

— Mais assucar? Quem quer? Uma torrada, conselheiro?

— Estou amplamente servido, minha prezada senhora — replicou, curvando-se.

E declarou, voltado para o Ernestinho: que achava a linguagem opulenta.

«Mas, perguntaram, o que quer o empresario mais agora? Já tem a sala!...»

Ernestinho, de pé, excitado, com um bolo d'ovos na ponta dos dedos, explicou:

— O que o empresario quer é que o marido lhe perdôe...

Foi um espanto.

«Ora essa! É extraordinario! Porque? Curioso!»

— Então! — exclamou Ernestinho, encolhendo os hombros, melancolico — diz que o publico que não gosta! Que não são cousas cá para o nosso paiz.

— A fallar a verdade — disse o conselheiro — a fallar a verdade, snr. Ledesma, o nosso publico não é geralmente affecto a scenas de sangue.

— E não! — exclamou D. Felicidade.

— Mas não ha sangue, snr. conselheiro! — protestava Ernestinho, erguendo-se sobre os bicos dos sapatos — mas não ha sangue! É com um tiro. É com um tiro pelas costas, snr. conselheiro!

Luiza fez a D. Felicidade — *pst!* e, n'um áparte, com um sorriso:

— D'esses bolinhos d'ovos. São muito frescos!

Ella respondeu, com uma voz lamentosa:

— Ai filha, não!

E indicava o estomago, compungidamente.

No entanto o conselheiro aconselhava a Ernestinho a clemencia: tinha-lhe posto a mão no hombro paternalmente, e com uma voz persuasiva:

— Dá mais alegria á peça, snr. Ledesma. O espectador sahe mais alliviado!

— Mais um bolinho, conselheiro?

— Estou repleto, minha prezada senhora.

E chamando Jorge:

— Pois não lhe parece, amigo Jorge?

Jorge chegou-se, com as mãos nos bolsos.

— Eu, conselheiro? De modo nenhum. Sou pela morte. Sou inteiramente pela morte!

— Ora! ora! — disseram.

— Sou pela morte! — repetiu com força.

E para Ernesto, com o dedo erguido:

— E exijo que a mates, percebes?

D. Felicidade acudiu, já assustada, toda bondôsa:

— Deixe fallar, snr. Ledesma. Está a brincar.

Abriu um sorriso, e para os lados:

— E elle então que é um coração d'anjo!

— Está enganada, D. Felicidade — disse Jorge, de pé, diante d'ella. — Fallo serio e sou uma fera! Riram. E elle continuava, com uma voz severa:

— Se enganou o marido, sou pela morte. No abysmo, na sala, na rua, mas que a mate. Posso lá consentir que, n'um caso d'esses, um primo meu, uma pessoa da minha familia, do meu sangue, se ponha a perdoar como um lamecha! Não!

E para Ernestinho:

— Mata-a! É um principio de familia. Mata-a quanto antes!

— Aqui tem um lapis — gritou Julião, estendendo-lhe uma lapiseira.

O conselheiro interveio, grave:

— Não — disse — não creio que o nosso Jorge falle serio. É muito instruido para ter idéas tão...

Hesitou, procurou o adjectivo. Juliana poz-se-lhe diante com uma bandeja, onde um macaco de prata se agachava comicamente, sob um vasto guarda-sol erriçado de palitos. Tomou um, curvando-se, e disse:

— ... Tão anti-civilisadoras.

— Pois está enganado, conselheiro, tenho-as — affirmou Jorge. — São as minhas idéas. E aqui tem, se em lugar de se tratar d'um final d'acto, fosse um caso da vida real, se o Ernesto viesse dizer-me: sabes, encontrei minha mulher...

— Oh Jorge! — disseram, reprehensivamente.

— ... Bem, se elle m'o viesse dizer, eu respondia-lhe o mesmo.

E com um gesto energico da mão fechada:

— Dou a minha palavra d'honra, que lhe respondia o mesmo: mata-a!

Protestaram. — Chamaram-lhe *tigre, Othello, Barba-Azul.* Jorge não respondia, sorrindo muito socegadamente.

Luiza bordava, calada: a luz do candieiro, abatida pelo *abat-jour,* dava aos seus cabellos tons de um louro quente, resvalava sobre a sua testa branca como sobre um marfim muito polido.

— Que dizes tu a isto? — disse-lhe D. Felicidade — que dizes tu a isto?

Ella ergueu o rosto, risonha, encolheu os hombros...

E o conselheiro logo:

— A snr.ª D. Luiza diz com orgulho o que dizem as verdadeiras mães de familia:

Impurezas do mundo não me roçam
Nem a fimbria da tunica sequer.

— Ora muito boas noites — disse, á porta, uma voz grossa, de basso.

Voltaram-se:

«Ó Sebastião! Ó snr. Sebastião! ó Sebastiarrão!»

Era elle, Sebastião, o grande Sebastião, o Sebastiarrão, Sebastião *tronco d'arvore,* — o intimo, o camarada, o *inseparavel* de Jorge, desde o latim, na aula de frei Liborio, aos Paulistas.

Era um homem grosso e atarracado, todo vestido de preto, com um chapéo molle desabado na mão. Tinha um modo d'andar pesado e timido. Começava a vir-lhe a calva na frente, e os seus cabellos castanhos eram muito finos, soltos, como se devessem esvoaçar facilmente. Tinha a barba alourada e curta.

Veio sentar-se ao pé de Luiza.

«Então d'onde vinha? d'onde vinha?»

«Vinha do Price. Rira muito com os palhaços. Tinha havido a brincadeira da pipa.»

O seu rosto em plena luz mostrava uma face redonda, bem nutrida, a pelle colorida: os olhos pequenos, azues d'um azul claro, tinham uma suavidade séria, adoçavam-se muito quando sorria: e os beiços escarlates sem pelliculas seccas, os dentes

luzidios, revelavam uma vida saudavel e habitos castos. «E, fallando-se do Price, lamentava as antigas palhaçadas do Salitre, as bexigas classicas que davam um estouro, quando o palhaço cahia.» Fallava de vagar, baixo, como se tivesse medo de se manifestar ou de fatigar. Tinham-lhe trazido chá, e remexendo o assucar com a colhér direita, os olhos risonhos, um sorriso bom:

— Mas a pipa tem muita graça. Muita graça!

E depois d'um momento:

— Tu sempre partes ámanhã, Jorge?

«Partia.» E Sebastião voltando-se para Luiza:

— Não ha umas tentaçõesinhas d'ir por ahi fóra com elle?

Tomára ella! Quem dera! Mas era uma jornada tão incommoda! Depois a casa não podia ficar só, não havia que fiar em criados...

— Está claro, está claro — disse elle. — Punha muito repetidamente os olhos no chão, enrolando com a ponta dos dedos a barba curta.

— Ó Sebastião! Fazes favor? Vens aqui?

Jorge dirigiu-se para o escriptorio: elle foi logo com o seu andar pesado, o largo dorso curvado, as longas abas do casaco pendentes, d'um comprimento ecclesiastico.

Entraram.

— Então, ámanhã, ás sete, Jorge, hein?

— Que remedio!

O escriptorio era uma saleta pequena, com uma estante alta e envidraçada, tendo em cima o bus-

to de gesso, empoeirado e velho, d'uma bacchante em delirio. A mesa, com um antigo tinteiro de prata que fôra de seu avô, estava ao pé da janella: uma collecção empilhada de *Diarios do Governo,* branquejava a um canto: por cima da cadeira de marroquim escuro, pendia, n'um caixilho preto, uma larga photographia de Jorge: e sobre o quadro, duas espadas encruzadas reluziam. Uma porta, no fundo, coberta com um reposteiro de baeta escarlate, abria para o patamar.

— Sabes quem esteve ahi de tarde? — disse logo Jorge, pondo-se a encher o cachimbo — Aquella desavergonhada da Leopoldina! Que te parece, hein?

— E entrou? — perguntou Sebastião, baixo, correndo por dentro o pesado reposteiro de fazenda listrada.

— Entrou, sentou-se, esteve, demorou-se! Fez o que quiz!

E com uma voz exasperada:

— A Leopoldina, a *Pão e queijo!*

Accendeu o cachimbo, e arremessando o phosphoro violentamente:

— Quando penso que aquella desavergonhada vem a minha casa! Uma creatura que tem mais amantes que camisas, que anda pelo Dá-fundo em troças, que passeava nos bailes, este anno, de dominó, com um tenor! A mulher do Zagallão, um devasso que falsificou uma letra!

E quasi ao ouvido de Sebastião:

— Uma mulher que dormiu com o Mendonça dos callos! Aquelle sebento do Mendonça dos callos!

Ergueu os braços para o tecto:

— E vem aqui, senta-se nas minhas cadeiras, abraça minha mulher, respira o meu ar!...

E com o punho fechado:

— Palavra d'honra, Sebastião, se a pilho — procurou mentalmente, com um olhar severo, um castigo sufficiente — dou-lhe açoutes!

Sebastião disse devagar:

— E o peor é a visinhança.

— Está claro que é! — exclamou Jorge — Toda essa gente ahi pela rua abaixo sabe quem ella é! Sabem-lhe os amantes, sabem-lhe os sitios. É a *Pão e queijo!* Todo o mundo conhece a *Pão e queijo.*

— Má visinhança — disse Sebastião.

— De tremer.

Mas então! estava acostumado á casa, era sua, tinha-a arranjado, era uma economia...

— Senão! Não parava aqui um dia!

Era um horror a rua! Pequena, estreita, acavallados uns nos outros! Uma visinhança a postos, avida de mexericos! Qualquer bagatella, o trotar d'uma tipoia, e apparecia por traz de cada vidro um par d'olhos repolhudos a cocar! Não era possivel. Sabia-se tudo! E era logo um badalar de linguas por ahi abaixo, e conciliabulos, e opiniões formadas! fulano é indecente, fulana é bebada! Um horror!

— É de tremer — resumiu.

E Sebastião:

— É de tremer!

— A Luiza é um anjo, coitada — dizia Jorge, passeando pela saleta — mas tem cousas em que é criança! Não vê o mal. É muito boa, deixa-se ir. Com este caso da Leopoldina, por exemplo; foram creadas de pequenas, eram amigas, não tem coragem agora para a pôr fóra. É acanhamento, é bondade. Coitada! elle comprehende-se! Mas emfim as leis da vida tem as suas exigencias!

E depois d'uma pausa:

— Por isso, Sebastião, em quanto eu estiver fóra, se te constar que a Leopoldina vem por cá, avisa a Luiza! Porque ella é assim: esquece-se, deixa-se ir, não reflexiona. É necessario alguem que a advirta, que lhe diga: — Alto lá, isso não póde ser! Que ella cahe logo em si, e então é a primeira!... Senão relaxa-se, deixa-se ir... É o que eu te queria pedir, Sebastião, hein? Vens por ahi fazer-lhe companhia, fazer-lhe musica, e se vires que a Leopoldina apparece ao largo, tu logo á Luiza: — Minha rica senhora, cuidado, olhe que isso não! Que ella, sentindo-se apoiada, tem decisão. Senão, acanha-se, deixa-a vir; soffre com isso, mas não tem coragem de lhe dizer: Não te quero vêr, vai-te. Percebes? Não tem coragem p'ra nada: começam as mãos a tremer-lhe, a seccar-se-lhe a bocca... É mulher, é muito mulher!... — Não te esqueças, hein, Sebastião?

— Então havia de me esquecer, homem?

Mas sentiram o piano na sala, e a voz de Luiza ergueu-se, fresca e clara: cantava a *Mandolinata*.

Amici, la notte è bella,
La luna va spontari...

—E vem por aqui, Sebastião. Faze-lhe companhia. Fica tão só, coitada...

Deu alguns passos pelo escriptorio, fumando, a cabeça baixa; e vindo bater, com a mão, no largo hombro de Sebastião:

—Todo o casal bem organisado, meu amigo, deve ter um filho! Deve ter dous filhos!...

Sebastião coçou a barba em silencio — e a voz de Luiza, elevando-se com um certo esforço aspero, nos *altos* da melodia:

Di cà, di là, per la città
Andiami a transnottari...

Era aquella uma tristeza secreta de Jorge — não ter um filho! Desejava-o tanto! Ainda em solteiro, nas vesperas do casamento, já sonhava aquella felicidade: o seu filho! Via-o de muitas maneiras: ou gatinhando com as suas perninhas vermelhas, cheias de rôscas, e os seus cabellos annelados, finos como fios de sêda; ou rapaz forte, entrando da escóla com os livros, alegre e d'olho vivo, e vindo mostrar-lhe as boas notas dos mestres: ou, melhor, rapariga crescida, clara e rosada, com um vestido branco, as duas tranças cahidas, vindo pousar-lhe as mãos nos seus cabellos já grisalhos, por uma tarde serena, vendo folhagens de jardins. Ideava já certas maneiras de o

amar o seu filho, a sua filha: já pensava nas historias que lhes havia de contar. — E nada! E eram casados havia quatro annos. Vinha-lhe agora, ás vezes, um medo de morrer sem ter tido aquella felicidade completadora!

Mas sentiram risadas na sala, a voz aguda de Ernestinho cascalhou, e no piano Luiza recomeçava a *Mandolinata,* com um *brio* jovial.

A porta do escriptorio abriu-se, então. As lunetas negras de Julião reluziram.

— Adeus — disse. — É tarde, vou-me safar!

E passando um braço pelo hombro de Jorge, com palmadinhas seccas:

— Até á volta, meu velho. Adeus. Tambem ia comtigo tomar ar, respirar, vêr campos, mas...

E sorriu com amargura.

Jorge foi alumiar-lhe ao patamar, abraçou-o outra vez. E se quizesse alguma cousa!...

Julião carregou o chapéo na cabeça:

— Dá-me cá outro charuto, então. Dá cá dous.

— Leva a caixa! Leva a caixa! Eu em viagem só fumo cachimbo. Leva a caixa!

Embrulhou-lh'a n'um *Diario de Noticias,* Julião metteu-a debaixo do braço; e descendo os degraus:

— Cuidado com as sezões! Boa noite!

Jorge e Sebastião entraram na sala. Ernestinho, com o cotovêlo encostado ao piano, torcia as guias do bigodinho, e Luiza começava uma valsa de Strauss — o *Danubio Azul.*

Jorge disse, rindo, estendendo os braços:

— Uma valsa, D. Felicidade?

Ella voltou-se, com um sorriso: e porque não? Em nova era fallada! Citou logo a valsa que dançára com o snr. D. Fernando, no tempo da Regencia, nas Necessidades. Era uma valsa linda, d'essa época: *A Perola d'Ophir*.

Estava sentada ao pé do conselheiro no sophá. E como retomando um dialogo mais querido — continuou, baixo para elle, com uma voz muito interessada:

— Pois creia, acho-o com optimas côres.

O conselheiro enrolava vagarosamente o seu lenço de sêda da India.

— Na estação calmosa passo sempre melhor. E D. Felicidade?

— Ai! Estou outra, conselheiro! Muito boas digestões, muito livre de gazes... Estou outra!

— Deus o queira, minha senhora, Deus o queira — disse o conselheiro, esfregando lentamente as mãos.

Tossiu, ia levantar-se, mas D. Felicidade pôz-se a dizer:

— Espero que esse interesse seja verdadeiro...

E córou. O corpete flaccido do vestido de sêda preta enchia-se-lhe com o arfar do peito.

O conselheiro recahiu lentamente no sophá — e com as mãos nos joelhos:

— D. Felicidade sabe que tem em mim um amigo sincero...

Ella levantou para elle seus olhos pisados, d'on-

de sahiam revelações de paixão e supplicas de felicidade:

— E eu, conselheiro!...

Deu um grande suspiro, pôz o leque sobre o rosto.

O conselheiro ergueu-se bruscamente. E vermelho, com a cabeça alta, erecto, as mãos atraz das costas, foi ao piano, perguntou a Luiza curvando-se:

— É alguma canção do Tyrol, D. Luiza?

— Uma valsa de Strauss — murmurou-lhe Ernestinho, em bicos de pés, ao ouvido.

— Ah! Muita fama! Grande author!

Mas tinha tirado o relogio. Eram horas, dizia, de ir coordenar alguns apontamentos. E aproximando-se de Jorge:

— Jorge, meu bom Jorge, adeus. Cautela com esse Alemtejo! O clima é nocivo.

Apertou-o nos braços com uma pressão commovida. D. Felicidade dizia sorrindo:

— E juizinho por lá, Jorge!

E para Luiza, rindo:

— Que em Evora, em Evora Cidade!... ha raparigas d'appetite!

E punha a sua manta de renda negra.

— Já, D. Felicidade? — disse Luiza.

Ella explicou-lhe ao ouvido:

— Já, sim, filha, que tenho estado a abarrotar, comi umas bajes e tenho estado!... O snr. Ernesto vem para os meus sitios, hein?

*

— Como um fuso, minha senhora!

Tinha vestido o seu paletot d'alpaca clara, fumava chupando, com as faces encovadas, por uma boquilha enorme, onde uma Venus se torcia sobre o dorso d'um leão domado.

— Adeus, primo Jorge, saudinha e dinheiro, hein? Adeus.

E baixo:

— Quando fôr a *Honra e Paixão* cá mando um camarote á prima Luiza. Adeus! Saudinha!

Iam a sahir. Mas o conselheiro, á porta, voltando-se subitamente com as abas do paletot deitadas para traz, a mão pomposamente apoiada no castão de prata da bengala que representava uma cabeça de mouro, disse com gravidade:

— Esquecia-me, Jorge! Tanto em Evora, como em Beja, visite os governadores civis!

E com o braço estendido:

— Deve-lh'o como primeiros funccionarios do districto, e podem-lhe ser de muita utilidade nas suas peregrinações!

E curvando-se profundamente:

— *Al rivedere,* como se diz em Italia.

Sebastião tinha ficado. Para arejar do fumo de tabaco Luiza foi abrir as janellas. A noite estava quente e immovel. Havia luar; nas fachadas das

casas em frente derramava-se uma claridade pallida.

Sebastião sentára-se ao piano, e com a cabeça curvada, corria devagar o teclado.

Tocava admiravelmente, e com uma comprehensão muito fina da musica. Outr'ora, compozera mesmo uma *Meditação,* duas *Valsas,* uma *Ballada:* mas eram estudos muito trabalhados, cheios de reminiscencias, sem estylo. — Da cabeça não me sahe nada — dizia elle com bonhomia, batendo na testa, sorrindo — mas lá com os dedos!...

Pôz-se a tocar um *Nocturno* de Choppin.

Jorge sentára-se no sophá ao pé de Luiza:

— Tu não queres levar um farnelzinho? — dizia-lhe ella, com a cabeça cahida para traz, os braços cruzados, a voz triste.

— Bastam umas bolachas. O que quero é o cantil com *cognac.*

— E escreves logo que chegues?

— Pudera!

E Luiza com um sorriso, os olhos muito languidos, fitos n'elle:

— Mas d'aqui a quinze dias, vens!

— Talvez...

Ella teve um gesto amuado.

— Ah, bem! Se não vieres vou ter comtigo.

E olhando em redor:

— Que só que vou ficar!

Mordeu o beicinho, fitou o tapete. Mas de repente:

— Isso, Sebastião, isso! Ai! tenho uma paixão por isso!

Sebastião começára então a tocar uma *malaguenha:* e aquella modulação quebrada, á moda arabe, muito arrastada, encantava-a, desenrolava-lhe na imaginação os episodios d'uma vida andaluza idealisada. Onde era? Em Malaga, em Granada? Não sabia. Era sob as laranjeiras, mil estrellinhas luzem, a noite é quente, o ar cheira bem; por baixo d'um lampeão suspenso a um ramo, um cantador sentado na tripeça mourisca faz gemer na guitarra a *malaguenha,* e em redor as mulheres com os seus corpetes de velludilho encarnado batem as mãos em cadencia. E entrevia uma Andaluzia de romance e de zarzuela, quente e sensual, onde tudo são braços avidos e brancos que se abrem para o amor; capas romanticas que roçam as paredes na sombria viella onde luz o nicho do santo, e se repenica a viola; e serenos que invocam a Virgem Santissima, cantando as horas...

— Muito bem, Sebastião! — exclamou — Bravo, Sebastião! É lindo!

E batia as mãos, pedia *bis.*

Elle sorriu, ergueu-se, fechou cuidadosamente o piano, e indo buscar o seu chapéo desabado, pondo-se a enrolal-o:

— Então ámanhã ás sete? Cá estou.

Devia vir acordar Jorge, ir com elle no vapor até ao Barreiro.

Foram debruçar-se na varanda para o vêr sahir.

A noite fazia um silencio alto, d'uma melancolia placida; o gaz dos candieiros parecia mortiço; a sombra que se recortava na rua, com uma nitidez brusca, tinha um tom quente e dôce; a luz punha nas fachadas brancas claridades vivas, e nas pedras da calçada faiscações vidradas; uma clara-boia reluzia, a distancia, como uma velha lamina de prata; nada se movia; e instinctivamente os olhos erguiam-se para as alturas, procuravam a lua branca, com as suas leves manchas de bistre.

— Que linda noite!

A porta bateu, e Sebastião de baixo, na sombra:

— Dá vontade de passear, hein?

— Linda! linda!

Ficaram á varanda preguiçosamente, olhando, detidos pela tranquillidade, pela luz. Pozeram-se a fallar baixo da jornada: áquella hora onde estaria elle? Já em Evora, n'um quarto d'estalagem, passeando monotonamente sobre um chão de tijolo. Mas voltaria breve, não é verdade? De certo. Esperava fazer um bom negocio com o Paco, o hespanhol das minas de Portel, trazer talvez alguns centos de mil reis, e teriam então a doçura do mez de setembro. Poderiam fazer uma jornada ao norte, ao Porto: irem ao Bussaco, trepar aos altos, beber a agua fresca das rochas, sob a espessura humida das folhagens: ir a Espinho, pelas praias, sentar-se na arêa, no bom ar cheio d'azote, vendo o mar unido, d'um azul metallico e faiscante, o mar do verão, com algum fumo

de paquete que passa para o sul ao longe muito adelgaçado. Faziam outros planos com os hombros muito chegados; uma felicidade abundante enchia-os deliciosamente. E Jorge disse:

— Se houvesse um pequerrucho, já não ficavas tão só!

Ella teve um suspiro. Tambem o desejava tanto! Chamar-se-hia Carlos Eduardo. E via-o no seu berço dormindo, ou no collo, nú, agarrando com a mãosinha o dedo do pé, mamando a ponta rosada do seu peito... Um estremecimento d'um deleite infinito correu-lhe no corpo. Passou o braço pela cinta de Jorge. Porque não? Um dia seria, teria um filho de certo. E não comprehendia o seu filho homem nem Jorge velho: via-os ambos do mesmo modo: um sempre amante, novo, forte; o outro sempre dependente do seu peito, da maminha, ou gatinhando e palrando, louro e côr de rosa. E a vida apparecia-lhe infindavel, sempre d'uma doçura igual, atravessada do mesmo enternecimento amoroso, quente, calma e luminosa como a noite que os cobria.

— A que horas quer a senhora que a venha acordar? — disse a voz aguda de Juliana.

Luiza voltou-se:

— Ás sete, já lhe disse ha pouco, creatura.

Fecharam a janella. Em torno das velas uma borboleta branca esvoaçava. Era um bom agouro!

Jorge prendeu-a nos braços:

— Vai ficar sem o seu maridinho, hein? — disse tristemente.

Ella deixou pesar o corpo sobre as mãos d'elle cruzadas, olhou-o com um longo olhar que se ennevoava e escurecia, e envolvendo-lhe o pescoço com o gesto lento, harmonioso e solemne dos braços, pousou-lhe na bocca um beijo grave e profundo. Um vago soluço levantou-lhe o peito:

— Jorge! Querido! — murmurou.

III

Havia doze dias que Jorge tinha partido e, apesar do calor e da poeira, Luiza vestia-se para ir a casa de Leopoldina. Se Jorge soubesse, não havia de gostar, não! Mas estava tão farta de estar só! Aborrecia-se tanto! De manhã, ainda tinha os arranjos, a costura, a *toilette,* algum romance!... Mas de tarde!

Á hora em que Jorge costumava voltar do ministerio, a solidão parecia alargar-se em torno d'ella. Fazia-lhe tanta falta o *seu* toque da campainha retinindo, os *seus* passos rapidos no corredor!...

Ao crepusculo, ao vêr cahir o dia, entristecia-se sem razão, cahia n'uma vaga sentimentalidade: sentava-se ao piano, e os fados tristes, as cavatinas lacrimosas gemiam instinctivamente no teclado, sob

os seus dedos preguiçosos, no movimento abandonado dos seus braços molles. O que pensava em tolices então! E á noite, só, na larga cama franceza, sem poder dormir com o calor, vinham-lhe de repente terrores, palpites de viuvez.

Não estava acostumada, não podia estar só. Até se lembrára de chamar a tia Patrocinio, uma velha parenta pobre que vivia em Belem: ao menos era *alguem:* mas receou aborrecer-se mais ao pé da sua longa figura de viuva taciturna e esguia, sempre a fazer meia, com enormes oculos de tartaruga sobre um nariz d'aguia.

N'aquella manhã pensára em Leopoldina, toda contente d'ir tagarellar, rir, segredar, passar as horas do calor. Estava em collete e saia branca: a camisinha decotada descobria os hombros alvos d'uma redondeza macia, o collo branco, tenro e firme, azulado de vêasinhas finas; e os seus braços redondinhos, um pouco vermelhos no cotovêlo, descobriam por baixo, quando se erguiam, fiosinhos louros, frisando e fazendo ninho.

Tinha acabado de se lavar, a sua pelle conservava o rosado humido da agua fria: ainda havia no quarto um cheiro agudo de vinagre de *toilette:* os transparentes de linho branco descidos davam uma luz baça, com tons de leite.

Ah! positivamente devia escrever a Jorge, que voltasse depressa! Que o que tinha graça era ir surprehendel-o a Evora, cahir-lhe no Tabaquinho, um dia, ás tres horas. E quando elle entrasse empoei-

rado, encalmado, de lunetas azues, atirar-se-lhe ao pescoço! E á tardinha, pelo braço d'elle, ainda quebrada da jornada, com um vestido fresco, ir vêr a cidade. Pelas ruas estreitas e tristes admiravam-na muito. Os homens vinham ás portas das lojas. Quem seria? É de Lisboa. É a do Engenheiro. E diante do toucador, apertando o corpete do vestido, sorria, perdia-se n'aquellas imaginações...

A porta do quarto rangeu de vagarinho.

— Que é?

A voz de Juliana, arrastada e doente, disse:

— A senhora dá licença que eu vá logo ao medico?

— Vá, mas não se demore.

E olhando de lado para o espelho, compondo com pancadinhas as pregas do vestido atraz:

— Puxe-me essa saia. Mais. O que é que vossê tem?

— Enjôos, minha senhora, peso no coração. Passei a noite em claro.

Estava muito amarella, com o olhar morbido, a face envelhecida. Trazia um vestido de merino preto escoado, e a cuia da semana de cabellos velhos.

— Pois sim, vá — disse Luiza. — Mas arranje tudo antes. E não se demore, hein?

Juliana subiu logo á cozinha. Era no segundo andar, com duas janellas de sacada para as trazeiras, larga, ladrilhada de tijolo diante do fogão.

— Diz que sim, snr.ª Joanna — disse á cozinhei-

ra — que podia ir. Vou-me vestir. Ella tambem está quasi prompta.

A cozinheira ficou toda «no ar», pôz-se a cantar, foi logo sacudir, estender na varanda um velho tapete esfiado: e os seus olhos não deixavam, defronte, uma casa baixa, pintada d'amarello, com um portal largo, — era a loja de marceneiro do tio João Galho, onde trabalhava o Pedro, o seu amante. A pobre Joanna «babava-se» por elle. Era um rapazola descórado e afadistado; Joanna era minhota, de Avintes, de familia de lavrador, e aquella figura delgada de lisboeta anemico seduzia-a com uma violencia abrazada. Como não podia sahir á semana, mettia-o em casa, pela porta de traz, quando estava só; estendia então na varanda para dar signal o velho tapete gasto e desbotado, onde ainda se percebiam os paus d'um veado.

Era uma rapariga muito forte, com peitos d'ama e quadris fecundos. O cabello luzia como azeviche, todo lustroso do oleo d'amendoas dôces. Tinha a testa curta e cavada de plebêa teimosa. E as sobrancelhas cerradas faziam-lhe parecer o olhar mais negro, — que brilhava agora, avidamente.

Aquelle alvoroço feliz de femea amorosa deu «um ferro» a Juliana. Olhou-a de lado, disse com um sorriso secco:

— A snr.ª Joanna é que a leva!

A rapariga fez-se escarlate.

Mas Juliana acudiu logo:

— Olha, o mal! fosse eu! Ora! faz muito bem!

Juliana sabia d'aquelles amores da cozinheira. Mas dependia d'ella: Joanna dava-lhe caldinhos ás horas de debilidade, ou, quando ella estava mais adoentada, fazia-lhe um bife ás escondidas da senhora. Juliana tinha um grande medo de «cahir em fraqueza», a cada momento precisava tomar «sustancias». De certo os seus azedumes de solteirona faziam-na detestar aquelle escandalo; mas protegia-o, porque elle valia muitos regalos aos seus fracos de gulosa.

— Fosse eu! — repetiu, para lisonjear a Joanna — Fosse eu! Dava-lhe o melhor da panella! Se a gente ia a ter escrupulos por causa dos amos, boa! Olha quem! Vêem uma pessoa a morrer, e é como fosse um cão.

E com um sorriso amargo, que lhe arreganhava os beiços sobre os dentes amarellados:

— Diz que me não demorasse no medico. É como quem diz, cura-te depressa ou espicha depressa!

Deu um grande suspiro.

— Pobre de quem precisa, snr.ª Joanna!

E indo buscar a vassoura a um canto, com uma voz aguda:

— Todas o mesmo, uma récua!

Desceu, começou a varrer o corredor, levando o cisco para o patamar, com um ruido irritado do piassá sobre as frinchas. — Toda a noite estivera doente: o quarto no sotão, debaixo das telhas, muito abafado, com um cheiro de tijolo cozido, dava-lhe

enjôos, faltas d'ar, desde o começo do verão: na vespera até vomitára! E tinha-se levantado ás 6 horas, não descançára, limpando, engommando, despejando, com uma pontada no lado e todo o estomago embrulhado! — Tinha escancarado a cancella, e com grande ais, atirava vassouradas furiosas contra as grades do corrimão.

— A snr.ª D. Luiza está em casa?

Voltou-se bruscamente. Nos ultimos degraus da escada estava um sujeito, com o chapéo na cabeça um pouco ao lado. Era trigueiro, tinha um bigode pequeno levantado, e um ramo na sobrecasaca azul.

— A senhora vai sahir — disse ella encarando-o muito. — Faz favor de dizer quem é?

O individuo sorriu.

— Diga-lhe que é um sujeito para um negocio. Um negocio de minas.

Tinha uma das mãos no bolso d'uma larga calça de xadrezinho claro, com a outra raspava na cal da parede a ponta do seu *stick* branco.

Luiza, diante do toucador, de chapéo, toda absorvida, mettia n'uma casa do corpete dous botões de rosa de chá.

— Um negocio! — disse muito surprehendida — Deve ser algum recado para o snr. Jorge, de certo. Mande entrar. Que especie d'homem é?

— Um janota!

Luiza desceu o véo branco, calçou devagar as luvas de *peau de suède* claras, deu duas pancadinhas

fofas ao espelho na gravata de renda, e abriu a porta da sala. Mas quasi recuou, fez *ah!* toda escarlate. Tinha-o reconhecido logo. Era o primo Bazilio!

Houve um *shake-hands* demorado, um pouco tremulo. Estavam ambos calados: — ella com todo o sangue no rosto, um sorriso vago, batendo as palpebras; elle fitando-a muito, com um olhar admirado. Mas as palavras, as perguntas vieram logo, muito precipitadamente: — Quando tinha chegado? Se o tinha conhecido? Como soubera a morada d'ella?

Tinha chegado na vespera no paquete de Bordeus. Perguntára no ministerio. Disseram-lhe que Jorge estava no Alemtejo, deram-lhe a *adresse*...

— Como tu estás mudada, Santo Deus!

— Velha?

— Bonita!

Fallavam alto, animadamente.

E elle que tinha feito? Demorava-se?

Foi abrir uma janella, dar uma luz larga, mais clara. Sentaram-se. Elle no sophá muito languidamente; ella ao pé, pousada de leve á beira d'uma poltrona, as mãos tremulas, toda nervosa.

Tinha deixado o *degredo* — disse elle. — Viera respirar um pouco á velha Europa. Estivera em Constantinopla, na Terra Santa, em Roma. O ultimo anno tinha-o passado em Paris. Vinha de lá, d'aquel-

la aldeola de Paris! — Fallava devagar, recostado, com um ar intimo, estendendo sobre o tapete, commodamente, os seus sapatos de verniz.

Luiza olhava-o. Achava-o mais varonil, mais trigueiro. No cabello preto annelado havia agora alguns fios brancos; mas o bigode pequeno tinha o antigo ar moço, orgulhoso e intrepido; os olhos, quando ria, a mesma doçura amollecida, banhada n'um fluido. Reparou na ferradura de perola da sua gravata de setim preto, nas pequeninas estrellas brancas bordadas nas suas meias de sêda. O triste Brazil não o vulgarisára. Voltava mais interessante!

— Mas tu, conta-me de ti — dizia elle com um sorriso, inclinado para ella. — És feliz, tens um pequerrucho...

— Não — exclamou Luiza rindo. — Não tenho! Quem te disse?

— Tinham-me dito. E teu marido demora-se?

— Tres, quatro semanas, creio.

Quatro semanas! Era uma viuvez! Pediu-lhe logo para a vir vêr mais vezes, palrar um momento, pela manhã...

— Pudera não! És o unico parente, que tenho, agora...

Era verdade!... E a conversação tomou uma intimidade melancolica: fallaram da mãi de Luiza, a *tia Jojó*, como lhe chamava Bazilio. Luiza contou a sua morte, muito dôce, na poltrona, sem um ai... Baixou os olhos, que se humedeceram.

— Onde está sepultada? — perguntou Bazilio.

Fez uma voz grave, e com um gesto lento e triste puxando o punho da camisa de chita:

— Está no nosso jazigo?

— Está.

— Hei-de ir lá. Pobre tia Jojó!

Houve um silencio.

— Mas tu ias sahir — disse Bazilio de repente, querendo erguer-se.

— Não! — exclamou — Não! Estava aborrecida, não tinha nada que fazer. Ia tomar ar. Não sáio, já.

Elle ainda disse:

— Não te prendas...

— Que tolice! Ia a casa d'uma amiga passar um momento.

Tirou logo o chapéo; e n'aquelle movimento os braços erguidos repuxaram o corpete justo, as fórmas do seio accusaram-se suavemente.

Bazilio torcia a ponta do bigode devagar.

E vendo-a descalçar as luvas:

— Era eu antigamente quem te calçava e descalçava as luvas...

E sorrindo:

— Ainda tenho esse privilegio exclusivo, creio eu...

Ella riu-se.

— De certo que não...

Bazilio disse então lentamente fitando o chão:

— Ah! Outros tempos!

Pôz-se a fallar de Collares: a sua primeira idéa, mal chegára, tinha sido tomar uma tipoia e ir lá:

*

queria vêr a quinta; ainda existiria o balouço debaixo do castanheiro? ainda haveria o caramanchão de rosinhas brancas, ao pé do Cupido de gesso que tinha uma aza quebrada?...

Luiza ouvira dizer que a quinta pertencia agora a um brazileiro: tinham feito obras: sobre a estrada havia um mirante com um tecto chinez, ornado de bolas de vidro, e a velha casa morgada fôra reconstruida e mobilada pelo Gardé.

— A nossa pobre sala de bilhar, côr d'oca, com grinaldas de rosas! — disse Bazilio desolado.

E fitando-a:

— Lembras-te das nossas partidas de bilhar?

Luiza, um pouco vermelha, torcia os dedos das luvas, e erguendo os olhos para elle:

— Eramos duas crianças — disse, com um sorriso.

Bazilio cruzou os pés, fitou as ramagens do tapete. Parecia abandonar-se a uma saudade remota, disse emfim com uma voz sentida:

— Foi o bom tempo! Foi o meu bom tempo!

Ella via a sua cabeça bem feita, descahida n'aquella melancolia das felicidades passadas, com uma risca muita fina, e fios brancos sobre o negro lustroso. Sentia como uma vaga saudade tambem, que lhe subia pelo peito: ergueu-se, foi abrir a outra janella, como para dissipar na luz viva e forte aquella perturbação ennevoada. Perguntou-lhe pelas viagens, por Paris, por Constantinopla.

Fôra sempre o seu desejo viajar — dizia — ir ao

Oriente. Quereria andar em caravanas, balouçada no dorso dos camêlos; e não teria medo, nem do deserto, nem das feras...

— Estás muito valente — disse Bazilio. — Tu eras uma maricas, tinhas medo de tudo... Até da adega, na casa do papá, em Almada!

Ella córou. Lembrava-se muito bem da adega, com o seu chão de terra resvaladiço, uma frescura subterranea que dava arripios! A candêa d'azeite pendurada na parede alumiava com uma luz avermelhada e fumosa as grossas traves escuras, cheias de têas d'aranha, e a fileira tenebrosa das pipas bojudas. Havia alli ás vezes, pelos cantos, beijos furtados...

Quiz saber então o que tinha feito em Jerusalem, se era bonito.

Era curioso. Ia pela manhã um bocado ao Santo Sepulchro depois d'almoço, montava a cavallo... Não se estava mal no hotel, inglezas bonitas... Tinha algumas intimidades illustres...

Fallava d'ellas, devagar, traçando a perna: o seu amigo o patriarcha de Jerusalem, a sua velha amiga a princeza de La Tour d'Auvergue! Mas o melhor do dia era de tarde — dizia — no Jardim das Oliveiras, vendo de frente as muralhas do templo de Salomão, ao pé a aldêa escura de Bethania onde Martha fiava aos pés de Jesus, e mais longe, faiscando immovel sob o sol, o mar Morto! E alli passava sentado n'um banco, fumando tranquillamente o seu cachimbo!

Se tinha corrido perigos?

De certo. Uma tempestade de arêa no deserto de Petra. Horrivel! Mas que linda viagem, as caravanas, os acampamentos! Descreveu a sua *toilette:* — uma manta de pelle de camêlo ás listras vermelhas e pretas, um punhal de Damasco n'uma cinta de Bagdad e a lança comprida dos Beduinos.

— Devia-te ficar bem!

— Muito bem. Tenho photographias.

Prometteu dar-lhe uma.

E acrescentou:

— Sabes que te trago presentes?

— Trazes?

Os seus olhos brilharam.

O melhor era um rosario...

— Um rosario?

— Uma reliquia! Foi benzido primeiro pelo patriarcha de Jerusalem sobre o tumulo de Christo, depois pelo papa...

Porque tinha estado com o papa — um velhinho muito aceado, todo branquinho, vestido de branco.

— Tu d'antes não eras muito devota — disse.

— Não, não sou muito caturra n'essas cousas — respondeu rindo.

— Lembras-te da capella de nossa casa em Almada?

Tinham passado alli lindas tardes. Ao pé da velha capella morgada havia um adro todo cheio de altas hervas floridas, — e as papoulas, quando vinha

a aragem, agitavam-se como azas vermelhas de borboletas pousadas...

— E a tilia, lembras-te, onde eu fazia gymnastica?

— Não fallemos no que lá vai.

Em que queria ella então que elle fallasse? Era a sua mocidade, o melhor que tivera na vida...

Ella sorriu, perguntou:

— E no Brazil?

Um horror! Até fizera a côrte a uma mulata.

— E porque te não casaste?...

Estava a mangar, de certo! Uma mulata!

— E de resto — acrescentou com a voz de um arrependimento triste — já que me não casei quando devia, — encolheu os hombros melancolicamente — acabou-se... Perdi a vez. Ficarei solteiro.

Luiza fizera-se escarlate. Houve um silencio.

— E qual é o outro presente, então, além do rosario?

— Ah! Luvas. Luvas de verão, de *peau de suède*, de oito botões. Luvas decentes. Vossês aqui usam umas luvitas de dous botões, a vêr-se o punho, um horror! — De resto pelo que tinha visto, as mulheres em Lisboa cada dia se vestiam peor! Era atroz! Não dizia por ella; até aquelle vestido tinha um *chic*, era simples, era honesto. Mas em geral, era um horror. Em Paris! Que deliciosas, que frescas as *toilettes* d'aquelle verão! Oh! mas em Paris!... Tudo é superior! Por exemplo, desde que chegára ainda não podéra comer. Positivamente não podia comer! — Só em Paris se come — resumiu.

Luiza voltava entre os dedos o seu medalhão de ouro, preso ao pescoço por uma fita de velludo preto.

E tinha estado então um anno em Paris?

Um anno divino. Tinha um *appartamento* lindissimo, que pertencera a lord Falmouth, rue Saint Florentin, tinha 3 cavallos...

E recostando-se muito, com as mãos nos bolsos:

— Emfim, fazer este valle de lagrimas o mais confortavel possivel!

E depois de um silencio:

— Tens algum retrato n'esse medalhão?

— O retrato de meu marido.

— Ah! deixa vêr!

Elle abriu o medalhão. Luiza debruçou-se; tinha o rosto quasi sobre o peito d'ella. Luiza sentia o aroma fino que vinha de seus cabellos.

— Muito bem, muito bem — fez Bazilio.

Ficaram calados.

— Que calor que está! — disse Luiza. — Abafa-se, hein!

Levantou-se, foi abrir um pouco uma vidraça. O sol deixára a varanda: uma aragem suave encheu as pregas grossas das bambinellas.

— É o calor do Brazil — disse elle. — Sabes que estás mais crescida?

Luiza estava de pé, e o olhar de Bazilio aberto, frio, corria-lhe as linhas do corpo. E com a voz muito intima, os cotovêlos sobre os joelhos, o rosto erguido para ella:

— Mas, francamente, dize cá, pensaste que eu te viria vêr?

— Ora essa! Realmente, se não viesses zangava-me. És o meu unico parente... O que tenho pena é que meu marido não esteja...

— Eu — acudiu Bazilio — foi justamente por elle não estar...

Luiza fez-se escarlate. E Bazilio, logo, um pouco corado tambem, comprimindo um sorriso:

— Quero dizer... talvez elle saiba que houve entre nós...

Ella interrompeu:

— Tolices! Eramos duas crianças. Onde isso vai!

— Eu tinha 27 annos — observou elle, sorrindo e curvando-se.

Ficaram calados, um pouco embaraçados. Bazilio coçava o bigode, olhando vagamente em redor.

— Estás muito bem installada aqui — disse.

Não estava mal... A casa era pequena, mas muito commoda. Pertencia-lhes.

— Ah! estás perfeitamente.

E bocejou de leve.

— Quem é esta senhora, com uma luneta d'ouro?

E indicava o retrato por cima do sophá.

— A mãi de meu marido.

— Ah! vive, ainda?

— Morreu.

— É o que uma sogra póde fazer de mais amavel.

Tornou a bocejar ligeiramente, fitou um momen-

to os seus sapatos muito aguçados, e com um movimento brusco, ergueu-se, tomou o chapéo.

— Já? Onde estás?

— No Hotel Central. E até quando?

— Até quando quizeres. Não disseste que vinhas ámanhã com o rosario?

Elle tomou-lhe a mão, curvou-se:

— Já se não póde dar um beijo na mão d'uma velha prima? — perguntou, sorrindo.

— Porque não?

Pousou-lhe um beijo na mão, muito longo, com uma pressão dôce.

— Adeus! — disse.

E á porta, erguendo o reposteiro, voltando-se:

— Sabes, que eu, ao subir as escadas, vinha a perguntar a mim mesmo, como se vai isto passar?

— Isto quê? Vêrmo-nos outra vez? Mas, perfeitamente. Que imaginaste tu?

Elle hesitou, sorriu:

— Imaginei que não eras tão boa rapariga. Adeus. Ámanhã, hein?

No fundo da escada accendeu o charuto.

— Que bonita que ella está! — pensou.

E arremessando o phosphoro, com força:

— E eu, pedaço d'asno, que estava quasi decidido a não a vir vêr! Está de appetite! Está muito melhor! E sósinha em casa, aborrecidinha talvez!... Vale immenso a pena!

Ao pé da Patriarchal fez parar um *coupé* vazio,

e estendido, com o chapéo nos joelhos, em quanto a parelha esfalfada trotava:

— E tem-me o ar de ser muito aceada — pensou — cousa rara na terra! As mãos muito bem tratadas! O pé muito bonito!

E lembrando a pequenez do pé, poz-se a fazer por elle o desenho mental d'outras bellezas, despindo-a, querendo adivinhal-a... A amante que deixára em Paris era muito alta e magra, d'uma elegancia de tisica, e quando se decotava viam-se as saliencias das suas primeiras costellas. E as fórmas redondas, cheias, de Luiza, decidiram-no:

— A ella! — exclamou com appetite.

Luiza, quando o sentiu em baixo fechar a porta da rua, entrou no quarto, atirou o chapéo para a *causeuse*, e foi-se logo vêr ao espelho. Que felicidade estar vestida! Se elle a tivesse apanhado em roupão, ou mal penteada!... Achou-se muito afogueada, cobriu-se de pó de arroz. Foi á janella, e com os braços cruzados, poz-se a olhar a rua, o sol que batia ainda nas paredes defronte. Sentia-se cançada. Eram 4 horas, Leopoldina estava a jantar já, de certo. Que havia de fazer até ás 5 horas? Escrever a Jorge... mas veio-lhe uma preguiça, estirou os braços. Estava tanto calor! E depois não tinha que lhe dizer! Começou a despir-se devagar diante do espelho, olhando-se muito, gostando de se vêr branca, acari-

ciando a finura da pelle, com bocejos languidos de um cansaço feliz. — Havia 7 annos que não via o primo Bazilio! Estava mais trigueiro, mais queimado, mas ia-lhe bem.

E depois de jantar ficou junto á janella, estendida na *voltaire*, com um livro esquecido no regaço. O vento cahira, e o ar ainda aquecido, de um azul forte nas alturas, estava immovel; a poeira grossa pousára e a tarde tinha uma transparencia calma de luz; passaros chilreavam na figueira brava; e de uma serralharia proxima sahia o martellar continuo e sonoro de folhas de ferro. Pouco a pouco o azul desbotou, n'uma uniformidade esbranquiçada; por traz das casas fronteiras, laivos de côr de laranja desmaiada, esbateram-se como grandes pinceladas desleixadas. Lentamente tudo se cobriu de uma sombra diffusa, calada e quente, com uma estrellinha muito viva que luzia e tremia. E Luiza deixára-se ficar na *voltaire* estendida, absorvida, sem pedir luz.

E o seu pensamento vagueava. — Que vida interessante a do primo Bazilio! O que elle tinha visto! Se ella podesse tambem fazer as suas malas, partir, vêr aspectos novos e desconhecidos, a neve nos montes, as cascatas reluzentes! Como desejaria vêr os paizes que conhecia dos romances — a Escossia e os seus lagos taciturnos; Veneza e os seus palacios tragicos; as bahias, onde um mar luminoso e faiscante morre na arêa fulva; e das cabanas dos pescadores, de tecto chato, onde vivem as Graziellas, vêr azularem-se ao longe as ilhas de nomes sonoros! E vêr Pa-

ris! Paris sobretudo! Mas, qual! Nunca viajaria de certo; eram pobres; Jorge era caseiro, muito lisboeta! Como seria o patriarcha de Jerusalem? Imaginava-o de longas barbas brancas, recamado d'ouro, entre instrumentações solemnes e rolos de incenso! E a princeza de La Tour d'Auvergne? Devia ser bella, de uma estatura real, vivia cercada de pagens, namorára-se de Bazilio. — A noite escurecia, outras estrellas luziam. — Mas de que servia viajar, enjoar nos paquetes, bocejar nos wagons, e, n'uma diligencia muito sacudida, cabecear de somno pela serra nas madrugadas frias? Não era melhor viver n'um bom conforto, com um marido terno, uma casinha abrigada, colxões macios, uma noite de theatro ás vezes, e um bom almoço nas manhãs claras quando os canarios chalram? Era o que ella tinha. Era bem feliz! E vinha-lhe uma saudade de Jorge, desejava abraçal-o, tel-o alli, ou quando descesse ir encontral-o fumando o seu cachimbo no escriptorio, com o seu jaquetão de velludo. Tinha tudo, elle, para fazer uma mulher feliz e orgulhosa. Era bello, com uns olhos magnificos, e terno, e fiel. Não gostaria de um marido com uma vida sedentaria e caturra: mas a profissão de Jorge era interessante: descia aos poços tenebrosos das minas, tinha um dia aperrado as pistolas contra uma malta revoltada, era valente, tinha talento! Mas, involuntariamente, o primo Bazilio fazendo fluctuar o seu *burnous* branco pelas planicies da Terra Santa; ou em Paris, direito na almofada, governando tranquillamente os seus cavallos inquietos — davam-

lhe a idéa d'uma outra existencia mais poetica, mais propria para os episodios do sentimento.

Do céo estrellado cahia uma luz diffusa: janellas alumiadas sobresahiam ao longe abertas, a noite abafada: vôos de morcegos passavam diante da vidraça. — Mas o que havia de melhor, que viver socegada no seu cantinho, sem agitações, com somninhos tranquillos de oito horas?...

— A senhora não quer luz? — perguntou á porta a voz fatigada de Juliana.

— Ponha-a no quarto.

Desceu. Bocejava muito, sentia-se quebrada.

— É trovoada — pensou.

Foi á sala, sentou-se ao piano, tocou ao acaso bocados da *Lucia*, da *Somnambula*, o *Fado*; e parando, os dedos pousados de leve sobre o teclado, poz-se a pensar que Bazilio devia vir no dia seguinte: poria o roupão novo de *foulard* côr de castanho! Recomeçou o *Fado*, mas os bocejos voltaram, uma indolencia somnolenta amollecia-a.

Foi para o quarto.

Juliana veio trazer o rol e a lamparina. Vinha estremunhada, arrastando as chinellas, um casebeque pelos hombros, encolhida, dobrada, lugubre. Aquella figura morbida, com um ar de enfermaria e de inverno, irritou Luiza:

— Credo, mulher! Vossê parece a imagem da morte!

Juliana não respondeu. Pousou a lamparina; apanhou, placa a placa, sobre a commoda, o dinheiro das

compras; e com os olhos baixos, a bocca franzida:

— A senhora não precisa mais nada?

— Vá-se, mulher, vá!

Juliana foi buscar o candieiro de petroleo, subiu para o seu quarto. Dormia em cima, no sotão, ao pé da cozinheira.

— Pareço-te a imagem da morte! — resmungava ella furiosa.

O quarto era baixo, muito estreito, com o tecto de madeira inclinado; o sol aquecia todo o dia as telhas por cima, fazia-o abafado como um forno; e havia sempre á noite um cheiro requentado de tijolo escandecido. Dormia n'um leito de ferro, sobre um colxão de palha amollentado e cavado, coberto com uma colcha de chita de riscadinhos; da barra da cabeceira pendiam os seus *bentinhos*, e a rêde enxovalhada que punha na cabeça; ao pé ficava a sua grande arca de pau, pintada de azul, com uma grossa fechadura. Sobre uma mesa de pinho havia um espelho com gaveta, a escova de cabello ennegrecida e despellada, um pente d'osso, as garrafas de remedio, uma velha pregadeira de setim amarello, e, embrulhada n'um jornal, a *cuia* de retroz dos domingos. E o unico adorno das paredes sujas, riscadas da cabeça de phosphoros, — era uma lithographia de Nossa Senhora das Dôres por cima da cama, e um daguerreotypo onde se percebia vagamente, no reflexo espelha-

do da lamina, os bigodes encerados e as divisas de um sargento.

— A senhora já se deitou, snr.ª Juliana? — perguntou a cozinheira do quarto pegado.

Da sua porta aberta, uma barra de luz viva cortava a escuridão do corredor estreito.

— Já se deitou, snr.ª Joanna, já.

E depois de uma pausa, com um risinho amargo:

— Está hoje com os azeites. Falta-lhe o homem!

Joanna, ás voltas, fazia ranger as madeiras velhas da cama.

Não podia dormir — dizia — abafava-se, os persevejos ferviam!

— Ai! e aqui! — exclamou Juliana.

Abriu o postigo que dava para os telhados, e, para deixar arejar, calçou as chinellas de tapete, foi ao quarto de Joanna; mas não entrou, ficou á porta; era *criada de dentro,* evitava familiaridades. Tinha tirado a *cuia,* e com um lenço preto e amarello amarrado na cabeça, o seu rosto parecia mais chupado, mais arrepanhado, as orelhas mais despegadas do craneo; a camisa decotada mostrava as claviculas descarnadas e as costellas, que lhe faziam no peito chato saliencias parallelas; a sua magreza doentia tornava quasi visivel o esqueleto; as canellas eram muitissimo brancas, seccas; e com o casebeque pelos hombros, os braços cruzados, coçando devagarinho os cotovêlos agudos:

— Diga-me cá, snr.ª Joanna — disse com a voz

discreta — aquelle sujeito demorou-se muito? Reparou?

— Tinha sahido n'aquelle instantinho, quando vossemecê entrou.

Joanna, muito encalmada, quasi descoberta, com as pernas abertas, que o lençol de estopa enxovalhado desenhava, coçava-se por baixo da grossa camisa com folhos á minhota que lhe descobria os peitos.

Não podia parar com os persevejos — dizia — o raio do quarto tinha ninhos. Era um forno. Tinha até o estomago embrulhado.

Ao pé da cama, n'uma cadeira de pau, um candieiro de petroleo fumegava.

— Ai! é um inferno! — disse chorosamente Juliana. — Eu só adormeço com dia. Mas ainda eu agora reparo...

E affirmava-se.

— Vossemecê tem S. Pedro á cabeceira. É devoção?

— É o santo do meu rapaz — disse a outra, revirando para a imagem os seus grandes olhos negros.

Sentou-se na cama. Ouf! Não se podia com o calor! E tinha estado toda a noite com uma sêde!

Saltou para o chão, com passadas rijas que faziam tremer o soalho, foi ao jarro, pôl-o á bocca, bebeu uma tarraçada. A camisa justa, feita de pouca fazenda, mostrava a forte construcção dos quadris, a animalidade das fórmas.

— Pois eu fui ao medico — disse Juliana.

E com um grande suspiro:

— Ai! isto só Deus, snr.ª Joanna! Isto só Deus!

Mas porque se não resolvia a ir á mulher de virtude? — dizia Joanna — Era a saude certa. Morava ao Poço dos Negros, tinha orações e unguentos para tudo. Levava meia moeda pelo *preparo*.

E sentada na cama, raspando a pelle dura dos braços trigueiros:

— Que isso são humores. O que vossemecê tem, são humores.

Juliana tinha dado dous passos para dentro do quarto. Quando se tratava de doenças, de remedios, tornava-se mais familiar.

— Eu já me tenho lembrado... eu já me tenho lembrado de ir á mulher. Mas, meia moeda!

E ficou a olhar, tristemente.

— É o que eu tenho junto para umas botinas de gaspia — acrescentou.

Eram o seu vicio, as botinas: arruinava-se com ellas: tinha-as de duraque com ponteiras de verniz, de cordovão com laço, de pellica com pespontos de côr... Conservava-as embrulhadas em papeis de sêda, na arca, fechadas — guardadas para os domingos.

Joanna censurava-a:

— Ai! eu, em se tratando do corpo, do interior, que o diabo leve os arrebiques!

Queixava-se tambem: já tinha pedido á senhora um mez adiantado. Estava sem camisas! As duas que

tinha eram uns trapos! Por aquelle gosto: — mostrou a que trazia, esgaçada, a desfazer-se.

— Mas, então!... — suspirou — O meu rapaz precisou um dinheiro...

Juliana disse, com um desdem reprehensivo:

— Vossemecê tambem, snr.ª Joanna, deixa-se cardar pelo homem!

Joanna fitou-a: uma sensação de sensualidade tinha-lhe entumecido o rosto: e batendo com o punho fechado na palha do enxergão:

— Ainda que eu tivesse de roer ossos, snr.ª Juliana, a ultima migalha havia de ser p'ra elle!

Juliana teve um risinho secco, e com a voz arrastada:

— Vale lá a pena!

Mas invejava asperamente a cozinheira pela posse d'aquelle sentimento, pelas delicias que lhe devia dar. Repetiu com um tom contrafeito:

— Vale lá a pena! Perfeito rapaz — continuou — o que veio hoje vêr a senhora! Melhor que o homem!

E depois d'uma pausa:

— Então esteve mais de duas horas?

— Tinha sahido quando vossemecê entrou.

Mas o candieiro apagava-se, com um mau cheiro e uma fumarada negra.

— Boa noite, snr.ª Joanna. Ainda vou rezar a minha corôa.

A cozinheira estirou-se com um movimento brusco, que fez estalar as junturas da barra.

*

— Ó snr.ª Juliana! — disse d'entre os lençoes — Se vossemecê quer rezar tres salvè-rainhas pela saude do meu rapaz que tem estado adoentado, eu cá lhe rezava tres pelas melhoras do peito.

— Pois sim, snr.ª Joanna!

Mas reflectindo:

— Olhe. Eu do peito vou melhor; dê-m'as antes p'ra allivio das dôres de cabeça. A Santa Engracia!

— Como vossemecê quizer, snr.ª Juliana.

— Se faz favor. Boa noite! Fica-lhe ahi um cheiro! Credo!

Foi para o quarto. Rezou, apagou a luz. Mas um calor molle cahia do forro, e começou a faltar-lhe o ar: tornou a abrir o postigo, mas o bafo quente que vinha dos telhados enjoava-a, e era assim todas as noites, desde o começo do estio! Depois as madeiras velhas fervilhavam de bicharia! Nunca, nunca, nas casas que servira ella tinha tido um quarto peor. Nunca!

A cozinheira começou a resonar ao lado. E acordada, ás voltas, com afflicções no coração, sentia a vida pesar-lhe com uma amargura maior!

Tinha nascido em Lisboa. O seu nome era Juliana Couceiro Tavira. Servia havia 20 annos. Sua mãi era engommadeira; e desde pequena tinha conhecido na casa um sujeito, a quem chamavam na visi-

nhança — *o fidalgo*. Sua mãi chamava-lhe o snr. D. Augusto. Vinha todos os dias, de tarde no verão, no inverno de manhã, para a saleta onde sua mãi engommava, e alli estava sentado no poial da janella que dava para um quintalejo, fumando cachimbo e cofiando em silencio um espesso e enorme bigode preto. Como o poial era de pedra, punha-lhe em cima, com muito methodo, uma almofada de vento, que elle mesmo soprava. Era calvo, e trazia ordinariamente uma quinzena de velludo castanho, e chapéo alto branco. Ás seis horas levantava-se, esvaziava a almofada, estava um bocado a esticar as calças para cima, e sahia, com a sua grossa bengala de cana da India debaixo do braço, gingando da cinta. Ella e sua mãi iam então jantar na mesinha de pinho da cozinha debaixo d'um postigo, por diante do qual se balouçava, de verão e d'inverno, um galho magro d'uma arvoresinha triste.

Á noite o snr. D. Augusto voltava; trazia um jornal; sua mãi fazia-lhe o chá e as torradas, servia-o, toda enlevada n'elle. Muitas vezes Juliana a vira chorar de ciumes.

Um dia uma visinha má, a quem ella não queria ajudar a fazer a barrella, enfureceu-se, e atirando-lhe injurias dos degraus da porta, — gritou-lhe que sua mãi era uma desavergonhada, e que seu pai estava na Africa por ter morto o *Rei de Copas!*

Pouco tempo depois foi servir. Sua mãi morreu d'ahi a mezes, com uma doença d'utero. Juliana só uma vez tornou a vêr o snr. D. Augusto, — uma tar-

BIBLIOTECA NACIONAL

de, com uma opa rôxa, lugubre, na procissão de Passos!

Servia havia vinte annos. Como ella dizia, mudava de amos, mas não mudava de sorte. Vinte annos a dormir em cacifros, a levantar-se de madrugada, a comer os restos, a vestir trapos velhos, a soffrer os repellões das crianças, as más palavras das senhoras, a fazer despejos, a ir para o hospital quando vinha a doença, a esfalfar-se quando voltava a saude! Era de mais! Tinha agora dias em que só vêr o balde das aguas sujas e o ferro d'engommar lhe dava volta ao estomago. Nunca se acostumára a servir. Desde rapariga a sua ambição, a sua forte ambição, fôra ter um negociosito, uma tabacaria, uma loja de capellista ou de quinquilherias, dispôr, governar, ser patrôa: mas, apesar d'economias mesquinhas e de calculos sôfregos, o mais que conseguira juntar foram sete moedas ao fim d'annos: tinha então adoecido: mas com o horror do hospital fôra tratar-se para casa d'uma parenta: o dinheiro tinha-se derretido! No dia em que se trocou a ultima libra, chorou horas com a cabeça debaixo da roupa.

Ficou sempre adoentada desde então, e perdeu a esperança de se estabelecer. Teria de servir até ser velha, sempre, d'amo em amo! Aquillo dava-lhe uma desconsolação constante. Começou a azedar-se.

E depois não tinha *geito:* nunca soubera tirar partido das casas: via companheiras divertir-se, visinhar, janellar, bisbilhotar, ir aos domingos ás hortas e aos retiros, levar o dia cantando, e quando as

patrôas iam ao theatro abrir a porta aos derriços — e patuscar pelos quartos! Ella não. Sempre fôra embezerrada. Fazia a sua obrigação, ia estirar-se sobre a cama, comia calada; e aos domingos, quando não sahia, ia encostar-se a uma janella, com o lenço sobre o peitoril para não roçar as mangas, e alli estava immovel, embrutecida, com o seu broche de filigrana e a cuia dos dias santos! Outras companheiras eram muito das amas, faziam-se muito humildes, sabujavam, traziam de fóra as historias da rua, e cartinhas levadas, e recadinhos, e p'ra dentro e p'ra fóra, muito confidentes, — muito presenteadas tambem! Ella não podia. Era *minha senhora isto! minha senhora aquillo*. E cada uma no seu lugar! Era genio!

Desde que servia, apenas entrava n'uma casa sentia logo, n'um relance, uma certa hostilidade geral: a senhora fallava-lhe com seccura, de longe; as crianças tomavam-lhe birra; as outras criadas, se estavam chalrando, calavam-se, mal a sua figura esguia entrava; punham-lhe alcunhas — *a isca sêcca, a fava torrada, o saca-rolhas;* imitavam-lhe os trejeitos nervosos; havia risinhos, cochichos pelos cantos; e só tinha encontrado alguma sympathia n'algum gallego taciturno e cheio d'uma saudade morrinhenta, dos que veem de manhã quando ainda os quartos estão escuros, com as suas grossas passadas, timidas, encher os barris, engraxar o calçado. Lentamente, então, começou a tornar-se desconfiada, cortante como um nordeste; tinha respostadas, questões

com as companheiras; «não se havia de deixar pôr o pé no pescoço!»

As antipathias que a cercavam faziam-na assanhada, como um circulo d'espingardas enraivece um lobo. Fez-se muito má; beliscava crianças até lhe ennodoar a pelle. E se lhe ralhavam, a sua colera rompia em rajadas. Começou a ser despedida. N'um só anno esteve em tres casas. Sahia com escandalo, aos gritos, atirando as portas, deixando as amas todas pallidas, todas nervosas...

A inculcadeira, a sua velha amiga, a tia Victoria, disse-lhe claramente:

— Tu acabas por não ter onde te arrumar, e falta-te o bocado do pão!

O pão! Aquella palavra que é o terror, o sonho, a difficuldade do pobre assustou-a. Reflectiu. Era fina e dominou-se. Começou a fazer-se «uma pobre mulher», com affectações de zelo, um ar de soffrer tudo, os beiços franzidos. Mas roía-se por dentro, os olhos reluziam-lhe. Veio-lhe a inquietação nervosa dos musculos da face, o *tic* de franzir o nariz. A pelle esverdeava-se-lhe de bilis.

A necessidade de se constranger trouxe-lhe o habito d'odiar; odiou sobretudo as patrôas; um odio irracional, bruto, pueril. Tivera-as ricas com palacetes e pobres mulheres d'empregados, velhas e raparigas, colericas e pacientes; — odiava-as a todas, sem differença. É patrôa e basta! Pela mais simples palavra, pelo acto mais trivial! Se as via sentadas: — Anda, refestela-te, que a moura trabalha! Se as

via sahir: — Vai-te, a negra cá fica no buraco! Cada riso d'ellas era uma offensa á sua tristeza doentia; cada vestido novo era uma affronta ao seu velho vestido de merino tingido. Detestava-as na alegria dos filhos e nas prosperidades da casa. Rogava-lhes pragas. E se os amos tinham um dia de contrariedade, ou via as caras tristes, cantarolava todo o dia em voz de falsete a *Carta adorada!* Com que gosto trazia a conta retardada d'um credor impaciente, quando presentia embaraços na casa! «Este papel! — gritava com uma voz estridente — diz que não se vai embora sem uma resposta!» Todos os lutos a deleitavam, — e sob o chale preto, que lhe tinham comprado, tinha palpitações de regosijo. Tinha visto morrer criancinhas, e nem a afflicção das mães a commovera; encolhia os hombros: «Vai d'alli, vai fazer outro. Cabras!»

As boas palavras mesmo, as condescendencias eram perdidas com ella, como gotas d'agua lançadas no fogo. Não differençava as patrôas; resumia-as na mesma palavra — *uma récua!* Detestava as boas pelos vexames que soffrera das más. A ama era para ella o Inimigo, o Tyranno. Tinha visto morrer duas, — e de cada vez sentira, sem saber porquê, um vago allivio como se uma porção do vasto peso, que a suffocava na vida, se tivesse desprendido, evaporado!

Sempre fôra invejosa; e com a idade aquelle sentimento exagerou-se de um modo aspero. Invejava tudo na casa: as sobremesas que os amos co-

miam, a roupa branca que vestiam. As noites de *soirée*, de theatro, exasperavam-na. E quando havia passeios projectados, se chovia de repente, que felicidade! O aspecto das senhoras vestidas e de chapéo, olhando por dentro da vidraça com um tedio infeliz, deliciava-a, fazia-a loquaz:

— Ai minha senhora! É um temporal desfeito! É a cantaros, está para todo o dia!

Era muito curiosa, espreitadeira, escutadora: era facil encontral-a, de repente, cosida por detraz de uma porta com a vassoura a prumo, o olhar aguçado. Qualquer carta que vinha era revirada, cheirada... Remexia subtilmente em todas as gavetas abertas; vasculhava em todos os papeis atirados. Tinha um modo de andar ligeiro e surprehendedor. Examinava as visitas. Andava á busca de um *segredo*, de um *bom segredo!* Se lhe cahia um nas mãos!

Era muito gulosa. Nutria o desejo insatisfeito de comer bem, de petiscos, de sobremesas. Nas casas em que servia ao jantar, o seu olho avermelhado seguia avidamente as porções cortadas á mesa. E qualquer bom appetite que repetia exasperava-a, como uma diminuição da sua parte. De comer sempre os restos ganhára o ar aguado — e o seu cabello tomára tons seccos, côr de rato. Era lambareira e gostava de vinho. Em certos dias comprava uma garrafa de 80 reis e bebia-a só, fechada, sentada, com estalos da lingua, a orla do vestido um pouco erguida, revendo-se no pé.

E nunca tivera um homem, era virgem! Fôra

sempre feia, ninguem a tentára: e, por orgulho, por birra, com receio de uma desfeita, nunca se offerecera, como vira muitas, claramente. O unico homem que a olhára com desejo tinha sido um criado de cavalhariça, atarracado e immundo, de um aspecto facinora: a sua magreza, a sua *cuia*, o seu aspecto domingueiro tinham excitado o bruto. Fitava-a com um ar de *bull-dog*. Causára-lhe horror, — mas uma ligeira vaidade. E o primeiro homem por quem ella tinha sentido, um criado bonito e alourado, rira-se d'ella, pozera-lhe o nome da *isca sêcca!* Não contou mais com os homens, por despeito, por desconfiança de si mesma. As rebelliões da natureza, suffocava-as; eram *fogachos, flatos*. Passavam. Mas, faziam-na mais secca, mais chupada. E a falta d'aquella grande consolação aggravava mais a miseria da sua vida.

Um dia tivera, emfim, uma grande esperança. Tinha ido para o serviço da snr.ª D. Virginia Lemos, uma viuva rica, tia de Jorge, muito doente, quasi a morrer com um catarrho de bexiga. A tia Victoria, a inculcadeira, tinha-lhe dito:

— Tu trata a velha, apaparica-a, que ella o que quer é uma enfermeira que a soffra. É rica, não é nada apegada ao dinheiro, é capaz de te deixar uma independencia!

Durante um anno Juliana, roída de ambição, foi a enfermeira da velha. Que zelos! que mimos! que cuidados!

Virginia era muito rabugenta, e a idéa de morrer enfurecia-a; quanto mais ella ralhava com a sua

voz guttural, mais Juliana se fazia serviçal e prompta. A velha, por fim, estava enternecida: gabava-a ás pessoas que a vinham vêr: chamava-lhe a sua *providencia*. Tinha-a recommendado muito a Jorge.

— Não ha outra! não ha outra! — exclamava.

— Pois apanhaste — dizia-lhe a tia Victoria. — Pelo menos deixa-te o teu conto de reis.

Um conto de reis! Juliana, de noite, em quanto a velha gemia no seu antigo leito de pau santo, via o conto de reis, na claridade morbida que dava a lamparina, reluzir em pilhas de ouro inesgotavel e prodigioso. Que faria com o dinheiro? E, na velha poltrona, á cabeceira da doente, com um cobertor pelos hombros, os olhos dilatados e fixos, sorria vagamente: compraria uma loja de capellista! E vinham-lhe logo lampejos vivos de outras felicidades: um conto de reis era um dote, poderia casar, teria um homem!

Estavam acabadas as canceiras. Ia jantar, emfim, o *seu* jantar! Mandar, emfim, a *sua* criada! A *sua* criada! Via-se a chamal-a, a dizer-lhe, de cima para baixo: — Faça, vá, despeje, sáia! — Tinha contracções no estomago, de alegria. Havia de ser boa ama. Mas que lhe andassem direitas! Desmazelos, más respostas, não havia de soffrer a criadas! E, impellida por aquellas imaginações, excitada, arrastava subtilmente as chinellas pelo quarto, fallando só, em torno do leito d'onde vinha um arquejar debil. — Não, desmazelos, não havia de soffrer! Mantel-as bem, de certo, porque quem trabalha precisa metter p'ra den-

tro! Mas havia de lh'o tirar do corpo. Ah! lá isso, haviam de lhe andar direitas... A velha tinha então um gemido mais afflicto.

— É agora! — pensava ella — Morre!

E o seu olhar ancioso ia logo para a gaveta da velha commoda, onde estava o dinheiro, os papeis. Mas não! a velha queria beber, ou voltar-se...

— Como se sente? — perguntava Juliana, com uma voz piedosa.

— Melhor, Juliana, melhor — murmurava a doente.

Suppunha-se sempre melhor.

— Mas a senhora tem estado desinquieta! — dizia Juliana, despeitada da melhora.

— Não — suspirava — dormi bem!

— Isso não tem dormido... Tenho-a ouvido gemer! Tem estado toda a noite a gemer!

Queria argumentar com ella, convencel-a que estava peor! Convencer-se a si mesma que o allivio era ephemero, que ella ia morrer depressa! E todas as manhãs seguia o dr. Pinto, á porta, com os braços cruzados, dobrada, o aspecto triste:

— Então, snr. doutor, não ha esperança?

— Está por dias!

Queria saber os dias: dous? cinco?

— Sim, snr.ª Juliana — dizia o velho, calçando as suas luvas pretas — uns dias, sete, oito.

— Oito dias!

E como a felicidade se aproximava, já planeava

compras: — tinha d'olho tres pares de botinas que vira na vidraça do Manoel Lourenço!

A velha, emfim, morreu. Nem a mencionava no testamento! Veio-lhe uma febre. Jorge, agradecido pelos cuidados d'ella com a tia Virginia, pagou-lhe um quarto no hospital e prometteu tomal-a para criada de dentro. A que tinha, uma Emilia muito bonita, ia casar.

Quando sahiu do hospital para casa de Jorge, começava a queixar-se mais do coração. Vinha desilludida de tudo, tinha ás vezes vontade de morrer. Ouviam-se todo o dia pela casa os seus *ais*. Luiza achava-a funebre. Quiz despedil-a ao fim de duas semanas. Jorge não consentiu, estava em divida com ella, dizia. Mas Luiza não podia disfarçar a sua antipathia, — e Juliana começou a odial-a. Poz-lhe logo um nome: — a *piorrinha!* E depois, d'ahi a semanas viu vir os estofadores: renovava-se a mobilia da sala! A tia Virginia deixára tres contos de reis a Jorge. E ella, ella que durante um anno fôra a enfermeira, humilde como um cão e fixa como uma sombra, aturando o monstrengo, tinha em paga ido para o hospital, com uma febre, das noitadas, das canceiras! Julgava-se vagamente roubada. Começou a odiar a casa.

Tinha para isso muitas razões de queixa: dormia n'um cubiculo abafado; ao jantar não tinha vinho nem sobremesa; o serviço dos engommados era pesado; Jorge e Luiza tomavam banho todos os dias, e era um trabalhão encher, despejar todas as ma-

nhãs as largas bacias de folha: achava despropositada aquella mania de se pôrem a chafurdar todos os dias que Deus deitava ao mundo: tinha servido vinte annos, e nunca vira semelhante desproposito! A unica vantagem — dizia ella á tia Victoria — era não haver pequenos; tinha horror ás crianças! Além d'isso achava que o bairro era saudavel; e como tinha a cozinheira «na mão», não é verdade? havia aquelle regalo dos caldinhos, de algum prato melhor de vez em quando! Por isso ficava; senão não era ella!

Fazia no entanto o seu serviço, ninguem tinha nada que lhe dizer. O olho aberto sempre e o ouvido á escuta, já se vê! E como perdera a esperança de se estabelecer, não se sujeitava ao rigor de economisar: por isso, ia-se consolando com algumas pinguinhas, de vez em quando; e satisfazia o seu vicio, — trazer o pé catita. O pé era o seu orgulho, o seu cuidado, a sua despeza. Tinha-o bonito, pequenino.

— Como poucos — dizia ella — não vai outro ao Passeio!

E calçava-o, aperreava-o, torturava-o: trazia os vestidos curtos, lançava-o muito para fóra. E a sua alegria era ir aos domingos para o Passeio Publico, e alli, com a orla do vestido erguida, a cara sob o guardasolinho de sêda, estar a tarde inteira na poeira, no calor, immovel, feliz, a mostrar, a expôr o pé!

IV

Pelas tres horas da tarde, Juliana entrou na cozinha, e atirando-se muito cançada para cima de uma cadeira de pau: Não se tinha nas pernas de debilidade! — exclamou. — Desde as duas horas que andava a arrumar a sala! Estava um chiqueiro. O peralta na vespera até deixára cinza de tabaco por cima das mesas! A negra é que as pagava. E que calor! Era de derreter! — A sua pelle amarella luzia com tons oleosos.

— O caldinho ha-de estar prompto, hein! — disse, adocicando a voz. — Tira-mo, snr.ª Joanna, faz favor?

— Vossemecê hoje está com outra cara — notou a cozinheira.

— Ai! sinto-me outra, snr.ª Joanna! Pois olhe que adormeci com dia. Já luzia o dia!

— E eu! — E tinha tido cada sonho! Credo! Uma avantesma côr de fogo a passear-lhe por cima do corpo, e cada pancada na bocca do estomago, como quem pisava uvas n'um lagar!

— Enfartamento — resumiu sentenciosamente Juliana.

E repetiu:

— Pois eu sinto-me outra. Ha mezes que me não sinto tão bem!

Sorria com os seus dentes amarellados. O caldo que Joanna deitava n'uma malga branca, com um vapor cheiroso, cheio de hortaliça, dava-lhe uma alegria gulosa. Estendeu os pés, toda recostada, feliz, na boa sensação que dava a tarde quente e luminosa, entrando largamente pelas duas janellas abertas.

O sol retirára-se da varanda, e sobre a pedra, em vasos de barro, plantas pobres encolhiam a sua folhagem chupada do calor: sobre uma táboa a um canto, n'uma velha panella bojuda, verdejava um pé de salsa muito tratado: o gato dormia sobre um esteirão: esfregões seccavam n'uma corda: e para além alargava-se o azul vivo e faiscante como um metal candente, as arvores dos quintaes tinham tons lustrosos do sol, e á beira dos telhados pardos balançavam-se dôcemente vegetações esguias.

— Está de appetite, snr.ª Joanna, está de appetite! — dizia Juliana.

E remexia o caldo devagarinho com gula. A cozinheira de pé com os braços cruzados sobre o seu peito abundante regosijava-se:

— O que se quer é que esteja a gosto.

— Está a preceito.

Sorriam, contentes da intimidade, das boas palavras. — E a campainha da porta que já tinha tocado, tornou a tilintar discretamente.

Juliana não se mexeu. Bafos de aragem quente entravam: no silencio ouvia-se ferver a panella no fogão, e fóra o martellar incessante da forja: ás vezes o arrulhar triste e curto de duas rolas que viviam na varanda, n'uma gaiola de vime, punha na tarde clara uma sensação de suavidade.

A campainha retilintou, sacudida com impaciencia.

— Com a cabeça, burro! — disse Juliana.

Riram. Joanna fôra sentar-se á janella, n'uma cadeira baixa, e estendendo os seus grossos pés, calçados em chinellas de ourêlo, coçava-se devagarinho no sovaco, muito repousada.

A campainha retiniu violentamente.

— Fóra, besta! — rosnou Juliana tranquillamente.

Mas a voz irritada de Luiza chamou de baixo:

— Juliana!

— Que nem uma pessoa póde tomar a sustancia socegada! Raio de casa! Irra! — exclamou logo ella, batendo violentamente na mesa com o cabo da colher.

— Juliana! — gritou Luiza.

A cozinheira voltou-se, e baixinho, assustada:

— A senhora zanga-se, snr.ª Juliana.

*

— Que a leve o diabo!

Limpou os beiços gordurosos ao avental, desceu furiosa.

— Vossê não ouve, mulher? Estão a bater ha uma hora!

Juliana arregalou os olhos: — Luiza tinha vestido o roupão novo! Era de *foulard* côr de castanho, com pintinhas amarellas. Justo sobre o busto, de mangas estreitas, a cauda comprida, desenhava linhas bonitas, modelava-lhe todo o corpo com uma suavidade de sêda fofa e fresca.

— Temos novidade! Temol-a grossa! — pensou Juliana pelo corredor.

A campainha repicava. E no patamar, vestido de claro, com uma rosa ao peito, um embrulho debaixo do braço, estava o *sujeito do negocio das minas!* Envolveu-o n'um olhar curto, faiscante.

— Aquelle sujeito de hontem! — veio dizer, com uma voz cantada.

— Mande entrar...

— Viva! — pensou.

Os olhos reluziam-lhe. E subindo á cozinha, disse logo da porta, com a voz abafada, dando uma palmada na côxa:

— Está cá o peralta de hontem! Está cá outra vez! Traz um embrulho!

Joanna revirou para ella os seus olhos bogalhudos, de azeviche.

— Que lhe parece, snr.ª Joanna? Que lhe parece?

E cruzava os braços, no meio da cozinha, os beiços arreganhados.

— Visitas... — disse vagamente a cozinheira.

Juliana teve um risinho secco. Sentou-se, acabou o seu caldo, á pressa, excitada.

Joanna cantarolava pela cozinha, e nos intervallos da sua voz aspera sentia-se o arrulhar das rôlas langoroso e debil.

— Pois, senhores, isto vai rico! — disse Juliana.

Esteve um momento a limpar os dentes com a lingua, devagarinho, o olhar dilatado, fixo, reflectindo. Sacudiu o avental, desceu ao quarto de Luiza: o seu olhar esquadrinhador avistou logo sobre o toucador as chaves esquecidas da dispensa: podia subir, beber um trago de bom vinho, engulir dous ladrilhos de marmelada... Mas possuia-a uma curiosidade urgente, e, em bicos de pés, foi agachar-se á porta que dava para a sala, espreitou. O reposteiro estava corrido por dentro: podia apenas sentir a voz grossa e jovial do homem. Foi de volta pelo corredor á outra porta, ao pé da escada; a chave estava na fechadura; collou o ouvido contra a frincha. O reposteiro estava tambem corrido.

— Os diabos calafetaram-se! — pensou.

Pareceu-lhe que se arrastava uma cadeira, depois que se fechava uma vidraça. Os olhos faiscavam-lhe. Uma risada de Luiza sobresahiu: em seguida um silencio: e as vozes recomeçaram n'um tom sereno e continuo. De repente o sujeito ergueu a voz, e entre

as palavras que dizia, de pé de certo, passeando, Juliana ouviu claramente: *Tu, foste tu!*

— Oh que bebada!

Um tlim-tlim timido da campainha assustou-a. Foi abrir. Era Sebastião, vermelho do sol, com as botas cheias de pó.

— Está? — perguntou, limpando a testa suada.

— Está com uma visita, snr. Sebastião!

E cerrando a porta sobre si, mais baixo:

— Um rapaz novo que já cá esteve hontem. Quer que vá dizer?

— Não, não, obrigado, adeus.

Desceu devagarinho, discretamente. E Juliana foi logo encostar-se á porta, toda direita, esguia, a orelha contra a madeira, as mãos atraz das costas: mas a conversação, sem saliencia de vozes, tinha um rumor tranquillo e indistincto. Subiu á cozinha.

— Tratam-se por tu! — exclamou. — Tratam-se por tu, snr.ª Joanna!

E muito excitada, a voz muito aguda:

— Isto vai á vela! Caspitè!

O sujeito sahiu ás cinco horas. Juliana, apenas sentiu abrir-se a porta, veio a correr, viu Luiza no patamar, debruçada no corrimão, dizendo para baixo, com muita intimidade:

— Bem, não falto. Adeus.

Ficou então tomada d'uma curiosidade que a excitava como uma febre. Toda a tarde, na sala de jantar, no quarto, devorava Luiza de lado com olhares relampejados e avidos. Mas Luiza, com um rou-

pão de linho mais velho, parecia muito tranquilla, muito indifferente.

— Que sonsa! — pensou Juliana.

E diante d'aquella naturalidade a sua bisbilhotice despeitava-se como diante d'uma gaveta fechada.

— Eu hei-de-t'apanhar, desavergonhada! — calculava ella.

Pareceu-lhe que Luiza tinha os olhos um pouco pisados! Estudava-lhe as posições, o tom da voz. Quando a viu repetir o assado, disse para si:

— Abriu-lhe o appetite!

E quando ella ao fim do jantar se estendeu na *voltaire* com um ar quebrado:

— Está derreada — pensou.

Luiza quiz café, «meia chavena, mas forte, muito forte.»

— Quer café! — veio ella dizer á cozinheira, toda no ar. — Tudo á grande! E do forte! Quer do forte. Ora o diabo!

Estava furiosa.

— Todas o mesmo! — exclamava com uma voz sibilante. — Uma récua!

Ao outro dia era um domingo. Logo pela manhã cedo, quando Juliana ia para a missa, Luiza chamou-a ainda em camisa: da porta do quarto, deu-lhe uma carta para levar a D. Felicidade. Ordinariamente mandava um recado; — e a curiosidade de Juliana

accendeu-se logo diante d'aquelle sobrescripto fechado e lacrado com o sinete de Luiza, um L gothico dentro d'uma corôa de rosas. «Tinha resposta?» «Tinha.»

E quando voltou ás dez horas, Luiza quiz saber se havia muito calor, se fazia poeira. Sobre a mesa estava um chapéo de palha escuro, que ella estivera a enfeitar com duas rosas de musgo.

«Fazia um bocadinho de vento, mas p'ra a tarde abrandava, de certo.» E pensou logo:

— Temos passeata, vai ter com o gajo!

Mas durante todo o dia, Luiza em roupão não sahiu do seu quarto ou da sala, ora estendida na *causeuse* lendo aos bocados, ora batendo distrahidamente no piano pedaços de valsas. Jantou ás 4 horas. A cozinheira sahiu logo; e Juliana pôz-se a passar a sua tarde como costumava todos os domingos, á janella da sala de jantar. Tinha o vestido novo, as saias muito rijas de gomma, a cuia dos dias santos — e pousava solemnemente os cotovêlos n'um lenço, estendido sobre o peitoril da varanda. Defronte os passaros chilreavam na figueira brava, e, dos dous lados do tabique que cercava o terreno de construcção, agachavam-se os tectos escuros das duas ruasitas parallelas: eram casas pobres onde viviam mulheres, que pela tarde, em chambre ou de garibaldi, os cabellos muito oleosos, faziam meia á janella, fallando aos homens ou cantarolando com um tedio triste. Do outro lado do terreno, verduras de quintaes, um muro branco davam áquelle sitio um ar ador-

mecido de villa pacata. Quasi ninguem passava. Havia um silencio fatigado; e só ás vezes o som distante d'um realejo, que tocava a *Norma* ou a *Lucia*, punha uma melancolia vaga na tarde. — E Juliana alli estava immovel, até que os tons quentes da tarde empalledeciam e os morcegos começavam a voar.

Pelas oito horas entrou no quarto de Luiza — e ficou pasmada de a vêr vestida toda de preto, de chapéo! Ella mesmo tinha accendido as serpentinas na parede, os castiçaes no toucador; e sentada á beira da *causeuse* calçava as luvas devagar, com uma physionomia séria, um pouco esbatida de pó d'arroz, onde o olhar, que parecia mais escuro, tinha um brilho impaciente.

— O vento abrandou? — disse.

— Está a noite muito bonita, minha senhora.

E um pouco antes das nove horas uma carruagem parou á porta. Era D. Felicidade. Entrou muito excitada, contando que por causa d'uma bomba, por pouco que não se espantam os cavallos! E que calor! Abafára todo o dia! E á noite nem uma aragem. Até tinha mandado buscar uma carruagem descoberta, que n'um coupé, credo, morria-se!

Juliana pelo quarto sacudia, dobrava, fechava, toda curiosa, o olho luzidio, á escuta. Mas D. Felicidade, amplamente sentada, de chapéo, tagarellava sem fim: repetia com miudeza o caso da bomba; contava a indigestão que tivera na vespera com umas bajes; e a cozinheira que a tinha querido « co-

mer» em quatro vintens; e uma visita que lhe fizera a condessa de Arruella...

Foi ao espelho pôr pós d'arroz no pescoço, «que se lhe estava a pegar o collar, do suor...»

Emfim, Luiza, disse, baixinho:

— Vamos, filha. Faz-se tarde.

Juliana foi-lhes alumiar. Estava furiosa. Onde iriam ellas? Nem uma palavra tinham dito! Era indecente! Olha o proposito, irem duas mulheres sós por ahi fóra, n'uma tipoia! E se uma criada então se demorava na rua mais meia hora, credo, que alarido! Que duas bebadas!

Foi á cozinha: queria tagarellar com Joanna, cortar na pelle, rirem ambas... Mas Joanna, espapada n'uma cadeira, declarou com grandes bocejos «que nem sentia as pernas».

Tinha ido com o seu Pedro ao Alto de S. João. E toda a tarde passearam no cemiterio, muito juntos, por entre as ruas tumulares, admirando os jazigos, soletrando os epitaphios, beijocando-se nos recantos que os chorões escureciam, e regalando-se do ar largo das relvas abundantes. Tinham vindo por casa da Serena passar uma hora n'uma cama com cortinados. Depois entraram a bebericar um quartilho na casa do Espregueira. Fóra uma tarde cheia; e estava derreada da soalheira, do pó, da admiração de tanto tumulo rico, do homem e da pinguita de vinho.

— Estou como uma salada — repetiu. — E o que ia, era refastelar-se para a cama!

Juliana escarnecia-a:

— Credo, está-se a fazer uma dorminhôca! Olha que mulher! Com pouco arrêa!

Estava exasperada por ficar só. N'aquella noite calida de verão, em que todos sahiam a arejar, a lembrança do seu cubiculo abafado no sotão davalhe enjôos.

Desceu ao quarto de Luiza, apagou as luzes, abriu as janellas. O ar pesava, escuro, quente e immovel. Arrastou a poltrona para a varanda, — e repimpada, os braços cruzados, pôz-se a passar a noite.

O estanco ainda não se fechára, e a sua luzita lugubre como a estanqueira, estendia-se tristemente sobre a pedra miuda da rua; as janellas ao pé estavam abertas; por algumas, mal alumiadas, viam-se dentro serões melancolicos; n'outras, onde havia vultos immoveis, luzia ás vezes a ponta d'um cigarro; aqui, além tossia-se; e o moço do padeiro, no silencio, harpejava baixinho a guitarra.

O vestido de Juliana era claro; e dous sujeitos que estavam á porta do estanco erguiam de vez em quando os olhos para a janella, onde destacava aquella figura alva de mulher. Juliana deleitava-se! Tomavam-na de certo pela senhora, pela do Engenheiro; faziam-lhe «olho», desejavam-na, diziam brejeirices... Um tinha calça branca e chapéo alto.

— São janotas — pensou, satisfeita.

E com os pés muito estendidos, os braços cruzados, inchada, saboreava, longamente, aquella consideração.

Passos fortes que subiram a rua, pararam á porta; a campainha retiniu de leve.

Juliana debruçou-se na varanda, e muito impaciente, toda espremida:

— Quem é?

— Está? — disse a voz grossa de Sebastião.

— Sahiu com a snr.ª D. Felicidade, foram de carruagem.

— Ah! — fez elle.

E acrescentou:

— Muita bonita noite!

— D'appetite, snr. Sebastião! d'appetite! — exclamou alto.

E quando o viu descer a rua, gritou muito affectadamente:

— Recados a Joanna! Não se esqueça! — mostrando-se intima, senhora, toda revirada para os homens.

Áquella hora D. Felicidade e Luiza chegavam ao Passeio.

Era beneficio, — e já de fóra se sentia o *brouhaha* lento e monotono; e via-se uma nevoa alta de poeira, amarellada e luminosa.

Entraram. E logo ao pé do tanque encontraram Bazilio. Fez-se muito surprehendido, exclamou:

— Que feliz acaso!

Luiza corou, apresentou-o a D. Felicidade.

A excellente senhora teve muitos sorrisos, um requebro de cintura; lembrava-se d'elle, mas se não lhe dissessem talvez o não conhecesse! Estava muito mudado!

— Os trabalhos, minha senhora — disse elle curvando-se.

E acrescentou rindo, batendo com a bengala na pedra do tanque:

— E a velhice! Sobretudo a velhice!

Na agua escura e suja as luzes do gaz torciam-se até uma grande profundidade. As folhagens em redor estavam immoveis, com tons d'um verde livido e artificial. Entre os dous longos renques parallelos d'arvores mesquinhas, entremeadas de candieiros de gaz, apertava-se, n'um empoeiramento de macadam, uma multidão compacta e escura; e através do rumor grosso, as saliencias metallicas da musica faziam passar no ar pesado compassos vivos de valsa.

Tinham ficado parados, conversando.

— Que calor, hein? — Mas a noite estava linda! Nem uma aragem! que enchente!

E olhavam a gente que entrava: moços muito frisados, com calças côr de flôr d'alecrim, fumando ceremoniosamente os charutos do dia santo; um aspirante com a cinta espartilhada e o peito enchumaçado, acompanhando duas meninas de cabello riçado e de movimentos gingados que lhe desenhavam os ossos das omoplatas sob a fazenda leve do vestido atabalhoado; um ecclesiastico côr de cidra, o ar

molle, o cigarro na bocca, e lunetas defumadas que reluziam; dous collegiaes bamboleando-se com um gingar vicioso; o triste Xavier, poeta; um rapaz de jaquetão e bengalão, afadistado, o chapéo na nuca e o olhar acceso com uma ponta de vinho: e Bazilio ria muito de dous pequenos que o pai conduzia com um ar hilare e compenetrado — vestidos d'azul claro, a cinta ligada n'uma facha escarlate, barretinas de lanceiro, botas á hungara, o andar somnambulo.

Mas um sujeito alto passou rente d'elles, e voltando-se, revirou para Luiza uns grandes olhos langorosos e prateados: era d'uma pallidez baça e oleosa; tinha uma pera longa e aguçada; trazia o collete decotado, e fumava por uma boquilha enorme que representava um zuavo.

Luiza então quiz-se sentar.

Um garoto de blusa, sujo como um esfregão, correu a arranjar cadeiras, e acommodaram-se ao pé d'uma familia — mãi, pai, tres meninas, sentados n'uma immobilidade molle e olhando com uma desconsolação taciturna.

— Que tinha elle feito? — perguntou Luiza.

Tinha ido aos touros.

— E que tal? Gostaste?

— Uma semsaboria — declarou. — Se não fosse pelo trambolhão do Peixinho tinha-se morrido de pasmaceira. O gado fraco, os cavallèiros infelizes, nenhuma sorte. Touros em Hespanha! Isso sim!

D. Felicidade protestou. Credo! Que nem disses-se semelhante cousa! Que horror! Tinha-os visto em

Badajoz, quando estivera de visita em Elvas á tia Francisca de Noronha, e ia desmaiando. O sangue, as tripas dos cavallos... Credo! Pouh!

Fazia um gesto de repulsão enjoada.

Bazilio disse, com um sorriso:

— Que faria se visse os combates de gallos, minha senhora!

D. Felicidade tinha ouvido contar, — mas achava todos esses divertimentos barbaros e contra a religião.

E com a recordação d'um gozo que lhe punha um riso na face gorda:

— P'ra mim não ha nada como uma boa noite de theatro! Nada!

— Mas representam tão mal! — replicou Bazilio com uma voz desolada. — Tão mal, minha rica senhora!

D. Felicidade não respondeu; meia erguida na cadeira, o olhar avivado d'um brilho humido, saudava desesperadamente com a mão:

— Não me viu — disse desconsolada.

— Era o conselheiro? — perguntou Luiza.

— Não. Era a condessa d'Alviella. Não me viu! Vai muito á Encarnação, sou muito d'ella. É um anjo! Não me viu. Ia com o sogro.

Bazilio não tirava os olhos de Luiza. Sob o véo branco, á luz falsa do gaz, no ar ennevoado da poeira, o seu rosto tinha uma fórma alva e suave, onde os olhos que a noite escurecia punham uma expressão apaixonada; os cabellinhos louros, frisados, tor-

nando a testa mais pequena, davam-lhe uma graça ameninada e amorosa; e as luvas *gris-perle* faziam destacar sobre o vestido negro o desenho elegante das mãos, que ella pousára no regaço, sustentando o leque, com uma fofa renda branca em torno dos seus pulsos finos.

— E tu que fizeste hoje? — perguntou-lhe Bazilio.

Tinha-se aborrecido muito. Estivera só todo o santo dia.

Elle tambem passára a manhã deitado no sophá a lêr a *Mulher de fogo* de Belot. Tinha lido, ella?

— Não, que é?

— É um romance, uma novidade.

E acrescentou sorrindo:

— Talvez um pouco picante; não t'o aconselho!

D. Felicidade andava a lêr o *Rocambole*. Tanto lh'o tinham apregoado! Mas era uma tal trapalhada! Embrulhava-se, esquecia-se... E ia deixar, porque tinha percebido que a leitura lhe augmentava a indigestão.

— Soffre? — perguntou Bazilio, com um interesse bem educado.

D. Felicidade contou logo a sua dyspepsia. Bazilio aconselhou-lhe o uso do gelo. — De resto felicitava-a, porque as doenças d'estomago, ultimamente, tinham muito *chic*. Interessou-se pela d'ella, pediu pormenores.

D. Felicidade prodigalisou-os, e fallando via-se-lhe crescer no olhar vivo, no tom ameigado da voz

a sua sympathia por Bazilio. Havia de usar o gelo!

— Com o vinho, já se sabe?

— Com o vinho.

— E olha que talvez! — exclamou D. Felicidade, batendo com o leque no braço de Luiza, alvoroçada, já esperançada.

Luiza sorriu, ia responder — mas viu o sujeito pallido da pera longa que fitava n'ella os seus olhos langorosos, com uma obstinação morbida. Voltou o rosto e o sujeito afastou-se pausadamente, retorcendo a ponta da pera.

Luiza fallava pouco; o movimento rumoroso e monotono, a noite calida, o calor da accumulação da gente, a sensação de verdura em redor davam ao seu corpo de mulher caseira um torpor agradavel, um bem estar d'inercia, envolviam-na n'uma doçura emolliente de banho morno. Olhava com um vago sorriso, o olhar frouxo; quasi tinha preguiça de mexer as mãos, d'abrir o leque.

Bazilio notou o seu silencio. — Tinha somno?

D. Felicidade sorriu com finura.

— Ora, vê-se sem o seu marido! Desde que o não tem está esta mona que se vê.

Luiza respondeu, olhando Bazilio instinctivamente.

— Que tolice! Até estes dias tinha andado bem alegre!

Mas D. Felicidade insistia:

— Ora, bem sabemos, bem sabemos. Esse coraçãosinho está no Alemtejo!

Luiza disse com uma impacienciasinha na voz:

— Não has-de querer que me ponha aos pulos e ás gargalhadas no Passeio.

A sua mão tinha dado ao leque um movimento brusco.

— Está bem, não te enfureças! — exclamou D. Felicidade.

E para Bazilio, abrindo os braços:

— Que geniosinho, hein!

Bazilio pôz-se a rir.

— A prima Luiza antigamente tinha um genio terrivel. Agora não sei...

D. Felicidade acudiu:

— É uma pomba, coitada, é uma pomba! Não, lá isso, é uma pomba.

E cobria-a com um olhar maternal.

Mas a familia taciturna ergueu-se sem ruido, com um ar somnambulo, — e as meninas adiante, os paes atraz, afastaram-se devagar, acabrunhados.

Bazilio immediatamente tomou uma cadeira ao pé de Luiza — e vendo D. Felicidade a olhar distrahida:

— Estive para te ir vêr de manhã — disse baixinho, em confidencia.

Luiza ergueu a voz, e muito naturalmente, com indifferença:

— E porque não foste? Tinhamos feito musica. Fizeste mal.

Bazilio não respondeu, poz-se a torcer o bigode. E D. Felicidade quiz saber as horas. Começava a impacientar-se. Tinha esperado encontrar o conselhei-

ro: por elle, para lhe parecer bem, fizera o sacrificio de se apertar; Accacio não vinha e os gazes começavam a affrontal-a; e o despeito d'aquella ausencia augmentava-lhe mais a tortura da digestão. E na sua cadeira, com o olhar álerta, perfurante, sondava a multidão que girava incessantemente, com um rumor de vozes monotonas, um ciciar pesado de *ss*, um andar raspado no macadam, fazendo poeira, exhalando tristeza!

Mas a musica, no coreto, bateu de repente, alto, a grande ruido de cobres, os primeiros compassos impulsivos da marcha do *Fausto*. Aquillo reanimou-a. Era um *pot-pourri* da opera, e não havia musica de que gostasse mais, dizia. Estaria para a abertura de S. Carlos, o snr. Bazilio?

Bazilio disse, com uma intenção, voltando-se um pouco para Luiza:

— Não sei, minha senhora, depende...

Luiza olhava, calada, immovel. A multidão crescera. Nas ruas lateraes mais espaçosas, frescas, sem bicos de gaz, passeavam apenas, sob a penumbra das arvores, os acanhados, as pessoas de lucto, os que tinham o fato coçado. E toda a burguezia endomingada se vinha amontoar na rua do meio, entalar-se no corredor formado pelas filas cerradas das cadeiras do asylo: e alli se moviam, com a lentidão espessa de uma massa mal derretida, arrastando os pés, apinhados n'um amarfanhamento plebeu, a garganta secca, os braços molles, a palavra rara: e iam, vinham, incessantemente, para cima e para baixo,

com um bamboleamento relaxado e um rumor grosso, sem alegria e sem expansão, no arrebanhamento passivo que agrada ás raças mandrionas: no meio da abundancia das luzes e dos metaes festivos da musica, um tedio morno circulava, penetrava como uma nevoa: a poeirada fina envolvia as figuras, dava-lhes um tom neutro e apagado: e nos rostos que passavam sob os candieiros, nas zonas mais directas de luz, viam-se a desconsolação da fadiga e o aborrecimento de dia santo.

Luiza seguia machinalmente aquelle vai-vem de chapéos altos, onde ás vezes destacava a barretina de um alferes ou o penteado alto de uma hespanhola. Defronte as casas da rua Occidental tinham na sua fachada o reflexo claro das luzes do Passeio: algumas janellas estavam abertas; as cortinas de fazenda escura destacavam sobre a claridade interior dos candieiros. Luiza sentia como uma saudade de outras noites de verão, de serões recolhidos. Onde? Não se lembrava. O movimento retrahia-a; e encontrava em face, fitando-a n'uma attitude lugubre, o sujeito da pera longa; seguia a valsa do *Fausto* nos seus agudos fornecidos pelos flautins da banda; e debaixo do véo sentia a poeira arder-lhe nos olhos. Em redor d'ella gente bocejava.

D. Felicidade propoz uma volta. Levantaram-se, e foram rompendo devagar; as filas das cadeiras apertavam-se compactamente, e uma infinidade de faces a que a luz do gaz dava o mesmo tom levemente amarellado olhavam de um modo fixo, n'um

esquecimento de pasmaceira. Aquelle aspecto irritou Bazilio, e como era difficil andar lembrou «que se fossem d'aquella semsaboria».

Sahiram. E em quanto elle ia comprar os bilhetes, D. Felicidade, deixando-se quasi cahir n'um banco sob a folhagem d'um chorão, disse afflicta:

— Ai filha! Estou que arrebento!

Passava a mão no estomago, tinha a face envelhecida.

— E o conselheiro, que me dizes? Olha que já é pouca sorte! Hoje que eu vim ao Passeio...

Suspirou, abanando-se. E com o seu sorriso bondoso:

— É muito sympathico, teu primo! E que maneiras! Um verdadeiro fidalgo. Que elles conhecem-se, filha!

Declarou-se muito fatigada, apenas sahiram o portão. «Era melhor tomarem um trem».

Bazilio achava preferivel subirem a pé até ao largo do Loreto. A noite estava tão agradavel! E o andar fazia bem á snr.ª D. Felicidade! Gente recolhia; e pelos passeios movia-se uma continuação de vultos escuros, com o arrastar preguiçoso de corpos derreados.

Diante do Martinho, Bazilio fallou em irem tomar neve; mas D. Felicidade receava a frialdade, Luiza tinha vergonha. Pelas portas do café abertas, viam-se as mesas desertas, jornaes enxovalhados que arrastavam; e no passeio garotos procuravam, apanhavam sofregamente as pontas muito fumadas de charutos.

No Rocio, sob as arvores, passeava-se: nos bancos, gente immovel parecia dormitar; aqui e além pontas de cigarro reluziam; sujeitos passavam, com o chapéo na mão, abanando-se, o collete desabotoado; a cada canto se apregoava agua fresca «do Arsenal»; mulheres com um lenço de sêda sobre o penteado muito alto atravessavam, arrastando largas saias brancas, muito compridas, sonoras de gomma; em torno do largo, carruagens descobertas rodavam vagarosamente. O céo abafava, — e na noite escura, a columna da estatua de D. Pedro tinha o tom baço e pallido de uma vela de estearina colossal!

Bazilio, ao pé de Luiza, ia calado. Que horror de cidade! — pensava — Que tristeza! que sêcca! E lembrava-lhe Paris do verão: subia, á noite, no seu phaeton, os Campos Elysios devagar: centenares de victorias descem, sobem rapidamente, com um trote discreto e alegre: as lanternas das carruagens fazem em toda a avenida um movimento jovial de pontos de luz: vultos brancos e mimosos de mulheres reclinam-se nas almofadas, balançadas nas molas macias; o ar tem uma doçura avelludada e quente: os castanheiros espalham um aroma subtil. E dos dous lados, d'entre os arvoredos, sahem as claridades violentas dos cafés cantantes, cheios do *brohaha* das multidões alegres e dos *brios* impulsivos das orchestras; os restaurantes flammejam, sentem-se risadas; ha uma intensidade de vida amorosa e feliz; e para além sahe das janellas dos palacetes, através das stores de sêda, a luz sobria e velada das exis-

tencias ricas. Ah! se lá estivesse! — Mas ao passar pelas claridades dos candieiros olhava de lado para Luiza: o seu perfil fino sob o véo branco tinha uma doçura; o vestido prendia bem a curva do seu peito; e havia no seu andar uma lassidão ondeada, que lhe quebrava a linha da cinta de um modo languido e promettedor.

Veio-lhe uma certa idéa, e começou a dizer: Que pena que não houvesse em toda a Lisboa um restaurante, onde se podesse ir tomar uma aza de perdiz e beber uma garrafa de *champagne frappée!*

Luiza não respondeu. — Devia ser delicioso — pensava. — Mas D. Felicidade exclamou:

— Perdiz, a esta hora!

— Perdiz ou outra qualquer cousa.

— Fosse o que fosse era para estourar! Credo!

Subiam pela rua Nova do Carmo. Os candieiros davam uma luz escassa: as altas casas dos dous lados, apagadas, de um tom pardo, entalavam, carregavam a sombra; e a patrulha muito armada, soturna, descia passo a passo, sem ruido, sinistra e subtil.

Ao Chiado um garoto de barrete azul perseguiu-os com cautelas de loteria; a sua voz aguda e chorosa promettia a fortuna, muitos contos de reis. D. Felicidade ainda parou, tinha uma tentação... Mas uma troça de rapazes bebados vinha-se aproximando de chapéo na nuca, com gestos altos e grandes tropeções, provocando audazmente em redor. Luiza encolheu-se contra Bazilio, D. Felicidade enfiada

tinha-lhe agarrado anciosamente o braço. A troça passou n'um berreiro. D. Felicidade quiz-se metter logo na carruagem; e até ao Loreto foi explicando o seu medo aos borrachos, com a voz atarantada, contando casos, facadas, sem largar o braço de Bazilio. Pararam. E logo da fileira ao lado das grades da praça de Camões, um cocheiro lançou a sua caleche descoberta, dê pé na almofada, apanhando confusamente as rédeas, com grandes chicotadas na parelha, excitado e gritando:

— Prompto, meu amo, prompto!

Demoraram-se um momento conversando. Um homem passou, voltou-se, rondou, — e Luiza reconheceu os olhos acarneirados do sujeito da pera.

Entraram para a caleche. Luiza ainda se voltou para vêr Bazilio immovel no largo, com o seu chapéo na mão. Depois accommodou-se, pôz os pésinhos no outro assento e balançada pelo trote largo viu passar, calada, as casas apagadas da rua de S. Roque, as arvores de S. Pedro de Alcantara, as fachadas estreitas do Moinho de Vento, os jardins adormecidos da Patriarchal. A noite estava immovel, de um calor molle: e desejava sem saber porque rolar assim sempre, infinitamente, entre ruas ou por uma estrada longa entre as grades cheias de folhagem de quintas nobres, e ir sem destino, balançada nas molas e sem cuidados, para alguma cousa de feliz que não distinguia bem. Um grupo passou defronte da Escóla tocando o *Fado do Vimioso;* e aquelles sons entraram-lhe na alma como um vento dôce, que fa-

zia agitar brandamente muitas sensibilidades passadas. Suspirou baixo.

— Um suspirosinho que vai para o Alemtejo — disse D. Felicidade, tocando-lhe o braço.

Luiza sentiu todo o sangue abrazar-lhe o rosto. Davam onze horas quando entrou em casa.

Juliana veio alumiar. O chá estava prompto, quando a senhora quizesse...

Subiu d'ahi a pouco com um largo roupão branco, muito fatigada, encalmada, estendeu-se na *voltaire;* sentia vir-lhe uma somnolencia, a cabeça pendia-lhe, cerrava as palpebras; e Juliana tardava tanto com o chá! Chamou-a. «Onde estava? credo!»

Tinha descido, pé ante pé, ao quarto de Luiza. E tomando o vestido, as saias engommadas que ella despira e atirára para cima da *causeuse,* desdobrou-as, revirou-as, examinou-as, e com uma certa idéa, cheirou-as! Havia o vago aroma de um corpo lavado e quente, com uma pontinha de suor e de agua de colonia. E quando a sentiu chamar, impacientar-se em cima, subiu correndo. — Era o chá? Estava prompto...

E trazendo as torradas:

— Veio ahi o snr. Sebastião haviam de ser nove horas...

— Que lhe disse?

— Que a senhora tinha sahido com a snr.ª D. Felicidade. Como não sabia, não disse para onde.

E acrescentou:

— Esteve a conversar commigo, o snr. Sebastião... Esteve a conversar mais de meia hora!...

Luiza recebeu, na manhã seguinte, um ramo de rosas da parte de Sebastião, de um vermelho magenta-escuro, grandes, formosas. Cultivava-as elle na quinta de Almada, e chamavam-se rosas *D. Sebastião*. Mandou-as pôr nos vasos da sala, e como o dia estava encoberto, de um calor baixo e abafado:

— Olhe — disse a Juliana — abra as janellas.

— Bem — pensou Juliana — temos cá o melro.

O *melro* veio com effeito ás tres horas. Luiza estava na sala, ao piano.

— Está alli aquelle sujeito — foi dizer Juliana, muito sêcca, quasi reprehensiva.

Luiza voltou-se um pouca corada, fitou-a:

— Ah! meu primo Bazilio? Mande entrar.

E chamando-a:

— Ouça, se vier o snr. Sebastião, ou alguem, que entre.

Era o primo! O *sujeito*, as suas visitas perderam de repente para ella todo o interesse morbido. A sua malicia cheia, enfunada até ahi, cahiu, engelhou-se como uma vela a que falta o vento. Ora, adeus! Era o primo!

Subiu á cozinha, — devagar, lograda.

— Temos grande novidade, snr.ª Joanna! O tal peralta é primo. Diz que é o primo Bazilio.

E com um risinho:

— É o Bazilio! Ora o Bazilio! Sahe-nos primo á ultima hora! O diabo tem graça!

— Então que havia de o homem ser senão parente? — observou Joanna.

Juliana não respondeu. Quiz saber se estava o ferro prompto, que tinha uma carga de roupa para passar! E sentou-se á janella, esperando. O céo baixo e pardo pesava, carregado de electricidade e de chuva; ás vezes uma aragem subita e fina punha nas folhagens um arrepio tremulo.

— É o primo! — reflectia ella. — E só vem então quando o marido se vai. Boa! E fica-se toda no ar quando elle sahe, e é roupa branca e mais roupa branca, e roupão novo, e tipoia para o passeio, e suspiros e olheiras!... Boa bebada! Tudo fica na familia!

Os olhos luziam-lhe com uma alegria maligna. E o ferro, estava prompto?

Mas a campainha, em baixo, tocou.

— Boa! isto agora é um fadario! Estamos na casa do despacho!

Desceu, e exclamou logo, vendo Julião com um livro debaixo do braço:

— Faz favor d'entrar, snr. Julião. A senhora está com o primo, mas diz que mandasse entrar.

Abriu a porta da sala bruscamente, radiosa d'interromper.

— Está aqui o snr. Julião — disse com uma voz aguda.

Luiza apresentou os dous homens.

Bazilio ergueu-se do sophá languidamente, e, n'um relance, percorreu Julião desde a cabelleira desleixada até ás botas mal engraxadas, com um olhar quasi horrorisado.

— Que pulha! — pensou.

Luiza, muito fina, percebeu, córou, envergonhada de Julião.

Aquelle homem de collarinho enxovalhado e com um velho casaco de pano preto mal feito — que idéa daria a Bazilio das relações, dos amigos da casa! Via já o seu *chic* diminuido. E instinctivamente, por uma vaidadesinha, a sua physionomia tornou-se muito reservada, sêcca, — como se aquella visita a surprehendesse e aquella *toilette* a indignasse.

Julião, sentindo vagamente o constrangimento, disse, um pouco embaraçado, fincando a luneta:

— Passei por aqui por acaso, entrei a saber se ha algumas noticias de Jorge...

— Obrigada. Sim, tem escripto. Está bem.

Bazilio, recostado no sophá, como um parente intimo, examinava a sua meia de sêda bordada de estrellinhas escarlates, e cofiava indolentemente o bigode arrebitando um pouco o dedo minimo, — onde brilhavam, em dous grossos anneis d'ouro, uma saphira e um rubi.

A affectação da attitude, o reluzir das joias irritaram Julião.

Quiz mostrar tambem a sua intimidade, disse:

— Eu não tenho vindo fazer-lhe um bocado de companhia porque tenho estado muito occupado.

Luiza, corando, murmurou:

— Obrigada.

Mas quiz desauthorisar logo aquella familiaridade, e acrescentou, dando pancadinhas nas pregas do vestido:

— Eu tambem não me tenho achado bem. Não tenho recebido ninguem, a não ser meu primo, naturalmente.

Julião sentiu-se vagamente renegado: — e surprehendido, embatucado, ficou a balançar a perna, vermelho, com o livro sobre o joelho; e como a calça era curta, via-se o elastico esfiado das botas velhas.

Houve então um silencio difficil.

— Bonitas rosas! — disse Bazilio, preguiçosamente.

— Muito bonitas! — respondeu Luiza.

Mas estava agora compadecida de Julião, sorriu-lhe, procurava uma palavra; disse emfim muito precipitadamente:

— E que calor! É de morrer! Tem havido muitas doenças?

— Colerinas — respondeu Julião. — Por causa das frutas. Doenças de ventre.

Luiza baixou os olhos, e Bazilio immediatamente começou a fallar da viscondessinha d'Azeias: tinha-a achado acabada; e que era feito da irmã, da grande?

Aquella conversação sobre fidalgas que elle não conhecia isolava Julião plebeiamente. Sentia o suor

humedecer-lhe o pescoço, e machinalmente abria e fechava o seu grosso livro de capa amarella.

— É algum romance? — perguntou-lhe Luiza.

Elle teve um tom pedagogo:

— Não. É o tratado do dr. Lee sobre doenças d'utero.

Luiza fez-se vermelha. E Bazilio, depois de sorrir, perguntou-lhe por uma certa D. Raphaela Grijó, que costumava ir á rua da Magdalena, que usava luneta, que tinha um cunhado gago...

— Morreu-lhe o marido. Casou com o cunhado.

— Com o gago?

— Sim. Tem um filhito d'elle, gago tambem.

— Que conversação, em familia! E a D. Eugenia, a de Braga?

Julião, exasperado, ergueu-se, e com a voz que vinha da garganta secca:

— Estou com pressa, não me posso demorar. Quando escrever a Jorge, os meus recados, hein?

Abaixou bruscamente a cabeça a Bazilio. Mas não achava o chapéo, tinha rolado para debaixo d'uma cadeira. Embrulhou-se no reposteiro, topou violentamente contra a porta fechada, e sahiu emfim furioso, desejando vingar-se, odiando Luiza, Jorge, o luxo, a vida, — e cheio agora das ironias, dos ditos, das réplicas «com que os devia ter achatado, o asno e a tola!...»

Mas apenas elle tinha fechado a cancella, Bazilio ergueu-se, e cruzando os braços:

— Quem é este pulha? — exclamou.

Luiza córou muito, balbuciou:

— É um rapaz medico...

— Mas é uma creatura impossivel, é uma especie d'estudante!

Luiza, atarantada, disse:

— Coitado, não tem muitos meios.

Mas não era necessario ter meios para escovar o casaco e limpar a caspa! Não devia receber semelhante homem. Envergonha uma casa. Se seu marido gostava d'elle que o recebesse no escriptorio!

Passeava pela sala, excitado, com as mãos nos bolsos, fazendo tilintar o dinheiro e as chaves.

— São frescos os amigos da casa!... — continuou. — Que diabo! tu não foste educada assim. Nunca tiveste gente d'este genero na rua da Magdalena.

Não tivera: e pareceu-lhe que as ligações do casamento lhe tinham trazido um pouco o plebeismo das convivencias. Mas um respeito pelas opiniões, pelas sympathias de Jorge fez-lhe dizer:

— Diz que tem muito talento...

— Era melhor que tivesse botas.

Luiza, por cobardia, concordou.

— Tambem o acho exquisito! — disse.

— Horrivel, minha filha!

Aquella palavra fez-lhe bater o coração. Era assim que elle lhe chamava, outr'ora! Houve um momento de silencio: — e a campainha da porta retiniu fortemente.

Luiza ficou assustada. Jesus! Se fosse Sebastião! Bazilio achal-o-hia mais banal, mais reles! Mas Juliana veio dizer:

— O snr. conselheiro. Mando entrar?

— De certo — exclamou ella radiosa.

E a alta figura d'Accacio adiantou-se, com as bandas do casaco d'alpaca muito deitadas para traz, e a calça branca muito engommada cahindo sobre sapatos d'entrada abaixo, de laço.

Apenas Luiza apresentou o primo Bazilio, disse logo, respeitoso:

— Já sabia que v. exc.ª tinha chegado, vi-o nas interessantes noticias do nosso *high-life*. E do nosso Jorge?

Jorge estava em Beja. Diz que se aborrece muito.

Bazilio, mais amavel, disse:

— Eu realmente não tenho a menor idéa do que se possa fazer em Beja. Deve ser horroroso!

O conselheiro, passando sobre o bigode a sua mão branca onde destacava o annel d'armas, observou:

— É todavia a capital do districto!

Mas se já em Lisboa se não podia fazer nada, e era a capital do reino! — E Bazilio puxava, todo recostado, o punho da camisa. — Morria-se positivamente de pasmaceira!

Luiza, muito contente da affabilidade de Bazilio, pôz-se a rir:

— Não digas isso diante do conselheiro. É um grande admirador de Lisboa.

Accacio estendeu a mão.

— Nasci em Lisboa, e aprecio Lisboa, minha rica senhora.

E com muita bonhomia:

— Conheço porém que não é para comparar aos Parizes, ás Londres, ás Madrids...

— De certo — fez Luiza.

E o conselheiro continuou com orgulho:

— Mas Lisboa tem bellezas sem igual! A entrada, ao que me dizem (eu nunca entrei a barra), é um panorama grandioso, rival das Constantinoplas e das Napoles.

E acrescentou com pompa:

— Digno da penna d'um Garrett ou d'um Lamartine!

Mas Luiza, receando citações ou apreciações litterarias, perguntou-lhe o que tinha elle feito? Tinham estado domingo no Passeio, ella e D. Felicidade, tinham esperado vêl-o, e nada!

Nunca ia ao Passeio, ao domingo — declarou. — Reconhecia que era muito agradavel, mas a multidão entristecia-o. Tinha notado, — e a sua voz tomou o tom espaçado d'uma revelação, — tinha notado que muita gente, n'um local, causa vertigens aos homens d'estudo. De resto queixou-se da sua saude e do peso dos seus trabalhos. Andava compilando um livro e usando as aguas de Vichy.

— Pódes fumar — disse Luiza de repente, sorrindo, a Bazilio. — Queres lume?

Ella mesmo lhe foi buscar um phosphoro, toda

ligeira, muito feliz. Tinha um vestido claro, um pouco transparente, muito fresco. Os seus cabellos pareciam mais louros, a sua pelle mais fina.

Bazilio soprou o fumo do charuto, e disse muito reclinado:

— O Passeio ao domingo é simplesmente idiota!

O conselheiro reflectiu e respondeu:

— Não serei tão severo, snr. Brito. — Mas parecia-lhe que com effeito antigamente era uma diversão mais agradavel. — Em primeiro lugar — exclamou com muita convicção, endireitando-se — nada, mas nada, absolutamente nada póde substituir a charanga da Armada! — Além d'isso havia a questão dos preços... Ah! tinha estudado muito o assumpto! Os preços diminutos favoreciam a agglomeração das classes subalternas... Que longe do seu pensamento lançar desdouro n'essa parte da população... As suas idéas liberaes eram bem conhecidas. — Appéllo para a snr.ª D. Luiza! — disse. — Mas emfim, sempre era mais agradavel encontrar uma roda escolhida! Em quanto a si nunca ia ao Passeio. Talvez não acreditassem, mas nem mesmo quando havia fogo de vistas! N'esses dias, sim, ia vêr por fóra das grades. Não por economia! De certo não. Não era rico, mas podia fazer face a essa contribuição diminuta. Mas é que receava os accidentes! É que os receava muito! Contou a historia d'um sujeito, cujo nome lhe escapava, a quem uma cana de foguete furára o craneo. — E além d'isso nada mais facil que cahir uma fagulha accesa na cara, n'um paletot novo... — É conveniente ter pru-

dencia — resumiu, compenetrado, limpando os beiços com o lenço de sêda da India muito enrolado.

Fallaram da estação: muita gente fôra para Cintra: de resto, Lisboa no verão era tão seccante!... E o conselheiro declarou que Lisboa só era imponente, verdadeiramente imponente, quando estavam abertas as camaras e S. Carlos!

— Que estavas tu a tocar quando eu entrei? — perguntou Bazilio.

O conselheiro acudiu logo:

— Se estavam fazendo musica, por quem são... Sou um velho assignante de S. Carlos, ha 18 annos...

Bazilio interrompeu-o:

— Toca?

— Toquei. Não o occulto. Em rapaz fui dado á flauta.

E acrescentou, com um gesto benevolo:

— Rapaziadas! — Alguma novidade, o que estava tocando, snr.ª D. Luiza?

— Não! Uma musica muito conhecida, já antiga: a *Filha do Pescador,* de Meyerbeer!

Tinha cerrado as vidraças, sentára-se ao piano.

— O Sebastião é que toca isto bem, não é verdade, conselheiro?

— O nosso Sebastião — disse o conselheiro com authoridade — é um rival dos Thalbergs e dos Litz. Conhece o nosso Sebastião? — perguntou a Bazilio.

— Não, não conheço.

*

— Uma perola! — exclamou, arregalando os olhos.

Bazilio tinha-se aproximado do piano devagar, com as mãos nos bolsos.

— Tu ainda cantas? — disse Luiza, sorrindo.

— Quando estou só.

Mas o conselheiro pediu-lhe logo um «trecho». Bazilio ria. Tinha medo d'escandalisar um velho assignante de S. Carlos — dizia.

O conselheiro animou-o; disse mesmo com uma bonhomia paternal:

— Coragem, snr. Brito, coragem!

Luiza então preludiou.

E Bazilio soltou logo a voz, cheia, bem timbrada, de barytono; as suas notas altas faziam a sala sonora. O conselheiro, direito na poltrona, escutava concentrado; a sua testa franzida n'um vinco parecia curvar-se sob uma responsabilidade de juiz e de critico; e as suas lunetas defumadas destacavam, com reflexos escuros, n'aquella physionomia de calvo que o calor tornava mais pallida.

Bazilio cantava com simplicidade; mas a sua voz pôz uma melancolia grave e apaixonada na primeira phrase, tão larga, da canção:

Igual ao mar sombrio
Meu coração profundo...

Um poeta, com uma dedicação obscura, traduzira a letra no *Almanach das Senhoras*. Luiza pela sua propria mão a tinha copiado nas entrelinhas da mu-

sica. E Bazilio erguendo o papel dizia n'uma intonação d'uma melancolia nobre os ultimos versos:

Tem tempestades, coleras,
Mas perolas no fundo.

Os olhos largos de Luiza affirmavam-se para a musica — ou a espaços, com um movimento rapido, erguiam-se para Bazilio. E quando, na nota final, prolongada como a reclamação d'um amor supplicante, Bazilio soltou a voz d'um modo appellativo:

Vem! vem
Pousar, ó dôce amada,
Teu peito contra o meu...

os seus olhos fixaram-se n'ella com uma significação tão desejosa, que o peito de Luiza arfou, os seus dedos embrulharam-se no teclado, — e uma perturbação reprimida dilatava-lhe as feições.

O conselheiro bateu as palmas.

— Uma voz admiravel! — exclamava — Uma voz admiravel!

Bazilio dizia-se envergonhado.

— Não, senhor, não, senhor! — protestou, levantando-se. — Um excellente orgão! Direi, o melhor orgão da nossa sociedade!

Bazilio riu. Uma vez que tinha successo, então ia dizer-lhe uma modinha brazileira da Bahia. Sentou-se ao piano, e depois de ter preludiado uma melodia muito balançada, d'um embalado tropical, cantou:

Sou negrinha, mas meu peito
Sente mais que um peito branco.

E interrompendo-se:

— Isto fazia furor nas reuniões da Bahia quando eu parti.

Era a historia d'uma «negrinha» nascida na roça, e que contava, com lyrismos d'almanach, a sua paixão por um feitor branco; aquillo era alambicado e rhetorico; e balançava-se longamente n'uma melopêa monotona.

Bazilio parodiava o tom sentimental d'alguma menina bahiana, e a sua voz tinha uma preciosidade comica, quando dizia o *ritornello* choroso:

E a negra p'ra os mares
Seus olhos alonga;
No alto coqueiro
Cantava a araponga.

O conselheiro achou «delicioso», e, de pé na sala, lamentou a proposito da cantiga a condição dos escravos. Que lhe affirmavam amigos do Brazil que os negros eram muito bem tratados. Mas emfim a civilisação era a civilisação! E a escravatura era um estigma! Tinha todavia muita confiança no imperador...

— Monarcha de rara illustração — acrescentou respeitosamente.

Foi buscar o seu chapéo, e collando-lhe as abas ao peito, curvando-se, jurou que — havia muito tem-

po não tinha passado uma manhã tão completa. De resto para elle nada havia como a boa convivencia e a boa musica...

— Onde está v. exc.ª alojado, snr. Brito?

Pelo amor de Deus! Que não se incommodasse! Estava no Hotel Central.

Não havia considerações que o impedissem de cumprir o seu dever — declarou. — Cumpril-o-hia! Elle era uma pessoa inutil, a snr.ª D. Luiza bem o sabia. — Mas se necessitar alguma cousa, uma informação, uma apresentação nas regiões officiaes, licença para visitar algum estabelecimento publico, creia que me tem ás suas ordens!

E conservando na sua mão a mão de Bazilio:

— Rua do Ferregial de Cima 3, 3.º O modesto tugurio d'um ermita.

Tornou a curvar-se diante de Luiza:

— E quando escrever ao nosso viajante, que faço sinceros votos pela prosperidade dos seus emprehendimentos. Por quem é! Criado de v. exc.ª!

E direito, grave, sahiu.

— Este ao menos é limpo — resmungou Bazilio, com o charuto ao canto da bocca.

Sentára-se ao piano, corria os dedos pelo teclado. Luiza aproximou-se.

— Canta alguma cousa — disse.

Bazilio pôz-se então a olhar muito para ella.

Luiza córou, abriu um sorriso vago; através da fazenda clara e transparente do vestido, entrevia-se a brancura macia e tepida do collo e dos braços; e

nos seus olhos, na sua bocca, na brilhante alvura dos seus dentinhos havia uma animação e como uma vitalidade amorosa.

Bazilio disse-lhe, com a voz baixa, um pouco commovida:

— Estás hoje nos teus dias felizes, Luiza.

O olhar d'elle, avido, perturbava-a.

— Canta alguma cousa — insistiu.

Tinha pousado os dedos de leve sobre as teclas do piano. O seu seio arfava.

— Canta tu — murmurou Bazilio.

E fitou-a tenazmente. Um suspiro ergueu-lhe o peito, tomou-lhe a mão. As duas palmas um pouco humidas, um pouco tremulas, uniram-se.

A campainha, fóra, tocou devagar. Luiza desprendeu a mão bruscamente.

— É alguem — disse agitada.

Vozes baixas fallavam á cancella.

Bazilio teve um movimento d'hombros enfastiado, foi buscar o chapéo.

— Vaes-te! — exclamou ella toda desconsolada.

— Pudera! Não posso estar só comtigo um momento!

A cancella fechou-se com ruido.

— Não é ninguem, foi-se — disse Luiza.

Estavam de pé.

— Não te vás! Bazilio!

Os seus olhos profundos tinham uma supplicação dôce. Bazilio pousou o chapéo sobre o piano; mordia o bigode um pouco nervoso.

E Luiza, esfregando devagar as mãos um pouco tremulas:

— E para que queres tu estar só commigo? Que tem que venha gente?

Bazilio, com um movimento brusco, passou-lhe o braço sobre os hombros, prendeu-lhe a cabeça, e beijou-a na testa, nos olhos, nos cabellos, vorazmente.

Ella soltou-se. Os olhos faiscavam-lhe, estava escarlate.

— Perdôa-me — exclamou elle logo, com um impeto apaixonado. — Perdôa-me. Foi sem pensar. Mas é porque te adoro, Luiza!

Fallava com uma exaltação sincera. Tomou-lhe as mãos com dominio, quasi com direito.

— Não. Has-de ouvir. Desde o primeiro dia que te tornei a vêr estou doudo por ti, como d'antes, a mesma cousa. Nunca deixei de me morrer por ti. Mas não tinha fortuna, tu bem o sabes, e queria-te vêr rica, feliz. Não te podia levar para o Brazil. Era matar-te, meu amor! Tu imaginas lá o que aquillo é! Foi por isso que te escrevi aquella carta, mas o que eu soffri, as lagrimas que chorei!

Luiza escutava-o immovel, a cabeça baixa, o olhar no chão; aquella voz quente e forte, de que recebia o bafo amoroso, dominava-a, vencia-a; as mãos de Bazilio penetravam com o seu calor febril a substancia das suas; e, tomada d'uma lassidão, sentia-se como adormecer.

— Falla, responde! — disse elle anciosamente,

sacudindo-lhe as mãos, procurando o seu olhar avidamente.

— Que queres que te diga?

A sua voz tinha um tom abstracto, mal acordado.

E desprendendo-se devagar:

— Fallemos n'outras cousas! — suspirou, voltando o rosto.

Elle balbuciava, os braços estendidos:

— Mas porque? Porque?

— Não, Bazilio, não!

E na sua voz havia o arrastado d'uma lamentação e a molleza d'uma caricia.

Elle então não hesitou, prendeu-a nos braços.

Luiza ficou inerte, os beiços brancos, os olhos cerrados — e Bazilio, pousando-lhe a mão sobre a testa, inclinou-lhe a cabeça para traz, beijou-lhe as palpebras devagar, a face, os labios depois muito profundamente; os beiços d'ella entreabriram-se, os seus joelhos dobraram-se.

Mas de repente todo o seu corpo se endireitou, afastou o rosto, exclamou afflicta:

— Deixa-me, deixa-me!

Viera-lhe uma força nervosa; desprendeu-se, empurrou-o; e passando as mãos abertas pela testa, pelos cabellos, o olhar dilatado:

— Oh! meu Deus! É horrivel! — murmurou. — Deixa-me!

Elle adiantava-se com os dentes cerrados, mas Luiza recuava, dizia assustada:

— Vai-te. Que queres tu? Vai-te! Que fazes tu aqui? Deixa-me!

Elle então começou a dizer, com a voz subitamente serena e humilde: Não percebia. Porque se zangava? Que tinha um beijo? Elle não pedia mais. Que tinha ella imaginado, então? Adorava-a, de certo, mas puramente.

— Juro-t'o! — disse com força, batendo no peito.

Fel-a sentar no sophá, sentou-se ao pé d'ella. Pôz-se a fallar-lhe muito sensatamente: — Via as circumstancias; pois bem, resignar-se-hia. Seria como uma amizade d'irmãos, nada mais.

Ella escutava-o, esquecida.

De certo, dizia elle, aquella paixão era uma tortura immensa. Mas era forte, dominar-se-hia. Só queria vir vêl-a, fallar-lhe. Seria um sentimento ideal. — E os seus olhos devoravam-na.

Voltou-lhe a mão, curvou-se, pôz-lhe um beijo cheio na palma. Ella estremeceu, ergueu-se logo:

— Não! Vai-te!

— Bem, adeus.

Levantou-se com um movimento resignado e infeliz. E limpando devagar com a mão a sêda do chapéo:

— Bem, adeus — repetiu melancolicamente.

— Adeus.

Bazilio disse então com muita ternura:

— Estás zangada?

— Não!

O olhar de Bazilio brilhava.

— Escuta — murmurou, adiantando-se.

Luiza bateu com o pé.

— Oh que homem! Deixa-me! Ámanhã. Adeus. Vai-te!

E repetia:

— Ámanhã, ámanhã!

— Ámanhã! — disse elle, baixinho.

E sahiu rapidamente.

Luiza entrou no quarto toda nervosa. E ao vêr-se ao espelho ficou surprehendida: nunca se vira tão linda. Deu alguns passos calada.

Juliana arrumava roupa branca n'um gavetão do guarda-vestidos.

— Quem tocou ha bocado? — perguntou Luiza.

— Foi o snr. Sebastião. Não quiz entrar; disse que voltava.

Tinha dito, com effeito, «que voltava». Mas começava quasi a envergonhar-se de vir assim todos os dias e encontral-a sempre «com uma visita».

Logo no primeiro dia ficára muito surprehendido quando Juliana lhe disse: «Está com um sujeito! Um rapaz novo que já cá esteve hontem!» Quem seria? Conhecia todos os amigos da casa... Era algum empregado da secretaria ou algum proprietario de minas, o filho do Alonso talvez, um negocio de Jorge de certo...

Depois no domingo, á noite, apenas viu as ja-

nellas da sala escuras ficou todo desconsolado. Trazia-lhe a partitura de *Romeu e Julietta*, de Gounod, que ella desejava tanto ouvir; e quando Juliana lhe disse da varanda «que tinha sahido com D. Felicidade de carruagem», ficou muito embaraçado com o grosso volume debaixo do braço, coçando devagar a barba. Onde teriam ido? Lembrou-se do enthusiasmo de D. Felicidade pelo theatro de D. Maria; mas irem sós, n'aquelle calor de julho, ao theatro? Emfim, era possivel. Foi a D. Maria.

O theatro, quasi vazio, estava lugubre; aqui e além, n'algum camarote, uma familia feia perfilava-se, com cabellos negrissimos carregados de postiços, gozando soturnamente a sua noite de domingo: por cima do marroquim esgaçado dos parapeitos crianças somnolentas transbordavam; na platéa, á larga nas bancadas vazias, pessoas avelhadas e inexpressivas escutavam com um ar encalmado e farto, limpando a espaços, com lenços de sêda, o suor dos pescoços; na geral, gente de trabalho arregalava olhos negros em faces trigueiras e oleosas; a luz tinha um tom dormente; bocejava-se. E no palco, que representava uma sala de baile amarella, um velhote condecorado fallava a uma magrita de cabellos riçados, sem cessar, com o tom diluido de uma agua gordurosa e morna que escorre. Os musicos na orchestra dormitavam.

Sebastião sahiu. Onde estariam? Soube-o na manhã seguinte. — Descia o Moinho de Vento, e um visinho, o Netto, que subia curvado sob o seu guarda-

sol, com o cigarro ao canto do bigode grisalho, deteve-o bruscamente, para lhe dizer:

— Ó amigo Sebastião, ouça cá. Vi hontem á noite no Passeio a D. Luiza com um rapaz que eu conheço. Mas d'onde conheço eu aquella cara? Quem diabo é?

Sebastião encolheu os hombros.

— Um rapaz alto, bonito, com um ar estrangeirado. Eu conheço-o. N'outro dia vi-o entrar para lá. Vossê não sabe?

Não sabia.

— Eu conheço aquella cara. Tenho estado a vêr se me recordo... — Passava a mão pela testa. — Eu conheço aquella cara! Elle é de Lisboa. De Lisboa é elle!

E depois d'um silencio, fazendo girar o guarda-sol:

— E que ha de novo, Sebastião?

Tambem não sabia.

— Nem eu!

E bocejando muito:

— Isto está uma pasmaceira, homem! Adeus!

N'essa tarde, ás 4 horas, Sebastião voltou a casa de Luiza. Estava com «o sujeito!» Ficou preoccupado. De certo era algum negocio de Jorge; porque não comprehendia que ella fallasse, sentisse, vivesse, que não fosse no interesse da casa e para maior felicidade de Jorge. Mas devia ser grave então — para reclamar visitas, encontros, tantas relações. Tinham pois interesses que elle não conhecia! E aquillo pa-

recia-lhe uma ingratidão, e como uma diminuição d'amizade.

A tia Joanna tinha-o achado «macambusio».

— Dôres de cabeça — explicou elle.

E dormiu mal.

Foi ao outro dia que soube que o sujeito era o primo Bazilio, o Bazilio de Brito. O seu vago desgosto dissipou-se, mas um receio mais definido veio inquietal-o.

Sebastião não conhecia Bazilio pessoalmente, mas sabia a chronica da sua mocidade. Não havia n'ella certamente, nem escandalo excepcional, nem romance pungente. Bazilio tinha sido apenas um *pandigo* e, como tal, passára methodicamente por todos os episodios classicos da estroinice lisboeta: — partidas de monte até de madrugada com ricaços do Alemtejo; uma tipoia despedaçada n'um sabbado de touros; ceias repetidas com alguma velha Lola e uma antiga salada de lagosta; algumas *pégas* applaudidas em Salvaterra ou na Alhandra; noitadas de bacalhau e Collares nas tabernas fadistas; muita guitarra; sôccos bem jogados á face attonita d'um policia; e uma profusão de gemmas d'ovos nas glorias do Entrudo. As unicas mulheres mesmo que appareciam na sua historia, além das Lolas e das Carmens usuaes, eram a Pistelli, uma dançarina allemã cujas pernas tinham uma musculatura d'athleta, e a condessinha d'Alvim, uma douda, grande cavalleira, que se separára de seu marido depois de o ter chicotado, e que se vestia d'homem para bater ella mesmo em trem de pra-

ça do Rocio ao Dá-fundo. Mas isto bastava para que Sebastião o achasse um *debochado*, um *perdido*; ouvira que elle tinha ido para o Brazil para fugir aos credores; que enriquecera por acaso, n'uma especulação no Paraguay; que mesmo na Bahia, com a corda na garganta nunca fôra um trabalhador; e suppunha que a posse da fortuna para elle, seria apenas um desenvolvimento dos vicios. E este homem agora vinha vêr a Luizinha todos os dias, estava horas e horas, seguia-a ao Passeio...

Para que?... Era claro, para a desinquietar!

Ia descendo a rua, dobrado sob a pesada desconsolação d'estas idéas, quando uma voz encatarrhoada disse com respeito:

— Ó snr. Sebastião!

Era o Paula dos moveis.

— Viva, snr. João.

O Paula atirou para as pedras da rua um jacto escuro de saliva, e com as mãos cruzadas debaixo das abas do comprido casaco de cotim, o tom grave:

— Ó snr. Sebastião, ha doença cá por casa do snr. Engenheiro?

Sebastião todo surprehendido:

— Não. Porque?

O Paula fez roncar a garganta, cuspilhou, e disse:

— É que tenho visto entrar para cá todos os dias um sujeito. Imaginei que fosse o medico.

E puxando o escarro:

— D'esses novos da homœopathia!

Sebastião tinha córado.

— Nada — disse. — É o primo de D. Luiza.

— Ah! — fez o Paula. — Pois pensei... Queira desculpar, snr. Sebastião.

E curvou-se respeitosamente.

— Já temos fallatorio! — foi pensando Sebastião.

E entrou em casa, descontente.

Morava ao fundo da rua, n'um predio seu, de construcção antiga, com quintal.

Sebastião era só. Tinha uma fortuna pequena em inscripções, terras de lavoura para o lado do Seixal, e a quinta em Almada, — o Rozegal. As duas criadas eram muito antigas na casa. A Vicencia, a cozinheira, era uma preta de S. Thomé do tempo da mamã. A tia Joanna, a governante, servia-o havia 35 annos; chamava ainda a Sebastião o «menino»; tinha já as tontices d'uma criança, mas recebia sempre os respeitos d'uma avó. Era do Porto, do *Poârto,* como ella dizia, porque nunca perdera o seu accento minhôto. Os amigos de Sebastião chamavam-lhe uma velha de comedia. Era baixinha, gorda, com um rosto redondo e branco de freira jovial, um sorriso muito bondoso. Tinha os cabellos alvos como uma estriga, atados no alto n'um rolinho com um antigo pente de tartaruga, trazia sempre um vasto lenço branco muito aceado traçado sobre o peito. E todo o dia passarinhava pela casa, com o seu passinho arrastado, fazendo tilintar os mólhos de chaves, resmungando proverbios, e tomando rapé d'uma caixa redonda, em cuja tampa se lascava o desenho abonecado da ponte pensil do Porto.

Em toda a casa havia assim um tom caturra e dôce: na sala de visitas, quasi sempre fechada, o vasto canapé, as poltronas tinham o ar empertigado do tempo do snr. D. José I, e os estofos de damasco vermelho desbotado lembravam a pompa de uma côrte decrepita; das paredes da casa de jantar pendiam as primeiras gravuras das batalhas de Napoleão, onde se vê invariavelmente, n'uma eminencia, o cavallo branco, para o qual galopa desenfreadamente do primeiro plano um hussard, brandindo um sabre; Sebastião dormia os seus somnos de 7 horas, sem sonhos, n'uma velha barra de pau preto torneado; e n'uma saleta escura, sobre uma commoda de fecharias de metal amarello, conservava-se, havia annos, o padroeiro da casa, S. Sebastião — que se torcia, cravado de settas, nas cordas que o atavam ao tronco, á luz d'uma lampada muito cuidada pela tia Joanna, sob os ruidos subtis dos ratos pelo forro. E toda a roupa, nas gavetas, cheirava a alfazema.

A casa condizia com o dono. Sebastião tinha um genio antiquado. Era solitario e acanhado. Já no latim lhe chamavam o *pelludo;* punham-lhe rabos, roubavam-lhe impudentemente as merendas. Sebastião, que tinha a força d'um gymnasta, offerecia a resignação d'um boi.

Foi sempre reprovado nos primeiros exames do lyceu. Era intelligente, mas uma pergunta, o reluzir dos oculos d'um professor, a grande lousa negra immobilisavam-o; ficava muito embezerrado, a face inchada e rubra, a coçar os joelhos, o olhar vazio.

Sua mãi, que era da aldêa e que fôra padeira, muito vaidosa agora das suas inscripções, da sua quinta, da sua mobilia de damasco, sempre vestida de sêda, carregada d'anneis, costumava dizer:

— Ora! tem que comer e beber! Estar a affligir a criança com estudos! Deixa lá, deixa lá!

A inclinação de Sebastião então era pelo piano. Por conselhos da mãi de Jorge, sua visinha e sua intima, tomou um mestre; logo desde as primeiras lições, a que ella assistia com enfeites de velludo vermelho e cheia de joias, o velho professor Achilles Bentes, d'oculos redondos e cara-de coruja, exclamou excitado com a sua voz nasal:

— Minha rica senhora! o seu menino é um genio! É um genio! Ha-de ser um Rossini! É puxar por elle! É puxar por elle!

Mas era justamente o que ella não queria, era puxar por elle, coitadinho! Por isso não foi um Rossini. E todavia o velho Bentes continuava a dizer:

— Ha-de ser um Rossini! Ha-de ser um Rossini!

Sómente em lugar de o gritar, brandindo papeis de musica, balbuciava-o cabisbaixo esfregando as mãos nodosas.

Já então os dous rapazes visinhos, Jorge e Sebastião, eram intimos. Jorge mais vivo, mais inventivo, dominava-o. No quintal, a brincar, Sebastião era sempre o *cavallo* nas imitações da diligencia, o *vencido* nas guerras. Era Sebastião que carregava os

pesos, que offerecia o dorso para Jorge trepar; nas merendas comia todo o pão, deixava a Jorge toda a fruta. Cresceram. E aquella amizade sempre igual, sem amúos, tornou-se na vida d'ambos um interesse essencial e permanente.

Quando a mãi de Jorge morreu, pensaram mesmo em viver juntos; habitariam a casa de Sebastião, mais larga e que tinha quintal; Jorge queria comprar um cavallo; mas no entretanto a solidão ia-lhe dando idéas sentimentaes de conchego conjugal; conheceu Luiza no Passeio, e d'ahi a dous mezes passava quasi todo o seu dia na rua da Magdalena.

Todo aquelle plano jovial da *Sociedade Sebastião e Jorge* — chamavam-lhe assim, rindo — desabou, como um castello de cartas. Sebastião teve um grande pezar.

E era elle, depois, que fornecia os ramos de rosas que Jorge levava a Luiza, depois de lhe ter cortado os espinhos, com cuidados devotos, embrulhados n'um papel de sêda. E tratava dos arranjos do «ninho»: ia apressar os estofadores, discutir preços de roupas, vigiar o trabalho dos homens que pregavam os tapetes, conferenciar com a inculcadeira, cuidar dos papeis do casamento.

E á noite, fatigado como um procurador zeloso, tinha de escutar com um sorriso as expansões felizes de Jorge, que passeava pelo quarto até ás duas horas da noite em mangas de camisa, namorado, loquaz, brandindo o cachimbo!

Depois do casamento Sebastião sentiu-se muito

só. Foi a Portel visitar um tio, um velho exquisito, com um olhar de doudo, que passava a existencia combinando enxertos no pomar, e lendo, relendo o *Eurico*. Quando voltou, passado um mez, Jorge disse-lhe radioso:

— E sabes, hein? Isto agora é que é a tua casa! Aqui é que tu vives!

Mas nunca obteve de Sebastião que fosse a sua casa com uma inteira intimidade. Sebastião batia á porta, brandamente. Corava diante de Luiza; o antigo *pelludo* de latim reapparecia. Jorge luctára para que elle cruzasse sem ceremonia as pernas, fumasse cachimbo diante d'ella, não lhe dissesse a todo o momento: — V. exc.ª, v. exc.ª — meio erguido na cadeira.

Nunca vinha jantar senão arrastado. Quando Jorge não estava, as suas visitas eram curtas, cheias de silencio. Julgava-se gebo, tinha medo de massar!

N'essa tarde, quando elle foi para a sala de jantar, a tia Joanna veio-lhe perguntar pela Luizinha.

Adorava-a, achava-a um *anjinho*, uma *açucena*.

— Como está ella? viu-a?

Sebastião corou, não quiz dizer, como na vespera, «que estava gente, que não tinha entrado»; e curvando-se, pondo-se a brincar com as orelhas do *Trajano*, o seu velho perdigueiro:

— Está boa, tia Joanna, está boa. Então como havia d'estar? Está optima.

Áquella hora Luiza recebia uma carta de Jorge. Era de Portel, com muitas queixas sobre o calor, sobre as más estalagens, historias sobre o extraordinario parente de Sebastião, saudades, mil beijos.

Não a esperava; e aquella folha de papel cheia d'uma letra miudinha, que lhe fazia reapparecer vivamente Jorge, a sua figura, a sua voz, a sua ternura, deu-lhe uma sensação quasi dolorosa. Toda a vergonha dos seus desfallecimentos cobardes, sob os beijos de Bazilio, veio abrazar-lhe as faces. Que horror deixar-se abraçar, apertar, e no sophá o que lhe dissera, com que olhos a devorára!... E recordava tudo, — a sua attitude, o calor das suas mãos, a ternura da sua voz... E machinalmente, pouco e pouco, ia-se esquecendo n'aquellas recordações, abandonando-se a ellas, até ficar perdida na deliciosa lassidão que ellas lhe davam, o olhar errante, os braços frouxos. Mas a idéa de Jorge vinha então outra vez fustigal-a como uma chicotada. Erguia-se bruscamente, passeava pelo quarto toda nervosa; tinha uma vaga vontade de chorar, de ralhar, de rasgar...

— Ah! não! é horroroso, é horroroso! — dizia só, fallando alto. — Era necessario acabar.

Resolveu não receber Bazilio, escrever-lhe, pedir-lhe que não voltasse, que partisse. Meditava mesmo as palavras: seria sêcca e fria, não diria *meu querido primo,* mas simplesmente *primo Bazilio.*

E que faria elle, quando recebesse a carta? Choraria, coitado!

Imaginava-o só, no seu quarto d'hotel, infeliz e pallido; e d'aqui, pelos declives da sensibilidade, passava á recordação da sua pessoa, da sua voz convincente, das turbações do seu olhar dominante, e a memoria demorava-se n'aquella lembrança com uma sensação de felicidade, como a mão se demora acariciando a plumagem dôce d'um passaro raro. Sacudia a cabeça com impaciencia, como se aquellas imaginações fossem os ferrões d'insectos importunos: queria pensar só em Jorge; mas ellas voltavam: e achava-se desgraçada; não sabia o que queria; tinha vontade d'estar com Jorge, de consultar Leopoldina, de fugir para longe, ao acaso. Jesus, que infeliz que era! — E do fundo da sua natureza de preguiçosa vinha-lhe uma indefinida indignação contra Jorge, contra Bazilio, contra os sentimentos, contra os deveres, contra tudo o que a fazia agitar-se e soffrer. Que a não seccassem, Santo Deus!

Depois de jantar, á janella da sala, ficou a relêr a carta de Jorge. Beijou-a; pôz-se a recordar de proposito tudo o que a encantava n'elle, do seu corpo e das suas qualidades. E juntava ao acaso argumentos, uns d'honra outros de sentimento, para o amar, para o respeitar. Tudo era por elle estar fóra, na provincia. Se elle alli estivesse ao pé d'ella! Mas tão longe, e demorar-se tanto! E ao mesmo tempo, contra sua vontade, a certeza d'aquella ausencia dava-lhe uma sensação dilatada de liberdade; e a idéa

de se poder mover á vontade nos desejos, nas curiosidades, vinha por momentos encher-lhe o peito d'um contentamento largo, como lufadas de vento que vem bater n'uma vela.

Mas emfim, vamos, de que lhe servia estar livre, só? — E de repente tudo o que poderia fazer, sentir, possuir, lhe apparecia n'uma perspectiva longa que fulgurava. E aquillo era como uma porta, de repente aberta e fechada, que deixa entrever, n'um relance, alguma cousa de indefinido, de maravilhoso, que palpita e faisca. — Oh! estava douda, de certo!

Escureceu. Foi para a sala, abriu a janella; a noite estava quente e espessa; havia um ar d'electricidade; de certo formava-se trovoada nos céos proximos. Respirava mal, olhava para o céo, desejando alguma cousa fortemente, sem saber o quê.

O moço do padeiro em baixo tocava o fado; aquelles sons velados entravam-lhe na alma, com a brandura d'um bafo quente e a melancolia de um gemido.

Encostou a cabeça á mão com uma lassidão. E mil pensamentosinhos corriam-lhe no cerebro como os pontos de luz que correm n'um papel que se queimou; lembrava-lhe sua mãi, o chapéo novo que lhe mandára madame François, o tempo que faria em Cintra, a doçura das noites quentes sob a escuridão das ramagens...

Fechou a janella, espreguiçou-se; e sentada na *causeuse*, no seu quarto, ficou alli, n'uma immobilidade, pensando em Jorge, em lhe escrever, em lhe

pedir que viesse. Mas bem depressa aquelle scismar começou a quebrar-se a cada momento como uma tela que se esgaça em rasgões largos, e por traz apparecia logo com uma intensidade luminosa e forte a idéa do primo Bazilio...

As viagens, os mares atravessados haviam-no tornado mais trigueiro; a melancolia da separação tinha-lhe dado cabellos brancos. Tinha soffrido por ella! — dissera. — E no fim onde estava o mal? Elle jurára-lhe que aquelle amor era casto, passando-se todo na alma. Porque o não veria, ella? Tinha vindo de Paris, o pobre rapaz, assim lh'o jurára, para a vêr, uma semana, quinze dias. E havia de dizer-lhe: — Não voltes, vai-te?

— Quando a senhora quizer o chá — disse da porta do quarto Juliana.

Luiza deu um suspiro alto como acordando. Não, que trouxesse a lamparina.

Eram 10 horas. Juliana ordinariamente tomava então o seu chá, na cozinha. O lume ia-se apagando, o candieiro de petroleo estendia nos cobres dos tachos reflexos avermelhados.

— Hoje houve cousa, snr.ª Joanna — disse Juliana sentando-se. — Está toda no ar! E é cada suspiro! Alli houve-a e grossa.

Joanna, do outro lado, com os cotovêlos na mesa e a face sobre os punhos, limpava vagarosamente os dentes com a lingua.

— A snr.ª Juliana, tambem, deita tudo para o mal — disse.

— É que era necessario ser tôla, snr.ª Joanna!

Calou-se, cheirou o assucar; era um dos seus despeitos; gostava d'elle bem refinado — e aquelle assucar mascavado e grosso, que punha no chá um gosto de formigas, exasperava-a.

— Este é peor que o do mez passado! Para uma pobre de Christo tudo é bom! — rosnou muito amargamente.

E depois d'uma pausa repetiu:

— É que era necessario ser tôla, snr.ª Joanna!

A cozinheira disse, preguiçosamente:

— Cada um sabe de si...

— E Deus de todos — suspirou Juliana.

E baixando a voz, estendendo a cabeça:

— Ai, eu? Eu até gosto. Ora! Eu? Bem se me dá!

Mas Luiza tocou a campainha do quarto.

— Que teremos nós agora?

E erguendo-se, com a bocca cheia:

— Está com as cocegas!

Voltou com o regador, muito enfastiada:

— Quer mais agua! Olha a mania, pôr-se agora a chafurdar á meia noite! Sempre a gente as vê...

As palmilhas das suas chinellas batiam no chão ladrilhado. Foi encher o regador, e em quanto a agua da torneira cantava no fundo de lata:

— E diz que lhe faça ámanhã ao almoço um bocado de presunto frito, do salgado. Quer picantes!

E com muito escarneo:

— Sempre a gente vê cousas! Quer picantes!

Á meia noite a casa estava adormecida e apagada. Fóra, o céo ennegrecera mais; relampejava; e um trovão secco estalou, rolou.

Luiza abriu os olhos estremunhada; e logo d'ahi a momentos começou a cahir uma chuva grossa e sonora; a trovoada agora arrastava-se ao longe. Esteve um momento escutando as goteiras que cantavam sobre o lagedo; a alcova estava muito quente, descobriu-se; o somno tinha fugido, e de costas, o olhar fixo na vaga claridade que vinha de fóra da lamparina, escutava o tic-tac do relogio. Espreguiçou-se, e uma certa idéa, uma certa visão foi-se formando no seu cerebro, completando-se, tão nitida, quasi tão visivel, que se revirou na cama devagar, estirou os braços, lançou-os em roda do travesseiro, adiantando os beiços seccos — para beijar uns cabellos negros onde reluziam fios brancos.

Sebastião tambem tinha dormido mal. Acordou ás 6 horas e desceu ao quintal em chinellas. Uma porta envidraçada da sala de jantar abria para um terraçosinho, largo apenas para ter tres cadeiras de ferro pintado e alguns vasos de cravos; d'alli, quatro degraus de pedra desciam para o quintal; era uma horta ajardinada, muito cheia, com canteirinhos

de flôres, saladas muito regadas, pés de roseiras ao pé dos muros, um poço e um tanque debaixo de uma parreirita, e arvores; terminava por outro terraço assombreado d'uma tilia, com um parapeito para uma rua baixa e solitaria; defronte corria um muro de quintal muito caiado. Era um sitio recolhido, d'uma paz aldeã. Muitas vezes Sebastião, de madrugada, ia para alli fumar o seu cigarro.

Ainda não tinham dado seis horas. Havia um ar transparente e fino; o céo arredondava-se a uma grande altura com o azulado de certas porcelanas velhas e, aqui e além, uma nuvemzinha algodoada, mollemente enrolada, côr de leite; a folhagem tinha um verde lavado, a agua do tanque uma crystallinidade fria; passaros chilreavam de leve, com vôos rapidos.

Sebastião estava debruçado para a rua, quando a ponteira d'uma bengala, passos vagorosos cortaram o silencio fresco. Era um visinho de Jorge, o Cunha Rosado; vinha devagar, como um doente, curvado, abafado n'um cache-nez e um paletot côr de pinhão, o rosto cavado com a barba grisalha desmazelada e crescida.

— Já a pé, visinho! — disse Sebastião.

O outro parou, ergueu a cabeça lentamente.

— Ó Sebastião! — disse com uma voz muito arrastada. — Ando a passear os meus leites, homem!

— A pé?

— Ao principio ia na burrita até fóra de portas, mas diz que me fazia bem o passeiosito a pé...

Encolheu os hombros com um gesto triste de duvida, de desconsolação. Soffria d'intestinos.

— E como vai isso? — perguntou Sebastião, muito debruçado para a rua, com affecto.

O Cunha teve um sorriso desolado, nos seus beiços brancos:

— A desfazer-se!

Sebastião tossiu, embaraçado, sem achar uma consolação.

Mas o doente, com as duas mãos apoiadas á bengala, uma subita radiação d'interesse, no olhar amortecido:

— Ó Sebastião, um rapaz alto, que eu tenho visto todos estes dias entrar para casa do Jorge, é o Bazilio de Brito, pois não é? O primo da mulher? O filho do João de Brito?

— É, sim, porque?

O Azevedo fez: *Ah! ah!* com uma grande satisfação.

— Bem dizia eu! — exclamou. — Bem dizia eu! E aquella teimosa que não! que não!...

E então explicou com uma tagarellice subita, e cansaços de voz:

— O meu quarto é para a rua, e todos os dias, como eu estou quasi sempre pela janella para espairecer... tenho visto aquelle rapaz, a modo estrangeirado, entrar para lá... todos os dias! Este é o Bazilio de Brito, disse eu! Mas minha mulher que não! que não!... Que diabo, homem! Eu tinha quasi a certeza... Não conheço eu outra cousa!...

Até elle esteve para casar com a D. Luiza. Oh! Eu sei essa historia na ponta dos dedos... Morava ella na rua da Magdalena... Se sei!

Sebastião disse vagamente:

— Pois é, é o Brito...

— Bem dizia eu!

Ficou um momento immovel, fitando o chão, e refazendo uma voz dolente:

— Pois, vou-me arrastando até casa.

Suspirou. E arregalando os olhos:

— Quem me dera a sua saude, Sebastião!

E dizendo adeus, com um gesto da mão calçada de luva de casimira escura, afastou-se, curvado, rente do muro, conchegando com o braço o seu largo paletot côr de pinhão.

Sebastião entrou preoccupado. Todo o mundo começava a reparar, hein! Pudera! Um rapaz novo, janota, estrangeirado, vir todos os dias de trem, estar duas, tres horas! Uma visinhança tão chegada, tão maligna!...

Ao começo da tarde sahiu. Teve vontade de procurar Luiza; mas sem saber porque, sentia um grande acanhamento, como que receava encontral-a differente ou com outra expressão... E subia a rua devagar, sob o seu guarda-sol, hesitando, quando um coupé que descia a trote largo veio parar á porta de Luiza.

Um sujeito saltou rapidamente, atirou o charuto, entrou. Era alto, com um bigode levantado, trazia uma flôr no peito; devia ser o primo Bazilio, pen-

sou. O cocheiro limpou o suor da testa, e, cruzando as pernas, pôz-se a enrolar um cigarro.

Ao ruido do trem o Paula appareceu logo á porta, de bonet carregado, as mãos enterradas no bolso, assobiando, com olhares de revés: a carvoeira defronte, esguedelhada, immunda, disforme de obesidade e de prenhez, veio logo embasbacar com um pasmo lôrpa na face oleosa: a criada do doutor abrindo precipitadamente a vidraça, deitou de fóra a cabeça embrulhada n'um lenço escarlate. Emfim o Paula atravessou rapidamente a rua faiscante de sol, entrou no estanque. E d'ahi a um momento appareceu á porta, com a macilenta figura da estanqueira; e cochichavam, cravavam olhares perfidos nas varandas de Luiza, na porta, no coupé! O Paula então, arrastando as chinellas de tapete, foi fallar á carvoeira, provocou-lhe uma risada que lhe sacudia a massa do seio, e foi estacar á sua porta entre um retrato de D. João VI e duas velhas cadeiras de couro, assobiando perversamente. No silencio da rua ouvia-se n'um piano, a compasso de estudo, a *Oração d'uma virgem*.

Sebastião ao passar olhou machinalmente para as janellas de Luiza; estavam fechadas, com as suas bambinellas conhecidas de reps verde.

— Rico calor, snr. Sebastião! — observou o Paula curvando-se.

Luiza e Bazilio estavam muito tranquillos, muito felizes na sala, com as portadas meio cerradas, n'uma penumbra dôce. Luiza tinha apparecido com um roupão branco, muito fresca, com um bom cheiro de agua d'alfazema.

— Eu venho assim mesmo — dissera ella. — Não faço ceremonias.

Mas assim é que ella estava linda! Assim é que a queria sempre! — exclamava Bazilio muito contente, como se aquelle roupão de manhã fosse já uma promessa da sua nudez.

Vinha muito tranquillo, com um tom de parente. Não a inquietou com palavras vehementes ou gestos desejosos: fallou-lhe do calor, d'uma *zarzuela* que vira na vespera, de velhos amigos que encontrára, e disse-lhe apenas que tinha sonhado com ella.

O que? Que estavam longe, n'uma terra distante, que devia ser a Italia, tantas as estatuas que havia nas praças, tantas as fontes sonoras que cantavam nas bacias de marmore; era n'um jardim antigo, sobre um terraço classico; flôres raras transbordavam de vasos florentinos; pousando sobre as balaustradas esculpidas, pavões abriam as caudas; e ella arrastava devagar sobre as lages quadradas a cauda longa do seu vestido de velludo azul. De resto, dizia, era um terraço como o de S. Donato, a *villa* do principe Demidoff, — porque lembrava sempre as suas intimidades illustres, e não se descuidava de fazer reluzir a gloria das suas viagens.

E ella, tinha sonhado?

Luiza córou, sorriu. — Não, tinha tido muito medo da trovoada. — Trazia umas olheirasinhas d'um lustre esbatido, muito leve.

Tinha ouvido a trovoada, elle?

— Estava a cear no Gremio, quando trovejou.

Costumava cear?

Elle teve um sorriso infeliz. — Cear! se se podia chamar cear ir ao Gremio rilhar um bife corneo e tragar um Collares peçonhento.

E fitando-a:

— Por tua causa, ingrata!

Por sua causa?

— Por quem então? Porque vim eu a Lisboa? Porque deixei Paris?

— Por causa dos teus negocios...

Elle encarou-a severamente:

— Obrigado — disse — curvando-se.

E a grandes passadas pela sala soprava violentamente o fumo do seu charuto.

Veio sentar-se bruscamente ao pé d'ella. — Não, realmente era injusta. Se estava em Lisboa, era por ella...

E fazendo uma voz meiga, perguntou-lhe se lhe tinha realmente um bocadinho d'amor muito pequenino, assim...

E mostrava o comprimento da unha.

Riram.

— Assim, talvez.

E o peito de Luiza arfava.

Elle então examinou-lhe as unhas; admirou-lh'as

e aconselhou-lhe o verniz que usam as *cocottes*, que lhes dá um lustre polido; e ia-se apossando da sua mão, pôz-lhe um beijo na ponta dos dedos; chupou o dedo minimo, jurou que era muito dôce; arranjou-lhe com um contacto muito timido uns fios de cabello que se tinham soltado, — e, disse, tinha um pedido a fazer-lhe!

Olhava-a com uma supplicação.

— Que é?

— É que venhas commigo ao campo. Deve estar lindo no campo!

Ella não respondeu; dava pancadinhas leves nas pregas molles do roupão.

— É muito simples — acrescentou elle. — Tu vaes-me encontrar a qualquer parte, longe d'aqui, está claro. Eu estou á espera de ti com uma carruagem, tu saltas para dentro e *fouette, cocher!*

Ella hesitava.

— Não digas que não.

— Mas onde?

— Onde tu quizeres. A Paço d'Arcos, a Loires, a Queluz. Dize que sim.

A sua voz era muito urgente, quasi ajoelhára.

— Que tem? É um passeio d'amigos, d'irmãos.

Ella sorria.

— Não! isso não!

Bazilio zangou-se, chamou-lhe *beata*. Quiz sahir. Ella veio tirar-lhe o chapéo da mão, muito meiga, quasi vencida.

— Talvez, veremos — dizia, com um sorriso quente.

— Dize que sim — insistia. — Sê boa rapariga!

— Pois sim, ámanhã veremos, ámanhã fallaremos.

Mas no dia seguinte, muito habilmente, Bazilio não fallou no passeio, nem no campo. Não fallou tambem do seu amor nem dos seus desejos. Parecia muito alegre, muito superficial; tinha-lhe trazido o romance de Belot, *A mulher de fogo;* e sentando-se ao piano, disse-lhe canções de *café concerto,* muito picantes; imitava a rouquidão acre e canalha das cantoras; fel-a rir.

Depois fallou muito de Paris, contou-lhe a moderna chronica amorosa, anecdotas, paixões *chics*. Tudo se passava com duquezas, princezas, d'um modo dramatico e sensibilisador, ás vezes jovial, sempre cheio de delicias. E, de todas as mulheres de que fallava, dizia recostando-se: Era uma mulher distinctissima, tinha naturalmente o seu amante...

O adulterio apparecia assim um dever aristocratico. De resto a virtude, parecia ser pelo que elle contava, o defeito d'um espirito pequeno, ou a occupação reles d'um temperamento burguez...

E quando sahiu, disse, como recordando-se:

— Sabes que estou com minhas idéas de partir?...

Ella perguntou, um pouco descorada:

— Porque?

Bazilio disse, muito indifferente:

*

— Que diabo faço eu aqui?...

Esteve um momento a fitar o tapete, deu um suspiro, e como dominando-se:

— Adeus, meu amor...

E sahiu.

Quando n'essa tarde Luiza entrou na sala de jantar, levava os olhos vermelhos, a pelle irritada como da acridão de lagrimas.

Foi ella no dia seguinte que fallou do campo. Queixou-se do continuo calor, da *séca* de Lisboa. Como devia estar lindo em Cintra!

— És tu que não queres — acudiu elle. — Podiamos fazer um passeio adoravel.

Mas tinha medo, podiam vêr...

— O quê! N'um coupé fechado? Com as *stores* descidas?

Mas então era peor que estar n'uma sala, era abafar n'uma bocêta!

Mas não! Iam a uma quinta. Podiam ir ás *Alegrias*, á quinta d'um amigo d'elle que estava em Londres. Só viviam lá os caseiros, era ao pé dos Olivaes, era lindo! Bellas ruas de loureiros, sombras adoraveis. Podiam levar gelo, champagne...

— Vem! — disse bruscamente, tomando-lhe as mãos.

Ella córou. — Talvez. No domingo veria.

E que tinha elle feito? — perguntou.

Tinha-se affligido — disse. — Não tinha dormido.

Os seus olhos encontraram-se, humedeceram-se. Ella sentiu-se muito perturbada; foi abrir as vidra-

ças ambas, dar ar á sala, uma claridade larga como uma publicidade; sentou-se n'uma cadeira ao pé do piano, receando a penumbra, o sophá, todas as cumplicidades; e pediu-lhe que cantasse alguma cousa, porque já temia as palavras, tanto como os silencios! Bazilio cantou a *Medjé*, a melodia de Gounod, sensual e perturbadora. Aquellas notas quentes passavam-lhe na alma como bafos d'uma noite electrica. E quando Bazilio sahiu, ficou sentada, immovel, quebrada, como depois d'um excesso.

Sebastião tinha estado nos ultimos tres dias em Almada, na quinta do Rozegal, onde trazia obras. Voltára na segunda-feira cedo, e, pelas dez horas, sentado no poial da janella de jantar que abria para o terraçosinho, esperava o seu almoço, brincando com o *Rolim* — o seu gato, amigo e confidente da illustre Vicencia, nedio como um prelado, ingrato como um tyranno.

A manhã começava a aquecer; o quintal estava já cheio de sol; na agua do tanque, sob a parreira, claridades espelhadas e tremulas faiscavam. E nas duas gaiolas os canarios cantavam estridentemente.

A tia Joanna, que andava a arranjar a mesa do almoço muito calada, pôz-se então a dizer com a sua vozinha arrastada e minhôta:

— Ora esteve ahi hontem a Gertrudes, a do doutor, com uns palratorios, com umas tontices!...

— A respeito de que, tia Joanna? — perguntou Sebastião.

— A respeito d'um rapaz, que diz que vai agora todos os dias a casa da Luizinha.

Sebastião ergueu-se, branco:

— Que disse ella, tia Joanna?

A velha assentava a toalha devagar com a sua mão gorducha espalmada:

— Esteve ahi a palrar. Quem seria, quem não seria? Diz que é um perfeito rapaz. Vem todos os dias. Vem de trem, vai de trem... No sabbado que estivera até quasi á noitinha. E cantou-se na sala, diz que uma voz que nem no theatro...

Sebastião interrompeu-a, impaciente:

— É o primo, tia Joanna. Então quem havia de ser? É o primo que chegou do Brazil.

A tia Joanna teve um bom sorriso.

— Eu logo vi que era cousa de parente. Pois diz que é um perfeito rapaz! E todo janota!

E sahindo para a cozinha, devagar:

— Eu logo vi que era parente, logo vi...

Sebastião almoçou inquieto. Se a visinhança agora se põe a mexericar, a commentar! Que escandalo! — E muito irresoluto, assustado, decidiu-se logo a ir fallar a Julião.

Descia a rua de S. Roque para casa d'elle, quando o viu subir devagar pela sombra, com um rolo de papel debaixo do braço, uma calça branca amarrotada, muito fatigado.

— Ia a tua casa, homem! — disse Sebastião logo.

Julião estranhou a excitação desusada da sua voz.

Havia alguma novidade? Que era?

— Uma do diabo! — exclamou, baixo, Sebastião.

Estavam parados ao pé da confeitaria. Na vidraça, por traz d'elles, emprateleirava-se uma exposição antiquada de doceria: no alto enfileiravam-se as garrafas de malvasia, com os seus letreiros muito coloridos; depois, espalhadas, transparencias avermelhadas de gelatinas, amarellidões enjoativas de dôces d'ovos; e nos quéques d'um castanho escuro debruçavam-se, espetados, cravos tristes de papel branco ou côr de rosa. Velhas natas lividas amollentavam-se no ôco dos folhados; ladrilhos grossos de marmelada esbeiçavam-se ao calor; as empadinhas de marisco agglomeravam as suas crôstas resequidas. E no centro, muito proeminente n'uma travessa, enroscava-se uma lampreia d'ovos medonha, com o ventre d'um amarello ascoroso, bojudo, o dorso malhado d'arabescos d'assucar, com a bocca escancarada: na sua cabeça grossa esbogalhavam-se dous olhos de chocolate; os seus dentes d'amendoa ferravam-se n'uma tangerina de chila; e em torno do monstro espapado moscas esvoaçavam.

— Vamos alli para o café — disse Julião. — Aqui na rua arde-se...

— Tenho estado apoquentado — foi dizendo Sebastião. — Muito apoquentado!...

No café o papel azul ferrete e as meias portas fe-

chadas abatiam a aspera intensidade da luz, davam uma frescura calada.

Foram-se sentar ao fundo. Do outro lado da rua as fachadas muito caiadas brilhavam com uma radiação faiscante. Os mochos de palhinha estavam mettidos debaixo da mesa, e sobre a pedra de marmore arrastavam jornaes ennodoados. Por traz do balcão, onde reluziam garrafas de crystal, um criado com um jaquetão, estremunhado e esguedelhado, cabeceava de somno. Um passaro chilreava dentro; sentia-se o bater espaçado das bolas do bilhar através d'uma porta de baeta verde; ás vezes o pregão de um cangalheiro na rua sobresahia, e — todos estes sons, por momentos, se perdiam no ruido forte do descer d'um trem travado.

Defronte d'elles um sujeito sujo, com um ar dissipado, lia um jornal; raras melenas de um cabello grisalho collavam-se sobre um craneo calvo e amarellado; no seu bigode esbranquiçado havia tons queimados do cigarro; as noitadas tinham dado uma vermelhidão inflammada ás suas palpebras e um baço amarellado á sua pelle engelhada. De vez em quando erguia preguiçosamente a cabeça, atirava para o chão areado um jacto escuro de saliva, dava uma sacudidella machinal ao jornal e tornava a fital-o com um olhar cançado. Quando os dous entraram e pediram carapinhadas abaixou-lhes gravemente a cabeça.

— Mas o que é então? — perguntou logo Julião.

Sebastião chegou-se mais para elle:

— É por causa lá da nossa gente. Por causa do primo — disse baixo.

E acrescentou:

— Tu vistel-o, hein?

A lembrança repentina da sua humilhação na sala de Luiza trouxe uma vermelhidão ás faces de Julião. Mas muito orgulhoso, disse seccamente:

— Vi.

— E então?

— Pareceu-me um asno! — exclamou, não se contendo.

— E um extravagante — disse com terror Sebastião. — Não te pareceu, hein?

E fitava muito Julião.

— Pareceu-me um asno — repetiu. — Umas maneiras, uma affectação, um alambicado, a olhar muito para as meias, umas meias ridiculas de mulher...

E com um certo sorriso azedado:

— Eu mostrei-lhe francamente as minhas botas. Estas — disse, apontando para os botins mal engraxados — tenho muita honra n'ellas, são de quem trabalha...

Porque publicamente costumava gloriar-se d'uma pobreza que intimamente não cessava de o humilhar.

E remexendo devagar a sua carapinhada:

— Uma besta! — resumiu.

— Tu sabes que elle foi namoro da Luiza? — disse Sebastião, baixo, assustado da gravidade da confidencia.

E respondendo logo ao olhar surprehendido de Julião:

— Sim. Ninguem o sabe. Nem Jorge. Eu soube-o ha pouco, ha mezes. Sim, foi. Estiveram para casar. Depois o pai falliu, elle foi para o Brazil, e de lá escreveu a romper o casamento.

Julião sorriu, e encostando a cabeça á parede:

— Mas isso é o enredo da *Eugenia Grandet*, Sebastião! Estás-me a contar o romance de Balzac! Isso é a *Eugenia Grandet!*

Sebastião fitou-o espantado.

— Ora! não se póde fallar serio comtigo. Dou-te a minha palavra d'honra — acrescentou vivamente.

— Vá, Sebastião, vá, dize.

Houve um silencio. O sujeito calvo, agora, contemplava o estuque do tecto um pouco sujo do fumo dos cigarros e do pousar das moscas; e, com a mão sapuda e de tom pegajoso, coçava amorosamente as suas rêpas grisalhas. Via-se-lhe a gravata preta de luto, onde um alfinete de peito, de vidro, reluzia. No bilhar vozes altercavam.

Sebastião então, como tomado d'uma resolução, disse bruscamente:

— E agora vai lá todos os dias, não sahe de lá!

Julião afastou-se na banqueta e encarou-o; os vidros da sua luneta reluziam.

— Tu queres-me dar a entender alguma cousa, Sebastião?

E com uma vivacidade quasi jovial:

— O primo atira-se?

Aquella palavra escandalisou Sebastião.

— Ó Julião! — E severamente: — Com essas cousas não se brinca!

Julião encolheu os hombros.

— Mas está claro que se atira! — exclamou. — És de bom tempo ainda! Está claro que sim! Namorou-a solteira, agora quel-a casada!

— Falla baixo — acudiu Sebastião.

Mas o criado dormitava, e o sujeito calvo tinha recahido na sua leitura melancolica.

Julião baixou a voz:

— Mas é sempre assim, Sebastião. O primo Bazilio tem razão; quer o prazer sem a responsabilidade!

E quasi ao ouvido d'elle:

— É de graça, amigo Sebastião! É de graça! Tu não imaginas que influencia isto tem no sentimento!

Riu-se. Estava radioso; as palavras, as pilherias, vinham-lhe com abundancia:

— Ha um marido que a veste, que a calça, que a alimenta, que a engomma, que a vela se está doente, que a atura se ella está nervosa, que tem todos os encargos, todos os tedios, todos os filhos, todos, todos os que vierem, sabes a lei... Por consequencia o primo não tem mais que chegar, bater ao ferrolho, encontra-a aceada, fresca, appetitosa, á custa do marido, e...

Teve um risinho, recostou-se com uma grande satisfação, enrolando o cigarro, regosijando-se no escandalo.

— É optimo! — acrescentou. — Todos os primos raciocinam assim. Bazilio é primo, logo... Sabes o syllogismo, Sebastião! Sabes o syllogismo, menino! — gritou, dando-lhe uma palmada na perna.

— É o diabo — murmurou Sebastião cabisbaixo.

Mas revoltando-se contra a suspeita que o ia dominando:

— Mas tu suppões que uma rapariga de bem...

— Eu não supponho nada! — acudiu Julião.

— Falla baixo, homem!

— Eu não supponho nada — repetiu Julião baixinho. — Eu affirmo o que elle faz. Agora ella...

E acrescentou com seccura:

— Como é uma rapariga honesta...

— Se é! — exclamou Sebastião, batendo uma punhada na pedra da mesa.

— Prompto! — cantou arrastadamente o moço.

O velho calvo ergueu-se logo; mas vendo que o criado se recolhia ao balcão bocejando, e que os dous continuavam a remexer a sua carapinhada, encostou os cotovêlos á mesa, salivou para longe, e puxando o jornal deixou-lhe cahir em cima um olhar desolado.

Sebastião disse, então, com tristeza:

— A questão não é por ella. A questão é pela visinhança.

Ficaram um momento calados. A altercação de vozes no bilhar crescia.

— Mas — disse Julião, como sahindo d'uma reflexão — a visinhança? Como a visinhança?

— Sim, homem! Vêem entrar para lá o rapaz. Vem de tipoia, faz um escandalo na rua. Já se falla. Já vieram com mexericos á tia Joanna. Ha dias encontrei o Netto que reparou. O Corrêa tambem. O homem dos trastes, em baixo, não se faz nada que elle não dê fé: são umas linguas de tremer. Hontem ia eu passear quando o primo se apeou da carruagem para entrar, e foram logo conciliabulos na rua, olhadellas para a janella, o diabo! Vai lá todos os dias. Sabem que o Jorge está no Alemtejo... Está duas e tres horas. É muito serio, é muito serio!

— Mas ella então é tola!

— Não vê o mal...

Julião encolheu os hombros, duvidando.

Mas a porta de baeta do bilhar abriu-se; um homem agigantado, de farto bigode negro, muito escarlate, sahiu bruscamente, e parando, segurando a porta aberta, gritou para dentro:

— E fique sabendo que havia d'encontrar homem!

Uma voz grossa, do bilhar, respondeu-lhe uma obscenidade.

O sujeito agigantado atirou a porta, furioso; atravessou o café resfolegando, apopletico; um rapaz chupado, de jaquetão de inverno e calça branca, seguia-o, com um ar gingado.

— O que eu devia fazer — exclamava o agigantado, brandindo o punho — era quebrar-lhe a cara!

O rapaz chupado, dizia, com doçura e servilismo, bamboleando-se:

— Questões não servem para nada, sô Corrêa!

— É que sou muito prudente — berrou o agigantado. — É que me lembro que tenho mulher e filhos!

E sahindo, a sua voz roncante perdeu-se no rumor da rua.

O criado muito pallido, dentro do balcão, arregalava os olhos; e o sujeito calvo, que erguera a cabeça, teve um sorriso de tedio e retomou tristemente o jornal.

Sebastião, então, disse reflectindo:

— Não te parece que seria bom avisal-a?

Julião encolheu os hombros, soltou uma baforada de fumo.

— Dize alguma cousa! — implorou Sebastião — Tu não ias fallar-lhe, hein?

— Eu? — exclamou Julião com um aspecto que repellia a idéa. — Eu! Estás doudo!

— Mas que te parece, emfim?

E a voz de Sebastião tinha quasi uma affiicção.

Julião hesitou:

— Vai, se queres. Dize-lhe que se tem reparado... Emfim, eu não sei, meu amigo!

E pôz-se a chupar o seu cigarro.

Aquelle mutismo affectou Sebastião. Disse com desconsolação:

— Homem, vim-te pedir um conselho...

— Mas que diabo queres tu? — E a voz de Julião irritava-se. — A culpa é d'ella. É d'ella! — insistiu, vendo o olhar de Sebastião. — É uma mulher de vin-

te e cinco annos, casada ha quatro, deve saber que se não recebe todos os dias um peralvilho, n'uma rua pequena, com a visinhança a postos! Se o faz, é porque lhe agrada.

— Ó Julião! — disse muito severamente Sebastião.

E dominando-se, com a voz commovida:

— Não tens razão, não tens razão!

Calou-se muito magoado.

Julião levantou-se.

— Amigo Sebastião, eu digo o que penso, tu fazes o que entendes.

Chamou o criado.

— Deixa — disse Sebastião precipitadamente, pagando.

Iam sahir. Mas então o sujeito calvo, atirando o jornal, arremessou-se para a porta, abriu-a, curvou-se, e estendeu a Sebastião um papel azul enxovalhado.

Sebastião, surprehendido, leu alto, machinalmente:

«O abaixo assignado, antigo empregado da nação, reduzido á miseria...»

— Fui intimo amigo do nobre duque de Saldanha! — gemeu chorosamente, com uma rouquidão, o sujeito calvo.

Sebastião córou, comprimentou, metteu-lhe na mão duas placas de cinco tostões, discretamente.

O sujeito dobrou profundamente o espinhaço e declamou com uma voz cava:

— Mil agradecimentos a v. exc.ª, snr. conde!

V

A manhã estava abrazadora; e, um pouco depois do meio dia, Joanna, estirada n'uma velha cadeira de vime da ilha da Madeira que havia na cozinha, dormitava a sésta. Como madrugava muito, — ás cinco horas, ás vezes mais cedo, já as suas rijas passadas faziam ranger em cima os soalhos, — áquella hora da calma vinha-lhe sempre uma quebreira.

As janellas estavam cerradas ao sol faiscante; as panellas no lume faziam um *ron-ron* dormente; e toda a casa, muito silenciosa, parecia amodorroada no amollecimento do calor torrido, quando Juliana entrou como uma rajada, atirou para o chão, furiosa, uma braçada de roupa suja, e gritou:

— Raios me partam se não ha um escandalo n'esta casa que vai tudo raso!

Joanna deu um salto, estremunhada.

— Quem quer as cousas em ordem olha por ellas! — berrava a outra com a face manchada, os olhos injectados. — Não é estar todo o dia na sala a palrar com as visitas!

A cozinheira foi fechar a porta precipitadamente, toda assustada.

— Que foi, snr.ª Juliana, que foi?

— Está com a mosca! Tem o sangue a ferver! Sangrias! sangrias!

A sua voz tinha uma estridencia aguda.

— Está com a telha! Tem peguilhado por tudo! Não estou para a aturar, não estou!

E batia o pé com phrenesi.

— Mas que foi? que foi?

— Diz que os collarinhos tinham pouca gomma, pôz-se a despropositar! Estou farta de a aturar! Estou farta! Estou até aqui! — bradava, puxando a pelle engelhada da garganta. — Pois que me não faça sahir de mim! Que me vou, e pespego-lhe na cara por que é! Desde que aqui temos homens e pouca vergonha, boas noites!... Quem quizer que se metta em alhadas...

— Ó snr.ª Juliana, pelo amor de Deus! Jesus! — E a Joanna apertava a cabeça nas mãos. — Ai! Se a senhora ouve!

— Que ouça, digo-lh'o na cara! Estou farta! Estou farta!

Mas veio-lhe um arroto estrangulado de repente, fez-se branca como a cal, cahiu sobre a cadeira de

vime com as duas mãos contra o coração, os olhos em alvo.

Joanna começou a sacudil-a, a chamal-a baixo, anciosamente:

— Snr.ª Juliana! Snr.ª Juliana! Falle!

Borrifou-a d'agua.

— Nossa Senhora nos valha! Nossa Senhora nos valha! Está melhor? Falle!

Juliana deu um suspiro longo, alliviado, cerrou as palpebras. E arquejava devagarinho, livida, toda prostrada.

— Como se sente? Quer um caldinho? É fraqueza, ha-de ser fraqueza...

— Foi a pontada — murmurou Juliana, cançada.

Ai! aquelles phrenesis matavam-na! — dizia a cozinheira, remexendo-lhe o caldo, muito pallida tambem. — A gente tinha d'aturar os amos! Que tomasse a sustancia, que socegasse!...

N'aquelle momento Luiza abriu a porta. Vinha em collete e saia branca.

Que barulho era aquelle?

— A snr.ª Juliana que lhe tinha dado uma cousa, quasi desmaiára...

— Foi a pontada — balbuciou Juliana. — Mordia o beiço branco com os seus dentes amarellados, esfregando devagar o corpete sobre o coração.

E erguendo-se, com um esforço:

— Se a senhora não precisa nada, vou ao medico...

— Vá, vá! — disse Luiza logo, descendo.

*

Juliana pôz-se a tomar o seu caldo com um vagar moribundo. Joanna consolava-a baixo: — Tambem, a snr.ª Juliana arrenegava-se por qualquer cousa. E quando a gente tem pouca saude não ha nada peor que emphrenesiar-se...

— É que não imagina! — e abafava a voz arregalando os olhos. — Tem estado de não se poder aturar! Está-se a vestir que nem para uma partida! Amarfanhou uns poucos de collares, atirou-os para o chão, que eu engommava que era uma porcaria, que não servia para nada... Ai! Estou farta! — repetia — Estou farta!

— É ter paciencia! Todos tem a sua cruz!

Juliana teve um sorriso livido, ergueu-se com um grande *ai!* escabichou os dentes, apanhou a roupa suja, e subiu ao sotão.

D'ahi a pouco, de luvas pretas, muito amarella, as olheiras carregadas, sahiu.

Mas ao dobrar a esquina da rua, defronte do estanco, parou indecisa. Até ao medico era um estirão, era!... E estava, que lhe tremiam as pernas... Mas tambem, largar tres tostões para trem!...

— Pst, pst! — fez de lado uma voz dôce.

Era a estanqueira, com o seu longo vestido de luto tingido, a face côr de limão e muito oleosa, o sorriso desconsolado.

Que era feito da snr.ª Juliana? A dar o seu passeio, hein?

Gabou-lhe a sombrinha preta de cabo d'osso. — De muito gosto — disse. — E como ia de saude?

Mal. Dera-lhe a pontada. Ia ao medico...

Mas a estanqueira não tinha fé nos medicos. Era dinheiro deitado á rua... Citou a doença do seu homem, os gastos, um *rôr* de moedas. E para que? para o vêr penar e morrer como se nada fosse! Era um dinheiro que sempre chorava!

E suspirou. — Emfim, fosse feita a vontade de Deus! E lá por casa?...

— Tudo sem novidade.

E então, cruzando os braços, baixinho:

— Ó snr.ª Juliana, quem é aquelle rapaz que vai agora por lá todos os dias?

Juliana respondeu logo:

— É o primo da senhora.

— Dão-se muito!...

— Parece.

Tossiu, e com um comprimentosinho:

— Pois, muito boas tardes, snr.ª Helena.

E muito direita, foi resmungando:

— Ora, fica-te a chuchar no dedo, lêsma!

Juliana detestava a visinhança; sabia que a escarneciam, que a imitavam, que lhe chamavam a *tripa velha!*... — Pois, tambem d'ella não haviam de saber nada! Podiam rebentar de curiosidade! Vinham de carrinho! Boa! Tudo o que visse ou que lhe cheirasse havia de ficar guardadinho, lá dentro. — Para uma occasião! — pensava com rancor, sacudindo os quadris.

A estanqueira ficou á porta, muito despeitada. E o Paula dos moveis, que as vira conversar, veio lo-

go, deslisando subtilmente nas suas chinellas de tapete:

— Então a *tripa velha* escorregou-se?

— Ai! não se lhe tira nada!

O Paula enterrou as mãos nos bolsos, e fazendo a voz grossa:

— Aquillo, a do Engenheiro besunta-lhe as mãos... É ella quem leva a cartinha, quem abre a portita de noite...

— Tanto não direi! Credo!

O Paula fitou-a com superioridade:

— A snr.ª Helena está ahi ao seu balcão... Mas eu é que as conheço, as mulheres da alta sociedade! Conheço-as na ponta dos dedos. É uma cambada!

Citou logo nomes, alguns illustres; tinham amantes innumeraveis; até trintanarios! Algumas fumavam, outras *entortavam-se*. E peor! E peor!

— E passeiam por ahi, muito repimpadas de carrinho, á barba da gente de bem!

— Falta de religião! — suspirou a estanqueira.

O Paula encolheu os hombros:

— A religião é que é, snr.ª Helena! C'os padres é que é!

E agitando furioso o punho fechado:

— C'os padres é uma *choldra* viva!

— Credo, snr. Paula, que até lhe fica mal!...

E o carão amarellado da estanqueira tinha uma severidade reprehensiva.

— Ora, historias, snr.ª Helena! — exclamou o homem com tedio.

E bruscamente:

— Porque é que acabaram os conventos? Diga-me! Porque era um desaforo lá dentro!

— Oh snr. Paula! oh snr. Paula! — balbuciava a Helena, recuando, encolhendo-se.

Mas o Paula atirava-lhe as impiedades como punhaladas.

— Um desaforo! De noite as freiras vinham por um subterraneo ter c'os frades. E era vinhaça e mais vinhaça. E batiam o fandango em camisa! Anda isso por ahi em todos os livros.

E erguendo-se nas chinellas:

— E os jesuitas, se vamos a isso! Sim! diga!

Mas recuou, e levando a mão á pala do bonet:

— Um criado da senhora! — disse, com respeito.

Era Luiza que passava, vestida de preto, o véo descido. Ficaram calados, a olhal-a.

— Que ella é muito bonita! — murmurou a estanqueira.

O Paula franziu a testa.

— Não é mau bocado... — disse. — E acrescentou, com desdem: — P'ra quem gosta d'aquillo!...

Houve um silencio, e o Paula, de repente, exclamou, com azedume:

— Não são as saias que me levam o tempo, snr.ª Helena, nem d'isto!

E bateu, com emphase, no bolso do collete, fazendo tilintar dinheiro.

Tossiu, pigarreou, e ainda aspero:

— Venha de lá um pataco de Xabregas.

E foi para a porta do estanco enrolar o cigarro, assobiar; mas calou-se subitamente; os seus olhos dilatavam-se indignados; n'uma das janellas de cima na casa do Engenheiro, tinha avistado, por entre as vidraças abertas, a figura enfesada do Pedro, o carpinteiro.

Voltou-se para a estanqueira cruzando os braços, agitando a cabeça:

— E agora que a patrôa vai á vida, lá está o rapazola a entender-se com a criada!

Soltou uma larga baforada de fumo, e com a voz soturna:

— Aquella casa vai-se tornando um prostibulo!

— Um quê, snr. Paula?

— Um prostibulo, snr.ª Helena! É como se dissesse um alcouce!

E, com passos reflectidos, o patriota afastou-se.

Luiza ia emfim ao campo com Bazilio. Tinha consentido na vespera, declarando logo «que era só um passeio de meia hora, de carruagem, sem se apearem». Bazilio ainda insistiu, fallando em «sombras d'alamedas, uma merendinha, relvas...» Mas ella recusou, muito teimosa, rindo, dizendo: — Nada de relvas!...

E tinham combinado encontrar-se na praça da

Alegria. Chegou tarde, já depois das duas e meia, com o guardasolinho muito carregado sobre o rosto, cheia de susto.

Bazilio esperava, fumando n'um coupé, á esquina, debaixo d'uma arvore. Abriu rapidamente a portinhola, e Luiza entrou fechando atrapalhadamente a sombrinha; o vestido prendeu-se-lhe ao estribo, puxou com força, esgaçou o rufo de sêda; e achou-se ao lado d'elle, muito nervosa, offegante, com o rosto abrasado, murmurando:

— Que tolice, que tolice esta!

Mal podia fallar. O coupé partiu logo a trote. O cocheiro era o Pintéos, um batedor.

— Tão cançada, coitadinha! — dizia-lhe Bazilio muito meigo.

Levantou-lhe o véo; estava suada; os seus largos olhos brilhavam da excitação, da pressa, do medo...

— Que calor, Bazilio!

Quiz descer um dos vidros do coupé.

Não, isso não! Podiam vêl-os. Quando passassem as portas...

— Para onde vamos nós?

E espreitava, levantando a *store*.

— Vamos para o lado do Lumiar, é o melhor sitio. Não queres?

Encolheu os hombros. Que lhe importava? E ia socegando: tinha tirado o véo e as luvas: sorria, abanando-se com o lenço, d'onde sahia um aroma fresco.

Bazilio prendeu-lhe o pulso, pôz-lhe muitos bei-

BIBLIOTECA NACIONAL

jos longos, delicados, na pelle fina, azulada de veiasinhas.

— Tu prometteste ter juizo! — fez ella com um sorriso quente, olhando-o de lado.

Ora! mas um beijo, no braço! Que mal havia? Tambem era necessario não ser beata!

E olhava-a avidamente.

As velhas *stores* do coupé corridas eram de séda vermelha, e a luz que as atravessava envolvia-a n'um tom igual, côr de rosa e quente. Os seus beiços tinham um escarlate molhado, a lisura sã d'uma petala de rosa; e ao canto do olho um ponto de luz movia-se n'um fluido dôce.

Não se conteve, passou-lhe os dedos um pouco tremulos nas fontes, nos cabellos, com uma caricia fugitiva e assustada; e com a voz humilde:

— Nem um beijo na face, um só?

— Um só?... — fez ella.

Pousou-lh'o delicadamente ao pé da orelha. Mas aquelle contacto exasperou-lhe o desejo brutalmente; teve um som de voz soluçado; agarrou-a com sofreguidão, e atirava-lhe beijos tontos pelo pescoço, pela face, pelo chapéo...

— Não! não! — balbuciava ella, resistindo. — Quero descer! Dize que pare!

Batia nos vidros; esforçava-se por correr um, muito excitada, magoando os dedos na dura corréa suja.

Bazilio pôz-se a supplicar, que lhe perdoasse! Que doudice, zangar-se por um beijo! Se ella esta-

va tão linda!... Fazia-o doudo. Mas jurava ir quieto, muito quieto...

A carruagem, ao pé das portas, rolava sacudida na calçada miuda; nas terras, aos lados, as oliveiras de um verde empoeirado estavam immoveis na luz branca; e sobre a herva crestada o sol batia duramente n'uma fulguração continua.

Bazilio tinha descido um dos vidros; a *store* corrida palpitava brandamente; e pôz-se a fallar-lhe ternamente de si, do seu amor, dos seus planos. Estava resolvido a vir estabelecer-se para Lisboa — dizia. — Não tencionava casar-se; amava-a, e não comprehendia nada melhor do que viver ao pé d'ella, sempre. Dizia-se desilludido, enfastiado. Que mais lhe podia offerecer a vida? Tinha tido as sensações dos amores ephemeros, as aventuras das longas viagens. Ajuntára alguma cousa de seu, — e sentia-se velho.

Repetia, fitando-a, tomando-lhe as mãos:

— Não é verdade que estou velho?

— Não muito — e os seus olhos humedeciam-se.

Ah! estava! estava! O que lhe appetecia agora era viver para ella, vir descançar nas doçuras da sua intimidade... Ella era a sua unica familia. Dizia-se muito *parente*. — A familia no fim de tudo é o que ha de melhor ainda. — Não te incommoda que eu fume?

E acrescentou, raspando o phosphoro:

— O que ha de bom na vida é uma affeição profunda como a nossa. Não é verdade? Contento-me

com pouco, de resto. Vêr-te todos os dias, conversar muito, saber que me estimas... — Por dentro do campo, ó Pintéos! — gritou com força pela portinhola.

O coupé entrou a passo no Campo Grande. Bazilio ergueu as *stores;* um ar mais vivo penetrou. O sol cahia sobre o arvoredo, trespassando-o d'uma luz faiscante, formando no chão poeirento e branco sombras quentes de ramagens. Tudo tinha em redor um aspecto resequido e exhausto. Na terra gretada, a herva curta, crestada, queimada, fazia tons cinzentos. Na estrada, ao lado, arrastava-se uma poeira amarellada. Saloios passavam, amodorroados sobre o albardão, bamboleando as pernas, abrigados sob os vastos guardasoes escarlates; e a luz que vinha de um céo azul ferrete, acabrunhador, fazia reluzir com uma radiação crua as paredes muito caiadas, as aguas d'algum balde esquecido ás portas, todas as brancuras de pedras.

E Bazilio continuava:

— Vendo tudo o que tenho lá fóra, alugo aqui uma casinha em Lisboa, em Buenos-Ayres, talvez... Não te agrada? Dize...

Ella calava-se; aquellas palavras, as promessas, a que a voz d'elle metallica e velada dava um vigor mais amoroso, iam-n'a perturbando como a inebriação d'um licôr forte. O seu seio arfava.

E Bazilio dizia:

— Quando estou ao pé de ti sinto-me tão feliz, parece-me tudo tão bom...

— Se isso fosse verdade! — suspirou ella, encostando-se para o fundo do coupé.

Bazilio prendeu-lhe logo a cintura; jurou-lhe que sim! Ia pôr a sua fortuna em inscripções. Começou a dar-lhe provas: já fallára a um procurador; citou-lhe o nome, «um sêcco, de nariz agudo».

E apertando-a contra si, os olhos muito vorazes:

— E se fosse verdade, dize, que fazias?

— Nem eu sei — murmurou ella.

Iam entrando no Lumiar, e por prudencia desceram as *stores*. Ella afastou uma, e, espreitando, via fóra passar rapidamente, ao lado do trem, arvores empoeiradas; um muro de quinta d'uma côr de rosa sujo; fachadas de casas mesquinhas; um omnibus desatrellado; mulheres sentadas ao portal, á sombra, catando os filhos; e um sujeito vestido de branco, de chapéo de palha, que estacou, arregalou os olhos para as cortinas fechadas do coupé. E ia desejando habitar alli n'uma quinta, longe da estrada; teria uma casinha fresca com trepadeiras em roda das janellas, parreiras sobre pilares de pedras, pés de roseiras, ruasinhas amaveis sob arvores entrelaçadas, um tanque debaixo d'uma tilia, onde de manhã as criadas ensaboariam, bateriam a roupa, palrando. E ao escurecer, ella e elle, um pouco quebrados das felicidades da sésta, iriam pelos campos, ouvindo calados, sob o céo que se estrella, o coaxar triste das rãs.

Cerrou os olhos. O movimento muito lançado do coupé, o calor, a presença d'elle, o contacto da sua

mão, do seu joelho, acceleravam-lhe o sangue. Sentia um desejo alargar-se dentro do seu peito, como uma vela que se enche de vento. Descorava.

— Em que vaes tu a pensar? — perguntou-lhe elle baixo, muito terno.

Luiza fez-se vermelha, então. Não respondeu. Tinha medo de fallar, de lhe dizer...

Bazilio tomou-lhe a mão devagarinho, com respeito, com cuidado, como uma cousa preciosa e santa; e beijou-lh'a de leve, com a servilidade d'um negro e a unção d'um devoto. Aquella caricia tão humilde, tão tocante, quebrou-a; os seus nervos distenderam-se, deixou-se cahir para o canto do coupé, rompeu a chorar...

Que era? Que tinha? Prendera-a nos braços, beijava-a, dizia-lhe palavras loucas.

— Queres que fujamos?

As suas lagrimasinhas redondas e luminosas, rolando devagarinho sobre aquella face mimosa, enterneciam-no e davam aos seus desejos uma vibração quasi dolorosa.

— Foge commigo, vem, levo-te! Vamos para o fim do mundo!

Ella soluçou, murmurou muito doridamente:

— Não digas tolices.

Elle calou-se; pôz a mão sobre os olhos com uma attitude melancolica, pensando: — Estou a dizer tolices, não ha que vêr!

Luiza limpava as lagrimas, assoando-se devagarinho.

— É nervoso — disse. — É nervoso. Voltamos, sim? Não me sinto bem. Dize que volte.

Bazilio mandou «bater» para Lisboa.

Voltaram um pouco calados. Luiza queixava-se de um ameaço d'enxaqueca. Elle tinha-lhe tomado a mão, repetia-lhe as mesmas ternuras: chamava-lhe «sua pomba», seu «ideal». E pensava baixo: — Estás cahida!

Pararam na praça da Alegria. Luiza espreitou, saltou depressa, dizendo:

— Ámanhã, não faltes, hein?

Abriu o guarda-solinho, carregou-o sobre o rosto, subiu rapidamente para a Patriarchal.

Bazilio então desceu os vidros, respirou com satisfação, accendeu outro charuto, estendeu as pernas:

— Ao Gremio, ó Pintéos! — gritou.

Na sala de leitura, o seu amigo o visconde Reynaldo, que havia annos vivia em Londres e muito em Paris tambem, lia o *Times* languidamente, enterrado n'uma poltrona. Tinham vindo ambos de Paris com a promessa de voltarem juntos por Madrid. Mas o calor desolava Reynaldo; achava a temperatura de Lisboa *reles;* trazia lunetas defumadas; e andava saturado de perfumes, por causa «do cheiro ignobil de Portugal» — dizia. — Apenas viu Bazilio deixou escorregar o *Times* no tapete, e com os braços molles, a voz preguiçosa:

— E então essa questão da prima vai ou não vai? Isto está horrivel, menino! Eu morro! Preciso

o Norte! Preciso a Escocia! Vamos embora! Acaba com essa prima. Viola-a. Se ella te resiste, mata-a!

Bazilio, que se estendera n'uma poltrona, disse, estirando muito os braços:

— Oh! Está cahidinha!

— Pois avia-te, menino, avia-te!

Apanhou desfallecido o *Times*, bocejou, pediu soda — soda ingleza!

«Não havia», veio dizer o criado. Reynaldo fitou Bazilio com espanto, com terror, e murmurou soturnamente:

— Que abjecção de paiz!

Quando Luiza entrou, Juliana, ainda vestida, disse-lhe logo á porta:

— O snr. Sebastião está na sala. Tem estado um *rôr* de tempo á espera... Já cá estava quando eu cheguei.

Tinha vindo com effeito havia meia hora. Quando a Joanna lhe veio abrir, muito encarnada, com o ar estremunhado, e resmungou «que a senhora estava para fóra», Sebastião ia logo descer, com o allivio delicioso d'uma difficuldade addiada. Mas reagiu, retesou a vontade, entrou, pôz-se a esperar... Na vespera tinha decidido fallar-lhe, avisal-a que aquellas visitas do primo, tão repetidas, com espalhafato, n'uma rua maligna, podiam compromettel-a... Era o diabo, dizer-lh'o!... Mas era um dever! Por ella,

por seu marido, pelo respeito da casa! Tornava-se forçoso acautelal-a... Havia de fazel-o. E não se sentia acanhado. Perante as reclamações do dever, vinham-lhe todas as energias da decisão. O coração batia-lhe um pouco, sim, e estava pallido... Mas havia de lh'o dizer.

Passeava pela sala com as mãos nos bolsos; ia arranjando as suas phrases; procurava-as muito delicadas, bem amigas...

Mas apenas a campainha retiniu, um *frou-frou* de vestido roçou o corredor, a sua coragem engelhou-se como um balão furado. Foi-se sentar ao piano depressa, pôz-se a bater vivamente no teclado. E quando Luiza entrou, sem chapéo, vermelha, descalçando as luvas, ergueu-se, e com um sorriso:

— Tenho estado aqui a trautear um bocado... Estava á espera... Então d'onde vem?

Luiza sentou-se cançada. Vinha da modista — disse. Fazia um calor! Porque não tinha entrado as outras vezes? E muito obrigado pelas suas rosas, Sebastião — acrescentou. Eu não estava com visitas de ceremonia! Era familia, era meu primo que veio de fóra.

Sebastião ficára sentado no mocho do piano. E esfregava devagarinho os joelhos:

— Está bom, seu primo?

— Bom. Tem estado aqui, bastante. Aborrece-se muito em Lisboa, coitado! Ora, quem vive lá fóra!

Sebastião repetiu:

— Está claro, quem vive lá fóra!

Houve um silencio.

— E o Jorge, tem-lhe escripto? — perguntou Luiza.

— Recebi carta hontem — acudiu logo.

Tambem ella. Fallaram de Jorge, dos tedios da jornada, do que contava do phantastico parente de Sebastião, da demora provavel...

— Faz-nos uma falta, aquelle maroto! — disse Sebastião.

Luiza tossiu. Estava um pouco pallida agora. Passava ás vezes a mão pela testa, cerrando os olhos.

E Sebastião de repente, com uma decisão brusca:

— Pois eu vinha, minha rica amiga... — começou.

Mas viu-a ao canto do sophá curvada, a cabeça baixa, a mão sobre os olhos.

— Que tem? Está incommodada?

— É enxaqueca que me veio de repente. Tinha tido ameaços na rua. E com uma força!

Sebastião tinha tomado logo o chapéo:

— E eu a massal-a! É necessario alguma cousa? Quer que vá chamar o medico?

— Não! Vou-me deitar um momento, passa logo.

Que não apanhasse ar, ao menos, recommendava elle. Talvez sinapismos ou rodellas de limão nas fontes... E em todo o caso, se não estivesse melhor que o mandasse chamar...

— Isto passa logo. E appareça, Sebastião! Não se esconda...

Sebastião desceu, respirou largamente, e pensava: — Eu não me atrevo, santo Deus... Mas á porta, ao levantar os olhos, viu no fundo escuro da loja de carvão o vulto enorme da carvoeira, de chambre branco, estendendo o olhar, cocando quem sahia; por cima, tres das Azevedos, entre as velhas cortinas de cassa, juntavam as suas cabecinhas riçadas n'algum conciliabulo maligno: por traz dos vidros a criada do doutor costurava, com olhares de lado, a cada momento, que lambiam a rua; e ao lado, da loja de moveis, sahia o som pigarroso do catarrho do patriota.

— Não passa um gato que esta gente não dê fé! — pensou Sebastião. — E que linguas! Que linguas! Devo fazel-o, ainda que estoure! Se ella ámanhã está melhor, zás, digo-lhe tudo!

Estava com effeito já boa, ás nove horas, no dia seguinte, quando Juliana a foi acordar, com «uma cartinha da snr.ª D. Leopoldina».

A criada, a Justina, uma magrita muito trigueira, com um buço e um olho vesgo, esperava na sala de jantar. Era amiga de Juliana, beijocavam-se muito, diziam-se sempre finezas. E depois de ter guardado a resposta de Luiza n'um cabazinho que trazia no braço, traçou o chale, e muito risonha:

— Então que ha por cá de novo, snr.ª Juliana?

— Tudo velho, snr.ª Justina.

E mais baixo:

— O primo da senhora, agora; vem todos os dias. Perfeito rapaz!

Justina teve um sorrisinho que mostrava um dente chumbado; e o seu olhar vicioso interrogava...

Juliana encolheu os hombros.

— Parece-me que não... — disse. — E acrescentou: — Por ora... E por lá, snr.ª Justina, quem vai por lá?

Justina fez um aceno cheio de desprezo.

— Um rapazola, um estudante. Fraca cousa...

— Sempre pinga! — fez Juliana com um risinho.

A outra exclamou:

— Olha quem! o pelintra! Nem cheta!

E com um gesto melancolico, erguendo o olhar:

— Ai, como o Gama não ha! Quando era do tempo do Gama, isso sim! Nunca ia que me não désse os seus dez tostões, ás vezes meia libra. Ai, devo dizel-o, foi elle que me ajudou para o meu vestido de sêda! Este agora!... é um fedelho. Eu nem sei como a senhora supporta aquillo! E amarellado, enfesado! Aquillo póde prestar para nada!

Juliana disse sentenciosamente:

— Pois olhe, snr.ª Justina, eu agora é que começo a considerar: é onde se está bem, é em casas em que ha pôdres! Encontrei hontem a Agostinha, a que está em casa do commendador, ao Rato... Pois senhor, não se imagina. É tudo o que se póde! Tudo! Annel, vestido de sêda, sombrinha, chapéo! E

de roupa branca diz que é um enxoval. E tudo o Couceiro, o que está com a ama. E pelas festas sua moeda. Diz que é um homem rasgado. Ella tambem, verdade seja, tem um trabalhão: fal-o entrar pelo jardim, e para o fazer sahir tem d'esperar...

— Ah, lá não! — acudiu a Justina. — Lá é pela escada.

Riram baixinho, casquinando.

— Genios... — disse Juliana.

— Ai, lá isso, o nosso tem estomago — affirmou Justina. — Encontra-os na escada, e tanto se lhe dá!...

E muito affectuosamente, arranjando o chale:

— E adeusinho, que se faz tarde, snr.ª Juliana. Ella vem hoje cá jantar, a senhora. Estive toda a manhã a engommar uma saia; desde as sete!

— Tambem eu por cá — disse Juliana. — Ellas é o que tem; quando ha amante sempre ha mais que engommar.

— Deitam mais roupa branca, deitam — observou a Justina, com um sorriso.

— As que deitam! — exclamou Juliana, com desprezo.

Mas Luiza tocou a campainha dentro.

— Adeus, snr.ª Juliana — disse logo a outra, ageitando o chapéo.

— Adeus, snr.ª Justina.

Foi acompanhal-a ao patamar. Beijocaram-se. Juliana foi muito apressada ao quarto de Luiza; estava já a pé, vestindo-se, muito alegre, cantarolando.

O bilhete de Leopoldina dizia na sua letra torta, cheia de ganchos:

«Meu marido vai hoje para o campo. Eu vou-te pedir de jantar, mas não posso ir antes das seis. Convem-te?»

Ficou muito contente. Havia semanas que a não via... O que iam rir, palrar! E Bazilio devia vir ás duas. Era um dia divertido, bem preenchido...

Foi logo á cozinha dar as suas ordens para o jantar; e, quando descia, o criadito de Sebastião tocava a campainha, com um ramo de rosas «a saber se a senhora estava melhor».

— «Que sim, que sim!» — gritou logo Luiza. — E para o tranquillisar, para que elle não viesse — «Que estava boa, que até talvez sahisse».

As rosas, sim, é que vinham a proposito, pensou. Foi ella mesma pôl-as nos vasos, cantarolando muito, o olhar vivo, satisfeita de si, da sua vida que se tornava interessante, cheia de incidentes...

E ás duas horas, vestida, veio para a sala, pôz-se ao piano a estudar a *Medjé* de Gounod, que Bazilio trouxera, e que a encantava agora muito, com os seus accentos suspirados e calidos.

Ás duas e meia porém começou a estar impaciente; os dedos embrulhavam-se-lhe no teclado. — Já devia ter vindo — pensava.

Foi abrir as janellas, debruçar-se para a rua; mas a criada do doutor, que costurava por dentro

dos vidros, ergueu logo uns olhos tão expiadores, que Luiza fechou rapidamente as vidraças. E veio recomeçar a melodia, já nervosa.

Uma carruagem rolou. Ergueu-se agitada, batia-lhe o coração. A carruagem passou...

Tres horas já! O calor parecia-lhe maior, insupportavel, sentia-se toda afogueada, foi cobrir-se de pó d'arroz. Se Bazilio estivesse doente! E n'um quarto d'hotel! Só, com criados desleixados, indifferentes! Mas não, ter-lhe-hia escripto n'esse caso! Não viera, não se importára! Que grosseiro, que egoista!

Era bem tola em se affligir. Melhor! Mas, abafava-se, positivamente! Foi buscar um leque, e as suas mãos enraivecidas sacudiram n'um phrenesi a gaveta, que não se abriu logo, um pouco perra. Pois bem, não o tornaria a receber! E acabava tudo.

E o seu grande amor, de repente, como um fumo que uma rajada dissipa, desappareceu! Sentiu um allivio, um desejo de tranquillidade. Era absurdo, realmente, com um marido como Jorge, pensar n'outro homem, um leviano, um estroina!...

Deram quatro horas. Veio-lhe uma desesperação, correu ao escriptorio de Jorge, agarrou uma folha de papel, escreveu á pressa:

«*Querido Bazilio.*

«Porque não vens? Estás doente? Se soubesses os tormentos por que me fazes passar...»

A campainha retiniu. Era elle! Amarrotou o bilhete, metteu-o no bolso do vestido, ficou esperando, palpitante. Passos d'homem pisaram o tapete da sala. Entrou, com o olhar faiscante... Era Sebastião.

Sebastião, um pouco pallido, que lhe apertou muito as mãos: — Estava melhor? Tinha dormido bem?

Sim, obrigada, estava melhor. Sentára-se no sophá, muito vermelha. Mal sabia o que dizer. Repetia com um sorriso vago: — Estou muito melhor! — E pensava comsigo: — Não me deixa agora a casa, este massador!

— Então, não sahiu? — perguntou Sebastião, sentado na poltrona, com o chapéo desabado nas mãos.

Não. Estava um pouco fatigada ainda.

Sebastião passou devagar a mão sobre a testa, e com uma voz que o embaraço engrossava:

— Tambem agora tem sempre companhia pela manhã...

E Luiza, batendo com as pontas dos dedos nas pregas do vestido, o olhar baixo:

— Sim, meu primo Bazilio tem apparecido. Ha tanto tempo que nos não viamos! Fomos creados de pequenos, quasi... Tenho-o visto quasi todos os dias.

Sebastião fez logo rolar um pouco a poltrona, e curvando-se, com a voz baixa:

— Eu mesmo tinha vindo para lhe fallar a esse respeito...

Luiza abriu um olhar surprehendido.

— A respeito de quê?

— É que se repara... A visinhança é a peor cousa que ha, minha rica amiga. Repara em tudo. Já se tem fallado. A criada do lente, o Paula. Até já vieram á tia Joanna. E como o Jorge não está... O Netto tambem reparou. Como não sabem o parentesco... E como vem todos os dias...

Luiza ergueu-se bruscamente, com os beiços brancos:

— Então eu não posso receber os meus parentes sem ser insultada? — exclamou.

Sebastião levantou-se tambem. Aquella colera subita n'ella, uma pessoa tão dôce, atarantou-o como um trovão que estala n'um céo claro de verão.

Pôz-se a dizer, quasi anciosamente:

— Ó minha rica senhora, mas repare, eu não digo... É por causa da visinhança...

— Mas que póde dizer a visinhança?

A sua voz tinha uma vibração aguda. E batendo com as mãos, apertando-as, exaltada:

— Isto é curioso! Tenho um parente unico, com quem fui creada, que não vejo ha uns poucos d'annos, vem-me fazer tres ou quatro visitas, está um momento, e já querem deitar maldade!

Fallava convencida, esquecendo as palavras de Bazilio, os beijos, o *coupé*...

Sebastião, acabrunhado, enrolava o chapéo nas mãos tremulas. E então com uma voz abafada:

— Eu tinha-me parecido prudente avisar; o Julião tambem...

— O Julião! — exclamou ella. — Mas que tem o Julião com isso? Com que direito se mettem no que se passa em minha casa? O Julião!

A intervenção, as decisões de Julião pareciam-lhe um acrescimo d'affronta. Cahiu n'uma cadeira, com as mãos contra o peito, os olhos no tecto.

— Oh! Se o Jorge aqui estivesse! Oh! se elle aqui estivesse, santo Deus!

Sebastião balbuciou aniquilado:

— Era para seu bem...

— Mas que mal me póde succeder?

E erguendo-se, indo d'um movel a outro, n'uma excitação:

— É o meu unico parente. Fomos creados ambos, brincavamos juntos. Em casa da mamã, na rua da Magdalena, estava lá sempre. Ia lá jantar todos os dias. É como se fossemos irmãos. Em pequena trazia-me ao collo...

E amontoava detalhes d'aquella fraternidade, exagerando uns, inventando outros ao acaso, na improvisação da colera.

— E vem aqui — acrescentava — está um bocado, fazemos musica, elle toca admiravelmente, fuma um charuto, vai-se...

Instinctivamente justificava-se.

Sebastião estava sem idéa, sem resolução. Parecia-lhe aquella uma outra Luiza, differente, que o assustava; e quasi curvava os hombros sob a estridencia da sua voz, que nunca conhecera tão forte, vibrando n'uma loquacidade trapalhona.

Erguendo-se emfim, disse com uma dignidade melancolica:

— Eu entendi que era o meu dever, minha senhora.

Fez-se um silencio grave. Aquelle tom sobrio, quasi severo, obrigou-a a córar um pouco dos seus espalhafatos palavrosos: baixou os olhos. Disse com uma voz branda, embaraçada:

— Perdôe, Sebastião! Mas realmente!... Não acredite, juro-lhe, estou-lhe muito obrigada em me avisar. Fez muito bem, Sebastião!

Elle exclamou logo, vivamente:

— Para evitar qualquer calumnia d'essas linguas damnadas! Pois não é verdade?

E justificava a sua intervenção, radioso de a vêr socegar; ás vezes por uma palavra, arma-se uma intriga, e quando uma pessoa está prevenida...

— De certo, Sebastião! — repetiu ella. — Fez perfeitamente bem em me avisar. De certo.

Tinha-se sentado; o olhar reluzia-lhe ainda febrilmente, e a cada momento limpava com o lenço os cantos seccos da bocca.

E emfim:

— Mas que hei-de eu fazer, Sebastião! Diga!

— Eu sei, minha rica amiga!

Commovia-se agora de a vêr assim ceder, aconselhar-se; quasi lamentava vir, com a gravidade das suas advertencias, perturbar a alegria das suas intimidades. Disse:

— Está claro que deve vêr seu primo, rece-

bel-o... Mas emfim, sempre é bom uma certa reserva, com esta visinhança! Eu se fosse a si contava-lhe... explicava-lhe...

Ella olhava o tapete fixamente:

— Mas, por fim, que diz essa gente, Sebastião?

— Repararam. Quem seria? quem não seria? Que vinha, que estava, o diabo!

Luiza ergueu-se impetuosamente:

— Eu bem tenho dito a Jorge! Tantas vezes lh'o tenho dito! Isto é uma rua impossivel! Não se mexe um dedo que não espreitem, que não cochichem!

— Não teem que fazer...

Houve outro silencio. Luiza passeava, a cabeça baixa, a testa franzida, e parando, com um olhar quasi ancioso para Sebastião:

— O Jorge se soubesse é que tinha um desgosto!

— Escusa de saber! Credo! — exclamou logo Sebastião. — Isto fica entre nós.

— Para o não affligir, não é verdade? — acudiu ella.

— Está claro! Isto é entre nós.

E Sebastião estendendo-lhe a mão, quasi humildemente:

— Então não está zangada commigo, hein?

— Eu, Sebastião! Que tolice!

— Bem, bem. Acredite! — e espalmou a mão sobre o peito — eu entendi que era o meu dever. Porque emfim, a minha rica amiga não sabia nada...

— Estava bem longe...

— Decerto. Bem, adeus. Não a quero massar mais. — E com uma voz profunda, commovida: — E cá estou ás ordens...

— Adeus, Sebastião... Mas que gente! Por vêr entrar o pobre rapaz tres ou quatro vezes!...

— Uma canalha, uma canalha! — disse Sebastião.

E sahiu.

Luiza seguiu-o com um olhar, e apenas elle fechou a porta:

— Que desafôro! — exclamou. — Isto só a mim!

Porque a intervenção de Sebastião, no fundo, irritava-a tanto como os mexericos da visinhança! A sua vida, as suas visitas, o interior da sua casa era discutido, resolvido por Sebastião, por Julião, por *tutti quanti!* Aos vinte e cinco annos tinha mentores! Não estava má! E porque, santo Deus? Porque seu primo, o seu unico parente, vinha vêl-a...

Mas então, de repente, emmudecia interiormente. Lembravam-lhe os olhares de Bazilio, as suas palavras exaltadas, aquelles beijos, o passeio ao Lumiar... A sua alma corava baixo, mas o seu despeito seguia declamando alto. — De certo, havia um sentimento, mas era honesto, ideal, todo platonico!... Nunca seria *outra cousa!* Podia ter lá dentro, no fundo, uma fraqueza... Mas seria sempre, sempre, sempre uma mulher de bem, fiel, só d'um!...

E esta certeza irritava-a mais contra os «palratorios» da rua! Que de resto era lá possivel, que só por verem entrar Bazilio, quatro ou cinco vezes, ás

duas horas da tarde, começassem logo a murmurar, a cortar na pelle?... Sebastião era um caturra, com terrores d'ermitão! E que idéa, ir consultar Julião! Julião! Era elle, de certo, que o instigára a vir, com os seus receios burguezes, assustal-a, perturbal-a... Porque? Azedume, inveja! Porque Bazilio tinha belleza, *toilette*, maneiras, dinheiro!... Se tinha!

E as qualidades de Bazilio appareciam-lhe então magnificas e abundantes como os attributos d'um deus. E estava apaixonado por ella! E queria vir viver junto d'ella! O amor d'aquelle homem, que tinha esgotado tantas sensações, abandonado de certo tantas mulheres, parecia-lhe como a affirmação gloriosa da sua belleza e da irresistibilidade da sua seducção.

E a alegria que lhe dava aquelle culto trazia-lhe o receio de o perder. Não o queria vêr diminuido; queria-o sempre presente, crescendo, balouçando sem cessar, diante d'ella, o murmurio languido das ternuras humildes, como o fumo d'um incensador! Podia lá separar-se de Bazilio! Mas se a visinhança, as relações começavam a commentar, a cochichar... Jorge podia saber!... E áquella supposição o coração arrefecia-lhe... — Sebastião tinha razão, no fundo, era evidente!

N'uma rua pequena, com doze casas, vir todos os dias, aquelle lindo rapaz, tão elegante, agora que seu marido não estava... Era muito serio! — Que havia de fazer, Santo Deus!...

A campainha retiniu com força, e Leopoldina entrou.

Vinha furiosa com o cocheiro: que imaginasse ella, hein! Tinha parado ao Correio, e o homem queria duas corridas. Uma canalha assim!...

Entraram no quarto.

— E que calor, ouff! — Atirou a sombrinha, as luvas; agitou as mãos no ar para descer o sangue, dar-lhes pallidez; e diante do toucador, compondo ligeiramente os frisados do cabello, com uma côr na pelle, muito espartilhada, admiravel no seu corpete couraçado:

— Que tens tu, filha? Estás toda no ar! e tão vermelha!

Nada. Tinha-se zangado com as criadas...

— Ai! estão insupportaveis! — Contou as exigencias da Justina, os seus desmazelos. — E muito agradecida ainda que ella se me não vá! Quando a gente depende d'ellas!... — Encolheu os hombros, suspirou. E pondo pó d'arroz no rosto, com uma voz lenta: — Lá o meu senhor foi para o Campo Grande. Eu estive para ir jantar fóra com... — Suspendeu-se, sorriu, e voltada para Luiza, mais baixo, com um tom alegre muito sincero: — Mas olha, a fallar a verdade, nem sabia onde, nem tinha dinheiro... Que elle coitado com a sua mezada mal lhe chega. Disse commigo: nada, vou vêr a Luiza. Tambem os homens sempre, sempre, seccam!... — Que tens tu para jantar? Não fizeste ceremonia, hein?

De certo que não! Havia o costume: um lombosinho de vitella, muito bom, isso sim.

Mas Leopoldina com uma idéa subita:

— Tens tu bacalhau?

Devia haver, talvez. Que extravagancia! Porque?

— Ai! — exclamou — Manda-me assar um bocadinho de bacalhau! Meu marido detesta o bacalhau, aquelle animal! Eu é a minha paixão. Com azeite e alho! — Mas calou-se contrariada. — Diabo!

— O que?

— É que hoje não posso comer alho...

E veio para a sala a rir. Foi tirar uma rosa do ramo de Sebastião, pôl-a n'uma casa do corpete. Desejava ter uma sala assim, — pensava, olhando em redor. Queria-a de reps azul, com dous grandes espelhos, um lustre de gaz, e o seu retrato a oleo de corpo inteiro, decotada, ao pé d'um rico vaso de flôres... Sentou-se ao piano, e batendo rijamente o teclado, tocou motivos do *Barba Azul*.

E vendo Luiza entrar:

— Mandaste arranjar o bacalhau?

— Mandei.

— Assado?

— Sim.

— Gracias! — E atirou, com uma voz mordente, a sua canção querida da *Gran-Duqueza*:

Ouvi dizer que meu avô de vinho,
Era um tal amador...

Mas Luiza achava aquella musica «espalhafato-

na»; queria alguma cousa triste, dôce... O fado! que tocasse o fado!...

Leopoldina exclamou logo:

— Ai, o fado novo! Tu não ouviste? É lindo! Os versos são divinos!

Preludiou, cantando com um balouçar languido da cabeça, o olhar erguido e turvo:

O rapaz que eu hontem vi
Era moreno e bem feito...

— Tu não sabes isto, Luiza? Oh filha! É o ultimo! É de chorar!

Recomeçou, com o tom muito quebrado. Era a historia rimada d'um amor infeliz. Fallava-se nas «raivas do ciume, nas rochas de Cascaes, nas noites de luar, nos suspiros da paixão», todo o palavriado morbido do sentimentalismo lisboeta. Leopoldina dava tons dolentes á voz, revirava um olhar expirante; uma quadra sobre tudo enternecia-a; repetiu-a requebrando-se:

Vejo-o nas nuvens do céo,
Nas ondas do mar sem fim,
E por mais longe que esteja
Sinto-o sempre ao pé de mim.

— Lindo! — suspirava Luiza.

E Leopoldina terminava com *ais!* em que a sua voz se arrastava n'uma extensão desafinada.

Luiza, de pé junto do piano, sentia o cheiro do

feno que ella usava; o fado, os versos entristeciam-na um pouco; e com o olhar saudoso seguia sobre o teclado os dedos ageis e magros de Leopoldina, onde reluziam as pedras dos anneis que lhe tinha dado o Gama.

Mas Juliana entrou, vestida de passeio, com a sua cuia nova: «Estava o jantar na mesa».

Leopoldina levantou-se logo: ainda bem, que vinha a cahir de fome! E a sala de jantar com as vidraças abertas, as verduras dos terrenos vagos defronte, um azul d'horisonte onde se algodoavam nuvemzinhas muito brancas — alegrou-a: gabou-a muito; a sala de jantar d'ella tirava-lhe até o appetite, era uma tristeza! Deitava para o saguão!

Pôz-se a depenicar bagos d'uvas, a trincar bocadinhos de conserva — e reparando no retrato do pai de Jorge, desdobrando o guardanapo:

— Havia de ser divertido teu sogro! Tem cara de pandigo!...

E ha que tempos que não jantavam juntas! Desde quando?

— Desde o meu primeiro anno de casada — lembrou Luiza.

Leopoldina fez-se um pouco vermelha. Viam-se muito n'esse tempo; Jorge deixava-as ir ás lojas ambas, aos confeiteiros, á Graça... A lembrança d'aquella camaradagem levou-a ás recordações mais distantes do collegio. Tinha visto, havia dias, a Rita Vesga, com o sobrinho. — Lembras-te d'elle?

— O *Espinafre?*

Espinafre ou não era no collegio o homem, o ideal, o heroe; todas lhe escreviam bilhetes, desenhavam-lhe corações d'onde sahia uma fogueira, mettiam-lhe no bonet muito sebento ramos de flôres de papel... E quando a Michaela foi apanhada, no cacifro dos bahús, a devoral-o de beijos, vorazmente!...

Luiza disse:

— Que horror!

— Não que a Michaela era douda!

Coitada! Tinha casado com um alferes, um homem que a espancava. Estava cheia de filhos...

— Isto é um valle de lagrimas! — resumiu Leopoldina, recostando-se.

Estava loquaz, tinha o olhar desenvolto. Servia-se muito, com gula; depois picava um bocadinho na ponta do garfo, provava, deixava, punha-se a comer codeas de pão que barrava de manteiga. E deleitava-se nas recordações do collegio! Que bom tempo!

— Lembras-te quando estivemos de mal?

Luiza não se lembrava...

— Por tu teres dado um beijo na Thereza, que era o meu *sentimento* — disse Leopoldina.

Pozeram-se a fallar dos *sentimentos*. Leopoldina tivera quatro; a mais bonita era a Joanninha, a Freitas. Que olhos! E que bem feita! Tinha-lhe feito a côrte um mez!...

— Tolices — disse Luiza córando um pouco.

— Tolices! Porque?

*

Ai! era sempre com saudade que fallava dos *sentimentos*. Tinham sido as primeiras sensações, as mais intensas. Que agonia de ciumes! Que delirio de reconciliações! E os beijos furtados! E os olhares! E os bilhetinhos, e todas as palpitações do coração, as primeiras da vida!

— Nunca — exclamou — nunca, depois de mulher, senti por um homem o que senti pela Joanninha!... Pois pódes crêr...

Um olhar de Luiza deteve-a. — A Juliana!... Diabo! tinha-se esquecido! Constrangia-as um pouco, com o seu sorrisinho perfido, a figura de peito chato, o tic-tac metallico dos tacões!...

— E que foi feito da Joanninha? — perguntou Luiza.

Morrêra tisica — e a voz de Leopoldina fez-se saudosa. Uma doença bem triste, não era? Mas não lhe tinha medo, ella! — E batia no seu seio bem formado:

— Isto é rijo, isto é são!

Mas vendo Juliana sahir, Luiza observou logo:

— Vê no que fallas, filha! Tem cuidado.

Leopoldina teve um risinho, curvou-se:

— Ah! a respeitabilidade da casa! Tens razão! murmurou.

E como Juliana entrava com o bacalhau assado — fez-lhe uma «ovação»:

— Bravo! Viva! Está soberbo!

Tocou-lhe com a ponta do dedo, gulosa; vinha louro, um pouco tostado, abrindo em lascas.

— Tu verás — dizia ella. — Não te tentas? Fazes mal, está optimo!

Teve então um movimento decidido de bravura, disse:

— Traga-me um alho, snr.ª Juliana! Traga-me um bom alho!

E apenas ella sahiu:

— Eu vou ter logo com o Fernando, mas não me importa!... — Ah! Obrigada, snr.ª Juliana! Não ha nada como o alho!...

Esfregou-o em roda do prato esborrachado, regou as lascas do bacalhau d'um fio molle d'azeite com gravidade. — Divino! — exclamou. — Tornou a encher o copo, achava aquillo «uma pandiga».

— Mas que tens tu?

Luiza com effeito parecia preoccupada. Tinha suspirado baixo. E duas vezes, endireitando-se na cadeira, dissera a Juliana, inquieta:

— Parece que tocaram a campainha, vá vêr.

Não era ninguem.

— Quem havia de ser? Não esperas teu marido, de certo.

— Ah! não!

E então Leopoldina, com os olhos no prato, partindo devagar, muito attenta, lascasinhas de bacalhau:

— E teu primo veio vêr-tê?

Luiza fez-se vermelha.

— Sim, tem vindo. Tem vindo varias vezes.

— Ah!

E depois d'um silencio:

— Ainda está bonito?

— Não está feio...

— Ah!

Luiza apressou-se a perguntar logo se tinha encommendado o vestido de xadrezinho? Não. E começaram a fallar de *toilettes*, fazendas, lojas, preços... Viera então o assado. Leopoldina já ia tendo uma côr quente nas faces. Pediu a Juliana que lhe fosse buscar o leque; — e recostada, abanando-se, declarou que se sentia bem! como um principe! E ia bebericando golinhos de vinho. Que boa idéa, jantarem juntas!...

E apenas Juliana dispôz os pratos de fruta, Luiza disse-lhe logo: «que chamaria para o café, que podia ir». Foi ella mesmo fechar a porta da sala, correr o reposteiro de cretone:

— Oh que embirrenta esta Juliana! Faço-me velha só d'olhar para ella! Estou morta pela vêr pelas costas.

— Mas porque a não pões na rua?

Era Jorge que não queria, senão...

Leopoldina protestou: Boa! os maridos não deviam ter vontade!... Era o que faltava!...

— E o teu, então? — disse Luiza.

— Obrigada! — exclamou Leopoldina. — Um homem que faz quarto á parte!

Cravou os dentes n'um pecego, e declarou que detestava os homens que se occupam de criadas, de roes, d'azeites e vinagres...

— Que lá o meu cavalheiro até pesa a carne! — Sorriu, com odio. — Tambem é o que vale, senão!... Eu só d'ir á cozinha me dão enjôos.

Suspirou. Quiz deitar vinho, mas a garrafa estava vazia.

Luiza acudiu rindo:

— Queres tu champagne? — Tinha-o muito bom, que o mandava a Jorge um hespanhol, um proprietario de minas.

Foi ella mesmo buscar a garrafa, desembrulhou-a do seu papel azul; — e com risinhos, sustos, fizeram estalar a rolha. A espuma encantou-as: olhavam os copos, caladas, com um bem-estar feliz. Leopoldina começou a dizer que sabia abrir muito bem o champagne, fallava vagamente de cêas passadas...

— Em terça-feira gorda, ha dous annos!... — Punha os olhos em alvo.

E toda recostada na cadeira, com um sorriso calido, as azas do nariz dilatadas, a pupilla humida, olhava com sensualidade os globulosinhos vivos que subiam, sem cessar, no copo esguio.

— Se fosse rica, bebia sempre champagne — disse.

Luiza não: ambicionava um coupé. Pozeram-se a dizer o que fariam se fossem ricas. Luiza queria viajar, ir a Paris, a Sevilha, a Roma... Mas os desejos de Leopoldina eram mais vastos: invejava uma larga vida, com carruagens, camarotes d'assignatura, uma casa em Cintra, cêas, bailes, *toilettes*, jogo... Porque gostava do *monte* — dizia — fazia-lhe bater

o coração. E estava convencida que havia de adorar a roleta.

— Ah! — exclamou — Os homens são bem mais felizes que nós! Eu nasci para homem! O que eu faria!

Levantou-se, foi-se deixar cahir muito languidamente na *voltaire,* ao pé da janella. A tarde descia serenamente; por traz das casas, para lá dos terrenos vagos, nuvens arredondavam-se, amarelladas, orladas de côres sanguineas ou de tons alaranjados.

E voltando-lhe a mesma idéa d'acção, d'independencia:

— Um homem póde fazer tudo! Nada lhe fica mal!

E bruscamente:

— Tu nunca te lembrou fugir, Luiza? Mas fugir deveras, só, inteiramente só?

Luiza riu. — Nunca, que tolice! — De resto achava horroroso! uma mulher só pelo mundo, nos hoteis, com um embaraço de bagagem...

— Tambem tens razão. Sabes tu, fumava agora um cigarrito...

O peor é que Juliana podia sentir o cheiro. E parecia tão mal!...

— É um convento, isto — murmurou Leopoldina. — Não tens má prisão, minha filha!

Luiza não respondeu; tinha encostado a cabeça á mão: e com o olhar vago, como continuando alguma idéa:

— São tolices, no fim! A unica cousa n'este

mundo é a gente estar na sua casa, com o seu homem, um filho ou dous...

Leopoldina deu um salto na *voltaire*. Filhos! Credo, que nem fallasse em semelhante cousa! Todos os dias dava graças a Deus em os não ter!

— Que horror! — exclamou com convicção. — O incommodo todo o tempo que se está!... as despezas! os trabalhos, as doenças! Deus me livre! É uma prisão! E depois quando crescem, dão fé de tudo, palram, vão dizer... Uma mulher com filhos está inutil para tudo, está atada de pés e mãos! Não ha prazer na vida. É estar alli a atural-os... Credo! Eu? Que Deus não me castigue, mas se tivesse essa desgraça parece-me que ia ter com a velha da travessa da Palha!

— O que é isso, a velha? — perguntou Luiza.

Leopoldina explicou. Luiza achava uma «infamia». A outra encolheu os hombros, e acrescentou:

— E depois, minha rica, é que uma mulher estraga-se: não ha belleza de corpo que resista. Perde-se o melhor. Quando se é como a tua amiga, a D. Felicidade, emfim... Mas quando se é direitinha e arranjadinha!...

Pôz-se de pé, orgulhosa de si, do seu corpo n'uma attitude satisfeita. E depois d'um momento, sentando-se, resumiu:

— Nada, minha rica! Embaraços não faltam!

Mas por baixo, na rua, o realejo do bairro, no seu giro da tarde, veio tocar o final da *Traviata:* ia escurecendo; já as verduras dos terrenos vagos ti-

nham uma igual côr parda; e as trazeiras das casas defronte esbatiam-se na sombra.

A *Traviata* lembrou a Luiza a *Dama das Camelias:* fallaram do romance: recordaram episodios...

— Que paixão que eu tive por Armando em rapariga! — disse Leopoldina.

— E eu foi por d'Artagnan — exclamou ingenuamente Luiza.

Riram muito.

— Começamos cedo — observou Leopoldina. — Dá-me uma gotinha mais.

Bebeu, pousou o calix — e encolhendo os hombros:

— Oh! Começamos cedo? Começam todas! Aos treze annos já a gente vai na sua quarta paixão. Todas são mulheres, todas sentem o mesmo! — E meneando o corpo, batendo o compasso com o pé, cantou, no tom do fado:

O amor é uma doença
Que costuma andar no ar;
Só d'ir á janella, ás vezes
S'apanha a febre d'amar!

Estou hoje com uma telha! — E espreguiçando-se muito languidamente: — No fim de contas é o que ha de melhor n'este mundo: o resto é uma sem-saboria! Não é verdade? — Ergueu-se, veio bater no hombro de Luiza: — Dize, tu! Não é verdade?

Luiza murmurou baixo:

— Se é! — E acrescentou logo: — Creio eu!

E Leopoldina, escarnecendo-a:

— Crê ella! Pobre innocentinha! Vejam o anjinho! Ah sonsa!

Mas o realejo começou uma valsa. Leopoldina tinha vontade de dançar, trauteava-a baixo, balançando o corpo. — Positivamente estava com a telha!...

Foi-se encostar á janella, ficou a olhar pelos vidros o descer do crepusculo; de repente pôz-se a dizer devagar:

— E depois realmente vale a pena estar uma pobre de Christo a privar-se, a passar uma vida de coruja, a mortificar-se, para vir um dia uma febre, um ar, uma soalheira, e boas noites, vai-se para o Alto de S. João! Tó rola!

A sala agora estava um pouco escura.

— Pois não te parece? — perguntou ella.

Aquella conversa embaraçava Luiza: sentia-se córar; mas o crepusculo, as palavras de Leopoldina davam-lhe como o enfraquecimento d'uma tentação. Declarou todavia *immoral* semelhante idéa.

— Immoral, porque?

Luiza fallou vagamente nos *deveres*, na *religião*. Mas os *deveres* irritavam Leopoldina. Se havia uma cousa que a fizesse sahir de si — dizia — era ouvir fallar em deveres!...

— Deveres? Para com quem? Para um maroto como meu marido?

Calou-se, e passeando pela sala excitada:

— E em quanto á religião, historias! A mim me dizia o padre Estevão, o de luneta, que tem os den-

tes bonitos, que me dava todas as absolvições, se eu fosse com elle a Carriche!

— Ah, os padres... — murmurou Luiza.

— Os padres que? São a religião! Nunca vi outra. — E quasi com solemnidade: — Porque Deus, esse, minha rica, está longe, não se occupa do que fazem as mulheres.

Luiza achava horrivel «aquelle modo de pensar». A felicidade, a verdadeira, segundo ella, era ser honesta...

— E a bisca em familia! — resmungou Leopoldina, com odio.

Luiza disse, animada:

— Pois olha que com as tuas paixões, umas atraz das outras...

Leopoldina estacou:

— O que?

— Não te podem fazer feliz! É lá possivel! — affirmou Luiza com força.

— Está claro que não! — exclamou a outra. — Mas... — procurou a palavra; não a quiz empregar de certo; disse apenas com um tom secco: — Diverte-me!

Calaram-se. Luiza pediu o café.

Juliana entrou logo com a bandeja, trouxe luz. E d'ahi a pouco foram para a sala.

— Sabes quem me fallou hontem de ti? — disse Leopoldina, indo estender-se no divan.

— Quem?

— O Castro.

— Que Castro?

— O d'oculos, o banqueiro.

— Ah!

— Muito apaixonado por ti sempre.

Luiza riu.

— Doudo, palavra!

A sala estava ás escuras, com as janellas abertas; a rua esbatia-se n'um crepusculo pardo: um ar languido e dôce amaciava a noite.

Leopoldina esteve um momento calada; mas o champagne, a meia obscuridade deram-lhe bem depressa a necessidade de se confessar, de dizer tudo, de cochichar confidenciasinhas. Estirou-se mais no divan, n'uma attitude toda abandonada; pôz-se a fallar d'«elle». Era ainda o Fernando, o poeta. Adorava-o.

— Se tu soubesses! — murmurava com um ar de extase. — É um amor de rapaz!

A sua voz velada tinha inflexões d'uma ternura calida. Luiza sentia-lhe o halito e o calor do corpo, quasi deitada tambem, enervada; a sua respiração alta tinha por vezes um tom suspirado: e a certos detalhes mais picantes de Leopoldina soltava um risinho quente e curto, como de cocegas... Mas passos fortes de botas de taxas subiram a rua, e logo no candieiro defronte o gaz saltou com um jacto vivo. Uma branda claridade pallida penetrou na sala.

Leopoldina ergueu-se logo. — Tinha d'ir já, já, ao accender do gaz. Estava á espera o pobre rapaz! Entrou no quarto, mesmo ás escuras, a pôr o chapéo,

buscar a sombrinha. — Tinha-lhe promettido, coitado, não podia faltar. Mas realmente embirrava d'ir só. Era tão longe! Se a Juliana podesse vir acompanhal-a...

— Vai, sim, filha! — disse Luiza.

Ergueu-se preguiçosamente com um grande *ai!* foi abrir a porta, e deu de cara com Juliana, na sombra do corredor.

— Credo, mulher, que susto!

— Vinha saber se queriam luz...

— Não. Vá pôr um chale para acompanhar a snr.ª D. Leopoldina! depressa!

Juliana foi corrrendo.

— E quando appareces? — perguntou Luiza.

Logo que podesse. Para a semana estava com idéas d'ir ao Porto vêr a tia Figueiredo, passar quinze dias na Foz.

A porta abriu-se.

— Quando a senhora quizer... — disse a voz cantada de Juliana.

Fizeram grandes *adeuses,* beijaram-se muito. Luiza disse ao ouvido de Leopoldina: — Sê feliz!

Ficou só. Fechou as janellas, accendeu as velas, começou a passear pela sala, esfregando devagar as mãos. — E, sem querer, não podia desprender a idéa de Leopoldina que ia vêr o seu amante! o seu amante!...

Seguia-a mentalmente: — caminhava depressa de certo fallando com Juliana; chegava; subia a escada, nervosa; atirava com a porta — e que delicioso,

que avido, que profundo o primeiro beijo! Suspirou. Tambem ella amava — e *um* mais bello, mais fascinante. Porque não tinha vindo?

Sentou-se ao piano preguiçosamente; pôz-se a cantar baixo, triste, o fado de Leopoldina:

E por mais longe que esteja
Vejo-o sempre ao pé de mim!...

Mas um sentimento de solidão, d'abandono, veio impacientál-a. Que séca, estar alli tão sósinha! Aquella noite calida, bella e dôce, attrahia-a, chamava-a para fóra, para passeios sentimentaes, ou para contemplações do céo, n'um banco do jardim, com as mãos entrelaçadas. Que vida estupida, a d'ella! Oh! aquelle Jorge! Que idéa ir para o Alemtejo!

As conversas de Leopoldina e a lembrança das suas felicidades voltavam-lhe a cada momento, uma pontinha de champagne agitava-se-lhe no sangue. O relogio do quarto começou lentamente a dar nove horas — e de repente a campainha retiniu.

Teve um sobresalto: não podia ser ainda Juliana! Poz-se a escutar, alvoroçada. Vozes fallavam á cancella.

— Minha senhora — veio dizer a Joanna baixo — é o primo da senhora que diz que se vem despedir...

Abafou um grito, balbuciou:

— Que entre!

Os seus olhos dilatados cravavam-se febrilmen-

te na porta. O reposteiro franziu-se, Bazilio entrou, pallido, com um sorriso fixo.

— Tu partes! — exclamou ella surdamente, precipitando-se para elle.

— Não! — E prendeu-a nos braços. — Não! Imaginei que me não recebias a esta hora, e tomei este pretexto.

Apertou-a contra si, beijou-a; ella deixava toda abandonada; os seus labios prendiam-se aos d'elle. Bazilio deitou um olhar rapido, em redor, pela sala, e ia-a levando abraçada, murmurando: Meu amor! minha filha! Mesmo tropeçou na pelle de tigre, estendida ao pé do divan.

— Adoro-te!

— Que susto que tive! — suspirou Luiza.

— Tiveste?

Ella não respondeu; ia perdendo a percepção nitida das cousas; sentia-se como adormecer; balbuciou: Jesus! não! não! Os seus olhos cerravam-se.

Quando a campainha retiniu fortemente ás dez horas, Luiza, havia momentos, sentára-se á beira do divan. Mal teve força de dizer a Bazilio:

— Ha-de ser a Juliana, tinha ido fóra.

Bazilio cofiou o bigode, deu duas voltas na sala, foi accender um charuto. E para quebrar o silencio sentou-se ao piano, tocou alguns compassos ao aca-

so, e, erguendo um pouco a voz, começou a cantarolar a aria do 3.º acto do *Fausto:*

Al pallido chiaron
Di astri d'ori...

Luiza, através das ultimas vibrações dos seus nervos, ia entrando na realidade; os seus joelhos tremiam. E então, ouvindo aquella melodia, uma recordação foi-se formando no seu espirito, ainda estremunhado: — era uma noite, havia annos, em S. Carlos, n'um camarote com Jorge; uma luz electrica dava ao jardim, no palco, um tom livido de luar legendario; e n'uma altitude extatica e suspirante o tenor invocava as estrellas; Jorge tinha-se voltado, disse-lhe: Que lindo! E o seu olhar devorava-a. Era no segundo mez do seu casamento. Ella estava com um vestido azul-escuro. E á volta, na carruagem, Jorge, passando-lhe a mão pela cinta, repetia:

Al pallido chiaron
Di astri d'ori...

E apertava-a contra si.

Ficára immovel á beira do divan, quasi a escorregar, os braços frouxos, o olhar fixo, a face envelhecida, o cabello desmanchado. Bazilio então veio sentar-se devagarinho junto d'ella. — Em que estava a pensar?

— Nada.

Elle passou-lhe o braço pela cinta, começou a dizer que havia de procurar uma casinha para se ve-

rem melhor, estarem mais á vontade; não era mesmo prudente alli em casa d'ella...

E fallando, voltava a cada momento o rosto, soprava para o lado o fumo do charuto.

— Não te parece que vir eu aqui, todos os dias, póde ser reparado?

Luiza ergueu-se bruscamente, lembrára-lhe Sebastião!... E com uma voz um pouco desvairada:

— Já é tão tarde! — disse.

— Tens razão.

Foi buscar o chapéo em bicos de pés, veio beijal-a muito, sahiu.

Luiza sentiu-o accender um phosphoro, fechar devagarinho a cancella.

Estava só; pôz-se a olhar em roda, como idiota. O silencio da sala parecia-lhe enorme. As velas tinham uma chamma avermelhada. Piscava os olhos, tinha a bocca sêcca. Uma das almofadas do divan estava cahida, apanhou-a.

E com um ar somnambulo entrou no quarto. Juliana veio trazer o rol, — «e já vinha com a lamparina, estava a arranjal-a...»

Tinha tirado a cuia, estava muito apressada, subiu á cozinha quasi a correr. A Joanna, que estivera dormitando, espreguiçava-se com bocejos sonoros.

Juliana pôz-se a arranjar a torcida da lamparina, os dedos tremiam-lhe; tinha no olhar um brilho agudo; e depois de tossir, devagarinho, com um sorriso para Joanna:

— E então a que horas veio o primo da senhora?

— Veio logo que vossemecê sahiu, estavam a dar as nove.

— Ah!

Desceu com a lamparina, e sentindo Luiza na alcova despir-se:

— A senhora não quer chá? — perguntou, com muito interesse.

— Não.

Foi á sala, fechou o piano. Havia um forte cheiro de charuto. Pôz-se a olhar em redor, devagar, andando com um passo subtil... De repente agachou-se, anciosamente: ao pé do divan uma cousa reluzia. Era uma travessa de Luiza, de tartaruga, com o aro dourado. Tornou a entrar no quarto em pontas de pés, pousou-a no toucador, entre os rôlos de cabello.

— Quem anda ahi? — perguntou da alcova a voz somnolenta de Luiza.

— Sou eu, minha senhora, sou eu, estive a fechar a sala. Muito boas noites, minha senhora!

Áquella hora Bazilio entrava no Gremio. Procurou pelas salas. Estavam quasi desertas. Dous sujeitos, com os rostos entre os punhos, curvados em attitudes lugubres, ruminavam os jornaes: aqui, além, junto a mesinhas redondas pessoas de calça branca

mastigavam torradas com uma satisfação placida; as janellas estavam fechadas, a noite quente, e o calor molle do gaz abafava. Ia descer quando de uma saleta de jogo, de repente, sahiu o ruido irritado de uma altercação, trocavam-se injurias graves, gritava-se: — Mente! O asno é vossê!

Bazilio estacou, escutando. Mas, subitamente, fez-se um grande silencio; uma das vozes disse com brandura:

— Paus!

A outra respondeu com benevolencia:

— É o que devia ter feito ha pouco.

E immediatamente a questão rebentou de novo, estridente; praguejavam, diziam obscenidades.

Bazilio foi ao bilhar. O visconde Reynaldo, de pé, apoiado ao taco, seguia com uma immobilidade grave o jogo do seu parceiro; mas apenas viu Bazilio, veio para elle rapidamente, e muito interessado:

— Então?

— Agora mesmo — disse Bazilio mordendo o charuto.

— Emfim, hein? — exclamou Reynaldo, arregalando os olhos, com uma grande alegria.

— Emfim!

— Ainda bem, menino! Ainda bem!

Batia-lhe no hombro, commovido.

Mas chamaram-no para jogar; e todo estirado sobre o bilhar, com uma perna no ar, para dar com mais segurança o *effeito,* dizia com a voz constrangida pela attitude:

— Estimo, estimo, porque essa cousa começava a arrastar...

Tac! Falhou a carambola.

— Não dou meia! — murmurou com rancor.

E chegando-se a Bazilio, a dar giz no taco:

— Ouve cá...

Fallou-lhe ao ouvido.

— Como um anjo, menino! — suspirou Bazilio.

VI

Foi Juliana que na manhã seguinte veio acordar Luiza, dizendo á porta da alcova com a voz abafada, muito confidencial:

— Minha senhora! Minha senhora! É um criado com esta carta, diz que vem do hótel.

Foi abrir uma das janellas, em bicos de pés, subtil, e voltando á alcova com uma cautela mysteriosa:

— E está á espera da resposta, está á porta.

Luiza estremunhada, vermelha do somno, abriu o largo enveloppe azul com um monogramma — dous BB, um purpura, outro ouro, sob uma corôa de conde.

— Bem, não tem resposta.

— Não tem resposta — foi dizer Juliana ao cria-

do, que esperava encostado ao corrimão, fumando um grande charuto, cofiando as suiças pretas, com muito desdem «pelo pulhismo da escada, estreita e sem tapete»...

— Não tem resposta? Bem, muito bom dia. — Levou o dedo seccamente á aba do «côco», e desceu, gingando.

«Perfeito homem!» foi pensando Juliana, pela escada da cozinha.

— Quem bateu, snr.ª Juliana? — perguntou-lhe logo a cozinheira.

Juliana resmungou:

— Ninguem, um recado da modista.

Desde pela manhã a Joanna achava-lhe o «ar exquisito». Sentira-a desde as sete horas varrer, espanejar, sacudir, lavar as vidraças da sala de jantar, arrumar as louças no aparador. E com uma azafama! Ouvira-a cantar a *Carta adorada,* ao mesmo tempo que os canarios, nas varandas abertas, chilreavam estridentemente ao sol. Quando veio tomar o seu café á cozinha não palestrou como de costume, esteve muito macambuzia, com um aspecto preoccupado e ausente.

Joanna até lhe perguntou:

— Sente-se peor, snr.ª Juliana?

— Eu? Graças a Deus, nunca me senti tão bem.

— Como a vejo tão calada...

— A malucar cá por dentro... A gente nem sempre está para grulhar.

E apesar de serem nove horas não quizera acor-

dar a senhora: «deixal-a descançar, coitada...», disse. Foi em pontas de pés encher devagarinho a bacia grande do banho, no quarto; para não fazer ruido, sacudiu no corredor as saias, o vestido da vespera: e os seus olhos brilharam avidamente quando sentiu na algibeirinha um papel amarrotado: era o bilhete que Luiza escrevera a Bazilio: «Porque não vens?... Se soubesses o que me fazes soffrer!...» Teve-o um momento na mão, mordendo o beiço, o olhar fixo n'um calculo agudo; por fim tornou a mettel-o na algibeira de Luiza, dobrou o vestido, foi estendel-o com muito cuidado na *causeuse*. E, quando o criado de suiças pretas veio com a carta, pensou, radiante: «Começa a correspondencia! Temos pechincha!»

Emfim, mais tarde, sentindo o *cuco* dar horas, decidiu-se a ir dizer a Luiza, com uma voz quasi meiga:

— São dez e meia, minha senhora.

Luiza, na cama, tinha lido, relido o bilhete de Bazilio: «Não podéra — escrevia elle — estar mais tempo sem lhe dizer que a adorava. Mal dormira! Erguera-se de manhã muito cêdo para lhe jurar que estava louco, e que punha a sua vida aos pés d'ella.» Compozera aquella prosa na vespera, no Gremio, ás tres horas, depois de alguns *robbers* d'*whist*, um bife, dous copos de cerveja e uma leitura preguiçosa da *Illustração*. E terminava, exclamando: — «Que outros desejem a fortuna, a gloria, as honras, eu desejo-te a ti! Só a ti, minha pomba, porque tu és o

unico laço que me prende á vida, e se ámanhã perdesse o teu amor, juro-te que punha um termo, com uma boa bala, a esta existencia inutil! » — Pedira mais cerveja, e levára a carta para a fechar em casa, n'um enveloppe com o seu monogramma, «porque sempre fazia mais effeito».

E Luiza tinha suspirado, tinha beijado o papel devotamente! Era a primeira vez que lhe escreviam aquellas sentimentalidades, e o seu orgulho dilatava-se ao calor amoroso que sahia d'ellas, como um corpo resequido que se estira n'um banho tepido: sentia um acrescimo de estima por si mesmo, e parecia-lhe que entrava emfim n'uma existencia superiormente interessante, onde cada hora tinha o seu encanto differente, cada passo conduzia a um extase, e a alma se cobria d'um luxo radioso de sensações.

Ergueu-se d'um salto, passou rapidamente um roupão, veio levantar os transparentes da janella... Que linda manhã! Era um d'aquelles dias do fim d'agosto em que o estio faz uma pausa, ha prematuramente, no calor e na luz, uma certa tranquillidade outonal; o sol cahe largo, resplandecente, mas pousa de leve; o ar não tem o embaciado canicular, e o azul muito alto reluz com uma nitidez lavada; respira-se mais livremente; e já se não vê na gente que passa o abatimento molle da calma enfraquecedora. Veio-lhe uma alegria: sentia-se lêve, tinha dormido a noite d'um somno são, continuo, e todas as agitações, as impaciencias dos dias passados pareciam ter-se dissipado n'aquelle repouso. Foi-se vêr

ao espelho; achou a pelle mais clara, mais fresca, e um enternecimento humido no olhar; — seria verdade então o que dizia Leopoldina, que «não havia como uma maldadesinha para fazer a gente bonita?» Tinha um amante, ella!

E immovel no meio do quarto, os braços cruzados, o olhar fixo, repetia: Tenho um amante! Recordava a sala na vespera, a chamma aguçada das velas, e certos silencios extraordinarios, altos, solemnes, em que lhe parecia que a vida parára, em quanto os olhos do retrato da mãi de Jorge, negros na face amarella, lhe estendiam da parede o seu olhar fixo de pintura. Mas Juliana entrou com um taboleiro de roupa passada.

Eram horas de se vestir...

Que requintes teve n'essa manhã! Perfumou a agua com um cheiro de *Lubin,* escolheu a camisinha que tinha melhores rendas, as meias mais finas. E suspirava por ser rica! Queria as bretanhas e as hollandas mais caras, as mobilias mais apparatosas, grossas joias inglezas, um coupé forrado de setim... Porque nos temperamentos sensiveis as alegrias do coração tendem a completar-se com as sensualidades do luxo: o primeiro erro que se installa n'uma alma até ahi defendida, facilita logo aos outros entradas tortuosas; — assim, um ladrão que se introduz n'uma casa vai abrindo subtilmente as portas á sua quadrilha esfomeada.

Subiu para o almoço, muito fresca, com o cabello em duas tranças, um roupão branco. Juliana

precipitou-se logo a fechar as janellas, «porque apesar de não estar calor, as portadas cerradas sempre davam mais frescura!» E, vendo que lhe esquecera o lenço, correu toda alvoroçada a buscar-lhe um, que perfumou com agua de colonia. Servia-a com ternura. Viu-a comer muitos figos:

— Não lhe vão fazer mal, minha senhora! — exclamou quasi lacrimosamente.

Andava em redor d'ella com um sorriso servil, subtilmente, sem ruido; ou defronte da mesa, com os braços cruzados, parecia admiral-a com orgulho, como um sêr precioso e querido, todo seu, a *sua ama!* O seu olhar esbugalhado apossava-se d'ella.

E dizia comsigo:

— Grande cabra! Grande bebeda!

Luiza, depois de almoço, veio para o quarto estender-se na *causeuse,* com o seu *Diario de Noticias.* Mas não podia lêr. As recordações da vespera redemoinhavam-lhe n'alma a cada momento, como as folhas que um vento d'outono levanta a espaços d'um chão tranquillo: certas palavras d'elle, certos impetos, toda a sua maneira d'amar... E ficava immovel, o olhar afogado n'um fluido, sentindo aquellas reminiscencias vibrarem-lhe muito tempo, dôcemente, nos nervos da memoria... Todavia a lembrança de Jorge não a deixava; tivera-a sempre no espirito, desde a vespera; não a assustava, nem a torturava; estava alli — immovel mas presente; porém, não lhe fazia medo, nem lhe trazia remorso; era como se elle tivesse morrido, ou estivesse tão longe que

não podesse voltar, ou a tivesse abandonado! Ella mesmo se espantava de se sentir tão tranquilla. E todavia impacientava-a ter constantemente aquella idéa no espirito, impassivel, com uma obstinação espectral; punha-se instinctivamente a accumular as justificações: Não fôra culpa sua. Não abrira os braços a Bazilio voluntariamente!... Tinha sido uma *fatalidade:* fôra o calor da hora, o crepusculo, uma pontinha de vinho talvez... Estava douda, de certo. Mas agora, estava feito! E repetia comsigo as attenuações tradicionaes: não era a primeira que enganára seu marido; e muitas era apenas por vicio, ella fôra por paixão... Quantas mulheres viviam n'um amor illegitimo e eram illustres, admiradas! Rainhas mesmo tinham amantes. E elle amava-a tanto!... Seria tão fiel, tão discreto! As suas palavras eram tão captivantes, os seus beijos tão estonteadores!... E emfim que lhe havia de fazer agora? *Já agora!...*

E resolveu ir responder-lhe. Foi ao escriptorio. E logo ao entrar o seu olhar deu com a photographia de Jorge — a cabeça de tamanho natural, — no seu caixilho envernizado de preto. Uma commoção comprimiu-lhe o coração; ficou como *tolhida* — como uma pessoa encalmada de ter corrido, que entra na frieza d'um subterraneo; e examinava, fascinada, o seu cabello frisado, a barba negra, a gravata de pontas, as duas espadas encruzadas que reluziam por cima. Se elle soubesse matava-a!... Fez-se muito pallida. E olhava vagamente em redor o casaco de

velludo de trabalho dependurado n'um prego, a manta em que elle embrulhava os pés dobrada a um lado, as grandes folhas de papel de desenho na outra mesa ao fundo, e o pótesinho do tabaco, e a caixa das pistolas!... Matava-a de certo!

E aquelle quarto estava tão penetrado da personalidade de Jorge, que lhe parecia que elle ia voltar, entrar d'ahi a bocado... Se elle viesse de repente!... Havia tres dias que não recebia carta... E veio-lhe um mêdo de se sentar alli a escrever ao seu amante, quando n'um momento o *outro* podia apparecer e apanhal-a!... Eram tolices, pensou. O vapor do Barreiro só chegava ás cinco horas. E depois elle dizia na ultima carta que ainda se demorava um mez, talvez mais...

Sentou-se, escolheu uma folha de papel, começou a escrever, na sua letra um pouco gorda:

«*Meu adorado Bazilio.*

Mas um terror importuno tolhia-a, sentia como um *palpite* de que elle vinha, ia entrar... Era melhor não se pôr a escrever, talvez... Ergueu-se machinalmente, foi á sala devagar, sentou-se no divan; e, como se o contacto d'aquelle largo sophá e o ardor das recordações que elle lhe trazia da vespera lhe tivessem dado a coragem das acções amorosas e culpadas, voltou muito decidida ao escriptorio, escreveu rapidamente:

«Não imaginas com que alegria recebi esta manhã a tua carta...»

A penna velha escrevia mal; molhou-a mais, e ao sacudil-a, como lhe tremia um pouco a mão, um borrão negro cahiu no papel. Ficou toda contrariada, pareceu-lhe aquillo um *mau agouro*. Hesitou um momento — e coçando a cabeça, com os cotovêlos sobre a mesa, sentia Juliana varrer fóra o patamar, cantarolando a *Carta adorada*. Emfim, impaciente, rasgou a folha muitas vezes em pedacinhos miudos — e atirou-os para um caixão de pau envernizado com duas argolas de metal, que estava ao canto junto á mesa, onde Jorge deitava os rascunhos velhos, os papeis inuteis: chamavam-lhe o *sarcophago;* e Juliana, de certo, descuidára-se de o esvaziar no lixo, porque transbordava de papelada.

Escolheu outra folha, recomeçou:

«*Meu adorado Bazilio.*

«Não imaginas como fiquei quando recebi a tua carta, esta manhã, ao acordar. Cobri-a de beijos...»

Mas o reposteiro franziu-se n'uma préga molle, e a voz de Juliana disse discretamente:

— Está alli a costureira, minha senhora.

Luiza, sobresaltada, tinha tapado a folha de papel com a mão.

— Que espere.

E continuou:

«... Que tristeza que fosse a carta e que não fosses tu que alli estivesses! Estou pasmada de mim mesma, como em tão pouco tempo te apossaste do meu coração, mas a verdade é que nunca deixei de te amar. Não me julgues por isto leviana, nem penses mal de mim, porque eu desejo a tua estima, mas é que nunca deixei de te amar e ao tornar a vêr-te, depois d'aquella estupida viagem para tão longe, não fui superior ao sentimento que me impellia para ti, meu adorado Bazilio. Era mais forte que eu, meu Bazilio. Hontem, quando aquella maldita criada me veio dizer que tu te vinhas despedir, Bazilio, fiquei como morta; mas quando vi que não, nem eu sei, adoreite! E se tu me tivesses pedido a vida dava-t'a, porque te amo, que eu mesma, me estranho... Mas para que foi aquella mentira, e para que vieste tu? Mau! tinha vontade de te dizer adeus para sempre, mas não posso, meu adorado Bazilio! É superior a mim. Sempre te amei, e agora que sou tua, que te pertenço corpo e alma, parece-me que te amo mais, se é possivel...»

— Onde está ella? Onde está ella? — fez uma voz na sala.

Luiza ergueu-se, com um salto, livida. Era Jorge! Amarrotou convulsivamente a carta, quiz esconde-l-a no bolso, — o roupão não tinha bolso! E desvairada, sem reflexão, arremessou-a para o *sarcopha-*

go. Ficou de pé, esperando, as duas mãos apoiadas á mesa, a vida suspensa.

O reposteiro ergueu-se, — e reconheceu logo o chapéo de velludo azul de D. Felicidade.

— Aqui mettida, sua brejeira! Que estavas tu aqui a fazer? Que tens tu, filha, estás como a cal...

Luiza deixou-se cahir no *fauteuil*, branca e fria, disse com um sorriso cançado:

— Estava a escrever, deu-me uma tontura...

— Ai! Tonturas, eu! — acudiu logo D. Felicidade — É uma desgraça, a cada momento a agarrar-me aos moveis, até tenho medo d'andar só. Falta de purgas — acrescentou sentenciosamente.

— Vamos para o quarto! — disse Luiza.

Ao erguer-se, as pernas tremiam-lhe.

Atravessaram a sala. Juliana começava a arrumar. Luiza, ao passar, viu na pedra da *console*, debaixo do espelho oval, uma pouca de cinza: era da vespera, do charuto d'*elle!* Sacudiu-a — e ao erguer os olhos, ficou pasmada de se vêr tão pallida.

A costureira vestida de preto, com um chapéo de fitas rôxas desbotadas, muito amarella, esperava sentada á beira da *causeuse*, com um olhar infeliz e o seu embrulho nos joelhos; vinha provar o corpete d'um vestido composto; assentou, pregou, alinhavou, fallando baixo, com uma humildade triste e uma tossinha sêcca; e apenas ella sahiu, de leve, com o seu andar de sombra, o chale tinto muito cingido ás omoplatas magras, — D. Felicidade começou logo a fallar d'*elle*, do Conselheiro. Tinha-o encontra-

do no Moinho de Vento. Pois, senhores, nem lhe viera fallar! Fizera-lhe uma cortezia muito sêcca, por demais, e tic-tic por alli fóra, que se diria que ia fugido! Que te parece?

Ai! aquellas indifferenças matavam-na. E não as comprehendia, não, realmente não as comprehendia...

— Porque emfim — exclamava — eu bem me conheço, não sou nenhuma criança, mas tambem não sou nenhum caco! Pois não é verdade?

— Certamente — disse Luiza distrahida. Lembrava-lhe a carta!

— Olha que aqui onde me vês com os meus quarenta, decotada, ainda valho! O que são hombros e collo é do melhor!

Luiza ia erguer-se. Mas D. Felicidade repetiu:

— Do melhor! Tomaram-no muitas novas!

— Creio bem — concordou Luiza, sorrindo-se vagamente.

— E elle tambem não é nenhum rapazinho novo...

— Não...

— Mas muito bem conservado! — E os olhos luziam-lhe — Para fazer ainda uma mulher muito feliz!

— Sim...

E Luiza voltou-se para a porta já nervosa.

— Um homem d'appetecer! — suspirou D. Felicidade.

E Luiza, então:

— Tu esperas um instantinho? Vou lá dentro e volto já.

— Vai, filha, vai.

Luiza correu ao escriptorio, direita ao *sarcophago*. Estava vazio! E a carta d'ella, santo Deus?

Chamou logo Juliana, aterrada.

— Vossê despejou o caixão dos papeis?

— Despejei, sim, minha senhora — respondeu muito tranquillamente.

E com interesse:

— Porquê, perdeu-se algum papel?

Luiza fazia-se pallida.

— Foi um papel que eu atirei para o caixão. Onde o despejou vossê?

— No barril do lixo, como é costume, minha senhora; imaginei que nada servia...

— Ah! deixe vêr!

Subiu rapidamente á cozinha.

Juliana, atraz, ia dizendo:

— Ora esta! Pois ainda não ha cinco minutos! O caixão estava mais cheio... Andei a dar uma arrumadella no escriptorio... Valha-me Deus, se a senhora tem dito...

Mas o barril do lixo estava vazio. Joanna tinha-o ido despejar abaixo n'aquelle instantinho, e vendo a inquietação de Luiza:

— Porquê, perdeu-se alguma cousa?

— Um papel — disse Luiza, que olhava em redor, pelo chão, muito branca.

— Elle iam uns poucos de papeis, minha senho-

ra — disse a rapariga — eu deitei tudo ao despejo.

— Podia ter ficado algum cahido por fóra, snr.ª Joanna — lembrou timidamente Juliana.

— Vá vêr, vá vêr, Joanna — acudiu Luiza com uma esperança.

Juliana parecia afflicta:

— Jesus, Senhor! Eu podia lá adivinhar! Mas para que não disse a senhora...?

— Bem, bem, a culpa não é sua, mulher...

— Credo, que até se me está a embrulhar o estomago... E é cousa de importancia, minha senhora?

— Não, é uma conta...

— Valha-me Deus!...

Joanna voltou, sacudindo um papel enxovalhado. Luiza agarrou-o, leu: — «... o diametro do primeiro poço de exploração...»

— Não, não é isto! — exclamou toda contrariada.

— Então foi p'ra baixo p'ra o cano, minha senhora, não está mais nada.

— Viu bem?

— Esquadrinhei tudo...

E Juliana continuava, desolada:

— Antes queria perder dez tostões! Uma assim! Eu, minha senhora, podia lá adivinhar...

— Bem, bem! — murmurou Luiza descendo.

Mas estava assustada, sentia mesmo uma suspeita indefinida... Lembrou-lhe o bilhete que escrevera na vespera a Bazilio, e que mettera, todo amarrotado, no bolso do vestido... Entrou no quarto, agitada.

D. Felicidade tirára o chapéo, acommodára-se na *causeuse*.

— Tu desculpas, hein? — fez Luiza.

— Anda, filha, anda! Que é?

— Perdi uma conta — respondeu.

Foi ao guarda-vestidos, achou logo o bilhete na algibeira... Aquillo serenou-a. A carta tinha ido para o lixo de certo. Mas que imprudencia! Felizmente estava no cano!

— Bem, acabou-se! — disse, sentando-se resignada.

E D. Felicidade, baixando logo a voz muito confidencialmente:

— Ora eu vinha-te fallar n'uma cousa. Mas vê lá! Olha que é segredo.

Luiza fixou-a, já sobresaltada.

— Tu sabes — continuou D. Felicidade, devagar, com pausas — que a minha criada, a Josepha, está para casar com o gallego... O homem é de ao pé de Tuy, e diz que na terra d'elle ha uma mulher que tem uma virtude para fazer casamentos que é uma cousa milagrosa... Diz que é o mais que ha... Em deitando a sorte a um homem, — o homem entra-lhe uma tal paixão que se arranja logo o casamento, e é a maior felicidade!...

Luiza, tranquillisada, sorriu.

— Escuta — acudiu D. Felicidade — não te ponhas já com as tuas cousas...

No seu tom grave havia um respeito supersticioso.

— Diz que tem feito milagres. Homens que ti-

nham desamparado raparigas, outros que não faziam caso d'ellas, maridos que tinham amigas, emfim toda a sorte de ingratidão... Em a mulher deitando o encanto, os homens começam a esmorecer, a arrepender-se, a apaixonar-se, e estão pelo beiço... A rapariga contou-me isto. Eu lembrei-me logo...

— De deitar uma sorte ao conselheiro! — exclamou Luiza.

— Que te parece?

Luiza deu uma risada sonora. Mas D. Felicidade quasi se escandalisou. Contou outros casos: um fidalgo que deshonrára uma lavadeira; um homem que abandonou a mulher e os filhos, fugira com uma *bebeda*... Em todos a *sorte* operára d'um modo fulminante, produzindo um amor subito e fogoso pela pessoa desprezada. Appareciam logo rendidos, se estavam perto; se estavam longe, voltavam, avidos, a pé, a cavallo, na mala-posta, apressando-se ardendo... E entregavam-se, mansos e humildes como escravos acorrentados...

— Mas o gallego — continuava ella muito excitada — diz que para ir á terra, fallar á mulher, levar o retrato do conselheiro, é necessario o retrato d'elle, o meu, é necessario o meu, ir fallar, voltar — quer sete moedas!...

— Oh D. Felicidade! — fez Luiza reprehensivamente.

— Não me digas, não venhas com as tuas! Olha que eu sei de casos...

E erguendo-se:

— Mas são sete moedas! Sete moedas! — exclamou, arregalando os olhos.

Juliana appareceu á porta, e muito baixinho, com um sorriso servil:

— A senhora faz favor?

E chamando-a para o corredor, confidencialmente:

— Esta carta. Que vem do hótel.

Luiza fez-se escarlate.

— Credo, mulher! não é necessario fazer mysterios!

Mas não entrou no quarto, abriu-a logo no corredor; era a lapis, escripta á pressa:

«Meu amor — dizia Bazilio — por um feliz acaso descobri o que precisavamos, um ninho discreto para nos vêrmos...» E indicava a rua, o numero, os signaes, o caminho mais perto. «... Quando vens, meu amor? Vem ámanhã. Baptisei a casa com o nome de *Paraiso:* para mim, minha adorada, é com effeito o paraiso. Eu espero-te lá desde o meio dia: logo que te aviste, desço.»

Aquella precipitação amorosa em arranjar o *ninho* — provando uma paixão impaciente, toda occupada d'ella — produziu-lhe uma dilatação dôce do orgulho, ao mesmo tempo que aquelle *paraiso* secreto, como n'um romance, lhe dava a esperança de felicidades excepcionaes; e todas as suas inquietações, os sustos da carta perdida se dissiparam de repente sob uma sensação calida, como flocos de nevoa sob o sol que se levanta.

Voltou ao quarto, com o olhar risonho.

— Que te parece, hein? — perguntou logo D. Felicidade, a quem a sua idéa occupava tyrannicamente.

— O que?

— Achas que mande o homem a Tuy?

Luiza encolheu os hombros, veio-lhe um tedio d'aquelles enredos de bruxaria, d'aquelles amores caturras. Na vaidade da sua intriga romantica achava repugnante o sentimentalismo senil.

— São tolices — disse com desdem.

— Oh filha! não me digas, não me digas! — acudiu desolada D. Felicidade.

— Bem, então manda, manda! — fez Luiza, já impaciente.

— Mas são sete moedas! — exclamou D. Felicidade.

Luiza poz-se a rir.

— Por um marido? Acho barato...

— Mas se a sorte falha?...

— Então é caro!

D. Felicidade deu um grande *ai*. Estava muito infeliz, n'aquella hesitação entre os impulsos da concupiscencia e as prudencias da economia. Luiza teve pena d'ella, e tirando um vestido do guarda-roupa:

— Deixa lá, filha! Não hão-de ser necessarias bruxarias!...

D. Felicidade ergueu os olhos ao céo.

— Vaes sahir? — perguntou melancolicamente.

— Não.

D. Felicidade propoz-lhe então que viesse com ella á Encarnação. Visitavam a Silveira, coitada, que tinha um furunculo! E viam a armação da igreja para a festa, estreava-se o frontal novo, um primor!

— E estou tambem com vontade de ir rezar uma estaçãosinha, para alliviar cá por dentro — ajuntou, suspirando.

Luiza aceitou logo. Appetecia-lhe ir vêr altares alumiados, ouvir o ciciar de rezas no côro, como se os requintes devotos dissessem bem com as suas disposições sentimentaes. — Começou a vestir-se depressa.

— Como tu estás gorda, filha! — exclamou D. Felicidade admirada, vendo-lhe os hombros, o collo.

Luiza diante do espelho olhava-se, sorria com o seu sorriso quente, contente das suas linhas, acariciando devagarinho, voluptuosamente, a pelle branca e fina.

— Redondinha — disse, namorando-se.

— Redondinha? Vaes-te a fazer uma bola!

E acrescentou, tristemente:

— Ora, tambem com a tua vida, um marido como o teu, regaladinha, sem filhos, sem cuidados...

— Vamos lá, minha rica — disse Luiza — que as tristezas não te tem feito emmagrecer...

— Pois sim, pois sim! Mas... — e parecia desolada, como curvada sobre as suas proprias ruinas — cá por dentro é uma desgraça, estomago, figado...

— Se a mulher de Tuy faz o milagre, põe tudo isso como novo!

D. Felicidade sorriu, com uma duvida desconsolada.

— Sabes que tenho um chapéo lindo? — exclamou de repente Luiza — Não viste? Lindo!

Foi logo buscal-o ao guarda-vestidos. Era de palha fina, guarnecido de myosotis.

— Que te parece?

— É um primor!

Luiza mirava-o dando pancadinhas com as pontas dos dedos nas florzinhas azues.

— Dá frescura — fez D. Felicidade.

— Não é verdade?

Pôl-o com muito cuidado, toda séria. Ficava-lhe bem! Bazilio se a visse havia de gostar, pensou. Era bem possivel que o encontrassem...

E veio-lhe, sem motivo, uma felicidade exuberante: achava tão delicioso viver, sahir, ir á Encarnação, pensar no seu amante!... E toda no ar, procurava pelo quarto as chavinhas do toucador.

Onde tinha deixado as chaves? Na sala de jantar, talvez! Ia vêr! Sahiu correndo, tontinha, cantarolando:

Amici, la notte è bella...
La ra la la...

Quasi topou com Juliana que varria o corredor.

— Não deixe de engommar a saia bordada para ámanhã, Juliana!

— Sim, minha senhora. Está em gomma!

E seguindo-a com um olhar feroz:

— Canta, piorrinha, canta, cabrasinha, canta, bebedasinha!...

E ella mesma, tomada subitamente d'um jubilo agudo, atirou vassouradas rapidas, soltando na sua voz rachada:

Além d'ámanhã termina a campanha,
P-o-o-or aqui se diz...
Se tal fôr verdade, se não fôr patranha...

E com um espremido emphatico:

Serei bem feliz!

— Eu disse-lhe logo que o melhor era fallar ao primo, dizer o que se passava... Que te parece?

— Sim — disse vagamente Julião.

Tinha-o escutado distrahido, chupando a ponta do cigarro. O seu rosto terreo cavava-se com uma côr mais biliosa. Estava definhado.

— Então achas que fiz bem, hein?

E depois d'uma pausa:

— Pois custou-me, palavra, que me custou.

E com uma voz emphaticamente accentuada:

— Que ella é uma senhora de bem ás direitas! Ás direitas, Julião!

Continuaram calados. O dia estava encoberto e abafado, com um ar de trovoada: grossas nuvens pesadas e pardas iam-se accumulando, ennegrecendo para o lado da Graça por traz das collinas: um vento rasteiro passava por vezes, pondo um arrepio chuvoso nas folhas das arvores.

— De maneira que agora estou descançado — resumiu Sebastião. — Não te parece?

Julião encolheu os hombros com um sorriso triste:

— Quem me dera os teus cuidados, homem! — disse.

E começou a fallar com amargura nas suas preoccupações. — Havia uma semana que se abrira concurso para uma cadeira de substituto na Escóla, e preparava-se para elle. Era a sua taboa de salvação, dizia: se apanhasse a cadeira, ganhava logo nome, a clientela podia vir, e a fortuna... E emfim, que dia-

bo, sempre era estar de dentro!... Mas a certeza da sua superioridade não o tranquillisava — porque emfim em Portugal, não é verdade? n'estas questões a sciencia, o estudo, o talento são uma historia, o principal são os padrinhos! Elle não os tinha — e o seu concorrente, um semsaborão, era sobrinho d'um director geral, tinha parentes na camara, era um colosso! Por isso elle trabalhava a valer, mas parecia-lhe indispensavel «metter tambem as suas cunhas»! Mas quem?

— Tu não conheces ninguem, Sebastião?...

Sebastião lembrava-se d'um primo seu, deputado pelo Alemtejo, um gordo, da maioria, um pouco fanhoso. Se Julião queria, fallava-lhe... Mas sempre ouvira dizer que na «Escóla eram muito serios, não era gente de empenhos e de intriga...» De resto tinham o conselheiro Accacio...

— Uma besta! — fez Julião — Um parlapatão! Quem faz lá caso d'aquillo? O teu primo, hein! O teu primo parece-me bom! É necessario alguem que falle, que trabalhe... — Porque acreditava muito nas influencias dos empenhos, no dominio dos «personagens», e nas docilidades da fortuna quando dirigida pelas habilidades da intriga. E com um orgulho raiado d'ameaça: — Que eu hei-de-lhes mostrar o que é saber as cousas, Sebastião!

E começou a explicar-lhe o assumpto da these, «uma novidade».

Mas Sebastião interrompeu-o:

— Ella ahi vem.

— Quem?

— A Luiza.

Passava com effeito, por fóra do Passeio, toda vestida de preto, só. — Respondeu á cortezia dos dous homens com um sorriso, *adeusinhos* da mão, um pouco corada.

E Sebastião immovel, seguindo-a devotamente com os olhos:

— Se aquillo não respira mesmo honestidade! — E depois d'uma pausa: — Vai ás lojas... Santa rapariga!

Ia encontrar Bazilio no *paraiso* pela primeira vez. E estava muito nervosa: não podera dominar, desde pela manhã, um medo indefinido que lhe fizera pôr um véo muito espêsso, e bater o coração ao encontrar Sebastião. Mas ao mesmo tempo uma curiosidade intensa, multipla, impellia-a, com um estremecimentosinho de prazer. — Ia emfim, ter ella propria aquella aventura que lêra tantas vezes nos romances amorosos! Era uma fórma nova do amor que ia experimentar, sensações excepcionaes! Havia tudo — a casinha mysteriosa, o segredo illegitimo, todas as palpitações do perigo! Porque o apparato impressionava-a mais que o sentimento, e a *casa* em si interessava-a, attrahia-a mais que Bazilio! Como seria? Era para os lados d'Arroios, adiante do largo de Santa Barbara: lembrava-se vagamente que

havia alli uma correnteza de casas velhas... Teria desejado antes que fosse no campo, n'uma quinta, com arvoredos murmurosos e relvas fôfas; passeariam então, com as mãos enlaçadas, n'um silencio poetico; e depois o som d'agua que cahe nas bacias de pedra daria um rhythmo languido aos somnos amorosos... Mas era n'um terceiro andar, — quem sabe como seria dentro? Lembrava-lhe um romance de P. Féval em que o heroe, poeta e duque, fórra de setins e tapeçarias o interior d'uma choça; encontra alli a sua amante; os que passam, vendo aquelle casebre arruinado, dão um pensamento compassivo á miseria que de certo o habita — em quanto dentro, muito secretamente, as flôres se esfolham nos vasos de Sèvres e os pés nús pisam Gobelins veneraveis! Conhecia o gosto de Bazilio, — e o *paraiso* de certo era como no romance de P. Féval.

No largo de S. Roque tomou um coupé. E ao descer o Chiado, sentia uma sensação deliciosa em ser assim levada rapidamente para o seu amante, e mesmo olhava com certo desdem os que passavam, no movimento da vida trivial — em quanto ella ia para uma hora tão romanesca da vida amorosa! Mas á maneira que se aproximava vinha-lhe uma timidez, uma contracção d'acanhamento, como um plebeu que sóbe devagar, entre alarbadeiros solemnes, a vasta escadaria d'um palacio. Imaginava Bazilio esperando-a estendido n'um divan de sêda: e quasi receava que a sua simplicidade burgueza, pouco experiente, não achasse palavras bastante finas ou cari-

cias bastante exaltadas. Elle devia ter conhecido mulheres tão bellas, tão ricas, tão educadas no amor! Desejava chegar n'um coupé seu, com rendas de centos de mil reis, e ditos tão espirituosos como um livro...

A carruagem parou ao pé d'uma casa amarellada, com uma portinha pequena. E logo á entrada um cheiro molle e salobre enojou-a. A escada, de degraus gastos, subia ingrememente, apertada entre paredes onde a cal cahia e a humidade fizera nodoas. No patamar da sobre-loja, uma janella com um gradeadosinho d'arame, parda do pó accumulado, coberta de teias d'aranha, coava a luz suja do saguão. E por traz d'uma portinha, ao lado, sentia-se o ranger d'um berço, o chorar doloroso d'uma criança.

Mas Bazilio desceu logo, com o charuto na bocca, dizendo baixo:

—Tão tarde! sóbe! Pensei que não vinhas. O que foi?

A escada era tão esguia, que não podiam subir juntos. E Bazilio, caminhando adiante, d'esguelha:

—Estou aqui desde a uma hora, filha! imaginei que te tinhas esquecido da rua...

Empurrou uma cancella azul, fêl-a entrar n'um quarto pequeno, forrado de papel ás listas azues e brancas.

E Luiza viu logo, ao fundo, uma cama de ferro com uma colxa amarellada, feita de remendos juntos de chitas differentes: e os lençoes grossos, d'um

branco encardido e mal lavado, estavam impudicamente entreabertos...

Fez-se escarlate, sentou-se, calada, embaraçada. E os seus olhos, muito abertos, iam-se fixando — nos riscos ignobeis da cabeça dos phosphoros, ao pé da cama; nas manchas de agua sobre o papel ao pé do lavatorio de ferro; na esteira esfiada, comida, com uma nodoa de tinta entornada; nas bambinellas da janella, d'uma fazenda vermelha, onde se viam passagens; no jarro branco, sem aza; n'uma lithographia, onde uma figura, coberta d'uma tunica azul fluctuante, espalhava flôres voando... E sobre tudo uma larga photographia, por cima do velho canapé de palhinha, fascinava-a: era um individuo atarracado, de aspecto hilare e alvar, com a barba em collar, o feitio d'um piloto ao domingo: sentado, de calças brancas, com as pernas muito afastadas, pousava uma das mãos sobre um joelho, e a outra muito estendida assentava sobre uma columna truncada: e por baixo do caixilho, como sobre a pedra d'um tumulo, pendia d'um prego de cabeça amarella, uma corôa de perpetuas!

— Foi o que se pôde arranjar — disse-lhe Bazilio. — E foi um acaso: é muito retirado, é muito discreto... Não é muito luxuoso...

— Não — fez ella, baixo. — Levantou-se, foi á janella, ergueu uma ponta da cortininha de cassa fixada á vidraça: defronte eram casas pobres: um sapateiro grisalho, com oculos redondos, batia a sola a uma porta; á entrada d'uma lojita balouçava-se

um ramo de carqueja ao pé d'um maço de cigarros pendentes d'um barbante; e, a uma janella, uma rapariga esguedelhada embalava tristemente no collo uma criança doente que tinha crostas grossas de chagas na sua cabecinha côr de melão.

Luiza mordia os beiços, sentia-se entristecer. Mas então nós de dedos bateram discretamente á porta. Ella assustou-se, desceu rapidamente o véo. Bazilio foi abrir. Uma voz adocicada, cheia de *ss* mellifluos, ciciou baixo. Luiza ouviu vagamente: *Campainha, chave por dentro*...

— Bem, bem! — disse Bazilio apressado, batendo com a porta.

— Quem é?

— É a patrôa.

O céo pozera-se a ennegrecer, já a espaços grossas gôtas de chuva se esmagavam nas pedras da rua, e um tom crepuscular fazia o quarto mais melancolico.

— Como descobriste tu isto? — perguntou Luiza, triste.

— Inculcaram-m'o.

Outra gente, então, tinha vindo alli, «amado» alli? pensou ella. E a cama pareceu-lhe repugnante.

— Tira o chapéo — disse Bazilio, quasi impaciente — estás-me a fazer afflicção com esse chapéo na cabeça.

Ella soltou devagar o elastico que o prendia, foi pôl-o no canapé de palhinha, desconsoladamente.

Bazilio tomou-lhe as mãos, e attrahindo-a, sentando-se na cama:

— Estás tão linda! — Beijou-lhe o pescoço, encostou a cabeça ao peito d'ella, e com a vista muito quebrada:

— O que eu sonhei comtigo esta noite!

Mas, de repente, uma forte pancada de chuva fustigou os vidros. E immediatamente bateram á porta, com pressa.

— Que é? — bradou Bazilio furioso.

A voz cheia de *ss* explicou que esquecera um cobertor na varanda que estava a seccar. E se se encharcasse, que perdição!...

— Eu lhe pagarei o cobertor, deixe-me! — berrou Bazilio.

— Dá-lhe o cobertor...

— Que a leve o diabo!

E Luiza, sentindo um arripio de frio nos seus hombros nús, abandonava-se com uma vaga resignação, entre os joelhos de Bazilio — vendo constantemente voltada para si a face alvar do piloto.

Assim um *yacht* que apparelhou nobremente para uma viagem romanesca vai encalhar, ao partir, nos lodaçaes do rio baixo; e o mestre aventureiro que sonhava com os incensos e os almiscares das florestas aromaticas, immovel sobre o seu tombadilho, tapa o nariz aos cheiros dos esgotos.

Apenas Luiza começou a sahir todos os dias, Juliana pensou logo: Bem, vai ter com o *gajo!*

*

E a sua attitude tornou-se ainda mais servil. Era com um sorriso de baixeza, que corria a abrir a porta, alvoroçada, quando Luiza voltava ás cinco horas. E que zelo! Que exactidões! Um botão que faltasse, uma fita que se extraviava, e eram «mil perdões, minha senhora», «desculpe por esta vez», muitas lamentações humildes. Interessava-se com devoção pela saude d'ella, pela sua roupa, pelo que tinha para jantar...

E todavia, desde as idas ao *Paraiso,* o seu trabalho augmentára: todos os dias agora tinha d'engommar; e muitas vezes era preciso ensaboar á noite collares, rendinhas, punhos, n'uma bacia de latão, até ás onze horas. Ás seis da manhã, mais cedo, já estava com o «ferro ás voltas». E não se queixava, até dizia a Joanna:

— Ai! é um regalo vêr assim uma senhora aceada!... Que as ha! credo! Não, não é por dizer, mas até me dá gosto. E depois, graças a Deus, agora tenho saude, o trabalho não me assusta!

E não tornára a resmungar da «patrôa». Affirmava mesmo á Joanna repetidamente:

— A senhora! ai, é uma santa! Muito boa d'aturar... Não a ha melhor!

O seu rosto perdera alguma cousa do tom bilioso, da contracção amarga. Ás vezes, ao jantar ou á noite, costurando calada ao pé de Joanna, á luz do petroleo, vinham-lhe sorrisos subitos, o olhar clareava-se-lhe n'uma dilatação jovial.

— A snr.ª Juliana tem o ar de quem está a pensar em cousas boas...

— A malucar cá por dentro, snr.ª Joanna! — respondia com satisfação.

Parecia perder as invejas; ouviu mesmo fallar com tranquillidade do vestido de sêda que estreou n'um dia de festa, em setembro, a Gertrudes do doutor. Disse apenas:

— Tambem um dia hei-de estrear vestidos, e dos bons! Dos da modista!

Já outras vezes revelára por palavras vagas a idéa d'uma abundancia proxima. Joanna até lhe dissera:

— A snr.ª Juliana espera alguma herança?

— Talvez! — respondeu seccamente.

E cada dia detestava mais Luiza. Quando pela manhã a via arrebicar-se, perfumar-se com agua de Colonia, mirar-se ao toucador cantarolando, sahia do quarto porque lhe vinham venetas d'odio, tinha medo d'estourar. Odiava-a pelas *toilettes*, pelo ar alegre, pela roupa branca, pelo *homem* que ia vêr, por todos os seus regalos de senhora. «A cabra!» Quando ella sahia ia espreitar, vêl-a subir a rua, e fechando a vidraça com um risinho rancoroso:

— Diverte-te, piorrinha, diverte-te, que o meu dia ha-de chegar! Oh se ha-de!

E os olhos fuzilavam-lhe.

Luiza com effeito divertia-se. Sahia todos os dias ás duas horas. Na rua já se dizia que «a do Engenheiro tinha agora o seu S. Miguel».

Apenas ella dobrava a esquina o concialibulo juntava-se logo a cochichar, a casquinar. Tinham a

certeza que se ia encontrar com o «peralta». Onde seria? — era a grande curiosidade da carvoeira.

— No hotel — murmurava o Paula. — Que nos hoteis é escandalo bravio. Ou talvez — acrescentava com tedio — n'alguma d'essas possilgas da baixa!

A estanqueira lamentava-a: uma senhora que era tão apropositada!

— Vacca solta lambe-se toda, snr.ª Helena! — rosnava o Paula. — São todas o mesmo!

— Menos isso! — protestava a estanqueira — Que eu sempre fui uma mulher honesta. E affirmava a sua castidade, batendo no peito chato.

E ella? — reclamava a carvoeira — ninguem tinha que lhe dizer!

— Fallo da alta sociedade, das fidalgas, das que arrastam sêdas! É uma cambada. Eu é que o sei! — E acrescentava gravemente: — No povo ha mais moralidade. O povo é outra raça! — E com as mãos enterradas nos bolsos, as pernas muito abertas, ficava absorto, a cabeça baixa, o olhar cravado no chão. — Se é! — murmurava — Se é! — Como se estivesse positivamente achando as pedrinhas da calçada menos numerosas que as virtudes do povo!

Sebastião, que tinha estado na quinta d'Almada quasi duas semanas, ficou aterrado quando, ao voltar, a Joanna lhe deu as grandes «novidades»: que a Luizinha agora sahia todos os dias ás duas horas,

que o primo não voltára; a Gertrudes é que lh'o dissera; não se fallava na rua n'outra cousa...

— Então a pobre senhora nem sequer póde ir ás lojas, aos seus arranjos... — exclamou Sebastião. — A Gertrudes é uma desavergonhada, e nem sei como a tia Joanna consente que ella ponha aqui os pés. Vir com esses mexericos!...

— Cruzes! Olha o destempero! — replicou muito enxofrada a tia Joanna. — Oh menino, realmente... A pobre mulher disse o que ouviu na rua! Que ella até a defende, até ella é que a defende! Até se esteve a queixar que se falla! que se falla! Boa! — E a tia Joanna sahiu, resmungando: — Olha o destempero, credo!

Sebastião chamou-a, aplacou-a:

— Mas quem falla, tia Joanna?

— Quem? — E muito emphaticamente: — Toda a rua! Toda a rua! Toda a rua!

Sebastião ficou aniquilado. Toda a rua! Podéra! Se ella agora se punha a sahir todos os dias, uma senhora, que quando estava Jorge não sahia do buraco! A visinhança que murmurára das visitas do outro, naturalmente começava a commentar as sahidas d'ella! Estava-se a desacreditar! E é que elle não podia fazer nada. Ir advertil-a? Ter outra «scena?» Não podia. — Procurou-a. Não lhe queria de certo tocar em nada, ia só vêl-a. «Mas não estava — disse Juliana — tinha sahido de manhã cedo». Voltou d'ahi a dous dias, mais tarde. Juliana veio-lhe dizer á cancella, com o seu sorriso amarellado: «Foi-se

agora mesmo, ha um instantinho. Ainda a apanha á Patriarchal». Emfim, um dia encontrou-a ao principio da rua de S. Roque. Luiza pareceu muito contente em o vêr: — Porque se tinha demorado tanto em Almada? Que deserção!

Trazia carpinteiros, era necessario vigiar as obras. E ella?

— Bem. Um bocado aborrecida. O Jorge diz que ainda se demora. Tenho estado muito só. Nem Julião, nem conselheiro, ninguem. A D. Felicidade é que tem apparecido ás vezes de fugida. Está agora sempre mettida na Encarnação... Isto gente devota! — E riu.

Então aonde ia?

A umas comprasitas, á modista depois... — E appareça agora, Sebastião, hein?

— Hei-d'apparecer.

— Á noite. Estou tão só! Tenho tocado muito, é o que me vale é o piano!

N'essa mesma tarde Sebastião recebeu uma carta de Jorge. «Tens visto a Luiza? Estive quasi com cuidado, porque estive mais de cinco dias sem carta d'ella. De resto está preguiçosa como uma freira; quando escreve são quatro linhas porque está o correio a partir. Vai dizer ao correio que espere, que diabo! Queixa-se de se aborrecer, de estar só, que todos a abandonaram, que tem vivido como n'um deserto. Vê se lhe vaes fazer companhia, coitada, etc.»

No dia seguinte ao anoitecer foi a casa d'ella.

Appareceu-lhe muito vermelha, com os olhos estremunhados, de roupão branco. Tinha chegado muito cançada de fóra, tinha-lhe dado o somno depois de jantar, adormecera sobre a *causeuse*... E que havia de novo? E bocejava. — Nada. Tudo velho.

Fallaram das obras d'Almada, do conselheiro, do Julião; e ficaram calados.

Luiza então accendeu as velas no piano, mostrou-lhe a nova musica que estudava, a *Medjé* de Gounod; mas havia uma passagem em que se embrulhava sempre; pediu a Sebastião que a tocasse, e junto do piano, batendo o compasso com o pé, acompanhava baixo a melodia, a que a execução de Sebastião dava um encanto penetrante. Quiz tentar depois, mas enganou-se; zangou-se, atirou a musica para o lado, veio sentar-se no sophá, dizendo:

— Quasi nunca tóco! Estão-se-me a enferrujar os dedos!...

Sebastião não se atrevia a perguntar pelo primo Bazilio. Esperava que ella alludisse á «scena do outro dia». Mas Luiza «não abriu bico». E Sebastião, vendo n'aquella reserva uma diminuição de confiança ou um resto persistente de despeito, disse — que tinha d'ir á Associação Geral d'Agricultura, havia assembléa, e sahiu muito desconsolado.

E cada dia que se seguiu trouxe-lhe a sua inquietação differente. Ás vezes era a tia Joanna que lhe dizia á tarde: «A Luizinha lá sahiu hoje outra vez! Por este calor, até póde apanhar alguma! Credo!» Outras era o conciliabulo dos visinhos, que

avistava de longe, e que de certo, pensava, «estavam a cortar na pelle da pobre senhora»!

E os palratorios da rua engrossavam, exageravam, inventavam!... Parecia-lhe aquillo exactamente a *aria da Calumnia* no *Barbeiro de Sevilha:* a calumnia ao principio leve como o fremito das azas d'um passaro, subindo n'um crescendo aterrador até estalar como um trovão!

E tinha de cruzar os braços, de aguentar! Dava agora voltas para não passar na rua, diante do Paula e da estanqueira: parecia-lhe vêr nos seus olhares uma malicia afiada: tinha vergonha d'elles! Encontrára o Teixeira Azevedo, que lhe perguntára:

— Então o Jorge quando vem? Que diabo! o rapaz fica por lá!

E aquella observação trivial aterrou-o.

Emfim, um dia, mais apoquentado, foi procurar Julião. Encontrou-o no seu quarto andar, em mangas de camisa e em chinellas, enxovalhado e esguedelhado, com os olhos vermelhos, rodeado de papelada, uma chocolateirinha de café ao pé, trabalhando. O soalho negro estava cheio de pontas de cigarro; ao canto estava embrulhada roupa suja; sobre a cama desfeita havia livros abertos; e um cheiro relentado sahia do desmazêlo das cousas. A janella de peitoril dava para o saguão, d'onde vinha o cantar estridente d'uma criada e o ruido areado do esfregar de tachos.

Julião, apenas elle entrou, ergueu-se, espreguiçou-se, enrolou um cigarro, e «declarou que estava a

trabalhar desde as sete!... Hein? Era bonito! Para que soubesse o snr. Sebastião»!

— De resto chegaste a proposito. Estava para mandar a tua casa... Devia receber ahi um dinheiro e não veio. Dá cá uma libra.

E immediatamente começou a fallar da these. A cousa sahia!

Leu-lhe um paragrapho do prologo com uma deleitação paternal, e, muito satisfeito, na abundancia de confiança que dá a excitação do trabalho, com grandes passadas pelo quarto:

— Hei-de-lhes mostrar que ainda ha portuguezes em Portugal, Sebastião! Hei-de-os deixar de bocca aberta! Tu verás!

Sentou-se, pôz-se a numerar as folhas escriptas, assobiando. Sebastião, então, com timidez, quasi vexado de perturbar com as suas preoccupações domesticas aquelles interesses scientificos, disse baixo:

— Pois eu vim-te fallar por causa lá da nossa gente...

Mas a porta abriu-se com força, e um rapaz de barba desleixada, com o olhar um pouco doudo, entrou; era um estudante da Escóla, amigo de Julião, trazia-lhe um livro; e quasi immediatamente os dous recomeçaram uma discussão que tinham travado de manhã, e que fôra interrompida ás onze horas, quando o rapaz d'olhar doudo descêra a almoçar á Aurea.

— Não, menino! — exclamava o estudante exaltado. — Estou na minha! A medicina é uma meia

sciencia, a physiologia é outra meia sciencia! São sciencias conjecturaes, porque nos escapa a base, conhecer o principio da vida!

E cruzando os braços diante de Sebastião, bradou-lhe:

— Que sabemos nós do principio da vida?

Sebastião, humilhado, baixou os olhos.

Mas Julião indignava-se:

— Estás desmoralisado pela doutrina vitalista, desgraçado! — E trovejou contra o Vitalismo, que declarou «contrario ao espirito scientifico». Uma theoria que pretende que as leis que governam os corpos brutos não são as mesmas que governam os corpos vivos — não é uma theoria, é uma heresia! — exclamava. — E Bichat que a proclama é uma besta!

O estudante, fóra de si, bradou que chamar a Bichat uma besta era simplesmente d'um alarve.

Mas Julião desprezou a injuria, e continuou, exaltado nas suas idéas:

— Que nos importa a nós o principio da vida? Importa-me tanto como a primeira camisa que vesti! O principio da vida é como outro qualquer principio: um segredo! Havemos d'ignoral-o eternamente! Não podemos saber nenhum principio. A vida, a morte, as origens, os fins, mysterios! São causas primarias com que não temos nada a fazer, nada! Podemos batalhar seculos, que não avançamos uma pollegada. O physiologista, o chimico, não tem nada com os principios das cousas; o que lhes

importa são os phenomenos! Ora os phenomenos e as suas causas immediatas, meu caro amigo, podem ser determinadas com tanto rigor nos corpos brutos, como nos corpos vivos — n'uma pedra, como n'um desembargador! E a physiologia e a medicina são sciencias tão exactas como a chimica! Isto já vem de Descartes!

Travaram então um berreiro sobre Descartes. E immediatamente, sem que Sebastião attonito tivesse descoberto a transição, encarniçaram-se sobre a idéa de Deus.

O estudante parecia necessitar Deus para explicar o Universo. Mas Julião atacava Deus com cólera: chamava-lhe «uma hypothese safada», «uma velha caturrice do partido miguelista!» E começaram a assaltar-se sobre a questão social, como dous gallos inimigos.

O estudante, com os olhos esgazeados, sustentava, dando punhadas sobre a mesa, o principio d'authoridade! Julião berrava pela «anarchia individual»! E depois de citarem com furia Proudhon, Bastiat, Jouffroy — os Socialistas, Espiritualistas, Economistas — romperam em personalidades. E Julião, que dominava pela estridencia da voz, censurou violentamente ao estudante, — as suas inscripções a 6 por cento, o ridiculo de ser filho d'um corretor de fundos, e o bife de proprietario que vinha de comer na Aurea.

Olharam-se, então, com rancor.

Mas d'ahi a momentos o estudante, folheando um livro, deixou cahir com desdem algumas palavras so-

bre Claude Bernard, e a questão recomeçou, furiosa.

Sebastião tomou o chapéo devagarinho.

— Adeus — disse baixo.

— Adeus, Sebastião, adeus — disse promptamente Julião.

Acompanhou-o ao patamar.

— E quando quizeres que eu falle a meu primo... — murmurou Sebastião.

— Pois sim, veremos, eu pensarei — disse com indifferença, como se o orgulho do trabalho lhe tivesse dissipado o terror da injustiça.

Sebastião foi descendo as escadas, pensando: Não se lhe póde fallar em nada, agora!

E de repente veio-lhe uma idéa: Se fosse ter com D. Felicidade, abrir-se com ella! D. Felicidade era espalhafatona, um pouco tonta, mas era uma mulher d'idade, intima de Luiza; tinha mais authoridade, mais habilidade mesmo...

Decidiu-se logo, tomou um trem, foi á rua de S. Bento.

A criada de D. Felicidade appareceu-lhe, desolada, quasi lacrimosa:

— Pois não sabe?

— Não.

— Ai! até admira!

— Mas o que?

— A senhora! Uma desgraça assim! Torceu um pé na Encarnação, deu uma quéda. Tem estado muito mal, muito mal.

— Aqui?

— Na Encarnação. Nem pôde sahir. Está com a snr.ª D. Anna Silveira. Uma desgraça assim! E está n'um phrenesi!

— Mas quando foi?

— Antes d'hontem á noite.

Sebastião saltou para o trem, mandou «bater» para casa de Luiza.

A D. Felicidade, doente, na Encarnação! Mas então Luiza podia bem sahir todos os dias! Ia vêl-a, fazer-lhe companhia, tratar d'ella!...

A visinhança não tinha que rosnar! Ia vêr a pobre doente!...

Eram duas horas quando a parelha estacou á porta de Luiza. Encontrou-a, que descia a escada, vestida de preto, de luva *gris perle,* um véo negro.

— Ah suba, Sebastião, suba! Quer subir?

Parára, nos degraus, com uma côrzinha no rosto, um pouco embaraçada.

— Não, obrigado. Vinha dizer-lhe... Não sabe? A D. Felicidade...

— O que?

— Torceu um pé. Está mal.

— Que me diz?

Sebastião deu os pormenores.

— Vou já lá.

— Deve ir. Eu não posso ir, não entram homens. Coitada! Diz que está mal. — Acompanhou-a até á esquina da rua, offereceu-lhe mesmo a tipoia: — E muitos recados, que tenho pena de a não vêr!... Pobre senhora! E diz que está n'um phrenesi!

Viu-a afastar-se para a Patriarchal, e, admirando a graça da sua figura, esfregava as mãos satisfeito.

Estavam justificadas, santificadas mesmo aquellas passeatas todos os dias! Ia ser a enfermeira da pobre D. Felicidade! Era necessario que todos soubessem, o Paula, a estanqueira, a Gertrudes, as Azevedos, todos... De modo que quando a vissem de manhã, subir a rua, dissessem: Lá vai fazer companhia á doente! Santa senhora!

O Paula estava á porta da loja — e Sebastião com uma idéa subita, entrou. Estava-se estimando de se sentir tão fecundo em expedientes, tão habil!

Deitou um pouco o chapéo para traz, e mostrando com o guardasol o painel que representava D. João VI:

— Quanto quer vossemecê por isto, ó snr. Paula?

O Paula, surprehendido, fitou-o por baixo da pala do bonet, e depois d'uma pausa:

— O snr. Sebastião está a brincar?

Sebastião exclamou:

— A brincar? — Fallava muito sério! queria uns quadros para a sala d'entrada, em Almada: mas velhos, sem caixilho, para dizerem bem sobre um papel escuro. — Como isto! Estou a brincar! Ora essa, homem!

— Desculpe, snr. Sebastião... Pois n'esse caso ha por ahi alguns paineis a calhar.

— Este D. João VI agrada-me. Quanto custa isto?

O Paula disse, sem hesitar:

— Sete mil e duzentos. Mas é obra de mestre.

Era uma téla desbotada e ennegrecida, com um tom defumado, onde uma face cheia e avermelhada, de um velho colorido empastado e sujo, com uma cabelleira em cachos, sobresahia vagamente sobre um fundo sombrio. Um vermelhão baço formava o velludo d'uma casaca de côrte: a pança saliente e ostentosa enchia um collete esverdeado. E a parte mais conservada da téla era, ao lado sobre um coxim, a corôa real — que o artista trabalhára com uma minuciosidade enthusiasta, ou por preoccupação d'idiota, ou por adulação de cortezão.

Sebastião achava caro; mas o Paula mostrou-lhe o preço escripto por traz, n'uma tirinha de papel; espanejou a téla com amor; indicou as bellezas, fallou na sua honestidade; deprimiu outros vendedores de moveis, «que tinham a consciencia nas palmilhas»; jurou que o retrato pertencera ao paço de Queluz, e ia atacar as questões publicas — quando Sebastião disse, resumindo:

— Bem, pois mande-m'o logo, fico com elle. E mande a conta.

— Leva uma rica obra!

Sebastião agora olhava em redor. Queria fallar do «pé torcido de D. Felicidade», e procurava uma transição. Examinou umas jarras da India, um tremó, e avistando uma velha poltrona de doente:

— Aquillo é que era bom para a D. Felicidade — exclamou logo — aquella cadeira.

O Paula arregalou os olhos.

— Para a D. Felicidade Noronha — repetiu Sebastião. — Para estar deitada... Pois não sabia, homem? Partiu um pé, tem estado muito mal.

— A D. Felicidade, a amiga *de cá?* — e indicou com o pollegar a casa do Engenheiro.

— Sim, homem! Quebrou um pé na Encarnação. Até lá ficou. A D. Luiza vai para lá fazer-lhe companhia todos os dias. Agora ia ella para lá.

— Ah! — fez o Paula lentamente. E depois d'uma pausa: — Mas eu ainda a vi entrar *para cá* ha-de haver oito dias.

— Foi antes d'hontem. — Tossiu e acrescentou, voltando o rosto, olhando muito umas velhas gravuras: — De resto a D. Luiza já ia todos os dias á Encarnação, mas era para vêr a Silveira, a D. Anna Silveira, que esteve mal. Coitada, ha tres semanas que tem passado uma vida d'enfermeira. Não sahe da Encarnação! E agora é a D. Felicidade. Não é má massada!

— Pois não sabia, não sabia — murmurava o Paula, com as mãos enterradas nos bolsos.

— Mande-me o D. João VI, hein?

— Ás ordens, snr. Sebastião.

Sebastião foi para casa. Subiu á sala, e passeando, esfregando as mãos devagar: Bem, pensou, aqui ao menos estão salvas as apparencias! — Parou, fixou os olhos no tapete, oscillando com a cabeça; e sentia-se mais triste; porque o ter conseguido, por um acaso, justificar talvez aquelles passeios para com a visinhança, fazia-lhe apparecer mais a idéa de que

os não podia justificar para comsigo. Os commentarios da visinhança podiam findar por algum tempo, mas *os seus?*... Queria achal-os falsos, pueris, injustos: mas, contra sua vontade, o seu bom senso e a sua rectidão estavam sempre a revolvel-os baixo. Emfim, tinha feito o que devia! E com um gesto triste, fallando só, no silencio da sala:

— O resto é com a sua consciencia! — E muito desconsolado foi tocar o seu nocturno favorito de Choppin.

N'essa tarde, na rua, sabia-se já que a D. Felicidade de Noronha torcera um pé na Encarnação, (outros diziam quebrára uma perna); e que a D. Luiza não lhe sahia da cabeceira... O Paula declarára com authoridade:

— É de boa rapariga, é de muito b a rapariga!

A Gertrudes do doutor foi logo, á noitinha, perguntar á tia Joanna, «se era verdade da perna quebrada». A tia Joanna corrigiu: era o pé, torcera o pé! E a Gertrudes veio dizer ao doutor, ao chá, que a D. Felicidade déra uma queda que ficára em pedaços. — Foi na Encarnação, acrescentou. Diz que anda tudo lá n'uma roda viva. A Luizinha até lá tem dormido...

— Pieguices de beatas — rosnou com tedio o doutor.

Mas na rua todos a elogiavam. Mesmo, d'ahi a dias, o Teixeira Azevedo (que apenas comprimentava Luiza), tendo-a encontrado na rua de S. Roque, parou, e com uma cortezia profunda:

*

— Desculpe vossencia. Como vai a sua doente?

— Melhor, agradecida.

— Pois, minha senhora, tem sido de muita caridade, ir todos os dias por este calor á Encarnação...

Luiza corou.

— Coitada! Não lhe falta companhia, mas...

— É de muita caridade, minha senhora — exclamou com emphase — Tenho-o dito por toda a parte. É de muita caridade. Um criado de vossencia!

E afastou-se commovido.

Luiza fôra logo, com effeito, vêr D. Felicidade. Tinha uma luxação simples; e deitada nos quartos da Silveira, com o pé em compressas d'arnica, cheia de terror de «perder a perna», passava o dia rodeada d'amigas, chorando-se, saboreando os mexericos do Recolhimento, debicando petiscos que lhe traziam.

E apenas alguem entrava para a vêr, redobrava d'exclamações e de queixas, com o rosto dolorido, e vinha logo a historia miuda, incidentada, prolixa da «desgraça»: ia a descer, a pôr o pé no degrau; escorregára; sentiu que ia a cahir; ainda se sustentou, e pôde dizer: Ai Nossa Senhora da Saude! Ao principio a dôr não foi grande; mas podia ter morrido; tinha sido um milagre!

Todas as senhoras concordavam «que era realmente um milagre». Olhavam-na compungidas, e iam

ao côro alternadamente prostrar-se, e pedir aos santos especiaes o allivio da Noronha!

A primeira visita de Luiza foi para D. Felicidade uma consolação, «deu-lhe melhoras»; porque se ralava de estar alli de cama, sem saber noticias d'*elle*, sem poder fallar d'*elle!*

E nos outros dias, apenas ficava só no quarto com Luiza, chamava-a logo para a cabeceira, e com a voz n'um murmurio mysterioso: Tinha-o visto? Sabia d'*elle?* — E a sua afflicção era que o conselheiro não soubesse que ella estava doente, e não lhe podesse dar aquelles pensamentos compassivos — a que o seu pé tinha direito, e que seriam um conforto para o seu coração. Mas Luiza não *o* vira — e D. Felicidade, remexendo a chásada que tinha á cabeceira, exhalava suspiros agudos.

Ás duas horas Luiza sahia da Encarnação — e aligeirando logo o passo ia tomar um trem ao Rocio: para não parar á porta do *Paraiso* com espalhafato de tipoia, apeava-se ao largo de Santa Barbara; e fazendo-se pequenina, cosida com a sombra das casas, apressava-se com os olhos baixos, um vago sorriso de prazer.

Bazilio esperava-a deitado na cama, em mangas de camisa: para não se enfastiar só, tinha trazido para o *Paraiso* livros, uma garrafa de cognac, assucar, limões — e com a porta entreaberta fumava, fazendo *grogs* frios. Mas o tempo arrastava-se, via a todo o momento as horas, e sem querer ia escutando, notando todos os ruidos intimos da familia da

proprietaria que vivia nos quartos interiores: a rabuje d'uma criança, uma voz acatarrhoada que ralhava, e de repente uma cadellinha que começava a ladrar furiosa. Bazilio achava aquillo burguez e reles, impacientava-se. Mas um frou-frou de vestido roçava a escada — e os tedios d'elle, bem como os receios d'ella, dissipavam-se logo no calôr dos primeiros beijos. Luiza vinha sempre com pressa; queria estar em casa ás cinco horas, «e era um estirão depois!» Bazilio ia dar volta á chave. Ella desabotoava o corpete. Vinha sempre um pouco suada, e Bazilio gostava da transpiraçãosinha tepida que havia nos seus hombros nús.

— E teu marido? — perguntava elle sempre — Quando vem?

— Não falla em nada. — Ou então: — Não recebi carta, não sei nada.

Parecia ser aquella a preoccupação de Bazilio, na alegria egoista da posse recente. Tinha então caricias muito estaticas; ajoelhava-se aos pés d'ella; fazia voz de mimo, de criança:

— Lili não ama Bibi...

Ella ria, meia despida, com um riso cantado e libertino.

— Lili adora Bibi!... É douda por Bibi!

E queria saber então se pensava n'ella, o que elle tinha feito na vespera. «Fôra ao Gremio, jogára uns *robbers*, viera para casa cêdo, sonhára com ella...»

— Vivo para ti, meu amor, acredita.

E deixava-lhe cahir a cabeça no regaço, como sob uma felicidade excessiva.

Outras vezes, mais serio, dava-lhe certos conselhos de gôsto, de *toilette:* pedira-lhe que não trouxesse postiços no cabello, que não usasse botinhas de elastico.

Luiza admirava muito a sua experiencia do luxo; obedecia-lhe, amoldava-se ás suas idéas: — até affectar, sem o sentir, um desdem pela gente virtuosa, para imitar as suas opiniões libertinas.

E lentamente, vendo aquella docilidade, Bazilio não se «dava ao incommodo de se constranger». Usava ás vezes d'ella, *como se a pagasse!* Acontecera uma manhã escrever-lhe duas palavras a lapis que «não podia ir ao *Paraiso*», sem outras explicações! Uma occasião mesmo não foi, sem a avisar — e Luiza achou a porta fechada. Bateu timidamente, olhou pela fechadura, esperou palpitante — e voltou muito desconsolada, quebrada do calor, sentindo a poeira nos olhos, com vontade de chorar.

E não aceitava o menor incommodo, nem para lhe causar um contentamento.

Luiza tinha-lhe pedido que fosse de vez em quando aos domingos, passar a noite com ella: viria Sebastião, o conselheiro, D. Felicidade quando estivesse melhor: era uma alegria para ella, e depois «dava ás suas relações um ar mais parente, mais legitimo».

Mas Bazilio pulou:

— O quê! ir cabecear de somno para tua casa, com quatro caturras... Ah! não!...

— Mas conversa-se, faz-se musica.

— *Merci!* Conheço-a, a musica das *soirées* de Lisboa! A valsa do *Beijo* e o *Trovador*. Safa!

Depois duas ou tres vezes fallára de Jorge com certo desdem. Aquillo offendera-a.

Ultimamente, mesmo, quando ella entrava no *Paraiso*, já não tinha a delicadeza amorosa de se levantar alvoroçado: sentava-se apenas na cama, e tirando preguiçosamente o charuto da bocca:

— Ora viva a minha flôr! — dizia.

E um ar de superioridade quando lhe fallava! Um modo de encolher os hombros, de exclamar: — Tu não percebes nada d'isso! Ás vezes até tivera certas palavras crúas, certos gestos brutaes. E Luiza começou a desconfiar que Bazilio não a estimava, — apenas a desejava!

Ao principio chorou. Resolveu mesmo «explicar-se com elle, abrir-se, romper se fosse necessario». Mas adiou, não se atrevia: a figura d'elle, a sua voz, o seu olhar dominavam-na; e accendendo-lhe a paixão tiravam-lhe a coragem de a perturbar com queixas e com «scenas». Porque estava convencida então que o adorava. De certo, dizia comsigo. O que lhe dava tanta exaltação no *desejo*, se não era a grandeza do *sentimento*?... Gozava tanto, é porque o amava muito!... E a sua honestidade natural, os seus pudores refugiavam-se n'este raciocinio subtil.

Elle tinha ás vezes uma seccura aspera de maneiras, era verdade; certos tons de indifferença, era certo... Mas n'outros momentos, quantas denguices,

que tremuras na voz, que phrenesi nas caricias!... Amava-a tambem, não havia duvida. Aquella certeza era a sua justificação. E como era o Amor que os produzia, não se envergonhava dos alvoroços voluptuosos com que ia todas as manhãs ao *Paraiso!*

Duas ou tres vezes, ao voltar, tinha encontrado Juliana que subia tambem apressada o Moinho de Vento.

— D'onde vinha vossê? — perguntára-lhe em casa.

— Do medico, minha senhora, fui ao medico.

E queixava-se de pontadas, palpitações, faltas d'ar.

— Flatos! — dizia — flatos!

Com effeito, Juliana agora sahia muito. Fazia todos os arranjos pela manhã, e, apenas Luiza pela uma hora dobrava a esquina, ia-se vestir, e muito espartilhada no seu vestido de merino, de chapéo e sombrinha, vinha dizer a Joanna:

— Até logo, vou ao medico.

— Até logo, snr.ª Juliana — dizia a cozinheira radiante.

E ia logo fazer signal ao carpinteiro.

Juliana descia por S. Pedro de Alcantara, e tomando para o largo do Carmo ia a uma ruasita, defronte do quartel. Alli morava n'um terceiro andar a sua intima amiga, a tia Victoria.

Era uma velha astuta que fôra inculcadeira. Ain-

da tinha mesmo na cancella, n'uma placa de metal, com letras negras: «VICTORIA SOARES, INCULCADEIRA». Mas nos ultimos annos a sua industria tornou-se mais complicada — muito tortuosa.

Exercia-a n'uma saleta esteirada, com mosquiteiros de papel pendentes do tecto encardido, alumiada por duas janellas de peito de caixilhos miudinhos e vidros sujos. Um vasto sophá occupava quasi a parede do fundo: tinha sido de certo de reps verde, mas o estofo coçado, gasto, comido, remendado, tinha agora, sob largas nodoas, uma vaga côr parda; as molas partidas, rangiam com estalidos melancolicos; a um dos seus cantos, n'uma cova que o uso cavára, dormia todo o dia um gato; e um dos lados da madeira queimada revelava que fôra salvo d'um incendio. Sobre o sophá pendia a lithographia do senhor D. Pedro IV. Entre as duas janellas havia uma commoda alta, e em cima, entre um Santo Antonio e um cofre feito de buzios, um macaquinho empalhado, com olhos de vidro, equilibrava-se sobre um galho d'arvore. E ao entrar via-se logo, junto da janella fronteira á porta, a uma mesa coberta de oleado, um dorso triste e curvado, e um barretinho de sêda com uma borla arrebitada. Era o snr. Gouvêa, o escripturario!

O ar era abafado, com um cheiro complexo, indefinido — em que se sentia a cavalharice, a graxa e o refogado. Havia sempre gente: grossas matronas de capote e lenço, de face gordalhufa e buço: cocheiros com o cabello acamado, muito lustroso de

oleo, e blusa de riscadinho: pesados gallegos côr de greda, de passadas retumbantes e fórmas lôrpas: criadinhas de dentro, amarelladas, de olheiras, sombrinha de cabo d'osso, e as luvas de pellica com passagens nas pontas dos dedos.

Defronte da sala abria-se um quarto que deitava para o saguão, — por cuja portinha verde se viam ás vezes desapparecer os dorsos respeitaveis de proprietarios, ou as caudas espalhafatosas de vestidos suspeitos.

Em certas occasiões, aos sabbados, juntavam-se cinco, seis pessoas: velhas fallavam baixo, com gestos mysteriosos: uma altercação mal abafada roncava no patamar: rapariguitas de repente desatavam a chorar; e, impassivel, o snr. Gouvêa escrevinhava os seus registos, arremessando para o lado jactos melancolicos de saliva...

A tia Victoria, no entanto, com a sua touca de renda negra, um vestido rôxo, — ia, vinha, cochichava, gesticulava, fazia tilintar dinheiro, tirando a cada momento da algibeira rebuçados de avenca para o catarrho.

A tia Victoria era uma grande utilidade, tornára-se um centro! A criadagem reles, mesmo a criadagem fina, tinha alli para tudo o seu *despacho*. Emprestava dinheiro aos desempregados; guardava as economias dos poupados; fazia escrever pelo snr. Gouvêa as correspondencias amorosas ou domesticas dos que não tinham ido á escóla; vendia vestidos em segunda mão; alugava casacas; aconselhava col-

locações, recebia confidencias, dirigia intrigas, entendia de partos. Nenhum criado era inculcado por ella; mas, arranjados ou despedidos, nunca deixavam de subir, descer as escadas lugubres da tia Victoria. Tinha muitas relações, infinitas condescendencias: celibatarios maduros iam entender-se com ella, para o confortosinho d'uma sopeira gordita e nova: era ella quem inculcava as serventes ás mulheres policiadas; sabia de certos agiotas discretos. E dizia-se d'ella: Tem mais manhas que cabellos!

Mas, ultimamente, apesar dos seus «afazeres», apenas Juliana entrava — levava-a para o quarto nas trazeiras, fechava a porta, e «havia para meia hora»!

E Juliana sahia sempre com a pelle avermelhada, os olhos accesos, feliz! Voltava depressa para casa; e apenas entrava:

— A senhora ainda não voltou?

— Ainda não — dizia a cozinheira.

— Está na Encarnação. Coitada! não tem má cruz ir aturar a velha! E depois naturalmente vai dar o seu passeio! Faz ella muito bem! Espairecer!

Porque cada vez fallava de Luiza com mais ternura.

Joanna era de certo espessa, muito obtusa; além d'isso a paixão animal pelo rapazola, emparvecia-a. Todavia, percebera que a snr.ª Juliana andava «muito derretida pela senhora»: disse-lh'o mesmo um dia:

— Vossemecê agora, snr.ª Juliana, parece mais na bola da senhora!

— Na bola?

— Sim, quero dizer, mais aquella, mais...

— Mais apegada á senhora?

— Mais apegada.

— Sempre o estive. Mas então! ás vezes a gente tem os seus repentes... Que olhe, snr. Joanna, não se acha melhor que aqui. Senhora de muito bom genio, nada de exquisitices, nenhumas prisões... Ai, é dar louvores ao céo de estarmos n'este descanço.

— E é!

A casa com effeito tinha um aspecto jovial de felicidade tranquilla: Luiza sahia todos os dias e achava tudo bom; nunca se impacientava; a sua antipathia por Juliana parecia dissipada, achava-a uma pobre de Christo! Juliana tomava os seus caldinhos, dava os seus passeios, ruminava. Joanna, muito livre, muito só em casa, regalava-se com o rapazola. Não vinham visitas. D. Felicidade, na Encarnação, inundava-se d'arnica. Sebastião fôra para Almada vigiar as obras. O conselheiro partira para Cintra, «dar umas ferias ao espirito, tinha elle dito a Luiza, e deliciar-se nas maravilhas d'aquelle Eden.» O snr. Julião, «o doutor, como dizia a Joanna, não se lhe punha a vista em cima». As horas eram muito regulares, havia sempre um silencio pacato. Juliana, um dia, na cozinha, impressionada por aquelle recolhimento satisfeito da casa, exclamou para Joanna:

— Não se póde estar melhor! A barca vai n'um mar de rosas!

E acrescentou, com uma risadinha:

— E eu cá vou ao leme!

BIBLIOTECA NACIONAL

VII

Por esse tempo, uma manhã que Luiza ia para o *Paraiso,* viu de repente sahir d'uma porta, um pouco adiante do largo de Santa Barbara, a figura azafamada d'Ernestinho.

— Por aqui, prima Luiza! — exclamou elle logo, estacando, muito surprehendido. — Por estes bairros! Que faz por aqui? Grande milagre!

Vinha vermelho, com as bandas do casaco d'alpaca todas deitadas para traz, e agitava com excitação um rolo grosso de papeis.

Luiza ficou um pouco embaraçada; disse que vinha fazer uma visita a uma amiga. — Oh! elle não conhecia, tinha chegado do Porto.

— Ah, bem! bem! E que é feito, como tem passado? Quando vem o Jorge? — E desculpou-se logo

de a não ter ido vêr; mas é que não tinha uma migalha livre! De manhã a alfandega, á noite os ensaios...

— Então sempre vai? — perguntou Luiza.

— Vai.

E com emphase, a mão no ar:

— E como vai! Um primor! Mas que trabalhão, que trabalhão! — Agora vinha elle de casa do actor Pinto, que fazia o papel do amante, do conde de Monte Redondo; tinha-o ouvido dizer as palavras finaes do terceiro acto: *Maldição, a sorte funesta esmaga-me! Pois bem, arcarei braço a braço com a sorte. Á lucta!* Era uma maravilha! Vinha tambem de lhe dar parte que alterára o monologo do 2.º acto. O empresario achava-o longo...

— Então continúa a implicar, o empresario?

Ernestinho fez uma visagem d'hesitação.

— Implica um bocado... — E com um rosto radioso: — Mas está enthusiasmado! Estão todos enthusiasmados! Hontem me dizia elle: «Lesminha, é o nome que me dão por pandiga. Tem graça, não é verdade?...» Dizia-me elle: «Lesminha, na primeira representação cahe ahi Lisboa em peso! Vossê enterra-os a todos!» É bom homem! E agora vou-me a casa do Bastos, o folhetinista da *Verdade*. Não conhece?

Luiza não se lembrava bem.

— O Bastos, o da *Verdade!* — insistia elle.

E vendo que Luiza parecia alheia ao nome, ao individuo:

— Ora não conhece outra cousa! — E ia descrever-lhe as feições, citar-lhes as obras.

Mas Luiza, impaciente, para findar:

— Ah sim, lembro-me agora. Perfeitamente... Bem sei!

— Pois é verdade, vou a casa d'elle. — Tomou um tom compenetrado: — Somos muito amigos, é muito bom rapaz, e tem um pequerrucho lindo!... — E apertando-lhe muito a mão: — Adeusinho, prima Luiza, que não posso perder um momento. Quer que a vá acompanhar?

— Não, é aqui perto.

— Adeus, recados ao Jorge!

Ia a afastar-se, atarefado, mas voltando-se rapidamente correu atraz d'ella.

— Ah, esquecia-me dizer-lhe, sabe que lhe perdoei?

Luiza abriu muito os olhos.

— Á condessa, á heroina! — exclamou Ernestinho.

— Ah!

— Sim, o marido perdôa-lhe, obtem uma embaixada, e vão viver no estrangeiro. É mais natural...

— De certo! — disse vagamente Luiza.

— E a peça acaba, dizendo o amante, o conde de Monte Redondo: *E eu irei para a solidão morrer d'esta paixão funesta!* É de muito effeito! — Esteve um momento a olhal-a, e bruscamente: — Adeus, prima Luiza, recadinhos ao Jorge!

E abalou.

Luiza entrou no *Paraiso* muito contrariada. Contou o encontro a Bazilio. Ernestinho era tão tolo! Podia mais tarde fallar n'aquillo, citar a hora, perguntarem-lhe quem era a amiga do Porto...

E tirando o véo, o chapéo:

— Não, realmente é imprudente vir assim tantas vezes. Era melhor não vir tanto. Póde-se saber...

Bazilio encolheu os hombros contrariado, aproximando-se da janella com as mãos nos bolsos:

— Se queres não venhas.

Luiza olhou-o um momento, e curvando-se profundamente:

— Obrigada!

E ia a pôr o chapéo, mas elle veio prender-lhe as mãos, abraçou-a, murmurando:

— Pois tu fallas em não vir! E eu, então? Eu que estou em Lisboa por tua causa...

— Não, realmente dizes ás vezes cousas... tens certos modos...

Bazilio abafou-lhe as palavras com beijos.

— Ta, ta, ta! Nada de questões! Perdôa. Estás tão linda...

E desapertava-lhe delicadamente, rindo, os botõesinhos das luvas.

Luiza, ao voltar para casa, veio a reflectir n'aquella «scena». Não, pensava, já não era a primeira vez que elle mostrava um desprendimento muito secco por ella, pela sua reputação, pela sua saude! Queria-a alli todos os dias, egoistamente.

Que as más linguas fallassem, que as soalheiras a matassem, que lhe importava? E para que?... Porque emfim, saltava aos olhos, elle amava-a menos... As suas palavras, os seus beijos arrefeciam cada dia mais e mais!... Já não tinha aquelles arrebatamentos do desejo em que a envolvia toda n'uma caricia palpitante, nem aquella abundancia de sensação que o fazia cahir de joelhos com as mãos tremulas como as d'um velho!... Já se não arremessava para ella, mal ella apparecia á porta, como sobre uma presa estremecida!... Já não tinham aquellas conversas pueris, cheias de risos, divagadas e tontas, em que se abandonavam, se esqueciam, depois da hora ardente e physica, quando ella ficava n'uma lassitude dôce, com o sangue fresco, a cabeça deitada sobre os braços núa! — Agora! trocado o ultimo beijo, accendia o charuto, como n'um restaurante ao fim do jantar! E ia logo a um espelho pequeno que havia sobre o lavatorio dar uma penteadella no cabello com um pentesinho d'algibeira! (O que ella odiava o pentesinho!) Ás vezes até olhava o relogio!... E em quanto ella se arranjava não vinha, como nos primeiros tempos, ajudal-a, pôr-lhe o collarinho, picar-se nos seus alfinetes, rir em volta d'ella, despedir-se com beijos apressados da nudez dos seus hombros antes que o vestido se apertasse. Ia rufar nos vidros, — ou sentado, com um ar macambuzio, bamboleava a perna!

E depois positivamente não a respeitava, não a considerava... Tratava-a por cima do hombro, como

uma burguezinha, pouco educada e estreita, que apenas conhece o seu bairro. E um modo de passear, fumando, com a cabeça alta, fallando no «espirito de madame de tal», nas *toilettes* da «condessa de tal». Como se ella fosse estupida, e os seus vestidos fossem trapos! Ah, era seccante! E parecia, Deus me perdôe, parecia que lhe fazia uma honra, uma grande honra em a possuir... E immediatamente lembrava-lhe Jorge, Jorge que a amava com tanto respeito! Jorge, para quem ella era de certo a mais linda, a mais elegante, a mais intelligente, a mais captivante!... E já pensava um pouco que sacrificára a sua tranquillidade tão feliz a um amor bem incerto!

Emfim, um dia que o viu mais distrahido, mais frio, explicou-se abertamente com elle. Direita, sentada no canapé de palhinha, fallou com bom senso, devagar, com um certo ar digno e preparado; parecia ter arranjado as suas palavras methodicamente: «Que percebia bem que elle se aborrecia, que o seu grande amor tinha passado, que era por tanto humilhante para ella verem-se n'essas condições e que julgava mais digno acabarem».

Bazilio olhava-a, surprehendido da sua solemnidade; sentia um estudo, uma affectação n'aquellas phrases que tinham um feitio decorado; disse muito tranquillamente, sorrindo:

— Trazias isso estudado!

Luiza ergueu-se bruscamente, encarou-o, teve um movimento desdenhoso dos labios.

— Tu estás douda, Luiza?

— Estou farta! Faço todos os sacrificios por ti, venho aqui todos os dias, compromette-me, e para que? Para te vêr, muito indifferente, muito seccado...

— Mas, meu amor...

Ella teve um sorriso d'escarneo.

— *Meu amor!* Oh! são ridiculos esses fingimentos!

Bazilio impacientou-se.

— Já isso cá me faltava, essa scena — exclamou elle impetuosamente. E cruzando os braços diante d'ella: — Mas que queres tu? Queres que te ame como no theatro, em S. Carlos? Todas sois assim! Quando um pobre diabo ama naturalmente, como todo o mundo, com o seu coração mas não tem gestos de tenor, aqui d'el-rei que é frio, que se aborrece, é ingrato... Mas que queres tu? Queres que me atire de joelhos, que declame, que revire os olhos, que faça juras, outras tolices?...

— São tolices que tu fazias.

— Ao principio! — respondeu elle brutalmente. — Já nos conhecemos muito para isso, minha rica.

E havia apenas cinco semanas!

— Adeus! — disse ella.

— Bem. Vaes zangada?

Ella respondeu, com os olhos baixos, calçando nervosamente as luvas:

— Não.

Bazilio pôz-se diante da porta, e estendendo os braços:

— Mas sê razoavel, minha querida. Uma ligação como a nossa não é como o duetto do *Fausto*. Eu amo-te, tu, creio, gostas de mim, fazemos os sacrificios necessarios, encontramo-nos, somos felizes... Que diabo queres tu mais? Porque te queixas?

Ella respondeu com um sorriso ironico e triste:

— Não me queixo. Tens razão.

— Mas não vás zangada, então.

— Não...

— Palavrinha?

— Sim...

Bazilio tomou-lhe as mãos.

— Dê então um beijinho em Bibi...

Luiza beijou-o de leve na face.

— Na boquinha, na boquinha! — E ameaçando-a com o dedo, fitando-a muito: — Ah geniosinho! Tens bem o sangue do snr. Antonio de Brito, nosso extremoso tio, que arrepellava as criadas pelos cabellos!... — E sacudindo-lhe o queixo: — E vens ámanhã?

Luiza hesitou um momento:

— Venho.

Entrou em casa exasperada, humilhada. Eram seis horas. E Juliana veio logo dizer-lhe, muito quesilada: que a Joanna tinha sahido ás quatro horas, não tinha voltado, o jantar estava por acabar...

— Onde foi?

Juliana encolheu os hombros com um sorrisinho.

Luiza percebeu. Tinha ido a algum amante, a algum amor... Teve um gesto de piedade desdenhosa.

— Ha-de lucrar muito com isso. Boa tôla!

Juliana olhou-a espantada.

— Está bebeda! — pensou.

— Bem, que se lhe ha-de fazer? — disse Luiza. — Esperarei...

E passeando pelo quarto, excitada, revolvendo o seu despeito:

— Que egoista, que grosseiro, que infame! E é por um homem assim que uma mulher se perde! É estupido!

Como elle supplicava, se fazia pequenino, humilde ao principio! O que são os amores dos homens! Como teem a fadiga facil!

E immediatamente lhe veio a idéa de Jorge! *Esse* não! Vivia com ella havia tres annos — e o seu amor era sempre o mesmo, vivo, meigo, dedicado. Mas o *outro!* Que indigno! *Já a conhecia muito!* Ah! estava bem certa agora, nunca a amára, elle! Quizera-a por vaidade, por capricho, por distracção, para ter uma mulher em Lisboa! É o que era! Mas amor? Qual!

E ella mesmo, por fim? Amava-o, ella? Concentrou-se, interrogou-se... Imaginou casos, circumstancias: se elle a quizesse levar para longe, para França, iria? Não! Se por um acaso, por uma desgraça enviuvasse, antevia alguma felicidade casando com elle? Não!

Mas então!... E como uma pessoa que destapa

um frasco muito guardado, e se admira vendo o perfume evaporado, ficou toda pasmada de encontrar o seu coração vazio. O que a levára então para elle?... Nem ella sabia; não ter nada que fazer, a curiosidade romanesca e morbida de ter um amante, mil vaidadesinhas inflammadas, um certo desejo physico... E sentira-a por ventura, essa felicidade, que dão os amores illegitimos, de que tanto se falla nos romances e nas operas, que faz esquecer tudo na vida, affrontar a morte, quasi fazel-a amar? Nunca! Todo o prazer que sentira ao principio, que lhe parecera ser o amor — vinha da novidade, do saborzinho delicioso de comer a maçã prohibida, das condições do mysterio do *Paraiso,* d'outras circumstancias talvez, que nem queria confessar a si mesma, que a faziam corar por dentro!

Mas que sentia d'extraordinario *agora?* Bom Deus, começava a estar menos commovida ao pé do seu amante, do que ao pé de seu marido! Um beijo de Jorge perturbava-a mais, e viviam juntos ha tres annos! Nunca se seccára ao pé de Jorge, nunca! E seccava-se positivamente ao pé de Bazilio! Bazilio, no fim, o que se tornára para ella? era como um marido pouco amado, que ia amar fóra de casa! Mas então valia a pena?...

Onde estava o defeito? No amor mesmo talvez! Porque emfim, ella e Bazilio estavam nas condições melhores para obterem uma felicidade excepcional: eram novos, tinham saude, cercava-os o mysterio, excitava-os a difficuldade... Porque era então que

quasi bocejavam? É que o amor era essencialmente perecivel, e na hora em que nasce começa a morrer. Só os começos são bons. Ha então um delirio, um enthusiasmo, um bocadinho do céo. Mas depois!... Seria então necessario estar sempre a *começar*, para poder sempre sentir?... Era o que fazia Leopoldina. E apparecia-lhe logo nitidamente a explicação d'aquella existencia de Leopoldina, inconstante, tomando um amante, conservando-o uma semana, abandonando-o como um limão espremido, e renovando assim constantemente a flôr da sensação! — E, pela logica tortuosa dos amores illegitimos, o seu primeiro amante fazia-a vagamente pensar no segundo!

Logo no dia seguinte pôz-se a dizer comsigo que era bem longe o *Paraiso!* Que massada, por aquelle calor, vestir-se, sahir! Mandou saber de D. Felicidade por Juliana, e ficou em casa, de roupão branco, preguiçosa, saboreando a sua preguiça.

N'essa tarde recebeu uma carta de Jorge: «que ainda se demorava, mas que a sua viuvez começava a pezar-lhe. Quando se veria emfim na sua casinha, na sua alcovinha?...» E terminava com «mil beijos, muito ternos, do teu maridinho...»

Ficou muito commovida. Um sentimento de vergonha, de remorso, uma compaixão terna por Jorge tão bom, coitado! um indefinido desejo de o vêr e de o beijar, a recordação de felicidades passadas perturbaram-na até ás profundidades do seu sêr. Foi logo responder-lhe, jurando-lhe «que tambem já es-

tava farta de estar só, que viesse, que era estupida semelhante separação...» E era sincera n'aquelle momento!

Tinha fechado o enveloppe, quando Juliana lhe veio trazer «uma carta do hótel». Bazilio mostrava-se desesperado. «... Como não vieste, vejo que estás zangada; mas é de certo o teu orgulho, não o teu amor que te domina: não imaginas o que senti quando vi que não vinhas hoje. Esperei até ás cinco horas; que supplicio! Fui talvez secco, mas tu tambem estavas implicativa. Devemos perdoar-nos ambos, ajoelharmos um diante do outro, e esquecer todo o despeito no mesmo amor... Vem ámanhã. Adoro-te tanto! Que outra prova queres, que esta que te dou d'abandonar os meus interesses, as minhas relações, os meus gostos, e enterrar-me aqui em Lisboa, etc.»

Ficou muito nervosa, sem saber o que havia de fazer, o que havia de querer. Aquillo era verdade. Porque estava elle em Lisboa? Por ella. Mas se reconhecia agora, — que o não amava ou tão pouco! E depois era vil trahir assim Jorge, tão bom, tão amoroso, vivendo todo para ella. Mas se Bazilio realmente estivesse tão apaixonado!... As suas idéas redomoinhavam, como folhas d'outomno, violentadas por ventos contradictorios. Desejava estar tranquilla, «que a não perseguissem». Para que voltára aquelle homem? Jesus! que havia de fazer?

E na manhã seguinte estava na mesma hesitação. Iria, não iria? O calôr fóra, a poeirada da rua

faziam-lhe appetecer mais a casa! Mas que desapontamento, o do pobre rapaz tambem! Atirou ao ar uma moeda de cinco tostões. Era cunho, devia ir. Vestiu-se, sem vontade, seccada, — tendo todavia um certo desejo dos refinamentos de prazer que dão as expansões de reconciliação.

Mas que surpreza! esperava encontral-o humilde e de joelhos, achou-o com a testa franzida e muito aspero.

— Luiza, parece incrivel, porque não vieste?

Na vespera, Bazilio, quando viu que ella faltava, teve um grande despeito e um mêdo maior; a sua concupiscencia receou perder aquelle lindo corpo de rapariga, e o seu orgulho escandalisou-se de vêr libertar-se aquella escravasinha docil. Resolveu portanto, a todo o custo, «chamal-a ao rego». Escreveu-lhe; e mostrando-se submisso para a attrahir, decidiu ser aspero para a castigar. — E acrescentou:

— É uma criancice ridicula. Porque não vieste?

Aquelle modo enraiveceu-a:

— Porque não quiz.

Mas emendou logo:

— Não pude.

— Ah! é essa a maneira por que respondes á minha carta?...

— E tu, é esse o modo com que me recebes?

Olharam-se um momento, detestando-se.

— Bem, queres uma questão? És como as outras.

— Que outras?

E toda escandalisada:

— Ah! é de mais! Adeus!

Ia sahir.

— Vaes-te?

— Vou. É melhor acabarmos por uma vez...

Elle segurou o fecho da porta rapidamente.

— Fallas serio, Luiza?

— De certo. Estou farta!

— Bem. Adeus.

Abriu a porta para a deixar passar, curvou-se silenciosamente.

Ella deu um passo, e Bazilio com a voz um pouco tremula:

— Então, é para sempre? Nunca mais?

Luiza parou, branca. Aquella triste palavra *nunca mais* deu-lhe uma saudade, uma commoção. Rompeu a chorar.

As lagrimas tornavam-na sempre mais linda. Parecia tão dolorida, tão magoada, tão fragil, tão desamparada!...

Bazilio cahiu-lhe aos pés: tinha tambem os olhos humidos.

— Se tu me deixares, morro!

Os seus labios uniram-se n'um beijo profundo, longo, penetrado, humido. A excitação dos nervos deu-lhes momentaneamente a sinceridade da paixão e foi uma manhã deliciosa.

Ella prendia-o nos seus braços núS, balbuciava:

— Não me deixas nunca, não?

— Juro-t'o! Nunca, meu amor!

E beijava todo tremulo os seus olhos errantes, a sua face pallida como cêra.

Mas fazia-se tarde, era necessario ir-se! E a mesma idéa de certo acudiu-lhes — porque se olharam avidamente, e Bazilio murmurou:

— Se podesses aqui passar a noite!

Ella disse aterrada, quasi supplicante:

— Oh! não me tentes, não me tentes...

Bazilio suspirou, disse:

— Não, é uma tolice. Vai.

E Luiza começou logo a arranjar-se á pressa. Mas de repente, parando, com um sorriso:

— Sabes tu uma cousa?

— O que, meu amor?

— Estou a cahir com fome! Não almocei nada, estou a cahir.

Elle ficou desolado:

— Coitadinha, minha pobre filha! Se eu soubesse...

E beijava-a sem cessar:

— Meu pobre amor, com fome!

— Que horas são, filho?

Bazilio viu o relogio, disse quasi envergonhado:

— Sete!

— Ai, santo Deus!

E punha o chapéo, o véo, atrapalhada, pallida, assustada.

— Que tarde! Jesus!

— E ámanhã, quando?

— Á uma.

— Com certeza?

— Com certeza.

Ao outro dia foi muito pontual. Bazilio veio esperal-a ao fundo da escada, e apenas entraram no quarto, devorando-a de beijos:

— Que me fizeste tu? Desde hontem que estou doudo!

Mas Luiza «estava muito intrigada» com um cesto que via em cima da cama.

— Que é aquillo?

Elle sorriu, levou-a pela mão junto da barra de ferro, e destampando o cesto, com uma cortezia grave:

— Provisões, festins, bacchanaes! Não dirás depois que tens fome!

Era um *lunch*. Havia sandwichs, um *paté de foie gras*, fructa, uma garrafa de champagne, e, envolto em flanella, gelo.

— É brilhante! — disse ella, com um sorriso quente, rubra de prazer.

— Foi o que se pôde arranjar, minha querida prima! Já vê que pensei em si!

Pôz o cesto no chão, e vindo para ella com os braços abertos:

— E tu pensaste em mim, meu amor?

Os olhos d'ella responderam — e a pressão apaixonada dos seus braços.

Ás tres horas lancharam. Foi delicioso: tinham estendido um guardanapo sobre a cama: a louça tinha a marca do Hotel Central: aquillo parecia a

Luiza muito estroina, adoravel — e ria de sensualidade, fazendo tilintar os pedacinhos de gelo contra o vidro do copo, cheio de *champagne*. Sentia uma felicidade exuberante que transbordava em gritinhos, em beijos, em toda a sorte de gestos buliçosos. Comia com gula; e eram adoraveis os seus braços nús movendo-se por cima dos pratos.

Nunca achára Bazilio tão bonito; o quarto mesmo parecia-lhe muito conchegado para aquellas intimidades da paixão; quasi lhe parecia possivel viver alli, n'aquelle cacifro, annos, feliz com elle, n'um amor permanente, com *lunchs* ás tres horas... Tinham as pieguices classicas: mettiam-se bocadinhos na bocca; ella ria com os seus dentinhos brancos, toda córada; bebiam pelo mesmo copo, devoravam-se de beijos, — e elle quiz-lhe ensinar então a verdadeira maneira de beber *champagne*. Talvez ella não soubesse!

— Como é? — perguntou Luiza tomando o copo.

— Não é com o copo! Horror! Ninguem que se preza bebe *champagne* por um copo. O copo é bom para o Collares...

Tomou um gole de *champagne* e n'um beijo passou-o para a bocca d'ella. Luiza riu muito, achou «divino», quiz beber mais assim. E ia-se fazendo vermelha, o olhar luzia-lhe.

Tinham tirado os pratos da cama; e sentada á beira do leito, os seus pésinhos calçados n'uma meia côr de rosa pendiam, agitavam-se, em quanto um pouco dobrada sobre si, os cotovêlos sobre o rega-

ço, a cabecinha de lado, tinha em toda a sua pessoa a graça languida d'uma pomba fatigada.

Bazilio achava-a irresistivel: quem diria que uma burguezinha podia ter tanto *chic*, tanta *queda*? Ajoelhou-se, tomou-lhe os pésinhos entre as mãos, beijou-lh'os, e, dizendo muito mal das ligas «tão feias, com fechos de metal», beijou-lhe respeitosamente os joelhos e fez-lhe baixinho um pedido. Ella córou, sorriu, dizia: não! não! — E quando sahiu do seu delirio, tapou o rosto com as mãos, toda escarlate, murmurou reprehensivamente:

— Oh Bazilio!

Elle torcia o bigode, muito satisfeito. Ensinára-lhe uma sensação nova: tinha-a na mão!

Só ás seis horas se desprendeu dos seus braços. Luiza fez-lhe jurar que havia de pensar n'ella toda a noite: — não queria que elle sahisse; tinha ciumes do Gremio, do ar, de tudo! E já no patamar voltava, beijava-o, louca, tremula, repetia:

— E ámanhã mais cedo, sim? para estarmos todo o dia.

— Não vaes vêr a D. Felicidade?

— Que me importa a D. Felicidade! Não me importa ninguem! Quero-te a ti! só a ti!

— Ao meio dia?

— Ao meio dia!

Quanto lhe pezou á noite a solidão do seu quarto! Tinha uma impaciencia que a impellia a prolongar a excitação da tarde, a fazer alguma cousa, a agitar-se. Ainda quiz lêr, mas bem depressa arremessou o livro: as duas velas accesas sobre o toucador pareciam-lhe lugubres; foi vêr a noite, — estava tepida e serena. Chamou Juliana:

— Vá pôr um chale, vamos a casa da snr.ª D. Leopoldina.

Quando chegaram foi a Justina que veio abrir, depois d'uma grande demora, esguedelhada, em chambre branco. Pareceu muito espantada.

— A senhora foi p'ra o Porto!

— P'ra o Porto!

Sim. Demorava-se quinze dias.

Luiza ficou muito desconsolada. Mas não queria voltar, o seu quarto solitario aterrava-a.

— Vamos um bocado até alli abaixo, Juliana. A noite está tão bonita!

— Rica, minha senhora!

Foram descendo a rua de S. Roque. E como guiados pelas duas linhas de pontos de gaz, que desciam a rua do Alecrim, o seu pensamento, o seu desejo foram logo para o *Hotel Central*.

Estaria em casa? Pensaria n'ella? Se podesse ir surprehendel-o de repente, atirar-se-lhe aos braços, vêr as suas cousas, as suas malas... Aquella idéa fazia-a arfar. Entraram na praça de Camões. Gente passeava devagar; sob a sombra mais escura que faziam as arvores cochichava-se pelos bancos; be-

bia-se agua fresca; claridades cruas de vidraças, de portas de lojas destacavam em redor no tom escuro da noite: e no rumor lento das ruas em redor, sobresahiam as vozes agudas dos vendedores de jornaes.

Então um sujeito com um chapéo de palha passou tão rente d'ella e tão intencionalmente que Luiza teve medo. — Era melhor voltarem — disse. — Mas ao meio da rua de S. Roque o chapéo de palha roçou quasi o hombro de Luiza, dous olhos repolhudos dardejaram sobre ella, e foram adiante a uma vidraça de confeitaria, absorver-se nos *quéques*.

Luiza ia desesperada: o tic-tac das suas botinas batia vivamente a lage do passeio; de repente, ao pé de S. Pedro d'Alcantara, uma voz adocicada e brazileira disse-lhe junto ao pescoço:

— Aonde mora, ó menina?

Agarrou aterrada o braço de Juliana.

A voz repetiu:

— Não se agaste, menina, aonde amora?

— Seu malcriado! — rugiu Juliana.

O chapéo branco immediatamente desappareceu entre as arvores.

Chegaram a casa offegantes. Luiza tinha vontade de chorar; deixou-se cahir na *causeuse,* esfalfada, infeliz. Que imprudencia, pôr-se a passear pelas ruas de noite, com uma criada! Estava douda, desconhecia-se. Que dia aquelle! E recordava-o desde pela manhã: o *lunch,* o *champagne* bebido pelos beijos de Bazilio, os seus delirios libertinos, que vergonha!

e ir a casa de Leopoldina, de noite, e ser tomada na rua por uma mulher do Bairro Alto!... E de repente lembrou-lhe Jorge no Alemtejo trabalhando por ella, pensando n'ella... Escondeu o rosto entre as mãos, detestou-se, os seus olhos humedeceram-se.

Mas na manhã seguinte acordou toda alegre. Sentia, sim, uma vaga vergonha de todas as suas «tolices» da vespera, e como a sensação indefinida, palpite ou presentimento, de que não devia ir ao *Paraiso*. O seu desejo, porém, que a impellia para lá vivamente, forneceu-lhe logo razões: era desapontar Bazilio, a não ir hoje não devia voltar e então romper... Além d'isso a manhã muito linda attrahia para a rua: chovera de noite, o calor cedera, e havia nos tons da luz e do azul uma frescura lavada e dôce.

E ás onze e meia descia para o Moinho de Vento, quando viu a figura esguia do conselheiro Accacio que subia da rua da Rosa, devagar, com o guardasol fechado, a cabeça alta.

Apenas a avistou apressou-se, curvou-se profundamente:

— Que encontro verdadeiramente feliz!...

— Como está, conselheiro? Ditosos olhos que o vêem!

— E v. exc.ª, minha senhora? Vejo-a com excellente aspecto!

*

E passando-lhe á esquerda com um movimento solemne, pôz-se a caminhar ao lado d'ella.

— Permitte-me de certo que a acompanhe na sua excursão?

— De certo, com o maior prazer. Mas que tem feito? Tenho muito que lhe ralhar...

— Estive em Cintra, minha querida senhora. — E parando: — Não sabia? O *Diario de Noticias* especificou-o!

— Mas depois de vir de Cintra?

Elle acudiu:

— Ah! tenho estado occupadissimo! Occupadissimo! Inteiramente absorvido na compilação de certos documentos que me eram indispensaveis para o meu livro... — E depois d'uma pausa: — Cujo nome não ignora, creio.

Luiza não se recordava inteiramente. O conselheiro então expôz o titulo, os fins, alguns nomes de capitulos, a utilidade da obra: era a DESCRIPÇÃO PITORESCA DAS PRINCIPAES CIDADES DE PORTUGAL E SEUS MAIS FAMOSOS ESTABELECIMENTOS.

— É um guia, mas um guia scientifico. Illustrarei com um exemplo: V. exc.ª quer ir a Bragança: sem o meu livro é muito natural (direi, é certo) que volta sem ter gozado das curiosidades locaes; com o meu livro percorre os edificios mais notaveis, recolhe um fundo muito solido d'instrucção, e tem ao mesmo tempo o prazer.

Luiza mal o escutava, sorrindo vagamente sob o seu véo branco.

— Está hoje muito agradavel! — disse ella.

— Agradabilissimo! Um dia creador!

— Que bom fresco aqui!

Tinham entrado em S. Pedro d'Alcantara; um ar dôce circulava entre as arvores mais verdes; o chão compacto, sem pó, tinha ainda uma ligeira humidade; e, apesar do sol vivo, o céo azul parecia leve e muito remoto.

O conselheiro então fallou do estio; tinha sido torrido! na sua sala de jantar tinha havido 48 graus á sombra! 48 graus! — E com bonhomia, querendo logo desculpar a sala d'aquella exageração canicular: — Mas é que está exposta ao sul! façamos essa justiça! Está muito exposta ao sul. Mas hoje está verdadeiramente restaurador.

Convidou-a mesmo a dar uma volta em baixo no jardim. Luiza hesitava. E o conselheiro puxando o relogio, fitando-o de longe, declarou logo que ainda não era meio dia. Estava certo pelo Arsenal, era um relogio inglez. — Muito preferiveis aos suissos! — acrescentou com ar profundo.

E cobardemente, por inercia, enervada pela voz pomposa do conselheiro, Luiza foi descendo, contrariada, as escadinhas para o jardim. De resto — pensava — tinha tempo, tomaria um trem...

Foram encostar-se ás grades. E através dos varões viam, descendo n'um declive, telhados escuros, intervallos de pateos, cantos de muro com uma ou outra magra verdura de quintal resequido; depois, no fundo do valle, o Passeio estendia a sua massa de

folhagem prolongada e oblonga, onde a espaços branquejavam pedaços da rua areada. Do lado de lá erguiam-se logo as fachadas inexpressivas da rua Occidental, recebendo uma luz forte que fazia faiscar as vidraças: por traz iam-se elevando na mesma linha terrenos d'um verde crestado fechados por fortes muros sombrios, a cantaria da Encarnação de um amarello triste, outras construcções separadas, até ao alto da Graça coberta d'edificios ecclesiasticos, com renques de janellinhas conventuaes e torres d'igrejas, muito brancas sobre o azul: e a Penha de França, mais para além, punha em relevo o vivo do muro caiado, d'onde sobresahia uma linha verde-negra d'arvoredo. Á direita, sobre o monte pellado, o castello assentava, atarracado, ignobilmente sujo: e a linha muito quebrada de telhados, d'esquinas de casas da Mouraria e d'Alfama descia com angulos bruscos até ás duas pesadas torres da Sé, d'um aspecto abbacial e secular. Depois viam um pedaço do rio, batido da luz: duas velas brancas passavam devagar: e na outra banda, á base de uma collina baixa que o ar distante azulava, estendia-se a linha de casarias d'uma povoaçãosinha d'um branco de cré luzidio. Da cidade um rumor grosso e lento subia, onde se misturavam o rolar dos trens, o pesado rodar dos carros de bois, a vibração metallica das carretas que levam ferraria, e algum grito agudo de pregão.

— Grande panorama! — disse o conselheiro com emphase. — E encetou logo o elogio da cidade: Era

uma das mais bellas da Europa, de certo, e como entrada, só Constantinopla! Os estrangeiros invejavam-na immenso. Fôra outr'ora um grande emporio, e era uma pena que a canalisação fosse tão má, e a edilidade tão negligente!

— Isto devia estar na mão dos inglezes, minha rica senhora! — exclamou.

Mas arrependeu-se logo d'aquella phrase impatriotica. Jurou que «era uma maneira de dizer». Queria a independencia do seu paiz; morreria por ella, se fosse necessario; nem inglezes nem castelhanos!... Só nós, minha senhora! — E acrescentou com uma voz respeitosa: — E Deus!

— Que bonito está o rio! — disse Luiza.

Accacio affirmou-se, e murmurou em tom cavo:

— O Tejo!

Quiz então dar uma volta pelo jardim. Sobre os canteiros borboletas brancas, amarellas, esvoaçavam; um gotejar d'agua fazia no tanque um rhythmosinho de jardim burguez; um aroma de baunilha predominava; sobre a cabeça dos bustos de marmore, que se elevam d'entre os maciços e as moitas de dhalias, passaros pousavam.

Luiza gostava d'aquelle jardimzinho, mas embirrava com as grades tão altas...

— Por causa dos suicidios! — acudiu logo o conselheiro. — E todavia, segundo a sua opinião, os suicidios em Lisboa diminuiam consideravelmente; attribuia isso á maneira severa e muito louvavel como a imprensa os condemnava...

— Porque em Portugal, creia isto, minha senhora, a imprensa é uma força! — disse.

— Se fossemos andando...? — lembrou Luiza.

O conselheiro curvou-se, mas vendo-a a ir colher uma flôr, reteve-lhe vivamente o braço:

— Ah, minha senhora, por quem é! os regulamentos são muito explicitos! Não os infrinjamos, não os infrinjamos! — E acrescentou: — O exemplo deve vir de cima.

Foram subindo, e Luiza pensava: — Vai para casa, larga-me ao Loreto.

Na rua de S. Roque espreitou o relogio d'uma confeitaria: era meia hora depois do meio dia! Já Bazilio esperava!

Apressou o passo, e ao Loreto parou. O conselheiro olhou-a, hesitando.

— Ah! pensei que ia para casa, conselheiro!

— Já agora quero acompanhal-a, se v. exc.ª m'o permitte. De certo não sou indiscreto?

— Ora essa! De modo nenhum.

Uma carruagem da Companhia passava, seguida d'um correio a trote.

O conselheiro, com um movimento ancioso, tirou profundamente o chapéo.

— É o presidente do conselho. Não viu? Fez-me um signal de dentro. — Começou logo o seu elogio: Era o nosso primeiro parlamentar; vastissimo talento, uma linguagem muito castigada! — E ia de certo fallar das cousas publicas, mas Luiza atravessou para os Martyres, erguendo um pouco o vestido por

causa d'uns restos de lama. Parou á porta da igreja, e sorrindo:

— Vou aqui fazer uma devoçãosinha. Não o quero fazer esperar. Adeus, conselheiro, appareça. — Fechou a sombrinha, estendeu-lhe a mão.

— Ora essa, minha rica senhora! Esperarei, se vir que não se demora muito. Esperarei, não tenho pressa. — E com respeito: — Muito louvavel esse zelo!

Luiza entrou na igreja desesperada, e ficou de pé debaixo do côro, calculando: — Demoro-me aqui, elle cança-se d'esperar e vai-se! Por cima reluziam vagamente os pingentes de crystal dos lustres. Havia uma luz velada, igual, um pouco fôsca. E as architecturas caiadas, a madeira muito lavada do soalho, as balaustradas lateraes de pedra davam uma tonalidade clara e alvadia, onde destacavam os dourados da capella, os frontaes rôxos dos pulpitos, ao fundo dous reposteiros d'um rôxo mais escuro, e sob o docel côr de violeta os ouros do Throno. Um silencio fresco e alto repousava. Diante do Baptisterio um rapaz de joelhos, com um balde de zinco ao pé, esfregava o chão com uma rodilha, discretamente: dorsos de beatas, encapotados ou cobertos de chales tingidos, curvavam-se, aqui e além, diante d'um altar: e um velho, de jaqueta de saragoça, prostrado no meio da igreja, rosnava rezas n'uma melopêa lugubre; via-se a sua cabeça calva, as tachas enormes dos sapatos, e a cada momento, dobrando-se, batia no peito com desespero.

Luiza subiu ao altar-mór. Bazilio impacientava-se, de certo, pobre rapaz! Perguntou então, timidamente, as horas a um sacristão que passava. O homem ergueu a sua face balofa para uma janella na cupula, e olhando-a de lado:

— Vai indo p'ra as duas.

Para as duas! Era capaz de não esperar, Bazilio! Veio-lhe um receio de perder a sua manhã amorosa, um desejo aspero de se achar no *Paraiso,* nos braços d'elle. E olhava vagamente os santos, as virgens trespassadas d'espadas, os Christos chagados, — cheia de impaciencias voluptuosas, revendo o quarto, a caminha de ferro, o pequeno bigode de Bazilio!... Mas demorou-se, queria «fatigar o conselheiro, deixal-o ir». E, quando pensou que elle teria partido, sahiu devagarinho. — Viu-o logo á porta, direito, com as mãos atraz das costas, lendo a pauta dos jurados.

Começou immediatamente a louvar a sua devoção. Não entrára porque não queria perturbar o seu recolhimento. Mas approvava-a muito! A falta de religião era a causa de toda a immoralidade que grassava...

— E além d'isso é de boa educação. V. exc.ª ha-de reparar que toda a nobreza cumpre...

Calou-se, e aprumava a estatura, todo satisfeito de descer o Chiado com aquella linda senhora, tão olhada. Mesmo, ao passar por um grupo, curvou-se para ella mysteriosamente, e disse-lhe ao ouvido, sorrindo:

— Está um dia apreciavel!

Offereceu-lhe bolos á porta do Baltreschi. Luiza recusou.

— Sinto. Todavia acho muito sensata a regularidade nas comidas.

A sua voz vinha agora a Luiza com a impertinencia d'um zumbido; e, apesar de não fazer calor, abafava, picava-lhe o sangue no corpo; tinha vontade de deitar a correr de repente; e todavia caminhava devagar, infeliz, como somnambula, cheia da necessidade de chorar.

Sem razão, ao acaso, entrou no Valente. Era hora e meia! E depois d'hesitar pediu gravatas de *foulard* a um caixeiro louro e jovial.

— Brancas? de côr? de riscas? com pintinhas?

— Sim, verei, sortidas.

Não lhe agradavam. Desdobrava-as, sacudia-as, punha-as de lado; e olhava em roda vagamente, pallida... O caixeiro perguntou-lhe se estava incommodada: offereceu-lhe agua, qualquer cousa...

Não era nada; o ar é que lhe fazia bem; voltaria. Sahiu. O conselheiro, muito solicito, promptificou-se a acompanhal-a a uma boa pharmacia tomar agua de flôr de laranja... Desciam a rua Nova do Carmo. O conselheiro declarou que o caixeiro fôra muito polido: não se admirava, porque no commercio havia filhos de boas familias. Citou exemplos.

Mas vendo-a calada:

— Ainda soffre?

— Não, estou bem.

— Temos dado um delicioso passeio!

Foram ao comprido do Rocio, até ao fim. Voltaram, atravessaram-no em diagonal. E pelo lado do Arco do Bandeira, aproximaram-se para a rua do Ouro. Luiza olhava em redor, afflicta, procurava uma idéa, uma occasião, um acontecimento — e o conselheiro, grave a seu lado, dissertava. A vista do theatro de D. Maria levára-o para as questões da arte dramatica: tinha achado que a peça do Ernestinho era talvez demasiado forte. De resto só gostava de comedias. Não, que se não enthusiasmasse com as bellezas d'um *Frei Luiz de Sousa!* mas a sua saude não lhe permittia as agitações fortes. Assim por exemplo...

Mas Luiza tivera uma idéa, e immediatamente:

— Ah! esquecia-me! Tenho d'ir ao Vitry. Vou fazer chumbar um dente.

O conselheiro, interrompido, fitou-a. E Luiza, estendendo-lhe a mão, com a voz rapida:

— Adeus, appareça, hein? — E precipitou-se para o portal do Vitry.

Subiu até ao primeiro andar, correndo, com os vestidos apanhados: parou, offegando: esperou: desceu devagar, espreitou á porta... A figura do conselheiro afastava-se direita, digna, para os lados das secretarias.

Chamou um trem.

— A quanto podér! — exclamou.

A carruagem entrou quasi a galope na ruasinha do *Paraiso*. Figuras pasmadas appareceram á janel-

la. Subiu, palpitante. A porta estava fechada — e logo a cancella do lado abriu-se, e a voz dôce, cheia de *ss*, segredou:

— Já sahiu. Ha-de haver meia hora.

Desceu. Deu a sua morada ao cocheiro, e atirando-se para o fundo do coupé, rompeu n'um chôro hysterico. Correu as *stores* para se esconder; e batia com o pé, rasgou uma luva, sentindo em si violencias inesperadas. Então veio-lhe um desejo phreneticó de vêr Bazilio. Bateu nos vidros desesperadamente, gritou:

— Ao Hotel Central!

Porque estava n'um d'aquelles momentos em que os temperamentos sensiveis teem impulsos indomaveis; ha uma delicia colerica em espedaçar os deveres e as conveniencias; e a alma procura sofregamente o mal com estremecimentos de sensualidade!

A parelha estacou, resvalando á porta do hotel. «O snr. Bazilio de Brito não estava, o snr. visconde Reynaldo, sim.»

— Bem, para casa, para onde eu disse.

O cocheiro bateu. E Luiza, sacudida por uma irritabilidade febril, insultava o conselheiro, o estafermo, o imbecil! maldizia a vida que lh'os fizera conhecer, a elle e a todos os amigos da casa! vinha-lhe uma vontade acre «de mandar o casamento ao diabo, de fazer o que lhe viesse á cabeça!...»

Á porta não tinha troco para o cocheiro. Espere! — disse, subindo furiosa — Eu lhe mandarei pagar!

— Que bicha! — pensou o cocheiro.

Foi Joanna a que veio abrir, e quasi recuou, vendo-a tão vermelha, tão excitada.

Luiza foi direita ao quarto: o *cuco* cantava tres horas. Estava tudo desarrumado; vasos de plantas no chão, o toucador coberto com um lençol velho, roupa suja pelas cadeiras. E Juliana, com um lenço amarrado na cabeça, varria tranquillamente, cantarolando.

— Então vossê ainda não arrumou o quarto! — gritou Luiza.

Juliana estremeceu áquella colera inesperada.

— Estava agora, minha senhora!

— Que estava agora vejo eu! — rompeu Luiza. — São tres horas da tarde e ainda o quarto n'este estado!

Tinha atirado o chapéo, a sombrinha.

— Como a senhora costuma vir sempre mais tarde... — disse Juliana.

E seus beiços faziam-se brancos.

— Que lhe importa a que horas eu venho? Que tem vossê com isso? A sua obrigação é arrumar logo que eu me levante. E não querendo, rua, fazem-se-lhe as contas!

Juliana fez-se escarlate, os olhos injectaram-se-lhe, e fitando-a:

— Olhe, sabe que mais? não estou para a aturar!

E arremessou violentamente a vassoura.

— Sáia! — berrou Luiza — Sáia immediatamente! Nem mais um momento em casa!

Juliana poz-se diante d'ella, e com palmadas convulsivas no peito, a voz rouca:

— Sahir! Hei-de sahir se eu quizer!

— Joanna! — bradou Luiza.

Queria chamar a cozinheira, um homem, um policia, alguem! Mas Juliana descomposta, com o punho no ar, toda a tremer:

— A senhora não me faça sahir de mim! A senhora não me faça perder a cabeça! — E com a face rubra, a voz estrangulada através dos dentes cerrados: — Olhe que nem todos os papeis foram p'ra o lixo!

Luiza recuou, gritou:

— Que diz vossê?

— Que as cartas que a senhora escreve aos seus amantes, tenho-as eu aqui! — E bateu na algibeira phreneticamente.

Luiza fitou-a um momento com os olhos desvairados, deu dous passos tremulos, agitou os braços no ar, e cahiu no chão, as costas contra a *causeuse*, immovel, inanimada.

VIII

A primeira impressão mal acordada de Luiza foi que duas figuras, que não conhecia, estavam debruçadas sobre ella. Uma, a mais forte, afastou-se, e o som frio d'um frasco de vidro, pousado sobre o marmore do toucador, despertou-a. Sentiu então uma voz dizer abafadamente:

— Está muito melhor. Mas deu-lhe de repente, snr.ª Juliana?

— De repente.

— Eu vi-a entrar tão afogueada...

Passos subtis pisaram o tapete, e a voz de Joanna perguntou-lhe junto do rosto:

— Está melhor, minha senhora?

Abriu os olhos, e a percepção nitida das cousas

foi-lhe voltando; estava estendida na *causeuse*, tinham-lhe desapertado o vestido, um chale embrulhava-lhe os pés, e havia no quarto um forte cheiro de vinagre. Ergueu-se sobre o cotovêlo, devagar, com um olhar errante e vago:

— E a outra?...

— A snr.ª Juliana? Foi-se deitar. Tambem se não achava bem. Foi de vêr a senhora, coitada... Está melhorzinha?

Sentou-se. Sentia uma fadiga em todo o corpo, e tudo no quarto lhe parecia oscillar brandamente:

— Póde ir, Joanna, póde ir — disse.

— A senhora não precisa mais nada? Talvez um caldinho lhe fizesse bem...

Luiza, só, pôz-se a olhar em roda, espantada. Estava já tudo arrumado, as janellas cerradas. Uma luva ficára cahida no chão: ergueu-se, ainda tropega, foi apanhal-a, esteve a esticar-lhe os dedos machinalmente, como somnambula, pôl-a na gaveta do toucador. Alisou o cabello: achava-se mudada, com *outra* expressão como se fosse *outra;* e o silencio do quarto impressionava-a, como extraordinario e triste.

— Minha senhora — disse a voz timida de Joanna.

— Que é?

— É o cocheiro.

Luiza voltou-se, sem comprehender:

— Que cocheiro?

— Um cocheiro; diz que a senhora que não tinha troco, que o mandou esperar...

— Ah!

E como a uma luz de gaz que salta subitamente e alumia uma decoração, viu, n'um relance, toda a «sua desgraça»!

Ficou tão tremula que mal podia abrir a gavetinha da commoda:

— Tinha-me esquecido, tinha-me esquecido — balbuciava.

Deu o dinheiro a Joanna, e vindo cahir, afflicta, sobre a *causeuse*:

— Estou perdida! — murmurou.

Tudo descoberto! E representaram-se-lhe logo no espirito, com a intensidade de desenhos negros sobre um muro branco, o odio de Jorge, o espanto dos seus amigos, a indignação d'uns, o escarneo dos outros; e aquellas imagens cahindo com ruido na sua alma, como combustiveis n'uma fogueira, ateavam-lhe o terror.

Que lhe restava? — Fugir com Bazilio!

Aquella idéa, a primeira, a unica, apossou-se d'ella impetuosamente, trespassou-a — como a agua d'uma inundação que subitamente alaga um campo.

Elle tinha-lhe tantas vezes jurado que seriam tão felizes em Paris, no seu *appartamento* da rua Saint Florentin! Pois bem, iria! Não levaria malas, poria no seu pequeno sacco de marroquim alguma roupa branca, as joias da mamã... E os criados? a casa? Deixaria uma carta a Sebastião para que viesse, os despedisse, fechasse tudo!... Levaria na viagem o vestido de riscadinho azul — ou o preto! Mais nada. O resto compral-o-hia longe, n'outras cidades...

*

— Se a senhora quer vir jantar... — disse Joanna á porta do quarto.

Estava d'avental branco, e acrescentou:

— A snr.ª Juliana está deitada, diz que está com a dôr, não póde servir á mesa.

— Já vou.

Mal pôde tomar uma colhér de sopa; e bebendo um grande gole d'agua:

— Mas que tem ella?

— Diz que é a dôr, a dôr no coração.

Se morresse! Estava salva, ella! Podia ficar, então! E com uma esperança perversa:

— Vá vêr, Joanna, vá vêr como está!

Tinha ouvido de tantas pessoas que morrem de uma dôr! Iria logo ao quarto d'ella, rebuscar-lhe a arca, apossar-se da carta! E não teria medo do silencio da morte, nem da lividez do cadaver.

— Está mais descançada, minha senhora — veio dizer a Joanna — diz que logo que se levanta. — Então a senhora não come mais nada?

— Não.

E entrou para o quarto, pensando: De que serve estar a imaginar outras cousas? Só me resta fugir.

Decidiu-se logo a escrever a Sebastião; mas não pôde acertar com outras palavras além do começo, no alto, n'uma letra muito trémula: *Meu amigo!*

Para que havia de escrever? Quando ao outro dia ella não voltasse, nem á tarde, nem á noite — as criadas, a *outra*, a infame! iriam logo a Sebastião. Era o intimo da casa. Que espanto o d'elle! Imagi-

naria algum accidente, correria á policia e á Encarnação, esperaria n'uma angustia até de madrugada! E todo o dia seguinte seriam outras esperanças de a vêr chegar, decepções aterradas, — até que telegrapharia a Jorge! E a essa hora de certo, ella, encolhida no canto do wagon, rolaria, ao ruido offegante da machina, para um destino novo! Mas porque se affligia, por fim? Quantas invejariam a sua desgraça! O que havia de infeliz em abandonar a sua vida estreita entre quatro paredes, passada a examinar roes de cozinha e a fazer *crochet*, e partir com um homem novo e amado, ir para Paris! para Paris! viver nas consolações do luxo, em alcovas de sêda, com um camarote na Opera!... Era bem tola em se affligir! Quasi fôra uma felicidade aquelle «desastre»! Sem elle nunca teria tido a coragem de se desembaraçar da sua vida burgueza; mesmo quando um alto desejo a impellisse, haveria sempre uma timidez maior para a reter!

E depois, fugindo, o seu amor tornava-se digno! Seria só d'um homem; não teria de amar em casa e amar fóra de casa!

Veio-lhe mesmo a idéa de ir ter immediatamente com Bazilio, «acabar com aquillo por uma vez». Mas era tarde para ir ao hotel, e temia as ruas escuras, a noite, e os bebados...

Foi logo arranjar o sacco de marroquim. Metteu lenços, alguma roupa branca, o estojo das unhas, o rosario que lhe dera Bazilio, pós d'arroz, algumas joias que tinham pertencido á mamã... Quiz levar

cartas de Bazilio tambem... Tinha-as guardadas n'um cofre de sandalo, no gavetão do guarda-vestidos: abriu uma, d'onde cahiu uma florzinha sêcca; outra que tinha, na dobra, a photographia de Bazilio. E pareceu-lhe que não estavam completas! Tinha *sete: cinco* bilhetes curtos e *duas* cartas — a primeira que elle lhe escrevêra, tão terna! e a ultima no dia do arrufo! Contou-as... Faltava, com effeito, a *primeira,* e *dous* bilhetes! Tinha-lh'as roubado, tambem!... Ah que infame! e veio-lhe uma raiva de subir ao sotão, luctar com ella, arrancar-lh'as, esganal-a!... Que lhe importava, por fim! Que ella tivesse uma, duas, todas — era a mesma desgraça!

E muito excitada foi preparar o vestido preto que devia levar, o chapéo, um chale-manta...

O *cuco* cantou as dez horas. Entrou então na alcova, pôz o castiçal sobre a mesinha, ficou a olhar o largo leito com o seu cortinado de fustão branco. Era a ultima vez que alli dormia! Fôra ella que bordára aquella coberta de *crochet* no primeiro anno de casada: não havia uma malha que não correspondesse a uma alegria. Jorge ás vezes vinha vêl-a trabalhar, e, calado, considerava-a com um sorriso, ou fallava-lhe baixo enrolando devagar nos dedos o fio de algodão grosso! Alli dormira com elle tres annos: o seu lugar era de lá, do lado da parede... Fôra n'aquella cama que ella estivera doente, com a pneumonia. Durante semanas elle não se deitára — a velal-a, a conchegar-lhe a roupa, a dar-lhe os caldos, os remedios, com toda a sorte de palavras dô-

ces que lhe faziam tão bem!... Fallava-lhe como a criancinha pequena: dizia-lhe: «isso vai passar, ámanhã estás boa, vamos passear.» Mas o seu olhar ancioso estava marejado de lagrimas! Ou então pedia-lhe: «Melhora, sim? Faze-me a vontade, minha querida, melhora!...» E ella queria tanto melhorar, que sentia como uma ligeira onda de vida que voltava, que lhe refrescava o sangue!

Nos primeiros dias da convalescença era elle que a vestia; ajoelhava-se para lhe calçar os sapatos, embrulhava-a no roupão, vinha estendel-a na *causeuse*, e sentava-se ao pé d'ella a lêr-lhe romances, desenhar-lhe paisagens, recortar-lhe soldados de papel. E dependia toda d'elle, coitadinha d'ella, não tinha mais ninguem no mundo para a tratar, para soffrer, chorar por ella — senão elle! Adormecia sempre com as mãos nas suas, porque a doença deixára-lhe um vago medo dos pesadêlos da febre; e o pobre Jorge, para a não acordar, alli ficava com a mão presa, horas, sem se mexer. Deitava-se vestido n'um colxãosito ao pé d'ella. Muitas vezes, acordando de noite, o tinha visto a limpar as lagrimas; d'alegria, de certo, porque ella agora estava salva! O medico, o bom dr. Caminha, tinha-o dito: «Está livre de perigo, agora é refazer esse corpinho.» E Jorge, o pobre Jorge, coitado, sem dizer nada, tinha tomado as mãos do velho, — tinha-as coberto de beijos!

E agora, quando elle soubesse, quando elle voltase! Quando ao entrar alli na alcova — visse os

dous travesseirinhos, ainda! Ella iria longe, com outro, por caminhos estranhos, ouvindo outra lingua. Que horror! E elle alli estaria, n'aquella casa só, chorando abraçado a Sebastião. Quantas memorias d'ella para o torturar! Os seus vestidos, as suas chinellinhas, os seus pentes, toda a casa! Que vida triste a d'elle! Dormiria alli *só!* Já não teria ninguem para o acordar de manhã com um beijinho, passar-lhe o braço pelo pescoço, dizer-lhe: *é tarde, Jorge!* Tudo acabára para ambos. Nunca mais! — Rompeu a chorar, de bruços sobre a cama...

Mas a voz de Juliana fallou alto no corredor com Joanna. Ergueu-se aterrada. Viria ter com ella, aquella infame? Os passos achinellados afastaram-se devâgar no corredor, e Joanna entrou com o rol e com a lamparina.

— A snr.ª Juliana — disse — levantou-se um momento, mas diz que ainda está mal, coitada. Foi-se deitar. A senhora não precisa mais nada?

— Não — disse da alcova.

Despiu-se, — e prostrada adormeceu profundamente.

Juliana em cima não dormia. A dôr passára-lhe — e agitava-se sobre o enxergão, «com o diabo da espertina»! como tantas outras noites, nas ultimas semanas. Porque desde que apanhára a carta no *sarcophago* vivia n'uma febre; mas a alegria era

tão aguda, a esperança tão larga que a sustentavam, davam saude! Deus emfim tinha-se lembrado d'ella — considerava a todo o momento, com um sorriso! Desde que Bazilio começára a vir a casa, « tivera logo um palpite, uma cousa que lhe dizia que tinha chegado emfim a sua vez! » A primeira satisfação fôra n'aquella noite em que achára, depois de Bazilio sahir ás 10 horas, a travéssinha de Luiza cahida ao pé do sophá. Mas que explosão de felicidade, quando, depois de tanta espionagem, de tanta canceira, apanhou emfim a carta no *sarcophago!* Correu ao sotão, leu-a avidamente, e quando viu a importancia da « cousa » arrasaram-se-lhe os olhos de lagrimas, arremessou a sua alma perversa para as alturas, bradando em si, n'um triumpho:

— Bemdito seja Deus! Bemdito seja Deus!

E que havia de fazer *áquillo?* — foi então a sua inquietação. Ora pensava em a vender a Luiza por uma forte somma... mas onde tinha ella o dinheiro? Não; o melhor era esperar a volta de Jorge, e com ameaças de a publicar, extorquir-lhe *um rôr* de libras por meio d'outra pessoa, já se vê, e ella á capa! E em certos dias em que a figura, as *toilettes,* as passeatas de Luiza a irritavam mais, vinham-lhe venetas de sahir p'ra a rua, chamar os visinhos, lêr o papel, pôl-a mais rasa que a lama, vingar-se da « cabra »!

Foi a tia Victoria que a calmou e a dirigiu. Disse-lhe logo « que para a armadilha ser completa era necessario uma carta do janota. » Começára então o lento trabalho de lh'a apanhar! Fôra preciso muita

finura, muita chave experimentada, duas feitas por moldes de cêra, paciencia de gato, habilidades de ratoneiro! Mas pilhou-a, e que carta! Tinha-a lido com a tia Victoria — que rira, rira!... Sobre tudo o bilhete em que Bazilio lhe dizia: «Hoje não posso ir, mas espero-te ámanhã ás duas; mando-te essa rosinha, e peço-te que faças o que fizeste á outra, trazel-a no seio, porque é tão bom quando vens assim, sentir-te o peitinho perfumado!...» A tia Victoria, suffocada, quil-a mostrar á sua velha amiga, a Pêdra, a Pêdra gorda, que estava na saleta.

A Pêdra torceu-se! os seus enormes seios, pendentes como odres mal cheios, tinham sacudidellas furiosas de hilaridade. E com as mãos nas ilhargas, rubra, roncando com o seu vozeirão de trombone:

— Essa é das boas, tia Victoria! Essa é de mestre. Não, isso merece ir para os papeis! Ai os bebados! Raios do diabo!

A tia Victoria, então, disse muito seriamente a Juliana:

— Bem; agora tens a faca e o queijo! Com isso já pódes fallar d'alto. É esperar a occasião. E muito bons modos, cara prazenteira, sorrisos a fartar, para ella não desconfiar, e o olho álerta. Tens o rato seguro, deixa-o dar ao rabo!

E desde esse dia Juliana saboreava com delicias, com gula, muito comsigo — aquelle gozo de a ter «na mão», a Luizinha, a senhora, a patroa, a *piorrinha!* Via-a aperaltar-se, ir ao homem, cantarolar, comer bem — e pensava com uma voluptuosidade

felina: Anda, folga, folga, que eu cá t'a tenho armada! Aquillo dava-lhe um orgulho perverso. Sentia-se vagamente *senhora da casa*. Tinha alli fechada na mão a felicidade, o bom nome, a honra, a paz dos patrões! Que desforra!

E o futuro estava certo! *Aquillo* era dinheiro, o pão da velhice. Ah! tinha-lhe chegado o seu dia! E todos os dias rezava uma *Salvè-rainha* de graças a Nossa Senhora, mãi dos homens!

Mas agora, depois d'aquella *scena* com Luiza — não podia ficar de braços cruzados, com as cartas na algibeira. Devia sahir de casa, pôr-se em campo, fazer *alguma cousa*. O que? A tia Victoria é que havia de dizer...

E logo pela manhã ás 7 horas, sem tomar o seu café, sem fallar a Joanna, desceu devagar, sahiu.

A tia Victoria não estava em casa. Gente na saleta esperava. O snr. Gouvêa, com a borla do barretinho muito arrebitada, escrevinhava, dobrado, cuspilhando o seu catarrho. Juliana deu os *bons dias* em redor, e sentou-se a um canto, direita, com a sua sombrinha nos joelhos.

Conversava-se: — e uma mulher de trinta annos, picada das bexigas, que estava sentada no canapé, depois de ter dado um sorriso a Juliana, continuou, voltada para uma gordita com beiços de preta e um chale de quadrados vermelhos:

— Pois não imagina, snr.ª Anna, não faz idéa! É uma desgraça! É todas as noites como um carro. Ás vezes até acordo com o barulho que elle faz a

fallar só, a tropeçar na escada... Eu, do que tenho mais medo, é que o demonio adormeça com a luz e haja um fogo. Ah! é de todo!

— Quem? — perguntou um rapazola bonito, com ar de trintanario, que fallava de pé com um homem alto, de suiças e gravata branca enxovalhada.

— O Cunha, o filho do meu patrão. É uma desgraça.

— Piteireiro, hein? — disse o rapazola, enrolando o cigarro.

— Um horror! Eu pela manhã nem posso entrar no quarto, que é um cheiro... A mãi, coitadinha, chora, rala-se; o rapaz já esteve para ser posto fóra do emprego. Ai! não estou nada contente, nada contente!

— Pois olhe que por lá tambem ha desgosto grande — disse, baixando a voz, a dos beiços de preta.

Os dous homens aproximaram-se.

— O senhor — continuou ella com gestos aterrados — é um desafôro com a cunhada!... A senhora sabe, e aquillo são questões de dia e de noite! As duas irmãs andam n'uma bulha pegada. O homem toma as dôres da rapariga, a mulher põe-se aos gritos... Ai! aquillo vem a acabar mal!

— E então se a gente tem lá o seu descuido — disse o da gravata branca com indignação — é aqui d'el-rei, e d'aqui e d'alli!

— Lá a sua gente é socegada, snr. João — observou a picada das bexigas.

— Aquillo é boa gente. As raparigas namoradei-

ras... Proveito das criadas, apanham o seu vestidito, a sua placa... Mas os velhotes é uma santa gente, a verdade é a verdade! E come-se bem!

E voltando-se para o trintanario, bamboleando a cabeça e batendo-lhe no hombro, com uma voz que o admirava e que o invejava:

— Mas isto sim! Isto é que é leval-a!

O rapazola sorriu com satisfação:

— Ora! são mais as vozes que as nozes!

— Vá lá, mostra lá — disse o da gravata branca tocando-lhe com o cotovêlo — mostra lá!

O rapaz fez-se rogado, — e com um gingar da cintura, arregaçando a blusa, tirou do bolso do collete de riscadinho um relogio d'ouro.

— Muito bonito! Rica prenda! — disseram as duas mulheres com respeito.

— Suor do meu rosto — fez elle, acariciando o queixo.

O da gravata branca indignou-se.

— Ora seu marôto! — E baixo para as raparigas: — Suor do seu rosto, hein! É o seraphim da patrôa, uma senhora da alta que aquillo são tudo sêdas, muitissimo boa mulher, um bocado entradota, mas muitissimo boa mulher, recebe d'estas lembranças, um relogio d'um par de moedas — e ainda falla!

O rapazola disse então, enterrando as mãos na algibeira:

— E se quizer agora, ha-de largar a corrente!

— Ha-de-lhe custar muito! — exclamou o da gravata branca. — Uma gente que tem ahi pela baixa

correntezas de casas! Metade da rua dos Retrozeiros é d'ella!

— Mas muito agarrada! — disse o rapazola. E bamboleando o corpo, com o cigarro ao canto da bocca: — Estou com ella ha dous mezes, e ainda se não desabotoou senão com o relogio e tres libras em ouro!... Que eu, como quem diz, um dia passo-lhe o pé! — E cofiando o cabello para a testa: — Não faltam mulheres! e das que tem *Dom!*

Mas a tia Victoria entrou, muito azafamada, com o chale no braço; e vendo Juliana:

— Olá! por cá! Tive que dar umas voltas, estou na rua desde as seis. Bons dias, snr.ª Theodosia; bons dias, Anna. Viva, temos por cá o alfenim! Entra cá p'ra dentro, Juliana! Eu já venho, meus pombinhos, é um instante!

Levou-a para o outro quarto, para o lado do saguão:

— E então, que ha de novo?

Juliana pôz-se a contar longamente a *scena* da vespera, o desmaio...

— Pois minha rica — disse a tia Victoria — o que está feito, está feito; não ha tempo a perder; é mãos á obra! Tu vaes ao Brito, ao hotel, e entendes-te com elle.

Juliana recusou-se logo; não se atrevia, tinha medo...

A tia Victoria reflectiu, coçando o ouvido; foi dentro, cochichou com o tio Gouvêa, e voltando, fechando a porta do quarto:

— Arranja-se quem vá. Tens tu as cartas?

Juliana tirou da algibeira uma velha carteirinha de marroquim escarlate. Mas hesitou um momento, olhou a tia Victoria.

— Tens medo de largar os papeis, creatura? — exclamou offendida a velha. — Arranja-te tu, então arranja-te tu...

Juliana deu-lh'as logo. Mas que as guardasse, que tivesse cautela...

— A pessoa — explicou a tia Victoria — vai ámanhã á noite fallar com o Brito, e pede-lhe um conto de reis.

Juliana teve um deslumbramento. Um conto de reis! A tia Victoria estava a brincar!

— Ora essa! Que pensas tu? Por uma carta, que quasi não tinha mal nenhum, pagou uma pessoa que bate ahi o Chiado de carruagem — ainda hontem a vi com uma pequerrucha que tem — pagou trezentos mil reis. E em bellas notas. Pagou-os o janota, já se sabe, foi o janota que pagou. Se fosse outro não digo, mas o Brito! É rico, é um man-rôtas, cahe logo...

Juliana, muito branca, agarrou-lhe o braço, tremula:

— Oh tia Victoria, dava-lhe um córte de sêda.

— Azul! até já te digo a côr!

— Mas o Brito é homem muito teso, tia Victoria, se lhe tira as cartas, se lhe faz alguma!

A tia Victoria fitou-a, com desdem:

— Sahes-me uma simploria! Imaginas que eu

mando lá algum tolo? Nem as cartas vão, o que vai é uma copia! Olha quem! O melro que lá ha-de ir!

E depois de reflectir um momento:

— Tu vai-te para casa...

— Não, lá isso não volto...

— Tambem tens razão. Até vêr em que param as modas, vem cá dormir, Jantas cá hoje; tenho uma rica pescada...

— Mas não haverá perigo, tia Victoria, se o Brito vai á policia...

A tia Victoria encolheu os hombros, e impacientada:

— Olha, vai-te, que me estás a emphrenesiar! Policia! Qual policia! Essas cousas levam-se lá á policia... Deixa a cousa commigo! Adeus — e ás quatro para jantar, hein!

Juliana sahiu como levada pelo ar! Um conto de reis! *Era o conto de reis* que voltava, o que já um dia entrevira, que lhe fugira, que lhe vinha agora cahir na mão, com um tlin-tlin de libras e um frou-frou de notas! E o cerebro enchia-se-lhe confusamente de perspectivas differentes, todas maravilhosas: um mostrador de capellista onde ella venderia! um marido ao seu lado, ás horas da cêa! pares de botinas das boas, das *chics*. Onde poria o dinheiro? No Banco? Não; no fundo da arca — para estar mais seguro, mais á mão!

E para passar a sua manhã, comprou uma quarta de rebuçados, e foi-se sentar no Passeio, a sombrinha aberta, deliciando-se, ruminando já a sua vida

rica, julgando-se já senhora; e mesmo fez olho a um proprietario pacifico, rubicundo, de calças brancas — que se afastou escandalisado!

Áquella hora Luiza acordava. E sentando-se bruscamente na cama: — É hoje! — foi o seu primeiro pensamento. E um susto, uma tristeza contrahiram-lhe o coração. Começou a vestir-se muito nervosa com a idéa que tinha de vêr Juliana! E estava-se mesmo lembrando de se fechar, não almoçar, sahir pé ante pé ás onze horas, ir procurar Bazilio ao hotel, quando a voz de Joanna disse á porta do quarto:

— A senhora faz favor?

E começou logo a contar, muito espantada, que a snr.ª Juliana tinha sahido de manhã, ainda não voltára, e estava tudo por arrumar.

— Bem, arranje-me o almoço, eu já vou... — Que allivio para ella!

Calculou logo que Juliana deixára a casa. Para que? «Para lhe armar alguma, de certo». O melhor era sahir immediatamente... Podia esperar Bazilio no *Paraiso*.

Foi á sala de jantar, bebeu um gole de chá, de pé, á pressa.

— A snr.ª Juliana ter-lhe-ha dado alguma cousa? — veio dizer Joanna, assombrada.

Luiza encolheu os hombros, respondeu vagamente:

— Depois se saberá...

Era hora e meia, foi pôr o chapéo. O coração

batia-lhe alto; e apesar do terror de vêr entrar Juliana, não se decidia a sahir: sentou-se mesmo, com o sacco de marroquim nos joelhos, toda perturbada, muito infeliz. Vamos! pensou. — Ergueu-se, mas parecia que alguma cousa de subtil e de forte a prendia e enleava... Entrou na alcova devagar: o seu roupão estava cahido aos pés da cama, as suas chinellinhas sobre o tapete felpudo... — Que desgraça! disse alto. Veio ao toucador, mexeu nos pentes, abriu as gavetas, e de repente entrou na sala, foi ao album, tirou a photographia de Jorge, metteu-a toda tremula no sacco de marroquim, olhou ainda em roda como desvairada, sahiu, atirou com a porta, desceu a escada correndo.

Á Patriarchal passava um *coupé* de praça. Tomou-o, mandou-o ir ao *Hotel Central*.

O snr. Brito sahira logo de manhã cedo, disse o porteiro muito azafamado. De certo algum paquete chegára, porque entravam bagagens, fortes malas cobertas d'oleado, caixas de madeira debruadas de ferro; passageiros com ar espantado da chegada, ainda entontecidos do balouço do mar, fallavam, chamavam um criado que descia, atarantado, com o guarda-napo no braço; e no pateo um inglez enorme, côr de pimentão, de lunetas azues e suiças brancas, berrava, no meio de muitos saccos de couro, rolos de bengalas, mantas escocezas acorreadas e um estojo d'espingarda. Aquelle movimento animou-a: veio-lhe um desejo de viagens, do ruido nocturno das *gares* á claridade do gaz, da agitação alegre das partidas

nas manhãs frescas, sobre o tombadilho dos paquetes!

Deu ao cocheiro a adresse do *Paraiso*. E á maneira que o trem trotava parecia-lhe que toda a sua vida passada, Juliana, a casa, se esbatiam, se dissipavam n'um horisonte abandonado. Mas á porta d'um livreiro julgou entrevêr Julião; debruçou-se logo pela portinhola, muito precipitadamente; não o avistou, teve pena: ia-se sem vêr um amigo da casa! E todos agora, Julião, Ernestinho, o conselheiro, D. Felicidade lhe pareciam adoraveis, com qualidades nobres, altas, que nunca percebera, que repentinamente tomavam um grande encanto. E o pobre Sebastião, tão bom! Nunca mais lhe ouviria tocar a sua *Malaguenha!* Ao fim da rua do Ouro o *coupé* parou n'um embaraço de carroças, e Luiza viu no passeio mesmo ao pé o Castro, o Castro dos oculos, o banqueiro, o que Leopoldina lhe dizia que «tinha uma paixão por ella»: apenas a avistou, os seus olhos arregalaram-se: um rapazito rôto offerecia-lhe cautelas, a fortuna pelas alminhas; e o Castro avermelhado, nutrido, com os dous pollegares nas algibeiras do collete branco, dizia graças ao rapaz, com um desdem ricaço, dardejando olhadellas sobre Luiza, através dos seus oculos d'ouro. Ella, pelo canto do olho observava-o: «tinha uma paixão por ella, aquelle homem, que horror!» E achava-o medonho, com o seu ventre pançudo e a perninha curta. A lembrança de Bazilio atravessou-a, a sua linda figura — e bateu nos vidros impaciente.

*

O trem partiu emfim. O Rocio reluzia ao sol, com a irradiação dura das suas pedrinhas brancas: do Americano, parado á esquina, gente descia apressada, de chapéos de palha, calças brancas, ou vestidos leves, vinda de Belem, de Pedrouços, das praias; pregões cantavam. — Toda aquella gente alli ficava, nas suas familias, nas suas felicidades, só ella partia!

Mas, na rua Occidental, viu vir a D. Camilla — uma senhora casada com um velho e illustre pelos seus amantes. Parecia gravida, e adiantava-se devagar, com a face branca satisfeita, uma lassitude do corpo arredondado, passeando um marmanjosinho de jaqueta côr de pinhão, uma pequerrucha de sainhas tufadas, e adiante uma ama, vestida de lavradeira, empurrava um carrinho de mão, onde um bébé se babava. E a Camilla, feliz, vinha tranquillamente pela rua expondo as suas fecundidades adulteras! E era muito festejada, ninguem dizia mal d'ella; era rica, dava *soirées*... — O que é o mundo! — pensava Luiza. Tinha pressa de deixar Lisboa, os seus escandalosinhos, ir para outra cidade, onde as idéas tivessem como as ruas — uma amplidão mais nobre!

O trem parou á porta do *Paraiso*, era meio dia. Mas a portinha em cima estava fechada: e a patrôa appareceu logo, ciciando que «sentia muitissimo, mas só o senhor é que tinha a chavesinha, se a senhora quizesse descançar...» N'este momento outra carruagem chegou, e Bazilio appareceu apressado.

— Até que emfim! — exclamou abrindo a porta. — Porque não vieste hontem?...

— Ah! se tu soubesses...

E apenas entraram, agarrando-lhe os braços, cravando os olhos n'elle:

— Bazilio, sabes, estou perdida!

— Então?

Luiza atirára o sacco de marroquim para o canapé, e logo, d'um folego, contou-lhe a historia da carta apanhada nos papeis, as d'elle roubadas, a *scena* no quarto... — O que me resta é fugir. Aqui estou. Leva-me. Tu disseste que podias, tens-l'o dito muitas vezes. Estou prompta. Trouxe aquelle sacco, com o necessario, lenços, luvas... hein?

Bazilio com as mãos nos bolsos, fazendo tilintar o dinheiro e as chaves, seguia attonito os seus gestos, as suas palavras.

— Isso só a ti! — exclamou de repente. — Que douda! Que mulher! — E logo muito excitado: — Mas isso é lá questão de fugir? Que estás tu a fallar em fugir? Isso é uma questão de dinheiro. O que ella quer é dinheiro. É vêr quanto quer, e pagar-se-lhe!

— Não, não! — fez Luiza — Não posso ficar aqui! — Tinha uma afflicção na voz. A mulher venderia a carta, mas ficava com o segredo: a todo o tempo podia fallar, Jorge saber: estava perdida, não tinha coragem de voltar para casa! — Não sinto um momento de descanço, em quanto estiver em Lisboa. Partimos hoje, sim? Se não pódes, ámanhã. Eu vou

para algum hotel, aonde ninguem saiba, escondo-me esta noite. Mas, ámanhã vamos. Se elle sabe, mata-me, Bazilio! Sim, dize que sim! — Agarrára-se a elle, procurava avidamente com os seus olhos o consentimento dos d'elle.

Bazilio desprendeu-se brandamente:

— Estás douda, Luiza, tu não estás em ti! Póde lá pensar-se em fugir? Era um escandalo atroz, seriamos apanhados de certo, com a policia, com os telegraphos, é impossivel! Fugir é bom nos romances! E depois, minha filha, não é um caso para isso! É uma simples questão de dinheiro...

Luiza fazia-se branca, ouvindo-o.

— E além d'isso — continuou Bazilio, passeando pelo quarto — eu não estou preparado, nem tu! Não se foge assim. Ficas desacreditada para toda a vida, sem remedio, Luiza. Uma mulher que foge, deixa de ser a snr.ª D. Fulana, é a fulana, a que fugiu, a desavergonhada, uma concubina! Eu tenho de certo de ir ao Brazil, onde has-de tu ficar? Queres ir tambem, um mez n'um beliche, arriscar-te á febre amarella? E se teu marido nos persegue, se formos detidos na fronteira? Achas bonito voltar entre dous policias, e ir passar um anno ao Limoeiro! O teu caso é simplicissimo. Entendes-te com essa creatura, dá-se-lhe um par de libras, que é o que ella quer, e ficas em tua casa, socegada, respeitada como d'antes — sómente mais acautelada! Aqui está!

Aquellas palavras cahiam sobre os planos de Luiza, como machadadas que derrubam arvores. Ás

vezes a verdade que ellas continham atravessava-a irresistivelmente, viva como um relampago, desagradavel como um gume frio. Mas via n'aquella recusa uma ingratidão, um abandono: depois de se ter installado, pela imaginação, n'uma segurança feliz, longe, em Paris — parecia-lhe intoleravel ter de voltar para casa, de cabeça baixa, soffrer Juliana, esperar a morte; e os contentamentos que entrevira n'aquelle outro destino, agora que lhe fugiam d'entre as mãos — pareciam-lhe maravilhosos, quasi indispensaveis! E depois de que servia resgatar a carta a dinheiro? — pensava. A creatura saberia o seu segredo! E a vida seria amarga, tendo sempre em volta de si aquelle perigo a rondar!

Ficára calada, como perdida n'uma reflexão sem fim; e de repente erguendo a cabeça, com um olhar brilhante:

— Então... não queres?

— Mas estou-te a dizer, filha...

— Não queres?

— Não! — exclamou Bazilio com força. — Se tu estás douda, não estou eu!

— Oh! pobre de mim, pobre de mim!

E deixou-se cahir no sophá, tapou o rosto com as mãos; soluços baixos sacudiam-lhe o peito.

Bazilio sentou-se ao pé d'ella. Aquellas lagrimas mortificavam-n'o, impacientavam-n'o.

— Mas, santo nome de Deus, escuta-me!

Ella voltou para elle o rosto vermelho, os olhos que reluziam sob o pranto:

— Para que dizias então, tantas vezes, que seriamos tão felizes, que se eu quizesse...

Bazilio ergueu-se bruscamente:

— Pois tu pensaste em fugir, em te metter commigo n'um wagon, vir para Paris, viver commigo, ser a minha amante?

Ella pôz-se de pé, tambem direita, com os olhos seccos:

— Sahi de casa p'ra sempre, ahi está o que eu fiz!

— Mas vaes voltar p'ra casa! — exclamou elle, quasi com colera. — Por que havias de tu fugir? por amor? então deviamos ter partido ha um mez, não ha razão agora para nos irmos. Para que, então? Para evitar um escandalo? com um escandalo maior, não é verdade? um escandalo irreparavel, medonho! Estou-te a fallar como um amigo, Luiza. — Tomou-lhe as mãos com muita ternura: — Tu imaginas que eu não seria feliz em ir viver comtigo para Paris? Mas vejo os resultados, tenho outra experiencia. O escandalo todo evita-se com umas poucas de libras. Tu imaginas que a mulher vai-se pôr a fallar? O seu interesse é safar-se, desapparecer: sabe perfeitamente o que fez, que te roubou, que usou de chaves falsas. A questão é pagar-lhe.

Ella disse, com uma voz lenta:

— E o dinheiro onde o tenho eu?

— Está claro que o dinheiro tenho-o eu! — E depois de uma pausa: — Não muito, estou mesmo um pouco atrapalhado, mas emfim — hesitou, disse:

— se a creatura quizer ahi duzentos mil reis, que diabo, dão-se-lhe!

— E se ella não quizer?

— Que ha-de ella querer, então? Se roubou a carta é para a vender. Não é de certo para guardar um autographo teu!

Vinham-lhe palavras duras: passeava pelo quarto exasperado. Que pretensão querer vir com elle para Paris, embaraçar-lhe para sempre a sua vida! E que despeza tão tola, dar um 'rôr de libras a uma ladra! E depois aquelle incidente, a carta de namoro roubada nos papeis sujos, a criada, a chave falsa do gavetão dos vestidos — parecia-lhe soberanamente burguez, um pouco pulha mesmo. E parando, para acabar:

— Emfim offerece-lhe trezentos mil reis, se quizeres. E acrescentou com voz secca: — mas pelo amor de Deus, não faças outra; não estou para pagar as tuas distracções a trezentos mil reis cada uma!

Luiza ficou como se elle a tivesse esbofeteado. As mãos tremiam-lhe: fitou-o, com um olhar faiscante:

— Se é uma questão de dinheiro, eu o pagarei!

Não sabia como. Que lhe importava? Pediria, trabalharia, empenharia... Não o aceitaria d'elle!

Bazilio encolheu os hombros:

— Estás-te a dar ares, onde o tens tu?

— Que te importa? — exclamou, com orgulho.

Bazilio coçou a cabeça, desesperado. E tomando-lhe as mãos, com uma voz reprimida:

— Estamos a dizer tolices, filha, estamos a irritar-nos... Tu não tens dinheiro.

Ella interrompeu-o, agarrou-lhe violentamente o braço:

— Pois sim, mas falla tu a essa mulher, falla-lhe tu, arranja tudo. Eu não a quero tornar a vêr. Se a vejo, morro, acredita. Falla-lhe tu!

Bazilio recuou vivamente, e batendo com o pé:

— De modo nenhum! Nem penses em tal! Se eu lhe fallo, então pede tudo, então pede-me a pelle. Isso é comtigo. Eu dou-te o dinheiro, tu arranja-te!

— O que! nem isso me fazes?

Bazilio não se conteve:

— Não! c'os diabos, não!

— Adeus!

— Tu estás fóra de ti, Luiza!

— Não. A culpa é minha — dizia, descendo o véo com as mãos tremulas — eu é que devo arranjar tudo.

E abriu a porta. Bazilio correu a ella, prendeu-a por um braço.

— Luiza, Luiza! o que queres tu fazer? não podemos romper assim! Escuta...

— Fujamos então, salva-me de todo! — gritou ella, agarrando-o anciosamente.

— Caramba! Se te estou a dizer que não é possivel!

Ella atirou com a porta, desceu as escadas correndo. O coupé esperava-a. O cocheiro saltou para a almofada.

— Para o Rocio — disse.

E deitando-se para o canto da carruagem, rompeu a chorar, convulsivamente.

Bazilio sahiu do *Paraiso* muito agitado. As pretensões de Luiza, os seus terrores burguezes, a trivialidade *reles* do caso, irritavam-no tanto, que tinha quasi vontade de não voltar ao *Paraiso,* calar-se e *deixar correr o marfim!* Mas tinha pena d'ella, coitada! E depois sem a amar appetecia-a: era tão fresca, tão bem feita, tão amorosa, e as revelações do vicio davam-lhe um delirio tão adoravel! Era um conchegosinho tão picante em quanto estivesse em Lisboa... Maldita complicação! Ao entrar no hotel, disse ao seu criado:

— Quando vier o snr. visconde Reynaldo, que vá ao meu quarto.

Estava alojado no segundo andar, com janellas para o rio. Bebeu um calix de cognac, e estirou-se no sophá. Ao pé, na jardineira, tinha o seu *buvard* com um largo monogramma em prata sob a corôa de conde, caixas de charutos, os seus livros — *Mademoiselle Giraud ma femme, La vierge de Mabille, Ces Frippones! Memoires secrètes d'une femme de chambre, Le chien d'arrêt, Manuel du chasseur,* etc., numeros do *Figaro,* a photographia de Luiza, e a photographia d'um cavallo.

E soprando o fumo do charuto, começou a consi-

derar, com horror, a «situação»! Não lhe faltava mais nada senão partir para Paris, com aquelle «trambolhosinho»! Trazer uma pessoa, havia sete annos, a sua vida tão arranjadinha, e patatrás! embrulhar tudo, porque á menina lhe apanharam a carta de namoro e tem medo do esposo! Ora o descaro! No fim, toda aquella aventura desde o começo fôra um erro! Tinha sido uma idéa de burguez inflammado ir desinquietar a prima da Patriarchal. Tinha vindo a Lisboa para os seus negocios, era tratal-os, aturar o calor e o *bœuf à la mode* do Hotel Central, tomar o paquete, e mandar a patria ao inferno!... Mas não idiota!

Os seus negocios tinham-se concluido, — e elle, burro, ficára alli a torrar em Lisboa, a gastar uma fortuna em tipoias para o largo de Santa Barbara, para quê? Para uma d'aquellas! Antes ter trazido a Alphonsine!

Que, verdade, verdade, em quanto estivesse em Lisboa o romance era agradavel, muito excitante; porque era muito completo! Havia o adulteriosinho, o incestosinho. Mas aquelle episodio agora estragava tudo! E, realmente, o mais razoavel era safar-se!

Bazilio viera a Lisboa para negocios rapidos: a sua fortuna tinha sido feita com a borracha, no alto Paraguay; a grandeza da especulação trouxera a formação d'uma companhia; os capitaes brazileiros tinham affluido: mas Bazilio e alguns engenheiros francezes queriam resgatar as acções brazileiras, «que eram um *empecilho*», formar em Paris uma

outra companhia, e dar ao negocio um movimento mais largo e mais ousado. Bazilio partira para Lisboa a entender-se com alguns brazileiros e comprára as acções muito habilmente: e já pensára por vezes que a prolongação d'aquelle incidente amoroso era uma perturbação na sua vida pratica... E, agora que a aventura tomava um aspecto seccante, convinha «passar o pé»!

A porta abriu-se e o visconde Reynaldo entrou — vermelho, de lunetas azues, furioso.

Vinha de Bemfica! Morto, absolutamente morto com aquelle calor, proprio d'um paiz de negros. Tivera a estupida idéa de ir visitar uma tia — que o fizera logo membro d'uma associação para não sei que diabo de que creche, e que lhe prégára moral! Tambem que idéa de collegial — ir visitar a tia! Porque realmente, se havia uma cousa que lhe causasse repugnancia eram os sentimentos de familia!

— E tu, que queres tu? Eu vou-me metter n'um banho até ao jantar!

— Sabes o que me succede? — disse Bazilio, erguendo-se.

— O quê?

— Imagina. O caso mais estupido.

— O marido apanhou-te?

— Não, a criada!

— *Shoking!* — exclamou Reynaldo com nôjo.

Bazilio contou miudamente «o caso». E cruzando os braços diante d'elle:

— E agora?

— Agora? Agora é safar-te.

E levantou-se.

— Onde vaes tu?

— Vou ao banho.

Que esperasse, que diabo, queria fallar com elle...

— Não posso! — exclamou Reynaldo com um egoismo impaciente. — Vem tu cá abaixo ao banho. Posso perfeitamente conversar na agua.

E sahiu, berrando por William, o seu criado inglez.

Quando Bazilio desceu aos banhos, Reynaldo estirado com voluptuosidade na tina, d'onde sahia um forte cheiro d'agua de Lubin, exclamou, deleitando-se no seu conforto:

— Então cartinha apanhada nos papeis sujos!

— Não, Reynaldo, mas francamente estou embaraçado; que achas tu que eu faça?

— Que faças? As malas!

E sentado na tina, com o cabello a escorrer, ensaboando devagar o seu corpo magro e osseo:

— Ahi está o que é fazer amor com primas da Patriarchal Queimada!

— Oh! — fez Bazilio, impaciente.

— Oh quê? — E exaltado, coberto de flocos d'espuma, com a mão apoiada ao rebordo de marmore da tina: — Pois tu achas isso decente, uma mulher que toma a cozinheira por confidente, que lhe está na mão, que perde a carta nos papeis sujos, que chora, que pede duzentos mil reis, que se quer sa-

far — isso é lá amante, isso é lá nada! Uma mulher que, como tu mesmo disseste, usa meias de tear!

— Não, lá isso, meu rico, é uma mulher deliciosa!

O outro encolheu os hombros, descrente.

Bazilio deu logo provas. Descreveu-lhe certas bellezas. Citou episodios intimos.

O tecto e os tabiques envernizados de branco reflectiam a luz, com tons macios de leite; a exhalação da agua tepida augmentava o calor morno; e um cheiro fresco de sabão e agua de Lubin adoçava o ar espesso.

— Bem! estás pelo beiço — resumiu Reynaldo com tedio, estirando-se.

Bazilio teve um movimento d'hombros, que repellia a supposição.

— Mas dize então, queres ficar-lhe agarrado ás saias ou queres desembaraçar-te d'ella? Mas a verdade, venha a verdade!

— Eu — disse logo Bazilio, chegando-se á tina, baixo — se me podesse desembaraçar decentemente...

— Oh desgraçado! tens uma occasião divina! Ella sahiu como uma bicha, dizes tu. Bem; escreve-lhe uma carta, «que vendo que ella deseja romper, não a queres importunar, e partes.» Os teus negocios estão concluidos, não é verdade? Escusas de negar, o Lapierre disse-me que sim. Bem, então sê decente: manda fazer as malas, e livra-te da sarna!

E tomando a esponja, deixava cahir grandes golpes d'agua pela cabeça, pelos hombros, soprando, regalado na frescura aromatica.

— Mas tambem — disse Bazilio — deixal-a agora n'aquella atrapalhação com a criada! Não, isso não. No fim é minha prima.

Reynaldo agitou os braços, com hilaridade.

— Esse espirito de familia é optimo! Vai lá, dize-lhe que és obrigado a partir, os teus negocios, etc., e mettes-lhe umas poucas de notas na mão.

— É brutal...

— E caro!

Bazilio disse então:

— Olha que tambem é uma dos diabos, a pobre rapariga apanhada pela criada...

Reynaldo estirou-se mais, e disse com jubilo:

— Estão a estas horas a esgadanharem-se uma á outra!

E recostou-se com beatitude: quiz saber as horas; declarou que estava confortavel, e que se sentia feliz!

Bazilio torcia o bigode calado. Revia a sala de Luiza de reps verde, a figura horrivel de Juliana com a sua enorme cuia... Estariam com effeito a ralhar, a descompôr-se? Que *pulhice* que era tudo aquillo! E decidiu positivamente partir.

— Mas que pretexto lhe hei-de eu dar para sahir de Lisboa?

— Um telegramma! É o melhor! Não ha nada como um telegramma. Telegrapha já ao teu homem

em Paris, ao Labachardie, ou Labachardette, ou o que é, que te mande logo este despacho: «Parta, negocios maus, etc.» É o melhor!

— Vou fazel-o — disse Bazilio erguendo-se, muito decidido.

— E partimos ámanhã? — gritou Reynaldo.

— Ámanhã.

— Por Madrid?

— Por Madrid.

— *Salero!* — Pôz-se de pé, enthusiasmado, a escorrer. E com movimentos aduncos de magricella saltou para fóra, embrulhou-se no roupão turco. O seu criado William entrou logo, subtilmente, e ajoelhando-se tomou-lhe um pé entre as mãos, seccoulh'o com precauções, e pôz-se respeitosamente a calçar-lhe a meia de sêda preta com ferradurinhas bordadas.

Na manhã seguinte, um pouco antes do meio dia, Joanna veio bater discretamente á porta do quarto de Luiza, e com a voz baixa — desde o desmaio fallava-lhe sempre baixo como a uma convalescente:

— Está alli o primo da senhora.

Luiza ficou surprehendida. Estava ainda de *robe de chambre*, pallida, os olhos vermelhos de chorar: pôz n'um instante um pouco de pó d'arroz, alisou o cabello, entrou na sala.

Bazilio, vestido de claro, tinha-se sentado melan-

colicamente no môcho do piano. E immediatamente começou a dizer: — Que apesar d'ella se ter zangado na vespera, elle considerava ainda tudo «como d'antes». Viera porque n'aquelle momento não se podiam separar sem algumas explicações, e emfim — fez uma pausa, teve uma hesitação — sem resolver definitivamente o caso da carta. E com um gesto triste:

— Porque eu vejo-me forçado a sahir de Lisboa, minha querida.

Luiza, sem olhar para elle, fez um sorriso mudo, muito desdenhoso. Elle acrescentou logo:

— Por pouco tempo, naturalmente, tres semanas ou um mez... Mas emfim tenho de partir... Se fossem só os meus interesses! — Encolheu os hombros com indifferença. — Mas são interesses d'outros... E aqui está o que eu recebi esta manhã.

Estendeu-lhe um telegramma. Ella conservou-o um momento, e a sua mão fazia tremer o papel.

— Lê, peço-te que leias!

— Para que? — fez ella.

Mas leu baixo: «Venha, graves complicações. Presença absolutamente necessaria. Parta já.»

Não disse nada, dobrou o papel, vincando-o com as unhas, entregou-lh'o.

— E partes, hein?

— É forçoso.

— Quando?

— Esta noite.

Ella ergueu-se bruscamente, e estendendo-lhe a mão:

— Bem, adeus.

Bazilio murmurou:

— És cruel, Luiza! — E depois d'um momento, com uma voz resignada: — Não importa! Em todo o caso ha um negocio que é necessario terminar. — E mais baixo: — Fallaste á mulher?

— Está tudo arranjado — respondeu, franzindo a testa.

Bazilio aproximou-se, tomou-lhe a mão, e quasi com solemnidade:

— Minha filha, eu sei que és muito orgulhosa, mas peço-te que digas a verdade. Eu não te quero deixar em difficuldades. Fallaste-lhe?

Luiza retirou a mão, e com uma impaciencia crescente:

— Arranjou-se tudo, arranjou-se tudo.

Bazilio parecia muito embaraçado, estava um pouco pallido: emfim, tirando uma carteira da algibeira, começou:

— Em todo o caso é possivel, é natural mesmo (nós não sabemos com quem lidamos), é natural que haja outras exigencias... — Abriu a carteira, tomou um sobrescripto pequenino, cheio.

Luiza seguia, fazendo-se vermelha, os movimentos de Bazilio.

— E por isso, para te poderes entender melhor com ella, sempre me parece bom deixar-te algum dinheiro.

— Tu estás doudo? — exclamou.

— Mas...

— Tu queres-me dar dinheiro? — A sua voz tremia. Erguera-se, direita, o olhar faiscante.

— Mas emfim...

— Adeus! — E ia sahir da sala, indignada.

— Luiza, pelo amor de Deus! Tu não me comprehendeste...

Ella parou, disse logo precipitadamente, como impaciente por acabar:

— Comprehendi, Bazilio, obrigada. Mas não, não é necessario. Estou nervosa, é o que é... Não prolonguemos mais isto... Adeus...

— Mas sabes que volto, dentro de tres semanas...

— Bem, então nos veremos...

Elle attrahiu-a a si, deu-lhe um beijo na bocca; encontrou os seus labios passivos e inertes.

Aquella frieza irritou a sua vaidade. Apertou-a contra o peito; disse-lhe baixo, pondo muita paixão na voz:

— Nem um beijo me queres dar?

Nos olhos de Luiza passou um ligeiro clarão; beijou-o rapidamente, e recuando:

— Adeus.

Bazilio esteve um momento a olhal-a, teve como um leve suspiro:

— Adeus. — E da porta, voltando-se, com melancolia: — Escreve-me ao menos. Sabes a minha morada. Rue Saint Florentin, 22.

Luiza chegou-se á janella. Viu-o accender o charuto na rua, fallar ao cocheiro, saltar para o coupé,

fechar com força a portinhola, sem um olhar para as janellas!

O trem rolou. Era o n.º 10. E nunca mais o veria! Tinham palpitado no mesmo amor, tinham commettido a mesma culpa. — Elle partia alegre, levando as recordações romanescas da aventura: ella ficava, nas amarguras permanentes do erro. E assim era o mundo!

Veio-lhe um sentimento pungente de solidão, de abandono. Estava só, e a vida apparecia-lhe como uma vasta planicie desconhecida, coberta da densa noite, erriçada de perigos!

Entrou no quarto devagar, foi-se deixar cahir no sophá: viu ao pé o sacco de marroquim, que preparára na vespera para fugir. Abriu-o, pôz-se a tirar lentamente os lenços, uma camisinha bordada: no fundo, estava a photographia de Jorge! Ficou com ella na mão, contemplando o seu olhar leal, o seu sorriso bom. — Não, não estava no mundo só! Tinha-o a elle! Amava-a aquelle, nunca a trahiria, nunca a abandonaria! — E collando os beiços ao retrato, humedecendo-o de beijos convulsivos, atirou-se de bruços lavada em lagrimas, dizendo: — Perdôa-me, Jorge, meu Jorge, meu querido Jorge, Jorge da minha alma!

Depois de jantar Joanna veio dizer-lhe timidamente:

— A senhora não lhe parece que seria bom ir saber da snr.ª Juliana?

— Mas onde quer vossê ir saber? — perguntou Luiza.

— Ella ás vezes vai a casa d'uma amiga, uma inculcadeira, para os lados do Carmo. Talvez lhe tivesse dado alguma, esteja mal. Mas tambem não mandar recado desde hontem pela manhã... Cousa assim! Eu podia ir saber...

— Pois bem, vá, vá.

Aquella desapparição brusca inquietava tambem Luiza. Onde estaria ella, que fazia? Parecia-lhe que alguma cousa se tramava em segredo, longe d'ella, que viria de repente estalar-lhe sobre a cabeça, terrivelmente...

Anoiteceu. Luiza accendeu as velas. Tinha um certo medo de estar assim só em casa: e, passeando pelo quarto, pensava que áquella hora Bazilio em Santa Apolonia comprava alegremente o seu bilhete, installava-se no wagon, accendia o charuto, e d'ahi a pouco, a machina arquejando leval-o-hia para sempre! Porque não acreditava «na demora de tres semanas, um mez!» Ia para sempre, safava-se! E apesar de o detestar, sentia que alguma cousa dentro em si se partia com aquella separação, e sangrava dolorosamente!

Eram quasi nove horas quando a campainha retiniu com pressa. Pensou que seria Joanna de volta, foi abrir com um castiçal; — e recuou, vendo Juliana, com o rosto alterado, os olhos faiscantes.

— A senhora faz favor de me dar uma palavra?

E apenas tinha entrado no quarto atraz de Luiza, rompeu com uma voz furiosa:

— Então a senhora imagina que isto ha-de ficar assim? A senhora imagina que por o seu amante se safar, isto ha-de ficar assim?

— Que é, mulher? — fez Luiza, petrificada.

— Se a senhora pensa, que por elle se safar, isto ha-de ficar em nada? — gritou, estridentemente.

— Oh mulher, pelo amor de Deus!...

E a sua voz tinha tanta angustia que Juliana calou-se.

Mas depois de um momento, mais baixo:

— A senhora bem sabe que eu não ia exigir mundos nem fundos. Ia pedir ao primo da senhora que me ajudasse. Estou cançada de trabalhar, quero o meu descanço. Não pretendo fazer escandalo, o que desejava é que elle me ajudasse. Mandei ao hotel esta tarde. O primo da senhora tinha desarvorado! Tinha ido para o lado dos Olivaes, para o inferno! E o criado ia á noite com as malas. Mas a senhora pensa que me logram? — E retomada pela sua raiva, chegando-se á jardineira, batendo com o punho furiosamente na mesa: — Raios me partam, se não houver uma desgraça n'esta casa!

— Quanto quer vossê pelas cartas, sua ladra? — disse Luiza, direita, livida, com a voz suffocada de colera.

Juliana ficou interdicta. O seu rosto contorceu-se um momento em visagens nervosas.

— A senhora ou me dá seiscentos mil reis, ou eu não largo os papeis! — respondeu, impertigando-se.

— Seiscentos mil reis! Onde quer vossê que eu vá buscar seiscentos mil reis?

— Ao inferno! — berrou a outra. — Ou me dá seiscentos mil reis, ou tão certo como eu estar aqui, o seu marido ha-de lêr as cartas!

Luiza deixou-se cahir n'uma cadeira, aniquilada.

— Que fiz eu para isto, meu Deus, que fiz eu para isto?

Juliana fitava-a, com as narinas dilatadas.

— A senhora diz que eu que sou uma ladra. É verdade, apanhei a carta no cisco, tirei as outras do gavetão. É verdade. E foi para isto, para m'as pagarem! — E traçando, destraçando o chale, n'uma excitação phrenetica: — Não que a minha vez havia de chegar! Tenho soffrido muito, estou farta, estou farta! Vá buscar o dinheiro onde quizer. Nem cinco reis de menos! Não que eu tenho passado annos e annos a ralar-me! P'ra ganhar meia moeda por mez, estafo-me a trabalhar, de manhã até á noite, em quanto a senhora está de panria. É que eu levanto-me ás seis horas da manhã — e é logo engraxar, varrer, arrumar, labutar, e a senhora está muito regalada em valle de lençoes, sem cuidados, nem canceiras. Ha um mez que me levanto com o dia, p'ra metter em goma, passar, engomar! A senhora suja, suja, quer ir vêr quem lhe parece, apparecer-lhe com tafularias por baixo, e cá está a negra, com a pontada no coração, a matar-se com o ferro na mão. E a se-

nhora, são passeios, tafularias, boas sêdas, tudo o que lhe appetece — e a negra? A negra, é a esfalfar-se de trabalho!

Luiza, quebrada, sem força de responder, encolhia-se sob aquella colera como um passaro sob um chuveiro.

Juliana exaltava-se com a mesma violencia da sua voz. A lembrança das fadigas, das humilhações, vinham atear-lhe a raiva, como achas n'uma fogueira.

— Pois que lhe parece? — exclamava. — Não que eu cômo os restos e a senhora os bons bocados! Depois de trabalhar todo o dia, esfalfada, se quero uma gota de vinho, quem m'o dá? Tenho de o comprar! A senhora já foi ao meu quarto? É uma enxovia! A persevejada é tanta que tenho de dormir quasi vestida! E a senhora se sente uma mordedura, tem a negra de desaparafusar a cama, e de a catar frincha por frincha. Uma criada, ora! A criada é o animal. Trabalha se pódes, se não rua, para o hospital. Mas chegou-me a minha vez — e dava palmadas no peito, entumecida de orgulho, fulgurante de vingança.

Luiza soluçava baixo. Juliana contemplou-a um momento, e com a voz abafada:

— A senhora chora! tambem eu tenho chorado muita lagrima! eu!

E arquejava.

— Ai! eu não lhe quero mal, minha senhora, certamente que não! Que se divirta, que goze, que

goze! O que eu quero é o meu dinheiro. O que eu quero é o meu dinheiro aqui escarrado, ou o papel ha-de ser fallado! — E tomada de novo pela sua colera: — Ainda este tecto me rache, se eu não fôr mostrar a carta ao seu homem, aos seus amigos, á visinhança toda, que ha-de andar arrastada pelas ruas da amargura!

Calou-se, exhausta; e com a voz entrecortada:

— Mas dê-me a senhora o meu dinheiro, o meu rico dinheiro, e aqui tem os papeis, e o que lá vai, lá vai, e até lhe levo outras. Mas o meu dinheiro p'ra aqui. E tambem lhe digo, que morta seja eu n'este instante com um raio, se depois de eu receber o meu dinheiro esta bocca se torna a abrir! — E deu uma palmada na bocca.

Luiza erguera-se devagar, branca, alquebrada:

— Pois bem — disse, quasi n'um murmurio — eu lhe arranjarei o dinheiro. Espere uns dias.

Fez-se um silencio — que depois do ruido parecia profundo, e tudo no quarto como que se tornára mais immovel. Apenas o relogio batia o seu *tic-tac*, e duas velas sobre o toucador consummindo-se davam uma luz avermelhada.

Juliana tomou a sombrinha, traçou o chale, e fitando-a um momento:

— Bem, minha senhora — disse, muito secca.

Voltou as costas, sahiu.

Luiza sentiu-a bater a cancella com força.

— Que expiação, santo Deus! — exclamou, cahindo n'uma cadeira, banhada em lagrimas.

Eram quasi dez horas quando Joanna voltou.

— Não pude saber nada, minha senhora, na inculcadeira ninguem sabe d'ella.

— Bem; traga a lamparina.

E Joanna, ao despir-se no seu quarto, rosnava só comsigo:

— A mulher tem arranjo, está mettida por ahi com algum sucio.

Que noite passou Luiza! A cada momento acordava n'um sobresalto, abria os olhos na penumbra do quarto, e cahia-lhe logo n'alma, como uma punhalada, aquelle cuidado pungente: Que havia de fazer? Como havia d'arranjar dinheiro? Seiscentos mil reis! As suas joias valiam talvez duzentos mil reis. Mas como explicar a Jorge? Tinha as pratas... Mas era o mesmo!

A noite estava quente, e na sua inquietação a roupa escorregára, apenas lhe restava o lençol sobre o corpo. Ás vezes a fadiga readormecia-a d'um somno superficial, cortado de sonhos muito vivos. Via montões de libras, maços de notas agitarem-se, reluzirem vagamente, moverem-se brandamente no ar. Erguia-se, saltava para as agarrar, mas as libras começavam a rolar, a rolar como infinitas rodinhas sobre um chão liso, e as notas desappareciam, voando muito leves com um fremito de azas ironicas. Ou então era alguem que entrava na sala, curvava-

se respeitosamente, e começava a tirar do chapéo, a deixar-lhe cahir no regaço libras, moedas de cinco mil reis, peças, muitas, muitas, profusamente: não conhecia o homem: tinha um chinó vermelho e uma pera impudente. Seria o diabo? Que lhe importava? Estava rica, estava salva! Punha-se a chamar, a gritar por Juliana, a correr atraz d'ella, por um corredor que não findava, e que começava a estreitar-se, a estreitar-se, até que era como uma fenda por onde ella se arrastava de esguelha, respirando mal, e apertando sempre contra si o montão de libras que lhe punha frialdades de metal sobre a pelle nua do peito. Acordava assustada: e o contraste da sua miseria real com aquellas riquezas do sonho era como um acrescimo de amargura. Quem lhe poderia valer? — Sebastião! Sebastião era rico, era bom. Mas mandal-o chamar, e dizer-lhe ella, ella Luiza, mulher de Jorge: — Empreste-me seiscentos mil reis. — Para quê, minha senhora? E podia lá dizer-lhe: para resgatar umas cartas que escrevi ao meu amante. Era lá possivel! Não, estava perdida. Restava-lhe ir para um convento.

A cada momento voltava o travesseirinho que lhe escaldava o rosto: atirou a touca, os seus longos cabellos soltaram-se, prendeu-os ao acaso com um gancho; e de costas, a cabeça sobre os braços nús, fitava a vaga claridade da lamparina, que entrava na alcova.

— Onde iria Bazilio, aquelle infame? Dormindo tranquillamente nas almofadas do wagon!

E ella alli, na agonia! Oh!... Atirou o lençol, abafava. A camisinha enrodilhava-se-lhe nas redondezas do corpo, e a brancura dos seus seios mal se distinguia da alvura da roupa. Assim adormeceu quando a madrugada rompia.

Acordou tarde, e succumbida. Mas logo na sala de jantar a belleza da manhã gloriosa reanimou-a.

O sol entrava abundante e radioso pela janella aberta; os canarios faziam um concerto; da forja ao pé sahia um martellar jovial e vivo; e o largo azul vigoroso, levantava as almas. — Aquella alegria das cousas deu-lhe como uma coragem inesperada. Não se havia de abandonar a uma desesperança inerte. Que diabo! Devia luctar.

E vinham-lhe baforadas luminosas d'esperança. Sebastião era bom. Leopoldina tinha expedientes. Havia outras possibilidades, o acaso mesmo: e tudo isto podia, em definitiva, formar seiscentos mil reis, salval-a! Juliana desappareceria, Jorge voltaria! — E alvoroçada, via perspectivas de felicidades possiveis apparecerem, no futuro, reluzindo deliciosamente.

Ao meio dia veio o criadito de Sebastião: — «Que o senhor tinha chegado d'Almada, desejava saber como a senhora estava.»

Correu ella mesma á porta: — e que pedia ao snr. Sebastião, que viesse logo que podesse!

Acabou-se! Sentia-se resoluta, ia fallar a Sebastião... No fim era o que lhe restava: contar ella tu-

do a Sebastião ou que a outra contasse tudo a seu marido. Não havia que hesitar! E depois podia attenuar, dizer que fôra só uma correspondencia platonica; a partida de Bazilio, além d'isso, fazia d'aquelle erro um facto passado, quasi antigo... E Sebastião era tão amigo d'ella!

Veio, era uma hora. Luiza que estava no quarto sentiu-o entrar, e o som dos seus passos grossos no tapete da sala deu-lhe logo uma palpitação, como uma timidez. Parecia-lhe agora muito difficil, terrivel de dizer... Tinha preparado as phrases, as explicações, uma historia de galanteio, de cartas trocadas; e estava com a mão no fecho da porta, hesitando. Tinha medo d'elle! Sebastião passeava pela sala; e então receiando que a impaciencia lhe désse mau humor, entrou.

Afigurou-se-lhe mais alto, mais grosso: nunca o seu olhar lhe parecera tão recto, e a sua barba tão séria!

—Então que é? precisa alguma cousa?—perguntou-lhe, depois das primeiras palavras sobre Almada, sobre o tempo.

Luiza teve uma cobardia indominavel, respondeu logo:

—É por causa de Jorge!

—Aposto que não lhe tem escripto?

—Não.

—Esteve um 'rôr de tempo sem me escrever tambem. —E rindo: —Mas hoje recebi duas cartas por atacado.

Procurou-as entre outros papeis que tirou da algibeira. Luiza fôra sentar-se no sophá; olhava-o com o coração aos pulos, e as suas unhas impacientes raspavam devagarinho o estôfo.

— Pois é verdade — disse Sebastião, revolvendo um maço de papeis. — Recebi duas, falla em voltar, diz que está muito seccado... — E estendendo uma carta a Luiza: — Aqui está, é esta.

Luiza desdobrára-a, e começava a lêr; mas Sebastião, estendendo a mão precipitadamente:

— Ah! não é essa, não é essa; é esta!

— Não, deixe vêr esta tambem...

— Não diz nada, são negocios. — E estendia a mão, meio erguido.

— Não, quero vêr!

Sebastião, sentado á beira da cadeira, coçava a barba, olhando-a inquieto. E Luiza de repente, franzindo a testa:

— O quê? — E a leitura espalhava-lhe no rosto uma surpreza irritada. — Oh! — Abria muito os olhos: — Realmente!...

— São tolices, são tolices! — murmurava Sebastião, contrariado.

E Luiza pôz-se a lêr alto, devagar:

«Saberás, amigo Sebastião, que fiz aqui uma conquista. Não é o que se póde chamar uma princeza, porque é nem mais nem menos que a mulher do estanqueiro. Parece estar abrazada no mais impuro fogo, por este seu criado. Deus me perdôe, mas desconfio até que me leva apenas um vintem pelos cha-

rutos de pataco, fazendo assim ao esposo, o digno Carlos, a dupla partida de lhe arruinar a felicidade e a tenda! » — Que graça! — murmurou Luiza, furiosa. — « Receio muito que se repita commigo o caso biblico da mulher de Putiphar. » — Luiza, que não comprehendeu, releu devagar a phrase, encolheu os hombros, e continuou: — « E acredita que ha um certo merito em lhe resistir, porque a mulher, estanqueira como é, é lindissima. E tenho medo que me succeda algum fracasso, á minha pobre virtude... »

Luiza interrompeu-se, e olhou Sebastião com um olhar terrivel.

— São brincadeiras! — balbuciou elle.

Ella seguiu, lendo: « Olha se a Luiza soubesse d'esta aventura! De resto, o meu successo não pára aqui: a mulher do delegado faz-me um olho dos diabos! É de Lisboa, d'uma gente Gamacho, que parece que mora para Belem, conheces? e dá-se ares de morrer de tedio, na tristeza provinciana da localidade. Deu uma *soirée* em minha honra, e em minha honra, creio tambem, decotou-se. Muito bonito collo » — (Luiza fez-se escarlate) — « e uma queda do diabo... »

— Está doudo! — exclamou Luiza — « E aqui tens o teu amigo feito um D. Juan do Alemtejo, e deixando um rasto de chammas sentimentaes por essa provincia fóra! — O Pimentel recommenda-se... »

Luiza ainda leu baixo um momento, e erguendo-se bruscamente, dando a carta a Sebastião:

— Muito bem, diverte-se! — disse com uma voz sibilante.

E pôz-se a passear pela sala, vermelha, esfregando rapidamente as mãos.

— São lá cousas que se tomem a serio! Não deve tomar a serio...

— Eu! — exclamou ella. — Acho muito natural até!

E sentando-se, começou, com volubilidade, a fallar d'outras cousas, de D. Felicidade, de Julião...

— Trabalha muito agora para o concurso — disse Sebastião. — Quem não tenho visto é o conselheiro.

— Mas, quem é essa gente Gamacho, de Belem?

Sebastião encolheu os hombros — e com um ar inquieto:

— Ora realmente tomou a serio...

Luiza interrompeu-o:

— Ah! sabe? Meu primo Bazilio partiu.

Sebastião teve um alvoroço d'alegria.

— Sim?

— Foi para Paris, não creio que volte. — E depois d'uma pausa, parecendo ter esquecido Jorge, e a carta: — Só em Paris está bem... Estava no ar p'ra partir. — E acrescentou com pancadinhas leves nas pregas do vestido: — Precisava casar, aquelle rapaz.

Sebastião acrescentou:

— P'ra assentar...

Mas Luiza não acreditava que um homem que

gostava tanto de viagens, de cavallos, d'aventuras, podesse dar um bom marido.

Sebastião era d'opinião que ás vezes socegavam, e eram homens de familia...

— Teem mais experiencia — disse.

— Mas um fundo leviano — observou ella.

E sob estas palavras vagas cada um disfarçava: Sebastião, o embaraço que lhe causava a idéa de Bazilio e das suas relações com Luiza; ella, a anciedade que a agitava: — como lhe havia de dizer?

— Eu a fallar a verdade estimei que meu primo partisse... Como tinha havido essas tolices na visinhança... Ultimamente mesmo quasi que o não vi. Esteve ahi hontem, veio despedir-se, fiquei surprehendida...

Estava tornando impossivel a historia d'um galanteio platonico com Bazilio, cartas trocadas — mas um sentimento mais forte que ella impellia-a a mostrar-se indifferente, quasi desdenhosa. Acrescentou mesmo:

— Eu sou amiga d'elle, mas somos muitos differentes... O Bazilio é egoista, pouco affeiçoado... De resto as nossas relações nunca foram grandes...

Calou-se bruscamente: sentiu que «se enterrava».

Sebastião lembrára-se que ella lhe dissera «que tinham sido creados ambos de pequenos»; mas emfim aquella maneira d'ella fallar do primo, tirava-lhe um peso do coração. Que prova maior, pensava, que «não houvera nada, nem um galanteio?»

E queria-se mal pelas duvidas, que tivera, tão injustas!...

— E volta? — perguntou.

— Não me disse, mas não creio. Em se pilhando em Paris!

E fitando-o d'um certo modo, de repente:

— Então o Sebastião é o confidente de Jorge?

Elle riu:

— Oh minha senhora, pois acredita...

— E a mim então quando me escreve, que se aborrece, que está só, que não supporta o Alemtejo... — Mas vendo Sebastião olhar o relogio: — O que, já? É cedo.

Tinha d'estar na Baixa, antes das tres — disse elle.

Luiza quiz retel-o. Não sabia para quê — porque a cada momento sentia a sua resolução diminuir, desapparecer como a agua d'um rio que se absorve no seu leito. Mas ainda esperava, vagamente. Pôz-se a fallar-lhe das obras de Almada.

Sebastião começára-as pensando que duzentos ou trezentos mil reis fariam as restaurações necessarias: mas depois umas cousas tinham trazido outras — e, dizia, está-se-me tornando um sorvedouro!

Luiza teve um sorriso.

— Ora, quando se é proprietario e rico!...

— Isso sim! Parece que não é nada: mas uma pintura n'uma porta, uma janella nova, uma sala forrada de papel, um soalho — e isto e aquillo — e lá se vão oitocentos mil reis... Emfim!...

*

Levantou-se, e despedindo-se:

— Eu espero que aquelle vadio se não demore muito.

— Se a estanqueira der licença...

Ficou a passear na sala, nervosa. E que idéa, deixar-se namorar pela estanqueira, e a mulher do delegado, e as outras!... De certo, tinha confiança n'elle, não a enganaria. Mas, os homens... De repente representou-se-lhe a estanqueira prendendo-o nos braços detraz do balcão, ou Jorge beijando, n'alguma entrevista, de noite, o collo bonito da mulher do delegado!... Um estremecimento passou-lhe em todo o corpo; e immediatamente appareceram-lhe todas as razões que provavam irrecusavelmente a traição de Jorge: estava ha dous mezes fóra! sentia-se cançado da sua viuvez! encontrava uma mulher bonita! tomava aquillo como um prazer passageiro, sem importancia!... Que infame! E resolveu escrever-lhe uma carta digna e offendida, que viesse immediatamente, ou que partia ella! — Entrou no quarto, muito excitada. A photographia de Jorge que ella tirára da vespera do sacco de marroquim ficára no toucador. Pôz-se a olhal-a: não admirava que o namorassem, era bonito, era amavel. E veio-lhe uma onda de ciume, que lhe obscureceu o olhar. Se elle a enganasse, se tivesse a certeza da « mais pequena cousa » — separava-se, recolhia-se a um convento, morria de certo, matava-o.

— Minha senhora — veio dizer Joanna — é um gallego com esta carta. Está á espera da resposta.

Que espanto! — Era de Juliana!

Escripta em papel pautado, n'uma letra medonha, erriçada de erros d'orthographia — dizia:

« Minha senhora.

« Bem sei que fui imprudente, o que a senhora deve attribuir tanto á minha desgraça como á falta de saude, o que ás vezes faz que se tenham genios repentinos. Mas se a senhora quer que eu volte e faça o serviço como d'antes — ao qual creio que a senhora não póde oppôr-se, terei muito gosto em ser agradavel na certeza que nunca mais se fallará em tal até que a senhora queira, e cumpra o que prometteu. Prometto fazer o meu serviço, e desejo que a senhora esteja por isto pois que é para bem de todos. Pois que foi genio e naturalmente todos teem os seus repentes, e com isto não canso mais e sou

« Serva muito obediente

a criada

« *Juliana Couceiro Tavira.* »

Ficou com a carta na mão sem resolução. A sua primeira vontade foi dizer — não! Tornar a recebel-a, vêl-a, com a sua face amarellada, a cuia enorme! Saber que ella tinha no bolso a sua carta, a sua deshonra, e chamal-a, pedir-lhe agua, a lamparina,

ser servida por ella! Não! Mas veio-lhe um terror; se recusasse irritava a creatura, Deus sabe o que faria! Estava nas mãos d'ella, devia passar por tudo. Era o seu castigo... — Hesitou ainda um momento:

— Que sim, que venha, é a resposta.

Juliana veio com effeito ás 8 horas. Deu umas boas noites rapidas a Joanna que viera abrir, subiu pé ante pé para o sotão, poz o fato de casa e as chinellas e desceu para o quarto dos engomados, onde Joanna sentada n'um tapete costurava, á luz do petroleo.

Joanna muito curiosa acabrunhou-a de perguntas: Onde estivera? o que tinha acontecido? porque não déra noticias? — Juliana contou que fôra a uma visita a uma amiga, á calçada do Marquez d'Abrantes, uma parenta ainda d'ella, e que de repente lhe dera um flato, e a dôr, estivera mal... Não quiz mandar dizer porque imaginára que poderia vir. Mas qual! estivera dia e meio de cama...

E quiz saber então o que tinha feito a senhora, se sahira, quem estivera, o que tinha havido para jantar.

— A senhora tem andado a modo incommodada — disse Joanna.

— É do tempo — observou Juliana. — Tinha trazido a sua costura, e ambas caladas continuaram o serão.

Ás dez horas Luiza ouviu bater devagarinho á porta do quarto. Era *ella*, de certo! O coração pulava-lhe anciosamente.

— Entre.

A voz de Juliana disse muito naturalmente:

— Está o chá na mesa.

Mas Luiza não se decidia a ir para a sala. Tinha medo, horror de a vêr! Deu tempo a que ella tivesse posto na mesa o bule, as torradas. Foi então, toda tremula. Juliana vinha justamente a sahir; encolheu-se contra a hombreira, com respeito, disse:

— Quer que vá pôr a lamparina, minha senhora?

Luiza fez que *sim* com a cabeça, sem a olhar.

Quando voltou ao quarto Juliana enchia o jarro; e depois de ter aberto a cama, cerrado as portas, quasi em pontas de pé, subtilmente:

— A senhora não precisa mais nada? — perguntou.

— Não.

— Muito boa noite, minha senhora.

E não houve outra palavra mais.

— Parece um sonho! — pensava Luiza, ao despir-se melancolicamente. Esta creatura, com as minhas cartas, installada em minha casa para me torturar, para me roubar! — Como se achava ella, Luiza, n'aquella situação? Nem sabia. As cousas tinham vindo tão bruscamente, com a precipitação furiosa d'uma borrasca, que estala, relampagos, trovões, chuveiros, granizo, rajada de vendaval! Não tivera tempo de raciocinar, de se defender: fôra embrulha-

da: e achava-se, quasi sem «dar fé», na sua casa sob a dominação da sua criada! Ah! se tivesse fallado a Sebastião! Tinha agora alli o dinheiro, de certo, notas, ouro... Com que phrenesi lh'o arremessaria, a expulsaria, a infame, e a arca, e os trapos, e a cuia!... — E jurava a si propria fallar a Sebastião, dizer tudo! — mesmo iria a casa d'elle, para o impressionar mais!

E d'ahi a pouco, quebrada da agitação do dia, adormecera — sonhava que um grande passaro negro lhe entrára no quarto, fazendo uma ventania, com as suas azas pretas de morcego. E reconheceu Juliana! Corria aterrada ao escriptorio, gritando: Jorge! Mas não via nem livros, nem estante, nem mesa — havia uma armação reles de loja de tabaco, caixas de charutos, maços de cigarros, mólhos de cachimbos! E por traz do balcão, Jorge deleitava-se, acariciando sobre os joelhos uma bella mulher de fórmas robustas, em camisa d'estopa, que perguntava com uma voz desfallecida de voluptuosidade e os olhos afogados em paixão: — Brejeiros ou de Xabregas? — Fugia então de casa indignada, e, através de successos confusos, via-se ao lado de Bazilio, n'uma rua sem fim, onde os palacios tinham fachadas de cathedraes e as carruagens rolavam ricamente como na pompa d'um cortejo. Contava soluçando a Bazilio a traição de Jorge. E Bazilio, saltitando em volta d'ella com requebros de palhaço, repenicava uma viola e cantava:

Escrevi uma carta a Cupido
A mandar-lhe perguntar
Se um coração offendido
Tem obrigação de amar!

—Não tem! — gania a voz d'Ernestinho — e para o provar brandia triumphante um rolo de papel! E tudo se obscurecia de repente nos largos vôos circulares que fazia Juliana com as suas azas de morcego.

IX

Juliana voltára para a casa de Luiza por conselhos da tia Victoria.

— Olha, minha rica, tinha-lhe ella dito, não ha que vêr, o passaro fugiu-nos! Suspira, bem pódes suspirar que o dinheiro grosso foi-se! Quem podia lá adivinhar que o homem desarvorava! Não, lá isso pódes tirar d'ahi o sentido! E d'ella escusas d'esperar nem cheta...

— Tambem me regalo de mandar as cartas ao marido, tia Victoria!

A velha astuta abanou a cabeça:

— Não lucras nada com isso. Ou que elles se desquitem, ou que elle lhe parta os ossos, ou que a mande para um convento — tu não ganhas nada. E se se acommodarem, mais ficas a chuchar no de-

do, porque nem tens a consolação de fazeres a sizania. E isto é se as cousas correrem pelo melhor, porque pódes muito bem ficar mas é em lençoes de vinagre com alguma carga de pau que elles te mandem dar. — E vendo um gesto espantado de Juliana: — Já não era o primeiro caso, minha rica, já não era o primeiro. Olha que em Lisboa, passa-se muita cousa, e nem tudo vem nos jornaes!

E aconselhou-lhe então a que voltasse para a casa. Porque emfim o que restava de tudo aquillo era o medo da D. Luiza: esse é que lá estava sempre a dar-lhe por dentro a colica: d'esse é que era necessario tirar partido...

— Tu voltas para lá — dizia — á espera que ella cumpra o que prometteu. Se te dá o dinheiro, bem... Senão tem-l'a em todo o caso na mão, estás de dentro da praça, sabes o que se passa, pódes-lhe apanhar muita cousa...

Mas Juliana hesitava. — Era difficil viverem debaixo das mesmas telhas sem haver uma questão por dá cá aquella palha.

— Não te diz uma palavra, tu verás...

— Mas tenho medo...

— De que? — exclamava a tia Victoria. — Ella não era mulher para a envenenar, não é verdade? Então? Quem a nada se arriscava nada ganhava.

— Isto é se queres — acrescentou — senão trata de te arranjar n'outra parte, e deita as cartas para o fundo da arca. Que diabo! Tu vaes vêr, se não te convém, safas-te...

E Juliana decidiu-se a ir, «a vêr».

E reconheceu logo, que «aquella finoria da tia Victoria tinha carradas de razão».

Luiza, com effeito, parecera resignar-se. Sebastião tinha ido para Almada, outra vez, por causa «d'aquella malfadada obra de Santa Engracia!» Como estava decidida, apenas elle voltasse, a ir a casa d'elle uma manhã, atirar-se-lhe aos pés, contar-lhe *tudo, tudo!* supportava Juliana e aquella situação, reflectindo: — É apenas por dias! — Por isso não disse uma palavra a Juliana. Para que? O que tinha a fazer era pagar-lhe e pôl-a fóra — não é verdade? Emquanto o não podesse fazer, era aguentar e calar. — Até que Sebastião voltasse...

Mas no entretanto evitava vêl-a. Nunca a chamava. Não sahia da alcova de manhã, sem a ter sentido fóra no quarto encher o banho, sacudir os vestidos. Ia para a sala de jantar com um livro; e nos intervallos não levantava os olhos das paginas, com o cotovêlo sobre a mesa. E durante todo o dia conservava-se no quarto com a porta fechada, lendo, costurando, pensando em Jorge — ás vezes tambem em Bazilio com odio, desejando a volta de Sebastião, e preparando a sua historia.

Mas passados dias, Juliana, uma manhã, encontrou Luiza no corredor trazendo para o quarto o regador cheio d'agua.

— Oh! minha senhora, porque não chamou? — exclamou, quasi escandalisada.

— Não tem duvida — balbuciou Luiza.

Mas Juliana seguiu-a ao quarto, e cerrando a porta:

— Oh minha senhora — disse com voz d'offendida — isto assim não póde continuar. A senhora parece que tem medo de me vêr, credo! Eu voltei para fazer o meu serviço como d'antes... Verdade, verdade, naturalmente, sempre espero que a senhora faça o que prometteu... E lá largar as cartas não largo, sem ter seguro o pão da velhice. Mas o que se passou foi um repente de genio, e já pedi perdão á senhora. Quero fazer o meu serviço... Agora se a senhora não quer, então saio, e — acrescentou com uma voz secca — talvez seja peor para todos!...

Luiza, muito perturbada, balbuciou:

— Mas...

— Não, minha senhora — cortou Juliana severamente — aqui a criada sou eu.

E sahiu, meneando-se.

Tanta audacia aterrou Luiza. Aquella ladra era capaz de tudo!

E para a não irritar começou d'ahi por diante a chamal-a, a dizer: — Traga isto, traga aquillo, — sem a olhar, com uma voz que tremia.

Mas Juliana fazia-se tão serviçal, era tão calada, que Luiza pouco a pouco, dia a dia, com o seu caracter mobil, inconsistente, cheio *de deixar-se ir*, principiou a perder o sentimento pungente d'aquella difficuldade. E no fim de tres semanas «as cousas tinham entrado nos seus eixos» — dizia Juliana.

Luiza já gritava por ella do quarto, já a manda-

va a recados fóra: e Juliana chegára a ter ás vezes migalhas de conversação: — Está um calor de morrer... A lavadeira tarda... — E um dia: — Encontrei a criada da snr.ª D. Leopoldina.

Luiza perguntou:

— Ainda está para o Porto?

— Ainda se demora um mez, minha senhora...

De resto havia na casa um aspecto tranquillo, e Luiza, depois das suas agitações, abandonava-se á satisfação d'aquelle descanço, em que a sua preguiça se dilatava passivamente. Ia ás vezes vêr D. Felicidade á Encarnação, que já se levantava. E esperava sempre Sebastião, mas sem impaciencia todavia, quasi contente por vêr adiado o momento terrivel de lhe dizer: Escrevi a um homem, Sebastião!

Assim iam passando os dias. Estava-se no fim de setembro.

Uma tarde Luiza ficára mais tempo á janella da sala de jantar; deixára cahir o livro no regaço, e seguia, sorrindo, um bando de pombas que d'algum quintal visinho viera pousar sobre o tabique do terreno vago, com grandes palpitações d'azas, muitos beijos dos seus biquinhos lascivos... Sentiu passos, era Juliana.

— Que é?

A mulher cerrára a porta, e vindo junto d'ella com a voz baixa:

— Então a senhora ainda não decidiu nada?

Luiza sentiu como uma pancada no estomago.

— Ainda não pude arranjar nada...

Juliana esteve um momento a olhar para o chão:

— Bem — murmurou, por fim.

E Luiza sentiu-a, no corredor, fallar só, alto, dizer:

— Isto quando o senhor voltar é que são os ajustes de contas!

Quando Jorge voltasse! E no seu espirito, que se tinha pouco a pouco serenado, todos os sustos, as angustias estremeceram de novo áquella ameaça — como uma rajada subita põe em convulsão um arvoredo. Devia, pois, fazer *alguma cousa* antes que elle chegasse! E justamente Jorge escrevera-lhe, que «não se demoraria, que a avisaria pelo telegrapho...» Desejava agora, que do ministerio o mandassem fazer uma viagem mais longe, pela Hespanha ou pela Africa; que alguma catastrophe, sem lhe fazer mal, o retardasse mezes!...

Que faria elle, se soubesse? Matal-a-hia? E lembravam-lhe as palavras d'elle muito sérias, n'aquella noite, quando Ernestinho contára o final do seu drama... Mettel-a-hia n'uma carruagem, leval-a-hia a um convento? E via a grossa portaria fechar-se com um ruido funerario de ferrolhos, olhos lugubres estudal-a curiosamente, vozes tristes impôrem-lhe penitencias...

O seu terror irraciocinado fizera-lhe mesmo perder a idéa nitida de seu marido; imaginava um *ou-*

tro Jorge sanguinario e vingativo, esquecendo o seu caracter bom, tão pouco melodramatico. Um dia foi ao escriptorio, tomou a caixa das pistolas, fechou-a n'um velho bahu de roupa velha, e escondeu a chave!...

Uma idéa amparava-a: era que apenas Sebastião viesse d'Almada, estava salva; e apesar d'aquella agonia miuda de todos os momentos, quasi receiava saber *que elle tivesse chegado!* — tanto a confissão da verdade lhe parecia uma agonia maior! Foi por esse tempo, então, que lhe veio uma lembrança — escrever a Bazilio. O terror permanente amollecera-lhe o orgulho, como a lenta infiltração da agua faz a uma parede; e todos os dias começou a achar uma razão, *mais uma,* para se dirigir «áquelle infame»: fôra seu amante, já sabia todo o caso das cartas, era o seu unico parente... E não teria de «dizer» a Sebastião! Já ás vezes pensava que não aceitar dinheiro de Bazilio fôra uma «fanfarronada bem tôla!» E um dia emfim escreveu-lhe. Era uma carta longa, um pouco confusa, e pedia-lhe *seiscentos mil reis.* Foi ella mesmo leval-a ao correio, sobrecarregando-a d'estampilhas.

N'essa tarde, por acaso, Sebastião, que chegára d'Almada, veio vêl-a. Recebeu-o quasi com alegria, feliz *por não ter de lhe contar*... Fallou da volta de Jorge; alludiu ainda ao primo Bazilio, á «pouca vergonha da visinhança...»

— Não — disse — é a primeira cousa que hei-de contar ao Jorge.

BIBLIOTECA NACIONAL

Porque se considerava salva, agora! E todos os dias seguia a carta — no seu caminho — como se a sua mesma vida fosse dentro d'aquelle sobrescripto entregue ao acaso dos trens e á confusão das viagens! Chegára a Madrid, depois a Bayonna, depois a Paris! Um carteiro corria a entregal-a na rua Saint-Florentin. Bazilio abria-a tremendo, enchia um sobrescripto de notas, muitas, que cobria de beijos, e o enveloppe, trazendo a sua salvação e o seu descanço, começava a rolar para baixo, pela França e pela Navarra, vindo, soprando como um monstro e apressando-se como um proprio.

No dia em que a resposta *devia* chegar, levantou-se mais cedo, agitada, com o ouvido pregado na porta, esperando o toque do carteiro. Via-se já a expulsar Juliana, a soluçar de alegria. Mas ás dez e meia começou a estar nervosa: ás onze chamou Joanna «que fosse saber se o carteiro passára».

— Diz que sim, minha senhora, que já passou.

— Canalha! — murmurou, pensando em Bazilio.

Talvez todavia não tivesse respondido no mesmo dia! Esperou ainda, mas desconsolada, já sem fé. Nada! Nem na outra manhã, nem nas seguintes! O infame!

Veio-lhe então a idéa da loteria — porque insensivelmente a esperança tornára-se-lhe necessaria. E na primeira vez que sahiu comprou umas poucas de cautelas. Apesar de não ser religiosa nem supersticiosa, metteu-as debaixo da peanha d'um S. Vicente de Paulo que tinha sobre a commoda, na al-

cova. *Não se perdia nada!* E sommava os algarismos a vêr se davam *nove, noves fóra nada,* ou um numero par — que é de bom agouro! E aquelle contacto diario com a imagem do santo levando-a a pensar de certo na protecção inesperada do céo, fez uma promessa de cincoenta missas se as cautelas fossem premiadas!...

Sahiram brancas — e então desesperou de tudo, abandonou-se a uma inacção em que sentia quasi uma voluptuosidade, passando dias sem se importar, quasi sem se vestir, desejando morrer, devorando nos jornaes todos os casos de suicidios, de fallencias, de desgraças — consolando-se com a idéa de que nem só ella soffria, e que a vida em redor, na cidade, fervilhava de afflicções.

Ás vezes, de repente, vinha-lhe uma pontada de medo. — Decidia-se então a « abrir-se » com Sebastião; depois pensava que seria melhor escrever-lhe; mas não achava as palavras, não conseguia arranjar uma historia racional, vinha-lhe uma cobardia; e recahia na sua inercia, pensando: « ámanhã, ámanhã... »

Quando, só, no seu quarto, se chegava por acaso á janella — punha-se a pensar no que « diria a visinhança, quando se soubesse! » Condemnal-a-hiam? Lamental-a-hiam? Diriam — « Que desavergonhada? » Diriam — « Coitadinha »? E por dentro da vidraça seguia, com um olhar quasi aterrado, as passeatas do Paula pela rua, o embasbacamento obeso da carvoeira, as Azevedos por traz das bambinellas de cassa! Como elles gritariam: — « Bem diziamos nós!

*

Bem diziamos nós! » Que desgraça! Ou então via de repente Jorge, terrivel, fóra de si, com as *cartas* na mão; e encolhia-se como se já estivesse sob a colera dos seus punhos fechados.

Mas o que a torturava mais era a tranquillidade de Juliana — espanejando, varrendo, servindo-a ao jantar d'avental branco. Que tencionava ella? Que preparava ella? Ás vezes vinha-lhe uma onda de colera; se fosse forte ou corajosa, de certo luctaria com ella, procuraria arrancar-lhe a carta brutalmente, com as mãos. Mas pobre d'ella, era « uma mosquinha »!

Justamente, uma d'essas manhãs, Juliana entrou no quarto — com o vestido de sêda preto no braço. Estendeu-o na *causeuse,* e mostrou a Luiza, na saia, ao pé do ultimo folho, um rasgão largo que parecia feito com um prego e vinha saber se a senhora queria que o mandasse á costureira.

Luiza lembrava-se bem, rasgára-o uma manhã no *Paraiso* a brincar com Bazilio!

— Isto é facil d'arranjar — dizia Juliana, passando de leve a mão espalmada sobre a sêda, com a lentidão d'uma caricia. — É muito facil d'arranjar!

Luiza examinava-o, hesitando; e de repente:

— Elle tambem já não está novo. Olhe, guarde-o p'ra vossê!

Juliana estremeceu, fez-se vermelha:

— Oh minha senhora! — exclamou. — Muito agradecida! É um rico presente. Muito agradecida, minha senhora! Realmente... — E a voz perturbava-se-lhe.

Tomou-o nos braços, com cuidado, correu logo á cozinha. E Luiza, que a seguira pé ante pé, ouviu-a dizer toda excitada:

— É um rico presente, é o que ha de melhor. E novo! Uma rica sêda! — E fazia arrastar a cauda pelo chão, com um *frou-frou*. Sempre o invejára: sonhára ás vezes com elle: e tinha-o agora, era o *seu* vestido de sêda! — É de muito boa senhora, snr.ª Joanna, é d'um anjo!

Luiza voltou ao quarto, toda alvoroçada; era como uma pessoa perdida n'uma planicie nocturna e perigosa — que de repente, ao longe, vê reluzir um clarão de vidraça! Estava salva! Era presenteal-a, era fartal-a! E começou a pensar no que lhe podia dar mais, pouco a pouco: o vestido rôxo, roupas brancas, o roupão velho, uma pulseira!...

D'ahi a dous dias — era um domingo — recebeu um telegramma de Jorge: « Parto ámanhã do Carregado. Chego pelo comboio do Porto ás 6. » Que sobresalto! Voltava, emfim!

Era nova, era amorosa — e no primeiro momento todos os sustos, as inquietações desappareceram sob uma sensação d'amor e de desejo, que a inundou. Viria de madrugada, encontral-a-hia deitada, — e já pensava na delicia do seu primeiro beijo!... Foi-se vêr ao espelho: estava um pouco magra, talvez, com a physionomia um pouco fatigada... E a imagem de

Jorge apparecia-lhe então muito nitidamente, com os seus olhos pretos, o seu cabello anellado. Que estranha cousa! Nunca lhe appetecêra tanto vêl-o. Foi logo occupar-se d'elle: vêr se o escriptorio estava bem arranjado; quereria um banho morno, seria necessario aquecer a agua na tina grande!... E ia e vinha, alvoroçada, com um brilho exaltado nos olhos.

Mas a voz de Juliana, no corredor, fêl-a estremecer. Que faria ella, a mulher? Ao menos que a deixasse n'aquelles primeiros dias gozar a volta de Jorge, tranquillamente. Veio-lhe uma audacia e chamou-a.

Juliana entrou, com o vestido de sêda novo, a cuia dos dias santos, o cabello muito lustroso de pomada arrepanhado nas fontes, aprumada, movendo-se com cuidado.

— Quer alguma cousa, minha senhora?

— O snr. Jorge volta ámanhã — disse Luiza.

E suspendeu-se; o coração batia-lhe fortemente.

— Ah! — fez Juliana. — Bem, minha senhora. — E ia sahir.

— Juliana! — fez Luiza, com a voz quasi abafada.

A outra voltou-se, surprehendida.

E Luiza batendo com as mãos, n'um movimento afflictivo:

— Mas vossê ao menos n'estes primeiros dias... Eu hei-de arranjar, esteja certa!...

Juliana acudiu logo:

— Oh minha senhora! Eu não quero dar desgos-

tos a ninguem. O que eu quero é um bocadinho de pão para a velhice. Da minha bocca não ha-de vir mal a ninguem. O que peço á senhora é que se fôr da sua vontade e me quizer ir ajudando...

— Lá isso, sim... O que vossê quizer...

— Pois póde estar certa que esta bocca... — E fechou os labios com os dedos.

Que alegria para Luiza! Tinha uns dias, umas semanas, emfim, sem tormentos, com o *seu* Jorge! Abandonou-se então toda á deliciosa impaciencia de o vêr. Era singular — mas parecia-lhe que o amava mais!... Era como se elle trouxesse «uma lua de mel!» — E depois pensaria, veria, daria outros presentes a Juliana, poderia pouco a pouco preparar Sebastião... Quasi se sentia feliz.

De tarde Juliana veio dizer-lhe, com um sorriso:

— A snr.ª Joanna sahiu, que era hoje o seu dia, mas eu tinha tanta precisão de sahir, tambem! se a senhora lhe não custasse ficar só...

— Não! Fico, que tem? Vá, vá!

E, d'ahi a pouco, sentiu-a bater os tacões no corredor, fechar com ruido a cancella.

Então de repente uma idéa deslumbrou-a, como a fulguração d'um relampago: — ir ao quarto d'ella, rebuscar-lhe a arca, roubar-lhe as cartas!

Viu-a da janella dobrar a esquina, e ficou hesitando, palpitando de susto e d'esperança. Subiu ao sotão, devagar, escutando, com o coração aos saltos. A porta do quarto de Juliana estava aberta e vinha de lá um cheiro de mofo, de rato e de roupa enxo-

valhada que a enjoou; pelo postigo entrava uma luz triste, de tarde escura; e por baixo encostada á parede estava a arca! Mas estaria fechada, de certo! Desceu correndo, veio buscar o seu mólho de chaves... Sentia uma vergonha, uma repugnancia — mas se achasse as cartas! e aquella esperança davalhe um atrevimento, como um vinho alcoolico. Começou a experimentar as chaves; a mão tremialhe, magoava os dedos no grosseiro fecho de ferro; de repente a lingueta, com um estalinho secco, cedeu! Ergueu-se, tremula. Estavam alli, talvez! E então com cautela, muito femininamente, começou a tirar as cousas uma por uma, pondo-as em cima do colxão: — o vestido de merino; um leque com figuras douradas, embrulhado em papel de sêda; velhas fitas rôxas e azues, passadas a ferro; uma pregadeira de setim côr de rosa, com um coração bordado a matiz; dous frasquinhos de cheiro, intactos, tendo collado ao vidro raminhos de rosas de papel recortado; tres pares de botinas embrulhadas em jornaes; a roupa branca: e de tudo se exhalava um cheiro de madeira e de folhas de maçã camoeza. Entre duas camisas estava um maço de cartas atadas com um nastro... Nenhuma era d'ella! Nem de Bazilio! Eram d'uma letra d'aldêa, inintelligivel e amarellada. Que raiva! E ficou a olhar para a arca vazia, de pé, com os braços tristemente cruzados.

Uma sombra de repente passou diante do postigo. Estremeceu, aterrada. Era um gato, que com passos leves, vadiava pelo telhado. — Começou a re-

pôr tudo, com as mesmas dobras, fechou a arca, ia a sahir, mas lembrou-se de procurar na gaveta da mesa e debaixo do travesseiro. Nada! Impacientou-se então; não se queria ir sem ter gasto toda a esperança; desmanchou a roupa da cama, remexeu a palha amollentada do enxergão, sacudiu as velhas botinas, esgaravatou os cantos... Nada! Nada!

De repente a campainha tocou. Desceu a correr. Que surpreza! Era D. Felicidade.

— És tu! Como estás tu? Entra.

Estava melhor, veio logo cantando pelo corredor. Sahira na vespera da Encarnação: o pé ás vezes ainda lhe fazia mal: mas graças a Deus estava escapa! E que lhe agradecesse, era a sua primeira visita!

Entraram no quarto. Luiza accendeu as velas.

— E como me achas tu, hein? — perguntou D. Felicidade, pondo-se diante d'ella.

— Um bocadito mais pallida.

Ai! tinha soffrido muito! Ergueu a saia, mostrou o pé calçado n'um sapato largo; obrigou Luiza a apalpal-o; e contou logo as despezas com o medico, as promessas que fizera... Que uma consolação lhe restava: é que toda a Lisboa a fôra vêr! Graças a Deus! Toda a Lisboa, o que ha de melhor em Lisboa!

— E tu esta semana — acrescentou — nem appareceste! Pois olha que te cortaram na pelle...

— Não pude, filha. O Jorge chega ámanhã, sabias?

— Ah sua brejeira! Viva! Está esse coraçãosinho aos pulos! — E disse-lhe um segredinho.

Riram muito.

— Pois eu — continuou D. Felicidade sentando-se — arranjei-te hoje a partida. Encontrei esta manhã o conselheiro, que me disse que vinha. Encontrei-o aos Martyres! Olha que foi sorte, logo no primeiro dia que sahi! E um bocado adiante dou com o Julião: diz que tambem vinha!... — E com uma voz desfallecida:

— Sabes? tomava uma colherinha de dôce...

Foi Luiza que abriu a porta ao conselheiro e a Julião, que se tinham encontrado na escada, dizendo-lhes a rir:

— Hoje sou eu o guarda-portão!

E D. Felicidade, na sala, para disfarçar a perturbação que lhe deu o espectaculo amado da pessoa d'Accacio, começou, fallando muito, a censural-a «por deixar assim sahir no mesmo dia as duas criadas...»

— E se te achares incommodada, filha, se te dér alguma cousa?

Luiza ria, dizia que «não era affecta a fanicos».

Todavia achavam-na abatida. E o conselheiro, com interesse:

— Tem continuado a soffrer dos dentes, D. Luiza?

Admiraram-se muito. Era a primeira vez que tal ouvia! — exclamou logo D. Felicidade. E Julião de-

clarou que raras vezes vira uma dentição tão perfeita.

O conselheiro apressou-se a citar:

Em labios de coral, perolas finas...

E acrescentou:

— Pois a ultima vez que tive a honra d'estar com D. Luiza, viu-se tão repentinamente afflicta com um dente, que teve d'ir a correr chumbal-o ao Vitry!

Luiza estava «sobre brazas». Felizmente a campainha tocou; e dizendo que devia ser a Joanna, foi abrir.

— É verdade — continuou o conselheiro — tinhamos feito um delicioso passeio, quando de repente D. Luiza empallidece, e parece que a dôr era tão urgente, que se precipitou para a escada do dentista, como louca...

A proposito de dôres, D. Felicidade, que estava anciosa por interessar, commover o conselheiro, começou a historia do seu pé: disse a queda, o milagre de não ter morrido, as visitas assiduas de condessas e viscondessas, o susto em toda a Encarnação, os cuidados do bom dr. Caminha...

— Ai! soffri muito! — suspirou, com os olhos no conselheiro, para provocar uma palavra sympathica.

Accacio, então, disse com authoridade:

— É sempre um erro, ao descer uma escada ingreme, não procurar o apoio do corrimão.

— Mas podia ter morrido! — exclamou ella. E voltando-se para Julião: — Pois não é verdade?

— N'este mundo morre-se por qualquer cousa — disse elle enterrado n'uma poltrona, fumando voluptuosamente. — Elle mesmo estivera n'aquella tarde para ser atropellado por um trem: destinára o domingo para se dar *um feriado,* e fizera um grande passeio pela circumvallação.

— Ha mais d'um mez vivo no meu cubiculo, como um frade benedictino na livraria do seu convento — disse quebrando, complacentemente, a cinza do cigarro sobre o tapete.

O conselheiro quiz então saber o assumpto da these. E apenas Julião lhe disse: « Sobre physiologia, snr. conselheiro », Accacio observou logo, com uma voz profunda:

— Ah! physiologia! Deve ser então de grande magnitude! E presta-se mais ao estylo ameno.

Queixou-se, tambem, de « vergar ao peso dos seus trabalhos litterarios », acrescentando com bonhomia:

— Esperemos todavia, snr. Zuzarte, que não serão infructiferas as nossas vigilias!

— As suas, snr. conselheiro, as suas! — E com interesse: — Quando nos dá o seu novo trabalho? Ha sofreguidão em o vêr!

— Ha alguma sofreguidão — concordou o conselheiro com seriedade. — Ha dias me dizia o snr. ministro da justiça (esse robustissimo talento), ha dias me dizia, me fazia a honra de me dizer: Dê-nos depressa o seu livro, Accacio, estamos precisados de

luz, de muita luz! Foi assim que elle disse. Eu inclinei-me, naturalmente, e respondi: Snr. ministro, não serei eu que a negue ao meu paiz, quando o meu paiz a necessitar!

— Muito bem, muito bem, conselheiro!

— E — acrescentou — dir-lhes-hei, aqui em família, que o nosso ministro do reino me deixou entrevêr n'um futuro não remoto, a commenda de S. Thiago! — E calou-se, commovido, limpando os beiços com o seu lenço de sêda.

— Já lh'a deviam ter dado, conselheiro — disse Julião, divertindo-se. — Mas n'este desgraçado paiz... Já a devia ter ao peito, conselheiro!

— Ha que tempos! — exclamou com força D. Felicidade.

— Obrigado, obrigado! — balbuciou o conselheiro, rubro. E na expansão do seu jubilo offereceu, com uma familiaridade agradecida, a sua caixa de rapé a Julião.

— Tomarei para espirrar — disse elle.

Sentia-se n'aquella tarde n'uma disposição benevola: o trabalho e as altas esperanças que elle lhe dava tinham de certo dissipado o seu azedume: parecia até ter esquecido a sua humilhação, quando encontrára alli, n'aquella sala, o primo Bazilio: mesmo apenas Luiza entrou, perguntou-lhe por elle; e o seu olhar era malicioso e sondador através das lunetas escuras.

— Partiu para Paris, não sabiam? ha que tempos!

D. Felicidade e o conselheiro fizeram logo o elogio de Bazilio. Tinha ido deixar bilhetes de visita a ambos — o que encantára D. Felicidade, e ensoberbecera o conselheiro. Era um verdadeiro fidalgo! — exclamava ella. E Accacio affirmou com authoridade:

— E uma voz de barytono, digna de S. Carlos!

— E muito elegante! — disse D. Felicidade.

— Um *gentleman!* — resumiu o conselheiro.

Julião calado bamboleava a perna: agora, áquelles elogios, o seu despeito renascia um pouco: lembrava a seccura cortante de Luiza n'aquella manhã; as *poses* do outro. E não resistiu a dizer:

— Um pouco sobrecarregado nas joias e nos bordados das meias. De resto é moda no Brazil, creio...

Luiza córou; teve-lhe odio. E começou a fallar de Sebastião.

D. Felicidade não o via havia um seculo; e lamentava, porque era uma pessoa que lhe dava saude, só vêl-a.

— É uma grande alma — disse com emphase o conselheiro. — Todavia censurava-o um pouco por não se occupar, não se tornar util ao seu paiz. — Porque emfim — declarou — o piano é uma bonita habilidade, mas não dá uma posição na sociedade. — Citou então Ernestinho, que, posto que dando-se á arte dramatica, era todavia (e a sua voz tornou-se grave), segundo todas as informações, um excellente empregado aduaneiro...

Que fazia elle, Ernestinho? — perguntaram.

Julião tinha-o encontrado. Dissera-lhe que a *Honra e Paixão* ia d'ahi a duas semanas, já se estavam a imprimir os cartazes, e que na rua dos Condes já lhe não chamavam senão o *Dumas filho portuguez!* E o pobre rapaz crê-se realmente um *Dumas filho!*

— Não conheço esse author — disse com gravidade o conselheiro — posto que me pareça, pelo nome, ser filho do escriptor que se tornou famoso pelos *Tres Mosqueteiros* e outras obras de imaginação!... Mas, de resto, o nosso Ledesma é um esmerado cultor da arte dos Corneilles! Não lhe parece, D. Luiza?

— Sim — disse ella com um sorriso vago.

Parecia preoccupada. Fôra já duas vezes á porta do quarto vêr as horas que eram: quasi dez, e Juliana sem voltar! Emfim, não se conteve, correu á cozinha, dissé á Joanna que fosse ella arranjando o chá, fazendo as torradas... A mulher não podia tardar. Ella mesmo foi pôr as chavenas no taboleiro, armar o paliteiro... E quando voltou á sala um pouco inquieta notou um silencio enfastiado... — Queriam que fosse tocar?

Mas D. Felicidade que olhava ao pé de Julião as gravuras do Dante, illustrado por G. Doré, que elle folheava, com o volume sobre os joelhos, exclamou, de repente:

— Ai que bonito! que é? Muito bonito! Viste, Luiza?

Luiza aproximou-se.

— É um caso d'amor infeliz, snr.ª D. Felicidade — disse Julião. — É a historia triste de Paulo e Francesca de Rimini. — E explicando o desenho: — Aquella senhora sentada é Francesca: este moço de guedelha, ajoelhado aos pés d'ella, e que a abraça, é seu cunhado, e, lamento ter de o dizer, seu amante. E aquelle barbaças, que lá ao fundo levanta o reposteiro e saca da espada, é o marido que vem, e zás! — E fez o gesto de enterrar o ferro.

— Safa! — fez D. Felicidade, arripiada — E aquelle livro cahido o que é? Estavam a lêr?...

Julião disse discretamente:

— Sim... Tinham começado por lêr, mas depois...

Quel giorno più no vi leggiemi avante,

o que quer dizer: — *E nós não lêmos mais em todo o dia!*

— Pozeram-se a derriçar — disse D. Felicidade com um sorriso.

— Peor, minha rica senhora, peor! Porque segundo a mesma confissão de Francesca, este moço, o da guedelha, o cunhado,

La bocca me baccio tutto tremante,

o que significa: — *A bocca me beijou tremendo todo...*

— Ah! — fez D. Felicidade, com um olhar rapido para o conselheiro. — É uma novella?

— É o Dante, D. Felicidade — acudiu com severi-

dade o conselheiro — um poema epico classificado entre os melhores. Inferior, porém, ao nosso Camões!

— Que n'essas historias estrangeiras os maridos matam sempre as mulheres! — exclamou ella. E voltando-se para o conselheiro: — Pois não é verdade?

— Sim, D. Felicidade, repetem-se lá fóra com frequencia essas tragedias domesticas. O desenfreamento das paixões é maior. Mas entre nós, digamol-o com orgulho, o lar é muito respeitado. Assim eu, por exemplo, em todas as minhas relações em Lisboa, que são numerosas, graças a Deus, não conheço senão esposas modêlos. — E com um sorriso cortezão: — de que é de certo a flôr a dona da casa!

D. Felicidade revirou os olhos para Luiza que estava encostada á cadeira d'ella, por traz, e batendo-lhe no braço:

— Isto é uma joia! — disse com amor.

— E de resto — acudiu o conselheiro — o nosso Jorge merece-o. Porque, como diz o poeta:

> Seu coração é nobre, e a fronte altiva
> Revela-lhe da alma a pura essencia.

Aquella conversação torturava Luiza. Sentia fazer-se escarlate. E ia sentar-se ao piano, quando D. Felicidade exclamou: — Dize cá, então não se toma hoje chá n'esta casa?

Luiza foi outra vez á cozinha. Disse a Joanna que viesse ella com o chá, ella mesmo. — E d'ahi a

pouco Joanna, d'avental branco, muito vermelha, atarantada, entrou com o taboleiro.

— E a Juliana? — perguntou logo D. Felicidade.

— Sahiu, coitada — explicou Luiza — tem andado doente...

— E anda-te então por fóra até estas horas?... Boa! Até desacredita uma casa...

O conselheiro tambem achava imprudente:

— Porque emfim as tentações são grandes n'uma capital, minha senhora!

Julião exclamou, rindo:

— Não, se aquella é tentada, descreio para sempre e totalmente, dos meus contemporaneos.

— Oh snr. Zuzarte! — acudiu o conselheiro, quasi severamente — referia-me a outras tentações: entrar, por exemplo, n'uma loja de bebidas, appetecer-lhe ir ao Circo e desleixar os seus deveres...

Mas D. Felicidade exhalava todo o seu odio a Juliana: achava-lhe cara de Judas, tinha ar de ser capaz de tudo...

Luiza defendeu-a: era muito serviçal, muito boa engomadeira...

— Mas anda-te pela rua até ás onze da noite! Credo! Fosse commigo!

— E creio — observou o conselheiro — que tem uma doença mortal. Não é verdade, snr. Zuzarte?

— Mortal. Um aneurisma — respondeu Julião, sem levantar os olhos do Dante.

— Ainda para mais! — exclamou D. Felicidade. E abaixando a voz: — Tu o que deves fazer é des-

cartar-te d'ella! Uma criada com uma doença d'essas! Que até lhe póde arrebentar a vir dar um copo d'agua á gente. Cruzes!

O conselheiro apoiava:

— E ás vezes, que embaraços com a authoridade!

Julião fechou o Dante, e disse:

— Eu tem-me esquecido d'avisar o Jorge; mas um dia a creatura cahe-lhes redonda no chão. — E sorveu um gole de chá.

Luiza estava afflicta. Parecia que uma nova complicação se formava para a torturar... Pôz-se a dizer «que era tão difficil arranjar criadas...»

Lá isso era, concordaram.

E começaram a fallar de criados e das suas exigencias. Estavam cada vez mais atrevidos! E em se lhes dando confiança! E que immoralidade!

— Muitas vezes é culpa das amas — disse D. Felicidade. — Fazem das criadas confidentes, e isto, em ellas apanhando um segredo, tornam-se as donas da casa...

Luiza receava que lhe percebessem a alteração da face: as mãos tremulas faziam-lhe tilintar a chavena. Disse, com uma voz affectadamente risonha:

— E o conselheiro, que tal de criados?

Accacio tossiu:

— Bem. Tenho uma pessoa respeitavel, com bom paladar, muito escrupulosa em contas...

— E que não é feia — acudiu Julião. — Assim me pareceu uma vez que fui á rua do Ferregial...

*

Uma vermelhidão tinha-se espalhado pela calva do conselheiro. D. Felicidade fitava-o anciosamente, com o olhar chammejante. E Accacio respondeu com severidade:

— Nunca reparo para a physionomia dos subalternos, snr. Zuzarte.

Houve um silencio. E Julião disse, erguendo-se e enterrando as mãos nos bolsos:

— Foi um grande erro abolir a escravatura.

— E o principio da liberdade? — acudiu logo o conselheiro — E o principio da liberdade? Que os pretos eram grandes cozinheiros, concordo... Mas a liberdade é um bem maior.

E alargou-se em considerações sobre os horrores do trafico.

D. Felicidade inclinára-se ao ouvido de Luiza muito inquieta e:

— Tu conheces a criada do conselheiro?

— Não.

— Será bonita?

Luiza encolheu os hombros.

— Não sei que me diz o coração, Luiza! Estou a abafar!

Que allivio para Luiza quando elles sahiram! O que ella soffrera, lá por dentro, toda aquella noite! Tinha-lhes odio. Que massadores, que idiotas! — E a outra sem vir! Oh que vida a sua!

Foi á cozinha dizer a Joanna:

— Espere pela Juliana, tenha paciencia. Que ella não póde tardar; aquillo a mulher achou-se peor!

Mas passava de meia noite, e já Luiza estava deitada, quando a campainha tocou de leve; depois mais forte; emfim, com impaciencia, violentamente.

A rapariga adormeceu, pensou Luiza; saltou da cama, subiu descalça á cozinha. Joanna, estirada para cima da mesa, resonava ao pé do candieiro de petroleo, que fumegava fetidamente. Sacudiu-a, fêl-a pôr de pé, estremunhada, parva; desceu, correndo, deitar-se; e sentiu d'ahi a pouco, no corredor, a voz de Juliana dizer com satisfação:

— Já está tudo acommodado, hein? Pois eu estive no theatro. Muito bonito! Do melhor, snr.ª Joanna, do melhor!

Luiza adormeceu tarde, e durante toda a noite um sonho inquieto agitou-a: — estava n'um theatro immenso, dourado como uma igreja, alumiado por lustres de velas de cera. Era uma gala: havia enchente. Joias faiscavam sobre seios decotados, condecorações reluziam sobre fardas magestosas. Na tribuna, um rei triste e moço, immovel n'uma attitude rigida e hieratica, sustentava na mão a esphera armillar, e o seu manto de velludo escuro, constellado de pedrarias como um firmamento, espalhava-se em redor em pregas palacianas, fazendo tropeçar a multidão dobrada dos cortezãos pallidos e humildes.

E ella estava no palco, era actriz, debutava no drama d'Ernestinho: e toda nervosa via diante de si na vasta platêa susurrante, fileiras de olhos negros e accesos, cravados n'ella com furor: no meio a calva do conselheiro, d'uma redondeza nevada e nobre,

sobresahia, rodeada como uma flôr d'um vôo amoroso d'abelhas. No palco oscillava a vasta decoração d'uma floresta antiga; ella notava sobretudo, á esquerda, um carvalho secular, d'uma arrogancia heroica — cujo tronco tinha a vaga configuração d'uma physionomia e se parecia com Sebastião.

Mas o contra-regra bateu as palmas: era esguio, parecia-se com D. Quichote, e trazia oculos redondos com aros de lata: brandia o *Jornal do Commercio* torcido em saca-rolhas, e gania: salta a scenasinha de amor! salta-me essa maravilha! Então a orchestra, onde os olhos dos musicos reluziam como granadas e as suas cabelleiras se erriçavam como montões d'estopa, fez resoar com sonoridade melancolica o fado de Leopoldina; e em roda um coro, que se desenrolava aereamente em ondulações balançadas, suspirava:

E quanto mais longe o julgo
Mais d'elle me sinto perto!

Luiza achava-se nos braços de Bazilio que a enlaçavam, a queimavam: e toda desfallecida sentia-se perder, fundir-se n'um elemento quente como o sol e dôce como o mel. — Gozava prodigiosamente. Mas por entre os seus soluços sentia-se toda envergonhada, porque Bazilio repetia no palco, sem pudor, os delirios libertinos do *Paraiso*. Porque consentia ella?

De repente, então, n'uma acclamação immensa o

theatro bradava: Bravo! Bis! bis! Lenços aos milhares esvoaçavam como borboletas brancas n'um campo de trevo: os braços nús das mulheres lançavam com um gesto ondeado ramos de camelias vermelhas: o rei erguera-se espectralmente, e, triste, arremessou como um *bouquet* a sua esphera armillar: e o conselheiro logo, n'um phrenesi, para seguir os exemplos de S. M., desaparafusando rapidamente a calva, atirou-lh'a, com um berro de dôr e de gloria! E o contra-regra gania: — Agradeçam! Agradeçam! Ella curvava-se, os seus cabellos de Magdalena rojavam pelo tablado: e Bazilio, ao seu lado, seguia com olhos vivos os charutos que lhe lançavam, apanhando-os com a graça d'um toureiro e a destreza d'um *clown!*

Subitamente, porém, todo o theatro teve um *ah!* d'espanto. A acclamação cessou bruscamente. Fez-se um silencio ancioso e tragico; e todos os olhos, milhares d'olhos attonitos se fitavam no pano de fundo, onde um caramanchão arqueava a sua estructura toda estrellada de rosinhas brancas. Ella voltou-se tambem como magnetisada, e viu Jorge, Jorge que se adiantava, vestido de luto, de luvas pretas, com um punhal na mão: e a lamina reluzia — menos que os olhos d'elle! Aproximou-se da rampa e curvando-se, disse com uma voz profunda:

— Real magestade, senhor infante, snr. governador civil, minhas senhoras, e meus senhores — agoro é commigo! Reparem n'este trabalhinho!

Caminhou então para ella com passos marmoreos

que faziam oscillar o tablado; agarrou-lhe os cabellos, como um mólho d'herva que se quer arrancar; curvou-lhe a cabeça para traz; ergueu d'um modo classico o punhal; fez a pontaria ao seio esquerdo: e balançando o corpo, piscando o olho, cravou-lhe o ferro!

— Muito bonito! — disse uma voz — Rico trabalho!

E Luiza reconheceu Bazilio que fizera entrar nobremente na platêa o seu phaeton! Direito na almofada, com o chapéo ao lado, uma rosa na sobrecasaca, continha com a mão negligente a inquietação soberba dos seus cavallos inglezes; e ao seu lado, viu sentado, coberto de suas vestes sacerdotaes, o patriarcha de Jerusalem! — Mas Jorge arrancára o punhal todo escarlate; as gotas de sangue corriam até á ponta, coalhavam, cahiam com um som crystallino, punham-se a rolar pelo tablado como continhas de vidro vermelho. Ella estendera-se, exanime, sob o carvalho que se parecia com Sebastião: e então como a terra era dura, a arvore arranjou por baixo d'ella as suas raizes, macias como coxins de pennas; e como o sol a mordia, desdobrou sobre ella as suas ramagens, como os panos d'uma tenda: e das folhas cahiam-lhe sobre os labios sequiosos gotas de vinho da Madeira. Ella via no entanto com terror o seu sangue sahir da ferida, vermelho e forte, correr, alastrar-se, espraiar-se, fazendo poças aqui, ribeirinhos tortuosos além. E toda a platêa berrava:

— O author! Fóra o author!

Então Ernestinho, muito frisado, pallido, appareceu; agradecia soluçando, e muito buliçoso, ás cortezias, saltava aqui, acolá — para não sujar no sangue da prima Luiza os seus sapatinhos de verniz.

Sentiu que ia morrer! E uma voz disse vagamente: — Ólá, como vai isso? — Parecia-lhe de Jorge. D'onde vinha? Do céo, da platêa, do corredor? Um ruido forte, como d'uma mala que se deixa cahir, acordou-a. Sentou-se na cama.

— Bem, deixe ahi — disse a voz de Jorge.

Saltou em camisa. Elle entrava. E ficaram enlaçados, n'um longo abraço, os beiços collados, sem uma palavra. O relogio do quarto dava sete horas.

X

N'esse dia pela uma hora Jorge e Luiza almoçavam, como na vespera da partida d'elle. Mas agora já não pesava a faiscante inclemencia da calma; as janellas estavam abertas ao sol amavel d'outubro; já passavam no ar certas frescuras outonaes; havia uma pallidez meiga na luz; á tardinha já «sabiam bem» os paletots, e tons amarellados começavam a envelhecer as verduras.

— Que bom! Que bom achar-se a gente outra vez no seu ninho! — disse Jorge.

Estivera contando a Luiza a sua viagem. Tinha trabalhado como um mouro; é verdade que tinha ganho dinheiro! Trazia os elementos d'um bello relatorio; creára amigos n'aquella boa gente do Alemtejo; e agora estavam acabadas as soalheiras, as cavalga-

das pelos montados, os quartos d'hospedaria e alli estava emfim na sua casinha. E como na vespera da sua partida, soprava o fumo do cigarro, cofiando com delicias o bigode, — porque tinha cortado a barba! Fôra a grande admiração de Luiza, quando o viu. Elle explicára, com humilhação e melancolia, que tivera um furunculo no queixo, com o calor...

—Mas que bem te fica! — tinha ella dito — que bem que te fica!

Jorge trouxera-lhe como presente seis pratos de louça da China, muito antigos, com mandarins bojudos, de tunicas esmaltadas, suspensos magestosamente no ar azulado; uma preciosidade que elle descobrira em casa d'umas velhas miguelistas, em Mertola. Luiza collocava-os muito decorativamente nas prateleiras do guarda-louça: e em bicos de pés, com a larga cauda do seu roupão estendida por traz, a massa loura do cabello pesado, um pouco desmanchado ainda, sobre as costas — parecia a Jorge mais esbelta, mais irresistivel, e nunca a sua cinta fina lhe attrahira tanto os braços.

— A ultima vez que aqui almocei, antes de partir, foi um domingo, lembras-te?

— Lembro — disse Luiza sem se voltar, collocando muito delicadamente um prato.

— E é verdade — perguntou Jorge de repente — teu primo? Vistel-o? Veio vêr-te?

O prato escorregou, houve um tlin-tlin de copos.

— Sim, veio — disse Luiza, depois d'um silencio

— esteve ahi umas poucas de vezes. Demorou-se pouco...

Abaixou-se, abriu o gavetão do guarda-louça, esteve a remexer nas colheres de prata, com o seu roupão quebrado em roda d'ella, em pregas molles. Ergueu-se, emfim, voltou-se com um sorriso, vermelha, sacudindo as mãos:

— Prompto!

E foi sentar-se nos joelhos d'elle.

— Como te fica bem! — dizia, torcendo-lhe o bigode. E admirava-o d'um modo ardente. Quando se atirára aos seus braços n'aquella madrugada, sentira como abrir-se o coração, e um amor repentino revolver-lh'o deliciosamente; viera-lhe um desejo de o adorar perpetuamente, de o servir, de o apertar nos braços até lhe fazer mal, de lhe obedecer com humildade; era uma sensação multipla, de uma doçura infinita, que a traspassára até ás profundidades do seu seio. E passando-lhe um braço pelo pescoço, murmurava com um movimento d'uma adulação quasi lasciva:

— Estás contente? Sentes-te bom? Dize!

Nunca lhe parecera tão bonito, tão bom; e a sua pessoa dava-lhe as admirações, os enlevos d'uma paixão nova.

— É o snr. Sebastião — veio dizer Juliana toda risonha para Jorge.

Jorge deu um pulo, afastou Luiza bruscamente, atirou-se pelo corredor gritando:

— Aos meus braços! aos meus braços, scelerado!

D'ahi a dias, uma manhã que Jorge sahira para o ministerio, Juliana entrou no quarto de Luiza, e fechando a porta devagarinho, com uma voz muito amavel:

— Eu desejava fallar á senhora n'uma cousa.

E começou logo a dizer: — que o seu quarto em cima no sotão era peor que uma enxovia; que não podia lá continuar: o calor, o mau cheiro, os persevejos, a falta d'ar, e no inverno a humidade matavam-na! Emfim, desejava mudar p'ra baixo, p'ra o quarto dos bahus.

O *quarto dos bahus* tinha uma janella nas trazeiras; era alto e espaçoso; guardavam-se alli os oleados de Jorge, as suas malas, os paletots velhos, e veneraveis bahus do tempo da avó, de couro vermelho com pregos amarellos.

— Eu ficava alli como no céo, minha senhora!

Mas aonde se haviam de pôr os bahus?

— No meu quarto, em cima. — E com um risinho: — Os bahus não são gente, não soffrem...

Luiza disse um pouco embaraçada:

— Bem, eu verei, eu fallarei ao snr. Jorge.

— Conto com a senhora.

Mas apenas n'essa tarde Luiza explicou a Jorge «a ambição da pobre de Christo», elle deu um salto:

— O quê? Mudar os bahus? Está douda!

Luiza então insistiu: era o sonho da pobre crea-

tura desde que viera para a casa! Enterneceu-se. Não, elle não imaginava, ninguem imaginava o que era o quarto da pobre mulher! O cheiro empestava, os ratos passeavam-lhe pelo corpo, o forro estava roto, chovia dentro; fôra lá ha dias, e ia tombando para o lado.

— Santo Deus! Mas isso é o que minha avó contava das enxovias d'Almeida! Muda-a, muda-a, depressa, filha!... Porei os meus ricos bahús no sotão.

E quando Juliana soube o *favor:*

— Ai, minha senhora, é a vida que me dá! Deus lh'o pague! Que eu não tinha saude para viver n'um cacifro d'aquelles.

Porque ultimamente, queixava-se muito: andava mais amarella, com os beiços um pouco arroxeados: tinha dias d'uma tristeza negra, ou d'uma irritabilidade morbida: e os pés nunca lhe aqueciam.

Precisava muitos cuidados, muitos cuidados!...

Foi por isso que d'ahi a dous dias veio pedir a Luiza, «se fazia o favor d'ir ao quarto dos bahús»: e lá, mostrando-lhe o soalho velho e carunchoso:

— Isto não póde ficar assim, minha senhora, isto precisa uma esteira senão, não vale a pena mudar. Eu se tivesse dinheiro não importunava a senhora, mas...

— Bem, bem, eu arranjarei — disse Luiza com uma voz paciente.

E pagou a esteira, sem dizer nada a Jorge. Mas na manhã em que os esteireiros a pregavam Jorge

ouviu as martelladas, veio perguntar attonito a Luiza o que era aquillo, «rolos d'esteira no corredor»?

Ella pôz-se a rir, pousou-lhe as mãos sobre os hombros:

— Foi a pobre Juliana que pediu como uma esmola a esteira, que o soalho estava podre. Até a queria pagar, e que eu lh'a descontasse nas soldadas. Ora por uma ridicularia... — E com um gesto compassivo: — Tambem são creaturas de Deus, não são escravas, filho!

— Magnifico! E que não tardem os espelhos e os bronzes! — E rindo: — Mas que mudança foi essa, tu que a não podias vêr?

— Coitada — fez Luiza — reconheci que era boa mulher. E como estive tão só, dei-me mais com ella. Não tinha com quem fallar, fez-me muita companhia. Até quando estive doente...

— Estiveste doente? — exclamou Jorge espantado.

— Oh! tres dias, só — acudiu ella — uma constipação. Pois olha que dia e noite não se tirou d'ao pé de mim.

Mas Luiza ficou com receio que Jorge fallasse *na doença,* e Juliana desprevenida negasse; por isso, n'essa tarde, ao escurecer, disse-lhe no quarto:

— Eu disse ao snr. Jorge que vossê me tinha feito muito boa companhia n'uma doença... — E o seu rosto abrazava-se de vergonha.

Juliana acudiu logo risonha, contente da cumplicidade:

— Fico entendida, minha senhora! Póde estar socegada.

Com effeito Jorge, ao outro dia, depois do café, n'uma boa disposição, voltou-se para Juliana, e com bondade:

— Parece que vossê fez boa companhia á snr.ª D. Luiza.

— Fiz o meu dever — exclamou, curvando-se com a mão no peito.

— Bem, bem — fez Jorge, remexendo no bolso; e ao sahir da sala metteu-lhe na mão meia libra.

Ella seguiu-o com um olhar maligno, fazendo saltar a meia libra na mão:

— Palerma! — rosnou com desprezo.

E d'ahi a tempos começou a queixar-se a Luiza, que a roupa e os vestidos, na arca, se lhe amarfanhavam: estava-se-lhe a estragar tudo! Se ella tivesse dinheiro, não vinha com aquelles pedidos á senhora, mas... E declarou terminantemente que precisava uma commoda.

Luiza sentia uma raiva accender-lhe o sangue. E sem levantar os olhos do bordado:

— Uma meia commoda?

— Se a senhora quer fazer o favor, então uma commoda inteira...

— Mas vossê tem pouca roupa — exclamou Luiza. — Começava a installar-se na humilhação e já regateava as condescendencias.

— Tenho, sim, minha senhora — disse Juliana;

e acrescentou com satisfação: — Mas vou agora completar-me!

A commoda foi comprada em segredo, e introduzida occultamente. Que dia de felicidade para Juliana! Olhava-a com ternura: saboreava-lhe o cheiro do verniz novo: passava a mão, com a tremura d'uma caricia, sobre o polimento luzidio. Forrou-lhe as gavetas de papel de sêda e *começou a completar-se!*

Foram semanas d'amargura para Luiza.

Juliana entrava no quarto todas as manhãs, muito comprimenteira, começava a arrumar, a espanejar, e de repente com uma voz piedosa:

— Ai! estou tão falta de camisas! se a senhora me podesse ajudar...

Luiza ia ás suas gavetas, cheias, cheirosas, alvejantes, e começava melancolicamente a pôr á parte as peças mais usadas. Adorava a sua roupa branca: tinha tudo ás duzias, com lindas marcas, *sachets* para perfumar; e aquellas dadivas dilaceravam-n'a como mutilações. Juliana, sentindo-a «molle» exagerava, pedia com seccura, com direito:

— Que bonita que é esta camisinha! — dizia simplesmente. — A senhora não a quer, não?

— Leve, leve! — E Luiza sorria, por orgulho, para não se mostrar violentada.

E todas as noites Juliana fechada no seu quarto,

encruzada na esteira, inchada d'alegria, com o candieiro sobre uma cadeira, desmarcava roupa, desfazendo as duas letras de Luiza, marcando voluptuosamente as suas, a linha vermelha, enormes — *J. C. T.* — Juliana Couceiro Tavira!

Mas emfim cessou, porque, como ella dizia, «de roupa branca estava como um ovo».

— Agora, se a senhora me quizer ajudar com alguma cousa para sahir...

E Luiza começou a *vestil-a*.

Deu-lhe um vestido roxo de sêda, um casaco de casimira preta, com bordados a *soutache*. Mas receando que Jorge estranhasse as generosidades, transformava-as para elle as não reconhecer: mandou tingir de castanho o vestido, ella mesmo por sua mão pôz uma guarnição de velludo no casaco. Trabalhava para ella, agora! — Como acabaria tudo aquillo, santo Deus?

Todavia Jorge um domingo disse ao jantar, rindo:

— Esta Juliana anda uma janota! Prospera a olhos vistos.

D. Felicidade, á noite, tambem notou:

— Que *chic!* Nem uma criada do paço!

— Coitada! cousas que ella aproveita...

Prosperava com effeito. Não punha na cama senão lençoes bons. Tinha reclamado colxões novos, um tapete para os pés da cama, felpudo! Os *sachets* que perfumavam a roupa de Luiza iam passando para a dobra das suas calcinhas. Tinha cortinas de caça na

janella, apanhadas com velhas fitas de sêda azul; e sobre a commoda dous vasos da Vista Alegre dourados! Emfim um dia santo — em lugar da *cuia* de retroz, appareceu com um *chignon* de cabello!

Joanna pasmava d'aquella tafularia: attribuia-a á bondade da senhora, e resentia-se de ser «esquecida». Andava amuada, suspirava. Um dia mesmo, que Luiza estava na cozinha, disse com a voz que o despeito engrossava:

— Para umas tudo, para outras nada. — E o ciume punha-lhe nas palpebras uma tremura de lagrimas.

Luiza riu, disse:

— Tolices! Eu sou a mesma para todas.

Mas reflectiu: Joanna podia ter desconfianças tambem, ter ouvido *alguma cousa* a Juliana... E logo ao outro dia para a conservar contente e amiga deu-lhe dous lenços de sêda, depois dous mil reis para um vestido; e a cada momento licença para sahir á noitinha *a casa d'uma tia...*

E a Joanna ia por toda a parte fallando da «senhora que era um anjo». Na rua, de resto, tinha-se notado o luxo de Juliana. Sabia-se do «quarto novo»: dizia-se baixo que tinha alcatifa! E o Paula decidiu, com indignação, «que alli positivamente havia marosca». Mas ella uma tarde, diante do Paula e da estanqueira, explicou, acalmou as suspeitas.

— Ora! dizem que tenho isto e aquillo. Não é tanto! Tenho as minhas commodidades. Mas tambem a maneira como eu lhes tratei a tia, de dia e de

noite, sem arredar pé... Por mais que façam não me pagam, que arruinei a minha saude!

Assim se justificou a prosperidade de Juliana. Era a familia agradecida, dizia-se; tratavam-na como parenta!

E, pouco a pouco, a casa do « Engenheiro » teve para os criados da visinhança a vaga seducção d'um paraiso: dizia-se que as soldadas eram enormes, havia vinho á discrição, recebiam-se presentes todas as semanas, ceiava-se todas as noites caldo de gallinha! Cada um invejava aquella « pechincha ». Pela inculcadeira, a fama da casa do « Engenheiro » alargou-se. Creou-se uma legenda.

Jorge, attonito, recebia todos os dias cartas de pessoas offerecendo-se para criados de quarto, criadas de dentro, cozinheiros, escudeiros, governantas, cocheiros, guarda-portões, ajudantes de cozinha... Citavam as casas titulares e luxuosas de que tinham sahido; pediam audiencia; suspeitando certas cousas uma bonita criada de quarto juntou a sua photographia; um cozinheiro trouxe uma carta d'empenho do director geral do ministerio.

— Estranho caso! — dizia Jorge, pasmado — disputam-se a honra de me servir! Imaginarão que me sahiu a sorte grande?

Mas não dava muita attenção áquella singularidade. Vivia muito occupado: escrevia o seu relatorio; e todos os dias sahia ao meio-dia, voltava ás seis, com rolos de papeis, mappas, brochuras, fatigado, berrando pelo jantar, radioso.

Contou o *caso*, todavia, rindo, um domingo á noite. E o conselheiro observou:

— Com o bom genio da D. Luiza, com o seu, Jorge, n'este bairro saudavel, n'uma casa sem escandalos, sem questões de familia, toda virtude, é natural que a criadagem menos favorecida aspire a uma posição tão agradavel.

— Somos os amos ideaes! — disse Jorge, batendo muito alegre no hombro de Luiza.

A casa, com effeito, tornava-se agradavel. Juliana exigira que o jantar fosse mais largo (para ter uma parte sua, sem sobejos) e como era boa cozinheira vigiava os fogões, provava, ensinava pratos á Joanna.

— Esta Joanna é uma revelação — dizia Jorge — vê-se-lhe crescer o talento.

Juliana, bem alojada, bem alimentada, com roupa fina sobre a pelle, colxões macios, saboreava a vida: o seu temperamento adoçára-se n'aquellas abundancias; e depois, bem aconselhada pela tia Victoria, astuta, fazia o seu serviço com um zelo minucioso e habil. Os vestidos de Luiza andavam cuidados como reliquias. Nunca os peitilhos de Jorge tinham resplandecido tanto! O sol d'outubro alegrava a casa, muito limpa, d'uma pacatez d'abbadia. Até o gato engordava.

E no meio d'aquella prosperidade — Luiza definhava-se. Até onde iria a tyrannia de Juliana? era

agora o seu terror. E odiava-a cada vez mais, mais, mais! Seguia-a por vezes com um olhar tão intensamente rancoroso, que receiava vêl-a voltar-se subitamente, como ferida pelas costas. E via-a satisfeita, cantarolando a *Carta adorada,* dormindo em colxões tão bons como os d'ella, pavoneando-se na *sua* roupa, reinando na *sua* casa! Era justo, justos céos?

Ás vezes vinha-lhe um furor, uma revolta: torcia os braços, blasphemava, debatia-se na sua desgraça, como nas malhas hostis d'uma rêde; mas não encontrando uma solução, uma sahida, recahia n'uma melancolia nervosa — em que o seu genio se asperisava. Tornára-se mesmo má; seguia com satisfação a amarellidão crescente das feições de Juliana, tinha uma esperança cruel no aneurisma: não rebentaria um dia?

E diante de Jorge tinha de a elogiar!

A vida amargava-lhe. Apenas elle pela manhã sahia e fechava a cancella, logo as suas tristezas, os seus receios desciam-lhe sobre a alma, devagar, com grandes véos espessos que se abatem lugubremente: não se vestia então até ás quatro, cinco horas: com o roupão solto, em chinellas, despenteada, arrastava o seu aborrecimento pelo quarto. Vinham-lhe, por momentos, de repente, desejos de fugir, ir metter-se n'um convento; e a sua sensibilidade muito exaltada impellil-a-hia de certo a alguma resolução melodramatica, — se a não retivesse, com a força d'uma seducção permanente, o seu amor por Jorge. Por-

que o amava agora, immensamente! Amava-o com cuidados de mãi, com impetos de concubina... Tinha ciumes de tudo, até do ministerio, até do relatorio! Ia interrompêl-o a cada momento, tirar-lhe a penna da mão, reclamar o seu olhar e a sua voz; os seus passos no corredor davam-lhe o alvoroço dos amores illegitimos...

De resto ella mesmo se esforçava por desenvolver aquella paixão, achando n'ella a compensação ineffavel das suas humilhações. Como lhe viera *aquillo?* Porque sempre o amára, de certo, reconhecia-o agora, — mas não tanto, não tão exclusivamente! Nem ella sabia. Envergonhava-se mesmo um pouco; sentia vagamente que n'aquella violencia amorosa havia pouca dignidade conjugal. Parecia-lhe que o que tinha era apenas um *capricho*. Que horror! Um capricho por seu marido! Que lhe importava de resto? Aquillo fazia-a feliz, prodigiosamente. Fosse o que fosse era delicioso!

Ao principio a idéa do *outro* pairava constantemente sobre aquelle amor, pondo um gosto infeliz em cada beijo, um remorso em cada noite. Mas pouco a pouco esquecêra-o tanto, o *outro* — que a sua recordação, quando por acaso voltava, não dava mais amargor áquella paixão, que um torrão de sal póde dar ás aguas d'uma torrente. Que feliz que seria — se não fosse a *infame!*

E todavia a *infame* mostrava-se uma excellente criada. É que se sentia feliz. Ás vezes só no seu quarto, punha-se a olhar em redor com um riso d'avaro: a sua commoda alli estava, repleta, muito envernizada: palpava a elasticidade dos colxões; desdobrava, batia os vestidos de sêda; punha as botinas em fileira, olhando-as de longe, estatica; e debruçada sobre as gavetas abertas contava, recontava a roupa branca, acariciando-a com o olhar de posse satisfeita. Como a da *Piorrinha!* — murmurava, afogada em jubilo.

— Ai estou muito bem — dizia ella á tia Victoria.

— Que duvida que estás! A carta não te rendeu um conto de reis, mas olha que te trouxe um par de regalos. E é que ha-de ser uma pingadeira: ha-de ser a boa peça de linho, o bom adreço, boas moedas... E ainda muito obrigada por cima. Carda-a, filha, carda-a!

Mas já havia pouco que *cardar*. E lentamente Juliana começou a pensar que agora o que devia era *gozar*. Se tinha bons colxões para os somnosinhos da manhã — para que se havia de levantar cêdo? Se tinha bons vestidos — porque não havia d'ir espairecer para a rua? Toca a tirar partido!

E um dia que estava mais frio deixou-se ficar na cama até ás nove horas, com as janellas entreabertas, um bom raio de sol na esteira; depois descul-

pou-se, seccamente, que tinha estado com a dôr. Mas d'ahi a dias Joanna, eram dez horas, veio dizer baixo a Luiza:

— A snr.ª Juliana está na cama, está tudo por arrumar.

Luiza ficou aterrada. O quê? Teria de soffrer os seus desmazelos, como soffrera as suas exigencias?

Tinha. Reconheceu-o n'essa semana por mais de uma vez: Juliana não se erguia até á hora de servir ao almoço. Luiza pediu logo a Joanna que fizesse « o serviço por ella »: era por pouco tempo, a pobre creatura andava tão adoentada! Não queria que Jorge percebesse — e para acommodar a cozinheira deu-lhe meia moeda, para a ajuda d'um vestido. Juliana então, sem pedir licença, começou a sahir, ás vezes. Voltava tarde, para o jantar. E nem se desculpava!

Um dia Luiza não se conteve, disse-lhe:

— Vossê vai sahir?

Ella respondeu, muito atrevidamente:

— A senhora bem vê. Fica tudo arrumado, tudo o que é minha obrigação. — E abalou batendo os tacões.

Ora, não lhe faltava mais senão estar a constranger-se por causa da *Piorrinha!*

Joanna começava a resmungar. « Passa a sua vida na rua, e eu é que aguento ».

— Se vossê estivesse doente, tambem ninguem lhe ia á mão — acudia Luiza, afflicta, quando percebia estas revoltas. E presenteava-a. Dava-lhe mesmo vinho e sobremesa.

Havia agora um desperdicio na casa. Os roes cresciam. Luiza andava succumbida. — Quando acabaria tudo aquillo? O que succederia?

Os desleixos de Juliana iam-se tornando graves.

Para sahir mais cêdo fazia apenas o «essencial». E era Luiza que acabava ás vezes d'encher os jarros, que levantava a mesa do almoço, que levava para o sotão roupa suja que ficava pelos cantos...

Um dia Jorge que entrára mais cedo, ás quatro horas, viu por acaso a cama por fazer. Luiza apressou-se a dizer que «Juliana sahira, mandára-a á modista».

D'ahi a dias, ás seis horas, ainda ella não tinha voltado para servir ao jantar: «Tinha ido á modista», explicou Luiza.

— Mas se a Juliana é unicamente para ir á modista, então toma-se outra criada para fazer o serviço da casa — disse elle.

Áquellas palavras tão seccas Luiza fez-se pallida, duas lagrimas rolaram-lhe pela face.

Jorge ficou pasmado. Que era? Que tinha? Luiza não se dominou: rompeu n'um choro nervoso, hysterico, as mãos convulsivamente agarradas aos hombros d'elle.

— Mas que é, minha filha, que tens? Zangaste-te?...

Ella não podia responder suffocada. Jorge imaginou que era nervoso. Fez-lhe respirar vinagre de toilette, beijou-a muito.

E só quando o choro acalmou é que ella pôde dizer, com uma voz soluçada:

— Fallaste-me tão seccamente, e eu estou tão nervosa...

Elle riu, chamou-lhe tontinha, limpou-lhe as lagrimas — mas ficou inquieto.

E durante o jantar a cada momento lhe perguntava: — Sentes-te melhor, queres-te deitar? — Olhando muito para ella, porque já então lhe notava certas tristezas, um abatimento, uma irritabilidade nervosa... Que seria?

E para que Jorge não tornasse a surprehender os desleixos, Luiza mesmo completava os arranjos. Juliana percebeu logo, e começou, muito tranquillamente, a «deixar-lhe mais com que se entreter». Um dia não varreu; depois nem fazia a cama; e emfim uma manhã não vasou a agua suja. Luiza foi espreitar no corredor que Joanna não descesse, não a visse, e fez ella mesmo os despejos! Veio ensaboar as mãos, cheia de nojo, e as lagrimas corriam-lhe pelo rosto: desejava morrer! A que tinha chegado!

D. Felicidade, um dia, entrando de repente, tinha-a surprehendido a espanejar na sala.

— Que eu o faça — disse — que tenho só uma criada, mas tu!...

A Juliana tinha tanto que engomar...

— Ai! não lhes tires serviço do corpo, que não t'o agradecem. E ainda se riem por cima! E se as põem em maus costumes!... Que aguente, que aguente!

Luiza sorria, dizia:

— Ora, por uma vez na vida!

E a sua tristeza augmentava cada dia.

Refugiava-se então no amor de Jorge como na unica consolação. A noite era para ella a sua desforra. Juliana então dormia: não via a sua cara medonha; não a receiava; não tinha de a elogiar; não trabalhava por ella. Era *ella mesma,* era Luiza, como d'antes; estava na sua alcova, com o seu marido, fechada por dentro, livre! Vinha-lhe então vontade de conversar, tinha até appetite! Trazia ás vezes marmelada, pão, para o quarto — para fazer uma cêasinha! vivia então!

Jorge estranhava-a: « tu de noite és outra », dizia: chamava-lhe rindo *ave nocturna.* E ella em saia branca, com o tic-tac vivo das suas botinas, os braços nus, o collo nú, o cabello n'um rolo, ficava a passarinhar pelo quarto, cantarolando, toda feliz, chalrando — até que Jorge dizia:

— Passa d'uma hora, filha!

Despia-se então, rapidamente, cahia-lhe nos braços.

Mas que acordar! Por mais clara que estivesse a manhã, tudo lhe parecia vagamente pardo. A vida sabia-lhe mal. Vestia-se devagar, com repugnancia — entrando no seu dia como n'uma prisão.

Perdêra agora toda a esperança de se libertar! Ás vezes ainda lhe vinha, como um relampago, a vontade « de contar tudo a Sebastião, tudo ». Mas quando o via, com o seu olhar honesto, abraçar Jorge, rirem ambos, e irem fumar o seu cachimbo, e elle

tão cheio sempre d'admiração por ella, parecia-lhe mais facil sahir p'ra a rua, pedir dinheiro ao primeiro homem que encontrasse — que ir a Sebastião, ao intimo de Jorge, ao melhor amigo da casa, dizer-lhe: escrevi uma carta a um homem, a criada roubou-m'a! Não, antes morrer n'aquella agonia de todos os dias, e ter ella mesma, de rastos, de lavar as escadas! Vergonha por vergonha — antes esta que ella soffria, só. Ás vezes reflectia, pensava: — Mas com que conto eu? — Não sabia. Com o acaso, com a morte de Juliana... E deixava-se viver, gozando como um favor cada dia que vinha, sentindo vagamente, a distancia, alguma cousa de indefinido e de tenebroso onde se afundaria.

Por esse tempo Jorge começou a queixar-se que as suas camisas estavam mal engomadas. A Juliana positivamente « perdia a mão ». Um dia mesmo zangou-se: chamou-a, e atirando uma camisa amarrotada:

— Isto não se póde vestir, está indecente!

Juliana fez-se amarella, cravou em Luiza um olhar chammejante; e, com os beiços tremulos, desculpou-se, « que a gomma era má, fôra já trocal-a », etc.

Mas, apenas Jorge sahiu, veio com uma rajada ao quarto, e com a voz vibrante declarou: que a senhora sujava *um rôr* de roupa, o senhor *um rôr* de camisas, que se não tivesse alguem que a ajudasse não podia dar aviamento! Quem queria negras trazia-as do Brazil!

— E não estou para aturar o genio de seu ma-

rido, percebe a senhora? Se quer é arranjar quem me ajude.

Luiza disse simplesmente:

— Eu a ajudarei.

Porque tinha agora uma resignação muda, sombria, aceitava tudo!

Logo no fim da semana houve uma trouxa de roupa. E Juliana veio dizer — que se a senhora *passasse* ella engomava. Senão não podia.

Estava um dia tepido e dôce, Luiza tencionava sahir... Pôz um roupão, e, sem uma palavra, foi buscar o ferro.

A Joanna ficou attonita.

— Então a senhora vai engomar?

— Ha uma carga, e a Juliana só não póde aviar tudo.

Desceu ao quarto dos engomados, — e estava laboriosamente passando a roupa branca de Jorge, quando Juliana appareceu de chapéo.

— Vossê vai sahir? — exclamou Luiza.

— É o que eu vinha dizer á senhora. Não posso deixar de sahir. — E abotoava as luvas pretas.

— Mas as camisas quem as engoma?

Tinha pousado o ferro e, com as mãos espalmadas sobre a mesa do engomado, fitava Juliana com o olhar faiscante.

— Eu vou sahir — disse a outra seccamente.

— Mas, com os diabos, quem engoma as camisas?

— Engome-as a senhora! Olha a sarna!

— Infame! — gritou Luiza. Atirou o ferro para o chão com desespero, sahiu correndo, transtornada.

Juliana ficou muito pallida. Pôz-se logo a tirar o chapéo e as luvas. D'ahi a um momento sentiu a cancella da rua bater com força. Veio ao quarto de Luiza, viu o roupão d'ella arremessado, o guarda-vestidos escancarado, a chapeleira tombada. Onde teria ido? Queixar-se á policia? Procurar o marido? Teria fugido? — C'os diabos! Em qualquer dos casos, se houvesse um escandalo, perdia a *sua posição*, a sua *bella posição*, todas as commodiades! Fôra estupida com o genio! Tanto puxava pela corda, que se lhe partia! Arrumou muito depressa o quarto, foi-se pôr a engomar com o ouvido para a porta, arrependida, inquieta... Onde diabo teria ido ella? Devia ter cuidado: se a impellisse a fazer algum despropósito, quem perdia? Ella, que teria de sahir da casa, deixar o seu quarto, os seus regalos. Safa! — Estava aterrada.

Luiza sahira como louca: na rua da Escóla um coupé passava, vazio: atirou-se para dentro, deu ao cocheiro a morada de Leopoldina. Leopoldina devia ter voltado do Porto, queria vêl-a, precisava d'ella: não sabia para que... Para desabafar! Pedir-lhe uma idéa, um meio de se vingar! Porque a vontade de se libertar d'aquella tyrannia — era agora menor

que o desejo de se vingar d'aquellas humilhações. Vinham-lhe idéas loucas! Se a envenenasse! Parecia-lhe que sentiria um prazer delicioso em a vêr torcer-se com vomitos dilacerantes, uivando d'agonia, largando a alma!

Subiu, correndo, as escadas de Leopoldina; a campainha ficou a retinir muito tempo do puxão da sua mão febril.

A Justina apenas a viu foi quasi gritando pelo corredor:

— É a snr.ª D. Luiza, minha senhora, é a snr.ª D. Luiza!

E Leopoldina despenteada, com um roupão escarlate de grande cauda, appareceu logo estendendo os braços.

— És tu! Que milagre é este? Eu levantei-me agora! Entra cá para o quarto. Está tudo desarranjado, mas não importa. Mas que é isto, que é isto?

E abria as janellas que estavam ainda cerradas: havia um forte cheiro de vinagre de *toilette:* a Justina tirava á pressa uma bacia de latão, com agua ensaboada: toalhas sujas arrastavam: sobre uma jardineira tinham ficado da vespera os rolos de cabello, o collete, uma chavena com um fundo de chá cheio de pontas de cigarros. E Leopoldina corria o transparente dizendo:

— Ora graças a Deus, que honras esta casa...

Mas vendo o rosto perturbado de Luiza, os seus olhos vermelhos de lagrimas:

— Que é? Que tens tu? Que succedeu?

E Luiza apertando as mãos:

— Um horror, Leopoldina!

Ella foi fechar a porta rapidamente.

— Então?

Luiza chorava. Leopoldina diante d'ella olhava-a petrificada.

— A Juliana apanhou-me umas cartas — disse Luiza por entre soluços. — Quer seiscentos mil reis! Estou perdida. Tem-me martyrisado. Quero que me digas, vê se te lembras... Estou como douda. Sou eu que faço tudo em casa... Morro, não posso! — E as lagrimas redobravam.

— E as tuas joias?

— Valem duzentos mil reis. E Jorge, que lhe havia eu de dizer?

Leopoldina ficou um momento calada, e olhando em roda de si, abrindo os braços:

— Tudo o que eu tenho no prego dá vinte libras!

Luiza murmurava, limpando os olhos:

— Que expiação esta, santo Deus, que expiação!

— Que diz a carta?

— Horrores! Estava douda... — E depois d'um silencio: — É uma minha, duas d'elle.

— De teu primo?

Luiza disse «sim» com a cabeça, lentamente.

— E elle?

Luiza encolheu os hombros:

— Não sei. Está em França, nunca me respondeu.

— Pulha! E como t'as apanhou?

Luiza contou rapidamente a historia do sarcophago e do cofre.

— Mas tu tambem, Luiza, atirar uma carta d'essas! Oh mulher, isso é medonho!

Leopoldina ia e vinha pelo quarto, arrastando a longa cauda do roupão escarlate: os seus grandes olhos negros, excitados, fitavam-se ás vezes em Luiza, cheios de sympathia: desde que a via assim nas afflicções do escandalo, tornava-se-lhe mais querida. Procurava um meio, um expediente... Murmurava:

— A questão é de dinheiro.

Luiza, sentada, com as mãos no regaço, os olhos vermelhos, repetia muito doloridamente:

— A questão é de dinheiro!

E ficavam uma defronte da outra, immoveis, sem resolução, como embrutecidas.

Mas então Leopoldina, cujos olhos se avivaram com a rapida passagem d'uma idéa, pôz-se a dize hesitando:

— Eu sei quem te dava o dinheiro...

— Quem?

— Um homem.

Luiza ergueu-se espantada:

— Quem?

— O Castro.

— O d'oculos?

— O d'oculos.

Fitaram-se um momento. Luiza córava.

— Oh Leopoldina! — disse emfim, toda offendida. E depois d'um silencio, rapidamente:

*

— Quem t'o disse?

— Seio eu. Disse-o elle ao Mendonça. Sabes que eram a unha e a carne. Que te dava tudo o que tu lhe pedisses! Disse-lh'o mais d'uma vez.

— Que horror! — exclamou Luiza indignada. — E tu propões-me semelhante cousa? — O seu olhar, sob as sobrancelhas franzidas, dardejava de colera. Ir com um homem por dinheiro! — Tirou o chapéo, violentamente, com as mãos tremulas, arremessou-o para a jardineira; e com passos rapidos pelo quarto: — Antes fugir, ir para um convento, ser criada, apanhar a lama das ruas!

— Não te exaltes, não te exaltes! Credo! Quem te diz isso? Talvez o homem te emprestasse o dinheiro desinteressadamente.

— Acreditas tu? — fez Luiza com um sorriso amargo.

Leopoldina não respondeu. Fazia girar os anneis nos dedos. E então fallando baixo, com uma voz mordente:

— E quando fosse outra cousa? Era um conto de reis, eram dous, estavas salva, estavas feliz!

Luiza sacudia os hombros, indignada d'aquellas palavras — dos seus proprios pensamentos, talvez!

— É indecente! É horrivel!

Ficaram caladas.

— Ah! fosse eu! — exclamou Leopoldina de repente, erguendo-se.

— Que fazias?

— O quê? Escrevia ao Castro. Que viesse e com dinheiro.

— Isso és tu! — disse Luiza arrebatadamente.

Leopoldina fez-se escarlate sob a camada de pó d'arroz; os seus olhos fuzilavam.

Mas Luiza abraçou-se logo n'ella:

— Perdôa-me, perdôa-me, estou douda, não sei o que digo!...

Começaram ambas a chorar.

— Tu zangaste-te — dizia Leopoldina cortada de soluços, o nariz vermelho. — Mas é p'ra teu bem. É o que me parece melhor. Se eu podesse dava-te o dinheiro... Fazia tudo. Tudo! Acredita, Luiza...

E abrindo os braços diante d'ella, disse com um impudor sublime, lagrimas nas palpebras:

— Seiscentos mil reis! Se eu valesse tanto dinheiro, tinhal-o ámanhã!

Os soluços de Luiza redobraram. Beijavam-se muito. Mas nós de dedos bateram á porta.

— Quem é?

— Eu — disse uma voz rouca.

— É meu marido. O animal ainda hoje não despegou de casa... Não posso abrir. Logo.

Luiza limpava os olhos, á pressa, punha o chapéo.

— Quando voltas? — perguntou Leopoldina.

— Quando podér, senão escrevo-te.

— Bem. Eu vou pensar, vou esquadrinhar.

Luiza agarrou-lhe o braço:

— E d'isto, nem palavra.

— Douda!

Sahiu. Foi subindo devagar até ao largo de S. Roque. A porta da igreja da Misericordia estava aberta, com o seu largo reposteiro vermelho d'armas bordadas que o vento agitava brandamente. Deu-lhe um desejo d'entrar. Não sabia para que, mas parecia-lhe que depois da excitação apaixonada em que vibrára, o fresco silencio da igreja a calmaria, lhe faria bem. E depois sentia-se tão infeliz que se lembrou de Deus: porque necessitava alguma cousa de superior, de forte a que se amparar. Foi-se ajoelhar ao pé d'um altar, persignou-se, rezou o *Padre-nosso,* depois a *Salve Rainha.* Mas aquellas orações, que ella recitava em pequena, não a consolavam; sentia que eram sons inertes que não iam mais alto no caminho do céo que a sua mesma respiração: não as comprehendia bem, nem se applicavam ao seu *caso:* Deus por ellas, nunca poderia saber o que ella pedia, alli, prostrada na afflicção. Quereria fallar a Deus, abrir-se toda a elle: mas com que linguagem? Com as palavras triviaes, como se fallasse a Leopoldina? Iriam as suas confidencias tão longe que o alcançassem? Estaria elle tão perto que a ouvisse? — E ficou ajoelhada, os braços molles, as mãos cruzadas no regaço, olhando as velas de cera tristes, os bordados desbotados do frontal, a carinha rosada e redonda d'um menino Jesus! E lentamente perdeu-se n'um scismar que ella não dirigia, que se formava e

se movia no seu cerebro, como a fluctuação d'um fumo que se eleva. Pensava no tempo tão distante, em que por melancolia e por sentimentalidade, ella frequentava mais as igrejas. Ainda a mamã vivia então; e ella, com o coração quebrado — quando o *outro*, Bazilio, lhe escrevera, rompendo — procurava dissipar a sua tristeza nas consolações da devoção. Uma amiga sua, a Joanna Silveira, fôra por esse tempo professar a França, ou a Inglaterra: ella ás vezes pensava em partir tambem, ser irmã de caridade, levantar os feridos nos campos de batalha, ou viver na paz d'uma cella mystica! Que differente a sua vida teria sido — d'esta agora tão alvoroçada de colera, tão carregada de peccado, d'uma agitação baixa e brutal. Onde estaria? Longe, n'algum mosteiro antigo, entre arvoredos escuros, n'um valle solitario e contemplativo. Onde? Na Escocia, paiz que ella sempre amára desde as suas leituras de Walter Scott. Seria nas verde-negras terras de Lamermoor ou de Glencoe, n'alguma velha abbadia saxonia d'uma arte severa e elevada. Em redor os montes cobertos d'abetos, esbatidos nas nevoas, d'um aspecto humido, isolariam aquelle retiro n'uma paz funeraria: n'um céo saudoso, as nuvens passam devagar, com recolhimento: nenhum som festivo quebra a meiga taciturnidade das cousas: revoadas de corvos cortam á tarde o ar n'um vôo triangular. Alli viveria entre as monjas d'alta estatura e olhar celtico, filhas de duques normandos, ou de lords de *clans* convertidos a Roma: leria livros dôces e cheios

das cousas do céo: sentada na alta janella da sua cella, veria passar nas mattas baixas os altos paus dos veados: ou pelas tardes vaporosas escutaria o som distante da *bagpipe*, que vai tristemente tocando o pastor que vem dos valles de Callendar: e todo o ar estaria cheio do murmurio choroso e gottegante dos fios d'agua, que por entre as relvas altas cahem de rocha em rocha!

Ou então seria outra existencia mais regalada no convento pacato d'uma boa provincia portugueza. Alli os tectos são baixos; as paredes caiadas faiscam ao sol, com as suas gradesinhas devotas; os sinos repicam no vivo ar azul; em roda, nos campos d'oliveiras que dão azeite para o convento, raparigas varejam a azeitona cantando; no pateo lageado d'uma pedra miudinha as mulas do almocreve, sacudindo a mosca, batem com a ferradura; matronas cochicham ao pé da roda; um carro chia na estrada empoeirada e branca; gallos cacarejam, brilhando ao sol; e freiras gordinhas, d'olho negro, chalram nos frescos corredores.

Alli viveria, engordando, com uma quebrasinha de somno á hora do côro, bebendo copinhos de licôr de rosa no quarto da madre-escrivã, copiando receitas de dôces com uma letra garrafal; e morreria velha, ouvindo as andorinhas cantar á beira da sua grade. E o snr. bispo na sua visita, com a pitada nos seus dedos brancos, ouviria sorrindo da bocca da madre abbadessa a historia edificante da sua santa morte...

Mas um sacristão, que passava, escarrou forte-

mente; e, como um bando de passaros que se cala a um ruido brusco, todos os seus sonhos fugiram. Suspirou, ergueu-se devagar, foi indo para casa, triste.

Foi Juliana quem veio abrir, e logo no corredor, com a voz supplicante e baixa:

— A senhora por quem é perdôe, que depois estava douda; estava com a cabeça perdida, não tinha dormido nada toda a noite. Fiquei mais afflicta...

Luiza não respondeu, entrou na sala. Sebastião que vinha jantar, tocava a serenata de D. Juan — e apenas ella appareceu:

— D'onde vem, tão pallida?

— Debilidade, Sebastião, venho da igreja.

Jorge entrava do escriptorio com uns papeis na mão:

— Da igreja! — exclamou. — Que horror!

XII

Foi por esse tempo que, n'um sabbado, o Diario do Governo publicou a nomeação do conselheiro Accacio ao *grau de cavalleiro da ordem de S. Thiago,* attendendo aos seus grandes merecimentos litterarios, ás obras publicadas de reconhecida utilidade, e mais partes...

Quando na noite seguinte, em casa de Jorge, todos o cercaram felicitando-o com alarido, o conselheiro, depois de os abraçar um por um, n'uma pressão nervosa e commovida dos seus braços magros, cahindo no sophá, exhausto, murmurou:

— Não o esperava tão cedo da real munificencia! Não o esperava tão cedo! — E acrescentou, pondo a mão espalmada sobre o peito: — Direi como o philosopho: Esta condecoração é o melhor dia da minha vida!

E convidou logo Jorge, Sebastião e Julião para um jantar na quinta-feira, «um modesto jantar de rapazes, no seu humilde tugurio, para festejarem a regia graça».

— Ás cinco e meia, meus bons amigos!

E na quinta-feira, os tres, que se tinham encontrado na Casa Havaneza, eram introduzidos por uma rapariguita vesga, suja como um esfregão, na sala do conselheiro. Um vasto canapé de damasco amarello occupava a parede do fundo, tendo aos pés um tapete onde um chileno roxo caçava ao laço um bufalo côr de chocolate, e por cima uma pintura tratada a tons côr de carne e cheia de corpos nus cobertos de capacetes, que representava o valente Achilles arrastando Heitor em torno dos muros de Troya. Um piano de cauda, mudo e triste sob a sua capa de baeta verde, enchia o intervallo das duas janellas. Sobre uma mesa de jogo, entre dous castiçaes de prata, uma galguinha de vidro transparente galopava; e o objecto em que se sentia mais o calor do uso era uma caixa de musica de 18 peças!

O conselheiro recebeu-os cheio d'expansões, com o *habito* de S. Thiago sobre a lapella do *frac* preto. Havia outro sujeito na sala, o snr. Alves Coutinho. Era um pouco picado das bexigas, d'uma pelle amarellada, a cabeça enterrada nos hombros; o seu olhar parvo fixava-se nas pessoas com pasmo, ora pedindo protecção, ora dilatado em admiração; e o seu bigode pellado arreganhava-se constantemente n'um sorriso alvar que mostrava uma bocca medonha

cheia de dentes pôdres e quebrados; esfregava sempre as mãos, concordava em tudo; era corcovado, e sempre sacudido por uma tosse secca; havia n'elle o ar d'um deboche banal e d'um embrutecimento antigo. Era um empregado do ministerio do reino, e era illustre pela sua boa letra.

E d'ahi a pouco entrou a figura conhecida do Savedra, redactor do *Seculo*. A sua face branca parecia mais balofa; o bigode preto reluzia de brilhantina; trazia ainda no queixo o pó d'arroz, que lhe pozera momentos antes o barbeiro; e a sua mão, que tinha escripto tanta banalidade e tanta mentira, estava aperreada n'uma luva nova, côr de gemma d'ovo!

— Estamos todos! — disse com jubilo o conselheiro. E curvando-se: — Bem vindos, meus amigos! Estamos talvez mais á vontade no meu quarto de estudo! Por aqui. Ha um degrau, cuidado! Eis o meu *Sanctus Sanctorum!*

Era uma saleta muito espanejada a que as cortinas de cassa, a luz de duas janellas de peitoril, o verniz bem tratado dos moveis, o reflexo das vidraças das estantes, e o seu papel claro davam um aspecto alvadio e frio. Ao centro havia a larga escrivaninha de trabalho, com um tinteiro de prata, os lapis muito bem aparados e as regoas muito bem dispostas. Via-se o sinete d'armas do conselheiro, a *Carta Constitucional* ricamente encadernada. Encaixilhada, na parede, estava a *carta regia* que o nomeára conselheiro; defronte uma lithographia d'el-rei; e sobre uma mesa pousava o busto em gesso

de Rodrigo da Fonseca Magalhães, tendo no alto da cabeça uma corôa de perpetuas — que ao mesmo tempo o glorificava e o chorava.

Julião pozera-se logo a examinar a livraria.

— Prezo-me de ter os authores mais illustres, amigo Zuzarte! — disse com orgulho o conselheiro.

E mostrou-lhe a *Historia do consulado e do imrio,* as obras de Delille, o *Diccionario da conversação,* a ediçãosinha bojuda da *Encyclopedia Roret,* o *Parnaso lusitano.* Fallou dos seus trabalhos; e disse que, vendo alli reunidas pessoas de tão subida illustração, desejaria muito lêr-lhes algumas das provas que estava revendo do seu novo livro — *Descripção das principaes cidades do reino e seus estabelecimentos,* para ouvir a opinião d'elles, desassombrada e severa!

— Se não acham massada... — acrescentou, sorrindo com modestia.

— Prazer, conselheiro! prazer!

Escolheu então «como mais propria para dar idéa da importancia do trabalho» a pagina relativa a Coimbra. Assoou-se, collocou-se no meio da saleta de pé, com as folhas na mão, e, com uma voz cheia, gestos pausados, leu:

«— ... Reclinada mollemente na sua verdejante collina, como odalisca em seus aposentos, está a sabia Coimbra, a Lusa Athenas. Beija-lhe os pés, segredando-lhe d'amor, o saudoso Mondego. E em seus bosques, no bem conhecido salgueiral, o rouxinol e outras aves canoras soltam seus melancolicos trilos.

Quando vos aproximaes pela estrada de Lisboa, onde outr'ora uma bem organisada *mala-posta* fazia o serviço que o progresso hoje encarregou á fumegante locomotiva, vêdel-a branquejando, coroada do edificio imponente da Universidade, asylo da sabedoria. Lá campêa a torre com o sino, que em sua folgazã linguagem a mocidade estudiosa chama *a cabra.* Para além logo uma copada arvore vos attrahe as vistas: é a celebrada *arvore dos Dorias,* que dilata seus seculares ramos no jardim d'um dos membros d'esta respeitavel familia. E avistaes logo, sentados nos parapeitos da antiga ponte, em seus innocentes recreios, os briosos moços, esperança da patria, ou requebrando galanteios com as tenras camponezas que passam reflorindo de mocidade e frescura, ou revolvendo em suas mentes os problemas mais arduos de seus bem elaborados compendios...»

— Está a sôpa na mesa — veio dizer uma velhota, de lenço branco.

— Muito bem, conselheiro, muito bem! — disse logo o Savedra do *Seculo,* erguendo-se. — É admiravel!

E declarou, voltando-se para os lados com authoridade: «Que o estylo era digno d'um Rebello ou d'um Latino, e que realmente estava-se precisando muito em Portugal d'uma obra d'aquelle quilate...» E pensava baixo, com um sorriso balofo: «Grandissima cavalgadura!...» O que era a sua apreciação generica de todas as obras contemporaneas — excluindo os seus artigos no *Seculo.*

— Que lhe pareceu, meu bom amigo? — perguntou baixo o conselheiro a Julião, passando-lhe a mão sobre o hombro. — Mas uma opinião desaffrontada, meu bom amigo!

— Snr. conselheiro — disse Julião com uma voz profunda — tenho-lhe inveja! — E as suas lunetas escuras fixavam-se com uma preoccupação crescente n'um chale-manta pardo, que a um canto cobria cuidadosamente, a julgar pelas saliencias, altas pilhas de livros. Que seria?

E antes de passar á sala declarou baixo ao conselheiro «que queria lavar as mãos».

Accacio, muito affectuoso, levou-o logo ao seu quarto, e retirou-se discretamente. Julião, sempre curioso, observou logo, surprehendido, duas grandes lithographias aos lados da cama — um *Ecce homo!* e a *Virgem das Sete Dôres*. O quarto era esteirado; o leito baixo e largo. Abriu então a gavetinha da mesa de cabeceira, e viu, espantado, uma touca e o volume brochado das poesias obscenas de Bocage! Entreabriu os cortinados fechados; e teve a consolação de verificar, — que havia sobre o travesseiro duas fronhasinhas chegadas d'um modo conjugal e terno!

E apenas elle sahiu do quarto, limpando as unhas com o lenço, o conselheiro conduziu-os á sala de jantar, dizendo:

— Não esperem o festim de Lucullo: é apenas o modesto passadio d'um humilde philosopho!

Mas o Alves Coutinho extasiou-se sobre a abun-

dancia das travessas de dôce; havia *creme* crestado com o ferro d'engomar, um prato d'*ovos queimados*, e aletria com as iniciaes do conselheiro desenhadas a canella.

— É um grande dia para Sebastião! — disse Jorge.

O Alves Coutinho exclamou logo para Sebastião, esfregando as mãos, com um riso da sua bocca desdentada:

— É cá dos meus, hein? Gosta do bello dôce. Tambem me péllo, tambem me péllo!

Houve um silencio; as colheres de prata, remexendo devagar a sopa muito quente, agitavam os longos canudos brancos e molles do macarrão.

E o conselheiro então disse:

— Não sei se gostarão da sopa. Eu adoro o macarrão!

— Gosta do macarrão? — acudiu o Alves, adiantando para elle a sua face arreganhada em admiração.

— Muito, meu Alves. Lembra-me a Italia! — E acrescentou: — Paiz que sempre desejei vêr. Dizem-me que as suas ruinas são de primeira ordem. Póde ir trazendo o cozido, snr.ª Philomena... — Mas detendo-a, com um gesto grave: — Perdão, com franqueza, preferem o cozido ou o peixe? É um pargo.

Houve uma hesitação, Jorge disse:

— O cozido talvez.

E o conselheiro com affecto

— O nosso Jorge opina pelo cozido.

— Tambem estou pela sua! — exclamou o Alves Coutinho, voltado para Jorge, com o olho afogado em reconhecimento: — O cozidinho!

E o conselheiro que julgava do seu dever dar á conversação nobreza e interesse, disse limpando devagar o bigode da gordura da sopa:

— Dizem-me que é muito liberal a constituição da Italia!

Julião atacou logo a Italia: devia ter ha muito expulso a coronhadas o papa, o sacro collegio e a sociedade de Jesus!

Mas o conselheiro pediu com bondade a benevolencia do amigo Zuzarte para o «chefe da Igreja».

— Não — explicou — que eu seja um sectario do *Syllabus*. Não que eu queira vêr os jesuitas enthronisados no seio da familia! Mas — e a sua voz tornou-se profunda — o respeitavel prisioneiro do Vaticano é o vigario de Christo! Meu Sebastião, sirva o arroz!

Não havia que estranhar aquellas opiniões catholicas do conselheiro, ia observando Julião, porque tinha duas imagens de santos pendentes á cabeceira da cama...

A calva d'Accacio fez-se rubra. E o Savedra do *Seculo*, que comia prodigiosamente, exclamou com a bocca cheia:

— Não o sabia carola, conselheiro!

Accacio, afflicto, suspendeu o trinchador sobre o paio escarlate, e acudiu:

— Eu peço ao meu Savedra que não tire d'esse

facto illações erradas. Os meus principios são bem conhecidos. Não sou ultramontano, nem faço votos pelo restabelecimento da perseguição religiosa. Sou liberal. Creio em Deus. Mas reconheço que a religião é um freio...

— Para os que o precisam — interrompeu Julião.

Riram; o Alves Coutinho cascalhava. O conselheiro interdicto respondeu, devagar, dispondo na travessa as rodelas do paio:

— Não o precisamos nós de certo, que somos as classes illustradas. Mas precisa-o a massa do povo, snr. Zuzarte. Senão veriamos augmentar a estatistica dos crimes.

E o Savedra do *Seculo,* erguendo as sobrancelhas, com a physionomia muito séria:

— Pois olhe que diz uma grandissima verdade. — E repetiu a maxima, modificando-a: — A religião é um bridão. Fazia com o gesto o esforço de conter uma mula. E pediu mais arroz. Devorava.

O conselheiro continuava, explicando:

— Como dizia, sou liberal, mas entendo que algumas lithographias ou gravuras, allusivas ao mysterio da Paixão, tem o seu lugar n'um quarto de cama, e inspiram de certo modo sentimentos christãos. Não é verdade, meu Jorge?

Mas o Savedra interrompeu, com a face accesa n'uma jovialidade libertina, a voz ruidosa:

— Eu, n'um quarto de dormir, as unicas pinturas que admitto são uma bella nympha nua ou uma bacchante desenfreada.

*

— Isso, isso! — bradou o Alves Coutinho. E a bocca dilatava-se-lhe n'uma admiração sensual. — Este Savedra! Este Savedra! — E baixo para Sebastião: — Tem um talento! Tem um talento!

O conselheiro então voltando-se para Julião, e puxando o guardanapo para o estomago:

— Espero que não sejam esses os paineis immoraes que se vêem no seu gabinete d'estudo.

Julião emendou com um sorriso amargo:

— No meu cubiculo. Ah! não, conselheiro! Tenho apenas duas lithographias — uma é um homem sem pelle para representar o systema arterial, o outro é o mesmo individuo igualmente sem pelle para se vêr o systema nervoso.

O conselheiro teve com a sua mão branca um vago gesto enojado, e exprimiu a opinião — que na medicina, aliás uma grande sciencia! havia cousas bastante asquerosas. Assim ouvira dizer que nos theatros anatomicos, os estudantes d'idéas mais avançadas levavam o seu desprezo pela moral, até atirarem uns aos outros, brincando, pedaços de membros humanos, pés, coxas, narizes...

— Mas é como quem mexe em terra, conselheiro — disse Julião, enchendo o copo — é materia inerte.

— E a alma, snr. Zuzarte?... — exclamou o conselheiro. Fez um gesto de vaga reticencia; e julgando tel-o aniquilado com aquella palavra suprema, abriu para Sebastião um sorriso cortez e protector:

— E que diz o nosso bondoso Sebastião?

— Estou a ouvir, snr. conselheiro.

— Não dê ouvidos a estas doutrinas! — E com o garfo mostrava a figura biliosa de Julião. — Mantenha a sua alma pura. São perniciosas. Que o nosso Jorge (o que é de lamentar n'um homem estabelecido e empregado do Estado) tambem vai um pouco para estas exagerações materialistas!

Jorge riu; affirmou que *sim*, que tinha essa honra.

— Então o conselheiro quer que eu, um engenheiro, um estudante de mathematica, acredite que ha almas que vivem no céo, com azinhas brancas, tunicas azues e tocando instrumentos?

O conselheiro acudiu:

— Não, instrumentos não! — E como appellando para todos: — Não creio que tivesse fallado em instrumentos. Os instrumentos são uma exageração. São, podemos dizel-o, tacticas do partido reaccionario...

Ia fulminar o partido ultramontano — mas a snr.ª Philomena collocou-lhe diante a travessa com a perna de vitella assada. E o conselheiro, compenetrando-se logo do seu dever, afiou o trinchador com solemnidade, cortando fatias finas, a testa muito franzida como na applicação d'uma funcção grave. O Savedra enfartava-se. Comia muito pão, estendendo a cada momento o braço por cima da mesa para as azeitonas ou para a conserva, bebendo bem, o beiço luzidio, os queixos activos. E Julião pousando

os cotovêlos sobre a mesa, perguntou, escabichando os dentes com a unha:

— Então o ministerio cahe ou não cahe?

Sebastião ouvira dizer no vapor d'Almada, de tarde, que «a situação estava firme».

Mas o Savedra pousou o copo, limpou os beiços e declarou que em duas semanas «estavam em terra». Nem aquelle escandalo podia continuar — dizia. — Não tinham a mais pequena idéa de governo. Nem a mais leve! Assim, por exemplo, elle... — E metteu as mãos nos bolsos, firmando-se nas costas da cadeira — Elle tinha-os apoiado, não é verdade? E com lealdade. Porque era leal! Sempre o fôra em politica! Pois bem, não lhe tinham despachado o primo recebedor d'Aljustrel, e tendo-lh'o promettido! e nem lhe tinham dado uma satisfação. Assim não era possivel fazer politica! Era uma collecção de idiotas!

Jorge disse que se alegrava que viessem outros; porque emfim sempre era possivel obter de novo a sua commissão no ministerio!

O Alves Coutinho calava-se, com prudencia, engulindo buchas de pão.

— Eu que caiam, ou que fiquem — disse Julião — que venham estes, ou que venham aquelles... Obrigado, conselheiro — e recebeu o seu prato de vitella — ... é-me inteiramente indifferente. É tudo a mesma podridão. — Expoz o seu odio ao constitucionalismo; o paiz inspirava nojo; de cima a baixo era uma *choldra*. E esperava breve que, pela

logica das cousas, uma revolução varresse a porcaria...

— Uma revolução! — fez o Alves Coutinho, assustado. E com olhares inquietos para os lados, coçava nervosamente o queixo.

O conselheiro sentára-se, e disse:

— Eu não quero entrar em discussões politicas, só servem para dividir as familias mais unidas, mas só lhe lembrarei, snr. Zuzarte, uma cousa, os excessos da communa...

Julião começou a dizer com um gesto dôce e uma voz branda:

— Mas onde está o mal se fuzilarmos alguns banqueiros, alguns padres, alguns proprietarios obesos e alguns marquezes catholicos! Era uma limpezasinha... — E brandia a faca.

O conselheiro sorriu, cortezmente, tomando como jocoso aquelle alvitre sanguinario.

O Savedra porém interpoz-se com authoridade:

— Eu no fundo sou republicano...

— E eu — disse Jorge.

— E eu — fez o Alves Coutinho, já inquieto. — Contem-me a mim tambem!

— Mas — continuou o Savedra — sou-o em principio. Porque o principio é bello, o principio é ideal! Mas a pratica? Sim, a pratica? — E voltava para todos os lados a sua face balofa.

— Sim, na pratica! — exclamava o Alves Coutinho, em echo admirativo.

— A pratica é impossivel! — declarou o Savedra. E encheu a bocca de vitella.

O conselheiro disse então para resumir:

— A verdade é esta: o paiz está sinceramente abraçado á familia real... Não acha, meu bom Sebastião? — Dirigia-se a elle, como proprietario e possuidor d'inscripções.

Sebastião, interpellado, córou, declarou que não entendia nada de politica; havia todavia factos que o affligiam; os operarios eram mal pagos; havia miseria; os cigarreiros tinham apenas de nove a onze vintens por dia, e, com familia, era triste...

— É uma infamia — disse Julião, por entre dentes.

— E ha poucas escólas... — observou timidamente Sebastião.

— É uma torpeza! — insistiu Julião.

O Savedra calava-se, occupado com o alimento; tinha desabotoado a fivella do collete; espalhava-selhe no rosto gordo uma côr d'enfartação; e sorria vagamente, inchado.

— E a inepcia das camaras?... — exclamou Julião. Mas o conselheiro interrompeu-o:

— Meus bons amigos, fallemos d'outra cousa. É mais digno de portuguezes e de subditos fieis.

E voltando-se logo para Jorge: — E como ficou a interessante D. Luiza?

Estava um pouco adoentada havia dias — disse Jorge. — Mas não era nada, mudança d'estação, um bocadito d'anemia...

O Savedra pousando o copo, e comprimentando:

— Tive o prazer de a vêr passar este verão todas as manhãs por minha casa — disse. — Ia para os lados d'Arroios. Ás vezes de trem, ás vezes a pé...

Jorge pareceu um pouco surprehendido; mas o conselheiro começou então a dizer quanto lhe pezava não ter o prazer de a vêr partilhar d'aquelle modesto repasto; como celibatario porém... não tendo uma esposa para fazer as honras...

— E é o que eu admiro, conselheiro — disse Julião — é que tendo uma casa tão confortavel, não se tenha casado, não se tenha dado o conchego d'uma senhora...

Todos apoiaram. Era verdade!

— São graves, perante Deus e perante a sociedade, as responsabilidades d'um chefe de familia — observou elle.

Mas emfim — disseram — é o estado mais natural. E depois, que diabo, ás vezes havia de se sentir só! E n'uma doença! Sem contar a alegria que dão os filhos!...

O conselheiro objectou: Os annos, as neves da fronte...

Tambem ninguem lhe dizia que fosse casar com uma rapariga de quinze annos! Não; era arriscado. Mas com uma pessoa de certa idade que tivesse attractivos, cuidados de interior... Era mesmo moral.

— Porque emfim, conselheiro, a natureza, é a natureza! — disse Julião com malicia.

— Ha muito, meu amigo, que se apagou dentro em mim o fogo das paixões.

Ora qual! era um fogo que nunca se extinguia! Que diabo! era impossivel que o conselheiro apesar dos seus cincoenta e cinco, fosse indifferente a uns bellos olhos pretos, a umas fórmasinhas redondas!...

O conselheiro córava; e o Savedra declarou, com um circumloquio pudico — que nenhuma idade se eximia á influencia de Venus. Toda a questão é nos gostos — disse: — aos quinze annos gosta-se d'uma matrona cheia, e aos cincoenta d'um fructosinho tenro... Pois não é verdade, amigo Alves?

O Alves arregalou os olhos concupiscentes, e fez estalar a lingua.

E o Savedra continuou:

— Eu, a minha primeira paixão foi uma visinha, mulher d'um capitão de navios, mãi de seis filhos, e que não cabia por aquella porta. Pois senhores, fiz-lhe versos, e a excellente creatura ensinou-me um par de cousas agradaveis... Deve-se começar cedo, não é verdade? — E voltou-se para Sebastião.

Quizeram então saber as opiniões de Sebastião. O excellente homem fez-se escarlate.

Por fim, muito solicitado, disse com timidez:

— Eu acho que se deve casar com uma rapariga de bem, e estimal-a toda a vida...

Aquellas palavras simples produziram um curto silencio. Mas o Savedra classificou semelhante opinião de burgueza; o casamento era um fardo; não havia nada como a variedade...

E Julião expôz dogmaticamente:

— O casamento é uma formula administrativa, que ha-de um dia acabar... — De resto achava que a femea é um ente subalterno; o homem deveria aproximar-se d'ella em certas épocas do anno (como fazem os animaes, que comprehendem estas cousas melhor que nós), fecundal-a, e afastar-se d'ella com tedio...

Aquella opinião escandalisou a todos.

— É o melhor bocadinho d'este valle de lagrimas — dizia com fatuidade o Savedra, passando devagar a mão sobre o estomago. E dissertou sobre as mulheres. O que sobretudo lhe exigia era um bonito pé; não havia nada como um pésinho catita! E a todas preferia a mulher hespanhola!

O Alves votava pelas francezas: citava algumas do Café Concerto: creaturas de fazer perder a cabeça... — E injectavam-se-lhe os olhos.

O Savedra disse com um trejeito hostil:

— Sim, para um bocado de can-can... Para o can-can não ha como as francezas... Mas muito chupistas!...

E o conselheiro affirmou ageitando as lunetas:

— Viajantes instruidos teem-me afiançado que as inglezas são notaveis mães de familia...

— Mas frias como esta madeira — disse o Savedra, batendo na mesa. — Mulheres de gêlo! — E reclamava hespanholas! Queria fogo! Queria *salero!* Tinha no olho o ponto brilhante do vinho; e a comida accendia-lhe o sentimento!

Mas em presença dos dôces o Alves Coutinho esquecera as mulheres, e, inclinado para Sebastião, dissertava sobre as gulodices. Indicava as especialidades, os folhados do Cócó, as natas do Baltresqui, as gelatinas do largo de S. Domingos; dava receitas; contava proezas de lambarice, revirando os olhos:

— Porque — dizia — o docinho e a mulherzinha é o que me toca cá por dentro a alma.

Era: todo o tempo que não dedicava ao serviço do Estado, dividia-o, com solicitude, entre as confeitarias e os lupanares!...

Savedra discutia com Julião a imprensa. Gabava a profissão de jornalista — quando a gente, já se sabe, tem alguma cousa de sua casa; mais tarde ou mais cedo apanha-se um nicho, não é verdade? Depois as entradas nos theatros, a influencia nas cantoras. Sempre se é um bocado temido...

E o conselheiro, cortando os ovos queimados, saboreando as alegrias da convivencia, dizia a Jorge:

— Que maior prazer, meu Jorge, que passar assim as horas entre amigos, todos de reconhecida illustração, discutir as questões mais importantes, e vêr travada uma conversação erudita?... Parecem excellentes os ovos.

A snr.ª Philomena, então, veio collocar-lhe ao pé uma garrafa de Champagne.

O Savedra pediu logo para a abrir; fazia-o com muito *chic*. E apenas a rolha saltou, e, no silencio que creou a solemnidade, se encheram os copos, o Savedra, que ficára de pé, disse:

— Conselheiro!

Accacio curvou-se, pallido.

— Conselheiro, é com o maior prazer que bebo, que todos bebemos, á saude d'um homem, que — e arremessou o braço com eloquencia — pela sua respeitabilidade, a sua posição e seus vastos conhecimentos, é um dos vultos d'este paiz. Á sua saude, conselheiro!

— Conselheiro! Conselheiro! Amigo conselheiro!

Beberam com ruido. Accacio, depois de limpar os beiços, passou a mão tremula pela calva, levantou-se commovido, e começou:

— Meus bons amigos! Eu não me preparei para esta circumstancia. Se o soubesse d'antemão, teria tomado algumas notas. Não tenho a verbosidade dos Rodrigos ou dos Garretts. E sinto que as lagrimas me vão embargar a voz...

Fallou então de si, com modestia: reconhecia, quando via na capital tão illustres parlamentares, oradores tão sublimes, tão consummados estylistas, reconhecia que era um Zero! — E com as duas mãos erguidas formava no ar, pela junção dos pollegares e dos indicadores, dous *oo:* um *zero!* Proclamou o seu amor á patria: que ámanhã as instituições ou a familia real precisassem d'elle — e o seu corpo, a sua penna, o seu modesto peculio tudo offerecia de bom grado! Quereria derramar todo o seu sangue pelo throno. — E, nervoso, citou o *Eurico,* as instituições da Belgica, Bocage e passagens dos seus prologos. Honrou-se de pertencer á Sociedade 1.° de

Dezembro... — N'esse dia memoravel — exclamou — eu mesmo illumino as minhas janellas, sem o luxo dos grandes estabelecimentos do Chiado, mas com uma alma sincera!

E terminou dizendo: — Não esqueçamos, meus amigos, como portuguezes, de fazer votos pelo illustrado monarcha, que deu ás neves da minha fronte, antes de descerem ao tumulo, a consolação de se poderem revestir com o honroso habito de S. Thiago! Meus amigos, á familia real! — e ergueu o copo — á familia modêlo, que sentada ao leme do Estado, dirige, cercada dos grandes vultos da nossa politica, dirige... — Passou a mão pela calva; procurou o fecho; havia um silencio ancioso... — dirige... — e através das lunetas negras, os seus olhos cravavam-se, á busca da inspiração, na travessa d'aletria — dirige... — e coçou a calva, afflicto; mas um sorriso clareou-lhe o aspecto; encontrára a phrase; e estendendo o braço: — ... dirige a barca da governação publica com inveja das nações visinhas! Á familia real!

— Á familia real! — disseram com respeito.

O café foi servido na sala: as velas d'estearina punham uma luz pallida n'aquella habitação fria: o conselheiro foi dar corda á caixa de musica; e, ao som do côro nupcial da *Lucia,* offereceu em redor charutos.

— E a snr.ª Adelaide póde trazer os licôres — disse á Philomena.

Viram então apparecer uma forte mulher de trin-

ta annos, branca, de olhos negros e fórmas amplas, com um vestido de merino azul, trazendo n'uma bandeja de prata, onde tremelicavam copinhos, a garrafa de cognac e o frasco de curaçáo.

— Boa moça! — rosnou com o rosto acceso o Alves Coutinho.

— Chut! — fez-lhe Julião com o dedo sobre os labios. E fallando-lhe ao ouvido, com os olhos no conselheiro, acrescentou:

> Não ouses, temerario, erguer teus olhos
> Para a mulher de Cesar!

E ao sahir, já com o chapéo ao lado, Julião não se esqueceu d'entrar no escriptorio, e, curioso, erguer a ponta do chale-manta pardo que o preoccupava; viu com satisfação rumas de livros brochados, atadas com guitas, — eram as obras do conselheiro, intactas!

Quando Jorge entrou, ás 11 horas, Luiza já deitada lia, esperando-o.

Quiz saber do jantar do conselheiro.

Muito bom, contou Jorge, começando a despir-se; enumerou os pratos, gabou os vinhos. Tinha havido *speechs*... E de repente:

— É verdade, onde ias tu a Arroios?

Luiza que se voltára para a parede, pôde occultar a Jorge a alteração do seu rosto. Disse bocejando ligeiramente:

— A Arroios?

— Sim. O Savedra, um sujeito que estava em ca-

sa do conselheiro, diz que te via passar todos os dias para lá, de trem e a pé.

— Ah! — fez Luiza, depois de tossir — ia vêr a Guedes, uma rapariga que andou commigo no collegio, que tinha chegado do Porto. A Silva Guedes!

— Silva Guedes!... — disse Jorge reflectindo — Imaginei que estava secretario geral em Cabo-Verde!

— Não sei. Estiveram ahi um mez no verão. Moravam a Arroios. Ella estava doente, coitada: eu ia lá ás vezes. Mandava-me pedir para ir lá. Põe essa luz fóra, está-me a fazer impressão.

E queixou-se que toda a tarde tinha estado exquisita; sentia-se fraca, e com uma pontinha de febre...

E nos dias seguintes não se achou melhor. Queixava-se vagamente de peso na cabeça, debilidade, mal estar... Uma manhã mesmo ficou de cama. Jorge não sahiu, inquieto, querendo mandar chamar Julião. Mas Luiza insistiu que «não era nada, um bocadito de fraqueza, talvez...»

Foi tambem a opinião de Juliana, em cima na cozinha.

— Que aquella senhora é fraca; alli ha cousa do peito — disse com importancia.

Joanna que estava debruçada sobre o fogão acudiu logo:

— O que ella é, é uma santa!...

Juliana cravou-lhe nas costas um olhar rancoroso. E com um risinho:

— A snr.ª Joanna diz isso como se as outras fossem uma peste.

— Que outras?

— Eu, vossemecê, a mais gente...

Joanna sempre remexendo nas panellas sem se voltar:

— Olhe, outra não encontra vossemecê, snr.ª Juliana! Uma senhora que lhe deixa fazer tudo o que quer, e faz ella mesmo o serviço! Olhe que n'outro dia andava a despejar as aguas. É uma santa!

Aquelle tom secco e malquerente de Joanna exasperou-a; mas, apesar da sua *posição* na casa, dependia d'ella para os caldinhos, os bifes, os petiscos; e como a considerava com a vaga timidez respeitosa das constituições franzinas pelos corpos possantes, pôz-se a dizer com uma voz tortuosa e ambigua:

— Ora! são genios! Gosta d'arrumar. Ah, lá isso deve-se dizer, é senhora de muita ordem. Mas gosta, gosta de trabalhar. Ás vezes basta-lhe vêr um bocadinho de pó, agarra logo no espanador... É genio. Tenho visto outras assim... — E punha a cabeça de lado, franzindo os beiços.

— O que ella é, é uma santa — repetiu a Joanna, com um tom cantado.

— É genio! Está sempre n'uma labutação. Eu nunca saio sem deixar tudo n'um brinco. Pois senhores, nunca está satisfeita. Até n'outro dia, lá em baixo a passar a roupa... Eu ia a sahir, pois tirei logo o

chapéo, e não consenti... Olhe, quer que lhe diga? falta de cuidados, não ter filhos... Que ella não lhe falta nada...

Calou-se, remirou o pé, e com uma satisfação na face amarellada:

— Nem a mim — disse reclinando-se na cadeira.

A Joanna pôz-se a cantarolar. Não queria responder, «nem questões». Mas ultimamente achava «tudo aquillo muito fóra dos eixos». A Juliana sempre na rua, ou mettida no quarto a trabalhar para si, sem se importar, deixando tudo ao Deus dará, e a pobre senhora a labutar, a varrer, a passar, a emmagrecer! Não, alli havia cousa. Mas o seu Pedro a quem ella contára, disse-lhe com finura, retorcendo o buço: — Ellas lá se entendem! Trata tu de gozar, e não te importes com a vida dos outros. A casa é boa, toca a tirar partido. Fica-te na concha!

E Joanna ficava na concha, sentindo todavia crescer-lhe «lá por dentro» uma embirração pela snr.ª Juliana. Tinha-lhe «asca» pelas tafularias, pelos luxos do quarto, pelas passeatas todo o dia, pelos modos de madama; não se recusava a fazer ás vezes o serviço d'ella, porque isso lhe rendia presentinhos da senhora; mas que alli havia cousa, havia. E as picadas da curiosidade irritavam-lhe mais a pontinha da antipathia. O que a consolava era a idéa de que um piparote desfazia aquella magricella; e ia tirando partido da casa, tambem. O Pedro tinha carradas de razão...

Juliana com effeito agora não se constrangia. Depois da «scena da roupa» tivera um susto, porque emfim o escandalo podia-lhe fazer perder a *posição,* e durante alguns dias não sahiu, foi cuidadosa. Mas quando viu Luiza resignar-se, abandonou-se logo, quasi com fervor, á satisfação da preguiça e ás alegriasinhas da vingança. Passeava, costurava fechada no seu quarto, e a *Piorrinha* que se arranjasse! Diante de Jorge ainda se continha: temia-o: sabia que elle não lhe supportaria nem um repente, nem uma resmungadella. Mas apenas elle sahia! Que desforra! Ás vezes estava varrendo, ou arrumando — e, mal o sentia fechar a cancella, atirava o ferro, ou a vassoura, e punha-se a «panriar». Lá estava a *Piorrinha* para acabar. Além d'isso passava mal. E tinha dias que, como ella disse um dia muito atrevidamente a Luiza, «ainda que quizesse, não podia».

Acontecia ás vezes que Jorge, ao entrar, via Luiza pallida, com os olhos vermelhos.

Ella explicava tudo pelo *nervoso,* e Jorge começava a inquietar-se.

— Que será, Sebastião? — era a pergunta incessante. E lembrava-lhe com terror que a mãi de Luiza morrera d'uma doença de coração!

Na rua, pela cozinheira, pela tia Joanna, sabia-se que a do Engenheiro «ia mal». A tia Joanna jurava que era a solitaria. Porque emfim, uma pessoa a quem não faltava nada, com um marido que era um anjo, uma boa casa, todos os seus commodos — e a

esmorecer, a esmorecer... Era a bicha! Não podia ser senão a bicha!

Contava casos numerosos; e todos os dias lembrava a Sebastião que se devia mandar chamar o homem de Villa Nova de Famalicão, que tinha o remedio «para a bicha».

O Paula explicava d'outro modo:

—Eu é que sei o que é. Estas senhoras eu é que as conheço. Querem saber o que é? Apertou-se muito e encolheu-lhe o estomago.

Mas dias depois, deu outra versão:

— Alli anda cousa de cabeça — disse, franzindo a testa, com o ar profundo. — Sabe o que ella tem, snr.ª Helena? É muita dóse de novellas n'aquella cachimonia. Eu vejo-a de pela manhã até á noite de livro na mão. Põe-se a lêr romances e mais romances... Ahi teem o resultado: arrazada!

Um dia Luiza de repente, sem razão, desmaiou; e quando voltou a si ficou muito fraca, com o pulso sumido, os olhares cavados. Jorge foi logo buscar Julião: encontrou-o nervoso, esguedelhado, porque o concurso era para o dia seguinte, e «sentia suas cólicas».

Durante o caminho veio fallando com grandes gestos da sua these, do escandalo dos patrocinatos, do barulho que faria se fossem injustos, — arrependido agora de não ter «mettido mais cunhas»!

E depois de ter examinado Luiza veio dizer furioso a Jorge:

— Não tem nada! E vaes-me buscar para isto!

Tem anemia, o que todos temos. Que passeie, que se distráia, e ferro, muito ferro... E agua fria, agua fria p'ra cima d'aquella espinha.

E como era tarde, convidou-se para jantar porque não podia estar só, deblaterando sem cessar contra o paiz, amaldiçoando a carreira medica, injuriando o seu concorrente, e fumando com desespero os charutos de Jorge.

Luiza tomava o ferro, mas recusava as distracções; receava vestir-se, aborrecia-lhe ir ao theatro... Depois, logo que viu Jorge preoccupar-se do seu estado morbido, disfarçou, quiz affectar força, alegria, bom humor; e aquelle esforço abatia-a, extraordinariamente.

— Vamos para o campo, queres tu? — dizia-lhe Jorge desolado.

Mas ella, receando complicações possiveis, não aceitava; não se sentia bastante forte, dizia: onde estava mais confortavel que em casa? Depois as despezas, os incommodos...

Uma manhã, que Jorge voltára a casa inesperadamente, encontrou-a em *robe-de-chambre*, com um lenço amarrado na cabeça, varrendo lugubremente.

Ficou á porta attonito:

— Que andas tu a fazer? andas a varrer?

Ella córou muito, atirou logo a vassoura e veio abraçal-o.

— Não tinha que fazer. Deu-me a mania da limpeza. Estava aborrecida, além d'isso faz-me bem, é um exercicio.

Jorge, á noite, contou a Sebastião aquella «tolice, de se andar a esfalfar...»

— Uma pessoa que está tão fraca, minha senhora — observou reprehensivamente Sebastião.

Mas não! dizia ella, achava-se bem melhor! Até agora andava muito melhor...

E todavia, quasi não fallou n'essa noite, curvada sobre o seu *crochet,* um pouco pallida: e os seus olhos ás vezes erguiam-se com uma fadiga triste, sorrindo silenciosamente d'um modo desconsolado.

Pediu a Sebastião que tocasse alguma cousa do *Requiem* de Mozart. Achava sublime! Gostava que lh'o tocasssem na igreja quando ella morresse...

Jorge zangou-se. Que mania de fallar em cousas ridiculas!

— Mas então, não é possivel que eu morra...

— Pois bem, morre e deixa-nos em paz — exclamou elle furioso.

— Que bom marido! — dizia ella sorrindo a Sebastião. — E deixando cahir o *crochet* no regaço, pediu-lhe então os *16 compassos da Africana.* Escutava com a cabeça apoiada á mão: aquelles sons entravam-lhe na alma com a doçura de vozes mysticas que a chamavam; parecia-lhe que ia levada por ellas, se desprendia de tudo o que era terrestre e agitado, se achava como n'uma praia deserta onde o vento geme, junto ao mar triste, sob um frio luar — e alli, puro espirito, livre das miserias carnaes, rolava nas ondulações do ar, tremia nos raios luminosos, passava sobre as urzes nos sopros salgados.

A melancolica attitude do seu corpo abatido enfureceu Jorge:

— Ó Sebastião, fazes-me favor de tocar o fandango, o Barba Azul, o Pirolito, o diabo! Senão, se querem melancolia, eu começo com o canto-chão.

E cantou com violencia:

Dies iræ, dies illæ,
Solvunt sæcula in favilla.

Luiza riu-se:

— Que doudo! Nem póde a gente estar triste...

— Póde! — exclamou Jorge. — Mas então venha a bella tristeza, venha a tristeza completa. — E com uma voz medonha entoou o *Bemdito!*

— Os visinhos hão-de dizer que estamos doudos, Jorge — acudiu ella.

— É justamente o que nós estamos! — E entrou no escriptorio, desesperado.

Sebastião bateu uns vagos compassos, e voltando-se para ella, baixo:

— Então que idéas são essas? Que melancolia é essa?

Luiza ergueu os olhos para elle; viu a sua face boa e amiga, cheia de sympathia; ia talvez dizer-lhe tudo n'uma explosão de dôr, mas Jorge sahia do escriptorio. Ella sorriu, encolheu os hombros, retomou devagar o seu *crochet*.

No domingo seguinte, á noite, conversava-se na sala. Julião estivera a contar o seu concurso. Em resumo, estava contente: tinha fallado duas horas com precisão e com lucidez.

O dr. Figueiredo dissera-lhe que «lamentava que elle não tivesse amenisado um bocado mais...»

— Litteratos! — fazia Julião, encolhendo os hombros com desprezo. — Não podem fallar cinco minutos sobre o osso do tornozello, sem trazerem as «flôres da primavera» e «o facho da civilisação»!

— O portuguez tem a mania da rhetorica — disse Jorge. N'este momento Juliana entrou na sala, com uma carta.

— Oh! é do conselheiro!

Ficaram inquietos. Mas Accacio apenas se desculpava de «não poder vir, como promettera na vespera, partilhar do excellente chá de D. Luiza. Um trabalho urgente retinha-o á banca do dever. Pedia lembranças aos nossos Sebastião e Julião, e affectuosos respeitos á interessante D. Felicidade».

Uma onda de sangue abrazou o rosto da excellente senhora. Ficou a arfar, toda nervosa; derramava em redor um olhar de satisfação; mudou duas vezes de cadeira, foi tocar no teclado com um dedo a *Perola d'Ophir;* e emfim, não se dominando, pediu baixo a Luiza «que fossem para o quarto, tinha um segredo...»

E apenas entraram, fechando vivamente a porta da sala:

— Que me dizes á carta d'elle?

— Os meus parabens — disse Luiza, rindo.

— É o milagre — exclamou D. Felicidade — já é o milagre a fazer-se! — E mais baixo: — Mandei o homem!

Luiza não comprehendia.

— O homem a Tuy, á mulher de virtude. Levou o meu retrato e o d'elle. Partiu ha uma semana: a mulher naturalmente já começou a enterrar-lhe as agulhas no coração...

— Que agulhas? — perguntou Luiza attonita.

Estavam de pé, junto ao toucador. E D. Felicidade com uma voz mysteriosa, quasi assustada:

— A mulher faz um coração de cera, colla-o ao retrato do conselheiro, e durante uma semana á meia noite crava-lhe uma agulha benta com o preparo que ella tem, e faz as orações...

— E déste o dinheiro ao homem?

— Oito moedas.

— Oh D. Felicidade!

— Ai! não me digas. Que já vês! Que mudança! D'aqui a uns dias, baba-se! Ai! Nossa Senhora da Alegria o permitta. Nossa Senhora o permitta! Que aquelle homem traz-me douda. De noite, é cada sonho! Até ando em peccado mortal! E são suores! Mudo de camisa tres e quatro vezes!

E olhava-se ao espelho: queria convencer-se que as bellezas da sua pessoa ajudariam as agulhas da bruxa: alisou o cabello.

— Não me achas mais magra?

— Não.

— Ai estou, filha, estou! — E mostrou o corpete lasso. Já fazia planos. Iria passar a *lua de mel* a Cintra... E os olhos afogavam-se-lhe n'um fluido languido.

— Nossa Senhora da Alegria o permitta. Tenho-lhe duas velas accesas, de dia e de noite...

Mas de repente a voz afflicta de Joanna bradou da escada da cozinha:

— Minha senhora! Minha senhora, acuda!

Luiza correu, e Jorge tambem, que ouvira na sala o grito. Juliana estava estendida no soalho da cozinha, desmaiada!

— Deu-lhe de repente, deu-lhe de repente! — exclamava Joanna, branca, a tremer. — Tombou p'ra o lado de repente...

Julião tranquillisou-os logo: era uma syncope, muito frequente nas doenças de coração. Transportaram-na para a cama. Julião fez-lhe esfregar violentamente com uma flanella quente as extremidades, — e, mesmo antes que Joanna atarantada, em cabello, corresse á botica por um anti-spasmodico, Juliana voltava a si muito cançada, com suspiros repetidos, cerrando os olhos n'um abandono somnolento.

E ao voltarem á sala, Julião disse, enrolando o cigarro:

— Não vale nada. É muito frequente a syncope nas doenças de coração. Esta é simples. Mas é o diabo, ás vezes tem um caracter apopletico, e vem a paralysia; pouco duradoura, porque a effusão de sangue no cerebro é muito pequena, mas emfim, sem-

pre desagradavel. — E encolhendo os hombros, accendeu o cigarro. — Esta mulher um dia morre-lhes em casa.

Jorge, preoccupado, passeava pela sala com as mãos nos bolsos.

— Sempre o tenho dito — acudiu D. Felicidade, baixando a voz. — Sempre o tenho dito. É desfazerem-se d'ella.

— Além d'isso o tratamento é incompativel com o serviço. Emfim, mesmo a engomar roupa se póde tomar digitalis ou quinino; mas é que o verdadeiro tratamento é o repouso, é a absoluta exclusão da fadiga. Que ella um dia se zangue ou que tenha uma manhã de canceira, e póde ir-se!

— E vai adiantada a doença? — perguntou Jorge.

— Pois não, menino! Tem já os symptomas completos. Pelo que ella diz já tem a difficuldade asthmatica, oppressões, uma dôr aguda na região cardiaca, flatulencia, humidade nas extremidades — o diabo!...

— Olha que espiga! — murmurou Jorge, olhando em roda.

— É pôl-a na rua! — resumiu D. Felicidade.

Quando ficaram sós, ás 11 horas, Jorge disse logo a Luiza:

— Que te parece esta, hein? É necessario descartarmo-nos da creatura. Não quero que me morra em casa!

Ella, sem se voltar, diante do toucador, tirando os brincos, começou a dizer: que não se podia mandar

tambem a pobre creatura morrer p'ra a rua... E lembrou vagamente o que ella tinha feito pela tia Virginia... Ia collocando devagar as suas palavras com a cautela com que se pousa o pé n'um terreno traiçoeiro. — Podia-se talvez dar-lhe algum dinheiro, que ella fosse viver algures...

Jorge, depois d'um silencio, respondeu:

— Não tenho duvida em lhe dar dez ou doze libras, e que se vá, que se arranje!

Dez ou doze libras! — pensou Luiza com um sorriso infeliz. — E á beira do toucador olhava para o seu rosto, ao espelho, com uma indefinida saudade, como se as suas faces devessem dentro em pouco estar cavadas pela afflicção, e os seus olhos fatigados pelas lagrimas...

Porque, emfim, a *crise* tinha chegado. Se Jorge insistisse em despedir a creatura, ella não podia, sem provocar um espanto, uma explicação, dizer a Jorge: não quero que ella sáia, quero que ella aqui morra! E Juliana doente, expulsa, desesperada, vendo que Luiza não a apoiava e não a reclamava, vingar-se-hia! Iria — que remedio! — mas deixaria atraz de si a desgraça! Que havia de fazer?

Ergueu-se ao outro dia n'uma grande agitação. Juliana fraca, fatigada, ainda estava na cama. E em

quanto Joanna punha a mesa, Luiza sentada na *voltaire,* á janella da sala de jantar, lia machinalmente o *Diario de Noticias,* quasi sem comprehender, quando uma noticia, no alto da pagina, lhe deu um sobresalto. Tinha lido: «Parte além d'ámanhã para França o nosso amigo e conhecido banqueiro Castro, da firma Castro Miranda & C.ª S. exc.ª retira-se dos negocios da praça, e vai estabelecer-se definitivamente em França, perto de Bordeus, onde comprou ultimamente uma valiosa propriedade.»

O Castro! O homem que lhe dava dinheiro, o que ella quizesse, dizia Leopoldina! Partia!... E apesar de ter achado, desde o primeiro momento, aquelle recurso infame, vinha-lhe a seu pezar como uma desconsolação de o vêr desapparecer! Porque nunca mais voltaria a Portugal, o Castro! Não o tornaria a vêr! Era como se *elle* morresse!... E de repente uma idéa atravessou-a, que a fez vibrar toda, erguer-se direita, pallida.

Se na vespera da partida d'elle — santo Deus! se ella consentisse!... Oh! era horrivel! Era vil! Nem pensar em tal!...

Mas pensou — e sentia-se toda fraca contra uma tentação crescente, que se lhe enroscava na alma, com caricias ondulosas. É que então estava salva! Dava seiscentos mil reis a Juliana, que iria estabelecer-se, morrer para longe!

E elle, o homem, tomaria o paquete; não teria de córar mais diante d'elle; o seu segredo ia para o estrangeiro, tão perdido como se fôra para o

tumulo! — E depois se elle tinha uma paixão por ella era bem possivel que lhe emprestasse, sem condições. Era natural!

E no dia seguinte podia ter alli na algibeira do seu roupão o dinheiro em notas, em ouro... Porque não? Porque não? — E vinha-lhe um desejo ancioso de se libertar, de viver, de ser feliz sem agonias, sem martyrios...

Voltou ao quarto. Jorge vestia-se depressa, era tarde. Pôz-se a remexer no toucador, olhando-o de lado... A presença d'elle, o espectaculo amado da sua pessoa deu-lhe um remorso, uma repugnancia; ir pedir a um homem dinheiro, consentir nos seus olhares lascivos, nas suas palavras intencionaes!... Que horror! — Mas já subtilisava: Era por Jorge, era por elle! Era para lhe poupar o desgosto de *saber!* Para o poder amar livremente, toda a vida, sem receios, sem reservas...

Durante todo o almoço esteve calada. Olhava Jorge de vez em quando. O *outro* parecia-lhe abjecto e medonho, odiava-o já!...

Quando Jorge sahiu ficou toda tremula, toda nervosa. Ia á janella; o dia parecia-lhe adoravel, a rua attrahente, com o bom sol consolador. — Porque não? Porque não?

E a voz de Juliana, muito aspera, que fallava nas escadas da cozinha, decidiu-a bruscamente.

Vestiu-se com cuidado; era mulher; quiz parecer bonita. — E chegou toda esbaforida a casa de Leopoldina, quando dava meio dia.

Encontrou-a vestida, esperando o almoço. E tirando logo o chapéo, com a voz agitada, um brilho no olhar, disse a Leopoldina a sua decisão... Era bem possivel que elle emprestasse o dinheiro, por bondade, sem exigencias... De resto, estava n'uma afflicção, devia valer-se de tudo!... Jorge queria despedir a mulher... Tinha medo de alguma vingança d'ella... Queria dinheiro, alli estava!

— Mas assim de repente, filha — disse a outra reflectindo, cruzando os braços.

— O Castro vai-se ámanhã. Não viste no jornal? É necessario fazer alguma cousa já.

Leopoldina lembrou escrever-lhe.

— O que quizeres... Eu aqui estou!

E a outra sentou-se logo á mesa, escolhendo uma folha de papel.

Luiza pisava a esteira com passos nervosos. Tinha agora uma resolução teimosa e fixa; a presença de Leopoldina fortificava-lh'a! Divertia-se, aquella, ria, ia ao campo, gozava, vivia sem ter como ella uma tortura a minar-lhe, a estragar-lhe a vida! Ah! não voltaria para casa sem levar na algibeira o dinheiro, a salvação. Ainda que tivesse de ser vil como a lama! Estava farta d'aquellas humilhações, dos sustos, das noites cortadas de pesadêlos. Vinha-lhe um egoismo brutal e secco; queria saborear a vida, que diabo! o seu amor, o seu jantar, sem cuidados, com o coração ligeiro!

— Vê lá — disse Leopoldina, lendo:

« Meu caro amigo.

« Desejo absolutamente fallar-lhe. É um negocio grave. Venha logo que possa. Talvez me agradeça. Espero-o até ás 3 horas, o mais tardar.

« Com toda a estima

« Sua amiga

« *Leopoldina.* »

— Que te parece?

— Horrivel! Mas está bem... Está muito bem! Risca-lhe o *talvez me agradeça*. É melhor.

Leopoldina copiou o bilhete, mandou-o pela Justina: e « que tomasse um trem, para ir mais depressa »!

— E agora vou almoçar que me não tenho nas pernas.

A sala de jantar, escura, dava para um saguão estreito. As paredes estavam cobertas d'uma pintura medonha e primitiva, em que grandes manchas verdes semelhavam collinas, tendo á base linhas azues ferretes que significavam talvez a superficie d'uma agua tranquilla. Um armario de pinho azul, no angulo da parede, servia de guarda-louça. As cadeiras de palhinha tinham almofadinhas de paninho vermelho, e na toalha havia nodoas do café da vespera.

— D'uma cousa pódes tu ter a certeza — dizia Leopoldina, bebendo grandes goles de chá — é que o Castro é um homem p'ra um segredo!... Se te emprestar o dinheiro, que empresta, d'aquella bocca não sahe uma palavra. Lá n'isso é perfeito... Olha que foi o amante da Videira annos! e nem ao Mendonça que é o seu intimo disse uma palavra. Nem uma allusão! É um poço.

— Que Videira? — perguntou Luiza.

— Uma alta, de nariz grande, que tem um *landau*.

— Mas passa por uma mulher tão séria...

— Já tu vês! — E com um risinho: — Ai ellas passam, passam. Lá passar, passam. A questão é conhecer-lhes os pôdres.

E barrando de manteiga grandes fatias de pão, pôz-se a fallar complacentemente dos escandalos de Lisboa. — Porque os ha! Ui! Um horror! Poucas deixariam de estar tocadas. — E diante de Luiza pasmada, desdobrava o *sudario:* umas, depois de terem « feito o diabo », gastavam, n'uma devoção tardia, o resto d'uma velha sensibilidade; que é por onde ellas acabam, algumas, é pelas sacristias! Outras, cançadas de certo d'uma virtude monotona, tinham preparado o seu « fracasso » n'uma estação em Cintra ou em Cascaes. E as meninas solteiras! Ha muito pequerrucho por essas amas dos arredores, que tem o direito de lhes chamar *mamã!* Outras mais prudentes, receando os resultados do amor, refugiam-se nas precauções da libertinagem... Sem contar as senhoras que em

vista dos pequenos ordenados, completam o marido com um sujeito supplementar! — Exagerava muito, mas odiava-as tanto! Porque todas tinham, mais ou menos, sabido conservar a exterioridade decente que ella perdera. Tinham tido a habilidade, onde ella, a tola, tivera só a sinceridade! E em quanto ellas tinham as suas relações, os convites para *soirées*, a estima da côrte, — ella perdera tudo, era apenas a Quebraes!...

Aquella conversação enervava Luiza; n'aquella generalidade do vicio parecia-lhe que o seu caso, como um edificio n'um nevoeiro, perdia o seu relevo cruel, se esbatia; e sentindo-o tão pouco visivel quasi lhe parecia já justificado.

E ficavam caladas, como entorpecidas n'aquelle sentimento d'uma forte immoralidade geral, onde as resistencias pudicas e os orgulhos se amollecem, se enlanguecem, — como os musculos n'uma estufa fortemente saturada de exhalações mornas e aromaticas.

— Este mundo é uma historia — disse Leopoldina erguendo-se e espreguiçando-se.

— E teu marido onde está? — perguntou Luiza no corredor.

Fôra para o Porto. Estavam á vontade... Podiam commetter crimes!

E Leopoldina, no quarto, sentando-se, quasi deitada, n'um canapé, com o cigarrinho *laferme* na bocca, começou tambem a queixar-se.

Andava aborrecida ha tempos; enfastiava-se,

achava tudo seccante; queria alguma cousa de novo, de desusado! Sentia-se bocejar por todos os poros do seu corpo...

— E o Fernando, então? — disse Luiza, que a cada momento se aproximava da janella.

— Um idiota! — disse Leopoldina com um movimento d'hombros, cheio de saciedade e de desprezo.

Não, realmente tinha vontade d'outra cousa, não sabia bem de quê! Ás vezes lembrava-se fazer-se freira! (E estirava os braços com um tedio molle) Eram tão semsaborões todos os homens que conhecia! tão corriqueiros todos os prazeres que encontrára! Queria uma outra vida, forte, aventurosa, perigosa, que a fizesse palpitar — ser mulher d'um salteador, andar no mar, n'um navio pirata... Em quanto ao Fernando, o amado Fernando dava-lhe nauseas! E outro que viesse seria o mesmo. Sentia-se farta dos homens! Estava capaz de tentar Deus!

E bocejando enormemente:

— Aborreço-me! Aborreço-me!... Oh céos!

Ficaram um momento caladas, perdidas uma nas suas preoccupações, outra no seu tedio.

— Mas, que se lhe ha-de dizer, a esse homem? — perguntou de repente Luiza.

Leopoldina, soprando o fumo do cigarro, arrastando a voz:

— Diz-se-lhe que se precisa um conto de reis, ou seiscentos mil reis. Que se lhe ha-de então dizer? Que se lhe paga.

*

— Como?

A outra disse, meia deitada, com os olhos no tecto:

— Em affecto.

— Oh! és horrivel! — exclamou Luiza, exasperada. — Vês-me aqui desgraçada, meia douda, dizes que és minha amiga, e estás a rir, a escarnecer... — E a sua voz tremia, quasi lacrimosa.

— Mas tambem que pergunta tão tola! Como se lhe ha-de pagar?... Tu não sabes?

Olharam-se um momento.

— Não, eu vou-me embora, Leopoldina! — exclamou Luiza bruscamente.

— Não sejas criança! — E sentindo um trem parar na rua, correu á escada. Devia ser a Justina.

Era. Não o encontrára em casa, estava no escriptorio. Fôra lá, disse que vinha immediatamente.

Mas Luiza tinha o chapéo na mão.

— Não — disse Leopoldina, quasi escandalisada — tu agora não me deixas aqui com o homem! Que lhe hei-de eu dizer? Nada de criancices!

— É horrivel! — murmurou Luiza com uma lamentação, deixando cahir os braços, indecisa, solicitada pelo interesse, retida pelo pudor, com o olhar afflicto, infeliz!

— É como quem toma oleo de ricino — disse a outra com um gesto cynico. — Que diabo! onde é que está a deshonra, em pedir dinheiro emprestado? Todo o mundo pede...

N'aquelle momento outra carruagem, a largo trote, parou.

— Entra tu primeiro! falla-lhe tu primeiro! — supplicou logo Luiza, erguendo as mãos para ella.

A campainha retiniu. Luiza estava tremula. Botas d'homem rangeram na esteira da sala ao lado; depois um pigarro grosso. Leopoldina disse-lhe baixo, devagar, como para lhe cravar as palavras na alma, uma a uma:

— Lembra-te que d'aqui a uma hora pódes estar salva, com as tuas cartas na algibeira, feliz, livre!

Luiza pôz-se de pé com uma decisão violenta. Foi pôr pós d'arroz, alisou o cabello, — e entraram na sala.

Ao vêr Luiza, o Castro teve um movimento surprehendido. Curvou-se, com os pés pequeninos muito juntos, inclinando a cabeça grossa, alourada, onde os cabellos muito finos já rareavam.

Os punhos da camisa descidos deixavam apenas vêr as pontas dos dedos, calçados n'uma luva de pellica rôxa. Sobre o seu ventresinho redondo, que a perna curta fazia parecer quasi pançudo, o medalhão do relogio pousava com opulencia. Trazia na mão um chicote, cujo cabo de prata representava uma Venus retorcendo os braços. A pelle tinha um rubor prospero e bem nutrido; o bigode era louro e farto, em pontas agudas, empastadas em cera mostacha, d'um aspecto napoleonico: a ponta da pera comprida roçava o seu plastron de sêda azul. E os seus oculos de

BIBLIOTECA NACIONAL

ouro tinham um aspecto authoritario, bancario, muito amigo da ordem.

— Com que! Era necessario mandal-o chamar, para que se lhe pozesse a vista em cima, — começou logo Leopoldina. E depois de o apresentar a Luiza «sua intima, sua amiga de collegio»:

— Que tinha feito, porque não tinha apparecido?

O Castro repoltreou-se n'uma cadeira de braços, com as perninhas estendidas, e batendo com o chicote nas botas, desculpou-se com os seus affazeres, muitas visitas, os preparativos da partida...

— Então sempre é verdade? *Deixa-nos?*

O Castro agradeceu o verbo com um sorriso.

— Além d'ámanhã. No *Orenoque*.

— Então d'esta vez os jornaes não mentiram. E com demora?

— *Per omnia sæcula sæculorum*.

E acrescentou logo, como para a não desolar inteiramente: — Ah, mas é bem possivel que de vez em quando venha vêr se Lisboa está no mesmo sitio... E deu uma risadinha.

Leopoldina pasmava: deixar Lisboa! Um homem tão estimado, que se podia divertir tanto! — Pois não é verdade? — dizia voltando-se para Luiza, para a tirar do seu silencio embaraçado.

— Com certeza — murmurou ella.

Estava sentada á beira da cadeira, como assustada, prompta a fugir. E os olhares do Castro, insistentes por traz do reflexo dos oculos, incommodavam-na.

Leopoldina, então, ameaçando-o com o dedo erguido:

— Ah! Ahi anda historia de saias!

Elle negava frouxamente, com a cabeça de lado, um sorriso fatuo.

Mas Leopoldina não achava as francezas bonitas — o que era é que tinham muito *chic*, muita animação...

O Castro declarou-as adoraveis. Sobretudo para a estroinice! Ah! conhecia-as bem. Emfim, lá como mães de familia não dizia. Mas para uma cêa, para um bocado de *can-can* não havia outras. — Dizia-o com convicção, pois, como os burguezes seus patricios, avaliava doze milhões de francezas por seis prostitutas de café concerto, — que tinha pago e enfastiado.

Leopoldina, rindo, para o lisonjear, chamava-lhe *estroina!*

Elle sorria deliciando-se, remexia a cabeça, e batendo compasso com os tacões altos das botas:

— Calumnias, calumnias...

Leopoldina voltou-se para Luiza:

— E diz que comprou uma quinta magnifica, um palacio.

— Uma choupana, uma choupana...

E riam ambos d'um modo affectado, com um vago ar de polidez.

O Castro curvou-se então para Luiza:

— Tive o gosto de vêr v. exc.ª ha tempos, na rua do Ouro...

— Creio que tambem me lembro — respondeu ella.

E ficaram outra vez calados, n'um embaraço, com sorrisos vagos, — até que Leopoldina, decidindo-se, sentou-se mais á beira do sophá, e com pancadinhas nervosas no vestido:

— Pois eu mandei-o chamar porque temos uma cousa a dizer-lhe.

Castro inclinou-se. O seu olhar não deixava Luiza, percorria-a com atrevimento, palpava-a.

— Aqui está o que é. Eu vou direita á cousa, sem preambulos. — E teve outro risinho. — Aqui a minha amiga está n'um grande apuro, e precisa um conto de reis.

Luiza acudiu com a voz quasi sumida:

— Seiscentos mil reis...

— Bem, isso não importa — disse Leopoldina com uma indifferença opulenta. — Estamos a fallar com um millionario. A questão é esta: quer o meu amigo fazer o favor?

Luiza tornou-se escarlate.

O Castro endireitou-se. Olhava Luiza e Leopoldina: teve um sorriso polido e com uma voz arrastada, ambigua:

— Certamente, certamente...

Leopoldina ergueu-se logo:

— Bem. Eu tenho alli no quarto a costureira á espera. Deixo-os fallar do negocio.

E voltando-se, á porta do quarto, para o Castro, ameaçando-o, com a voz alegre:

— E que o juro seja pequeno, hein?

E sahiu, rindo.

O Castro, terno, disse logo:

— Pois minha senhora, eu...

— A Leopoldina contou-lhe a verdade, eu estou n'uma grande afflicção de dinheiro. E dirijo-me a si. São seiscentos mil reis... Procurarei pagar...

— Oh minha senhora! — fez Castro com um gesto generoso. — E começou a dizer, com a voz um pouco contrafeita, que comprehendia perfeitamente, todo o mundo tinha os seus embaraços. Lamentava que a não tivesse conhecido ha mais tempo. Sempre tivera uma grande sympathia por ella...

Luiza calava-se com os olhos baixos: elle foi pousar o chicote na jardineira, e veio sentar-se no sophá junto d'ella. E vendo o seu ar embaraçado e tremulo pediu-lhe que não se affligisse. Valia lá a pena por questões de dinheiro! Tinha o maior prazer em servir uma senhora nova, tão interessante... Fizera perfeitamente em se dirigir a elle. Conhecia casos em que senhoras se dirigiam a agiotas, que as exploravam, eram indiscretos... — E fallando tomou-lhe a mão; o contacto d'aquella pelle fina e appetecida, exaltando o desejo brutalmente, fazia-o respirar alto. Luiza sentia aquelle soprar excitado; estava toda constrangida, nem retirára a mão; e aquelle consentimento, fazendo o Castro mais abrazado — deu-lhe uma verbosidade um pouco rouca: promettia *tudo, tudo o que ella quizesse,* devorando com o olhar o seu pescoço branco.

— E quando? — disse então Luiza impaciente, voltando o rosto para elle.

A proximidade da sua face mimosa e dôce, dos seus olhos reluzentes estonteou-o, e sob a irrupção d'um desejo aspero:

— Já!

Passou-lhe o braço pela cinta, e atirou-lhe um beijo voraz á orelha.

Luiza ergueu-se com a rapida elasticidade d'uma mola d'aço.

Mas elle escorregára sobre o tapete de joelhos; e, prendendo-lhe sofregamente os vestidos, adiantava o rosto abrasado onde reluziam os vidros dos oculos:

— Dou-lhe o que me pedir, mas sente-se! Ha annos que tenho uma paixão por si. Escute. — Os seus braços tremulos subiam, prendiam-lhe a cintura; e o que sentia das suas fórmas abrazava-o.

Luiza não queria fazer ruido: procurava desprender-se, repellia-lhe as mãos, toda vermelha.

— O que quizer! Mas ouça! — Balbuciava puxando-a violentamente para si. A concupiscencia brutal dava-lhe uma respiração de touro.

Luiza então, por um movimento desesperado, puxando as saias, soltou-se e com o braço estendido, o olhar chammejante:

— Sáia!

O Castro ficou de joelhos, livido.

Mas erguendo-se, a soprar, os dentes cerrados, foi para ella, com os braços ávidos.

Luiza agarrou instinctivamente sobre a jardineira o chicote, e tomada d'uma cólera desordenada, deu-lhe uma chicotada na mão.

A dôr, a raiva, o desejo enfureceram-no.

— Com os diabos! — rosnou, rangendo os dentes.

E ia-se arremessar. Mas Luiza então, erguendo o braço, revolvida por uma indignação phrenetica diante d'aquella brutalidade lasciva, atirou-lhe chicotadas rapidamente sobre os braços, sobre os hombros — pallida e séria, com uma crueldade satisfeita nos olhos seccos, sentindo uma alegria de desforra!

O Castro assombrado defendia-se vagamente, com os braços diante da cara, recuando; de repente topou contra a jardineira; o candieiro de porcelana oscillou, desequilibrou-se, rolou no chão, com estilhaços de louça. Uma nodoa escura d'azeite alastrou-se na esteira.

— Ahi está o que fez — disse Luiza toda vibrante, apertando ainda convulsivamente o chicote.

Leopoldina ao barulho correu, do quarto.

— Que foi? Que foi?

— Nada, estavamos a brincar — disse Luiza.

Atirou o chicote para o chão, sahiu.

O Castro, tremulo de raiva, tinha agarrado o chapéo; e com uma voz rouca para Leopoldina, fixando-a terrivelmente:

— Agradecido. Conte commigo quando quizer!

— Que foi? Que foi?

— Até á vista — rugiu o Castro. — E indo apa-

nhar o chicote, sacudindo-o ameaçadoramente para a porta do quarto onde Luiza entrára:

— Grande bebeda! — murmurou com rancor.

E sahiu, batendo com as portas.

Leopoldina, assombrada, veio encontrar Luiza no quarto a pôr o chapéo, com um aspecto satisfeito de vingança gozada.

— Chegou-me cá uma cousa, e enchi-lhe a cara de chicotadas.

Leopoldina esteve um momento a olhar para ella, petrificada.

— Bateste-lhe? — E de repente desatou a rir, convulsivamente. — O Castro d'oculos, o Castro coberto de chicotadas! O Castro a levar uma coça! — Suffocava, estirada sobre a *chaise-longue*.

— O peor foi o candieiro — disse Luiza.

Leopoldina ergueu-se de salto.

— E o azeite! Ai que agouro! — Correu á sala; e diante da nodoa escura, com os braços cruzados, parecia-lhe vêr, toda pallida, catastrophes avisinharem-se. — Que agouro, santo Deus!

— Deita-lhe sal depressa.

— Faz bem?

— Quebra o agouro.

Leopoldina correu a buscar sal, é de joelhos, salgando a nodoa:

— Ai! Nossa Senhora permitta que não haja nada mau! Mas que caso este, que caso este! E agora?

Luiza encolheu os hombros.

— Eu sei cá! Soffrer!

XIII

N'uma das manhãs seguintes, Jorge, que se não recordava que era dia de gala, encontrou a secretaria fechada e voltou para casa ao meio dia. Joanna á porta conversava com uma velha embrulhada n'um chale tingido; a cancella em cima estava aberta; e Jorge, chegando desapercebido ao quarto, surprehendeu Juliana commodamente deitada na *chaise-longue,* lendo, com um ar senhoril e repousado, o jornal.

Ergueu-se muito vermelha mal o viu, balbuciou:

— Peço desculpa, tinha-me dado uma palpitação tão forte...

— Que se pôz a lêr o jornal, hein?... — disse Jorge, apertando instinctivamente o castão da bengala. — Onde está a senhora?

— Deve estar para a sala de jantar — disse Juliana, que se pôz logo a varrer, muito apressada.

Jorge que não encontrou Luiza na sala de jantar, foi dar com ella no quarto dos engomados, despenteada, com um velho roupão de manhã, passando roupa, com os cotovêlos no ar, muito applicada, o rosto definhado.

— Tu estás a engomar? — exclamou da porta, quasi com cólera.

Luiza córou um pouco, pousou o ferro. — A Juliana estava adoentada, juntára-se uma carga de roupa...

— Dize-me cá, quem é aqui a criada e quem é aqui a senhora?

A sua voz era tão brusca, tão aspera, que Luiza fez-se pallida, murmurou:

— Que queres tu dizer?

— Quero dizer que te venho encontrar a ti a engomar, e que a encontrei a ella lá em baixo muito repimpada na tua cadeira, a lêr o jornal.

Luiza atarantada abaixou-se logo sobre o cesto da roupa lavada, começou a remexer, a desdobrar, a sacudir com a mão tremula...

— Tu não pódes fazer idéa do que aqui vai por fazer — dizia. — É a limpeza, são os engomados, é um serviçăo. A pobre de Christo tem estado doente...

Jorge impacientou-se:

— Pois se está doente que vá para o hospital!

— Não, tambem não tens razão!...

Aquella insistencia em defender a outra, que se repoltreava em baixo na sua cadeira, exasperou-o:

— Dize cá, tu dependes d'ella? Havia de dizer que tens medo d'ella.

— Ah! se estás com esse genio! — fez Luiza com os beiços tremulos, uma lagrima nas palpebras.

Mas Jorge continuava, exasperado, com o chapéo na cabeça, brandindo a bengala:

— Não, essas condescendencias hão-de acabar por uma vez! Vêr aquelle estafermo, com os pés para a cova, a prosperar em minha casa, a deitar-se nas minhas cadeiras, a passear, e tu a defendel-a, a fazeres-lhe o serviço, ah! não! É necessario acabar com isso. Sempre desculpas! sempre desculpas! Se não póde que arreie. Que vá p'ra o hospital, que vá p'ra o inferno!

Luiza estava lavada em lagrimas; e voltando o rosto, assoava-se, soluçando.

— Bem! Agora choras. Que tens tu? Por que choras?

Ella não respondia, um pranto afflicto sacudia-a.

— Porque choras, filha? — perguntou elle, com uma impaciencia commovida.

— Para que me fallas tu assim? — dizia ella, toda soluçante, limpando os olhos. — Sabes que estou doente, nervosa, e tens mau genio para mim! O que me sabes dizer são cousas desagradaveis.

Toda a cólera de Jorge desappareceu; tomou-lhe as mãos:

— Cousas desagradaveis! Minha filha, eu disse-

te lá nada desagradavel! — E abraçava-a, ternamente.

Mas ella desprendeu-se, e com a voz que os soluços cortavam:

— Então é algum crime estar a engomar? Por que trabalho, por que trato das minhas cousas, zangas-te? Querias que eu fosse uma desarranjada? A mulher tem estado doente! Em quanto se não arranja outra, é necessario fazer as cousas... Mas tu fallas, fallas! Para me affligir!...

— Estás a dizer tolices, filha. Não estás em ti. Eu o que não quero é que te cances!

— P'ra que dizes então que tenho medo d'ella? — E as lagrimas redobravam. — Medo de quê? Porque hei-de eu ter medo d'ella? Que desproposito!

— Pois bem, não digo. Não se falla mais na creatura. Mas não chores... Vá, acabou-se. — E beijou-a. — Vá, ria, faça olhinhos felizes...

E tomando-lhe o braço:

— Vá, deixa o ferro agora. Vem. Que criança que tu és!

Por bondade, por consideração com os nervos de Luiza, Jorge durante alguns dias não fallou «na creatura». Mas pensava n'ella, e «o estafermo, com os pés para a cova», em sua casa, incommodava-o. Depois as madracices d'ella que percebera, os confortos do quarto que vira na noite em que o «diabo desmaiára», aquella bondade ridicula de Luiza

irritavam-no. Como estava fóra de casa todo o dia, e sempre que via Juliana era cheia de sorrisos para Luiza, servil em attitudes de affecto, imaginava que se tinha insinuado, e pelas pequenas intimidades de ama a criada se tornára necessaria e estimada. E isso augmentava a sua antipathia. E não a disfarçava.

Luiza via-o ás vezes seguir Juliana com um olhar rancoroso. E o que tremia então! Mas o que a torturava era a maneira como Jorge fallava d'ella, com veneração ironica; chamava-lhe *a illustre D. Juliana, a minha ama e senhora.* Se faltava ás vezes um guardanapo, um copo, fingia-se espantado: «Como! a D. Juliana esqueceu-se! Uma pessoa tão perfeita!» E tinha gracejos que a gelavam:

— A que sabia o filtro que ella te deu?

Luiza, diante d'elle, já nem se atrevia a fallar a Juliana com um modo natural; temia os sorrisos finos, os seus ápartes: — «Anda, atira-lhe um beijo, conhece-se na cara que estás com vontade de lh'o atirar.» E Luiza, por medo, receando as suspeitas d'elle, querendo mostrar-se *independente,* começou a ter com Juliana durezas bruscas, sem razão, affectadas. Ás vezes a pedir-lhe agua, ou uma faca, dava á voz inflexões rancorosas.

E Juliana, muito fina, tinha percebido *tudo.*

Mas tudo supportava.

Queria evitar toda a questão que a perturbasse no seu conchego; sentia-se mal, e nas noites em que não podia dormir com afflicções asthmaticas, pensava com calafrios: — e se agora fosse expulsa d'aquella

casa, para onde iria? Para o hospital! Tinha por isso medo de Jorge, e, cheia de raiva e de phrenesis abafados, começava a fazer-se zelosa, já quasi não sahia, cuidava de tudo. Sentia que Jorge «morria por a pilhar em desleixo grosso; e não lhe havia de dar esse gosto, ao boi manso!»

E Luiza pasmada vira-a pouco a pouco recomeçar a ser muito criada, cheia de vontade apparentemente; e sem poder ás vezes, vencida pelos cansaços da doença, «os flatos» que a faziam cahir n'uma cadeira, arquejando, com as mãos no coração. Uma occasião mesmo vendo Luiza a passar um espanejador pelos *consoles* da sala, zangou-se:

— A senhora faz favor de se não metter no meu serviço. Eu ainda posso!

E consolava-se então com regalos de gulodice. Estava durante todo o dia a fazer refrescosinhos, sôpas, bifes, pudinzinhos de batata. Tinha no quarto gelatina e vinho do Porto. Em certos dias mesmo exigia caldos de gallinha á noite.

— Com o meu corpo o pago — dizia ella a Joanna — que trabalho como uma negra!

Mas um dia que Jorge se irritára mais com a figura amarellada de Juliana e que «tinha os nervos afinados», ao achar á noite o jarro vazio e o lavatorio sem toalha, enfureceu-se desproporcionadamente, e gritou com ameaça:

— Juliana!

E vendo Luiza vir logo inquieta desculpal-a, curvou-se, disse:

— Ah, perdão! esquecia-me que a pessoa de Juliana é sagrada; eu mesmo vou buscar agua.

Luiza então zangou-se: se havia de estar sempre com aquelles ditinhos, era mandar a criada embora por uma vez! Imaginava talvez que ella tinha alguma paixão por ella? Ah não! Se a conservava é porque era uma boa criada. Mas se ella era a causa de maus humores, se elle lhe tinha ganho tamanho odio, bem, então que se fosse! Era uma sécca aquella ironia constante...

Jorge não respondeu.

E durante a noite Luiza, sem poder dormir, pensava que estava ella mesmo preparando a sua desgraça. Mas aquillo não podia durar! Estava farta! Aturar a mulher, a sua tyranna, e ouvir toda a sorte de remoques, de allusões, ah, não! era de mais! Bastava! Se aquillo continuasse, elle vinha a desconfiar ou um dia despropositava, e a bomba estalava! Bem, ella mesma lhe pegaria o fogo! Ia mandar a Juliana embora! E que mostrasse as cartas, acabou-se! E se elle a mettesse n'um convento, se separasse d'ella, bem! Soffreria, morreria! Tudo, menos aquelle martyrio miudo, reles, ás picadinhas, medonho e grotesco!

— Que tens tu? — perguntou Jorge, meio a dormir, sentindo-a inquieta.

— Espertina.

— Coitada! Conta cento e cincoenta para traz! — E voltou-se, enrolando-se commodamente na roupa.

*

Ao outro dia Jorge levantára-se cedo; devia-se encontrar com o hespanhol das minas, com quem naturalmente jantaria nos *Embaixadores;* e depois de ter ido á sala de jantar — eram dez horas — veio dizer a Luiza, com uma cortezia de cabeça, espaçando as palavras com escarneo: — que não estava a mesa posta! que as chavenas do chá da vespera estavam ainda por lavar! e que a snr.ª D. Juliana, a illustre snr.ª D. Juliana tinha sahido, a seu passeio!

— Eu disse-lhe hontem á noite que me fosse ao sapateiro... — começou Luiza.

— Ah, perdão! — interrompeu Jorge com um sorriso amarellado. — Esquecia-me outra vez que se trata da Juliana, tua ama e senhora! Perdão!

Luiza acudiu logo:

— Não. Tens razão. Tu verás! É preciso pôr um côbro...

Subiu logo á cozinha, desesperada:

— Vossê porque não pôz a mesa, Joanna, se a outra sahiu?

Mas a rapariga disse que não ouvira sahir a snr.ª Juliana; imaginára que estava p'ra baixo, p'ra a sala; como ella agora é que queria fazer tudo!...

Quando Joanna trouxe o almoço d'ahi a pouco Jorge veio sentar-se á mesa, pallido, torcendo muito nervosamente o bigode. Levantou-se duas vezes pa-

ra ir buscar uma colher, o assucareiro. Não dizia nada. Mas Luiza via-lhe os musculos da face contrahidos; mal podia comer, atarantada; a chavena quando a erguia, tremia-lhe na mão; com os olhos baixos espreitava Jorge ás furtadellas; e o seu silencio torturava-a.

— Tu fallaste hontem que ias jantar fóra hoje.

— Vou — disse seccamente. E acrescentou: — Graças a Deus!

— Estás de bom humor!... — murmurou ella.

— Como vês!

Luiza fez-se pallida, pousou o talher, afastou o prato. Tomou o jornal para disfarçar uma lagrimasinha que lhe tremia na palpebra, mas as letras confundiam-se, sentia pular o coração. De repente a campainha tocou. Era a outra, de certo!

Jorge, que se ia erguer, disse logo:

— Ha-de ser essa senhora. Quero-lhe dizer duas palavras.

E ficou de pé junto á mesa, esperando, a aguçar um palito.

Luiza, muito pallida, levantou-se tambem:

— Eu vou-lhe fallar, eu lhe vou dizer...

Jorge reteve-a pelo braço, e tranquillamente:

— Não, deixa-a vir.

Luiza ficou na cadeira, inerte e branca.

E d'ahi a momentos os tacões de Juliana soaram no corredor. Jorge aguçava o seu palito.

Luiza voltou-se então para elle, e afflicta:

— Não lhe digas nada!...

Elle fitou-a um momento, e muito friamente:

— Porque?

— Porque eu mesma lhe fallo! Quero-lhe eu mesma dizer...

Juliana n'este momento abriu o reposteiro.

— Então vossê sahe e deixa tudo por arrumar? — disse-lhe Luiza toda tremula.

Juliana, que vinha sorrindo, estacou á porta como petrificada: apesar da sua amarellidão, uma vaga côr de sangue espalhou-se-lhe nas feições arrepanhadas.

— Não lhe torne a acontecer semelhante cousa, ouviu? A sua obrigação é estar em casa pela manhã. — Mas o olhar de Juliana, que se cravava n'ella terrivelmente, emmudeceu-a. As mãos tremiam-lhe. Agarrou no bule. — Bem, deite agua n'este bule, faça favor...

Juliana não se mexeu.

— Vossê não ouviu? — berrou subitamente Jorge; e deu uma punhada na mesa, que fez saltar a louça, tilintar os copos.

— Jorge! — acudiu Luiza, agarrando-lhe no braço n'uma afflicção.

Mas Juliana fugira da sala, quasi correndo.

— E logo, na rua! — exclamou Jorge. — Faze-lhe as contas, e que se vá. Ah! estou farto! Nem mais um dia. Se a torno a vêr, desfaço-a! Até que emfim!

Foi pôr o paletot muito excitado, e antes de sahir, voltando á sala, brandindo a bengala:

—E que se vá hoje mesmo, ouviste? Nem uma hora mais! Ha quinze dias que a trago aqui atravessada. P'ra a rua!

Luiza veio para o quarto quasi sem se poder suster. Estava perdida, estava perdida! E uma multidão d'idéas, todas extremas e insensatas, redemoinhava no seu cerebro como folhas seccas n'uma ventania: imaginava, fugindo, perder-se nas ruas; atirar-se ao rio, de noite; arrependia-se de não ter cedido ao Castro; e imaginava Jorge abrindo as cartas que Juliana lhe entregava á porta da rua, e lendo: *Meu adorado Bazilio!* Então uma cobardia immensa desceu-lhe á alma, amolleceu-a, tornou-a vil. Correu ao quarto de Juliana: ia supplicar-lhe que lhe perdoasse, que ficasse, que a martyrisasse!... E Jorge depois? Bem! diria que a Juliana chorára, se arrependera, se atirára de joelhos, mentiria, cobril-o-hia de beijos... Era nova, era bonita, era ardente — convencel-o-hia!

Juliana não estava no quarto; subiu á cozinha; estava lá, sentada, livida, com os olhos chammejantes, os braços nervosamente cruzados, uma raiva muda. E apenas viu Luiza, erguendo-se com ferocidade, mostrando-lhe o punho, berrou:

— Olhe que a primeira vez que vossê me torna a fallar como hoje, vai aqui tudo raso n'esta casa!

A Joanna voltou-se, attonita.

— Ouviu? — bradou Juliana, descomposta.

— Cale-se, sua infame! — gritou Luiza.

— Vossê manda-me calar, sua p...! — E Juliana disse a palavra.

Mas a Joanna, dando um salto, atirou-lhe pelo queixo uma bofetada que a fez cahir, com um gemido, sobre os joelhos; ergueu-se logo medonha, com os dous punhos tremulos no ar. A Joanna agarrou a faca da cozinha.

— Mulher! — bradou Luiza, arremessando-se para ella.

E Juliana, assombrada, fugiu.

— Ó Joanna! ó mulher! que desgraça, que desgraça! — exclamou Luiza com as mãos apertadas na cabeça.

— Racho-a! — exclamava a rapariga, com os olhos como brazas — racho-a!

Luiza correu ao quarto de Juliana. Ia irreflectidamente, levada pela afflicção; talvez para se humilhar, talvez para a expulsar; as suas idéas fluctuavam como pedaços d'um barco n'um naufragio. Juliana tinha-se fechado. Voltou á cozinha, desorientada, pallida como a cal.

— O que vossê foi fazer, mulher! o que vossê foi fazer! — repetia.

A Joanna ainda toda revolvida de sua colera, com o rosto tumido, manchado de vermelho, remexia furiosamente as panellas, agitando-se pela cozinha com passos irados que faziam vibrar o soalho.

— E se ella me diz uma palavra, acabo-a, aquella bebeda! Acabo-a!

Luiza desceu ao quarto: e no corredor encontrou Juliana desfigurada pela colera, com a cuia á banda:

— Ou aquella desavergonhada vai já p'ra a rua — gritou ella — ou eu vou-me pôr lá em baixo na escada, e quando o seu homem vier, mostro-lhe tudo!...

— Pois mostre, faça o que quizer! — e voltou-lhe as costas.

Fôra uma desesperação, um odio que a tinham impellido. Mais valia acabar por uma vez!

E sentia como um allivio doloroso, em vêr o fim do seu longo martyrio! Havia tres mezes que elle durava. E pensando em tudo o que tinha feito e que tinha soffrido, as infamias em que chafurdára e as humilhações a que descera, vinha-lhe um tedio de si mesma, um nojo immenso da vida. Parecia-lhe que a tinham sujado e espesinhado; que n'ella nem havia orgulho intacto, nem sentimento limpido: que tudo em si, no seu corpo, na sua alma estava enxovalhado, como um trapo que andou pelos ciscos d'uma cozinha. Que era ella mais que um trapo? Não valia a pena luctar por uma vida tão vil. O convento seria já uma purificação, a morte uma purificação maior. — E onde estava elle, o homem que lhe trouxera toda a desgraça? Em Paris, retorcendo a guia dos bigodes, chalaceando, governando os seus cavallos, dormindo com outras. E ella morria alli, estupidamente! E quando lhe escrevera a pedir-lhe que a salvasse, nem uma palavra de

resposta; nem a julgára digna do meio tostão da estampilha! E o que elle lhe dizia pelas terras da Polvora acima, n'aquelle *coupé:* — Dar-lhe-hia toda a sua vida, viveria á sombra das suas saias! O infame! E já tinha talvez no bolso o bilhete da passagem. Em quanto ella fôra a mulher alegre, que vem, fresca, despe o corpete, mostra um lindo collo — então bem, prompto: mas teve uma difficuldade, chorou, soffreu — ah! não, isso não. És um bello animal que me dás um grande prazer — perfeitamente, tudo o que quizeres: mas tornas-te uma creatura dolorida que precisa consolações e talvez uns poucos de centos de mil reis — então boas noites, cá vou no paquete! Oh que estupida que é a vida! Ainda bem que a deixava!

Foi-se encostar á janella. Estava um «dia de rosas», o azul era nitido e dôce. O sol punha grandes claridades d'um dourado ligeiro sobre as paredes, sobre a rua. Havia um ar suave e avelludado. As janellas estavam abertas. Os ruidos tinham uma tonalidade alegre. O Paula, com um aspecto contente, em chinellas de tapete, aquecia-se á porta do estanco. Sentia-se vagamente uma felicidade tepida. Só ella soffria, pobre d'ella! E ficou a olhar, como esquecida, sem pensar... De repente viu Juliana atravessar a rua, dobrar a esquina, e d'ahi a pouco voltar com um gallego, velho e curvado, que trazia o seu sacco ao hombro.

Ia-se embora! — pensou Luiza com um calefrio. — Mandava pôr fôra os bahús! E que faria depois? En-

viaria a carta a Jorge, ou entregar-lh'a-hia ella mesma, ao sahir! Santo Deus! — E parecia-lhe vêr Jorge entrar no quarto, livido, com as cartas na mão.

Veio-lhe um terror suffocante: não queria perder o seu marido, o seu Jorge, o seu amor, a sua casa, o seu homem! Apossou-se d'ella a revolta da femea contra a viuvez: aos vinte e cinco annos havia d'ir murchar para um convento! Não!

Foi direita ao quarto de Juliana.

— Vem vêr se lhe levo alguma cousa? — gritou logo a outra furiosa.

Arrumava os bahús; sobre a cama estava roupa branca amontoada; pelo chão havia botinas embrulhadas em jornaes velhos.

— E ainda cá me ficam quatro camisas, dous pares de calcinhas, tres pares de meias, seis punhos na lavadeira. Fica ahi o rol. E quero as minhas contas!...

— Escute, Juliana, não se vá. — Mas a voz desappareceu-lhe, as lagrimas saltaram-lhe dos olhos.

Juliana pôz-se a olhar para ella dominando-a, triumphando, com uma botina de duraque em cada mão. Um orgulho immenso dilatava-a.

— É mandar aquella desavergonhada embora, e está tudo acabado! — E com uma voz cantada, batendo as solas das botinas: — Fica tudo como d'antes, na paz do Senhor!

Uma alegria extraordinaria accendia-lhe o olhar. Vingava-se! fazia-a dobrar e chorar! expulsava a *outra!* e não perdia os seus commodos!

— É pôr aquella bebeda na rua! É pôl-a na rua!

Luiza curvou os hombros, foi á cozinha devagar; os degraus da escada pareciam-lhe immensos, infindaveis. E limpando os olhos:

— Joanna, venha cá, escute, vossê não póde continuar na casa.

A rapariga ficou petrificada, com os olhos arregalados:

— O que a Juliana disse foi n'um repente... Tem estado a chorar, a arrepender-se. É a criada mais antiga. O senhor estima-a muito...

— Então a senhora manda-me embora? Então a senhora manda-me embora? — Aquillo parecia-lhe inacreditavel. — Eu foi para defender a senhora!...

Luiza insistiu. Fallava baixo, envergonhada. — Fôra um repente, tinha pedido perdão... — E, sentindo-se injusta, impacientou-se:

— Bem — disse para acabar — não estejamos com mais. Eu é que sou a dona da casa. Vou-lhe fazer as contas.

— Olha que pago! — exclamou Joanna cruzando os braços, desesperada. E com uma resolução, batendo o pé: — Pois o senhor é que ha-de dizer. Eu vou dizer tudo ao senhor. Hei-de-lhe contar tudo o que se passou! A senhora não tem razão!...

Luiza ficou a olhar para ella, estupida. Agora era aquella! Era d'aquella rapariga, teimosa na sua razão, que vinha o desastre. Era de mais. O destino abusava. Veio-lhe um terror sobrenatural, como um

espanto da consciencia. Deixou-se cahir n'um banco, torcendo as mãos, murmurando:

— Que expiação! Que expiação, santo Deus!

E de repente, como desvairada, agarrou Joanna pelos braços, e com a voz afflicta, fallando-lhe junto do rosto:

— Joanna, vá-se pelo amor de Deus, vá-se! Não diga nada. Despeça-se vossê! — E perdendo inteiramente o dominio de si mesma, cahiu de joelhos, diante da cozinheira, soluçando: — Pelas cinco chagas de Christo, vá, Joanna, minha rica Joanna, vá. Peço-lhe eu, Joanna! Pelo amor de Deus!

A rapariga olhava-a assombrada: os beiços tremiam-lhe, rompeu n'um choro estridente.

— Vou, sim, minha senhora!... vou, sim, minha rica senhora!...

— Sim, Joanna, sim. Eu dou-lhe alguma cousa. Vossê bem vê... Não chore.

Joanna babava-se de dôr; e, assoando-se estrondosamente á ponta do avental, tinha soluços concavos com arrancos.

Luiza desceu correndo, tirou da gaveta duas libras das suas economias, voltou, galgando os degraus, metteu-lh'as na mão, dizendo-lhe baixo:

— Faça uma trôxa, eu ámanhã lhe mandarei o bahú.

— Sim, minha senhora — soluçava a rapariga — sim, minha rica senhora!

Luiza veio deixar-se cahir de bruços sobre a sua *chaise-longue,* n'um choro convulsivo tambem, de-

sejando a morte, pedindo, n'um terror, piedade a Deus!

Mas a voz aspera de Juliana disse bruscamente á porta:

— Então em que ficamos?

— A Joanna vai-se. Que quer mais?

— Que sáia já — disse a outra imperiosamente. — Que o jantar o faço eu. Por hoje, já se vê!

Luiza não tinha voltado o rosto; as suas lagrimas seccavam-se de raiva.

— E a senhora agora ouça.

O tom de Juliana era tão insultante, que Luiza ergueu-se, como ferida.

E Juliana, com o olhar brilhante, ameaçando-a com a mão:

— E a senhora agora, é andar-me direita, senão eu lh'as cantarei!

E voltou as costas, batendo os tacões.

Luiza olhou em roda, como se um raio tivesse atravessado o quarto; mas tudo estava immovel e correcto; nem uma prega das cortinas se movera, e os dous pastorinhos de porcelana sobre o toucador sorriam pretenciosamente.

Então tirou o roupão violentamente, passou um vestido sem apertar o corpete, vestiu por cima um casaco largo d'inverno, atirou o chapéo para a cabeça despenteada, sahiu sem fechar a cancella, desceu a rua tropeçando nas saias, quasi a correr.

O Paula, attonito, veio ao meio da rua para a seguir: viu-a parar á porta de Sebastião, e veio dizer á estanqueira:

— Em casa do Engenheiro ha novidade.

E plantado á porta olhava para a janella aberta, onde as bambinellas de reps verde cahiam com as suas pregas immoveis.

— O snr. Sebastião? — perguntava Luiza a uma rapariguita, que veio correndo abrir a porta.

E foi entrando pelo corredor.

— Está na sala — dizia a pequena com uma voz fanhosa.

Luiza conhecia a casa: subiu, sentiu sons de piano; abriu violentamente a porta, viu-o sentado tocando, e correndo para elle, juntando as mãos contra o peito n'uma voz angustiosa e sumida:

— Sebastião, escrevi uma carta a um homem, a Juliana apanhou-m'a. Estou perdida!

Elle ergueu-se devagar, assombrado, muito branco; viu o seu rosto manchado, o chapéo ao lado, a afflicção do olhar:

— O que é, minha senhora? Que é?

— Escrevi a meu primo — repetiu, com olhos cravados n'elle, anciosamente — a mulher apanhou-me a carta. Estou perdida.

Fez-se muito pallida, inclinou a cabeça, os olhos cerraram-se-lhe.

Sebastião amparou-a, levou-a meio desmaiada para o sophá de damasco amarello. E ficou de pé diante d'ella, mais descórado que ella, com as mãos

nos bolsos de seu jaquetão azul, inteiramente estupido.

Luiza teve um estremeção. Elle então correu fóra, trouxe um copo d'agua, borrifou-lhe o rosto ao acaso. Ella abriu os olhos, as suas mãos errantes apalparam em redor, fitou-o espantada, e deixando-se cahir sobre o braço do canapé, com o rosto escondido nas mãos, rompeu n'um choro hysterico.

O seu chapéo cahira. Sebastião apanhou-o, sacudiu-o, pôl-o sobre a jardineira com cuidado; andava nas pontas dos pés; e vindo debruçar-se junto d'ella:

— Então! então! —murmurava.— E as suas mãos tocando-lhe de leve o braço, tremiam como folhas.

Quiz dar-lhe agua para a socegar: ella recusou com a mão; endireitou-se no sophá, recuperava-se, limpando os olhos, assoando-se com grandes soluços.

Sebastião conservava o copo na mão, immovel.

— Desculpe, Sebastião, desculpe — disse ella. — Bebeu um gole d'agua, e ficou com o cotovêlo sobre o joelho, a testa na mão, quebrada, e, uma a uma, lagrimas silenciosas cahiam sem cessar.

Sebastião foi fechar a porta que ficára aberta — e vindo ao pé d'ella, com muita doçura:

— Mas então? Que foi?

Ella ergueu para elle a sua face chorosa, onde os olhos brilhavam febrilmente; olhou-o um momento, e deixando pender a cabeça, n'um abandono humilhado e triste:

— Uma desgraça, Sebastião, uma vergonha! —

murmurou. Um *ai* profundo, soluçado, sacudiu-lhe o peito.

— Não se afflija! — dizia elle.

Sentou-se ao pé d'ella, e muito baixo: — Tudo o que eu podér, tudo o que fôr necessario, aqui me tem!

— Oh Sebastião! — exclamou n'um impulso de reconhecimento humilde; e acrescentou: — Acredite, tenho sido bem castigada! — E apertando as mãos com um accento exaltado e afflicto: — O que eu tenho soffrido, Sebastião!

Esteve um momento a fitar o chão; e agarrando-lhe o braço com força, as palavras romperam abundantes, precipitadas, como os borbulhões d'uma agua comprimida que rebenta.

— Apanhou-me a carta, não sei como, por um descuido meu. Ao principio pediu-me seiscentos mil reis. Depois começou a martyrisar-me. Tive de lhe dar vestidos, roupa, tudo. Mudou de quarto, servia-se dos meus lençoes, dos finos. Era a dona da casa. O serviço quem o faz sou eu. Ameaça-me todos os dias, é um monstro. Tudo tem sido baldado, boas palavras, bons modos. E onde tenho eu dinheiro? Pois não é verdade? Ella bem via. O que eu tenho soffrido! Dizem que estou mais magra, até o Sebastião reparou. A minha vida é um inferno. Se Jorge soubesse!... Aquella infame queria hoje dizer-lhe tudo. E trabalho como uma negra. Logo pela manhã a limpar e varrer. Ás vezes tenho de lavar as chicaras do almoço. Tenha piedade de mim, Sebastião, por

quem é, Sebastião! Coitadinha de mim, não tenho ninguem n'este mundo.

E chorava, com as mãos sobre o rosto.

Sebastião não respondeu; duas lagrimas rolavam-lhe tambem pela face, sobre a barba. E então levantando-se, cruzando violentamente os braços diante d'ella:

— Mas santo nome de Deus, porque me não disse ha mais tempo?

— Ó Sebastião, podia lá! — E depois d'um silencio: — Uma vez estive para lh'o dizer; mas não pude, não pude!

— E então?

— Esta manhã o Jorge quiz pôl-a fóra. Embirra com ella, percebe os desmazelos. Mas não desconfia de nada, Sebastião!... — Fazia-se escarlate. — Escarnecia-me ás vezes por eu parecer tão apaixonada por ella. Mas esta manhã zangou-se, mandou-a embora. Apenas elle sahiu, veio como uma furia, insultou-me...

— Santo Deus! — murmurava Sebastião assombrado.

E Luiza com um sorriso infinitamente triste:

— Talvez não acredite, Sebastião, sou eu que faço os despejos!

— Mas merece a forca, essa infame! — exclamou batendo com o pé no chão. O soalho tremeu. — Perdôe — disse elle contendo-se e corando — perdôe!

Deu alguns passos pesados pela sala, devagar, as mãos nos bolsos, os seus largos hombros curvados.

Veio sentar-se ao pé d'ella, e tocando-lhe timidamente no braço, muito baixo:

— Ouça. É necessario tirar-lhe as cartas...

— Mas como? — perguntou tristemente Luiza.

Sebastião coçava a barba, com os olhos no chão.

— Eu lh'as tiro — disse.

Ella agarrou-lhe a mão:

— Oh Sebastião, se fizesse isso!

— Ha-de-se arranjar.

O seu olhar fixo calculava, procurava. E com o seu tom vagaroso e grave:

— Eu vou-me entender com ella... Mas é necessario que ella esteja só em casa.

— Isso é o menos. Podiamos ir ao theatro...

Sebastião levantou-se lentamente, foi buscar o *Jornal do Commercio* que estava sobre a mesa, olhou os annuncios: — Podiam ir a S. Carlos, que acaba mais tarde. É o *Fausto*. Podiam ir vêr o *Fausto*.

— Podiamos ir vêr o *Fausto* — repetiu Luiza.

E lembrou então escrever a D. Felicidade, para a acompanhar ao theatro. As idéas vinham-lhe pouco a pouco. Mandaria um recado a Jorge, prevenindo-o que o iriam buscar ao *Hotel Gibraltar*. (Jantava lá com o hespanhol das minas). E a Joanna? A Joanna não estava já em casa. Bem. Ás 9 horas, então, Juliana estaria só.

— Vê como tudo se arranja? — disse Sebastião, sorrindo com bondade.

Era verdade... Mas daria a mulher as cartas?

*

Sebastião tornou a coçar a barba e respondeu com socego:

— Ha-de dar.

Luiza olhava-o quasi com ternura; admirava-o; parecia-lhe bello com a sua face honesta, a barba bem tratada. E de pé diante d'elle, com uma melancolia na voz:

— E vai fazer isso por mim, Sebastião, por mim, que fui tão má mulher...

Sebastião corou, respondeu encolhendo os hombros:

— Não ha más mulheres, minha rica senhora, ha maus homens, é o que ha!

E acrescentou logo:

— E eu vou buscar o camarote. Uma boa frisa, hein?

Sorria, para a tranquillisar. Ella punha o chapéo, descia o véo com pequeninos soluços tristes, que voltavam a espaços.

No corredor encontraram a tia Joanna com os braços abertos; beijou Luiza; aquella visita era um milagre! E que bonita que estava! era a flôr do bairro!

— Está bom, tia Joanna, está bom — disse Sebastião, impaciente.

Ora que não fosse mettediço! Já lá a tinha tido mais de meia hora, tambem ella agora a queria um bocadinho! Assim é que elle devia ter uma mulherzinha! Uma rapariga de bem! Uma açucena!

Luiza corava, embaraçada.

E o snr. Jorge? que era feito d'elle? Ninguem o via. E a D. Felicidade?

Luiza lembrou-se então de repente que não tinha por quem mandar os bilhetes a D. Felicidade e a Jorge, ao hotel.

Elle se encarregava d'isso: fel-a entrar logo em baixo no escriptorio; escolheu-lhe o papel, molhando-lhe a penna — mais prompto, mais delicado desde que a via infeliz. Luiza escreveu o bilhete a Jorge. E, como apesar das suas afflicções, se lembrou com terror de certo vestido verde decotado de D. Felicidade, acrescentou n'um *P. S.*, no bilhete para ella: «o melhor é vires de preto, e não fazeres grande *toilette*. Nada de decotes nem de côres claras.»

Quando entrou em casa o relogio dava cinco horas. A cancella estava aberta. Um gallego sahia com uma trouxasita de Joanna. E logo no corredor sentiu a voz grossa da rapariga, que das escadas da cozinha dizia para cima ameaçadoramente:

— Torne eu a apanhal-a, que não me sahe viva das mãos, sua bebeda!

— Bufa! bufa! — gritou de cima Juliana, n'uma alegria estridente — mas vai-te indo para o olho da rua!

Luiza escutava mordendo os beiços; em que se convertera a sua casa! Uma praça! uma taberna!

— Se eu t'apanho! — rosnava a rapariga descendo.

— Rua! rua, sua porca! — gania a Juliana.

Joanna não respondeu. Ao passar no corredor, Luiza chamou-a:

— Joanna, não procure casa, venha por aqui além d'ámanhã.

A voz horrivel de Juliana cantava em cima a *Carta adorada*.

E logo d'alli a pouco desceu, veio dizer, muito seccamente, «que estava o jantar na mesa».

Luiza não disse nada. Esperou que ella subisse á cozinha, correu á sala de jantar, trouxe pão, um prato de marmelada, uma faca, veio fechar-se no quarto; e alli *jantou* a um canto da jardineira.

Ás seis horas um trem parou á porta. Devia ser Sebastião! Foi ella mesma abrir em bicos de pés. Era elle, um pouco vermelho, com o chapéo na mão: trazia-lhe a chave da frisa n.º 16...

— E isto.

Era um ramo de camelias vermelhas, rodeadas de violetas dobradas.

— Oh Sebastião! — murmurou ella com um reconhecimento commovido.

— E carruagem, tem?

— Não.

— Eu cá mando. Ás 8, hein?

E desceu com o chapéo na mão. Ella seguiu-o com o olhar que se humedecia. Foi á janella do quarto vêl-o sahir. — Que homem! pensava ella. E cheirava as violetas, voltava o ramo na mão, sentia um prazer dôce na protecção d'elle, nos seus cuidados.

Nós de dedos bateram á porta do quarto:

— Então a senhora não quer jantar? — disse a voz impaciente de Juliana, de fóra.

— Não.

— Mais fica!

D. Felicidade veio um pouco antes das oito. Luiza ficou tranquilla, vendo-a com vestido preto afogado, e o seu adereço d'esmeraldas.

— Então que é isto? Que estroinice é esta, vamos a saber? — disse muito alegre a excellente senhora.

Um capricho!... o Jorge tinha jantado fóra, ella sentira-se tão só!... Dera-lhe o appetite d'ir ao theatro. Não tinha resistido... Tinham de o ir buscar pelo *Hotel Gibraltar*.

— Eu tinha acabado de jantar quando recebi o teu bilhete. Fiquei!... E estive para não vir — disse, sentando-se, com pancadinhas muito satisfeitas nas pregas do vestido. — Apertar-me depois de jantar! Felizmente, não tinha comido quasi nada!

Luiza acabava de se vestir á pressa. D. Felicidade então quiz saber o que ia. O *Fausto*? Ainda bem! De que lado era a frisa? 16. Perdiam a vista da familia real, era pena!

Felizmente estava prevenida com um par de luvas! Que estava mais longe d'aquella noitada de theatro! — E passeava diante do toucador com olha-

res de lado, dando pancadinhas nos bandós, ageitando as pulseiras, entalada nos espartilhos, o ar dilatado, o olho luzidio.

Uma carruagem parou á porta.

— O trem! — disseram.

Luiza calçando as luvas, já com a capa, olhou em redor. O coração batia-lhe um pouco, nos seus olhos havia uma vaga febre. D. Felicidade quiz saber se não lhe faltava nada: o oculo? a chave da frisa? o lenço?

— Ai! o meu ramo! — exclamou Luiza.

Juliana ficou espantada quando a viu vestida *p'ra theatro*. Foi alumiar calada, com um sorriso amarello; e fechando a cancella com uma pancada insolente:

— Não tem mesmo vergonha n'aquella cara! — rosnou.

O trem já rodava, quando D. Felicidade começou a gritar, batendo nos vidros:

— Espere, pare! Que ferro, esqueceu-me o leque! Não posso ir sem leque. Pare!

— Faz-se tarde, filha, dou-te o meu. Toma! — fez Luiza impaciente.

Aquellas agitações abalavam a digestão comprimida de D. Felicidade; passava a mão pelo estomago; felizmente, como ella dizia, arrotava! Graças a Deus, louvada seja Nossa Senhora, que podia arrotar!

Mas a descida do Chiado alegrou-as muito. Grupos escuros, onde se gesticulava, destacavam ás por-

tas vivamente alumiadas da Casa Havaneza; os trens passavam para o lado do Picadeiro, com um rapido reluzir de lanternas ricas, que alumiavam as bandas brancas dos capotes dos criados. D. Felicidade punha a sua face jubilosa á portinhola; gozava a claridade do gaz nas vitrines, o ar d'inverno; e foi com uma satisfação que viu o guarda-portão do *Gibraltar*, de calções vermelhos, vir com o bonet na mão, á portinhola.

Perguntaram por Jorge.

E, caladas, olhavam a escada de lance decorativo e largo, onde globos foscos derramavam uma luz dôce. Sujeitos sahiam fumando, com o andar pesado do jantar; uma engomadeira entrou com um cesto de roupa; um rapaz rouco offerecia o *Jornal da Noite*; e D. Felicidade sorria de vêr os homens que ao passar percebiam senhoras no trem lançar para dentro olhares curiosos.

— Estão a arder por saber quem somos.

Luiza calada apertava nas mãos o seu ramo. Emfim Jorge appareceu no alto da escada, descendo devagar, conversando muito interessadamente com um sujeito magrissimo, de chapéo ao lado, mãos nos bolsos d'umas calças muito estreitas, e um enorme charuto erguido ao canto da bocca. Paravam, gesticulavam. Por fim o sujeito apertou a mão de Jorge, fallou-lhe ao ouvido, riu baixo, torcendo-se, bateu-lhe no hombro, obrigou-o muito sériamente a aceitar outro charuto, e pondo o chapéo mais ao lado foi conversar com o guarda-portão.

Jorge correu á portinhola do trem, e rindo:

— Então que extravagancia é esta? Theatro, tipoias... Eu reclamo o divorcio!

Parecia muito jovial. Sómente tinha pena de não estar vestido... Ficaria atraz no camarote... E para as não amarrotar subiu para a almofada.

XV

Passava das oito horas quando o trem parou em S. Carlos. Um gaiato, que tossia muito, com o casaco pregado sobre o peito por um alfinete, precipitou-se a abrir a portinhola; e D. Felicidade sorria de contentamento, sentindo a cauda do vestido de sêda arrastar sobre o tapete esfiado do corredor das frisas.

O pano já estava levantado. Á luz diminuida da rampa, na decoração classica d'uma escura cella d'alchimista, embrulhado n'um roupão monastico, com uma abundancia hirsuta de barbas grisalhas e tremuras senis, Fausto cantava, desilludido das sciencias, pousando sobre o coração a mão onde reluzia um brilhante. Um cheiro vago de gaz extravasado errava subtilmente. Aqui e além tosses expectoravam. Havia ainda pouca gente. Entrava-se.

Na frisa, para se collocarem, D. Felicidade e Luiza cochichavam, tinham gestosinhos de recusa, olhares supplicantes:

— Oh! D. Felicidade, por quem é!

— Se estou aqui muito bem...

— Não consinto...

Emfim D. Felicidade sentou-se no lugar superior alteando o peito. Luiza ficára atraz calçando as luvas, em quanto Jorge arrumava os agasalhos, furioso com o chapéo que já duas vezes rolára.

— Tem banquinho, D. Felicidade?

— Obrigada, cá o sinto. — E remexeu os pés. — Que pena não se vêr a familia real!

Os camarotes d'assignantes iam-se occupando; os altos penteados medonhos, enchumaçados de postiços, appareciam; peitilhos de camisas branquejavam. Sujeitos iam entrando para as cadeiras devagar, com um ar fatigado e intimo, compondo o cabello; conversava-se baixo; ao fundo da platéa havia um rumor desinquieto entre moços de jaquetão; e á porta da entrada, sob a tribuna, viam-se, como n'um receio de revolta, correames polidos de municipaes, bonets carregados de policias; ás vezes reluzia á luz o grosso punho d'um sabre.

Mas na orchestra passaram fortes estremecimentos metallicos, dando um pavor sobrenatural; Fausto tremia como um arbusto ao vento; houve um ruido de folhas de lata, fortemente sacudidas; e Mephistopheles ergueu-se ao fundo, escarlate, lançando a perna com um ar charlatão, as duas sobrancelhas arre-

bitadas, uma barbilha insolente, *un bel cavaliere;* e em quanto a sua voz poderosa sahia, as duas plumas vermelhas do gorro oscillavam sem cessar d'um modo fanfarrão.

Luiza chegára-se para a frente; ao ruido da cadeira e da sêda amarrotada, cabeças na platéa voltaram-se languidamente; pareceu de certo bonita, examinaram-na; mas Luiza, embaraçada, pôz-se a olhar para o palco muito séria: por traz de véos sobrepostos que se levantavam, n'uma affectação de visão, Margarida appareceu fiando o linho, toda vestida de branco; a luz electrica envolvendo-a n'um tom crú fazia-a parecer de gesso muito caiado. Fausto erguia braços extaticos; e D. Felicidade achava-a linda como uma santa!

A visão desappareceu com um tremulo de rebecas. E depois d'uma aria, Fausto, que ficára immovel ao fundo do palco, debateu-se um momento dentro da tunica e das barbas, e emergiu joven, gordinho, vestido de côr de lilaz, coberto de pós d'arroz, compondo o frisado do cabello. As luzes da rampa subiram: uma instrumentação alegre e expansiva resoou. Mephistopheles, apossando-se d'elle, arrastou-o sofrego através da decoração. E o pano desceu rapidamente.

As platéas ergueram-se; um rumor grosso e lento elevou-se. D. Felicidade um pouco affrontada abanava-se. Examinaram então as familias, algumas *toilettes;* e sorrindo concordaram que estava «do mais fino».

Nos camarotes conversava-se sobriamente; ás vezes uma joia brilhava, ou a luz punha tons lustrosos d'aza de corvo nos cabellos pretos onde alvejavam camellias ou reluzia o aro de metal d'um pente; os vidros redondos dos binoculos moviam-se devagar, picados de pontos luminosos.

Na platéa, nas bancadas clareadas, sujeitos quasi deitados namoravam com languidez; ou de pé, taciturnos, acariciavam as luvas; velhos *dilettanti*, de lenço de sêda, tomavam rapé, caturravam; e D. Felicidade interessava-se por duas hespanholas de verde, que na superior immobilisavam, n'uma affectação casta, os seus corpos de lupanar.

Um collega de Jorge magrinho e janota entrou então no camarote: e perguntou logo se não sabiam o grande escandalo? Não. E o engenheiro, com gestos vivos das suas mãosinhas calçadas n'umas luvas esverdeadas, contou que a mulher do Palma, o deputado, sabiam, tinha fugido!...

— P'ra o estrangeiro?

— Qual! — E a voz do engenheiro tinha agudos triumphantes. — Ahi é que estava o bonito. P'ra casa d'um hespanhol que morava defronte!... Era divino. De resto — e a sua voz tornou-se grave — estava enthusiasmado com o baixo!

E depois de ter sorrido, olhado pelo binoculo, ficou calado, extenuado do que dissera, batendo apenas de vez em quando no joelho de Jorge, com um *Sim, senhor!* familiar, ou um *Então que é feito?* solemne.

Mas a campainha tinia finamente. O engenheiro sahiu, em bicos de pés, com cortezias. E o pano ergueu-se devagar na alegria da kermesse, cheia de uma luz branca e dura. Casas acastelladas branquejavam no pano de fundo, n'alguma collina do Rheno amiga das vinhas. Escarranchada sobre uma pipa, a figura barriguda do folgasão rei Cambrinus sorria, no jubilo da cerveja fresca. E estudantes, judeus, reitres e donzellas, nas suas côres vivas de paninho, moviam-se d'um modo automatico e somnambulo, aos compassos largos da instrumentação festiva.

E logo a walsa desenrolou-se languidamente, como um fio de melodia, em espiraes suaves que ondeavam e fugiam: Luiza seguia os pésinhos das dançarinas, as pernas musculosas volteando no tablado, sob as saias tufadas e curtas que faziam como o girar multiplicado e reproduzido de vagos discos de cambraia.

— Que bonito! — murmurava ella, com uma felicidade no rosto.

— D'appetite — affirmava D. Felicidade, revirando os olhos.

— Adoravel! — repetia Luiza, a certas agudezas delicadas dos flautins. E a casa, Juliana, as suas miserias, tudo lhe parecia recuado, no fundo d'uma noite esquecida.

Mas o jovial Diabo adiantava-se por entre os grupos, e logo, com gestos aduncos e rapaces, cantou o *Dio del oro*. A sua voz arremessada affirmava o

poder do dinheiro; nas fortes massas da instrumentação passavam as sonoridades claras e tilintantes d'um remexer sofrego de thesouros; e as notas altas cahiam, d'um modo brutal e secco, como martelladas triumphantes cunhando o divino ouro!

Luiza então viu D. Felicidade perturbar-se; e seguindo o seu olhar negro subitamente avivado, descobriu na geral a calva polida do conselheiro Accacio, que comprimentava, promettendo generosamente com a mão espalmada a sua visita proxima.

Veio, apenas o pano desceu: e felicitou-as immediatamente por terem escolhido aquella noite: a opera era das melhores e estava gente muito fina. Lamentou ter perdido o primeiro acto — porque, ainda que não gostasse extremamente da musica, apreciava-o por ser muito philosophico. E, tomando da mão de Luiza o binoculo, explicou os camarotes, disse os titulos, citou as herdeiras ricas, nomeou os deputados, os litteratos. — Ah! conhecia bem S. Carlos! Havia 18 annos!

D. Felicidade, rubra, admirava-o; e o conselheiro sentia que não podessem vêr o camarote real. A rainha, como sempre, estava adoravel.

Sim? Como estava?

— De velludo. Não sabia se rôxo, se azul escuro. Affirmar-se-hia, e viria dizer...

Mas quando o pano subiu, ficou sentado por traz de Luiza começando logo a explicar — que aquella (Siebel, colhendo flôres no jardim de Margarida) pos-

to que segunda dama, ganhava quinhentos mil reis por mez...

— Mas apesar d'estes ordenadões morrem quasi sempre na miseria — disse com reprovação. — Vicios, cêas, orgias, cavalgadas...

A portinha verde do jardim abriu-se, e Margarida entrou devagar desfolhando o malmequer da legenda, loura, caracterisada de virgem. Scismava, fallava só, estremecia. Amava: a dôce creatura sente em volta de si o ar pesado, e quereria bem que sua mãi voltasse!

Os olhos de Luiza enchiam-se de uma melancolia e a sua alma ia-se, desfallecida nas modulações saudosas da ballada do rei de Thule, para um pallido paiz de amor, banhado de luares frios, onde as mãos se entrelaçam, prantos suaves correm...

Mas o conselheiro preveniu-as, dizendo:

— Agora é que é! Reparem. Agora é o ponto capital.

E endireitou-se, concentrado.

De joelhos, diante do cofre das joias, a dama requebrava-se gorgeando; apertava o collar, extasiava-se, agitava-se com quebrados de cintura, em denguices delirantes; e da bocca muito aberta sahia um canto trinado, volteado, saltitante, d'uma crystallinidade aguda — entre o vago susurro da admiração burgueza.

O conselheiro disse discretamente:

— Bravo! Bravo!

E, excitado, dissertava; aquillo era o melhor

da opera; era alli que se via a força das cantoras...

D. Felicidade quasi tinha medo que lhe estalasse alguma cousa na garganta; — e preoccupava-se com as joias. Seriam falsas? Seriam d'ella?

— É pr'a a tentar, não é verdade?

— É um drama allemão — disse gravemente o conselheiro.

E quando Mephistopheles vai arrastando a boa Martha, e Fausto e Margarida se perdem nas sombras cumplices do jardim aphrodisiaco, — o conselheiro observou que todo aquelle acto era um pouco fresco...

E D. Felicidade murmurou-lhe — entre reprehensiva e extatica:

— Quantas scenas não terá tido assim, maganão!

O conselheiro fitou-a, indignado:

— O quê, minha senhora! levar a deshonra ao seio d'uma familia!

Mas Luiza fez-lhe *chut,* sorrindo. Interessava-se agora: tinha escurecido; uma facha de luz electrica encheu o jardim d'um vago luar azulado, onde os maciços arredondados se recortavam em pastas escuras; e Fausto e Margarida enlaçados, quasi desfallecidos, soltavam d'um modo expirante o seu duetto: uma sensualidade delicada e moderna, com elances d'um requinte devoto, arrastava-se na orchestra gemente; o tenor esforçava-se; e agarrando o peito, com um geito morbido dos quadris, murmurava n'um olhar annuviado a melodia do seu desejo: e des-

prendendo-se da languida arcada dos violoncellos, o canto subia para as estrellas...

Al pallido chiarore
Del astri d'oro.

Mas o coração de Luiza batia precipitadamente; vira-se de repente sentada no divan, na sua sala, ainda tomada dos soluços do adulterio, e Bazilio, com o charuto ao canto da bocca, batia distrahido no piano aquella aria — *Al pallido chiarore del astri d'oro*. D'aquella noite tinha vindo toda a sua miseria! — e subitamente, como longos véos funebres que descem e abafam, as recordações de Juliana, da casa, de Sebastião, vieram escurecer-lhe a alma.

Olhou o relogio. Eram dez horas. Que se passaria?

— Estás incommodada? — perguntou-lhe Jorge.

— Um pouco. — Sentia arripios. E veio sentar-se devagarinho, sem ruido, pallida, no fundo da frisa.

Mas Margarida apoiava-se, expirante de voluptuosidade, ao rebordo da sua janellinha. Fausto corre. Enlaçam-se. E entre as gargalhadas do Diabo e o roncar dos rebecões — o pano desceu, pondo uma reticencia pudica...

D. Felicidade, abrazada, quiz agua. Jorge apressou-se: queria bolos? neve? A excellente senhora hesitou; o *chic* da neve attrahia-a, mas cohibiu-se com terror da colica. Veio sentar-se ao fundo ao pé de

Luiza, e olhava, vagamente cançada: havia um sussurro morno, um subtil palpitar de leques, uma nevoa apenas perceptivel enchia a sala, prendia-se ao lustre, embaciando ligeiramente as luzes; era o fumo dos cigarros fóra. Bocejava-se discretamente. Quando Jorge sahiu para fumar, o conselheiro acompanhou-o: la acima tomar o seu copo de gelatina...

— É a minha cêa em dia de S. Carlos.

E voltou d'ahi a pouco, limpando os beiços ao lenço de sêda, ter com Jorge que fumava no pequeno patamar junto á entrada das cadeiras:

— Veja isto, conselheiro — disse-lhe Jorge, indignado — que escandalo! — E mostrava a parede.

Tinham desenhado, com o charuto apagado sobre a parede caiada, enormes figuras obscenas: e alguem, prudente e amigo da clareza, ajuntára por baixo as designações sexuaes com uma boa letra cursiva.

E Jorge, revoltado:

— E passam por aqui senhoras! E vêem, e lêem! Isto só em Portugal!

O conselheiro disse:

— A authoridade devia intervir de certo... — E acrescentou com bonhomia: — São rapazes, com o charuto. Apreciam muito esta distracção. — E sorrindo, recordando-se: — Uma occasião mesmo, o conde de Villa Rica, que tem graça, muita graça, insistiu commigo, dando-me o charuto, para que eu fizesse um desenho... — E mais baixo: — Eu dei-lhe uma lição severa. Tomei o charuto...

— E fumou-o?

— Escrevi.

— Uma obscenidade?

O conselheiro, recuando, disse com severidade:

— Jorge, conhece o meu caracter! Pois suppõe...?

— E acalmando-se: — Não, tomei o charuto e escrevi com mão firme: HONRA AO MERITO!

Mas a campainha retiniu — e entraram no camarote. Luiza não quiz sentar-se á frente: estava muito bem no fundo, insistiu. E o conselheiro, grave, tomou o seu lugar — defronte de D. Felicidade. Foi para a nutrida senhora um momento feliz, cheio de um gozo requintado. Estavam *ambos*, alli, como noivos: o seu peito abundante arfava: via-se a sahirem de braço dado, entrarem n'um *coupé* estreito, pararem á porta da casa conjugal, pisarem o tapete da alcova... Tinha um suor á raiz dos cabellos — e vendo o conselheiro sorrir-lhe, amavel, com a sua nobre calva batida da luz, sentia um reconhecimento apaixonado pela mulher de virtude que áquella hora, no fundo da Galliza, estava cravando agulhas n'um coração de cera!...

Mas de repente o conselheiro bateu na testa, ergueu-se, agarrou o chapéo, sahiu impetuosamente. Olharam-se inquietos. D. Felicidade empallideceu: seria alguma dôr? Santo Deus! E já murmurava baixo uma reza.

Mas viram-no entrar logo, e dizer com uma voz triumphante:

— D'azul escuro!

Abriram grandes olhos, sem comprehender.

— Sua magestade a rainha. Tinha promettido verifical-o, cumpri-o!

E sentou-se com solemnidade, dizendo a Luiza:

— Lamento que se esconda n'esse recanto, D. Luiza! Na sua idade! Na flôr dos annos!

Ella sorriu: estava agora muito sobresaltada. A cada momento olhava o relogio. Sentia-se doente: os pés arrefeciam-lhe, e um vago calor fazia-lhe a cabeça pesada. O seu pensamento estava na casa, em Juliana, em Sebastião, cortado de palpites, de esperanças, de vagos terrores. E via, sem comprehender, a multidão de soldados vestidos de côres mipartidas, com armas obsoletas, que marchavam, paravam n'uma cadencia affectada, erguendo uma poeira subtil no tablado mal regado. Um côro vigoroso resoava: era a marcha arrogante e festiva dos reitres allemães, onde se sentia a alegria das excursões victoriosas pelos paizes do vinho, e das bolsas mercenarias cheias do tinir dos rixdales! E os seus olhos seguiam um barbaças atarracado, que, por cima dos gorros quadrados dos bésteiros, balançava monotonamente um largo quadrado de paninho — a bandeira do Santo Imperio, negra, vermelha e d'ouro!

Mas então ergueu-se um rumor no fundo da platéa: vozes duras altercavam. Ordem! ordem! dizia-se. Localistas na superior pozeram-se rapidamente em bicos de pés na palhinha das cadeiras. Quatro policias e dous municipaes appareceram á porta do

fundo; e depois d'uma troça, de risadas, foram levando um moço livido, que cambaleava, — e o lado esquerdo do seu jaquetão de pellucia estava todo vomitado!

Mas fez-se logo silencio: o pano de fundo oscillava um pouco, acotovellado pela sahida festiva dos reitres e dos populares; e no palco deserto, tendo á direita um portico oscillante de cathedral e á esquerda a portinha triste d'uma casa burgueza, Valentim, com uma longa pera, á beira da rampa, beijava sofregamente uma medalha; — mas Luiza não o escutava. Pensava com o coração confrangido: Que fará a esta hora Sebastião?

Sebastião, ás nove horas, por um nordeste agudo que torcia as luzes do gaz dentro dos candieiros, dirigia-se devagar a casa d'um commissario de policia, seu primo afastado, o Vicente Azurara. Uma velha servente, engelhada como uma maçã raineta, levou-o a um quarto escolastico, onde encontrou o commissario muito constipado: tinha um lenço amarrado na cabeça, um gabão pelos hombros, os pés embrulhados n'um cobertor, e tomando *grogs* quentes lia o *Homem dos tres calções*. Apenas Sebastião entrou tirou do nariz adunco umas grandes lunetas, e erguendo para elle os seus olhos pequeninos, chorosos do defluxo, exclamou:

— Estou com um diabo d'uma constipação ha

tres dias, que me não quer largar...—E praguejando, passava a sua mão magra e nodosa sobre uma face trigueira de linhas duras, a que um espesso bigodo grisalho dava ferocidade.

Sebastião lamentou-o muito: não admirava com a estação que ia... Aconselhou-lhe agua sulfurica com leite fervido.

— Eu, se isto não despega — disse o commissario rancorosamente — atiro-lhe ámanhã p'ra dentro com meia garrafa de genebra; e se não fôr por bem, ha-de ir á força! E que ha de novo?

Sebastião tossiu, queixou-se d'estar tambem constipado, e chegando a cadeira para ao pé do primo Vicente, um pouco embaraçado:

— Ó Vicente, tu, se eu te pedisse um policia para me acompanhar cá p'ra uma cousa, só p'ra metter medo, só p'ra fazer que uma pessoa restitua o que tirou, tu, tu davas ordem, hein?

— Ordem p'ra quê? — perguntou lentamente o Vicente com a cabeça baixa, os olhinhos avermelhados em Sebastião.

— Ordem p'ra me acompanhar, p'ra se mostrar. É só p'ra se mostrar. É um caso exquisito. P'ra metter medo. Tu sabes que eu não sou capaz... É p'ra que uma pessoa restitua o que tirou. Sem fazer escandalo...

— Roupas? Dinheiro?

E o commissario cofiava reflectidamente o bigode com os seus longos dedos magros, queimados do cigarro.

Sebastião hesitou:

— Sim. Roupas, cousas... É p'ra não haver escandalo... Tu percebes...

O Vicente murmurou com um ar profundo, fixando-o:

— Um policia para se mostrar...

Escarrou ruidosamente. E franzindo a testa:

— Não é cousa de politica?

— Não! — fez Sebastião.

O commissario embrulhou mais os pés no cobertor:

— Nem toca com gente grauda?

— Qual!

— Um policia p'ra se mostrar — ruminava o Vicente. — Tu és um homem de bem... Dá-me cá aquella pasta de cima da commoda.

Tirou um papel pautado, examinou-o, acavallando a luneta no nariz, meditou com a mão em garra sobre a testa:

— O Mendes. Serve-te o Mendes?

Sebastião, que não conhecia o Mendes, acudiu logo:

— Sim, quem quizeres. É só p'ra se mostrar.

— O Mendes. É um homemzarrão. É serio, foi da Guarda.

Fez-lhe aproximar o tinteiro; escreveu devagar a ordem; releu-a duas vezes; cortou os *tt*, seccou-a á chaminé do candieiro; e dobrando-a com solemnidade:

— Á 2.ª divisão.

— Obrigado, Vicente. É um grande favor... Obrigado. E agasalha-te, homem! E não te esqueça: agua sulfurica da pharmacia Azevedo na rua de S. Roque: meia chavena de leite fervido... E obrigado. Não queres nada, hein?

— Não. Dá uma placa ao Mendes. É serio, foi da Guarda!

E acavallando as lunetas retomou com melancolia o *Homem dos tres calções*.

Sebastião d'ahi a meia hora, seguido do robusto Mendes, que marchava militarmente, com os braços um pouco arqueados, encaminhava-se para casa de Jorge. Não tinha ainda um plano definido. Calculava naturalmente que Juliana vendo, áquella hora da noite, o policia com o seu terçado, se aterraria, imaginaria logo a Boa Hora, o Limoeiro, a costa d'Africa, entregaria as cartas, pediria misericordia! E depois? Pensava vagamente em lhe pagar a passagem para o Brazil, ou dar-lhe quinhentos mil reis para ella se estabelecer longe, na provincia... Veria... O essencial era aterral-a!

Juliana, com effeito, depois d'abrir a porta, logo que viu subir atraz de Sebastião o policia, fez-se muito amarella:

— Credo! Que temos nós?

A luz forte do candieiro de petroleo, que ella erguia, alumiava a sua face de tons esverdeados; os

olhos encovados reluziam: estava embrulhada n'um chale preto, e a sua cuia prolongava na parede a sombra disforme da cabeça.

— Ó snr.ª Juliana, faça favor d'accender luz na sala — disse Sebastião.

Ella fixava no policia, no bonet, no terçado um olhar faiscante e inquieto.

— Ó senhor, que aconteceu? Credo! Os senhores não estão em casa. Eu se soubesse nem tinha aberto. Ha alguma novidade? Olha o proposito!

— Não é nada — disse Sebastião simplesmente, abrindo a porta da sala — tudo em paz!

Elle mesmo accendeu com um phosphoro uma vela n'uma serpentina — que fez sahir vagamente da sombra os dourados dos caixilhos das gravuras, a pallida face do retrato da mãi de Jorge, um reflexo de espelho.

— Ó snr. Mendes, sente-se, sente-se!

O Mendes collocou-se á beira da cadeira, a mão na cinta, o terçado entre os joelhos, com um aspecto feroz e balofo.

— Esta é que é a pessoa — disse Sebastião, indicando Juliana, que ficára á porta da sala, attonita.

A mulher recuou logo, murmurou:

— Ó snr. Sebastião, que brincadeira é esta?

— Não é nada, não é nada...

Tomou-lhe o candieiro da mão, e tocando-lhe no braço:

— Vamos lá dentro á sala de jantar.

— Mas o que é? É alguma cousa commigo? Credo! E esta! Olha que desconchavo!

Sebastião fechou a porta da sala de jantar, pousou o candieiro sobre a mesa; a toalha não fôra levantada; havia um prato com codeas de queijo, miolo de pão, um fundo de vinho n'um copo. Sebastião deu alguns passos, fazendo estalar nervosamente os dedos, e parando diante de Juliana, fixando-a:

— Dê cá umas cartas que roubou á senhora:

Juliana teve um movimento arremessado para correr á janella, gritar...

Sebastião agarrou-lhe o braço, sacudiu-a, e fazendo-a sentar com força sobre uma cadeira:

— Se vossemecê dá as cartas está tudo bem. Senão está alli aquelle homem e vossê vai dormir esta noite á enxovia. Escusa d'ir á janella gritar, a policia já está dentro de casa.

Juliana entreviu n'um relance um quarto tenebroso no Limoeiro, o caldo do rancho, a enxerga nas lages frias...

— Mas que fiz eu? — balbuciava — que fiz eu?

— Roubou as cartas. Dê-as p'ra cá, avie-se.

Juliana sentada á beira da cadeira apertando desesperadamente as mãos, dizia por entre os dentes cerrados:

— A bebeda! A bebeda!

Sebastião impacientou-se: Ah, ella não queria? Bem, o policia diria... E pôz a mão no fecho da porta.

— Espere, seu diabo! — gritou ella erguendo-se diante d'elle, com um salto. Fixou-o rancorosamente com os beiços a tremer; desabotoou o corpete, enterrou a mão no peito, tirou uma carteirinha. Mas de repente batendo com o pé n'um phrenesi:

— Não! não! não!

— Diabos me levem se vossê não fôr dormir á enxovia! — E abriu a porta.

— Ahi tem! — gritou ella atirando a carteira com raiva para cima da mesa. E brandindo para elle os punhos: — Raios te partam, malvado!

Sebastião apanhou a carteira. Havia tres cartas: uma muito dobrada era de Luiza; leu a primeira linha: *Meu adorado Bazilio;* e muito pallido guardou logo tudo na algibeira de dentro do casaco, abotoou-o, dirigiu-se á sala:

— Está tudo arranjado, snr. Mendes, — a voz tremia-lhe um pouco — não lhe quero tomar mais tempo.

O homem ergueu a sua forte estatura, fez uma continencia, calado: e quando Sebastião, no patamar alumiando, lhe resvalou na mão uma libra, o Mendes curvou-se respeitosamente e disse:

— E para o que quizer, o 64, o Mendes, que foi da Guarda. Não se incommode v. s.ª Ás ordens de v. s.ª Minha mulher e filhos agradecem. Não se incommode v. s.ª O 64, o Mendes, que foi da Guarda!

Sebastião fechou a cancella, voltou á sala de jantar. Juliana ficára n'uma cadeira, aniquilada, n'um

abatimento de ruina; mas apenas o viu, erguendo-se furiosamente:

— A bebeda foi-lhe contar tudo! Foi vossê que arranjou a armadilha. Tambem vossê dormiu com ella!...

Sebastião, muito branco, dominava-se.

— Vá pôr o chapéo, mulher. O snr. Jorge despediu-a. Ámanhã mandará buscar os bahús...

— Mas o homem ha-de saber tudo! — berrou ella. — Este tecto me rache se eu não lhe disser tudo tim-tim por tim-tim. Tudo! As cartas que recebia, onde ia vêr o homem. Deitava-se com ella na sala, até os pentes lhe cahiam na balburdia. Até a cozinheira lhes sentia o alarido!

— Cale-se! — bradou Sebastião com uma punhada na mesa, que fez tremer toda a louça no aparador. Os canarios esvoaçaram nas gaiolas. E com uma voz toda tremula, os beiços brancos:

— A policia tem o seu nome, sua ladra! Á menor palavra que vossê diga vai para o Limoeiro, e pela barra fóra. Vossê não roubou só as cartas; roubou roupas, camisas, lençoes, vestidos... — Juliana ia fallar, gritar. — Bem sei — continuou elle violentamente — deu-lh'os ella, mas á força, porque vossê a ameaçava. Vossê arrancou-lhe tudo. É roubo. É d'Africa! — E lá o que é dizer ao snr. Jorge, póde ir dizer. Vá dizer. Veja se elle a acredita. Vá. Diga! São algumas bengaladas que leva por esses hombros, sua ladra!

Ella rangia os dentes. Estava apanhada! *Elles* ti-

nham tudo por si, a policia, a justiça, a cadêa, a Africa!... E ella — nada!

Todo o seu odio contra a *Piorrinha* fez explosão. Chamou-lhe os nomes mais obscenos. Inventou infamias. — É que nem as do Bairro-Alto. E eu — gritava — sou uma mulher de bem, nunca um homem se pôde gabar de tocar n'este corpo. Nunca houve raio nenhum que me visse a côr da pelle. E a bebeda! — Tinha arremessado o chale, esfregou o coração, alargou anciosamente o collar do vestido. — Era um desaforo por essa casa! E o que eu passei com a bruxa da tia! E aqui está o pago que me dão! Os diabos me levem se eu não fôr para os jornaes. Vi-a eu abraçada ao janota como uma cabra!

Sebastião a seu pezar escutava-a, com uma curiosidade dolorosa por aquelles pormenores; uma colera congestionava-o; sentia desejos agudos de a esganar, e os seus olhos devoravam-lhe as palavras. E quando ella se calou arquejante:

— Vá, ponha o chapéo, e p'ra a rua!

Juliana então n'uma raiva epileptica arreganhou os dentes; os olhos sahiam-lhe das orbitas; chegou-se a elle com os braços inteiriçados, e cuspiu-lhe na cara!

Mas de repente a bocca abriu-se-lhe desmedidamente, n'uma agonia; arqueou-se para traz, levou com ancia as mãos ambas ao coração, e cahiu para o lado com um som molle, como um fardo de roupa.

Sebastião abaixou-se, sacudiu-a; estava hirta, e uma escuma rôxa apparecia-lhe aos cantos da bocca.

Agarrou no chapéo, desceu as escadas, correu até á Patriarchal. Um *coupé* vazio passava; atirou-se para dentro, mandou a «todo o que dér», para casa de Julião. Encontrou-o fumando, conversando com um estudante; obrigou-o a vir mesmo em chinellas, sem collarinho.

— É caso de morte, é a Juliana — balbuciava muito pallido.

E pelo caminho, entre o ruido das rodas e o tilintar dos caixilhos, contava confusamente que entrára em casa de Luiza, que achára Juliana muito despeitada por ter sido despedida, e que a fallar, a esbracejar, de repente, tombára para o lado!

— Foi o coração. Estava p'ra dias — disse Julião, chupando a ponta do cigarro.

Pararam. Mas Sebastião desorientado, ao sahir, fechára a porta! E dentro só a morta! O cocheiro offereceu uma gazua, que serviu; e mettendo a gorgeta na algibeira da jaqueta, com uma voz avinhada:

— Então nem se vai a uma passeadinha ao Dáfundo, meus fidalgos?

Mas vendo-os atirar com a porta:

— Tambem não é gente d'isso — rosnou com desprezo, batendo a parelha.

Entraram.

No pequeno pateo o silencio da casa pareceu a Sebastião funerario e pavoroso. Subia, aterrado, os degraus, que se lhe afiguravam infindaveis; e, com fortes pancadas do coração, esperava ainda — que

a veriam adormecida n'um desmaio simples, ou de pé, viva, pallida e respirando!

Não. Lá estava como a deixára, estendida na esteira, com os braços abertos, os dedos inteiriçados, retorcidos como garras. Uma convulsão das pernas arregaçára-lhe as saias, e viam-se as suas canellas magras com meias de riscadinho côr de rosa e as chinellas de tapete; o candieiro de petroleo, que ficára ao pé sobre uma cadeira, punha tons lividos na sua face arreganhada e rigida; a bocca torcida fazia uma sombra; e os olhos medonhamente abertos, immobilisados na agonia repentina, tinham uma vaga nevoa, como cobertos d'uma têa d'aranha diaphana. Em redor tudo parecia mais immovel, d'um hirto morto. Vagos reflexos de prata reluziam no aparador; e o tic-tac do *cuco* palpitava sem descontinuar.

Julião, apenas a examinou, ergueu-se sacudindo as mãos, disse:

— Está morta com todas as regras. É necessario tiral-a d'aqui. Onde é o quarto?

Sebastião, pallido, fez signal com o dedo que era por cima.

— Bem. Arrasta-a tu, que eu levo o candieiro. — E como Sebastião não se movia: — Tens medo? — perguntou rindo.

E escarnecia-o: que diabo, era materia inerte, era como quem agarrava uma boneca! Sebastião, com um suor á raiz dos cabellos, levantou o cadaver por debaixo dos braços, começou a arrastal-o devagar. Julião adiante erguia o candieiro: e por fanfarronada

começou os primeiros compassos da marcha do *Fausto*. Mas Sebastião escandalisou-se; e com uma voz que tremia:

— Largo tudo, e vou-me...

— Respeitarei os nervos da menina — disse Julião curvando-se.

Continuaram calados. Aquelle corpo magro parecia a Sebastião d'um peso de chumbo. Arquejava. Nas escadas uma das chinellas do cadaver soltou-se, rolou; e Sebastião sentia aterrado alguma cousa que lhe batia contra os joelhos: era a cuia cahida, suspensa por um atilho.

Estenderam-na na cama, e Julião, dizendo que se deviam seguir as tradições, — pôz-lhe os braços em cruz e fechou-lhe os olhos.

Esteve um momento a olhal-a:

— Feia besta! — murmurou, e estendeu-lhe sobre o rosto uma toalha enxovalhada.

Ao sahir examinou, admirado, o quarto:

— Estava mais bem alojada que eu, o estafermo!

Fechou a porta, deu volta á chave:

— *Requiescat in pace* — disse.

E desceram calados.

Ao entrar na sala, Sebastião pôz a mão no hombro de Julião:

— Então achas que foi o aneurisma?

— Foi. Enfureceu-se, estourou. É dos livros...

— Se não se tivesse zangado hoje...

— Estourava ámanhã. Estava nas ultimas. Deixa

em paz a creatura. Está começando a esta hora a apodrecer, não a perturbemos.

E declarou, esfregando as mãos com frio, que «comia alguma cousa». Achou no armario um pedaço de vitella fria, uma garrafa meia de Collares. E installando-se, espalmando as mãos na mesa, com um vago sorriso:

— Então sabes a novidade, Sebastião?

— Não.

— O meu concorrente foi despachado!

Sebastião murmurou:

— Que ferro!

— Era previsto — disse Julião com um grande gesto. — Eu ia fazer um escandalo, mas — e teve um risinho — mas amansaram-me. Estou n'um posto medico, deram-me um posto medico. Atiraram-me um osso.

— Sim? — fez Sebastião. — Homem, ainda bem, parabens. E agora?

— Agora, roel-o! — E bebeu um trago de vinho.

De resto, disse, tinham-lhe promettido a primeira vagatura. O posto medico não era mau. Em definitiva, a situação melhorára:

— Mas mesquinha, mesquinha! Não sáio do atoleiro...

Teve um silencio amargo.

Estava farto de medicina, disse por fim. Era um bêco sem sahida. Devia-se ter feito advogado, politico, intrigante. Tinha nascido para isso. E passeando pela sala com o cigarro na mão, a voz cortante, expunha um

*

vasto plano d'ambição: — O paiz estava a preceito para um intrigante com vontade. — Esta gente toda está velha, cheia de doenças, de catarrhos de bexiga, de antigas syphilis, tudo isto está pôdre por dentro e por fôra! o velho mundo constitucional está a cahir aos pedaços... Necessitam-se homens! — disse com um grande gesto.

E plantando-se diante de Sebastião:

— Este paiz, meu caro amigo, tem-se governado até aqui com *expedientes*. Quando vier a revolução contra os *expedientes*, o paiz ha-de procurar quem tenha os *principios*. Mas quem tem ahi principios? Quem tem ahi quatro principios? Ninguem; teem dividas, vicios secretos, dentes postiços; mas principios, nem meio! Por consequencia se houver tres patuscos que se dêem ao trabalho de estabelecer meia duzia de principios sérios, racionaes, modernos, positivos, o paiz tem de se atirar de joelhos, e supplicar-lhes: Senhores, fazei-me a honra insigne de me pôr o freio nos dentes! Ora eu devia ser um d'estes. Nasci para isso. E secca-me a idéa de que em quanto outros idiotas, mais astutos e mais previdentes, hão-de estar no poleiro a reluzir ao sol, *al hermoso sol portugués*, como se diz nas zarzuelas, eu hei-de estar a receitar cataplasmas a velhas devotas, ou a ligar as rupturas d'algum desembargador caduco. — E deixava cahir devagar o vinho no copo.

Sebastião calado pensava na outra, morta em cima.

— Estupido paiz, estupida vida! — disse Julião.

Mas uma carruagem entrou na rua, parou á porta.

— Chegam os principes — rosnou elle. E desceram logo.

Jorge ajudava Luiza a sahir do trem, quando Sebastião, abrindo a porta, disse, um pouco lugubre:

— Houve cá grande novidade!

— Fogo? — gritou Jorge voltando-se aterrado, as mãos cheias com o leque, o binoculo, o ramo...

— A Juliana, que lhe rebentou o aneurisma — disse a voz de Julião da sombra da porta.

— Oh c'os diabos! — E Jorge atarantado procurava na algibeira troco para o cocheiro.

— Ai, eu já não entro! — exclamou logo D. Felicidade, mostrando á portinhola a sua larga face envolvida n'uma manta branca. — Eu já não entro!

— Nem eu! — fez Luiza, tremula. Nem podia ficar em casa, com a mulher alli morta! Que horror! Em casa não entrava ella!...

— Mas para onde queres que vamos, filha? — exclamou Jorge.

Sebastião lembrou que podiam ir para casa d'elle...

Como?...

Tinha o quarto da mamã, era só pôr lençóes na cama.

— Oh, vamos, sim! Vamos, Jorge! É o melhor! — supplicou Luiza.

Mas Jorge hesitava. A patrulha que passava ao alto da rua, vendo aquelle grupo junto á lanterna

do trem, parou. E Jorge emfim, instado, muito contrariado, consentiu.

— Diabo da mulher, morrer a semelhante hora! — rosnava elle.

A carruagem iria levar D. Felicidade...

— E a mim, que estou em chinellas! — acudiu Julião.

D. Felicidade lembrou então, como christã, que era necessario alguem, para velar a morta...

— Ora, pelo amor de Deus, D. Felicidade! — exclamou Julião furioso. E entrou logo para a carruagem, batendo com a portinhola.

Mas D. Felicidade insistia: era uma falta de religião! ao menos pôr duas velas, mandar chamar um padre!...

— Largue, cocheiro! — berrou Julião, impaciente.

A carruagem deu a volta. E D. Felicidade á portinhola, apesar de Julião que a puxava pelos vestidos, gritava:

— É um peccado mortal! É uma irreverencia! Ao menos duas velas!

O trem partiu a trote.

Luiza agora tinha escrupulos tambem:

— Podia-se mandar chamar alguem...

Mas Jorge enfureceu-se. Chamar quem, áquella hora? Que beatice! Estava morta, acabou-se. Enterrava-se. Velar agora o estafermo! Fazer-lhe talvez camara ardente tambem? Queria ella ir velal-a?...

— Então, Jorge, então!... — murmurava Sebastião.

— Não, realmente! É vontade de crear embaraços, que diabo!

Luiza baixava a cabeça: e, em quanto Jorge, praguejando, ficava atraz a fechar a porta da casa, ella foi descendo a rua pelo braço de Sebastião.

— Estourou de raiva — disse-lhe elle baixinho.

Toda a rua Jorge resmungou.

Que idéa, irem dormir agora fóra de casa! Realmente era levar muito longe as mariquices...!

Até que Luiza lhe disse, quasi chorando:

— Vê se me queres torturar mais, e fazer-me mais doente, Jorge!

Elle calou-se, mordendo furioso o charuto. E Sebastião, para a socegar, disse que se ella queria, a tia Vicencia, a preta, viria velar a Juliana. Era destemida, uma mulher d'armas...

— Era talvez melhor — murmurou Luiza.

Chegaram a casa d'elle.

Entraram. O *frou-frou* do vestido de sêda, áquella hora, n'aquella casa de celibatario, dava uma commoção a Sebastião: a mão tremia-lhe ao accender as velas da sala. Foi acordar a tia Vicencia para fazer chá; tirou elle mesmo os lençoes dos bahús, apressado, feliz d'aquella hospitalidade. E quando voltou á sala, viu Luiza só, muito pallida.

— Jorge? — perguntou elle.

— Foi ao seu escriptorio, Sebastião, escrever ao parocho para o enterro. — E com os olhos brilhantes, n'uma voz sumida e assustada: — Então?

Sebastião tirou da algibeira a carteirinha de Ju-

liana. Ella agarrou-a sofregamente — e com um movimento brusco, tomou-lhe a mão, e beijou-lh'a.

Mas Jorge entrava. Vinha sorrindo.

— Então agora está descançada, menina?

— Inteiramente — disse ella, com um suspiro de allivio.

E foram tomar chá. Sebastião contou a Jorge, corando um pouco, a maneira como entrára em casa, a Juliana lhe estivera a dizer que fôra despedida, e fallando, exaltando-se, zás, de repente, cahira para o lado morta...

E acrescentou:

— Coitada!

Luiza via-o mentir, olhando-o com adoração.

Mas esqueceram-se de mandar a Vicencia — e ninguem velou a morta.

XVI

Luiza passou a noite ás voltas, n'uma inquietação febril. Jorge estava um pouco assustado da frequencia do seu pulso e do calor secco da pelle.

Elle mesmo, muito nervoso, não podia dormir. É d'estranhar a cama, pensava.

O quarto, onde se não accendera luz havia muito tinha uma frialdade deshabitada: na parede junto ao tecto havia manchas de humidade: e a cama antiga de columnas torneadas sem cortinados, o velho tremó do seculo passado com o seu espelho embaciado davam, á luz bruxuleante da lamparina, — um sentimento triste de convivencias extinctas. O achar-se alli com sua mulher, n'uma cama alheia, trazia-lhe, sem saber porque, uma vaga saudade, como se se désse na sua vida uma alteração

brusca — e, como um rio a que se muda o leito — a sua existencia, desde essa noite, se pozesse a correr entre aspectos differentes. O nordeste fazia bater os caixilhos da vidraça, e uivava encanado na rua.

Pela manhã, Luiza não se pôde levantar. Julião chamado á pressa, tranquillisou-os. — É uma febresita nervosa. Quer socego; não vale nada. Foi o medosinho d'hontem, hein?

— Sonhei toda a noite com ella — disse Luiza. — Que tinha resuscitado... Que horror!

— Ah! póde estar socegada... E já a aviaram, a mulher?

— O Sebastião já lá anda com a massada — disse Jorge.

E elle mesmo foi d'ahi a pouco ajudar a «aviar» a Juliana.

Na rua já se sabia a morte da *tripa-velha*.

A mulher que a veio amortalhar, uma matrona muito picada das bexigas, com uns olhos avermelhados onde se sentia a paixão da aguardente, era conhecida da snr.ª Helena; estiveram um momento a palrar ao sol, á porta do estanco:

— Muito que fazer agora, snr.ª Margarida, hein?

— Bastante, bastante, snr.ª Helena — disse a amortalhadeira com a voz um pouco rouca. — Agora no inverno sempre ha obra. Mas tudo gente velha, com os frios. Nem um corpinho bonito para vestir.

A snr.ª Margarida tinha predilecções artisticas; gostava d'um bonito corpo de dezoito annos, d'uma mocinha fresca para lavar, escarolar, enfeitar. En-

trouxava á má cara a gente velha. Mas com as raparigas novas esmerava-se: acatitava as pregas da mortalha, calculava o *chic* d'uma flôr, d'um laço: trabalhava com os requintes ajanotados d'uma modista do sepulchro.

A estanqueira contou-lhe então particularidades sobre a Juliana, os favores dos patrões, as tafularias d'ella, os luxos do quarto tapetado. A snr.ª Margarida dizia-se «banzada». E para quem iria agora tudo aquillo? — perguntavam. — A *tripa-velha* não tinha parentes...

— Era uma riqueza p'ra a minha Antoninha! — — disse a amortalhadeira, traçando o chale com tristeza.

— E como vai ella, a pequena?...

— Aquillo vai mal, snr.ª Helena. Aquella cabeça douda! — E exhalando a sua dôr com loquacidade: — Deixar o brazileiro que a trazia nas palminhas... E por quem? Por aquelle desalmado, que lhe come tudo, que já lhe arranjou um filho, e que a derrêa com pau... Mas então, as raparigas são assim... Vão atraz do palmo de cara... Que elle é bonito rapaz! Mas um bebedo!... Coitada!... Pois vou vestir a boneca, snr.ª Helena. — E entrou na casa compungidamente.

O padre já chegára tambem. Estava na sala com Sebastião. Tinha nascido na aldêa, e fallava de lavoura, d'enxertos e novidades, das regas, com uma voz grossa — passando, com um gesto lento da sua mão cabelluda, o lenço enrolado por debaixo do na-

riz. As janellas em toda a casa estavam abertas. Um vento leve fazia palpitar as cortinas. O sol dôce reluzia. Os canarios chilreavam.

— E estava ha muito tempo na casa a defunta? — perguntou o padre, com as mãos nos joelhos, a Jorge que passeava pela sala.

— Ha quasi um anno.

O padre desdobrou lentamente o lenço, e sacudindo-o, antes de se assoar:

— É um tributo universal — disse, cerrando os olhos.

E assoou-se, consolado.

A Joanna, então, de chale e lenço, appareceu, andando discretamente, quasi em bicos de pés: soubera pelos visinhos que a Juliana arrebentára, que os senhores estavam em casa do snr. Sebastião: vinha de lá. Luiza tinha-a mandado entrar no quarto. Quando a viu doente, a sua rica senhora, Joanna lagrimejou muito. E Luiza disse-lhe — «que agora estava tudo como d'antes, podia voltar...»

A rapariga fôra logo buscar a trouxa e vinha installar-se — um pouco assustada da morte em casa.

D'ahi a pouco o Paula appareceu á porta.

Alli vinha offerecer-se para o que fosse necessario n'aquelle transe! E tirando e pondo rapidamente o bonet, raspando o pé, dizia com a sua voz catarrhosa:

— Lamento a desgraça, lamento a desgraça! Todos somos mortaes...

— Bem, bem, snr. Paula, não é necessario nada — disse Jorge — obrigado.

E fechou bruscamente a cancella.

Estava impaciente por se desembaraçar «d'quella estopada»: e mesmo como o enfastiavam as martelladas espaçadas dos homens pregando o caixão, em cima, chamou a Joanna:

— Dize a essa gente que se avie. Não vamos ficar aqui toda a vida!

A Joanna foi logo dizer que o senhor estava n'um phrenesi! Tinha-se feito já intima da snr.ª Margarida. A amortalhadeira fôra mesmo com ella á cozinha para tomar uma sustanciasinha. Mas como o lume estava apagado, contentou-se com sopas de pão em vinho.

— Sopinha de burro — dizia, fazendo estalar a lingua. Mas estava enojada com a defunta! Nunca vira bicho mais feio. Um corpo de sardinha secca! E pondo um olhar complacente nas bellas fórmas de Joanna: — A menina, não. A menina tem-me o ar de ter muito bom corpo. — E parecia calcular como talharia a mortalha para aquellas linhas robustas.

A Joanna disse escandalisada:

— Longe vá o agouro, cruzes!

A outra sorriu; faltavam-lhe dous dentes: e aflautando a voz:

— Tem-me passado pela mão muita gente fina, minha menina. Mais uma gotinha de vinho, faz favor? É do Cartaxo, não? é muito avelludado! rica gota!

Emfim, com grande satisfação de Jorge, ás quatro horas os homens desceram o caixão. A visinhança estava pelas portas. O Paula mesmo, por fanfarronada, disse com dous dedos adeus ao esquife, murmurando:

— Boa viagem!

Jorge em cima, ao sahir, perguntou a Joanna:

— E vossê não tem medo de ficar aqui só?

— Eu não, meu senhor. Quem vai não volta!

Tinha medo, com effeito; mas preparava-se a passar a noite com o Pedro, e batia-lhe mesmo o coração de alegria de terem a «casa por sua» até de manhã, e de se poderem rolar amorosamente como fidalgos por cima do divan da sala.

Jorge voltou com Sebastião p'ra casa, e apenas entrou no quarto, onde Luiza estava deitada:

— Tudo prompto — disse, esfregando as mãos. — Lá vai para o Alto de S. João, devidamente acondicionada. *Per omnia sæcula sæculorum.*

A tia Joanna, que estava á cabeceira de Luiza, acudiu:

— Ai, quem lá vai, lá vai. Mas boa mulher, não era ella!

— Era um bom estafermo — disse Jorge. — Esperemos que a esta hora esteja a ferver na caldeira de Pero Botelho. Não é verdade, tia Joanna?

— Jorge! — fez Luiza reprehensivamente. E julgou dever rezar-lhe baixo dous padre-nossos por alma.

Foi tudo o que a terra deu na sua morte áquella

que ia rolando a essa hora, ao trote de duas velhas eguas, para a valla dos pobres, e que fôra na vida Juliana Couceiro Tavira!

No dia seguinte Luiza estava melhor: fallaram mesmo, com grande desconsolação da tia Joanna, em voltar para casa. Sebastião não dizia nada, mas quasi desejava secretamente que uma convalescença a retivesse alli semanas indefinidas. Ella parecia tão agradecida! Tinha olhares reconhecidos, dôces, que só elle comprehendia, e que lhe faziam bater o coração. E era tão feliz tendo-a alli, e a Jorge na sua casa! Tinha conferencias com a tia Vicencia sobre o jantar; andava pelos corredores e pela sala, com respeito, quasi em bicos de pés, como se a presença d'ella santificasse a casa; enchia os vasos de camelias e de violetas; sorria beatamente ao vêr Jorge á sobremesa, saborear e gabar o seu velho cognac; sentia alguma cousa de bom acalental-o como um manto acolchoado e macio; e já pensava que quando ella partisse tudo lhe pareceria mais frio, e teria uma tristeza de ruina!

Mas d'ahi a dous dias voltaram para casa.

Luiza ficou muito agradada com a criada nova. Fôra Sebastião que a arranjára. Era uma rapariguita aceadinha e branca, com uns grandes olhos bonitos e pasmados, um ar amoravel: foi logo correndo dizer a Joanna «que morria pela senhora, tinha uma carinha d'anjo, que linda que era!»

Jorge logo n'essa manhã mandou os dous bahus de Juliana á tia Victoria. E Luiza, quando elle sahiu á tardinha, fechou-se no quarto, com a carteirinha de Juliana, correu os transparentes por precaução, accendeu uma vela, e queimou as cartas. As mãos tremiam-lhe; e via, com os olhos marejados de lagrimas, a sua vergonha, a sua escravidão iremse, dissiparem-se n'um fumo alvadio! Respirou completamente! Emfim! E fôra Sebastião, aquelle querido Sebastião! Foi então á sala, á cozinha, vêr a casa: tudo lhe pareceu novo, a sua vida cheia de doçura: abriu todas as janellas; experimentou o piano; rasgou mesmo em pedaços, por superstição, a musica da *Médjé*, que lhe dera Bazilio; conversou muito com a criada, que se chamava Marianna; e saboreando o seu caldo de gallinha de convalescente, com a face alumiada de felicidade:

— Que bem que vou passar agora! — pensava.

Quando sentiu no corredor os passos de Jorge que entrava, correu, deitou-lhe os braços ao pescoço, e com a cabeça no hombro d'elle:

— Estou tão contente hoje! E se tu soubesses, é tão boa rapariga a Marianna!

Mas n'essa noite a febre voltou. Julião, de manhã, achou-a peor.

— Talvez crescimentos...

Estava receitando, quando D. Felicidade entrou.

parecia excitada; os olhos brilhavam-lhe. Ficou muito pasmada de vêr Luiza doente; fez-lhe muitas perguntas; e disse-lhe ao ouvido:

— Tenho que te contar.

Luiza, muito atabafada na roupa, com os olhos luzidios, as faces córadas, sorriu.

E, mal Jorge e Julião sahiram, D. Felicidade desabafou, sentada aos pé da cama, — com uma voz ora baixa pela gravidade da confidencia, ora aguda pelo impeto da indignação:

Tinha sido roubada! Indignamente roubada! O homem que mandára a Tuy, o grande ladrão, tinha escripto á Gertrudes, á criada, que não estava resolvido a voltar a Lisboa, que a mulher de virtude mudára de povoação, que elle não queria saber mais d'esse negocio e que até o achava exquisito, que offerecia o seu prestimo em Tuy, — tudo isto n'uma boa letra d'escrevente publico, n'um portuguez confuso, — e do dinheiro nem palavra!

— Que te parece o mariola? Oito moedas! Eu se não fosse pela vergonha, ia direita á policia. Ai! os gallegos para mim acabaram! Por isso o conselheiro não se chegava ao rego! Podera! A mulher nunca lançou a sorte!... — Porque se já não acreditava na honestidade dos gallegos, não perdera a fé no poder das bruxas.

Que ella não era pelas oito moedas! Era pelo ferro! E depois, quem sabe onde estaria agora a mulher! Ai, era d'endoudecer!... Que te parece, hein?

Luiza encolheu os hombros: cerravam-se-lhe os

olhos, fatigada, n'uma vaga somnolencia: e D. Felicidade, não encontrando n'ella consolações, sahiu para ir á Encarnação desabafar com a Silveira.

N'essa madrugada Luiza peorou. A febre recrudescera. Jorge, inquieto, vestiu-se á pressa, eram nove horas da manhã, e foi buscar Julião; descia a escada rapidamente, abotoando ainda o paletot, quando o carteiro subia, tossindo o seu catarrho.

— Cartas? — perguntou Jorge.

— Uma p'ra a senhora — disse o homem. — Ha-de ser p'ra a senhora...

Jorge olhou o enveloppe: tinha o nome de Luiza, uma estampilha de França com o perfil grosso da Republica coroada d'espigas, e o carimbo de Hespanha.

— D'onde diabo vem isto? — pensou. Metteu-a no bolso do paletot, e sahiu.

D'ahi a meia hora voltava com Julião n'um trem.

Luiza estava muito prostrada, afogueada, com uma sêde constante.

— É uma febre teimosa — disse Julião com a physionomia descontente.

Fez uma receita e ficou para almoçar com Jorge. Estava um dia frio de nevoa. A Marianna, abafada n'um casabeque, servia, com os seus dedos vermelhos, inchados de frieiras. E Jorge sentia-se entristecer, como se toda a nevoa do ar se lhe fosse lentamente depositando e condensando n'alma.

A que se podia attribuir semelhante febre? dizia, com os cotovêlos sobre a mesa, o rosto franzi-

do. Tão extraordinario! Havia seis dias, ora melhor, ora peor...

— Estas febres veem por tudo — replicava Julião, partindo tranquillamente uma torrada. — Ás vezes por uma corrente d'ar, ás vezes por um desgosto. Tenho eu, por exemplo, um caso curioso: um sujeito, um Alves, que esteve p'ra fallir, e que viveu, coitado, durante dous mezes em torturas. Ha duas semanas, por um golpe de fortuna, — a velhaca ás vezes tem d'estes caprichos, — arranjou todos os seus negocios, viu-se livre. Pois senhor, desde então tem uma febre assim, tortuosa, complexa, com symptomas disparatados... O que é? É que a excitação nervosa abateu, e a felicidade trouxe-lhe uma revolução no sangue. Póde muito bem dar á casca. Faz então a fallencia geral, a grande, aquella em que o crédor é implacavel, saca á vista, e... *per omnia sæcula!* — Riu-se, contente da sua pilheria.

Ao sahir, trincando o palito:

— Em todo o caso um repouso absoluto. É necessario ter-lhe o espirito em algodão em rama. Nada de palestra, nada de phrases, e se tiver sêde, limonada. Até logo!

E sahiu, calçando as luvas pretas que usava desde que pertencia ao Posto Medico.

Jorge entrou na alcova: Luiza dormitava. Marianna sentada ao pé n'uma cadeirinha baixa, com as mãos no regaço, o rostinho triste, não tirava de Luiza os seus grandes olhos vagamente espantados...

— Tem estado muito inquieta — murmurou.

*

Jorge apalpou-lhe a pelle que ardia, conchegou-lhe a roupa, beijou-a devagarinho na testa, foi cerrar as portas da janella, defronte da alcova. — E passeando no escriptorio, voltavam-lhe as palavras de Julião: são febres que veem por um desgosto! Lembrava a historia do negociante, e aquelle estado de abatimento e de fraqueza d'ella que o preoccupára tanto ultimamente. — Mas repelliu com um movimento d'hombros aquellas imaginações. Que tolices! Desgosto de quê? Em casa de Sebastião estivera tão animada! Nem a morte da outra lhe fizera abalo! — De resto acreditava pouco nas *febres de desgosto!* Julião tinha uma medicina litteraria. Pensou mesmo que seria mais prudente chamar o velho dr. Caminha.

E ao metter a mão no bolso, os seus dedos encontraram uma carta; era a que o carteiro lhe dera, de manhã, para Luiza. Tornou a examinal-a com curiosidade; o sobrescripto era banal, como os que ha nos cafés ou nos restaurantes; não conhecia a letra; era d'homem, vinha de França... Atravessou-o um desejo rapido de a abrir. Conteve-se, atirou-a para cima da mesa.

Voltou á alcova. Luiza permanecia n'uma modorra quente: a manga do chambre arregaçada descobria o braço mimoso, alvo e redondo, e na sua mão pequenina reluziam os rubis do annel; a sua face lisa estava muito corada; uma claridade, como a que a luz faz resvalar sobre os marfins, fazia parecer o desenho do seu nariz mais delicado; as pesta-

nas longas pousavam dôcemente, no adormecimento das palpebras finas; um annel de cabello cahira sobre a testa pallida, e todo o seu rosto tinha uma meiguice dolorida e soffredora. Pensou, sem saber porque, que outros a deveriam achar linda, desejal-a, dizer-lh'o, se podessem. E para que lhe escreviam de França, quem?

Voltou ao escriptorio, mas aquella carta sobre a mesa fazia-o impacientemente nervoso: quiz lêr um livro, atirou-o logo; e poz-se a passear agitado, torcendo o forro da algibeira.

Agarrou a carta; quiz vêr, através do papel delgado do enveloppe; os seus dedos, mesmo, insensivelmente, começaram a rasgar ligeiramente um angulo do sobrescripto. «Não era delicado aquillo!...» — murmurou-lhe a consciencia. Mas a curiosidade, que governava o seu cerebro, suggeriu-lhe toda a sorte de raciocinios, com uma tentação persuasiva: — Ella estava doente; podia ser alguma cousa urgente; se fosse uma herança? Depois ella não tinha segredos: e então em França! Os seus escrupulos eram pueris. Dir-lhe-hia que a abrira por engano. E se a carta contivesse o segredo d'aquelle desgosto, do tal *desgosto,* das theorias de Julião!...

Devia abril-a então para a curar melhor!... Sem querer achou-se com a carta desdobrada na mão. E n'um relanço avido devorou-a. Mas não comprehendeu bem; as letras embrulhavam-se; chegou-se á janella, releu devagar:

«Minha querida Luiza.

«Seria longo explicar-te, como só antes d'hontem em Nice — d'onde cheguei esta madrugada a Paris — recebi a tua carta, que pelos carimbos vejo que percorreu toda a Europa atraz de mim. Como já lá vão dous mezes e meio que a escreveste, imagino que te arranjaste com a mulher, e que não precisas do dinheiro. De resto se por acaso o queres, manda um telegramma e tens-lo ahi em dous dias. Vejo pela tua carta que não acreditaste nunca que a minha partida fosse motivada por negocios. És bem injusta. A minha partida não te devia ter tirado, como tu dizes, *todas as illusões sobre o amor,* porque foi realmente quando sahi de Lisboa que percebi quanto te amava, e não ha dia, acredita, em que me não lembre do *Paraiso*. Que boas manhãs! Passaste por lá por acaso alguma outra vez? Lembras-te do nosso *lunch*? Não tenho tempo para mais. Talvez em breve volte a Lisboa. Espero vêr-te, porque sem ti Lisboa é para mim um desterro.

«Um longo beijo do

«Teu do C.

«*Bazilio*».

Jorge petrificado dobrou o papel, lentamente, em duas, em quatro dobras, atirou-o para cima da mesa, disse alto:

— Sim, senhor! bonito!

Encheu o cachimbo de tabaco machinalmente, com os olhos vagos, os beiços a tremer: deu alguns passos incertos pelo escriptorio: — e de repente arremessou o cachimbo que despedaçou um vidro da janella, bateu com as mãos desvairado, arrepellou os cabellos, e atirando-se de bruços para cima da mesa, rompeu a chorar, rolando á cabeça entre os braços, mordendo as mangas, batendo com os pés, louco!

Ergueu-se subitamente, agarrou a carta, ia com ella á alcova de Luiza. Mas a lembrança das palavras de Julião immobilisou-o: Que esteja socegada, nada de phrases, nenhuma excitação! Fechou a carta n'uma gaveta, metteu a chave na algibeira. E de pé, a tremer, com os olhos raiados de sangue sentia idéas insensatas alumiarem-lhe bruscamente o cerebro, como relampagos n'uma tormenta — matal-a, sahir de casa, abandonal-a, fazer saltar os miolos...

A Marianna bateu ligeiramente á porta, disse que a senhora o chamava.

Uma onda de sangue subiu-lhe á cabeça; fitava Marianna, estupido, batendo as palpebras:

— Já vou — disse com uma voz rouca.

Ao passar na sala, diante do espelho oval, ficou pasmado do seu rosto manchado, envelhecido. Foi correr uma toalha molhada pela face, alisou o cabello: e ao entrar na alcova, ao vêl-a, com os seus grandes olhos dilatados onde a febre reluzia, teve de se agarrar á barra do leito, porque sentiu, em

redor, as paredes oscillarem como lonas ao vento.

Mas sorriu-lhe:

— Como estás?

— Mal — murmurou ella debilmente.

E chamou-o para ao pé de si com um gesto dôce, muito fatigado.

Elle veio, sentou-se sem a olhar:

— Que tens? — disse ella voltando o rosto no travesseiro, chegando-o para elle com um movimento amoroso e fraco. — Não te afflijas. E tomou devagarinho a mão que elle pousára á beira do leito.

Jorge deu um repellão secco, sacudiu a mão d'ella, ergueu-se bruscamente com os dentes cerrados; sentia uma colera brutal congestional-o: ia-se, com medo de si, de um crime, quando ouviu a voz de Luiza, arrastando-se n'uma lamentação:

— Porque, Jorge? Que fiz eu?...

Voltou-se; viu-a meia erguida sobre as mãos, os olhos abertos n'uma angustia lagrimosa, muito dolorida e fraca; e duas lagrimas rolavam-lhe silenciosamente pela face.

Atirou-se de joelhos, agarrou-lhe as mãos, os soluços suffocavam-no.

— Que é isto? — exclamou a voz de Julião á porta da alcova.

E Julião levando-o para a sala, cruzando terrivelmente os braços diante d'elle:

— Tu estás doudo? Pois tu sabes que ella está n'um estado d'aquelles, e vaes-te pôr a fazer-lhe scenas de lagrimas?

— Não me pude conter...

— Estoura. Eu estou a cortar-lhe a febre por um lado, e tu a dar-lh'a por outro? Estás doudo!

Estava realmente indignado. Interessava-se por Luiza como doente. Desejava muito cural-a; e sentia uma satisfação em exercer o dominio de pessoa necessaria n'aquella casa, onde as suas visitas tinham tido sempre uma attitude dependente; mesmo agora ao sahir, ás vezes, não se esquecia de offerecer negligentemente um charuto a Jorge.

Jorge foi heroico durante toda essa tarde. Não podia estar muito tempo na alcova de Luiza, a desesperação trazia-o n'um movimento contradictorio; mas ia lá a cada momento, sorria-lhe, conchegava-lhe a roupa com as mãos tremulas; e quasi sempre como ella dormitava, ficava immovel a olhal-a feição por feição, com uma curiosidade dolorosa e immoral, como para lhe surprehender no rosto vestigios de beijos alheios, esperando ouvir-lhe n'algum sonho agitado da febre murmurar um nome, uma data; concentrava-se na sua dôr com uma sensualidade aspera, como os doentes desesperados que sentem uma consolação ao apertar o musculo que lhes dóe; e amava-a mais desde que a suppunha infiel, mas d'um outro amor carnal, indigno e perverso. Depois ia-se fechar no escriptorio, e movia-se alli entre as pare-

des estreitas como um animal n'uma jaula. Releu a carta infinitas vezes, e a mesma curiosidade roedora, baixa, vil, torturava-o sem cessar: como tinha sido? Onde era o *Paraiso?* Havia uma cama? Que vestido levava ella? O que lhe dizia? Que beijos lhe dava?

Foi relêr todas as cartas que ella lhe escrevêra para o Alemtejo, procurando descobrir nas palavras symptomas de frieza, a data da traição! Tinha-lhe odio então, atravessavam-lhe o cerebro idéas homicidas — esganal-a, dar-lhe chloroformio, fazer-lhe beber laudano! E depois immovel, encostado á janella, ficava esquecido n'um scismar espesso, revendo o passado, o dia do seu casamento, certos passeios que déra com ella, palavras que ella dissera, caricias, felicidades, attitudes...

Ás vezes pensava — seria a carta uma *mistificação?* Algum inimigo d'elle podia tel-a escripto, remettido p'ra França. Ou talvez Bazilio tivesse *outra* Luiza em Lisboa, e por engano ao escrever o enveloppe tivesse posto o nome da prima; e a alegria momentanea que lhe davam aquellas phantasias fazia-lhe parecer a realidade mais cruel. Mas como fôra? como fôra? Oh! se podesse saber a verdade! Tinha a certeza que socegaria então; arrancaria de certo do seu peito aquelle amor como um parasita immundo; apenas ella melhorasse, leval-a-hia a um convento, e elle iria morrer longe, n'Africa, ou algures... Mas quem saberia? JULIANA! Era ella que sabia. De certo! E todas as condescendencias d'ella

por Juliana, os moveis, o quarto, a roupa, o vestido, comprehendeu tudo! Era a pagar a cumplicidade! Era a sua confidente. Levava as cartas. Sabia tudo. E estava na valla, morta, sem poder fallar, a maldita!

Sebastião, como costumava, veio á noitinha; não havia ainda luzes, e, apenas elle entrou, Jorge chamou-o ao escriptorio, calado, accendeu uma vela, tirou a carta da gaveta:

— Lê isto.

Sebastião ficára assombrado ao vêr o rosto de Jorge; olhava a carta e tremia. Apenas viu a assignatura, uma pallidez d'agonia espalhou-se-lhe pelo rosto. Parecia-lhe que o soalho tinha uma vibração onde elle se firmava mal. Mas dominou-se, retesando os musculos e a vontade; leu devagar, e pousou a carta sobre a mesa, sem uma palavra.

Jorge disse então:

— Sebastião, isto p'ra mim é a morte. Sebastião, tu sabes alguma cousa. Tu vinhas aqui. Tu sabes. Dize-me a verdade!

Sebastião abriu devagar os braços e respondeu:

— Que te hei-de eu dizer? Não sei nada!

Jorge agarrou-lhe as mãos, sacudiu-lh'as, e procurando o seu olhar anciosamente:

— Sebastião, pela nossa amizade, pela alma de tua mãi, por tantos annos que temos passado juntos, Sebastião, dize-me a verdade!...

— Não sei nada. Que hei-de eu saber?

— Mentes!

Sebastião disse apenas:

— Podem-te ouvir, homem!

Houve um silencio: os passos nervosos de Jorge faziam vibrar o soalho. E batendo com as mãos uma na outra:

— Mas dize-me ao menos o que fazia ella! Sahia? Vinha aqui alguem?

Sebastião respondeu devagar, os olhos fixos na luz:

— Vinha o primo ás vezes, ao principio. Quando a D. Felicidade esteve doente, ella ia vêl-a. O primo depois partiu. Não sei mais nada.

Jorge esteve um momento a olhar Sebastião, com uma fixidez abstracta.

— Mas que lhe fiz eu, Sebastião? Que lhe fiz eu? Adorava-a! Que lhe fiz eu p'ra isto? Eu, que a adorava, áquella mulher!

Um soluço suffocou-o; rompeu a chorar.

Sebastião ficára de pé junto á mesa, estupido, aniquilado.

— Foi talvez uma brincadeira, apenas... — murmurou com uma voz extincta.

— E o que diz a carta? — gritou Jorge, voltando-se n'uma colera, sacudindo o papel. — Este *Paraiso!* As *boas manhãs* lá passadas! É uma infame!...

— Está doente, Jorge — disse apenas Sebastião.

Jorge não respondeu. Passeou calado algum tempo. Sebastião, immovel, fatigava a vista contra a chamma da luz. Jorge então fechou a carta na ga-

veta, e tomando o castiçal com um tom de lassidão lugubre e resignada:

— Queres vir tomar chá, Sebastião?

E não tornaram mais a fallar na carta.

N'essa noite Jorge dormiu profundamente. E ao outro dia o seu rosto estava impassivel, d'uma serenidade forçada, apenas pallido.

Foi d'ahi por diante o enfermeiro de Luiza.

A doença, depois d'uma marcha incerta durante tres dias, definiu-se: eram crescimentos; vinham de madrugada com muita força, cediam á tardinha; de noite dormia bem com suores constantes.

Enfraquecia muito; mas Julião estava tranquillo.

Jorge passava os seus dias ao pé d'ella. D. Felicidade vinha ordinariamente pelas manhãs; sentava-se aos pés da cama, e tinha silencios tristes, com uma face envelhecida; aquella esperança na mulher de Tuy tão subitamente destruida abalava-a como um velho edificio a que se tira subitamente um pilar: vinha talvez para vêr o conselheiro, que não deixava d'apparecer pelas tres horas a saber da «nossa formosa enferma». Trazia sempre maximas que recitava com um ar profundo, de pé, com o chapéo na mão, sem querer entrar na alcova, por pudor:

— A saude é um bem que só apreciamos quando nos foge.

Ou:

— A doença serve para aquilatarmos os amigos.

E terminava sempre:

— Meu Jorge, as rosas da saude bem cedo reflorirão nas faces de sua virtuosa esposa!...

De noite Jorge dormia vestido, no quarto, fóra, n'um enxergão sobre o chão; mas apenas cerrava os olhos uma ou duas horas. O resto da noite procurava lêr: começava um romance, mas nunca ia além das primeiras linhas; esquecia o livro, e com a cabeça entre as mãos punha-se a pensar; era sempre a mesma idéa — *como* tinha sido? Conseguira reconstruir aproximadamente, com logica, certos factos; via bem Bazilio chegando, vindo visital-a, desejando-a, mandando-lhe ramos, perseguindo-a, indo-a vêr aqui e além, escrevendo-lhe; mas depois? Viera já a comprehender que o dinheiro era para Juliana. A creatura tivera alguma exigencia: tinha-os surprehendido? possuia cartas?... E encontrava, n'aquella reconstrucção dolorosa, falhas, vazios, como buracos escuros, onde a sua alma se arremessava sofregamente. Então começava a recordar as palavras amorosas que ella lhe dissera, as inflexões de voz, o ardor de certas caricias... — Mas amava-o de certo! Para que o enganára então?

Uma noite, com precauções de ladrão, rebuscou todas as gavetas d'ella, esquadrinhou os vestidos, até as dobras da roupa branca, as caixas de collares, de rendas; viu bem o cofre de sandalo; estava vazio; nem o pó d'uma flôr sêcca! Ás vezes punha-se

a fitar os moveis no quarto, na sala, a sondal-os como se quizesse descobrir n'elles os vestigios do adulterio. Ter-se-hiam sentado alli? Elle teria ajoelhado aos pés d'ella, acolá sobre o tapete? Sobre tudo o divan tão largo, tão commodo, desesperava-o; tomou-lhe odio. Veio a detestar mesmo a casa, como se os tectos que os tinham coberto, os soalhos que os tinham sustentado tivessem uma cumplicidade consciente. Mas o que o torturava era aquella palavra — o *Paraiso*, as *boas manhãs*...

Luiza já dormia tranquillamente; e ao fim d'uma semana os crescimentos desappareceram. Mas estava muito fraca: no dia em que pela primeira vez se levantou, desmaiou duas vezes: era necessario vestil-a, trazel-a amparada para a *chaise-longue:* e não dispensava Jorge, queria-o alli, ao pé, por força! com exigencias de criança! Parecia receber a vida dos seus olhos, a saude do contacto das suas mãos. Fazia-lhe lêr o jornal pela manhã, e se elle tinha d'escrever, queria-o vêr trabalhar ao pé de si. Elle obedecia, e mesmo aquellas instancias d'ella eram para a sua dôr como caricias consoladoras. É porque o amava de certo!

Sentia então, machinalmente, «abertas» de felicidade. Surprehendia-se a dizer-lhe ternuras, a rir com ella, esquecido, como d'antes! E estendida na *chaise-longue* Luiza, contente, percorria antigos volumes da *Illustração franceza*, que lhe mandára o conselheiro, «onde», segundo elle lhe dissera, «podia, ao mesmo tempo que se divertia com os dese-

nhos, adquirir noções uteis sobre importantes acontecimentos historicos»; ou, com a cabeça reclinada, saboreava a felicidade de melhorar, de estar livre das tyrannias da *outra*, das amarguras do *passado!*

Uma das suas alegrias era vêr entrar a Marianna com o seu jantarzinho disposto n'um guardanapo sobre o taboleiro; tinha appetite, saboreava muito o calix de vinho do Porto, que Julião recommendára; e quando Jorge não estava, fazia longas conversações com Marianna, fallando baixo, devagar, consolada, lambendo colherinhas de gelatina.

Ás vezes, com os olhos no tecto, fazia planos. Dizia-os a Jorge; iria estar duas semanas no campo, para ganhar forças; depois á volta começaria a bordar tiras de casimira para cobrir as cadeiras da sala; porque queria occupar-se muito da casa, viver recolhida; elle não voltaria ao Alemtejo, não sahiria de Lisboa, não é verdade? E a sua vida seria d'ahi por diante d'uma doçura continua e facil.

Mas Luiza ás vezes achava-o macambusio, ou com aspecto carregado. Que tinha? Elle explicava pela fadiga, pelas noites mal dormidas. Se adoecesse, ao menos, dizia ella, que fosse quando ella estivesse forte para o tratar, para o velar!... Mas não adoeceria, não? E fazia-o sentar ao pé de si, passava-lhe a mão pelos cabellos, com olhar languido, porque com as forças que renasciam vinham os impulsos do seu temperamento amoroso. E Jorge perturbado, sentindo que a adorava, tendo de se constranger, sem saber o que queria, era desgraçado!

Luiza, só comsigo, tinha outras resoluções. Não tornaria a vêr Leopoldina, e frequentaria as igrejas. Porque sahia da doença com uma vaga sentimentalidade devota. Durante a febre, em certos pesadêlos de que lhe ficára uma indistincta idéa aterrada, vira-se ás vezes n'um lugar pavoroso, onde corpos se erguiam, torcendo os braços, do meio das chammas escarlates: fórmas negras giravam com espetos em braza: um rugido d'agonia subia para a mudez do céo: e sentia passarem-lhe sobre o corpo linguas brancas de fogueiras, quando alguma cousa de dôce e d'ineffavel de repente a refrescava; eram as azas d'um anjo luminoso e sereno, que a tomava nos braços: e ella sentia-se elevar, apoiando a cabeça contra o seio divino, que a penetrava d'uma felicidade sobrenatural; e via as estrellas de perto, ouvia fremitos d'azas. Aquella sensação deixára-lhe como uma recordação saudosa do céo. E aspirava a ella nas debilidades da convalescença, esperando ganhal-a pela pontualidade á missa, e pela repetição de corôas á Virgem.

No dia em que veio á sala, e abriu pela primeira vez o piano, disse de repente a Jorge, que á janella olhava para a rua:

— Estou a detestar, ha tempos, aquelle divan. Podia-se tirar, não te parece?

Jorge sentiu como uma martellada no coração: as fontes latejaram-lhe; não pôde responder logo; disse, emfim, com esforço:

— Sim, parece...

— Estou com vontade de o tirar — disse ella sahindo da sala.

Jorge não pôde destacar os olhos do divan. Veio mesmo sentar-se n'elle; passava a mão sobre o estofo ás listras; e sentia um prazer doloroso em verificar *que fôra alli!*

Principiára a vir-lhe então uma especie de resignação sombria, uma lassidão amarga; ás vezes quando a ouvia gozar tanto as melhoras, fallar com felicidade de futuros tranquillos, decidia-se a aniquilar a carta, esquecer tudo. Ella tinha-se arrependido de certo, amava-o: para que havia de crear a sangue frio uma infelicidade perpetua? Mas quando a via com os seus movimentos languidos estender-se na *chaise-longue,* ou ao despir-se mostrar a brancura do seu collo — e pensava que aquelles braços tinham enlaçado outro homem, aquella bocca gemido de amor n'uma cama alheia — vinha-lhe uma onda de colera bruta, precisava de sahir para a não esganar!

Para explicar os seus maus humores, os seus silencios, começou a queixar-se, a dizer-se doente. E as solicitudes d'ella, então, as interrogações mudas do seu olhar inquieto faziam-o mais infeliz — por se saber tão trahido, agora que se sentia tão amado!

Um domingo emfim Julião deu licença a Luiza para se deitar mais tarde, e fazer á noite as honras da casa. Todos estavam contentes de a vêr na sala, ainda um pouco pallida sim, fraca, — mas, como disse o conselheiro, restituida aos deveres domesticos e aos prazeres da sociedade!

Julião que veio ás nove horas achou-a *como nova.*

— E que me dizem á novidade? — exclamou logo — A peça de Ernesto teve um triumpho!...

Assim tinham lido nos jornaes...

O *Diario de Noticias* dizia mesmo que o «author chamado ao proscenio, no meio do mais vivo enthusiasmo, recebera uma formosa corôa de louros». Luiza declarou logo que queria ir vêr!

— Mais tarde, D. Luiza, mais tarde — acudiu com prudencia o conselheiro. — Por ora é conveniente evitar toda a commoção forte. As lagrimas que não deixaria de derramar, conheço o seu bom coração, podiam produzir uma recahida. Não é verdade, amigo Julião?

— De certo, conselheiro, de certo. Eu tambem quero ir. Quero convencer-me por meus olhos...

Mas o ruido d'uma carruagem, lançada a trote largo, que parou á porta, interrompeu-o. A campainha retiniu fortemente.

— Aposto que é o author! — exclamou elle.

E quasi immediatamente a figura radiante de Ernestinho, de casaca, precipitou-se na sala; ergueram-se com ruido, abraçaram-no: mil parabens! mil parabens! E a voz do conselheiro, dominando as outras:

— Bem vindo o festejado author!

Ernesto suffocava de jubilo. Tinha um sorriso immobilisado; as azas do nariz dilatavam-se-lhe, como para respirar os incensos; trazia o peito alto, en-

*

funado d'orgulho; e movia a cabeça, sem cessar, como n'um agradecimento instinctivo a multidões applaudidoras.

— Aqui estou! aqui estou! — disse.

Sentou-se offegante; e, com um modo amavel de Deus-bom-rapaz, declarou que os ultimos ensaios de apuro não lhe tinham deixado um momento para vir vêr a prima Luiza. Tinha tido n'aquella noite um instante de seu, mas devia voltar ás dez horas para o theatro: até nem mandára a tipoia embora. E contou largamente o triumpho: Ao principio tivera «grandes colicas». Todos as tinham, os mais acostumados, os mais illustres. Mas apenas o Campos disse o monologo do 1.º acto — e como o disse! haviam de vêr, uma cousa sublime! — os applausos romperam. Tinha agradado tudo. No fim era um barulho, gritos pelo author, salvas de palmas... Elle viera ao palco, arrastado; não queria, mas obrigaram-no, a Jesuina por um lado, a Maria Adelaide por outro! Um delirio! O Savedra do *Seculo* tinha-lhe dito: o amigo é o nosso Shakspeare! O Bastos da *Verdade* tinha affirmado: és o nosso Scribe! Houve uma cêa. E tinham-lhe dado uma corôa.

— E serve-lhe? — acudiu Julião.

— Perfeitamente; um bocadinho larga...

O conselheiro disse com authoridade:

— Os grandes authores, o famigerado Tasso, o nosso Camões são sempre representados com as suas respectivas corôas.

— É o que eu lhe aconselho, snr. Ledesma —

disse Julião, erguendo-se e batendo-lhe no hombro — é que se faça retratar de corôa!...

Riram.

E Ernestinho, um pouco despeitado, desdobrando o seu lenço perfumado:

— O snr. Zuzarte não dispensa o seu epigrammasinho...

— É a prova da gloria, meu amigo. Nos triumphos dos generaes victoriosos, em Roma, havia um bobo no prestito!

— Eu não sei! — disse Luiza muito risonha — É uma honra p'ra a familia!...

Jorge concordou. Passeava pela sala fumando; e disse que gozava tanto a corôa, como se tivesse direito a usal-a...

E Ernestinho voltando-se logo para elle:

— Sabes que lhe perdoei, primo Jorge? Perdoei á esposa...

— Como Christo...

— Como Christo — confirmou Ernestinho, com satisfação.

D. Felicidade approvou logo:

— Fez muito bem! Até é mais moral!

— O Jorge é que queria que eu désse cabo d'ella — disse Ernestinho, rindo tolamente. — Não se lembra, n'aquella noite...

— Sim, sim — fez Jorge, rindo tambem nervosamente.

— O nosso Jorge — disse com solemnidade o conselheiro — não podia conservar idéas tão extre-

mas. E de certo a reflexão, a experiencia da vida...

— Mudei, conselheiro, mudei — interrompeu Jorge.

E atirando com a porta entrou no escriptorio.

Em quanto Accacio dissertava, Sebastião foi devagarinho ter com Jorge. Estava ás escuras. O seu charuto reluzia.

— Aquelles idiotas não se calarão? Não se irão? — disse elle abafadamente, agarrando o braço de Sebastião.

— Socega!

— Oh Sebastião! Sebastião! — E abraçou-o convulsamente.

Mas a voz de Luiza ergueu-se na sala, gritou:

— Que conspiração é essa ahi dentro ás escuras?

Sebastião appareceu logo, dizendo com um sorriso:

— Nada, nada. Estavamos lá dentro. — E acrescentou baixo:

— O Jorge está fatigado. Está adoentado, coitado!

Notaram, quando elle voltou com effeito — que tinha o ar exquisito.

— Não, realmente não me sinto bom, estou incommodado!

— E a debil D. Luiza precisa o repouso do seu leito — disse o conselheiro erguendo-se.

Ernestinho tambem não se podia demorar: estavam á espera d'elle no theatro. Offereceu logo ao

conselheiro e a Julião — «a sua carruagem que era um caleche, se iam para a Baixa...»

— Que honra — exclamou Julião olhando Accacio — irmos na tipoia do Grande Homem!

Estava «d'optimo humor». Salvára na vespera do croup o filhinho d'um banqueiro; fôra chamado de manhã para vêr uma velha rica, que se esganára com um osso de perdiz: A clientella vinha!...

E em quanto D. Felicidade se agasalhava, os tres desceram.

No meio da escada Julião parou, e cruzando os braços:

— Ora aqui vou eu entre os representantes dos dous grandes movimentos de Portugal desde 1820. A Litteratura — e indicou Ernestinho — e o Constitucionalismo! — e curvou-se para o conselheiro.

Os dous riram, lisonjeados.

— E o amigo Zuzarte?

— Eu? — E agarrando-lhes os braços: — Até ha dias um revolucionario feroz. Mas agora...

— O quê?

— Um amigo da ordem — gritou com jubilo.

E desceram, contentes de si e de seu paiz, para se metterem na tipoia do Grande Homem!

XVII

Ao outro dia Jorge foi ao ministerio, onde não tinha apparecido nos ultimos tempos. Mas demorou-se pouco. A rua, a presença dos conhecidos ou dos estranhos torturava-o; parecia-lhe que *todo o mundo sabia;* nos olhares mais naturaes via uma intenção maligna, e nos apertos de mão mais sinceros uma ironica pressão de pezames; as carruagens mesmo que passavam davam-lhe a suspeita de a terem conduzido ao *rendez-vous,* e todas as casas lhe pareciam a fachada infame do *Paraiso.* Voltou mais sombrio, infeliz, sentindo a vida estragada. E logo do corredor ao entrar ouviu Luiza cantarolando, como outr'ora, a *Mandolinata!*

Estava-se a vestir.

— Como estás tu? — perguntou, pondo a um canto a sua bengala.

BIBLIOTECA NACIONAL

— Estou boa. Hoje estou muito melhor. Um bocado fraca ainda.

Jorge deu alguns passos pelo quarto, taciturno.

— E tu? — perguntou-lhe ella.

— P'ra aqui ando — disse tão desconsoladamente que Luiza pousou o pente, e com os cabellos soltos veio pousar-lhe as mãos nos hombros, muito carinhosa:

— Que tens tu? Tu tens alguma cousa. Estranho-te tanto ha dias! Não és o mesmo! Ás vezes estás com uma cara de réo... Que é? Dize.

E os seus olhos procuravam os d'elle, que se desviavam perturbados.

Abraçou-o. Insistia, queria que dissesse tudo á «sua mulherzinha».

— Dize. Que tens?

Elle olhou-a muito, e de repente, com uma resolução violenta:

— Pois bem, digo-te. Tu agora estás boa, pódes ouvir... Luiza! vivo n'um inferno ha duas semanas. Não posso mais. Tu estás boa, não é verdade? Pois bem, que quer dizer isto? Dize a verdade!

E estendeu-lhe a carta de Bazilio.

— O que é? — fez ella muito branca. E o papel dobrado tremia-lhe na mão.

Abriu-a devagar, viu a letra de Bazilio, n'um relance adivinhou-a. Fixou Jorge um momento d'um modo desvairado, estendeu os braços sem poder fallar, levou as mãos á cabeça com um gesto ancioso

como se se sentisse ferida, e oscillando, com um grito rouco, cahiu sobre os joelhos, ficou estirada no tapete.

Jorge gritou. As criadas acudiram. Estenderam-na na cama. Elle quiz que Joanna corresse a chamar Sebastião; e ficou como petrificado, junto ao leito, olhando-a, em quanto Marianna toda tremula desatacava os espartilhos da senhora.

Sebastião veio logo. Felizmente havia ether, fizeram-lh'o respirar; e apenas abriu lentamente os olhos, Jorge precipitou-se sobre ella:

— Luiza, ouve, falla! Não, não tem duvida. Mas falla. Dizê, que tens?

Ao ouvir a voz d'elle desmaiou outra vez. Movimentos convulsivos sacudiam-lhe o corpo. Sebastião correu a buscar Julião.

Luiza parecia adormecida agora, immovel, branca como cera, as mãos pousadas sobre a colcha; e duas lagrimas corriam-lhe devagar pelo lado das faces.

Um trem parou. Julião appareceu esbaforido.

— Achou-se mal de repente. Vê, Julião. Está muito mal — disse Jorge.

Fizeram-lhe respirar mais ether; despertou outra vez. Julião fallou-lhe, tomando-lhe o pulso.

— Não, não, ninguem! — murmurou ella, retirando a mão. Repetiu com impaciencia: — Não, vão-se, não quero. — As suas lagrimas redobravam. E como elles sahiam da alcova para a não excitar contrariando-a, ouviram-na chamar: — Jorge!

Elle ajoelhou-se ao pé da cama, e fallando-lhe junto do rosto:

— Que tens tu? Não se falla mais em tal. Acabou-se. Não estejas doente. Juro-te, amo-te. Fosse o que fosse, não me importa. Não quero saber, não.

E como ella ia fallar, elle pousou-lhe a mão na bocca:

— Não, não quero ouvir. Quero que estejas boa, que não soffras! Dize que estás boa! Que tens? Vamos ámanhã para o campo, e esquece-se tudo. Foi uma cousa que passou...

Ella disse apenas com os olhos erguidos, vagos, a voz sumida:

— Oh! Jorge! Jorge!

— Bem sei. Mas agora vaes ser feliz outra vez... Dize, que sentes?

— Aqui — disse ella, e levava as mãos á cabeça. — Dóe-me!

Elle ergueu-se para chamar Julião, mas ella reteve-o, attrahiu-o; e devorando-o com olhos onde a febre se accendia, adiantando o rosto, estendia-lhe os labios. Elle deu-lhe um beijo inteiro, sincero, cheio de perdão.

— Oh! minha pobre cabeça! — gritou ella.

As fontes latejavam-lhe, e uma côr ardente, sêcca, esbrazeava-lhe o rosto.

Mas como era habituada a enxaquecas, Julião tranquillisou-os; recommendou um socego immovel e sinapismos de mostarda aos pés, até que elle voltasse.

Jorge ficou junto do leito; não fallava, cortado de presentimentos e de sustos, suspirando ás vezes.

Eram quatro horas. Cahia uma chuva miudinha, lugubre, ennevoada; a alcova tinha uma luz triste.

— Não ha-de ser nada... — dizia Sebastião.

Luiza agitava-se no leito, apertando as mãos na cabeça, torturada pela dôr crescente, cheia de sêde, com o rosto escarlate.

Marianna acabava d'arrumar em pontas de pés, vagamente assombrada d'aquella casa, onde só vira desgosto e doença: mas só o pousar subtil dos seus passos fazia soffrer Luiza, como se fossem martelladas sobre o craneo.

Julião não tardou; logo da porta do quarto, o aspecto d'ella inquietou-o. Accendeu um phosphoro, aproximou-lh'o do rosto; e aquella luz fez-lhe dar um grito como se um ferro frio lhe trespassasse a cabeça.

Os olhos dilatados, d'um reluzir metallico, moviam-se com um vago terror em redor. Conservava-se muito quieta, porque o gesto mais lento lhe dava na nuca dôres penetrantes que a dilaceravam. E de vez em quando sorria para Jorge com uma expressão d'afflicção serena e muda.

Julião fez logo pôr tres travesseiros, para lhe conservar a cabeça alta. Fóra cahia um crepusculo humido. Andavam em bicos de pés, com cuidado; e mesmo tiraram o relogio da parede para afastar o *tic-tac* monotono; ella começava agora a murmurar sons cançados, e a voltar-se com movimentos

bruscos que lhe arrancavam gritos; ou immovel gemia d'um modo continuo e angustioso. Tinham-lhe envolvido as pernas n'um longo sinapismo; mas não o sentia. Pelas nove horas começou a delirar; tinha a lingua branca, dura, como de gesso sujo.

Julião fez logo applicar na cabeça compressas d'agua fria. Mas o delirio exacerbava-se.

Ora tinha um murmurio espesso, um vago rosnar modorrento — onde os nomes de Leopoldina, de Jorge, de Bazilio voltavam incessantemente: depois debatia-se, esgaçava a camisa com as mãos; e, arqueando-se, os seus olhos rolavam, como largos bugalhos prateados onde a pupilla se sumia.

Socegava mais; tinha risadinhas d'uma doçura idiota, gestos lentos sobre o lençol, que aconchegavam e acariciavam, como n'um gozo tepido: logo começava a respirar anciosamente, vinham-lhe expressões torturadas de terror, queria enterrar-se nos travesseiros e nos colxões, fugindo a aspectos pavorosos: punha-se então a apertar a cabeça phreneticamente, pedia que lh'a abrissem, que a tinha cheia de pedras, que tivessem piedade d'ella! — e fios de lagrimas corriam-lhe pelo rosto. Não sentia os sinapismos; expunham-lhe agora os pés núS ao vapor d'agua a ferver, carregada de mostarda; um cheiro acre adstringia o ar do quarto. Jorge fallava-lhe com toda a sorte de palavras consoladoras e supplicantes: pedia-lhe que socegasse, que o conhecesse; mas de repente ella desesperava-se, e gritava pela carta, maldizia Juliana — ou então dizia palavras d'amor, enumera-

va sommas de dinheiro... Jorge tremia que aquelle delirio revelasse tudo a Julião, ás criadas: tinha um suor á raiz dos cabellos - - e quando ella, um momento, julgando-se no *Paraiso* e nas exaltações do adulterio, chamou Bazilio, pediu *champagne*, teve palavras libertinas, Jorge sahiu da alcova allucinado, foi para a sala ás escuras, atirou-se para o divan a soluçar, arrepellou-se, blasphemou.

— Está em perigo? — perguntou Sebastião.

— Está — disse Julião. — Se sentisse os sinapismos, ao menos! Estas estupidas febres cerebraes...

Calaram-se vendo Jorge entrar, com o rosto manchado, esguedelhado.

E Julião tomando-o pelo braço, levando-o para fóra:

— Ouve lá, é necessario cortar-lhe o cabello, rapar-lhe a cabeça.

Jorge olhou-o com um ar estupido:

— O cabello? — E agarrando-lhe os braços: — Não, Julião, não, hein? Póde-se fazer outra cousa. Tu deves saber. O cabello não! Não! Isso não, pelo amor de Deus! Ella não está em perigo. P'ra quê?

Mas aquella massa de cabello era o diabo, impedia a acção da agua!

— Ámanhã se fôr necessario. Ámanhã! Espera até ámanhã. Obrigado, Julião, obrigado!

Julião consentiu, contrariado. Fazia então humedecer constantemente as compressas da cabeça, e como Marianna tremula, desgeitosa, molhava muito o travesseiro, foi Sebastião que se collocou á cabeceira

da cama, toda a noite, espremendo sem cessar uma esponja, d'onde a agua gotejava lentamente; tinham jarros fóra da varanda, na sala, para dar á agua uma frialdade gelada. O delirio alta noite acalmára um pouco. Mas o seu olhar injectado tinha um aspecto selvagem.

As pupillas pareciam apenas um ponto negro.

Jorge sentado aos pés da cama, com a cabeça entre as mãos, olhava para ella: lembravam-lhe vagamente outras noites de doença assim, quando ella tivera a pneumonia: e melhorára! Até ficára mais linda, com tons de pallidez que lhe adoçavam a expressão! Iriam para o campo quando ella convalescesse: alugaria uma casinha: voltaria á noite no omnibus, e vêl-a-hia de longe na estrada vindo ao seu encontro, com um vestido claro, na tarde suave!... Mas ella gemia, elle erguia os olhos sobresaltado: e não lhe parecia a mesma: afigurava-se-lhe que se ia dissipando, desapparecendo n'aquelle ar de febre que enchia a alcova, no silencio morbido da noite, e no cheiro da mostarda. Um soluço sacudia-o, e recahia na sua immobilidade.

Joanna em cima rezava. As velas com uma chamma avermelhada extinguiam-se.

Emfim uma vaga claridade desenhou nos transparentes brancos os caixilhos da vidraça. Amanhecia. Jorge ergueu-se, foi olhar para a rua. Não chovia; a calçada seccava. O ar tinha uma vaga côr d'aço. Tudo dormia: e uma toalha, esquecida á janella das Azevedos, agitava-se ao vento frio, silenciosamente.

Quando entrou na alcova Luiza fallava com uma voz extincta: sentia muito vagamente os sinapismos, mas a dôr de cabeça não cessava. Começou a agitar-se — e o delirio d'ahi a pouco não tardou a voltar. Julião, então, determinou que se lhe rapasse o cabello.

Sebastião foi acordar um barbeiro na rua da Escóla — que veio em seguida, com um ar lugubre, a gola do casaco toda levantada, tiritando, amarello de frio; e começou logo sobre a mesa a tirar d'um sacco de couro navalhas, tesouras, devagar, com as mãos molles da gordura das pomadas.

Jorge foi refugiar-se na sala: parecia-lhe que grandes pedaços mutilados da sua felicidade cahiam com aquellas lindas tranças, destruidas ás tesouradas; e com a cabeça nas mãos recordava certos penteados que ella usava, noites em que os seus cabellos se tinham desmanchado nas alegrias da paixão, tons com que brilhavam as luzes... Mas voltou ao quarto, attrahido insensivelmente; sentiu o ruido secco e metallico das tesouras; sobre a mesa, n'uma caixa de sabão, estava um velho pincel de barba, entre flocos d'espuma... Chamou Sebastião baixo:

— Dize-lhe que se avie! Estão-me a matar a fogo lento. É de mais. Que ande depressa!

Foi á sala de jantar, errou pela casa: a manhã fria clareava; erguera-se vento, que ia levando, aos pedaços, nuvens d'um tom alvadio.

Quando tornou a entrar no quarto, o barbeiro guardava as navalhas com a mesma lentidão molle;

e tomando o seu chapéo desabado, sahiu em bicos de pés, dizendo n'um tom funerario:

— Estimo as melhoras. Deus ha-de permittir que não seja nada...

O delirio com effeito d'ahi a uma hora acalmou: — e ella cahiu n'uma somnolencia prostrada com gemidos fracos, que sahiam de seus labios como a lamentação interior da vida vencida.

Jorge tinha então dito a Sebastião que desejava chamar o dr. Caminha. Era um medico velho que tratára sua mãi, e que curára Luiza da pneumonia, no segundo anno de casada. Jorge conservára uma admiração agradecida por aquella reputação antiquada; e agora a sua esperança voltava-se sofregamente para elle, anciando pela sua presença como pela apparição d'um santo.

Julião condescendeu logo. Até estimava! E Sebastião desceu correndo, para ir a casa do dr. Caminha.

Luiza, que sahira então um pouco do seu torpôr, sentira-os fallar baixo. A sua voz extincta chamou Jorge:

— Cortaram-me o cabello — murmurou tristemente.

— É para te fazer bem — disse-lhe Jorge, quasi tão agonisante como ella. — Cresce logo. Até te vem melhor...

Ella não respondeu; duas lagrimas silenciosas correram-lhe pelos cantos dos olhos.

Devia ser a sua ultima sensação: e como a pros-

tração comatosa a ia immobilisando, apenas a sua cabeça rolava devagarinho com um gesto dôce e vagaroso sobre o travesseiro, gemendo sempre com um cansaço triste; a pelle empallidecia como um vidro de janella, por traz do qual lentamente uma luz se apaga; e mesmo os ruidos da rua que começavam não a impressionavam, como se fossem muito distantes e abafados em algodão.

Ao meio dia D. Felicidade appareceu. Ficou petrificada quando a viu tão mal: e ella que a vinha buscar para irem á Encarnação, talvez ás lojas! Tirou logo o chapéo, installou-se; fez arranjar a alcova, tirar as bacias, os velhos sinapismos que arrastavam, os panos molhados, compôr a cama — «porque não havia peor p'ra um doente que desarranjo no quarto» e — animava Jorge...

Uma carruagem parou á porta. Jorge correu á janella. Era o dr. Caminha, emfim!... Entrou muito atabafado no seu cachenez de quadrados verdes e pretos, onde pousavam as suiças brancas, com o olhinho vivo, o nariz vermelho de frio — e tirando devagar as suas grossas luvas de casimira, que pôz dentro do chapéo methodicamente, adiantou-se para a alcova com um passo cadenciado, acamando com a mão as suas repas grisalhas já muito colladas ao craneo pela escova.

Julião e elle ficaram sós na alcova.

No quarto os outros esperavam calados, ao pé de Jorge, pallido como cêra, com os olhos vermelhos como carvões.

*

— É necessario um caustico já, na nuca — veio dizer Julião.

Jorge devorava com o seu olhar ancioso o dr. Caminha, que se pozera a calçar tranquillamente as suas luvas de casimira, dizendo:

— Vamos a vêr com o caustico. Não está bem... Mas ha ainda peor. E eu volto, meu amigo, eu volto.

O caustico foi inutil. Não o sentia, immovel e branca, com as feições arrepanhadas para a testa; e tremuras subitas, titilantes, passaram-lhe de repente nos nervos da face como vibrações fugitivas.

— Está perdida — disse Julião baixo a Sebastião.

D. Felicidade, muito amarella, aterrada, fallou logo nos sacramentos.

— P'ra quê? — resmungou Julião impaciente.

Mas D. Felicidade declarou que tinha escrupulos, «que era um peccado mortal»; e chamando Jorge para o vão da janella, toda tremula:

— Jorge, não se assuste, mas seria bom pensar nos sacramentos...

Elle murmurava como assombrado:

— Os sacramentos!

Julião chegou-se bruscamente e quasi colerico:

— Nada de tolices! Qual sacramentos! P'ra quê? Ella nem ouve, nem comprehende, nem sente. É necessario deitar-lhe outro caustico, talvez ventosas, e é o que é! Isso é que são os sacramentos!

Mas D. Felicidade escandalisada, muito abalada, começou a chorar. «Esqueciam Deus, e em Deus é que está o remedio»! — dizia, assoando-se com estrondo.

— Pelo que Deus faz por mim... — disse Jorge com uma revolta, sahindo do seu torpôr. E n'um impeto de dôr, como sob a afflicção d'uma injustiça: — Porque realmente, que fiz eu p'ra isto? Que fiz eu?

Julião ordenára outro caustico. Havia agora na casa um movimento allucinado. Joanna entrava de repente com um caldo inutil que ninguem pedira, os olhos vermelhos de chorar. Marianna soluçava pelos cantos. D. Felicidade, ia, vinha pelo quarto, refugiando-se na sala para rezar, fazendo promessas, lembrando que se chamasse o dr. Barbosa, o dr. Barral.

E Luiza no entanto estava immovel; uma côr macilenta ia-lhe dando ás faces tons cavados e rigidos.

Julião extenuado pediu um calix de vinho, uma fatia de pão. Lembraram-se então que desde a vespera não tinham comido, e foram á sala de jantar onde Joanna, sempre lavada em lagrimas, serviu uma sopa, ovos. Mas não achava as colheres, nem os guardanapos; quebrou uma chavena, murmurava rezas, pedia desculpa; em quanto Jorge com os olhos inchados, fitos na borda da mesa, a face contrahida, fazia dobras na toalha.

Depois d'um momento pousou devagarinho a co-

lhér, desceu ao quarto. Marianna estava sentada aos pés do leito: Jorge disse-lhe que fosse servir os senhores: e apenas ella sahiu, deixou-se cahir de joelhos, tomou uma das mãos de Luiza, chamou-a baixo; depois mais forte:

— Escuta-me. Ouve, pelo amor de Deus. Não estejas assim, faze por melhorar. Não me deixes n'este mundo, não tenho mais ninguem. Perdôa-me. Dize que sim. Faze signal que sim ao menos. Não me ouve, meu Deus!

E olhava-a anciosamente. Ella não se movia.

Ergueu então os braços ao ar n'uma desesperação allucinada. Chamou Deus.

— Sabes que creio em ti, meu Deus. Salva-a! Salva-a! — E arremessava a sua alma para as alturas: — Ouve, meu Deus. Escuta-me! Sê bom!

E olhava em roda, esperando um movimento, uma voz, um acaso, um milagre! Mas tudo lhe pareceu mais immovel. A face livida cavava-se; o lenço que lhe envolvia a cabeça desarranjára-se, via-se o craneo, medonhamente rapado, d'uma côr ligeiramente amarellada. Pôz-lhe então a mão na testa, hesitando, com medo; pareceu-lhe que estava fria! Abafou um grito, correu para fóra do quarto, e deu com o dr. Caminha que entrava, tirando pausadamente as luvas.

— Doutor! Está morta? Veja. Não falla, está fria.

— Então! então! — disse elle — Nada de barulho, nada de barulho!

Tomou o pulso de Luiza, sentiu-o fugir sob os dedos, como a vibração expirante d'uma corda.

Julião veio logo. E concordou com o dr. Caminha que as ventosas eram inuteis.

— Já as não sente — disse o doutor, sacudindo o tabaco dos dedos.

— Se se lhe désse um copo de cognac?... — lembrou de repente Julião. E vendo o olhar espantado do doutor: — Ás vezes estes symptomas de coma não querem dizer que o cerebro esteja desorganisado: podem ser apenas a inacção da força nervosa exhausta. Se a morte é irremediavel não se perde nada; se é apenas uma depressão do systema nervoso, póde-se salvar...

O dr. Caminha com o beiço superior descahido oscillava incredulamente a cabeça:

— Theorias! — murmurou.

— Nos hospitaes inglezes... — começou Julião.

O dr. Caminha encolheu os hombros com desprezo.

— Mas se o doutor lêsse...

— Não leio nada! — disse o dr. Caminha com força — tenho lido de mais! Os livros são os doentes... — E curvando-se, com ironia: — Mas se o meu talentoso collega quer fazer a experiencia...

— Um copo de cognac ou d'aguardente! — pediu Julião á porta.

E o dr. Caminha sentou-se commodamente «para gozar o fracasso do talentoso collega».

Levantaram Luiza; Julião fez-lhe engulir o co-

gnac; quando a deitaram ficou na mesma immobilidade comatosa: o dr. Caminha tirou o relogio, viu as horas, esperou: havia um silencio ancioso: emfim o doutor ergueu-se, tomou-lhe o pulso, apalpou a frialdade crescente das extremidades; e indo buscar silenciosamente o chapéo começou a calçar as luvas.

Jorge foi com elle até á porta:

— Então, doutor? — disse, agarrando-lhe com uma força desvairada o braço.

— Fez-se o que se pôde — disse o velho, encolhendo os hombros.

Jorge ficou estupido no patamar, vendo-o descer. As suas passadas vagarosas nos degraus cahiam-lhe com uma percussão medonha no coração. Debruçou-se, chamou-o baixo. O doutor parou, levantou os olhos; Jorge pôz as mãos para elle, com anciedade humilde:

— Então não é possivel mais nada?

O doutor fez um gesto vago, indicou o céo.

Jorge voltou para o quarto, encostando-se ás paredes. Entrou na alcova, atirou-se de joelhos aos pés da cama, e alli ficou com a cabeça entre as mãos n'um soluçar baixo e continuo.

Os suores frios começaram: os seus braços tão bonitos, que ella costumava acariciar diante do espelho, estavam já paralysados; os seus olhos, a que a paixão dera chammas e a voluptuosidade lagrimas, embaciavam-se como sob a camada ligeira d'uma pulverisação muito fina.

D. Felicidade e Marianna tinham ambas accendido uma lamparina a uma gravura de Nossa Senhora das Dôres que havia no quarto, e de joelhos rezavam.

Um crepusculo triste descia, que parecia trazer um silencio funerario. Mas a campainha tocou discretamente, e d'ahi a momentos appareceu a figura do conselheiro Accacio. D. Felicidade ergueu-se logo; e vendo as suas lagrimas, o conselheiro disse lugubremente:

— Venho cumprir o meu dever, ajudar-lhes a passar este transe.

E explicou «que encontrára por acaso o bom dr. Caminha, que lhe contára a fatal occorrencia»! Mas muito discretamente não quiz entrar na alcova. Sentou-se n'uma cadeira, e collocou melancolicamente como convinha o cotovêlo sobre os joelhos, a testa sobre a mão, dizendo baixo a D. Felicidade:

— Continue as suas orações. Deus é imperscrutavel em seus decretos.

Julião no entanto estivera tomando o pulso de Luiza; olhou Sebastião que estava ao pé, fez-lhe o gesto d'alguma cousa que vôa e desapparece... Aproximaram-se de Jorge, que não se movia de joelhos, a face enterrada no leito:

— Jorge — disse baixinho Sebastião.

Elle levantou o rosto desfigurado, envelhecido, com os cabellos nos olhos, as olheiras escuras.

— Vá, vem — disse Julião. E vendo o espanto

do seu olhar: — Não, não está morta, está n'aquella somnolencia... Mas vem.

Elle ergueu-se, dizendo com mansidão:

— Pois sim, eu vou. Estou bem... Obrigado.

Veio para fóra.

O conselheiro levantou-se, foi abraçal-o com solemnidade:

— Aqui estou, meu Jorge!

— Obrigado, conselheiro, obrigado.

Deu alguns passos pelo quarto; os seus olhos pareciam preoccupar-se com um embrulho fôfo que estava sobre a mesa; foi apalpal-o. Desapertou as pontas, e viu os cabellos de Luiza. Esteve a mexel-os, erguendo-os, passando-os d'uma das mãos para outra, e disse com os beiços a tremer:

— Fazia tanto gosto n'elles, coitadinha!

Tornou a entrar na alcova. Mas Julião tomou-lhe o braço, queria-o afastar do leito. Elle debatia-se dôcemente; e como uma véla ardia sobre a mesinha ao pé da cabeceira, disse, mostrando-a:

— Talvez a incommode a luz...

Julião respondeu commovido:

— Já não a vê, Jorge!

Elle soltou-se da mão de Julião, foi debruçar-se sobre ella; tomou-lhe a cabeça entre as mãos com cuidado para a não magoar, esteve a olhal-a um momento; depois pousou-lhe sobre os labios frios um beijo, outro, outro, e murmurava:

— Adeus! Adeus!

Endireitou-se, abriu os braços, cahiu no chão.

Todos correram. Levaram-no para a *chaise-longue*.

E em quanto D. Felicidade n'um pranto afflicto fechava os olhos de Luiza, o conselheiro, com o chapéo sempre na mão, cruzava os braços, e oscillando a sua calva respeitavel, dizia a Sebastião:

— Que profundo desgosto de familia!

XVIII

Depois do enterro de Luiza, Jorge despediu as criadas, foi para casa de Sebastião. N'essa noite pelas nove horas o conselheiro Accacio, muito abafado, descia o Moinho de Vento, quando encontrou Julião que vinha de vêr um doente na rua da Rosa. Foram andando juntos, conversando de Luiza, do enterro, da afflicção de Jorge.

— O pobre rapaz faz pena. Aquillo é que é soffrer! — disse Julião compadecido.

O conselheiro contou então que vinha de casa de Sebastião, mas não podéra vêr Jorge; tinha-se estirado sobre a cama, e dormia profundamente. E acrescentou:

— Ultimamente lia eu que aos grandes golpes succedem sempre somnos prolongados. Assim, por exemplo, Napoleão depois de Waterloo, depois do grande desastre de Waterloo!

E passado um momento, continuou:

— É verdade. Fui vêr o nosso Sebastião. Fui mostrar-lhe... — E interrompendo-se, parando: — Porque eu entendi que era o meu dever dedicar um tributo á memoria da infeliz senhora. Era o meu dever, e não me eximi a elle! E estimo tel-o encontrado, porque quero saber a sua opinião conscienciosa e desassombrada.

Julião tossiu, e perguntou:

— É um necrologio?

— É um necrologio.

E o conselheiro apesar de «não achar proprio, na sua posição, o entrar em cafés publicos», lembrou a Julião «que poderiam descançar um momento no Tavares, se não estivesse muita gente, e elle poderia ouvir a producção».

Espreitaram.

Havia apenas a uma mesa dous velhos calados defronte dos seus cafés, com os chapéos na cabeça, apoiados a bengalas de cana da India. O moço dormitava ao fundo. Uma luz crua e intensa enchia a sala estreita.

— Ha um silencio propicio — disse o conselheiro. Offereceu um café a Julião; e tirando então do bolso uma folha de papel pautado, murmurou: — Infeliz senhora! — Inclinou-se para Julião, e leu:

NECROLOGIO

Á MEMORIA DA SNR.ª D. LUIZA MENDONÇA DE BRITO CARVALHO

Rosa d'amor, rosa purpurea e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou na campa?

— É do immortal Garrett! — E continuou com uma voz lenta e lugubre:

«...Mais um anjo que subiu ao céo! Mais uma flôr pendida na tenra haste que o vendaval da morte, em sua inclemente furia, arremessou mal desabrochada para as trevas do tumulo...»

Olhou Julião para solicitar a sua admiração, e vendo-o curvado a remexer o seu café, proseguiu com entonações mais funerarias:

— «Detende-vos, e olhai a terra fria! Alli jaz a casta esposa tão cedo arrancada ás caricias do seu talentoso conjuge. Alli sossobrou, como baixel no escarcéo da costa, a virtuosa senhora, que em sua folgazã natureza era o encanto de quantos tinham a honra de se aproximar do seu lar! Por que soluçaes?»

— Um café, ó Antonio! — bradou a voz rouca de um sujeito grosso, de jaquetão, que se sentou ao pé, pondo com ruido a bengala sobre a mesa e deitando o chapéo para traz.

O conselheiro olhou-o de lado, com rancor. E baixando a voz:

— «... Não soluceis! Que o anjo se não pertence á terra pertence ao céo!...»

— O sô Guedes esteve já por ahi? — perguntou a voz rouca.

O criado detraz do balcão limpando a uma rodilha uma travessa de metal, disse com um risinho:

— Ainda não, snr. D. José!

— «... Alli — continuou o conselheiro — entre a celeste chorêa, seu espirito librando-se nas candidas azas, entôa louvores ao Eterno, e não cessa de pedir ao Omnipotente mercês e favores para derramar sobre a cabeça do dilecto esposo, que um dia, não o duvideis, a encontrará nas regiões celestes, patria das almas de tão subido quilate...» — E a voz do conselheiro aflautava-se para indicar aquella ascensão paradisiaca.

— E hontem á noite esteve cá, o sô Guedes? — insistiu o sujeito de jaquetão com os cotovêlos sobre a mesa, fumando como uma chaminé.

— Esteve tarde. Lá pelas duas horas.

O conselheiro sacudiu o papel com um desespero mudo: por traz dos vidros da luneta escura fusilavam-lhe nos olhos os despeitos homicidas de author interrompido. Mas continuou:

— «... E vós, ó almas sensiveis, vertei as lagrimas, mas vertendo-as, não percaes de vista que o homem deve curvar-se aos decretos da Providencia...»

E interrompendo-se:

— Isto é para dar coragem ao nosso pobre Jor-

ge! «... da Providencia. Deus conta mais um anjo, e a sua alma brilha pura...»

— Esteve com a pequena, o sô Guedes? — fez o sujeito, quebrando no marmore da mesa a cinza do charuto.

O conselheiro suspendeu-se pallido de raiva:

— Deve ser pessoa da mais baixa extracção — rosnou com odio.

Mas o criado com a sua vozinha fina continuava, detraz do balcão:

— Nada, não; tem vindo agora com uma hespanhola d'ahi de cima da rua. Uma magrinha, com o cabello riçado, uma capa vermelha...

— A Lola! — acudiu o outro com satisfação — E espreguiçou-se com voluptuosidade á recordação da Lola.

O conselheiro agora apressava-se:

—«... E de resto, o que é a vida? Uma rapida passagem sobre o orbe, e um vão sonho de que acordamos no seio do Deus dos Exercitos, de que todos somos indignos vassallos.»

E com esta phrase monarchica o conselheiro terminou.

— Que lhe parece, com franqueza?

Julião sorveu o fundo da chavena, e collocando-a devagar no pires, lambendo os beiços:

— É para imprimir?

— Na *Voz Popular*, com tarjeta preta.

Julião coçou convulsivamente a caspa, e erguendo-se:

— Está muito bom. Muito bom, conselheiro.

E Accacio procurando o troco para o moço:

— Creio que está digno d'ella, e de mim!

E sahiram calados.

Mas ao Loreto, Julião parando subitamente:

— Ai esquecia-me! Sabe a novidade, conselheiro? A D. Felicidade recolhe-se á Encarnação.

— Ah!

— Disse-m'o agora. Eu fui justamente vêl-a antes de ir vêr a velha á rua da Rosa. Estava com uma febresita. Cousa de nada... A commoção, o susto! E deu-me parte: recolhe-se ámanhã á Encarnação.

O conselheiro parou:

— Sempre conheci n'aquella senhora idéas retrogradas. É o resultado das manobras jesuiticas, meu amigo. — E ajuntou com a melancolia do liberal descontente: — A reacção levanta a cabeça!

Julião passou familiarmente o braço no do conselheiro, e sorrindo:

— Qual reacção! É por sua causa, ingrato...

O conselheiro estacou:

— Que quer o meu nobre amigo insinuar?

— Sim, homem! Não sei como diabo descobriu uma cousa grave...

— O que? Acredite...

— O que eu tambem descobri, seu maganão! Que o conselheiro tem duas travesseirinhas na cama, tendo só uma cabeça... Disse-m'o ella! — E rindo muito, dizendo-lhe *adeus! adeus!* desceu rapidamente a rua do Alecrim; deixou-o petrificado.

Mas como tinha de passar a limpo o *Necrologio* apressou-se em entrar em casa; abancou com uma manta sobre os joelhos, e bem depressa as responsabilidades de prosador distrahiram-no das preoccupações d'homem: até ás 11 horas a sua bella letra cursiva e burocratica desenrolou-se nobremente sobre uma larga folha de papel inglez, no silencio do seu *Sanctus Sanctorum*. Mas quando deram as 11 a porta rangeu, e a Adelaide com um chale forte pelos hombros veio dizer, n'uma voz um pouco constipada:

— Então hoje não se faz néné?

— Não tardo, minha Adelaide, não tardo!

Ella veio encostar-se á cadeira d'elle em silencio. O conselheiro relia baixo, enlevado. Mas pareceu-lhe então que o final não era commovente: queria terminar por uma exclamação dolorosa, prolongada como um *ai!* E procurava, com os cotovêlos sobre a mesa, a cabeça entre os dedos muito abertos: Adelaide passou-lhe a mão, devagar, pela calva: aquelle dôce roçar amoroso fez saltar a idéa como uma faisca: tomou rapidamente a penna, e acrescentou:

— «Chorai! Chorai! Em quanto a mim, a dôr suffoca-me!»

Esfregou as mãos com orgulho. Repetiu alto com um tom plangente:

— «Chorai, chorai, em quanto a mim, a dôr suffoca-me! — E dando uma palmadinha concupiscente no seio abundante da Adelaide, disse:

*

— Está para sensação!

Ergueu-se. Tinha terminado o seu dia. Fôra bem preenchido e digno: de manhã certificára-se com regosijo no *Diario do Governo,* que a familia real «passava sem novidade»; cumprira o dever d'amigo, acompanhando Luiza aos Prazeres n'uma carruagem da Companhia; a alta das inscripções assegurava-lhe a paz da patria; compozera uma prosa notavel; a sua Adelaide amava-o; e como se deliciasse talvez na certeza d'estas felicidades, que contrastavam tanto com as imagens sepulchraes que a sua penna revolvera, Adelaide ouviu-o murmurar:

— A vida é um bem inestimavel! — E acrescentar como bom cidadão: — Sobretudo n'esta era de grande prosperidade publica!

E entrou no quarto com a cabeça erecta, o peito cheio, os passos firmes, erguendo alto o castiçal.

A sua Adelaide seguia-o, bocejando: estava cançada — de uma hora de ternuras, que tivera á tardinha, com o louro e meigo Arnaldo, caixeiro da *Loja da America.*

Áquella hora dous homens desciam d'uma carruagem á porta do Hotel Central: um tinha uma *ulster* de xadrez, o outro trazia uma longa pelliça. Um omnibus quasi ao mesmo tempo parou, carregado de bagagens.

Um criado allemão, que conversava em baixo

com o porteiro, reconheceu-os logo, e tirando o côco:

— Oh snr. D. Bazilio! Oh snr. visconde!

E o visconde Reynaldo, que batia os pés nas lages, rosnou de dentro da sua pelliça:

— É verdade, aqui estamos outra vez na possilga! Mas áquella hora?

— A que horas queria vossê que chegassemos? Ás horas da tabella, talvez! — Doze horas d'atrazo, essa bagatella! Em Portugal é quasi nada...

— Houve algum transtorno? — perguntava o criado com solicitude, seguindo-os pela escada.

E Reynaldo, pisando com um pé nervoso o esparto do corredor:

— O transtorno nacional! Descarrilou tudo! Estamos aqui por milagre! Abjecto paiz! — E desabafava a sua cólera com o criado: tel-a-hia desabafado com um frade de pedra na rua, tanto era o excesso da bilis: — Ha um anno que a minha oração é esta: Meu Deus, manda-lhes outra vez o terremoto. Pois todos os dias leio os telegrammas a vêr se o terremoto chegou... e nada! Algum ministro que cahe, ou algum barão que surge. E de terremoto nada! O Omnipotente faz ouvidos de mercador ás minhas preces... Protege o paiz! Tão bom é um como outro! — E sorria, vagamente reconhecido a uma nação, cujos defeitos lhe forneciam tantas pilherias!

Mas quando o criado, muito consternado, lhe declarou — que não havia senão um salão e uma alcova com duas camas, no terceiro andar — a cólera de Reynaldo não conheceu restricções:

— Então havemos de dormir no mesmo quarto? Vossê pensa que o snr. D. Bazilio é meu amante, seu devasso? Está tudo cheio? Mas quem diabo se lembra de vir a Portugal? Estrangeiros? É justamente o que me espanta. — E encolhendo os hombros: — É o clima, é o clima que os attrahe! O clima, este prodigioso engodo nacional! Um clima pestifero. Não ha nada mais reles do que um bom clima!...

E não cessou d'invectivar o seu paiz, em quanto o criado á pressa, sorrindo servilmente ás injurias, punha sobre a jardineira pratos, fiambre, um frango frio e Bourgogne.

Vinha vender a ultima propriedade, e acompanhára Bazilio que voltava a terminar o negocio da borracha. E exclamava soturnamente de dentro da pelliça:

— E aqui estamos! Aqui estamos no chiqueiro!

Bazilio não respondia. Desde que chegára a Santa Apollonia, recordações do verão passado, do *Paraiso*, da casa de Luiza, começavam a voltar, a attrahil-o. Fôra encostar-se á vidraça. Uma lua fria, livida, corria entre grossas nuvens côr de chumbo: ás vezes uma grande malha luminosa cahia sobre a agua, faiscava: depois tudo escurecia: vagas mastreações desenhavam-se na obscuridade diffusa: e algum fanal de navio tremeluzia friamente.

— Que fará ella a esta hora? — pensava. Despia-se, deitava-se... Mal sabia que elle estava alli, n'um quarto do Hotel Central...

Cearam.

Bazilio deitou-se. Tinha levado a garrafinha de cognac para a cabeceira: e com a cara coberta de pó d'arroz, os folhos da sua camisa de dormir abertos sobre o peito, muito estendido, soprando o fumo do charuto, sentia uma lassidão confortavel.

— E ámanhã estou-te d'aqui a vêr — disse Reynaldo. — Vaes-te logo metter com a prima!

Bazilio sorriu, o seu olhar errou um pouco pelo tecto; certas recordações da belleza d'ella, do seu corpinho branco, do seu temperamento amoroso, trouxeram-lhe uma vaga voluptuosidade: espreguiçou-se. — Que diabo! — disse — é uma linda rapariga! — Bebeu mais um calice de cognac, e d'ahi a pouco dormia profundamente. Era meia noite.

Áquella hora Jorge acordava, e sentado n'uma cadeira, immovel, com soluços cançados que ainda o sacudiam, pensava n'ella. Sebastião, no quarto, chorava baixo. Julião, no Posto Medico, estendido n'um sophá, lia a *Revista dos Dous Mundos*. Leopoldina dançava n'uma *soirée* da Cunha. Os outros dormiam. E o vento frio que varria as nuvens e agitava o gaz dos candieiros ia fazer ramalhar tristemente a arvore sobre a sepultura de Luiza.

D'ahi a dous dias pela manhã Bazilio, no Rocio, procurava, com o olhar em redor, um *coupé* decente. Mas o Pintéos, avistando-o de longe, lançou logo a parelha. Cá está o Pintéos, meu amo! Parecia encan-

tado de tornar a vêr o snr. D. Bazilinho, e apenas elle lhe disse:

— Lá acima, á Patriarchal, ó Pintéos!

— A casa da senhora? Prompto, meu amo. — E endireitando-se na almofada, bateu.

Quando a tipoia parou á porta de Jorge — o Paula sahiu para a rua, a estanqueira correu de dentro do balcão, a criada do doutor debruçou-se logo na janella. E immoveis arregalavam os olhos.

Bazilio tocára a campainha, um pouco nervoso: esperou, arremessou o charuto, tornou a puxar o cordão com força.

— As janellas estão trancadas, meu amo — disse o Pintéos.

Bazilio recuou ao meio da rua: as portadas verdes estavam fechadas: a casa tinha um aspecto mudo.

Bazilio dirigiu-se ao Paula:

— Os senhores que alli moram, estão p'ra fóra?

— Já não moram — disse o Paula soturnamente, passando a mão sobre o bigode.

Bazilio fixou-o, surprehendido d'aquella entonação funebre.

— Onde vivem agora então?

O Paula escarrou, e cravando em Bazilio um olhar desolado:

— V. S.ª é o parente?

Bazilio disse sorrindo:

— Sou o parente, sou.

— Então não sabe?

— O quê, homem de Deus?

O Paula esfregou o queixo, estendeu os beiços, e bamboleando a cabeça:

— Pois sinto dizer-lh'o. A senhora morreu.

— Que senhora? — perguntou Bazilio. E fez-se muito branco.

— A senhora! A senhora D. Luiza, a mulher do snr. Carvalho, o Engenheiro... E o snr. Jorge está em casa do snr. Sebastião. Alli ao fim da rua. Se v. s.ª lá quer ir...

— Não! — fez Bazilio com um gesto rapido da mão. Os beiços tremiam-lhe um pouco. — Mas que foi?

— Uma febre! Rapou-a em dous dias!

Bazilio dirigiu-se ao *coupé* devagar, com a cabeça baixa. Olhou mais uma vez para a casa, e fechou com força a portinhola. O Pintéos *bateu* p'ra a Baixa.

O Paula então aproximou-se do estanco:

— Não lhe fez muita móssa! Fidalgos! Canalha! — murmurou.

A estanqueira disse lamentosamente:

— Pois eu não sou parenta, e todas as noites lhe rezo dous padre-nossos por alma...

— E eu! — acudiu a carvoeira, batendo com satisfação no seio enorme.

— Ha-de-lhe isso servir de muito — rosnou o Paula, afastando-se.

Porque estava ultimamente mais amargo. Vendia pouco. Aquellas mortes na rua traziam-no desconfiado da vida. Cada dia detestava mais os padres; e todas as noites lia a *Nação* que lhe emprestava o Azevedo,

repastando-se com rancor d'artigos devotos; o odio aos lazaristas impellia-o para o atheismo; o descontentamento das cousas publicas inclinava-o para a communa. Como elle dizia, achava tudo uma *porcaria*.

E foi sob este sentimento que, voltando á porta do estanco, disse ás visinhas com um ar lugubre:

— Sabem o que isto é? Sabem o que tudo isto é? — Fazia um gesto que abrangia o universo. E depois de as fitar em silencio d'um modo irado, rosnou esta palavra suprema:

— Um monte d'estrume!

Ao descer a rua do Alecrim, Bazilio viu o visconde Reynaldo á porta do hotel *Street*. Mandou parar o Pintéos, e saltando do *coupé*:

— Sabes?

— O quê?

— Minha prima morreu.

O visconde Reynaldo murmurou polidamente:

— Coitada!...

E foram descendo a rua, de braço dado, até ao Aterro. O dia estava glorioso; um friosinho subtil errava; no ar luminoso, leve, trespassado de sol, as casas, os galhos das arvores, os mastros das faluas, as mastreações dos navios tinham uma nitidez muito desenhada; os sons sobresahiam com uma tonalidade cantada e alegre; carretas passavam sacudindo ferra-

gens, os Americanos rolavam surdamente; o rio reluzia como um metal azul; o vapor de Cacilhas ia soltando rolos de fumo que tomavam a côr do leite; e ao fundo as collinas faziam na pulverisação da luz uma sombra azulada, onde as casarias caiadas rebrilhavam.

E os dous passeando devagar, iam fallando de Luiza.

O visconde Reynaldo, delicado, lamentava a pobre senhora, coitada, que se tinha deixado morrer por um tempo tão lindo! — Mas em resumo, sempre achára aquella ligação absurda...

Porque emfim fossem francos: que tinha ella? Não queria dizer mal da pobre senhora que estava «n'aquelle horror dos Prazeres», mas a verdade é que não era uma amante *chic;* andava em tipoias de praça; usava meias de tear; casára com um reles individuo de secretaria; vivia n'uma casinhola, não possuia relações decentes; jogava naturalmente o quino, e andava por casa de sapatos d'ourello; não tinha espirito, não tinha *toilette*... que diabo! Era um trambolho!

— Para um ou dous mezes que eu estivesse em Lisboa... — resmungou Bazilio com a cabeça baixa.

— Sim, para isso talvez. Como hygiene! — disse Reynaldo com desdem.

E continuaram calados, devagar. Riram-se d'um sujeito que passava governando atarantadamente dous cavallos pretos: — Que phaeton! Que arreios! Que estylo! Só em Lisboa!...

* *

Ao fundo do Aterro voltaram; e o visconde Reynaldo passando os dedos pelas suiças:

— De modo que estás sem mulher...

Bazilio teve um sorriso resignado. E, depois d'um silencio, dando um forte raspão no chão com a bengala:

— Que ferro! Podia ter trazido a Alphonsine!

E foram tomar Xerez á *Taverna Ingleza*.

Setembro 1876 — Setembro 1877.

FIM



ERNESTO CHARDRON, EDITOR

EÇA DE QUEIROZ

SCENAS PORTUGUEZAS

As SCENAS PORTUGUEZAS são uma serie de 12 estudos sobre a vida contemporanea em Portugal. Cada romance tem uma acção propria e um desenvolvimento proprio; mas os 12 volumes formam, no seu todo, uma analyse geral da moderna sociedade portugueza. Os volumes são publicados mensalmente e constam de 200 paginas cada um.

Estão em preparação:

I — A CAPITAL!
II — O MILAGRE DO VALLE DE REIZ.
III — O CONSPIRADOR MATHIAS.

O CRIME DO PADRE AMARO

Um volume.... 1$000 reis

...a Silva Teixeira, Calçada Velha, 62